



F.T. FARAH

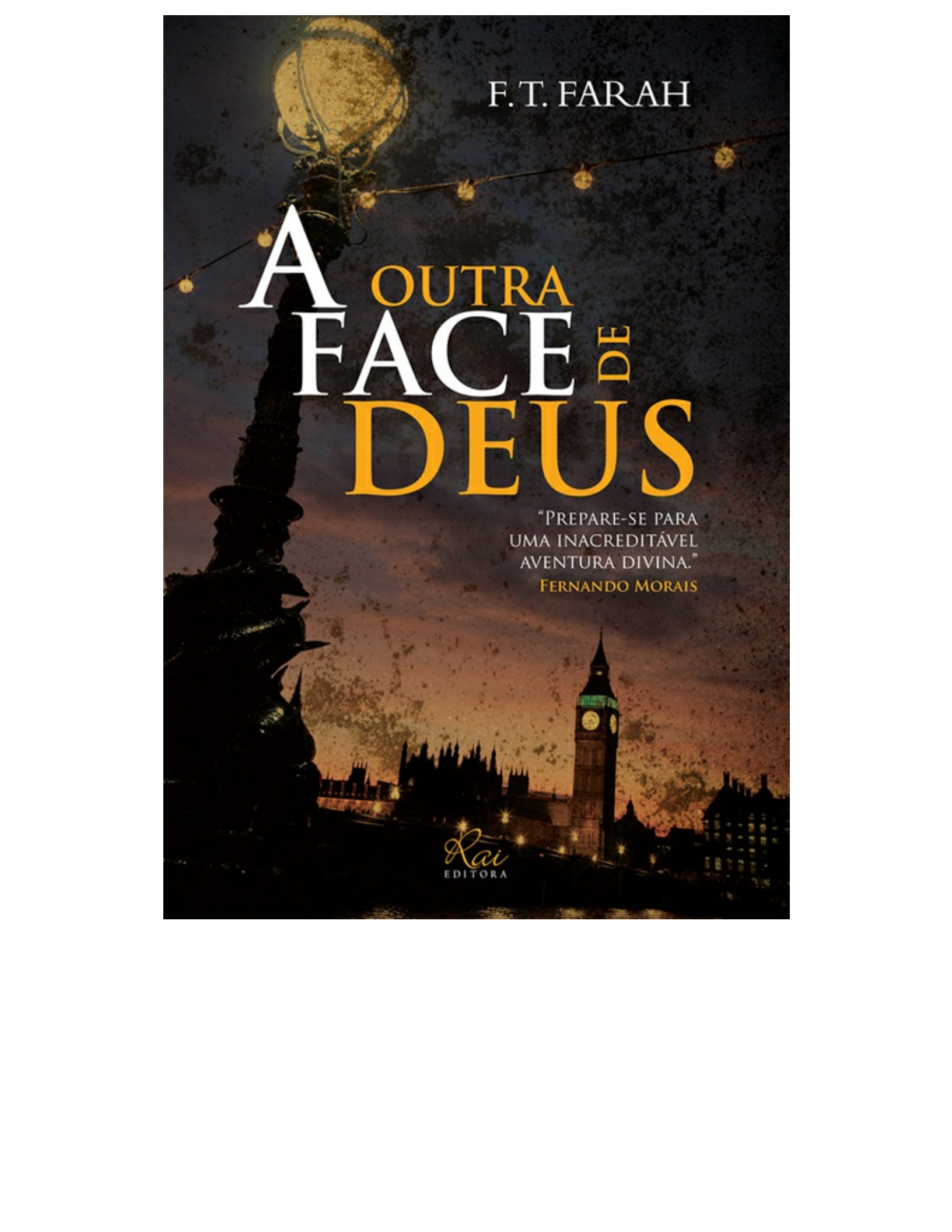
A OUTRA FACE DE DEUS

"PREPARE-SE PARA
UMA INACREDITÁVEL
AVENTURA DIVINA."

FERNANDO MORAIS

Rai
EDITORA





F. T. FARAH

A OUTRA FACE DE DEUS

"PREPARE-SE PARA
UMA INACREDITÁVEL
AVENTURA DIVINA."

FERNANDO MORAIS

Kai
EDITORA

E.T. FARAH

A OUTRA FACE DE DEUS

"PREPARE-SE PARA
UMA INACREDITÁVEL
AVENTURA DIVINA."

FERNANDO MORAIS

Rai
EDITORA

Título original: A outra face de Deus
Copyright © 2012 por F. T. Farah© 2012 por Rai Editora

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de armazenamento ou transmitida em qualquer formato ou por quaisquer meios: eletrônico, mecânico, fotocópias, gravação ou qualquer outro, sem o consentimento prévio.

Coordenação editorial

Estúdio Logos

Editora assistente

Mayara Facchini

Preparação de texto

Gabriela Ghetti

Revisão

Ricardo Mauricio Franzin

Capa e projeto gráfico

Thiago Sousa | all4type.com.br

Diagramação

all4type.com.br

Produção de ePUB

S2 Books

Imagem de capa: Mark R. Thomas/Getty Images

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F226o Farah, Fabio, 1976-

A outra face de Deus / Fabio Farah. - São Paulo : Rai, 2012.

ISBN 978-85-8146-032-1

1. Ficção brasileira. I. Título.

-3956.

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

Direito de edição:

Rai editora

Avenida Iraí, 143 - conj. 61 - Moema - 04082-000 - São Paulo - SP

Tel: (11) 2384-5434 - www.raieditora.com.br

contato@raieditora.com.br

A Santo Domingo de La Calzada. Ele revelou
minha missão, pavimentou o Caminho e, desde o
início, acompanha os meus passos.

O vosso adversário, o diabo, anda em derredor como um leão que ruge, procurando a quem devorar. (1ª Carta de São Pedro, 5,8)

Todas as citações bíblicas
neste livro foram extraídas da Bíblia Sagrada. Tradução da CNBB, 9ª ed., 2009.

À amada companheira nos caminhos da vida, santa duas vezes no nome. Ela me encorajou a seguir o santo peregrino, cedeu seu cajado e, mais uma vez, enriqueceu meu manuscrito com suas observações.

Aos queridos pais e irmã pelo apoio, incentivo e orações que moveram montanhas e aplainaram o caminho. É a melhor família que alguém poderia desejar.

À escritora homônima de uma santa russa. Seus conselhos me fizeram iniciar a carreira literária seguindo outra trilha.

Ao amigo devoto de Santa Teresa de Lisieux pelas observações e sugestões.

Ao jornalista e escritor que compartilha o nome do rei santo de Castela. Apesar de não acreditar em Deus, ele embarcou em uma “aventura divina” e me presenteou com seu comentário.

Aos primeiros leitores que fizeram observações importantes e, com o nome, homenageiam os seguintes santos: o fundador da ordem cisterciense, o criador do arianismo, que sofreu o martírio para se retratar, e o missionário responsável pela conversão do rei da Suécia.

Ao especialista nos prazeres da mesa, homônimo do fundador das Filhas da Sabedoria. Suas inúmeras sugestões deixaram as páginas deste livro mais saborosas.

Ao amigo com nome de padre italiano, pelo incentivo e pela consultoria na parte médica.

Ao amigo alquimista com nome do primeiro mártir cristão, por me apresentar as profecias do papa João XXIII.

Ao amigo diplomata que me abasteceu com informações sobre a Cidade Eterna.

Ao amigo com nome de agente secreto. Ele salvou minha vida do pior dos lobos.

E, finalmente, ao meu confessor. Seu nome recorda um rei e santo francês. Ele me recebeu de volta com o Salmo 8.

Há quase dois milênios, Jesus Cristo escolheu o discípulo Pedro para guiar seus seguidores em um mundo mergulhado nas trevas. Ele é considerado o primeiro papa da Igreja Católica.

Segundo o Catecismo da Igreja Católica, os demônios são seres pessoais. Liderados por Satanás, estão engajados em uma batalha contra a humanidade, a Igreja e o mundo. Entre as atividades extraordinárias dos anjos caídos está a possessão de seres humanos. Apenas padres, com a permissão de bispos, podem realizar o ritual de exorcismo.

O conselheiro da rainha Elizabeth I, John Dee (1527-1608), foi um dos intelectuais mais notáveis de sua época. Além de matemático, astrônomo, geógrafo e espião, era mestre em ciências ocultas e afirmava se comunicar com o mundo dos espíritos. Baseado em supostas revelações sobrenaturais, desenvolveu a magia enoquiana, essencialmente anticristã. Seu maior tesouro, o Livro das Folhas Prateadas, nunca foi encontrado. John Dee dizia que ele fora escrito pelos próprios anjos.

O papa João XXIII (1881-1963) profetizou sobre um livro maldito que surgiria no fim dos tempos. Ele invocaria o ódio, dividiria os homens e provocaria guerras. Segundo suas palavras, esse livro criaria um “inferno sobre a Terra”.

Londres, 1589

Batidas violentas fizeram-no saltar da cama. Coração acelerado. Respiração entrecortada. De camisola e touca na cabeça, empunhou a espada e foi à entrada da casa. “Será que fomos descobertos?”, indagou-se, girando a chave suavemente. Seguiram-se três batidas. Em um movimento rápido, virou a maçaneta, escancarou a porta e estendeu a espada na direção do inimigo. Do lado de fora, um homem de barba, bigode e cabelos longos e desgrehados, cobertos por chapéu, engoliu seco. A ponta de metal tocando a pele flácida de sua garganta. Ao reconhecê-lo, John Dee baixou a arma e o encarou com severidade.

— Nada mal para um homem de sua idade – brincou seu discípulo, envergando uma capa azul-escura sobre a roupa.

Aquele homem tinha fama de charlatão. Mas o mestre o considerava um iluminado. “Ele conversa com os anjos”, respondia aos seus detratores. A defesa não era um ato espontâneo de generosidade. John acreditava que, pela intercessão daquele jovem impetuoso, Deus lhe confiava Seus segredos. E, graças a eles, tornara-se um dos homens mais influentes do mundo. Reis e rainhas eram capazes de cometer os piores crimes apenas para ouvir seus conselhos. Defenderia Edward com as próprias mãos, se fosse preciso. Embora, naquele momento, quase tivesse arruinado seu maior tesouro.

— O que faz aqui a essa hora? – indagou-lhe, afastando-se para que ele entrasse.
– Pensei que fossem eles.

— Eles estão bem perto, mestre – respondeu Edward, sentando-se no sofá.

— Como sabe disso?

— O mensageiro me revelou em um sonho – disse, franzindo o cenho.

— O que você viu? – inquiriu John, acomodando-se na poltrona diante dele e, com a mão direita, acariciando a longa barba branca.

— Homens alados com espadas flamejantes nos caçavam como se fôssemos animais, mestre – respondeu, arregalando os olhos.

— O que queriam?

— Queriam nos matar. E nos impedir de realizar a missão que Deus nos confiou – entregou, tirando o chapéu e colocando-o ao lado.

— Até hoje o mensageiro não revelou nossa verdadeira missão, Edward – rebateu John, encarando-o.

— Por isso ele me enviou até aqui, mestre. Precisamos ir ao laboratório antes que

seja tarde demais.

John levantou-se e foi ao porta-chapéus. Vestiu o pesado casaco de pele de raposa. Em seguida, acendeu um candeeiro e fez sinal para que Edward o acompanhasse. Em silêncio, dirigiram-se para a biblioteca, considerada a melhor da Europa. Passaram pelas inúmeras estantes de livros e pararam diante de uma delas, no lado oposto à entrada.

— A hora da mágica — anunciou Edward. John repousou o candeeiro em uma pequena mesa lateral e colocou, ao seu lado, um exemplar manuscrito da Bíblia do Rei James retirado da estante. Enfiou o braço no vão e tateou o fundo, em busca de uma pequena alavanca. Forçou-a para baixo. Barulho de algo se soltando. Com a ajuda de Edward, empurrou a estante para a esquerda. Ela se moveu em um trilho oculto na base, revelando uma passagem. John agarrou novamente o candeeiro com a mão esquerda. Ergueu-o diante de si, iluminando os degraus. Os dois desceram em silêncio até uma pequena sala. Três espelhos de metal polido ornamentavam a parede oposta. Uma pequena janela oval na parede oeste permitia a entrada de luz solar, por um mecanismo refletor criado por John. No centro, uma mesa medindo quase um metro de altura sobre um tapete de seda vermelho, de aproximadamente dois metros quadrados. A toalha de linho branco sobre o tampo de quase um metro quadrado tocava o chão. Entre dois castiçais com círios, uma moldura circular exibia, no centro, um cristal redondo e polido. Nas laterais, duas cadeiras verdes encostadas.

— Precisamos pegar os outros objetos — disse John, avançando para uma porta à direita.

— Não precisaremos do Sigillum Dei, nem do espelho negro — retrucou Edward, em tom enérgico.

— O que devemos fazer, então? — indagou o mestre, pendurando o candeeiro em um gancho fixado na parede à direita da entrada.

— Vá ao oratório e reze para que Deus envie seu mensageiro — respondeu seu discípulo, acendendo os círios com o auxílio de uma vela acesa na chama que John carregava há pouco.

A sala ao lado era menor ainda. Um armário de madeira com portas de vidro cobria uma parede. Lá estavam os objetos ritualísticos que os dois usavam nas sessões, além de manuscritos com as revelações dos anjos, enunciadas por Edward e transcritas por ele. Do lado oposto, uma estátua sobre o altar dourado estava coberta por um tecido negro. John acendeu uma vela e ajoelhou-se diante dela, sobre uma pequena almofada de veludo verde-escuro. Uniu as mãos em prece e fechou os olhos.

— Senhor do céu e da terra, eu vos imploro: enviai vossos anjos para que nos mostrem o caminho. E confundi nossos inimigos para que não nos encontrem até que

tenhamos terminado o que esperais de nós.

Um estrondo na sala principal estremeceu o chão, e um calafrio percorreu-lhe as vértebras. Sentiu pavor. Abriu os olhos. O tecido negro que cobria a estátua caíra ao seu lado. Virou-se para cima. O rosto de um anjo, iluminado pela vela, sorria. “É um sinal. Ele está aqui”, deduziu, levantando-se. Pegou um pergaminho, pena e tinta e avançou para o laboratório. O discípulo estava tombado no chão, de bruços. Correu em seu socorro.

— Edward, Edward – chamava seu nome enquanto sacudia o corpo, tentando acordá-lo. Sem sucesso. Uma forte luz invadiu a sala pela janela oval.

— Impossível. São quatro da manhã – concluiu, olhando o relógio de parede – Senhor? – indagou perplexo, ajoelhando-se diante do cristal e cobrindo os olhos com as mãos. Sentiu uma ventania no rosto. Imaginou um anjo pairando sobre a mesa. Era capaz de ouvir suas asas movimentarem o ar. Permaneceu imóvel por mais de uma hora, até o visitante alado desaparecer. Abriu os olhos. A sala voltara a ser iluminada apenas pelos círios e pelo candeeiro. Levantou-se. Algo reluzia sobre a mesa. Era um livro prateado de aproximadamente vinte centímetros de comprimento, dezoito de largura e quarenta e oito páginas. Reconheceu imediatamente o símbolo na capa. E estendeu a mão para tocá-lo.

— Este é o tesouro – revelou Edward, recuperando-se do desmaio.

— Podemos abri-lo?

— Ele não foi escrito para nós. Nossa missão é escondê-lo durante os próximos séculos – revelou Edward.

— Por quê? Para quem?

— Esse livro é a chave de uma nova era, mestre. E ele nos escolheu para sermos seus profetas.

— Quem? Deus?

— Não. Samyaza.

John olhou para o discípulo. Estava aterrorizado.

[Capa](#)
[Folha de rosto](#)
[Créditos](#)
[Dedicatória](#)
[Epígrafe](#)
[Agradecimentos](#)
[Alguns fatos](#)
[Prólogo](#)

[Livro I - O Anjo da Noite](#)

[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[Capítulo 5](#)
[Capítulo 6](#)
[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15](#)
[Capítulo 16](#)
[Capítulo 17](#)
[Capítulo 18](#)
[Capítulo 19](#)
[Capítulo 20](#)
[Capítulo 21](#)
[Capítulo 22](#)
[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

[Capítulo 58](#)

[Capítulo 59](#)

[Capítulo 60](#)

[Capítulo 61](#)

[Capítulo 62](#)

[Capítulo 63](#)
[Capítulo 64](#)
[Capítulo 65](#)
[Capítulo 66](#)
[Capítulo 67](#)
[Capítulo 68](#)
[Capítulo 69](#)
[Capítulo 70](#)
[Capítulo 71](#)
[Capítulo 72](#)
[Capítulo 73](#)
[Capítulo 74](#)
[Capítulo 75](#)
[Capítulo 76](#)
[Capítulo 77](#)
[Capítulo 78](#)
[Capítulo 79](#)
[Capítulo 80](#)
[Capítulo 81](#)
[Capítulo 82](#)
[Capítulo 83](#)
[Capítulo 84](#)
[Capítulo 85](#)
[Capítulo 86](#)
[Capítulo 87](#)
[Capítulo 88](#)
[Capítulo 89](#)
[Capítulo 90](#)
[Capítulo 91](#)
[Capítulo 92](#)
[Capítulo 93](#)
[Capítulo 94](#)
[Capítulo 95](#)
[Capítulo 96](#)
[Capítulo 97](#)
[Capítulo 98](#)
[Capítulo 99](#)
[Capítulo 100](#)
[Capítulo 101](#)

[Capítulo 102](#)
[Capítulo 103](#)
[Capítulo 104](#)
[Capítulo 105](#)
[Capítulo 106](#)
[Capítulo 107](#)
[Capítulo 108](#)
[Capítulo 109](#)
[Capítulo 110](#)

[Livro II - O Anjo da Manhã](#)

[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[Capítulo 5](#)
[Capítulo 6](#)
[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15](#)
[Capítulo 16](#)
[Capítulo 17](#)
[Capítulo 18](#)
[Capítulo 19](#)
[Capítulo 20](#)
[Capítulo 21](#)
[Capítulo 22](#)
[Capítulo 23](#)
[Capítulo 24](#)
[Capítulo 25](#)
[Capítulo 26](#)
[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

[Capítulo 58](#)

[Capítulo 59](#)

[Capítulo 60](#)

[Capítulo 61](#)

[Capítulo 62](#)

[Capítulo 63](#)

[Capítulo 64](#)

[Capítulo 65](#)

[Capítulo 66](#)

[Capítulo 67](#)
[Capítulo 68](#)
[Capítulo 69](#)
[Capítulo 70](#)
[Capítulo 71](#)
[Capítulo 72](#)
[Capítulo 73](#)
[Capítulo 74](#)
[Capítulo 75](#)
[Capítulo 76](#)
[Capítulo 77](#)
[Capítulo 78](#)
[Capítulo 79](#)
[Capítulo 80](#)
[Capítulo 81](#)
[Capítulo 82](#)
[Capítulo 83](#)
[Capítulo 84](#)
[Capítulo 85](#)
[Capítulo 86](#)
[Capítulo 87](#)
[Capítulo 88](#)
[Capítulo 89](#)
[Capítulo 90](#)
[Capítulo 91](#)
[Capítulo 92](#)
[Capítulo 93](#)
[Capítulo 94](#)
[Capítulo 95](#)
[Capítulo 96](#)
[Capítulo 97](#)
[Capítulo 98](#)
[Capítulo 99](#)
[Capítulo 100](#)
[Capítulo 101](#)
[Capítulo 102](#)
[Capítulo 103](#)
[Capítulo 104](#)
[Capítulo 105](#)

[Capítulo 106](#)
[Capítulo 107](#)
[Capítulo 108](#)
[Capítulo 109](#)
[Capítulo 110](#)
[Capítulo 111](#)
[Capítulo 112](#)
[Capítulo 113](#)
[Capítulo 114](#)
[Capítulo 115](#)
[Capítulo 116](#)
[Capítulo 117](#)
[Capítulo 118](#)
[Capítulo 119](#)
[Capítulo 120](#)

[Epílogo](#)

[Algumas referências](#)

Livro I

O Anjo da Noite

Roma, nos dias de hoje

A freada brusca fez com que a mulher, sentada atrás do motorista, batesse a cabeça no encosto. O sangue começou a escorrer da narina esquerda. Ela tombou no banco.

— Cuidado, ou vai ser punido pelo padre – berrou Andrea, o outro passageiro. Diante deles, a Basílica de Santa Maria in Aracoeli, iluminada por refletores, erguia-se majestosa contra o céu escuro. Aquela imagem era uma das metáforas preferidas do padre Pietro Amorth em suas homilias: “Um sinal de Deus em um mundo mergulhado nas trevas”.

— O que vamos fazer com ela? – perguntou Simone, o motorista.

— Temos que deixá-la na igreja.

— Não vou subir todos esses degraus carregando essa vadia.

— Você recebe para isso. Agora cale a boca e me ajude – retrucou Andrea, abrindo a porta do carro.

Os seios volumosos insinuavam-se no decote da camiseta branca. Minissaia preta. Salto alto. A maquiagem carregada dividia espaço com vários hematomas. O nariz estava inchado. Poderia ser a pancada de segundos antes ou as bofetadas de horas atrás. O cabelo liso, na altura dos ombros, era quase todo loiro, excetuando-se as raízes negras. Apesar do pouco peso e da estatura baixa, Andrea teve dificuldades de puxá-la para fora. Olhou para o amigo, mais alto e bem mais forte do que ele.

— Deixe comigo – adiantou-se Simone, debruçando-se sobre a mulher – Posso passar alguns minutos com ela antes?

— Só se você não tiver medo de ser mastigado pelo diabo, seu imbecil! – berrou Andrea – Traga-a para fora. O padre nos espera.

Como se fosse um pacote de poucos quilos, Simone colocou a vítima nas costas e subiu as escadas. Ao se aproximar da imponente porta principal de Santa Maria in Aracoeli, o celular tocou no bolso da jaqueta de Andrea.

— Sim, padre, somos nós. Quer que deixemos a mulher aqui na entrada? Tudo bem, podemos entrar com ela pela porta lateral.

— O que ele vai fazer com esta cadela? – perguntou Simone, exibindo um sorriso malicioso – Quer que a gente participe da brincadeira?

— Cale a boca, cara. Assim vou ter que arrumar outro ajudante!

A porta do lado esquerdo se abriu. Diante dela, um homem alto e magro, com uma lanterna na mão. Cabelo e barba grisalhos, bem aparados. Uma cicatriz triangular na

testa. Vestia um hábito negro, com um crucifixo de prata pendendo do pescoço. O sorriso desapareceu ao olhar o rosto da mulher desacordada.

— O que aconteceu? – indagou, ríspido.

— Ela estava histérica, padre – respondeu Andrea.

— E agressiva. Arranhou meu rosto – completou Simone, sob o olhar reprovador do colega.

— Tivemos que sedá-la com aquela injeção de tranquilizante que o senhor nos arranhou – prosseguiu o responsável pela missão.

— Venham comigo. E sem perguntas – ordenou o padre Pietro Amorth, fechando a porta da igreja e seguindo pela nave lateral. As imponentes colunas, trazidas do Fórum Romano e do Monte Palatino, pareciam gigantes na penumbra. Elas apoiavam o clerestório acima, com suas janelas retangulares. Após alguns metros, a mulher começou a gemer. Passaram pelo altar à esquerda do transepto da igreja. Ela deu um grito. E um soco nas costas de Simone. Os homens estremeceram.

— É onde ficam os ossos de Santa Helena. Um lugar sagrado – explicou Pietro, apontando para ele – Não se preocupem. Estamos chegando.

— Santa Helena era a mãe do imperador Constantino. Se não fosse por ela, o mundo teria outros deuses, Simone.

— Se todos os seminaristas pensassem como você, Andrea, o rebanho estaria perdido. A vitória do cristianismo é um milagre de Deus. Santa Helena foi apenas um instrumento em Suas mãos – repreendeu-lhe o padre, abrindo a porta da sacristia.

“Ele está prestes a violentar esta gostosa e quer dar lição de moral. É um babaca”, reprovou Simone, em pensamento. A mulher apenas gemia. Pietro os conduziu até uma estante com relíquias de santos em uma parede lateral. Pegou uma chave do bolso e abriu a pesada porta de vidro e madeira. No centro, uma peça dourada no formato de cabeça, incrustada de pedras preciosas coloridas. A viseira transparente permitia observar seu interior. Havia um crânio humano. Com cuidado, o padre retirou o tesouro de seu plácido repouso e colocou-o sobre uma mesa.

— Que capacete macabro... – comentou Simone.

— É um relicário. Andrea, quando estiver fora daqui, explique ao seu amigo o significado deste “capacete” – censurou Pietro, deslocando para baixo uma pequena alavanca, que ficava escondida atrás do relicário. Empurrou a prateleira para o lado. Ela se deslocou sobre um trilho imperceptível em sua base, revelando uma porta. Com outra chave, o padre destrancou a câmara secreta. “Tanto trabalho para foder esta vadia”, pensou Simone. Pietro acendeu a luz e fez um sinal para que entrassem. A sala tinha seis metros quadrados. Diante deles, e sob uma pequena janela octogonal, uma imagem de Santa Maria.

— A autêntica Madonna di Aracoeli – suspirou Andrea. O rosto de seu assistente se iluminou, como se aquele ícone trouxesse lembranças agradáveis do passado.

Um quadro de São Miguel empunhando uma espada e pisando sobre o dragão vermelho pendia no lado oposto. As duas paredes laterais, com rachaduras, ostentavam quatro crucifixos de prata cada uma. Dispostas abaixo deles, quatro cadeiras de madeira, espaldar reto. No centro do cômodo, uma cadeira estofada de veludo vermelho parecia presa ao chão, ao lado de uma pequena mesa com uma maleta de couro marrom bastante desgastada.

— Amarrem essa infeliz naquela cadeira e deem o fora — ordenou Pietro, apontando para o centro da sala.

Como se fosse um pacote de poucos quilos, Simone acomodou a mulher. Andrea usou os rolos com correias de três centímetros de largura para amarrar as pernas bem torneadas, evitando olhar em direção às coxas. Depois prendeu os braços, desviando os olhos dos seios.

— O que estou fazendo aqui? — ela perguntou ao seminarista antes que ele se levantasse. Era sua primeira frase após horas de silêncio forçado.

— Já fizeram seu trabalho. Agora saiam! — impacientou-se Pietro.

— Por favor, não me deixem aqui com esse pervertido — ela suplicou, apelando para a compaixão daqueles dois jovens.

— Você conhece o caminho, Andrea. Bata a porta da igreja assim que sair — orientou o padre.

— Vamos embora, Simone.

Deixaram o padre a sós com a mulher. Sem dizer uma palavra, atravessaram a sacristia ouvindo o choro desesperado daquela “infeliz”. Antes de passarem pela porta que levava à nave lateral, um grito aterrorizante. Apertaram os passos. Deixaram a igreja sem olhar para trás. No carro, após alguns minutos, Simone quebrou o silêncio:

— Esse foi meu último trabalho para vocês.

— Por quê?

— Não sou nenhum santo. Passei bons anos da minha vida atrás das grades porque matei minha noiva — explicou Simone.

— Eu sei disso. Aonde quer chegar com essa história toda?

— Aquele safado podia foder aquela mulher em qualquer lugar. Mas não na frente daquela imagem de Nossa Senhora, cara! Passei minha infância vendo minha mãe rezar na frente dela. Todos os dias.

— Não acredito que você esteja pensando isso dele, seu pervertido! — censurou Andrea.

— O que quer que eu pense, então? O que ele vai fazer com ela naquele quartinho secreto?

— O padre Amorth é um exorcista — respondeu Andrea.

Era fim de tarde. Céu cinzento. Sentado em um banco do Saint James's Park, um jovem alto, pálido e em boa forma. O nariz alongado e arrebitado era proporcional ao rosto fino, com as maçãs e o queixo levemente salientes. O cabelo loiro, mais comprido no alto da cabeça e curto na nuca, deixava as orelhas descobertas. As costas arqueavam-se para a frente e os olhos castanho-claros corriam as páginas de *A Tempestade*, de William Shakespeare. Entretido com a magia do protagonista Próspero, o jornalista David nem percebeu o atraso da namorada Susan. “Às vezes, a morte chega sem avisar”. Assustado, ele ergueu a sobancelha direita, interrompida por uma discreta cicatriz, e fechou o livro.

— Quem falou comigo? – indagou, mordiscando o lábio inferior, levemente mais estreito que o superior.

Não havia ninguém por perto. Olhou para o relógio. Passava-se quase meia hora do horário combinado. Pegou o celular e discou o número de Susan. Caixa postal. Seu sexto sentido era uma dádiva no trabalho, mas parecia uma maldição na vida privada. Ouviu um estrondo no céu. As nuvens se abriram. Surgiu um dragão vermelho-fogo. Era um ótimo repórter e não fugia da notícia, fosse ela um *serial killer* ou um monstro de proporções cósmicas. Conseguiu contar sete cabeças e dez chifres. A cauda se agitava freneticamente. Deduziu que era cinco vezes maior do que a torre do Big Ben. Olhou com atenção. Ela parecia brincar com centenas de esferas de fogo. Em um gesto inesperado, arremessou-as para baixo. *Flashes* de luz. Explosões. David sentiu um estilhaço atingir sua perna direita, acima do joelho. Caiu no chão, contorcendo-se de dor. Percebeu alguém se aproximar. Abriu os olhos. Havia um homem envolto em fumaça escura. Não conseguiu enxergar quem era.

— Quem está aí?

— Samyaza.

— O que quer?

— Vou foder sua mulher. Aquela puta do inferno.

Coração acelerado. Respiração ofegante. David abriu os olhos. Estava em seu território. Sentiu-se seguro. O relógio marcava quatro da manhã. Pontualmente. Sentou-se na cama. Pegou o bloco de notas no criado-mudo. Desde a trágica morte de Susan, aquele sonho se repetia. Apenas alguns detalhes mudavam, como o banco do parque e o trecho da peça de Shakespeare. Porém, era a primeira vez que se lembrava de algo importante. A caneta escorregou de sua mão suada enquanto escrevia aquele estranho nome: Samyaza. Foi até a sala de estar. Apertou a tecla *shuffle* do som. O acaso escolheu *A Arte da Fuga – Contrapunctus I*, de Bach, seu

compositor favorito. Apanhou o cachimbo Dunhill, com seu inconfundível ponto branco na boquilha, herdado do avô paterno. Preparou-o com uma mistura exclusiva de tabaco. Entre uma baforada e outra, pensou em Susan. Já se passaram quinze anos do acidente de automóvel. Ele não se apaixonara por mais ninguém. O retrato ainda enfeitava a sala com seu sorriso. E iluminava seu coração. A primeira música terminava. No silêncio de alguns segundos, desejou ter morrido com ela. Havia alguma razão para ter sobrevivido. E aqueles pesadelos talvez tivessem a resposta.

Pietro abriu a maleta. Retirou alguns objetos e deixou-os sobre a mesa, ao lado de sua prisioneira.

— O que o senhor vai fazer comigo, padre? Me tire daqui, por favor. Não fiz nada de errado – ela suplicou.

— Aqui, neste lugar, uma mulher profetizou a chegada de Nosso Senhor Jesus Cristo ao imperador Augusto. E ele construiu o *ara coeli*, altar do céu. É um terreno sagrado – explicou, dirigindo-se para trás da cadeira.

— Me tire daqui! – ela gritou.

O padre pôs sobre o hábito uma sobrepeliz branca. Pegou a estola roxa e colocou-a sobre o ombro da mulher. Ela se contorcia. E berrava. Pietro fez o sinal da cruz sobre sua cabeça.

— Seu padre maldito, me deixe em paz – disse ela, com uma voz grave, masculinizada.

— É você que está no lugar errado. *Exorcízo te, immundissime spiritus, omnis incursio adversarii, omne phantasma, omnis légio, in nómine Dómini nostri Jesu Christi* – rezava, sem se importar com os rancos da mulher, cada vez mais altos.

Com um aspersório de prata e um frasco de vidro nas mãos, postou-se a dois metros de distância dela. O rosto, antes inchado por pancadas, estava estranhamente disforme. Os ossos, mais pronunciados. As veias cortavam a pele translúcida, formando estrelas. Os olhos projetavam-se para fora das órbitas. As mãos eram duas garras enrijecidas, com as unhas voltadas para cima. O corpo, inclinado para a frente, estava em posição de ataque.

— Me enfrente como um homem, seu padrecó!

— Para te derrotar, minhas armas são outras – respondeu Pietro, elevando o aspersório sobre a cabeça como se fosse uma espada prestes a golpear o inimigo. Ao abaixar o braço, em um movimento vigoroso, a água benta jorrou sobre a mulher. Ela se contorceu e gritou, como se atingida por lava vulcânica.

— Por favor, não me machuque mais – suplicou, imitando voz de criança.

— O que você quer? – continuou o padre, aspergindo água benta.

— Quero que você me chupe. Estou toda molhada – retrucou a possuída, com uma entonação sedutora. E forçou as coxas para fora, mostrando que não usava roupa íntima – É isso o que você quer, não? – indagou, passando a língua nos lábios.

O padre desviou o olhar para a imagem de São Miguel Arcanjo, acima da soleira da porta. E continuou a recitar a fórmula de exorcismo do *Rituale Romanum*, que já sabia de cor:

— *Adjúro ergo te, draco nequíssime, in nómine Agni immáculati, qui ambulávit super áspidem et basiliscum, qui conculcávit leónem et draconem, ut discédas ab hoc hómine.*

Em seguida, molhou o polegar direito com óleo consagrado e se aproximou da mulher. Desenhou o sinal da cruz em sua testa. Dez longos gritos.

— Eu conheço seu segredo, Pietro. Por isso você trabalha sozinho, não é? Tem medo de que outras pessoas descubram que você é um assassino? – ela deu uma gargalhada profunda, antes de prosseguir – Não deve ser fácil acordar à noite com o choro daquela criança. Ela está morta. Morta!

Pietro sentiu o coração se contrair. Um nó na garganta. Olhos marejados. A mulher ficou ereta na cadeira, com um sorriso malicioso no rosto. Ela atingira o padre. Com uma arma poderosa. Ele engoliu seco. Pigarreou. Fez uma oração a Nossa Senhora. Em silêncio. Ao sentir-se recuperado, forçou o crucifixo de prata contra a testa da mulher. Com raiva.

— Qual é o seu nome?

Ela cuspiu em seu rosto. Mas ele permanecia imóvel.

— Qual era o nome da criança? – provocou a possuída.

— Você deve saber. Também estava lá. Qual é o seu nome, espírito imundo?

— Pode me chamar do que quiser, Pietro. Isso não faz diferença. Você não vai me foder logo? Sei que está com vontade.

— Em nome de Nossa Senhora, cale a boca e me diga de onde você vem.

— **Ave... Os olhos onipresentes da rainha revelam a chave de Armon.**

— Volte para o inferno!

— Você pode me expulsar agora, padre assassino. Mas vou voltar para acertar as contas. Ninguém vai te salvar quando Deus revelar sua outra face.

— Esta é a face de Deus – exaltou-se Pietro, esfregando o crucifixo na face direita da mulher. – *Recéde ergo in nómine Patris, et Fílii, et Spíritus Sancti. Amen.*

Um berro agonizante.

— Pode ficar com esse corpo acabado – disse uma voz masculina, já sem vigor.

A cabeça da mulher tombou para o lado esquerdo. O rosto, inchado por pancadas e coberto por hematomas, estava menos lúgubre. Mas não tinha vida. O padre colocou dois dedos em seu pescoço, sobre a carótida. Sem pulso. Fez o sinal da cruz. Pegou o celular no bolso e ligou para o assistente.

— Andrea, ela está morta.

Sem conseguir dormir, David foi ao escritório. Pretendia terminar a matéria sobre a top model brasileira Fernanda Albuquerque, que chegaria a Londres no fim de semana para o lançamento da campanha publicitária do novo perfume Schiaparelli. “Ela é a nova estrela do *showbiz*. Quero um perfil completo, quando transou pela primeira vez, quantos namorados já teve, com quem está saindo. E especule sobre um romance com o príncipe Harry”, o editor-chefe, Steven, pautara David.

— Dos assassinatos ritualísticos ao mundo das celebridades — disse para si mesmo, abrindo o arquivo com a coletânea de matérias e entrevistas da modelo brasileira em jornais e revistas internacionais.

Há dois anos, com a carreira no jornalismo em ascensão meteórica, não poderia imaginar que acabaria na redação de um jornal sensacionalista como o *The Star*, garimpando fofocas de celebridades. Às vezes, confirmando boatos a pedido do editor-chefe. A história com o príncipe não passava de uma invenção barata. “Não importa. Quero manchetes que vendam jornal. Depois, se chiarem, a gente solta uma notinha de poucas linhas pedindo desculpas pelo mal-entendido”, repetia o diretor nas reuniões de pauta. A decadência profissional de David era comentada abertamente pelos seus colegas. Ele assinara uma série de reportagens sobre assassinatos ritualísticos ocorridos em Londres. Em sua investigação, concluía que os responsáveis pelos crimes eram integrantes de uma poderosa seita. No último artigo, publicara nomes de pessoas influentes da sociedade inglesa. Havia membros da Câmara dos Lordes, amigos de seu pai. No dia seguinte, um maníaco capturado pela Scotland Yard confessara os assassinatos. Com sua prisão, nenhuma mulher fora novamente encontrada com o útero eviscerado e o coração arrancado do peito. David perdera a credibilidade com o público e fora execrado pelo mercado. Um jornalista sem reputação não é ninguém. Além do emprego no *The Guardian*, como editor-adjunto, também perdera a amizade de seu pai, que não o perdoara pelo “grave e irresponsável equívoco”. As pessoas costumam justificar os próprios erros apelando para um bode expiatório. No caso de David, um personagem misterioso conhecido como Duque Negro. Era o único nome que não constava em sua lista. O jornalista fora acusado de perjúrio. Semanas depois os nobres ingleses retiraram as queixas contra ele. “Isso não é cavalheirismo. Faz parte da conspiração”, repetia. No fundo do poço, recebera uma ligação do editor-chefe do *The Star*. “Você é o cara ideal para trabalhar aqui. Faz barulho e não tem escrúpulos”, dissera-lhe pessoalmente. Como não via outra saída, aceitara o emprego de editor assistente. Quase dois anos depois, no escritório de sua casa, uma entrevista de Fernanda para

a *Playboy* brasileira chamou sua atenção.

— Você perdeu a virgindade aos catorze anos? Meu chefe vai adorar saber disso. Também vai gostar de saber que já participou de *ménage à trois*. Com dois homens! E drogas... Maconha. Algo mais pesado? Ah, experimentou cocaína em Nova York – conversava com sua perfilada até que uma resposta prendeu sua atenção.

Minha última lembrança do meu pai é assustadora. Acordei por causa de um pesadelo. Um dragão de fogo. Fui até o quarto dos meus pais, mas não havia ninguém. Desci as escadas e vi que o quintal estava movimentado. Meu pai estava com as mãos vermelhas. Parecia sangue. Consegui ver um bicho morto em cima de uma mesa. Talvez fosse um bode. Fiquei assustada e não quis ouvir a explicação da minha mãe. Só não queria mais conversar com ele. E me arrependo. No fim da tarde seguinte, ele morreu esfaqueado. Seu corpo estava jogado na mata, perto de casa. A polícia nunca descobriu o assassino.

David sorriu. Iria além da fórmula sexo, drogas e escândalos amorosos. A história da top model teria magia negra, sacrifício de animais, morte misteriosa. Dragão de fogo.

O carro com os dois homens estacionou discretamente diante de Santa Maria in Aracoeli quase às cinco da manhã. Andrea ligou para Pietro. E desligou no terceiro toque. Poucos minutos depois a porta lateral da igreja se abria. Ele ficou vigiando do lado de fora. Simone seguiu o padre até a sala de exorcismos, com um embrulho debaixo do braço. Ao entrar na câmara secreta, o ex-presidiário olhou para a Madonna di Aracoeli. E abaixou a cabeça, envergonhado.

— Faça isso rápido – ordenou o padre.

Sem dizer nada, Simone estendeu um plástico acinzentado no chão. Desatou as cintas que prendiam a mulher na cadeira vermelha. O rosto estava mais deformado. E a vítima, mais pesada. Ele deitou-a sobre o plástico, acompanhado pelo olhar preocupado do padre. Cobriu o corpo com um dos lados e puxou uma fita vermelha, transformando o embrulho em saco mortuário.

— É o momento da despedida, padre – alfinetou Simone, antes de cobrir o rosto da vítima.

— Não irei acompanhá-lo até a porta. Diga ao Andrea que ela deve ter um enterro cristão. Rezarei por sua alma.

“É um cretino”, pensou Simone, colocando o pacote nas costas. Passou pelas colunas da nave lateral sem olhar para os lados.

— Exorcistas matam as pessoas? – perguntou a Andrea assim que deixou a igreja.

Um homem alto, vestindo casaco escuro, passou na rua, mirando o alto da escadaria e flagrando os dois. Desapareceu em poucos segundos.

— Cale a boca, Simone. Precisamos ir embora antes que mais gente apareça.

— Você acha que a gente chama a atenção? Só porque estamos saindo de uma igreja a essa hora, carregando uma mulher morta?

— Você sabia que essa escadaria foi terminada em 1348 para comemorar o fim da Peste?

— Dane-se essa escadaria maldita. Danem-se vocês, padres. Raça sinistra. Essa garota estava viva quando a deixamos na igreja. Não sei o que aquele cara fez com ela, mas coisa boa não foi – desabafou Simone, colocando o cadáver no porta-malas do carro – Meu pai sempre me dizia para não confiar em padres.

— Você não sabe o que está falando. O padre Amorth é um bom homem.

— Ele guarda uma caveira no armário.

— Você lembra o lugar em que pegamos essa garota? Ela estava em um acampamento de adoradores do demônio.

— Cara, ela era uma garota de programa. Só isso. Escapou de uma orgia para

acabar com um velho pervertido.

— Você é um toco! Não sabe de nada. Devia fazer seu trabalho calado! – retrucou Andrea, com o tom de voz ligeiramente alterado.

Uma freada brusca.

— O que foi? – berrou o seminarista.

Outro carro havia cruzado a rua e fechado os dois. Vidros escuros. Dois homens abriram as portas traseiras. Estavam com capas pretas sobre terno e camisa igualmente pretos. Óculos escuros. As pistolas automáticas cromadas reluziam nas mãos.

— Meu Deus, nos proteja – rezou Andrea, apavorado.

David chegou à redação do *The Star* às dez e meia. Ele se destacava entre os colegas. Os outros vestiam roupas fora do tamanho – para mais ou para menos. Desde pequeno, David frequentava a Savile Row, centro da costura inglesa sob medida. No número um da rua, na Gieves & Hawkes, era sempre atendido pelo mesmo alfaiate de seu avô. “Você conhece meu corpo melhor do que eu”, dizia para Charles, enquanto ele tirava suas medidas, várias vezes. O resultado era impecável. E ajudava a encobrir a diferença de poucos centímetros entre as duas pernas, resultado do acidente de automóvel que matou Susan. Os tecidos preferidos: *nailhead*, nos tons de cinzento e azul, cinzento-escuro, quase preto, com riscas agulhadas, e o clássico riscas brancas sobre fundo azul. Foi com esse último que chegou na mesa do editor-chefe.

— Como está o andamento da matéria? – perguntou Steven.

— Está pronta – respondeu, apoiando a bengala preta, com esfera de prata na ponta, em sua mesa. Era uma companheira inseparável e o ajudava a disfarçar que mancava ligeiramente com a perna direita. Abriu a maleta de couro marrom-claro e pegou três folhas impressas.

— Temos uma manchete para a capa?

— Na minha opinião, sim – respondeu, entregando-lhe a matéria.

— Sexo, drogas... O quê? Magia negra? – surpreendeu-se Steven, com o texto em mãos – Cara, isso é sensacional. Quero que você fique em cima dessa história. Cobrirá a estadia dela em Londres, coordenará os *paparazzi* e trará ao jornal uma entrevista exclusiva.

— Ela negou o pedido de entrevista exclusiva. Fará uma coletiva no Mandarin Oriental.

— Faça o impossível.

— Só isso? – ironizou David, fechando a maleta e pegando a bengala.

— Não – respondeu Steven, com um sorriso malicioso no rosto – Amanhã uma jornalista americana chegará à nossa redação. Ela se chama Mary e tem um “QI” poderoso. Você será seu tutor.

— O quê? Você sabe que gosto de trabalhar sozinho. Ainda mais com a chegada da Fernanda Albuquerque. Não terei tempo de ser babá de ninguém – esquivou-se David.

— Essa missão é sua, cara. Além do mais, qualquer editor gostaria de ter uma assistente de vinte e três anos – disse, piscando para ele – Agora, chega de conversa. Preciso editar sua matéria. Passe uma cópia para o meu e-mail.

— Espero que isso possa ser útil para a promoção que você me prometeu — cutucou David, partindo em direção à sua mesa.

Já instalado diante do computador, pegou seu bloco de notas: Samyaza. Era o momento de descobrir o que significava aquele nome. Invocou seu oráculo: Google.

Ele passava com o motorista da diocese pelos imponentes portões de ferro do Ateneu Pontificio Regina Apostolorum, nos subúrbios de Roma, quando seu celular tocou.

— Não posso falar agora. Tenho uma conferência. Ligo quando terminar.

Sua palestra era uma das mais aguardadas pelos alunos daquele estranho curso. Em quatro meses, uma plateia composta por seminaristas, padres e freis dos quatro continentes tinha aulas sobre os aspectos históricos, teológicos e pastorais do exorcismo, as raízes antropológicas e sociológicas da crença no demônio, as patologias psicológicas e as respostas jurídicas aos cultos satânicos. “Precisamos treinar os soldados de Deus para a batalha final”, o padre dissera na aula inaugural. O título de sua aula era emblemático: “As marcas da besta”. O carro atravessou os gramados verdejantes daquele campus em expansão e estacionou diante de um prédio imponente e moderno.

— Padre Pietro Amorth, nosso mestre – saudou um jovem padre asiático ao recepcioná-lo – O único que consegue lotar nosso auditório.

— Vamos deixar nosso jantar para outro dia?

— Algum problema, Pietro?

— Um chamado urgente da Santa Sé – explicou Pietro, entrando no auditório.

Havia mais de cem pessoas. Ele colocou um fone de ouvido com microfone. “As marcas da besta” também seria transmitida a alunos de outras cidades italianas. Entregou o pendrive ao assistente e pegou um pequeno controle remoto.

— Caros alunos, vocês estão aqui porque ouviram a voz de Deus. Todos devem conhecer aquela carta em que São Paulo diz: “Revesti-vos da armadura de Deus, para que possais resistir às ciladas do diabo. Pois a nossa luta não é contra o sangue e a carne, mas contra os principados, as potestades, os dominadores deste mundo tenebroso, os espíritos malignos espalhados pelo espaço”. Além de aliviar o sofrimento dos possuídos, nossa missão, como exorcistas, é descobrir as ciladas diabólicas contra a humanidade. Os demônios deixam marcas por onde passam. E é sobre essas marcas que pretendo falar aqui.

Apertou o botão do controle. No primeiro *slide*, a imagem de um dragão vermelho-fogo, com sete cabeças, dez chifres e uma longa cauda. Abaixo dela, várias estrelas.

— Eis o diabo na visão de São João, descrito no capítulo doze do Apocalipse. As estrelas, como vocês sabem, são os anjos que ele arrastou do céu. É parte de seu exército. Mas ele também recruta outros soldados. Vocês sabem de que maneiras o

diabo faz isso?

As respostas da plateia se seguiram, desordenadas.

— Tudo o que disseram está correto, mas quero apontar para uma pequena passagem do Gênesis, o primeiro livro da Bíblia: “...os filhos de Deus viram que as filhas dos humanos eram bonitas e escolheram as que lhes agradassem como mulheres para si”. Os “filhos de Deus” são os anjos caídos, os demônios. O que isso significa? Que eles tiveram relações sexuais com as mulheres. E elas geraram filhos – disparou, varrendo o auditório com os olhos.

Ele sabia prender a atenção dos alunos. Todos estavam em silêncio, querendo ouvir mais. Pietro apertou outro botão. Era a foto de uma escultura. Ela retratava um anjo seduzindo uma mulher nua. Uma de suas mãos segurava o braço de sua consorte. A outra trazia a cabeça para perto dos lábios.

— Sabem o nome desse sedutor das trevas? – inquiriu a uma plateia perplexa.

Aquele estranho nome aparecia em centenas de páginas da internet. Resolveu abrir a primeira. Ela falava de um texto escrito por volta do século III antes de Cristo. O *Livro de Enoque* era considerado apócrifo e não fazia parte da Bíblia. Durante milênios, apenas fragmentos circularam entre estudiosos e místicos. Porém, no século XVIII, um explorador escocês, chamado James Bruce, encontrou a versão integral. A primeira edição moderna saiu em 1821.

— Vamos ao que interessa – disse para si mesmo, fazendo o *download* do livro. Correu os olhos pelas páginas. No sétimo capítulo, mulheres elegantes e belas desfilavam seus atributos na face da Terra. Alguns anjos, de passagem por aqui, ficaram apaixonados e confabularam entre si: “Vamos escolher mulheres para ter filhos com elas”.

— Que anjos safados – murmurou David, com um sorriso maldoso.

O líder da rebelião arrastou duzentos deles até o monte Armon. Lá, todos juraram lealdade a ele. Seu nome: Samyaza. Logo depois, transaram com mulheres, plantando na humanidade a semente da maldição. Suas concubinas aprenderam a arte da feitiçaria e, após a gestação, pariram gigantes. Insaciáveis com a comida disponível, os monstros se viraram contra os homens para devorá-los. Os poucos sobreviventes, aterrorizados, suplicaram a ajuda dos céus.

— Essa história é bem mais interessante do que a serpente no Jardim do Éden. Mas o que tenho a ver com uma lenda de milênios atrás? – questionou-se – “Se tiver tempo, ligarei para meu amigo em Roma. Ele deve ter alguma explicação para o meu sonho”, pensou, abrindo sua caixa de mensagens.

A redação do *The Star* seguia o modelo americano. Uma sala, sem paredes altas, era dividida em vários núcleos, como Esportes, Moda, Celebidades. Em cada setor, o editor e o editor assistente sentavam-se lado a lado, supervisionando o trabalho de dois ou três repórteres, instalados em mesas menores diante deles. Na parede oposta à entrada, as mesas do editor-chefe, do redator-chefe, do diretor de arte e de fotografia compunham a linha executiva do jornal. Atrás dela, a sala do diretor do *The Star* – o único com o privilégio da privacidade – e a de reuniões de pauta. Desde que entrara para a equipe, David era o único a ocupar o núcleo de reportagens especiais, no cargo de editor assistente. Isso lhe dava autonomia para defender suas próprias pautas nas reuniões. Outra vantagem era a de não precisar se subordinar a nenhum editor, além do editor-chefe, Steven.

— Bom-dia, David. Você tem o celular do Mohamed al-Fayed? – perguntou Carolyn, a editora de moda. Com trinta e dois anos, um metro e oitenta de altura,

olhos verdes e cabelo loiro, ligeiramente ondulado, emoldurando um rosto de traços suaves, Carol não andava pela redação, desfilava as tendências da moda. E arrancava suspiros de seus colegas.

— Tenho, sim. Deixe-me consultar a agenda – respondeu David, abrindo a pasta e pegando seu Filofax. – Aqui está – anunciou, anotando o número em um papel e entregando-o a ela.

— Além de ser o jornalista mais elegante, você é o que tem os melhores contatos – ela agradeceu, com um largo sorriso. “E uma conta bancária milionária”, completou em pensamento, voltando para sua mesa.

— Talvez Samyaza escolhesse você, Carol – disse baixinho, apreciando discretamente, enquanto ela se afastava, suas curvas naquele vestido justo.

O padre Pietro pegou o celular após atravessar os portões do Vaticano. Estava ansioso. Era a primeira vez que se reuniria com os outros membros daquela confraria secreta desde que fora convidado por seu amigo e confessor, o cardeal Gabriele Fioravante. Não disfarçou a surpresa quando soube do local do encontro. Conhecia muito bem os corredores da Santa Sé e em menos de dez minutos chegaria ao lugar combinado. Assim que entrou na Capela Sistina, as portas atrás dele se fecharam. Uma mesa, diante do Juízo Final, tinha cinco cadeiras. Duas de cada lado e uma na ponta, ocupada por um homem alto, ligeiramente acima do peso, tez clara. O nariz destacava-se no rosto redondo e os olhos pequenos exibiam-se maiores atrás das lentes dos óculos de fina armação prateada. Sobre os cabelos grisalhos, com raros fios pretos, o solidéu vermelho anunciava que aquele homem era um Príncipe da Igreja. O cardeal levantou-se e saudou o recém-chegado:

— A paz esteja com você, Pietro – correu os olhos pelo diminuto auditório e prosseguiu – Neste lugar, o Espírito Santo escolhe o sucessor de Pedro para dirigir sua Igreja. E há séculos também guia a Confraria dos Quatro Anjos para impedir que o Inimigo realize o Apocalipse Negro. Como vocês sabem, Deus colocou quatro anjos nos quatro cantos da Terra para que o diabo não reescreva o Fim dos Tempos.

— Desculpe-me, cardeal, quando o senhor me convidou para fazer parte dessa confraria, simplesmente aceitei, pois lhe devo obediência. Mas gostaria de dizer que sou apenas um exorcista, não me vejo em condições de prosseguir nessa missão – interveio Pietro. “Tem medo de que outras pessoas descubram que você é um assassino?”, aquela ameaça do demônio não saía de sua cabeça.

— Um exorcista de métodos pouco convencionais – rebateu o cardeal, encarando-o – Soube que seu assistente sequestrou uma prostituta da Colmeia Dourada. E ela morreu durante o Grande Ritual! Também soube que Andrea... É assim que ele se chamava, não? Foi assassinado juntamente com um ex-presidiário.

— Como? – perguntou Pietro, atônito. Coração pesado. Respiração curta. Boca seca.

— O carro com os dois corpos foi encontrado nos subúrbios de Roma. Os servos do demônio revidaram, meu caro amigo. E você me colocou em um fogo cruzado com Sua Santidade. Ela quis saber por que eu o havia escolhido para fazer parte dessa confraria.

— Não é possível! – desesperou-se Pietro, unindo as mãos.

— Eu me justifiquei dizendo que, em nossa missão, precisamos usar armas menos ortodoxas. E quase sempre o Inimigo costuma retaliar – rebateu o cardeal – Agora,

vamos ao que interessa, meus caros. Dentro deste pequeno saco, há bolas vermelhas e pretas. Passarei entre vocês. Fechem os olhos e retirem uma bolinha. Quem pegar a vermelha primeiro começa.

“Matei Andrea”, Pietro sentia remorso. A angústia apertava seu coração. Nó na garganta.

— Peguei a vermelha – confirmou o monge espanhol Jose Gonzáles – Em meu último exorcismo, perguntei ao demônio como ele era. A resposta foi: **“Com uma capa azul e um chapéu de abas largas, levantarei de minha fortificação no lago e serei vitorioso”**.

— Pela tradição de nossa confraria, sempre que é coagido pelo exorcista, o Inimigo revela seus planos em códigos. No ritual da bola vermelha, descobrimos sua ordem. O primeiro é sempre uma referência ao lugar em que ele está preparando um ataque devastador. Pietro, por favor, anote o que seus companheiros dizem – Gabriele pediu ao padre, visivelmente perdido em divagações.

— É a minha vez – concluiu o abade inglês Thomaz Baker ao pegar a bolinha do saco – Fiz várias sessões de exorcismo com uma mesma pessoa. Na penúltima, quando afirmei que o expulsava em nome de Jesus Cristo, o Messias, o demônio me disse: **“A verdade está sob o selo. O leão coroado reclama seu trono. Ele vem do Tronco de Jessé”**.

— Como vocês sabem, o demônio é um macaco de Deus, gosta de imitá-Lo e se reveste de simbolismos divinos para reivindicar o trono – explicou Gabriele. – Aqui temos uma referência clara ao quinto versículo do capítulo cinco do Apocalipse: “Vê! O leão da tribo de Judá (...) saiu vencedor. Ele pode romper os selos e abrir o livro”. Na segunda charada, o demônio revela seu escolhido, seu instrumento entre os homens.

— E como iremos combatê-lo? – perguntou Thomaz.

— Assim que ele for descoberto, o responsável pela missão deve acionar imediatamente um número de telefone e passar uma senha. E isso não será mais problema seu. Qual é o próximo enigma? – indagou o cardeal, fitando Pietro, que segurava a bola vermelha entre os dedos.

— Bem, durante o exorcismo da prostituta da Colmeia Dourada, perguntei, em nome de Nossa Senhora, de onde o demônio vinha. A resposta foi: **“Ave... Os olhos onipresentes da rainha revelam a chave de Armon”**.

— E como você interpreta esse enigma diabólico, Pietro? – questionou Gabriele.

— Não tive muito tempo de pensar nele. Sinto que o diabo está zombando de nossa fé, como no exorcismo do abade Thomaz. Ele disse Ave, mas não completou com Maria. Ela é a rainha de nossa Igreja e seus olhos onipresentes são os olhos de Jesus Cristo, seu Filho – respondia Pietro, tentando se concentrar em cada palavra. – Agora o detalhe mais sórdido: Armon é o lugar, no livro de Enoque, onde os anjos

caídos fizeram um pacto para arruinar a criação de Deus.

— Nessa charada, o demônio aponta o caminho que ele seguirá para conquistar seu objetivo. Esse é o terceiro e último enigma – explicou Gabriele.

Todos olharam para o único membro que ainda não revelara nenhum enigma diabólico.

— Você perguntou ao demônio quem era seu maior inimigo em nossa confraria. Qual foi a resposta, Benito? – inquiriu o cardeal.

Os outros rezaram em silêncio para não ouvir o próprio nome.

— O padre Pietro Amorth.

— Meu Deus! – exclamou o próprio, em um misto de surpresa e pavor. Ele não tinha medo de enfrentar demônios em suas sessões de exorcismo. Até gostava de provocá-los, pois estava protegido por alguém muito mais forte. Mas, para aquilo, não havia fórmulas ritualísticas escritas em nenhum manual canônico.

— A partir desse momento, você está afastado de suas atividades em Santa Maria in Aracoeli, Pietro. Em dois dias, partirá para algum lugar do mundo, sozinho. Descubra que lugar é esse. Não deve se reportar a ninguém além de mim. E não se esqueça de que todos dependemos de você. Que Deus inspire seus pensamentos, suas palavras e suas ações. Reunião encerrada – anunciou o cardeal, levantando-se da mesa.

Pietro fixou a cena do Juízo Final, diante de si. O barqueiro Caronte empunhava um remo. De repente, começou a açoitar as almas condenadas que queriam fugir do inferno, enquanto demônios carregavam-nas para a tormenta eterna. O padre podia ouvir suas gargalhadas. E o choro desesperado das pessoas que escolheram o caminho errado. “Você está no mesmo barco, padre”. Aquelas palavras pareciam vir de um demônio com orelhas pontiagudas e uma serpente enroscada no pênis. Ele encarava Pietro com um sorriso irônico. À sua esquerda, pouco abaixo, outro ser infernal puxava os cantos dos lábios com os indicadores e lhe fazia uma careta. Fechou os olhos e tornou a abri-los. A pintura estava do mesmo jeito que Michelangelo entregara ao papa Paulo III, em 1541. “O demônio não vai me intimidar. Sou um soldado de Deus”, disse para si. Ao chegar em casa, deixou a pasta no sofá e seguiu para seu altar pessoal. Um ícone de Jesus Cristo fitava-o em silêncio. Lembrou-se da jovem morta em sua igreja, de Andrea e de Simone. Caiu no chão, sem forças.

— Meu Deus, me ajude – suplicou aos prantos.

Meia hora antes de se deitar, David calçou as confortáveis pantufas Hercules da Church's. Trancou a porta do quarto e girou a maçaneta duas vezes. Estava protegido. No closet, bem organizado e com aroma de cedro, vestiu o pijama de seda. Poucos passos depois, estava na suíte, diante do espelho. Passou fio dental e escovou os dentes. Se não estivesse tão cansado, poderia sentar-se na poltrona de veludo do quarto e ler algumas páginas. Mas preferiu o conforto da cama. Acendeu o pequeno abajur sobre o criado-mudo e apagou as luzes do quarto. Lembrava-se de ter colocado a bengala embaixo da cama, mas resolveu checar, tateando o chão com a mão esquerda. Estava lá. Fechou os olhos. E relaxou. Segundos antes de dormir, quando a realidade e a fantasia se misturavam, foi surpreendido pelo rosto de um amigo de infância. David o conhecera no castelo de sua família, em Upper Slaughter. Durante alguns meses, eles se encontraram todos os fins de semana. “Como ele se chamava, mesmo?”, questionou-se. Certa noite, o amigo sumira misteriosamente. Seus pais nunca falaram sobre aquilo.

— Socorro! – David abria os olhos em seu quarto, em Upper Slaughter. Tinha sete anos e ainda estava assustado com o pesadelo. Fora atacado por homens com o rosto deformado. A cama em que o amigo dormia estava vazia. Levantou-se e pegou a raquete de tênis. Iria procurá-lo, mas precisava se defender dos monstros.

— Eles me levaram para o labirinto, David – ele reconhecia aquela voz.

— Não posso ir até lá. Está escuro – retrucou.

— Eles querem me matar, me ajude.

David abriu a porta principal, atravessou o jardim e chegou à entrada do labirinto. A chama de uma vela vermelha tremulava ao vento. “Nunca entre aí. Um demônio se esconde atrás dessas paredes”, advertira o pai inúmeras vezes.

— Será que ele o pegou? – perguntou-se.

— Me ajude, David.

Ele respirou fundo. Deu um passo, depois outro. “Meu Deus, me ajude a salvar meu amigo”, repetia, seguindo as velas vermelhas que serpenteavam no interior do labirinto. Ouviu vozes, cada vez mais intensas. “Devem ser os monstros”, concluiu. Levantou a raquete para se proteger do ataque. Chegou ao centro. Dezenas de velas pretas formavam um círculo em torno da pequena capela. O portão de ferro estava escancarado. Vozes subiam das profundezas. “São os monstros”, pensou. Deu um passo para trás.

— Me ajude, David. Eles querem me matar – era a voz de seu amigo.

Conteve a vontade de sair correndo e se aproximou. Passou por cima das velas.

Um grito agonizante paralisou-o por alguns segundos. Parecia ser ele. Espiou pela porta. Uma enorme escada de pedra desaparecia na escuridão. Apanhou uma das velas no chão e avançou, degrau após degrau.

— Venha logo, David.

— Onde você está? – sua voz ecoou. Gargalhadas. Homens com rostos deformados se atiraram sobre ele. Teve a impressão de ver o corpo do amigo sobre uma mesa.

— Vocês o mataram?

— Por que não obedeceu ao seu pai? – perguntou um dos monstros. David fechou os olhos. Ao abri-los, passeava de mãos dadas com o pai perto do labirinto. Um animal assustador pulou detrás de um arbusto e o encarou. Estava prestes a atacá-lo. David saltou da cama. Empunhava a bengala, pronto para se defender de monstros do passado.

— Fazia tempo que não tinha esse pesadelo – disse para si, guardando a “arma” embaixo da cama. Conferiu o horário: quatro da manhã.

Após quatro horas ininterruptas de oração, Pietro teve a impressão de ouvir uma voz.

— Eu sou o rei dos deuses.

— Jesus? – virou-se para o ícone diante de si, na espera de resposta.

— Feche os olhos. Mostrarei como meus servos me adoram.

O padre obedeceu. No mesmo instante, estava diante de uma escadaria. Havia marcas de sangue nos degraus. Um choro infantil ecoou no alto. Levantou o rosto e descobriu um templo sinistro. Sobre um altar de pedra, uma criança amarrada. Calculou quatro anos. Um homem surgiu detrás, vestindo túnica azul. Gritos estridentes. Um punhal atravessou o peito e rasgou o pequeno coração. O silêncio assustador de poucos segundos foi quebrado por um grito de guerra:

—Bölverkr!

Pietro acordou com o coração a mil. Ofegante. Levantou-se e foi até a biblioteca.

— Acho que peguei você! – concluiu vitorioso, apanhando um dicionário de deuses e demônios – Afinal, um deus pagão é um ótimo disfarce. *Bölverkr*, “o que traz males”. Um dos nomes de Odin. Outro nome, *Grímnir*, “o disfarçado”. Um dos disfarces é o de andarilho: capa azul e chapéu de abas largas. Bingo! Agora só me resta descobrir em que lugar você atacará, maldito! – exclamou, deixando o livro de lado.

Ligou o computador. Bloco de notas à mão. Abriu o Google e digitou o nome do deus nórdico. Descobriu, em uma das páginas, que *wednesday*, o quarto dia da semana, em inglês, derivava de seu nome.

— Inglaterra, Estados Unidos... – murmurou – Será que “fortificação no lago” é o código do país, da cidade... – pensava em voz alta, escrevendo aquelas palavras no buscador.

Seu rosto se iluminou. O nome do lugar estava diante de seus olhos: Londres. Uma das possibilidades de sua origem era a junção das palavras celtas *llyn* e *din*. E o significado mais provável era justamente aquele que o demônio revelara no enigma.

— Achei a fortificação no lago! Meu Deus, eu vos agradeço por terdes iluminado meu discernimento. Vamos ver quem sairá vitorioso, demônio disfarçado.

Preparou um café forte. Enquanto fazia anotações, pensou em um antigo colega londrino, o jornalista que o procurara para conversar sobre seitas satânicas e pedira seu auxílio para decifrar marcas diabólicas nos corpos de cinco mulheres brutalmente assassinadas. Foi um dos crimes em série mais macabros que ele jamais

vira. Sentiu um arrepio ao se lembrar das fotos. Assim que o dia amanhecesse, ligaria primeiro para o cardeal Gabriele Fioravante. Em seguida, contataria aquele jornalista brilhante. Talvez ele pudesse lhe retribuir o favor.

Na Câmara dos Lordes, *sir* Alexander Cotton estava ansioso para falar. Logo que o conde ao seu lado terminou um comentário, ele se levantou do banco vermelho. Aquele gigante de quase dois metros de altura era um dos raros nobres hereditários que conservaram o assento graças a um privilégio especial concedido pela rainha. Desde que o Partido Trabalhista resolvera mexer nas tradições políticas inglesas, *sir* Cotton levantara a bandeira contra os “porcos imundos que se refestelavam nas pérolas”. E seus discursos inflamados passaram a ressoar no saguão gótico em todas as sessões.

— Caros lordes, eles acham que têm o direito de dizer o que podemos fazer. Cresci caçando raposa com o meu pai, que caçava com meu avô, que caçava com meu bisavô. Nós fazemos isso há centenas de anos. Não me importa que cem mil raposas sejam mortas anualmente. Se depender de mim, elas continuarão sendo mortas. Hoje de manhã, apanhei essa aqui! – afirmou exaltado, retirando de dentro de um saco uma raposa ensanguentada. Um suspiro de repulsa perpassou a maioria dos presentes.

— Caro *sir* Alexander Cotton, esta é uma atitude inapropriada para este local – advertiu o presidente da Câmara.

— Quem eles são para proibir a caça às raposas? – prosseguiu *sir* Cotton, guardando o animal morto e ignorando a admoestação – Logo vão querer dizer o que podemos ter em nossas mesas. Ou quantas vezes devemos usar a privada.

No centro da bancada, dois *Crossbenchers* se entreolharam. Um deles fez um sinal com a cabeça e deixou a câmara vermelha. Cinco minutos depois, o outro repetiu o gesto. Encontraram-se no saguão principal aos pés da estátua do estadista Winston Churchill, com o sapato direito reluzente após ser esfregado por milhares de supersticiosos em busca de fortuna fácil. Aquele era um dos raros pontos do Westminster Palace sem microfones escondidos.

— Não aguento mais as bravatas inúteis de *sir* Cotton. Ele fez parte das negociações secretas com a rainha para ficar no cargo. Agora faz esse show de mau gosto – comentou o conde de Bedford.

— Ele tem sorte de ser descendente de *sir* Robert Bruce Cotton. O Duque intercederia a seu favor se fosse preciso. Vamos ao que interessa – disse o conde de Leicester.

— Os Quatro Anjos se encontraram. O mensageiro chega amanhã.

— Quem é?

— Um padre exorcista italiano chamado Pietro Amorth.

— O nome é familiar.

— É o mesmo que ajudou David no caso dos assassinatos – explicou o conde de Bedford – Aquele jornalista impertinente devia ter sido eliminado naquela época.

— Lembra-se da ameaça: “Quem estender um dedo contra David será queimado vivo”? Além de ser intocável, ele se tornou inofensivo – lembrou o conde de Leicester.

— Isso pode nos causar problemas. Quem você acha que o padre irá procurar quando chegar em Londres?

— O Duque Negro mantém as mesmas instruções.

— Ok. O bastardo será a sombra do padre. E já preparou as boas-vindas. Assim que ele chegar ao hotel, terá uma surpresa mais desagradável do que a raposa de *sir* Cotton – respondeu o conde de Bedford, com um sorriso no canto dos lábios.

Na capa do *The Star*, a chamada com maior destaque era “Fernanda Albuquerque e Feitiçaria”. O subtítulo dizia: “A top model e seu passado negro no interior do Brasil”. O editor-chefe havia reescrito o texto original entregue por David. Era a primeira vez que isso acontecia desde que o jornalista fora contratado pelo jornal. Uma expressão inicial de espanto – e depois de reprovação – surgia à medida que o autor lia a matéria, sentado em sua mesa.

— Steven miserável, você reescreveu a história. Isso não é jornalismo, é ficção – disse consigo, levantando-se para tirar satisfação com o chefe.

— Parabéns pela matéria, David. Vamos vender muito jornal. Mary, você terá um grande mestre por aqui – o editor-chefe estava diante dele, com a jornalista americana que faria parte de seu núcleo editorial.

— Será um prazer trabalhar com você – adiantou-se Mary, avançando sobre ele para lhe cumprimentar com um beijo.

— Tudo bem? Vamos conversar. Steven, depois quero falar com você sobre isso aqui – apontou para a capa do jornal, fulminando-o com os olhos.

— Quais são seus objetivos no *The Star*? – perguntou David, encarando a aprendiz. Seu cabelo encaracolado castanho-claro, os olhos, o nariz, a boca, o formato do rosto lhe eram estranhamente familiares. Sentiu o coração acelerar. Aquela mulher lembrava sua pequena Susan.

— Você vai fazer uma entrevista comigo? – indagou, erguendo a sobrancelha esquerda. Sorriso suave.

— Quero saber quais são suas pretensões no jornal. Assim, posso convencer o Steven a te encaminhar para outra editoria – disparou David.

— De moda, por exemplo? – ironizou Mary.

— Vou ser sincero. Gosto de trabalhar sozinho e não sou um bom professor.

— Também vou ser sincera. Sou uma excelente aluna. E nada modesta. Também não gosto de ficar sozinha... Não que isso tenha a ver com você.

“Que mulher atrevida. Quase insuportável... mas linda”, pensou David, tamborilando os dedos da mão direita na mesa.

— Como você deve saber, a top model Fernanda Albuquerque chega a Londres na semana que vem. Quero que descubra o que ela pretende fazer no tempo livre: lugares e horários...

— Posso adiantar um dos compromissos – interrompeu Mary, com um sorriso triunfal.

— Qual?

— Um chá da tarde comigo.

— Vocês se conhecem? – perguntou, incrédulo.

— Ela morou muitos anos em Nova York. Somos amigas.

David sorriu. A sorte esmurrava sua porta. Ficou em silêncio, observando Mary passar a mão direita no cabelo. Por um momento, pensou que Deus desejava se redimir com ele. E como pedido de desculpas por aquele terrível acidente, trouxera Susan de volta aos seus braços. “Bobagem”, pensou, atendendo seu celular.

— Padre Amorth? Que coincidência! Ontem, pensei em ligar para você. Queria fazer uma consulta. Amanhã você embarca para cá? Claro, podemos nos encontrar pessoalmente à tarde. Me ligue quando chegar. Até logo.

— Você precisa se confessar? – zombou Mary, assim que ele desligou o telefone.

— Talvez não seja uma má ideia – respondeu David, com um sorriso no rosto.

No dia seguinte, eram quase oito da manhã quando o avião iniciou o procedimento de descida. O padre aterrissaria em solo inglês pela primeira vez. Olhou pela janela e disse:

— Não adianta se esconder atrás da fortificação. Será afogado no lago, demônio.

A senhora que viajava na poltrona ao lado arregalou os olhos, assustada. Ele apenas sorriu, sem jeito. Ao descer do avião, no Heathrow, sentiu calafrios. Percebia uma tênue névoa escura envolvendo as pessoas. Seu faro espiritual pressentia a presença do Inimigo. Era um sinal evidente de atividade diabólica. Na esteira das bagagens, sentiu uma leve tontura e se apoiou no carrinho. Uma mulher, a poucos metros de distância, desmaiou. Os seguranças vieram em seu socorro. Após a confusão, as pessoas se preocuparam novamente com as malas. Alguém parecia vigiá-lo. Vasculhou o ambiente à procura de algo. Uma menina, do lado oposto, olhava fixamente na sua direção. Talvez fosse apenas curiosidade de ver um padre fora da igreja, como peixe fora d'água. Talvez não fosse uma criança. Pietro agarrou o crucifixo prateado que trazia no peito. “Ele não poderá defendê-lo, padre assassino”, a voz ecoou na sua cabeça. A criança de seis anos fez um gesto obsceno, sem que os pais percebessem. Pietro foi até ela.

— Sua filha está possuída – alertou ao pai, até aquele momento atento à esteira.

— Você é um desses padres pedófilos que adoram criancinhas indefesas? – berrou a mãe. Voz estridente. Tez pálida. Ossos salientes no rosto.

Um choro distante emergiu em suas lembranças. Cada vez mais alto.

— Desculpem-me, acho que cometi um engano – esquivou-se, afastando-se.

O que menos queria era causar um novo tumulto e chamar a atenção para si. Saiu de perto da família e foi esperar sua bagagem em outro ponto da esteira. Tinha certeza de que filha e mãe estavam possuídas pelo demônio. Rezou por elas em silêncio até apanhar sua mala. Tamanho médio. Não sabia quanto tempo permaneceria em Londres. Na área de desembarque, um homem alto, nariz pronunciado, testa larga e cabelo negro encaracolado, vestindo calça cinza-escuro e sobretudo preto, segurava uma placa com seu nome.

— Esse aí sou eu – anunciou sorrindo ao se aproximar dele.

— Me acompanhe, padre – respondeu sisudo, pegando sua mala.

Ao passarem por um quiosque de jornais, revistas e livros, uma manchete saltou aos olhos de Pietro: “Fernanda Albuquerque e Feitiçaria”. No subtítulo: “A top model e seu passado negro no interior do Brasil”. Pernas bambas. Respiração ofegante. A voz quase não saiu ao chamar seu guia – que andava a passos largos,

dois metros à sua frente – e pedir que o esperasse. Comprou um exemplar e colocou em sua pasta. No carro, um Mercedes cinza, sentou-se ao lado daquele inglês taciturno.

— Aonde vamos?

— Esperava que você soubesse – respondeu Pietro, ressabiado. – Enfim, siga para o Brompton Oratory – orientou-o, abrindo o jornal.

Ficou intrigado ao conferir o nome do autor daquela matéria: David Rowling. Para ele, não era uma simples coincidência. Poderia ser o dedo de Deus – que ele chamava de Providência Divina – ou uma cilada do Inimigo. Naquele momento, não sabia em qual possibilidade apostar.

Era seu segundo dia na redação do *The Star*. Chegou antes de David e foi conferir os e-mails. Notou que seu chefe chegara ao perceber uma discussão no fundo da sala. Elegante como no dia anterior, e com as mãos nos bolsos, o editor assistente acusava Steven de ter passado dos limites. E afirmava que não estava disposto a colocar seu nome em “engodos jornalísticos”.

— Você estava morto no mercado. Se não fosse por mim, continuaria sem assinar nada. É um ingrato! – respondeu Steven.

— Você é um irresponsável. Prefiro não assinar nada a assinar mentiras criadas por você. – David contra-atacou.

— Você me acusa de irresponsável? Assinou uma das maiores farsas da imprensa desse país. Se fosse escrita uma história do jornalismo inglês, seu nome seria fraude.

Mary levou um susto quando alguém tocou em seu ombro.

— Prazer, sou Carol, a editora de moda. Vamos tomar um chá?

— Prefiro café. Aliás, sou viciada em café.

— Café é a bebida da moda entre os ingleses. Mas não troco meu chá por nada. A casa de chá fica no último andar – disse Carolyn, pondo-se a caminho.

— Eles sempre discutem assim? – quis saber Mary, acompanhando-a.

— David quase nunca discute com ninguém. É um verdadeiro *gentleman*.

— E se veste muito bem – observou a novata.

— Nasceu em berço de ouro. O pai é um importante conselheiro da rainha. Não sei por que trabalha aqui e se sujeita ao Steven.

— Ele deve gostar de independência – comentou Mary.

— Ele não precisa de dinheiro. David e o pai cortaram relações há dois anos. Dizem que depois disso ele recebeu sua parte da herança. Alguns milhões de libras – revelou Carolyn.

— É verdade? – surpreendeu-se a americana.

— O salário de editor assistente não paga nem as roupas que ele veste. Sem falar em outros gostos caros.

— Por que ele brigou com o pai?

— Você terá tempo de perguntar isso para ele. O importante é saber que ele não se envolve com nenhuma mulher – respondeu, entrando na casa de chá e sentando-se na terceira mesa à esquerda.

— Ele é gay? – espantou-se a americana, acompanhando-a.

Aquela pergunta ia além da mera fofoca. Mary estava interessada em David, e Carolyn pegou isso no ar.

— Já saí com ele algumas vezes. O problema é outro. Uma tragédia na adolescência – respondeu, virando-se para a atendente. – Um *earl grey*, por favor.

— Para mim, um café americano, por favor – pediu Mary, sem desviar os olhos da editora de moda. Desejava que ela continuasse a história.

— Sinto muito, café, aqui, apenas espresso italiano – retrucou a garçonete.

— Tudo bem. Pode ser.

— Ele tinha passado o fim de semana com a namorada em um dos castelos da família. Na volta para Londres, perdeu o controle do Aston Martin e capotou algumas vezes. A namorada morreu. Mas aposto que ele ainda não conseguiu esquecê-la.

— Coitado... – murmurou, com o olhar distante.

— Além de perder Susan, ele precisou colocar pinos na perna direita. É difícil notar, mas ele manca um pouco.

— Café forte – comentou a americana, fazendo careta e deixando a xícara de lado – Acho que será difícil me acostumar a isso.

— Acho que você terá que mudar alguns hábitos, querida – aconselhou Carolyn, erguendo a caneca de chá.

No início, o padre achou o motorista ousado demais. Não respeitava os limites de velocidade, passava em sinal fechado e cortava outros carros. Seu silêncio também era suspeito. Algo estava errado.

— Devo ministrar a extrema-unção para nós dois? – ironizou Pietro.

— Não se preocupe, padre, não costumo falhar em meus serviços. Em poucos minutos, estaremos lá.

O padre sentiu alívio quando o carro estacionou diante do Brompton Oratory. Aquela fachada o fez sentir-se em casa. Em estilo barroco italiano, a segunda maior Igreja Católica da Inglaterra era uma cópia fiel da Il Gesù, a primeira igreja jesuíta de Roma, construída entre 1568 e 1584. A original ostentava uma de suas esculturas favoritas: “Triunfo da Fé sobre a Idolatria”. Sorriu ao lembrar-se da Religião, representada por uma mulher, esmagando a cabeça da serpente. “É um sinal de Deus. O cristianismo sempre vence”, pensou. Não percebeu quando o motorista retirou a bagagem do porta- -malas, deixou-a ao seu lado e, sem dizer uma palavra, entrou no carro e partiu.

— Padre Amorth, fico feliz em vê-lo – um homem alto e loiro, de traços delicados, trajando hábito, recepcionou o italiano na entrada da igreja e o conduziu para a hospedaria por um caminho lateral à imponente fachada. – Irei levá-lo aos seus aposentos. Sinta-se à vontade para fazer suas preces quando estiver descansado. Se preferir, pode usar a capela privada. O cardeal Newman gostava de rezar lá. É um lugar inspirador – prosseguiu o homem, que Pietro identificou como sendo Edward.

— Muito obrigado, padre. Tenho muito trabalho a fazer em Londres. Mas gostaria de participar de algumas celebrações religiosas no Brompton Oratory.

— Aqui está seu quarto – anunciou o anfitrião, parando diante de uma porta estreita de madeira escura. – Do jeito que pediu, modesto e com *wireless*. Hoje em dia, somos todos dependentes da tecnologia. Se precisar de alguma coisa, estou à sua inteira disposição.

O quarto era pequeno e austero. A cama de solteiro, no centro, dividia espaço com o minúsculo criado-mudo, um guarda-roupas de duas portas, uma cadeira de madeira sem estofamento e uma escrivaninha oposta à entrada. Ao lado dela, uma pequena porta indicava a entrada do banheiro. Da parede sobre a cama, pendia um crucifixo rústico. Era a única decoração do ambiente, que contrastava com a opulência da Church of the Immaculate Heart of Mary, popularmente conhecida como Brompton Oratory. “Deus deve ser glorificado pela riqueza. O homem deve

louvar ao Senhor na simplicidade”, costumava repetir aos seus anfitriões. Era sua maneira de dizer que preferia quartos modestos, sem ser indelicado. Ajoelhou-se diante da cruz e fez uma oração de agradecimento por ter chegado bem. Colocou sua pasta em cima da escrivaninha e abriu a mala sobre a cama. Arrumaria suas coisas antes de ligar para David. Notou um pequeno pacote estranho.

— Alguém mexeu aqui — concluiu, pegando aquele intruso sobre a batina dobrada.

O papel, úmido, se desfazia à medida que ele tentava desdobrá-lo. Não segurou o grito de pavor ao enxergar o pedaço de uma língua humana, ainda ensanguentada. Sentiu o corpo sem energia. Deixou cair o embrulho no chão e despencou sobre a cama. A cabeça girava. Enjoo. Conseguiu chegar ao banheiro antes de vomitar. Repetidas vezes. Sentou-se no chão de azulejos brancos. Respirou fundo três vezes. Voltou ao quarto, recomposto. Mexeu no pacote com a ponta do sapato. Um anzol metálico prendia a etiqueta plástica na carne. Limpou-a com um pedaço de lenço de papel e descobriu a inscrição: Tg 3,5-8. Era uma referência à Carta do apóstolo Tiago. Lembrou-se das palavras do cardeal Gabriele: “O demônio é um macaco de Deus, gosta de imitá-lo e se reveste de simbolismos divinos”. Pegou a Bíblia em sua pasta. A batalha estava apenas começando. E prometia ser sangrenta.

Assim que voltara do café, Mary cumprimentara David com um beijo no rosto. E já se passavam quarenta minutos sem que trocassem nenhuma palavra. O editor assistente estava em silêncio diante de seu computador, às vezes lendo algo, outras digitando. Mary pensava na conversa com Carolyn. “Esse acidente realmente traumatizou David”, ponderou, espreguiçando-se em sua mesa para espiar o chefe. Notou uma cicatriz em sua sobrancelha direita. Provável consequência do desastre. Até mesmo a lembrança visível de uma tragédia o deixava charmoso. Ele flagrou o olhar da jovem americana na sua direção. E respondeu com um sorriso discreto.

— Vocês não tomam café por aqui? – ela aproveitou a deixa para iniciar uma conversa.

— Prefiro chá. É uma bebida que respeita nosso humor.

— Pode ser mais explícito?

— O café sempre excita as pessoas. O chá pode excitar ou acalmar. Depende do seu desejo – comentou David.

— Prefiro viver ligada. E não gostei do café daqui. Não tem café americano. Você fuma?

— Gosto de cachimbo.

— Queria ver você fumando cachimbo. Nem meu avô fazia isso.

— Ele devia ser mais jovem do que eu – brincou David.

— Li sua matéria sobre minha amiga, a Fernanda...

— Meu nome está lá por acaso. Steven escreveu aquilo – justificou-se.

— Não importa. Achei exagerada. É uma visão torta. A Europa não é mais o centro do mundo. Nem o cristianismo é a religião oficial da humanidade.

— Pode ser mais explícita? – indagou David, repetindo as mesmas palavras de sua assistente.

— O pai da Fernanda praticava uma religião muito comum no Brasil. Uma mistura de catolicismo com rituais africanos.

— Interessante. Há sacrifícios?

— De animais. Como no judaísmo, por exemplo, a religião de Jesus Cristo. Aposto que o *The Star* nunca transformou judeus em adoradores do diabo. Foi muito injusto o que fizeram com o pai da Fernanda – disse Mary, elevando o tom da voz. David achou estranho seu interesse por religiões, mas decidiu não mudar o rumo da conversa.

— Qual é o nome da religião que o pai dela praticava?

— Candomblé. Sabe em que acredito, David? Se a fé é a moeda de troca das

peessoas com os deuses, os praticantes de candomblé têm mais poder do que os católicos que frequentam a missa por obrigação, e rezam sempre a mesma ladainha.

— Mary, se você tem problemas com a Igreja Católica, discuta com um padre. Se você acredita em deuses, e eles apreciam sacrifícios de animais, não me convida para participar do ritual. A menos que você cozinhe excepcionalmente bem – retrucou, com um sorriso discreto no rosto.

— Não entendi. É uma brincadeira?

— Talvez. Vamos ao que realmente interessa. Pelo que pesquisei, a Fernanda Albuquerque é espírita. E como você deve saber, o espiritismo foi fundado por um francês e se expandiu no Brasil. Você escreverá sua primeira matéria para o *The Star*. Quero que fale sobre a trajetória espiritual da sua amiga. O que ela aprendeu dentro de casa e como escolheu seu caminho.

— E quem me garante que o editor-chefe não vai deturpar tudo?

— Escreva a matéria em primeira pessoa, como amiga da top model – orientou David, atendendo o celular.

— Padre, tudo bem? Onde você está hospedado? Passo no Brompton Oratory às quinze para as cinco. Você é meu convidado para o chá da tarde.

— Não gosto de padres – provocou Mary, assim que seu chefe desligou.

— Se você conhecer o padre Pietro Amorth, tente ser simpática. Caso contrário, ele pode querer exorcizá-la. E mais uma coisa, escreva para mim o nome impronunciável desse culto afro-brasileiro. Consultarei o padre sobre ele – solicitou, voltando o rosto para a tela do computador.

“Assim também a língua, embora seja um membro pequeno, se gloria de grandes coisas. Comparai o tamanho da chama com o da floresta que ela incendeia! Ora, também a língua é um fogo. É o universo da malícia! Está entre os nossos membros contaminando o corpo todo e pondo em chamas a roda da vida, sendo ela mesma inflamada pela Geena! (...) nenhum ser humano consegue domá-la: ela é um mal que não desiste e está cheia de veneno mortífero”. Era a oitava vez que Pietro repassava aquele trecho da Carta de São Tiago. A metáfora, em princípio obscura, pareceu-lhe evidente na última leitura. A Igreja tinha uma confraria de exorcistas para prever e evitar um ataque diabólico. Certamente, seguidores da Besta também se reuniram para contra-atacar. Ele não temia os demônios durante os exorcismos. Gostava de provocá-los. Sua língua era uma espada afiada, golpeando-os incessantemente. Para os anjos caídos, sua língua estava cheia de veneno mortífero. Aquilo que encontrou em sua mala era uma ameaça. Tão palpável como o assassinato de seu assistente pela Colmeia Dourada. Sentiu um arrepio ao mirar aquele pedaço de carne no chão do quarto. E percebeu que algum infeliz tinha sido mutilado, ou morto, para que recebesse a mensagem macabra. Precisava se livrar daquilo. Era a prova de um crime. E se ele fosse acusado – talvez preso –, não conseguiria cumprir sua missão em Londres. Fez uma oração pela vítima do Inimigo. Enrolou papel higiênico em sua mão, pegou o pacote ensanguentado e o atirou na privada. A descarga se encarregou de levá-lo para longe. Com um pedaço de pano, limpou manchas de sangue no chão do quarto. Ainda precisava lavar uma das batinas. Conferiu o horário. Deixou a roupa dentro da pia, trancou o quarto e foi até a entrada do Brompton Oratory.

— Padre, tudo bem? – cumprimentou David, assim que Pietro surgiu de um caminho na lateral da imponente fachada. Era a primeira vez que se encontravam. O italiano pareceu-lhe mais jovem do que deduziu pelos inúmeros telefonemas trocados.

— Que bom encontrar você! – o padre ignorou a mão estendida e abraçou efusivamente o jovem jornalista, que, sem jeito, correspondeu e observou:

— Você é mais alto do que eu imaginava.

— E você é mais jovem.

Ambos sorriram.

— Espero que aproveite a estadia em Londres. Meu carro está aqui – disse David, abrindo a porta de um Jaguar esportivo preto.

— Sei que você é fluente em inglês, padre. Mas, se preferir, podemos conversar em italiano.

— Não é preciso. Quero aproveitar minha estadia aqui para exercitar meu inglês. Quantas línguas você fala, David? – perguntou Pietro, já acomodado no confortável banco de couro marrom-escuro.

— Inglês, italiano, francês, espanhol, alemão e árabe. Meu pai queria que eu fosse diplomata. Acho que uma de suas maiores decepções foi quando decidi ser jornalista.

— Árabe? – surpreendeu-se Pietro – Meu pai também não queria que eu fosse padre. Durante anos, não trocamos uma única palavra. Fizemos as pazes no casamento de minha irmã mais nova.

— Deixe-me adivinhar... Você era o padre? – indagou David, dando a partida no carro e pisando no acelerador.

— Isso mesmo. Ele chorou a cerimônia inteira. Na festa, me abraçou e disse: “Obrigado por ser meu filho”.

— História comovente, padre. A minha foi um pouco diferente. Lembra-se daquelas matérias sobre os assassinatos?

— David, não tenho a menor dúvida de que havia uma seita satânica por trás daquelas atrocidades – respondeu Pietro, que defendera aquela tese ao ser consultado por David.

— Eu também não. Mas a Scotland Yard não concordou com a gente. Nem meu pai, que cortou relações comigo.

— Espero que algum dia ele agradeça pelo filho que tem. Para mim, David, a investigação policial foi uma fraude dos satanistas. Eles estão infiltrados em todos os lugares. E são mais perigosos do que você possa imaginar.

— Me fale mais sobre essa ameaça, padre.

— Estou em uma missão confidencial, David. Preciso confiar em você. Quero que me prometa algo.

— O quê? – perguntou, resabiado.

— A partir de agora, todas as nossas conversas serão em *off*.

— Considere-as segredo de confissão, padre. Por falar em segredo, o que você andou aprontando? Tem um Mercedes cinza nos seguindo desde que o peguei no Brompton.

Pietro olhou pelo retrovisor. Era o mesmo carro que o apanhara no aeroporto.

Aos sete anos, Andrew teve uma experiência terrível. Dormira em uma cama confortável e espaçosa. Ao despertar, mal conseguia se mexer. Braços amarrados sobre o peito. Pés unidos por uma fita. O lugar era estreito e rígido. A luz oscilava em pequenas velas ao redor de seu corpo. Tentava gritar. Voz presa na garganta. Tontura. Homens com capas pretas. Espadas em seu rosto. Palavras incompreensíveis. Desde aquele pesadelo, morrera para o mundo. Deixara de frequentar a escola e perdera o melhor amigo. Sob os cuidados de *monsieur* Moureau, passara os anos seguintes em um castelo no interior da República Tcheca. Enquanto seus antigos colegas aprendiam matemática, história e literatura inglesa, ele era iniciado nos mistérios da magia. E jurou servir o Duque Negro com a própria vida. Era seu filho bastardo e descobrira isso poucas horas antes da iniciação. A família adotiva morrera em um incêndio criminoso havia quatro meses. A gratidão pelo homem que o recebera de braços abertos o transformava no mais leal dos empregados. Seguindo as ordens de seu pai, plantara uma ameaça real na bagagem do padre. E não desgrudaria os olhos dele enquanto estivesse em solo inglês. Acelerou quando o Jaguar esportivo aumentou a velocidade. E parou a alguns metros assim que ele entrou em um estacionamento na Bayswater Road.

— Uma pequena caminhada de dez minutos. Espero que não se importe – David disse a Pietro, apanhando a bengala no banco de trás.

— Se o resultado compensar... – brincou o padre.

— Estamos indo a um dos meus lugares favoritos para o chá da tarde. O passeio pelo parque é o *amuse-bouche*. Pensei em ligar para você há uns dois dias. Tive um sonho estranho e achei que talvez pudesse me ajudar a entendê-lo.

— Que tipo de sonho?

— Um dragão vermelho... Acho que tinha sete cabeças e dez chifres. E alguém chamado Samyaza – revelou David, entrando no parque.

— Sinais. Quando o demônio está se preparando para atacar algum lugar, pessoas mais sensíveis costumam ter sonhos apocalípticos. O dragão é um clássico. Falei sobre ele na minha última palestra.

— Como assim, padre? Ataque do demônio? Explique melhor.

— Qual é sua religião, David? – indagou Pietro, diminuindo o ritmo da caminhada.

— Isso é relevante?

— Nesse caso, sim.

— Tive formação anglicana. Mas deixei a igreja há alguns anos.

— Qual foi o motivo?

— Você seria um ótimo repórter, padre. Tive um acidente de carro. Perdi minha namorada – impacientou-se David.

— Gosto muito de um autor inglês chamado C. S. Lewis. Ele escreveu *O Problema do Sofrimento*. Acho que a leitura desse livro lhe faria bem.

— Obrigado pela sugestão. Vamos continuar nossa conversa durante o chá da tarde.

Os dois chegaram ao Orangery. O *maître* os conduziu pelo salão até a mesa favorita de David, à direita da entrada. Sentaram-se diante de uma ampla janela com vista para o parque. Além deles, três casais e um homem solitário dividiam a atenção do *staff* naquele restaurante do século XVIII.

— Um Tea Palace English Tea, com *earl grey*, por favor – solicitou o jornalista, apoiando a bengala na mesa.

— Para mim, com café. Bem forte – pediu Pietro.

— Agora me fale sobre dragões, demônios e sua missão em Londres, padre.

— Em *off*, David. Faço parte de uma confraria de exorcistas. Para nós, Satanás não é uma metáfora. Ele é tão real como as pessoas que estão neste salão.

— Tão real como Samyaza, que teve relações sexuais com mulheres? Por que você me ligou? – inquiriu David.

— Minha missão é impedir que o demônio vença uma batalha. Preciso que me ajude – revelou Pietro, olhos suplicantes.

— Respeito suas crenças, mas não consigo perceber uma ameaça real.

— Na madrugada de domingo, uma moça morreu enquanto eu fazia o ritual de exorcismo. Logo depois, meu assistente foi assassinado por membros de uma seita satânica chamada Colmeia Dourada. Hoje, quando abri minha mala, havia uma língua humana dentro dela. Ainda com sangue. Isso é ameaça real, David! – disparou Pietro, debruçando-se sobre a mesa e encarando o jornalista.

— E não nos esqueçamos de que fomos perseguidos até aqui – reforçou David, mudando seu rumo na conversa. “Pode ser uma excelente matéria”, farejou.

— Acho que posso prosseguir... Em uma reunião a portas fechadas, os membros dessa confraria apresentaram frases enigmáticas ditas por demônios durante os exorcismos. Essas charadas diabólicas indicam três coisas. A primeira: o lugar em que o diabo atacará. Essa foi simples de decifrar. A resposta era Londres. As outras duas apontam o caminho que o Inimigo utilizará para atingir seu objetivo e uma pessoa-chave, seu testa de ferro.

— Então, vamos lá. Qual é o caminho?

— **“Ave... Os olhos onipresentes da rainha revelam a chave de Armon”** – respondeu o padre.

— Os olhos onipresentes da rainha? – indagou David.

— O que significa?

— Conhece o espião inglês James Bond?

— Sim, aquele dos filmes. O que ele tem a ver com essa história?

— Seu codinome é 007. Entre os séculos XVI e XVII, um homem chamado John Dee se tornou o espião favorito da rainha Elizabeth I. Sabe como ele assinava as cartas para sua majestade? – questionou David, com um quase sorriso.

— Zero, zero, sete?

— Sim, o verdadeiro. Além de espião, ele era o astrólogo da rainha. Foi ele quem escolheu a data de sua coroação. Também era geógrafo e defendia a formação de um Império Britânico para a dominação do mundo.

— E onde ele se encaixa nesse enigma?

— A rainha o chamava de “meus olhos onipresentes”. E Armon, pelo que pesquisei recentemente, é o lugar onde os demônios juraram lealdade a Samyaza. Isso significa que John Dee guarda a chave do inferno? – perguntou David.

— Talvez aponte para as armas que o diabo vai utilizar. Preciso pesquisar mais sobre ele.

Na mesa ocupada mais próxima dos dois, estava um homem solitário de cabelo ruivo bem aparado e sardas no rosto. Vestia um sobretudo cinza escuro disfarçando o corpo atarracado e os músculos esculpidos. Ele pegou o celular e fez uma ligação. Outra pessoa entrou no restaurante. Era um homem alto, nariz pronunciado, testa larga, cabelo encaracolado. Vestia terno e camisa pretos. Óculos escuros. O padre, de costas para o salão, não notou sua presença. Era Andrew.

Durante a tarde, o senador americano Karl Bundy não atendeu telefonemas em seu gabinete, nem assinou despachos ou recebeu aliados políticos. Jogou paciência em seu computador, enquanto aguardava apenas uma ligação. Aquele era o assunto mais importante de sua vida. Graças a ele, recebera um assento no Senado Americano, com apenas trinta anos. Se algo saísse errado, sua sorte mudaria em poucos segundos. E, provavelmente, seu corpo seria esquartejado vivo. Segundo a lenda, era esse o destino das pessoas se traíssem a confiança do banqueiro Max Freeman. Ficou aliviado quando o celular tocou e ele reconheceu o número.

— O chá está esplêndido – anunciou a voz conhecida.

— Espero que esteja bebendo *earl grey* – aquela era a contrassenha. – Prossiga, Michael.

— Os alunos fizeram a lição de casa.

— Excelente. Estão indo bem?

— Sim. Tiraram oito no exame de gramática.

— Quero que continue dando suas aulas de reforço. O desempenho dos alunos depende de você.

— Não se preocupe, eles vão passar de ano – respondeu Michael, desligando o celular e pegando um minissanduíche de pepino.

Na mesa ao lado, um padre e um homem elegante passavam geleia de laranja em *scones*. E conversavam sem parar. Outro homem, solitário como ele, acabara de se sentar na mesa ao lado. E não disfarçava a vigilância sobre os dois.

— E qual é o enigma que indica a pessoa-chave? – indagou David.

— **“A verdade está sob o selo. O leão coroado reclama seu trono. Ele vem do Tronco de Jessé”** – revelou Pietro.

— Esse é hermético. Parece bíblico. Não poderia decifrar. A menos que... – dizia o jornalista, até interromper a fala e erguer a sobancelha com a cicatriz.

— Não faça tanto suspense.

— Você está em Londres. O demônio escolheu armas inglesas. A pessoa deve ser daqui.

— Não tenho dúvida disso, mas como decifrar a charada? – inquiriu Pietro, alongando as costas no espaldar da cadeira.

— As famílias inglesas mais tradicionais podem ser identificadas por brasões heráldicos. Talvez o selo do enigma seja isso.

— Não tenho dúvidas de que Deus o colocou em meu caminho, David – disse Pietro, abrindo um largo sorriso.

— Obrigado, padre. Mas não será muito simples encontrar essa pessoa. Há milhares de brasões por aqui. E o leão é tradicional na heráldica inglesa. Por exemplo, o brasão do país tem três.

— Com a ajuda de Deus, conseguiremos – retrucou Pietro, colocando David no mesmo barco.

— Me conte uma coisa. O que você fez com a língua? – quis saber o jornalista.

— Joguei na privada e dei descarga. Não quis correr o risco de ser encontrado com ela e precisar me explicar para a Scotland Yard. Sabemos que os satanistas estão infiltrados lá.

— Tem razão. A propósito, você conhece essa religião? – perguntou David, retirando um papel do bolso da calça e entregando-o ao padre.

Ele tremeu ao ler aquela palavra. Deixou de lado o *scone* que estava prestes a abocanhar. Uma gota visível de suor escorreu em seu rosto.

— Li o artigo sobre a modelo brasileira. Você escreveu sobre isso. O que mais quer saber? – respondeu, atropelando as palavras, sem conseguir disfarçar o nervosismo.

— Padre, você está enganado. Não escrevi sobre isso na matéria. Minha assistente, que é amiga de Fernanda Albuquerque, me falou sobre essa religião hoje de manhã. E como não sei pronunciar a palavra, pedi a ela que escrevesse para mim. Queria consultá-lo sobre isso – seu faro jornalístico apurado o alertava de que o padre escondia algo.

— Vi que você escreveu sobre magia negra. E candomblé é feitiçaria brasileira. Acho que me precipitei – esquivou-se.

— Segundo minha assistente, essa religião é resultado do sincretismo religioso entre cultos africanos e catolicismo. Ela disse: “Se a fé é a moeda de troca das pessoas com os deuses, os praticantes de candomblé têm mais poder do que os católicos que frequentam a missa por obrigação” – provocou David. Pela experiência, sabia que as pessoas costumavam se trair quando nervosas. Gostava de usar aquele artifício em entrevistas delicadas.

— Você poderia usar esse mesmo argumento para justificar o sacrifício de pessoas em cultos satânicos. Se eles têm fé, podem assassinar à vontade. Deus não barganha com criminosos, David! – exaltou-se Pietro, dando um murro na mesa e chamando a atenção do *staff* e dos outros clientes.

— Espero que esteja apreciando o chá da tarde – contornou David, servindo-se de uma fatia de bolo de chocolate. “Como são fleumáticos esses italianos”, pensou.

— Muito bom. Mas agora, preciso ir ao toalete – respondeu Pietro, levantando-se e inspecionando o salão.

Coração disparado. Respiração curta e rápida. Sentou-se novamente, aproximou o corpo da mesa e sussurrou:

— David, se não me engano, o homem que me buscou no aeroporto está aqui. Deve ter sido ele quem colocou a língua na minha mala. E nos seguiu até aqui.

O olhar de David cruzou com o de Andrew. Borboletas no estômago. Aqueles olhos lhe eram tão familiares... O destino estava lhe pregando peças nos últimos dias: uma assistente parecida com a falecida Susan e, por coincidência, amiga da top model Fernanda Albuquerque, o ressurgimento do padre Pietro Amorth e, agora, aquele olhar. Naquele momento, os demônios eram reais. E remexiam em suas piores lembranças.

— Vamos embora, padre – sugeriu, levantando-se da cadeira.

Logo após o telefonema, o senador Karl Bundy desmarcou outros compromissos e embarcou para Nova York. Às vinte e uma horas, chegou ao GE Building, no Rockefeller Center. Subiu até o sexagésimo quinto andar. Com o *maître*, passou por algumas portas até o salão dourado. Vazio. Lustres exagerados. Decoração *démodé*. Vista esplêndida da cidade. “Por que ele marcou neste lugar decadente com tantos restaurantes excepcionais em Nova York?”, questionou-se. Em menos de um minuto, um homem aparentando pouco mais de cinquenta anos, cabelos grisalhos bem aparados, terno azul-escuro com camisa branca e gravata vermelha surgiu de uma porta lateral.

— Por que escolhi aqui, senador Bundy? Deste lugar, John Rockefeller vislumbrava o mundo. Era aqui que ele se reunia com os líderes das treze linhagens. Entre eles, seu bisavô. Prazer em conhecê-lo, senador. Você já deve ter ouvido falar de mim: Max Freeman – apresentou-se, estendendo a mão ao convidado que ficara em pé para recebê-lo.

Apesar do nervosismo, Bundy notou que ele tinha um espesso anel de ouro no dedo indicador da mão direita.

— Sim, é igual ao anel que seu pai lhe deixou. Você deve usá-lo após este encontro. E não tirá-lo mais do dedo – continuou o banqueiro, parecendo ler seus pensamentos.

— Muito prazer, senhor Freeman. Agradeço tudo o que tem feito por mim.

— É hora de você saber algumas coisas sobre nós, Bundy.

— Sobre quem? – indagou perplexo, sentando-se logo após o anfitrião.

— Os Soberanos Invisíveis.

— Os conspiradores? – Bundy deixou escapar.

— Para nossos inimigos, sim. Eles não aceitam nossa escolha.

— Que escolha?

— Nosso grupo reúne treze dinastias. A mais importante permanece oculta desde a invasão de Israel pelos assírios, no século VIII antes de Cristo. Sua origem é uma das doze tribos, considerada maldita pelos autores da Bíblia. Sua genealogia foi omitida no Antigo Testamento, e São João a deixou de fora do Apocalipse. Você perguntou qual é a nossa escolha? Somos o outro lado da história, Bundy. Nosso mestre escolheu a tribo de Dã e a ela juramos lealdade. O que você vê nesse anel? – perguntou, estendendo a mão na altura dos olhos do senador, sorriso de satisfação no rosto.

— Uma águia com uma serpente no bico.

— Exato. Esse é o símbolo da linhagem real. Nossos irmãos ingleses preferem usar outro. Costumam gravá-lo abaixo do brasão de família.

— Posso saber a natureza da missão em Londres? – questionou o senador.

— Por isso o chamei aqui. O grão-mestre inglês está com problemas para dar continuidade à linhagem real.

— Por que não escolhemos outro líder?

— Isso aqui não é uma democracia, rapaz! – exasperou-se Freeman, esmurrando a mesa. – O sangue vale mais do que tudo. E o Duque Negro é um autêntico descendente de Dã.

— Me desculpe, senhor – adiantou-se Bundy, com o coração aos saltos. Não queria conferir se os boatos sobre a vingança de Freeman seriam verdadeiros.

— Aprenda isso: desculpar-se é para os fracos – o banqueiro olhou fixamente para o interlocutor por alguns segundos antes de prosseguir – Há algumas semanas, o mestre supremo me revelou que era o momento de assumir as rédeas.

— Por isso enviamos o anjo da guarda para Londres?

— Isso mesmo. É importante que tudo fique claro para você. O fracasso nesta missão é intolerável. O anjo da guarda deve guiar nosso adversário ao lugar certo. E não pode ser descoberto até o confronto final. Vamos jantar?

Estava escuro quando David e Pietro deixaram o Orangery. Silêncio e passos apressados até o estacionamento. Sentiram alívio ao entrar no carro. O jornalista estava introspectivo, um pouco abatido. Ficaram quietos durante quase todo o percurso. A poucos minutos da entrada do Brompton Oratory, David quebrou o silêncio:

— Qualquer problema, me avise.

— Estou cansado, mas não posso perder tempo. Vou pesquisar a vida de John Dee.

— Cuidado para não dormir no computador. A cama é mais confortável – brincou David.

— Obrigado por me ajudar.

— Se eu puder colaborar com algo mais, não hesite em ligar.

— Você ainda não se livrou de mim – disse Pietro, olhando para os dois lados da rua antes de sair do carro – Acho que, desta vez, não fomos seguidos.

A caminho de casa, o celular de David tocou. Ativou o viva-voz. Era sua assistente.

— Olá, Mary, conseguiu escrever a matéria?

— Escrevi, mas estou insegura. Gostaria que lesse.

— Você esqueceu que sou o editor? Vou fazer isso amanhã de manhã, antes de passar para o Steven.

— Queria que lesse hoje – insistiu.

— Passe para o meu e-mail. Se tiver tempo, faça isso – impacientou-se David.

— Pensei que fosse me convidar para tomar chá.

— Outro dia... Talvez.

— Boa-noite, David. A gente se encontra amanhã. Tchau.

— Mas que impertinente! – concluiu o jornalista ao término da ligação.

Sentiu vontade de ligar de volta e convidá-la para jantar. Era a primeira vez, em muitos anos, que desejava alguém ao seu lado. Sairia com a Carolyn se quisesse apenas sexo. Era a melhor entre quatro paredes. E dava em cima dele sempre que as circunstâncias permitiam. Mas Mary tinha algo que desafiava seu coração. Como Susan... Talvez a convidasse para sair se não fosse seu chefe. E não pudesse ser acusado de assédio. Não estava disposto a mais um escândalo em seu currículo profissional. Estacionou na garagem de sua mansão, na tranquila Hampstead Street, quase vizinha da casa onde John Keats escreveu *Ode a um Rouxinol*. Comprara a propriedade do século XVII com parte do adiantamento de sua herança. A imponente

fachada era quase uma cópia da Fenton House, com suas amplas janelas e duas chaminés erguendo-se nas laterais. Foi até a sala de estar. Taça de conhaque. Ligou o som: *A Arte da Fuga – Contrapunctus III*, de Bach. Cachimbo na mão. Acomodou-se na poltrona perto da lareira apagada. Precisava pensar. Era evidente que o padre estava escondendo alguma coisa. Mas, de qualquer maneira, sua história era muito boa. Mutilação, assassinato, enigmas diabólicos e profecias macabras. Ingredientes perfeitos para uma grande reportagem. Ainda mais sendo sua fonte o enviado do Vaticano para uma missão secreta em Londres. Talvez tudo aquilo trouxesse à tona os crimes em série que abalaram a sociedade inglesa e causaram sua ruína profissional. Talvez fosse a chance de provar que fora vítima de uma conspiração satânica. E que sempre estivera certo sobre a identidade real dos criminosos. Lembrou-se da reconciliação de Pietro com o pai. E foi surpreendido por uma lembrança de quando tinha seis anos de idade. Passeava de mãos dadas com seu pai no bosque do castelo, em Upper Slaughter. Um cão negro saltou detrás de um arbusto e avançou sobre ele. Parou a poucos centímetros. Pelos das costas ouriçados. Patas como as dos grifos que ornamentavam os portões de entrada. O focinho parecia chaleira no fogão, expelindo fumaça. Enquanto rosnava, presas à mostra babavam sangue. Seus olhos soltavam faíscas semelhantes às brasas da lareira. Eram amedrontadores. Ele abraçou as pernas de seu pai e escondeu o rosto. Um solavanco. Ouviu um breve e terrível grunhido. Ao virar-se, o cão estava com uma espada atravessada no pescoço. Era a arma que seu pai trazia escondida na bengala. Era a arma de seu herói. Ele evitara que o monstro o devorasse. “Se meu pai admitisse que eu estava certo, poderíamos voltar a nos ver”, consolou-se. Fechou a mão em punho.

— Desta vez, vocês não me escapam, miseráveis.

O pequeno quarto de Pietro fora arrumado. A batina com manchas de sangue, que ele jogara na pia do banheiro, estava sobre a cama, limpa e passada.

— São mais eficientes do que eu gostaria – disse, verificando se não faltava nada em sua pasta.

Pegou o jornal. Leu o texto assinado por David. Falava sobre o pai da modelo, um praticante de magia negra misteriosamente assassinado. O corpo, descoberto em um matagal, trazia dezenas de punhaladas. Estremeceu com a descrição. Aquela brasileira, Fernanda Albuquerque, trazia lembranças que ele preferia esquecer. “Ele é muito esperto. Deve ter desconfiado de algo. Por que eu disse que tinha lido a matéria? Sou estúpido. Tenho que aprender a ficar de boca fechada. Não posso colocar tudo a perder”, pensou, abrindo o *notebook* sobre a escrivaninha. Olhou para o crucifixo sobre a cama. Uniu as mãos em prece.

— Obrigado, Senhor, por ter guiado meus passos até aqui. Me ilumine para que eu consiga realizar essa missão.

Buscou o nome “John Dee” na internet. Milhares de páginas. Começou pela biografia postada em uma enciclopédia digital. Aquele personagem intrigante era um dos homens mais cultos de sua época. Estudou em Oxford e lecionou em Paris. Sua biblioteca particular, com mais de três mil volumes, tornou-se a maior da Inglaterra e uma das mais cobiçadas por estudiosos de todas as partes do mundo. Como um autêntico renascentista, John Dee colecionava conhecimentos em várias áreas. Era matemático, astrônomo, geólogo. Também era especialista em códigos e mestre em ciências ocultas. “Ou artes diabólicas”, o padre corrigiu em pensamento. Segundo o texto, John Dee e seu colaborador, Edward Kelley, receberam revelações dos mesmos anjos que apareceram ao patriarca Enoque. Foi assim que nasceu a magia enoquiana.

— Anjos ensinando magia? Caro John, como cristão, deveria saber que uma das ciladas do demônio é se disfarçar de anjo de luz – disparou Pietro.

Deixou a biografia e acessou a página de uma organização inglesa fundada em 1897. O principal objetivo da Aurum Solis era divulgar os ensinamentos herméticos do verdadeiro 007. O padre fez o *download* de um texto que explicava os princípios da magia enoquiana. Apesar de ter estudado ciências ocultas durante anos a fio para discernir as “Marcas da Besta” e desvendar cultos satânicos, Pietro não entendeu quase nada daquele artigo. E duvidava que seu autor pudesse explicá-lo de maneira satisfatória. Possivelmente John Dee utilizara seus conhecimentos em criptografia para desenvolver seu próprio sistema de magia. Avançou algumas páginas e

encontrou uma tabela intitulada “Alfabeto Enoquiano”. Ele tinha vinte e uma letras e era escrito da direita para a esquerda. As letras estavam divididas em três grupos de sete. Isso era proposital. Três era uma referência à trindade divina.

— Macaco de Deus! – exclamou ao ler aquilo.

Após a criação da “linguagem do demônio”, como o padre a batizou, John Dee compilou um livro contendo noventa e cinco quadrados, cada um com dois mil quatrocentos e um espaços. A maioria fora preenchida com letras e números. Soterrada em páginas e páginas de símbolos, estaria a arma escolhida pelo diabo para a batalha final. Pietro lembrou-se do enigma: “**Ave... Os olhos onipresentes da rainha revelam a chave de Armon**”. Buscou a palavra *Ave* no artigo. Era o nome de um dos anjos que se comunicavam com John Dee e Edward Kelley. Conforme o artigo, além de presenteá-los com a mais perfeita das ciências, que dava poder para comandar anjos e demônios, Ave ensinara a eles uma nova doutrina: Jesus não era Deus e roubara Sua honra, portanto, nenhuma oração deveria ser dirigida a Ele; não existia pecado e o Espírito Santo era uma fábula. Alguém bateu à porta do quarto. Pietro levou um susto. Era Edward.

— Padre, gostaria de convidá-lo para jantar conosco.

Andrew deixou o Orangery meia hora após David e Pietro. Sabia que o homem solitário ao seu lado pagara o *maître* para colocar uma escuta na mesa dos dois. Ele adotara outro método. Pelo seu *tablet*, rastrearía as incursões do padre pela internet. A camareira do Brompton Oratory plantara um dispositivo eletrônico no *notebook* de Pietro sem que ele precisasse desembolsar nenhum centavo. E com garantia de lealdade. Qualquer movimento em falso, Andrew mataria seu filho. “Padre estúpido, vamos ver quem é mais esperto. E você, David, logo será descartado. Quero matá-lo com minhas próprias mãos”, remoeu esses pensamentos a poucos metros da saída do Kensington Park. De seu carro, ligou para o conde de Bedford.

— Segui os dois até o chá da tarde. Há mais gente interessada nesse encontro.

— Não é possível!

— Um homem colocou uma escuta na mesa.

— Sabe algo sobre ele?

— Muito pouco. Ele tinha sotaque americano.

— Obrigado. Preciso desligar. Tenho uma ligação urgente para fazer.

— Qual é a próxima ordem?

— Siga os passos do padre e me informe sobre tudo.

— E David?

— Deixe-o de lado. Ele não nos interessa nesse momento.

“Para eles não passo de um peão”, ressentiu-se Andrew assim que o conde desligou. Cenho franzido. Chegou ao Lamb and Flag, *pub* do século XVII apelidado de Balde de Sangue por ter sido palco de lutas sangrentas regadas a cerveja. Com uma caneca de *real ale* na mesa, *tablet* à mão, seguiu os passos do padre italiano no mundo virtual: “John Dee”, “magia enoquiana”, “linguagem enoquiana”. Ergueu a bebida em homenagem ao *monsieur* Moureau, que o transformara em um expert na arte secreta de John Dee. Na segunda caneca, Andrew tomara uma importante decisão. Provaria aos lordes que estava acima de todos eles. E brilharia aos olhos de seu pai. Lembrou-se de uma citação que seu mestre francês sempre repetia: “O destino mistura as cartas, nós jogamos”. Era do filósofo Arthur Schopenhauer. O baralho ainda não fora repartido, mas Andrew já conhecia as cartas. E achava que poderia jogar melhor do que seus adversários.

Antes de dormir, David acessara os seus e-mails. Das dezenas de mensagens recebidas, abriu apenas três. A irmã enviava notícias de Harvard, onde estudava direito internacional há dois anos. “Ela faz falta”, suspirou o jornalista. O editor-chefe, Steven, exigia sua presença na reunião de pauta do dia seguinte. “O diretor cobrou mais matérias bombásticas sobre a top brasileira”, dizia. “Talvez ela esteja no próximo e-mail”, pensou, abrindo a mensagem de sua assistente: “A matéria está anexada. Espero que goste. Beijos, Mary”. Imprimiu o texto. Caneta à mão.

— Isso está bom. Nem parece que é de uma novata – concluiu em voz alta ao terminar a leitura.

Estava surpreso. Havia informações inéditas e bem escritas. “O Steven vai cair da cadeira quando descobrir que entregou ouro em minhas mãos”, imaginou, com um sorriso sarcástico no rosto. Colocou o despertador para as seis e meia. Queria caminhar no parque antes de ir à redação. Já dormia há algumas horas quando teve a sensação de que não estava sozinho em seu quarto. Coração acelerado. Suor nas mãos. Abriu os olhos. Conferiu o horário: quatro da manhã. Um grito de susto. Diante de sua cama, um homem alto e magro. Barba longa, cabeça coberta por touca, túnica escura. Aquela pessoa lhe era estranhamente familiar. Talvez já a tivesse encontrado. Não nas ruas de Londres do século XXI. Possivelmente na National Portrait Gallery. Fechou os olhos e tornou a abri-los. Era como se um retrato do século XVI tivesse se livrado da tela e ido parar ao pé de sua cama.

— Como você entrou aqui? – arriscou a pergunta.

O intruso balançou a cabeça, negativamente. E estendeu as duas mãos em sua direção. Sobre elas, um livro de aproximadamente vinte centímetros de comprimento e dezoito de largura. A lombada era prateada. David calculou cerca de cinquenta páginas.

— O que quer com isso? – insistiu.

— *Othil lasdi babage od dorpha Gohol!*

— Não consigo entender nada disso. Deixe-me, ao menos, anotar – pediu David, acendendo o abajur e pegando, no criado-mudo, bloco de notas e caneta.

Virou-se para o estranho. Não estava mais lá. No instante seguinte, ele também não. Sentado em um banco do Saint James’s Park, esperava a namorada, relendo *A Tempestade*. Apesar de entretido com o livro, conferiu o relógio. Ainda faltavam alguns minutos para o horário combinado. Voltou à peça de William Shakespeare. Terminava mais uma página quando foi surpreendido por mãos macias cobrindo seus olhos. O perfume era inconfundível.

— Mary?

Assustou-se ao pronunciar aquele nome. “Droga, queria dizer Susan”.

— Ainda bem que já se acostumou comigo – respondeu ela, descobrindo seu rosto e dando-lhe um beijo – Vamos almoçar?

— Você está linda. Mas precisamos ficar aqui mais um pouco.

— Por quê? Estou com fome... – insistia a americana.

— Olhe em direção ao Westminster Palace, sobre a torre do Big Ben.

— O que tem? – impacientou-se Mary.

— Espere... Vai surgir um dragão com várias cabeças.

— Você está maluco. Se eu acreditasse realmente nisso, David, preferia estar bem longe daqui quando seu monstro aparecesse.

— Então vamos – ele consentiu, contrariado.

Caminhou em silêncio, apreensivo, esperando um estrondo no céu. Nada. Sentiu desconforto. Teve a impressão de estar sendo vigiado. A poucos metros de distância, um homem trajando terno cinza-claro e chapéu preto lia seu jornal. David notou um estranho objeto sob o banco. Talvez ele tivesse deixado cair sem perceber.

— Senhor, acho que perdeu algo – disse, assim que se aproximou.

Ele encarou David e exibiu um sorriso sarcástico.

— Quem é você?

— Samyaza. Escolheu a puta muito bem. Mal posso esperar a hora de provar o mel dessa vadia.

O alarme tocou: seis e meia da manhã. Sobre o criado-mudo, o bloco de notas estava aberto. Com sua caligrafia, arrastavam-se na página palavras em uma língua incompreensível.

Após o jantar com os outros padres, Pietro voltara ao computador. Queria aprender tudo sobre John Dee e magia enoquiana, na esperança de encontrar alguma pista concreta. Fizera o *download* de alguns manuscritos digitalizados. Queria ler os textos originais, em inglês e latim, esquivando-se de possíveis equívocos nas traduções. Interessara-se particularmente por *De Heptarchia Mystica*, *Claves Angelicae*, *Liber Scientiae Auxilii et Victoriae Terrestris* e *Monas Hieroglyphica*. Bloco de notas à mão, passara a madrugada debruçado sobre revelações heréticas de supostos anjos. Aprendera as bases daquele sistema complexo de magia e estudara os princípios da linguagem de John Dee. Talvez precisasse deles para desvendar futuros enigmas. Após horas de estudo, estava exausto. E desanimado. Os ensinamentos dos “olhos onipresentes” eram contrários às suas crenças. E já constituíam uma obra diabólica por excelência. Mas de que maneira o Inimigo utilizaria aquilo para escrever o próprio Apocalipse e arruinar o projeto de Deus? Era uma incógnita. Com essa dúvida atormentando seu espírito, Pietro adormecera durante a última oração do dia. Pouco depois, foi surpreendido por um choro estridente. Abriu os olhos. Estava diante de uma escadaria que terminava em um altar de pedra. Lá em cima, amarrada, a mesma criança de seus últimos pesadelos. Um homem, vestindo armadura, surgiu da escuridão. Segurava um machado na mão esquerda. Na direita, arrastava uma raposa morta. O padre subiu os degraus de dois em dois, em sua direção. Sentia-se preparado para evitar o infanticídio. Foi detido por dois homens a poucos metros do “sacerdote”. Conseguiu encará-lo. Observou-o soltar a raposa e apontar para o brasão em seu peito. Era um leão dourado sobre fundo preto. Garras de ataque, coroa na cabeça. Com um sorriso maldoso, ele avançou sobre a criança, dizendo algo incompreensível. O padre abaixou a cabeça. Um dos homens agarrou seu cabelo e levantou-lhe o rosto. Um grito estridente. O machado dilacerara o ventre da vítima. Empurraram o padre contra o chão. Com as mãos cobrindo os olhos, dor no peito, garganta seca, ele gritou:

— Meu Deus, por que o senhor não impediu esse crime?

— Confiei a você essa missão, meu filho. Agora, suas mãos estão manchadas com o sangue desse inocente.

Ao ouvir aquilo, descobriu os olhos. As mãos estavam lavadas de lágrimas. Vermelho sangue. Berrou de desespero. Pietro deu um salto da cama. Olhos úmidos. Ajoelhou-se no chão frio, diante do crucifixo de madeira. Balbuciou algumas palavras.

— Meu Deus, já faz tanto tempo. Será que o senhor nunca vai perdoar o meu

crime? – desabafou.

Enquanto rezava, lembrou-se do brasão. Sinal de Deus? Era possível que sim. Já descobrira o caminho que o demônio estava percorrendo. Mas perder tempo decifrando milhares de páginas talvez fosse mais uma das ciladas do Inimigo. “Ele quer me confundir para ganhar tempo”, deduziu. Estava convencido de que sua missão teria sucesso se encontrasse o braço direito do diabo. E a chave era o brasão. A verdade estava sob o selo. Escreveu as lembranças do sonho e esboçou o símbolo que vira no peito do carrasco. Sabia qual era o próximo passo, mas, novamente, precisaria do auxílio de David. Com as pálpebras pesando, olhos ardendo, ligou o *notebook*. E pesquisou os nomes dos nobres que estiveram relacionados à vida de John Dee. E os que dividiram os espólios após sua morte. Às seis e meia, voltou à cama. Ainda era cedo para fazer qualquer ligação. E precisava descansar antes de acionar o jornalista.

Ele chegou cedo ao *The Star*. Pretendia planejar a cobertura jornalística da chegada de Fernanda Albuquerque a Londres, prevista para dali a dois dias. Surpreenderia Steven com a matéria de Mary e uma possível entrevista exclusiva com a top model brasileira. Precisava esticar o tempo, pois a colaboração com o padre também exigia atenção. Ao entrar na redação, surpreendeu-se com a presença de sua assistente. Entretida com a leitura de *O Enigma Michelangelo*, ela não percebeu a aproximação do chefe. Vestia calça e jaqueta jeans sobre camiseta preta. Cabelo preso. Levou um susto ao virar a página do livro e deparar com ele sentado diante dela, observando-a.

— Esse deve ser mais um daqueles *best-sellers* americanos – disse David, com olhar de reprovação.

— O que tem contra eles? – indagou Mary.

— Filmes de Hollywood. Valem apenas pela ação. Os personagens não têm densidade. São leves como penas.

— Discordo. As histórias são muito boas.

— Deixe-me adivinhar o enredo desse livro. O protagonista precisa desvendar enigmas que Michelangelo escondeu no *Juízo Final*. A vida de muitas pessoas depende disso.

— Você seria um ótimo personagem de *best-seller*, David – piscou a assistente.

— Ofender o chefe dá demissão por justa causa – retrucou o jornalista.

— Quer dizer que você não gosta de literatura americana? – rebateu Mary.

— Gosto muito de Ernest Hemingway, por exemplo. Você o conhece?

— Claro. Mas nunca li nada dele. Prefiro os contemporâneos.

— Você quer dizer: literatura descartável.

— Ofender a inteligência dos subordinados é assédio moral. E ouvi dizer que as indenizações são muito boas por aqui – brincou Mary.

— Parabéns pela matéria. Melhor do que eu imaginava. Fiquei surpreso.

— Muito obrigada. Espero surpreender mais vezes. Pensei que fosse me escrever um e-mail... Mal dormi esta noite – queixou-se.

— Estive muito ocupado. Agora preciso trabalhar.

— Vamos almoçar?

— Desculpe, Mary. Tenho um almoço com os editores. Mas, se aceitar, podemos jantar hoje – convidou-a, por impulso.

— Onde nos encontramos?

— Onde você mora?

— Em Chelsea.

— Conheço um excelente restaurante na região. Passo para te buscar às oito horas. Agora, vamos trabalhar?

Ela sorriu. “Não foi tão difícil como Carol disse. Ela devia estar com ciúmes”, concluiu. David se arrependeu de ter feito o convite. “O que a faz tão irresistível?”, indagou-se. Abriu a caixa de mensagens. O celular tocou.

— Olá, padre, tudo bem? Acho que posso ajudá-lo com isso. Tenho um compromisso às oito, mas podemos nos encontrar antes. Para mim, o lugar está perfeito. O horário também. Até mais tarde.

— Está frequentando sessões de exorcismo, David? – perguntou Mary, assim que o chefe desligou o telefone.

— Aprenda com os ingleses a ser mais discreta. Pode prestar atenção às minhas conversas telefônicas, mas finja que não ouviu nada.

Era um jeito bem educado de dizer que ela não tinha nada a ver com aquele assunto. Mary ficou sem graça. Tinha muito a perder se irritasse David. Deixou o livro de lado e acessou sua caixa de mensagens. Fernanda Albuquerque respondera. Abriu o e-mail, excitada. Guardaria a surpresa para o jantar. “Eu também seria uma ótima protagonista de *best-seller*”, disse para si mesma, com um sorriso nos lábios.

Ele tomara seis canecas de cerveja. A ressaca na manhã seguinte foi inevitável. Passava das nove da manhã quando Andrew se levantou. Não abriu as janelas, pois elas não existiam no porão de sua casa. Ele gostava da escuridão e passava a maior parte do dia naquele cômodo. Apanhou sanduíche e leite no frigobar e ligou o computador.

— Vamos ver o que o padre aprontou essa noite.

Em poucos minutos, tinha diante de si tudo o que Pietro acessara na internet. “Ele pode ler os manuscritos, mas só eu conseguirei recuperar o tesouro de John Dee. Seria um ótimo presente para o meu pai”, pensou. Os objetos que pertenceram ao mago haviam passado de mão em mão após sua morte. A maioria estava em posse dos Soberanos Invisíveis, dos quais o Duque Negro era o grão-mestre. Para os historiadores, alguns simplesmente desapareceram da Terra. Havia também os que os estudiosos consideravam lendários. Entre eles, o *Livro das Folhas Prateadas*, preparado por John Dee e, segundo o próprio, escrito pelos anjos. Muitos membros da ordem, incluindo Andrew, duvidavam de sua existência. Outros objetos caíram em mãos erradas. E agora faziam parte da coleção de importantes museus ingleses. “Depois cuido do padre”, disse para si mesmo. Fez um pequeno inventário dos objetos que pretendia recuperar. Eles faziam parte do acervo do British Museum. No site do museu, rastreou as peças sagradas. Estavam expostas na Enlightenment Gallery, seção Religion and Ritual. A sala situava-se no piso térreo, à direita da entrada chegando pela Great Russell Street. Poderia acessá-la pelo Great Court. Ou optar pelo caminho mais garantido: descobrir o responsável pela segurança e sequestrar seu filho ou mulher. Ele daria até a Pedra de Roseta para ter a família em segurança, da mesma maneira que a faxineira do Brompton Oratory colocara um dispositivo no *notebook* do padre Pietro Amorth. Olhou para a pequena cela de dois metros quadrados no porão. Sorriso sádico no rosto. Bastava ligar para um contato na Scotland Yard e teria uma ficha completa em poucos segundos. Procurava um telefone na agenda quando foi interrompido por uma ligação em seu celular.

— Qual é o principal compromisso do padre hoje? – perguntou o conde de Bedford.

— Ele tem um encontro com o jornalista no Brompton Oratory.

— A informação é segura?

— Os telefonemas estão sendo monitorados. O padre acredita que lá estarão a salvo.

— Temos motivos para nos preocupar com essa reunião?

— O padre pesquisou pessoas que tiveram ligações com um de nossos mestres do passado. Se ele cruzar esses nomes com a atual Câmara dos Lordes, chegará a membros de nossa ordem – explicou Andrew.

— Isso é gravíssimo. O que ele quer com o jornalista?

— Lembra que o jornalista publicou uma lista de nomes?

— A lista maldita...

— Conde de Bedford, por exemplo, aparece na pesquisa do padre e na lista negra – revelou Andrew.

— Eles estão chegando perto...

— Se eu pudesse, acabaria com os dois! – disparou Andrew, com o punho cerrado.

— Faça apenas o que eu mandar. E faça direito! A ameaça que fez ao padre não valeu para nada! – berrou o conde.

Andrew esmurrou o ar, imaginando-se desferindo um golpe no rosto do lorde arrogante. Se pudesse, afogaria aquele homem em um vaso sanitário cheio de excremento. Engoliu a raiva.

— O que quer que eu faça, senhor?

— Faça o padre se sentir ameaçado. Nem que para isso precise dar uma surra nele.

— Quando?

— Depois do encontro com o jornalista.

Os editores, o editor-chefe e o diretor do *The Star* já estavam sentados quando David abriu a porta da sala de reuniões. A mesa oval tinha doze poltronas. O editor assistente ficou na ponta próxima à entrada, diante de Paul Reiner. O poderoso chefe do jornal tinha 54 anos, era alto, gordo e ostentava uma careca reluzente. Usava roupas ligeiramente menores do que suas medidas exigiam. As saliências eram visíveis nas dobras de suas camisas. A cintura de suas calças ficava sempre acima do ponto necessário. Ele quase nunca usava paletó, pois atrapalhava seus movimentos. Os suspensórios tinham cores vivas e eram, assim como os óculos de aro vermelho, sua marca registrada. Nos bastidores, a editora de moda o apelidara de *Zeppelin fashion*. O adjetivo era apenas piada. “Paul está longe de ser um homem *fashion*, mas seria um Zeppelin com estilo”, justificara Carolyn para David, em um de seus encontros fora do trabalho. E apesar de nunca ter revelado, a redação inteira sabia que Paul era gay.

— Estávamos esperando você para começar – provocou Steven.

— Gostei da matéria sinistra sobre a Fernanda Albuquerque – comentou o diretor, com um jeito afetado – Conseguiu marcar uma exclusiva?

— Ela marcou uma coletiva no Mandarin Oriental...

— Odeio coletivas. As pessoas nunca falam nada de interessante em coletivas. E os jornais publicam as mesmas aspas, o mesmo discurso. Quero coisas inéditas, David! – interrompeu-o Paul, elevando o tom de voz.

— Como você planejou a cobertura? – perguntou Steven.

— Repassarei a vocês o organograma. Pretendo usar dois repórteres e três paparazzi.

— A Mary não é inexperiente para sair a campo? – indagou Carolyn.

— Ela não está incluída nessa equipe. Mas será uma peça fundamental – entregou David, com um sorriso sutil.

— Quem é Mary? – interveio Paul.

— Uma americana que veio estagiar em nosso jornal. Coloquei-a como assistente de David – explicou o editor-chefe.

— Qual é a relevância de uma foquinha norte-americana? – perguntou o diretor, nariz empinado, sobrancelhas erguidas, corpo inclinado para a frente, olhos fixos no editor assistente.

— Nesse momento, ela é mais importante do que qualquer pessoa nessa mesa – respondeu David. Paul recuou na poltrona. Steven o censurou com os olhos. Carolyn ficou boquiaberta. Os outros editores fitaram-no curiosos.

— A top model marcou um chá da tarde no Mandarin Oriental com uma de suas melhores amigas: minha assistente – revelou David.

— Steven, eu deveria ter sido informado sobre isso – Paul fuzilou-o com os olhos.

— Desde que vi a garota, achei que ela tinha estirpe – comentou Jennifer, a redatora-chefe.

— Também estou surpreso, Paul – justificou o editor-chefe.

— Depois da reunião, Steven, quero você na minha sala – ordenou o diretor. Rosto ruborizado. Detestava fazer papel de otário na frente de seus subordinados. Culparia Steven por omitir a informação sobre a chegada de Mary ao *The Star*. Não importava que ela fosse uma simples estagiária, tinha conexões poderosas. “Ele deve estar ganhando alguma coisa com isso”, farejou Paul. “Esse gordo maldito pode colocar tudo a perder”, pensou o editor-chefe.

— E ela tem um texto ótimo. Escreveu uma matéria em primeira pessoa sobre a Fernanda Albuquerque. Quero publicá-la na edição de amanhã – retomou David.

“Ele está caidinho por ela”, deduziu Carolyn, enciumada.

— Confio no seu *feeling*. Passe a matéria diretamente para mim – exigiu o diretor, ignorando Steven e Jennifer na hierarquia da redação.

Era a primeira vez que o americano Michael viajava à Inglaterra. Recebera uma missão do senador Karl Bundy e deveria se reportar somente a ele. Em Londres, vigiaria os passos do jornalista David Rowling. E o protegeria com a própria vida, se fosse preciso. Sua família receberia uma indenização milionária caso morresse em serviço, garantira o senador. Mas ele não contava com isso. Em poucos dias, já sentia saudades de casa. Principalmente do filho de quatro anos.

Ele adorava carrinhos de brinquedo. Pretendia presenteá-lo com um táxi preto em miniatura. E, para voltar a vê-lo, não podia cometer erros. “O pescoço de David vale uma fortuna”, dissera Bundy. Michael pretendia acompanhar todos os movimentos do jornalista. Com esse objetivo, plantara um dispositivo GPS em seu Jaguar e microfones em pontos estratégicos de sua mansão. Monitoraria também as ligações do telefone fixo e de seu celular. Para acomodar a parafernália tecnológica, Michael alugara uma casa quase em frente à do jornalista. Poderia socorrê-lo em poucos segundos se ele fosse atacado na própria residência. Ele já desconfiava de um possível inimigo: o homem solitário que surgira no Orangery e mantivera seu protegido e o padre sob vigilância cerrada. Estaria presente no Brompton Oratory no horário que Pietro marcara com David. Se o quarto personagem também estivesse lá, tramaria algo contra ele. Era quase meio-dia. O celular vibrou em seu bolso. Reconheceu o número. Era uma chamada do gabinete do senador Bundy.

— Ele vai comungar no fim do dia – relatou Michael.

— O santuário está correndo risco. Talvez seja profanado essa semana – revelou o senador.

— Devo me preocupar com isso?

— Sim. Ele também deve ser preservado – explicou Bundy.

— Isso significa que devo redobrar a vigilância?

— Entenda desta maneira: o santuário e o jornalista são duas partes da mesma coisa. Se um deles morrer, o outro não serve para nada.

— Ou seja, também devo cuidar do santuário? – insistiu Michael.

— Também deve protegê-lo com a própria vida.

— Não seria melhor mandar reforços para cá?

— Confio apenas em você para esse trabalho. Não me desaponte – respondeu o senador. A última frase era uma ameaça no estilo de Bundy: sutil.

— Não se preocupe. Darei conta do recado. Adeus – despediu-se Michael, desligando o celular.

— Ele pensa que consigo me dividir em dois? – desabafou consigo mesmo. A

logística ficara complexa. Ele deveria duplicar o aparato de vigilância e ganhar mais mobilidade. A solução seria utilizar um *tablet* para monitorar os dois e priorizar as informações mais relevantes. Elas seriam a bússola e sua intuição apontaria para quem precisasse de mais cuidado em determinado momento. Separou alguns dispositivos eletrônicos e saiu com uma mochila às costas. Partiu em direção ao Brompton Oratory, torcendo para encontrar um *fast-food* pelo caminho. E para o padre passar um bom tempo fora do quarto.

Era seu dia de sorte. Convidara Mary para o jantar e fizera uma desforra na reunião de pauta. Mas sabia que o destino era traiçoeiro. Lembrou-se do acidente com Susan. Na viagem de volta a Londres, planejavam as próximas férias, em Bora Bora. Estavam felizes. Parecia que ninguém no mundo poderia mudar aquilo. O amor os tornava confiantes, capazes de enfrentar homens e deuses. Entre os primeiros, estava o pai de David. Ele não gostava da família de Susan. E reprovava o relacionamento dos dois. No início, defendia que era um namoro passageiro. Quando o filho disse que desejava se casar com ela, passou a criticá-lo abertamente. Apenas cinco semanas separavam a última discussão do acidente. Após a morte da namorada, seu pai mudara radicalmente. Estivera presente no enterro e se retratara com ele. O destino ensinara a David que poucos segundos separavam o paraíso do inferno. E isso o deixava com o pé atrás sempre que as coisas caminhavam bem.

— Sua primeira matéria será publicada na edição de amanhã – disse a Mary, assim que deixou a sala de reunião.

— Fantástico! Vamos comemorar – respondeu a assistente, exibindo um largo sorriso.

— Vou passar a matéria para o Paul e preciso sair.

— Preciso te passar o endereço da minha casa – ela disse, sorrindo com malícia.

— Ok. Escreva em um papel.

— David, você foi demais. Precisava ver a cara do Steven durante a reunião – era Carolyn aproximando-se de sua mesa. Ela usava um vestido azul-escuro justo, salto agulha e brincos de argola dourados.

— Obrigado.

— Parabéns, Mary. Soube que seu texto é muito bom. E você é bem relacionada. Está trabalhando com a pessoa certa.

— Obrigada. Você está linda – comentou a americana.

— Você também. Nossas editorias poderiam trabalhar em conjunto. Queria fazer uma matéria de moda com a Fernanda Albuquerque – adiantou-se Carolyn. – Você pode me passar o celular dela?

— Quem disse que eu tenho o número? – retrucou Mary.

— Vocês não são amigas? Não irão se encontrar em Londres?

David olhou para a assistente. Mary estava com os braços cruzados, recuada na cadeira. Em pé, diante dela, aquela loira tinha uma presença intimidadora.

— A Fernanda Albuquerque pediu que Mary não misturasse trabalho com vida pessoal. Ela quer encontrar uma amiga, não uma repórter do *The Star* – David saiu

em sua defesa. E percebeu Mary relaxar na cadeira.

— Espero que me avise se ela mudar de ideia – rebateu Carolyn, encarando a repórter. Depois, virou-se para David:

— Recebi dois convites para um concerto no Barbican. Quer ir comigo?

— Quando?

— Hoje, às nove.

— Infelizmente não posso. Tenho outro compromisso.

— Deve ser um compromisso imperdível. Você nunca recusou um convite para o Barbican.

— Ele me convidou para jantar – interrompeu Mary, atraindo o olhar fulminante de Carolyn e a expressão surpresa de seu chefe. “A redação inteira vai saber disso. Estou ferrado”, pensou David, que pretendia, até aquele momento, manter em sigilo o encontro.

— Espero que aproveitem a noite – a editora de moda foi sarcástica. Afastou-se dos dois deixando um rastro de Chanel N° 5.

Sem comentar nada, ele enviou o texto assinado por Mary ao diretor e fez uma pesquisa no Google Images. “Era você”, disse para si, fitando o rosto na tela do computador. Apanhou o pedaço de papel sobre sua mesa, deixado pela assistente, despediu-se dela com um sorriso e partiu ao encontro do padre.

Após o almoço com outros padres, ele pretendia passar o dia fechado no quarto, em orações. A batalha se avizinhava e Pietro precisava concentrar forças. Nada melhor do que ficar em contato direto com Deus. Edward bateu à sua porta quase às duas da tarde. Era uma emergência. Uma jovem mulher, aparentando trinta e poucos anos, entrara na igreja e não parava de dizer vulgaridades diante do altar.

— Ela só pode estar possuída pelo demônio, padre. Uma pessoa em sã consciência é incapaz de fazer isso – alertava Edward, indo a passos largos diante de Pietro. Estava visivelmente nervoso.

— Você acha que ela precisa de exorcismo? – perguntou o italiano.

— Não tenho dúvida disso.

— Precisamos levá-la para uma sala reservada. Arranje dois homens fortes – orientou Pietro.

— Acha que nós dois não conseguimos?

— Seguramente não. As mulheres possuídas têm uma força sobre-humana.

Ao chegarem à nave central, encontraram uma mulher escultural, cabelo preto encaracolado na altura dos ombros. A mão direita estava por baixo da saia jeans. Ela se masturbava e gemia. Além dos dois, havia outro padre, um grupo de sete mulheres idosas, escandalizadas, e três rapazes, ajoelhados em dois bancos no fundo da igreja, mais distantes daquele espetáculo.

— Está possuída – diagnosticou Pietro, vasculhando a igreja e achando seus auxiliares. Foi ao encontro deles.

— Preciso da ajuda de vocês – disse em voz alta, apontando para o altar. – Quero que carreguem aquela mulher.

— O que ela fez de errado? – perguntou um deles, fingindo não ter percebido o que se passava bem diante de seu nariz.

— Sou exorcista. Ela está possuída pelo demônio! – gritou Pietro.

— Fique tranquilo, senhor. Apenas diga para onde devemos levá-la – disse um dos jovens, levantando-se. Era um negro alto e forte.

— Edward, mostre o lugar para eles. Voltarei ao meu quarto para pegar algumas coisas. Encontro você aqui.

Dois homens agarraram os braços da mulher. O terceiro levantou suas pernas. E arriscou olhar por baixo da saia. Ela estava sem roupa íntima.

— Seus imbecis, me larguem ou serão currados pelo demônio! – ela berrou. Voz estridente.

— Esse é bem vulgar – concluiu o exorcista, dirigindo-se rapidamente ao quarto.

Cruzou com outro homem, ruivo e forte, em um dos corredores. Não era um de seus anfitriões.

— Boa-tarde, padre – cumprimentou-lhe o desconhecido, mochila às costas.

— Boa-tarde – respondeu Pietro, olhando para ele. O rosto sardento pareceu-lhe familiar. Não tinha tempo de prolongar a conversa. Correu para apanhar a maleta com os objetos de exorcismo que deixara sobre a escrivaninha do aposento e voltou para a nave central.

— Padre, nunca vi isso na minha vida. Ela quebrou tudo o que viu pela frente – relatou Edward, desesperado.

— Me leve até o lugar em que a colocaram.

Os três rapazes imobilizaram a mulher no chão, em uma pequena sala, contígua à sacristia. E ela não parava de gritar.

— Traga pedaços de corda – pediu Pietro.

Em poucos minutos, Edward estava de volta. O exorcista italiano instruiu seus auxiliares para que amarrassem a mulher na única cadeira disponível ali, e, em seguida, fossem embora. Assim que deixaram o lugar, dispensou Edward.

— Não posso deixá-lo sozinho. Sei que precisa de ajuda – respondeu o padre inglês, relutante.

— Você não tem experiência com isso. Pode ser perigoso – advertiu Pietro, colocando a sobrepeliz branca sobre o hábito – Agora, saia daqui.

— Quer me foder, padre? Sei que está com tesão – disse a mulher, forçando as coxas para fora.

— *Exorcízo te, immundíssime spíritus, omnis incúrsio adversáarii, omne phantásma, omnis légio, in nómine Dómini nostri Jesu Christi* – Pietro proferiu aquelas palavras com os olhos fechados.

A provocação sexual das mulheres possuídas era um golpe baixo no seu voto de celibato. Ele tateou os objetos em sua bolsa, pendurada no pescoço. Pegou o aspersório de prata.

— Enfie isso na minha boceta! – gritou a possuída.

— *Adjúro ergo te, draco nequíssime, in nómine Agni immáculati, qui ambulávit super áspidem et basiliscum, qui conculcávit leónem et dracónem, ut discédas ab hoc hómine...* – recitava a fórmula do ritual, preparando-se para fazer o sinal da cruz, com óleo consagrado, sobre a fronte da mulher.

— Que horas são, padre? – ela interrompeu-o.

— O que você disse? – espantou-se Pietro.

— Você pode me dizer que horas são? – repetiu. A voz e o rosto tinham voltado ao normal.

— Essa é mais uma de suas armadilhas, demônio? – inquireu o exorcista.

— Pode me chamar de Ashley.

— São quase cinco horas – respondeu o padre, conferindo o relógio.

— O showzinho terminou. Ele me pagou por apenas uma hora. Pode me desamarrar?

— Quem é você?

— Sou atriz de filme pornô. É a primeira vez que faço isso. Não acha que me saí bem?

— Quem contratou, vadia? – explodiu Pietro, avançando sobre a mulher.

— Calma, padre. Sou uma profissional. E recebi muito bem por esse serviço.

— Isso é uma igreja, a casa de Deus, não um prostíbulo! Você pagará por isso no Julgamento Final! – ameaçou Pietro, aos berros.

— Se quiser transar comigo, faço um desconto para padres: cem libras a hora. Mas cobro só cinquenta para sexo oral. É uma pechincha.

Seu coração acelerou. Respiração curta. Rosto ruborizado. Cenho franzido. Ele levantou a mão direita. Desejava esbofetear aquela mulher até sangrar sua mão. “Meu Deus, tenha misericórdia desta infeliz”, rezou em pensamento. E se retirou da sala. Edward estava próximo à porta.

— Tire essa mulher daí. Mande-a embora – ordenou Pietro, seguindo para o quarto.

David entrou no Brompton Oratory quinze minutos antes do horário marcado com o padre. Não era um homem religioso, mas gostava de igrejas. Eram lugares calmos, ótimos para refletir sobre a vida. Certamente mudaria de opinião se estivesse naquele mesmo lugar poucas horas antes. Sentou-se em um banco próximo à estatua de mármore de São Pedro, Príncipe dos Apóstolos, esculpida por Giuseppe Mazzuoli. Era o local combinado para o encontro. Havia poucas pessoas na “casa de Deus”. Na direção oposta à sua, cinco senhoras deslizavam as mãos em contas de terços. Em uma das capelas da nave lateral direita, um homem ajoelhado escondia o rosto de algum santo. Enquanto os fiéis justificavam erros e imploravam favores, um casal de jovens bem-sucedidos atravessava a nave central, combinando com um padre os detalhes de um casamento suntuoso. Passaram por ele, discutindo quantas libras pagariam pela decoração da igreja.

“As igrejas estão cada vez mais vazias e as pessoas ainda fazem questão de se casarem nelas”, o jornalista pensava ao ser surpreendido pelo padre:

— Colocando a oração em dia, David?

— Pensando que alguns rituais religiosos são tão necessários que nem mesmo os ateus se atrevem a abandoná-los – respondeu o jornalista, levantando-se e estendendo a mão a Pietro.

— É a voz de Deus que chama a todos, caro amigo, mesmo os que se recusam a ouvi-Lo. Mas você está falando de que exatamente?

— Do casamento. É a vitória da aparência sobre o essencial.

— Depende da pessoa, David. É como a oração. Ela pode ser um encontro pessoal com Deus ou a repetição de palavras vazias. São os sentimentos das pessoas que dão vida aos rituais religiosos – explicou Pietro.

— Quais são as novidades, padre? – indagou David, interrompendo o sermão improvisado e sentando-se novamente no banco de madeira, acompanhado pelo italiano.

— Aconteceu algo muito estranho hoje, David. Uma atriz foi paga para fingir que estava possuída pelo demônio. Fui convocado para o ritual de exorcismo. Uma farsa grotesca.

— Talvez promovida pela mesma pessoa que o ameaçou. Você me disse que precisava pesquisar brasões e genealogias. Aonde quer chegar com isso?

— Pesquisei a vida dos “olhos onipresentes da rainha”. Além de astrólogo, John Dee era mestre em ciências ocultas e criou um sistema de magia bastante complexo, com uma miríade de códigos e uma linguagem própria, que dizia ser a mesma que os

anjos falavam no Paraíso. Passei a madrugada estudando alguns manuscritos digitalizados.

— Não sabia que padres estudavam magia – brincou David.

— Estudo para reconhecer as pegadas do demônio. Mas, nesse caso, ele está usando um ótimo disfarce.

— Pode ser mais claro?

— Segundo John Dee, ele e seu assistente recebiam ensinamentos dos anjos. Foram esses anjos que entregaram a eles os conhecimentos secretos. Mas as revelações eram desconexas. Até hoje os estudiosos de magia enoquiana não conseguiram agrupar tudo de maneira coerente.

— Magia enoquiana? Algo a ver com o Livro de Enoque? – perguntou David, erguendo a sobrancelha direita.

— Os anjos de John Dee diziam ser os mesmos que instruíram o patriarca Enoque. Mas os demônios são mentirosos. A doutrina que eles passaram ao seu conterrâneo é claramente anticristã. Os praticantes de magia enoquiana veneram Lúcifer como fonte de sabedoria.

— O que isso tem a ver com o Apocalipse?

— Esses satanistas acreditam que John Dee escondeu em sua obra as chaves para iniciar o Apocalipse Negro. Quem as encontrar terá o poder de reescrever o Fim dos Tempos, David. Essa pessoa será a escolhida do diabo, a Grande Besta.

— A pessoa-chave do terceiro enigma – concluiu o jornalista.

— **“A verdade está sob o selo. O leão coroado reclama seu trono. Ele vem do Tronco de Jessé”**. Se eu descobrir quem é essa pessoa, a missão será bem-sucedida – completou Pietro.

— Como eu disse antes, há milhares de brasões. É como procurar agulha no palheiro – reforçou David, com uma expressão desanimada.

— Tive um sonho na noite passada. Era Deus me indicando o caminho – revelou o padre.

— Que caminho seria esse?

— Quando John Dee morreu, seus manuscritos passaram por algumas pessoas. Havia material inédito que jamais foi publicado. E permanece desaparecido. Aposto que uma confraria negra guarda isso até hoje, esperando o momento certo para usá-lo.

— Boa dedução – elogiou David.

— Chamaria de iluminação divina. Sabe o que fiz? Pesquisei nomes de pessoas que se apropriaram dos espólios do 007. Eram nobres. Deviam ter brasões – explicou Pietro.

— E alguns descendentes desses nobres devem frequentar a Câmara dos Lordes... Poderíamos cruzar os nomes que descobriu com a lista das pessoas supostamente

envolvidas naqueles crimes ritualísticos – sugeriu o jornalista, com um sorriso no rosto.

- E em pouco tempo descobrimos a cabeça humana do diabo – concluiu o padre.
- E desmascaramos o Duque Negro – completou David.

Ajoelhado em uma capela lateral do Brompton Oratory, Michael recordou as aulas de catecismo no interior de Nova York. Apaixonara-se por uma colega do curso. Três semanas antes da Primeira Comunhão, foram flagrados sem roupa na sacristia da igreja. “Seu filho é um perverso!”, a professora berrava com os pais. Sua mãe estava consternada com o escândalo. Seu pai sorria discretamente, cúmplice da ousadia do filho. Mas só Michael percebera isso. Impedido de terminar o curso, ele nunca mais encontrou a primeira paixão. Mas valera a pena. “Até Deus achou graça naquilo”, pensou sorrindo. Um aperto no coração. Angústia. Lembrou-se do irmão mais velho, morto em um assalto quando ele tinha quinze anos. “As pessoas descobrem Deus no amor ou na dor”, dizia sua mãe. Se Ele existisse, perdera-O pela dor. Não rezara mais desde o funeral do melhor amigo. Uma lágrima escorreu em seu rosto. Respirou fundo. Com as costas da mão, limpou aquele “sinal de fraqueza”. Virou-se e percorreu a nave central com os olhos. Os dois protegidos conversavam a poucos metros dali. “A puta fez um excelente trabalho. Consegui convencer um exorcista de que estava possuída”, gabou-se. “Os rapazes também se saíram bem.” David e Pietro estavam tão envolvidos na conversa que não perceberam a aproximação de um homem vestindo capa preta e óculos escuros. Ele sentou-se três bancos atrás dos dois. Para Michael, não havia dúvidas. Era o suspeito do Orangery. Atravessou para o outro lado e ficou em pé atrás de uma coluna. De sua posição estratégica, conseguia observar o jornalista e o padre, e, o mais importante, vigiar os movimentos do terceiro homem. A mão sob o sobretudo estava pronta para sacar a pistola. Não hesitaria em estourar sua cabeça. Andrew girou o corpo na direção de Michael e o encarou friamente. Sorriu antes de levantar a mão direita, fazer um gesto obsceno com o dedo médio e dizer-lhe uma ofensa gesticulando os lábios. O americano retrucou: “filho da puta”. Ignorando o que se passava a poucos metros, o jornalista e o padre continuavam a reunião.

— Assim que chegar em casa, vou lhe enviar a lista – disse David.

— Onde posso checar as genealogias e os brasões? – perguntou Pietro.

— No College of Arms, mas a pesquisa não é aberta ao público.

— O que devo fazer?

— Precisa de uma licença especial. Pode deixar que amanhã ela estará em suas mãos – assegurou o jornalista, conferindo o horário pela primeira vez.

— Não quero atrapalhá-lo – disse Pietro.

— Tenho um compromisso daqui a pouco. Mas preciso tirar uma dúvida. Você disse que Deus se revela nos sonhos. Vamos supor que eu acredite na existência do

diabo. Ele conseguiria fazer o mesmo?

— Sobre o que estamos conversando até agora, David? A tentativa do demônio de imitar o Apocalipse bíblico. Ele sempre tenta imitar Deus.

— Na noite passada, tive um sonho bem estranho. Recebi um livro prateado de um homem de séculos atrás. Ele disse algo que não consegui entender. De manhã encontrei meu bloco de notas aberto. Devo ter escrito enquanto dormia.

— E por que você supõe que era uma mensagem demoníaca? – indagou o padre, encarando-o.

— Antes de vir para cá, pesquisei na internet a imagem de John Dee. Era igual à do viajante do tempo que invadiu meu quarto. E o que ele disse está aqui – respondeu, retirando do bolso do paletó um papel dobrado – Pode ser só um amontoado de letras sem significado. Mas também uma mensagem escrita na “linguagem dos anjos”. Como você se tornou um especialista no assunto, talvez consiga decifrar isso.

— Parece a “linguagem do demônio” em caracteres latinos – concluiu Pietro, arregalando os olhos.

— O que querem comigo, padre? – perguntou o jornalista.

— Somos parceiros nessa missão. O inimigo sabia disso antes de nos encontrarmos. Ele fará um cerco contra você. Resista, David.

— Preciso ir agora. Conversamos amanhã – despediu-se. Ambos se levantaram ao mesmo tempo e se depararam com o homem de óculos escuros, três bancos atrás. David sentiu um calafrio inexplicável. Pietro o reconheceu imediatamente. Era o motorista que o apanhara no aeroporto e o homem que os vigiara no chá da tarde.

— David, jamais se esqueça dessas palavras de Cristo: “Não tenhais medo daqueles que matam o corpo, mas são incapazes de matar a alma!” – disse em voz alta. E apontou o dedo indicador para o rosto de Andrew antes de prosseguir: – Você é um desgraçado. Não tenho medo de você, assassino!

— Padre, é melhor voltar para seu quarto. Qualquer problema, me avise – o jornalista sussurrou para que ninguém mais o ouvisse.

— Não se preocupe comigo – respondeu Pietro.

Eles apertaram as mãos e seguiram em direções opostas. David passou por outro homem em atitude suspeita. Encostado em uma coluna lateral, ele não tirava os olhos daquele que os vigiava. Era o mesmo que, solitário, tomava chá da tarde no Orangery, no mesmo dia em que ele e Pietro se encontraram pela primeira vez. Não era coincidência. Pessoas seguiam seus passos. Talvez fossem do serviço secreto inglês, comandados pela poderosa seita que assassinara cinco mulheres há dois anos. “Eles também devem estar por trás disso. Não acredito no demônio, mas seus seguidores são criminosos de verdade”, pensou David, a caminho de sua mansão. Tinha pouco tempo para se arrumar e encontrar Mary.

Andrew deslizou no banco de madeira. Saiu pela nave central. Parou diante de Michael e tirou os óculos. Sorriso irônico no rosto. Saudou-o inclinando levemente a cabeça e deixou o Brompton Oratory pela porta principal. Michael pegou o *tablet* em seu bolso e conectou a ele um fone de ouvido. Na tela, tocou o ícone em forma de cruz que monitorava o quarto de Pietro, e acionou o GPS no carro de David. Não sabia de qual lado viria o golpe do adversário. “O padre está protegido. Duvido que o esquisito tente algo contra ele aqui. Vou atrás do jornalista”, decidiu. Pegou o carro alugado, um Audi A8 prateado, e conectou o *tablet* no computador de bordo. Checou a trajetória do Jaguar preto. Possível destino: Hampstead. Passou para o viva-voz a transmissão da escuta que instalou no quarto do padre e tomou o mesmo rumo de David.

— Cardeal, não gosto de levantar falso testemunho, mas alguém entregou que eu viria a Londres para essa missão – disse Pietro ao celular, sentado à mesinha de seu quarto.

Michael aumentou o som.

— Sei que nossa confraria é secreta. Por isso acho que fomos traídos. O que me faz pensar nisso? Estou sendo ameaçado. Não tenho medo de enfrentar o Inimigo. E nunca desistiria. Mas se algo acontecer comigo, Gabriele, tenha outra carta na manga.

— Você é bem corajoso para um padre – Michael comentou em voz alta, ouvindo Pietro:

— Estou próximo, Gabriele. Se Deus quiser, amanhã saberei quem é o instrumento humano do demônio. E tomarei as providências para neutralizá-lo.

Alguém bateu no quarto do padre. “Deve ser Edward me chamando para o jantar”, deduziu, despedindo-se do cardeal e desligando o telefone. Virou a chave e empurrou a maçaneta para baixo. Um baque violento. Foi arremessado contra a parede. Gosto de sangue na boca. Porta trancada. Não estava mais sozinho no minúsculo aposento. O intruso usava uma capa escura. Assustou-se ao reconhecê-lo.

— O que está fazendo aqui? – indagou aos berros.

— Revidando uma ofensa – respondeu Andrew, esmurrando a face direita do padre. Ele caiu no chão com o impacto.

— Pode me matar, assassino! Mandarão outro no meu lugar.

— Sua religião estúpida não manda oferecer a outra face? – perguntou Andrew,

chutando a face esquerda de Pietro. O padre ouviu um estrondo. Sentiu os ossos do crânio rangerem. Um líquido pegajoso escorria em seu rosto. Parecia que o cérebro lhe escapava aos borbotões. Reminiscências rodopiavam na massa encefálica: o grito de uma criança, o sangue quente nas mãos, os olhos sem alma, o retrato da modelo brasileira no jornal. “Meu Deus, me perdoe”, balbuciou.

— Você é um fraco. Por que seu Deus não desce da cruz e vem te salvar? – desafiou Andrew.

Pietro ouviu uma voz distante. Não conseguiu entender nada. Uma pancada forte no estômago. A dor atravessou seu corpo. “Não posso morrer. Tenho uma missão. Senhor, mande um anjo em meu socorro”, suplicou em pensamento. Tudo ficou escuro. E quieto. De repente, uma luz difusa surgiu ao fundo. E logo preencheu todo o espaço. Estava leve. E em paz.

— Pietro, você é muito presunçoso. Acredita que um homem é capaz de vencer um anjo? – aquela voz era estranhamente familiar.

— Quem fala comigo?

— Eu sou aquele que é.

— Meu Deus!

— Foi a presunção que o tornou um assassino, Pietro.

— Pensei que estivesse fazendo Sua vontade...

— Se estivesse convencido disso, não carregaria tanta angústia em seu coração.

— Perdoe-me.

— Você precisa se perdoar primeiro. Só então sentirá Meu perdão.

— Peço que envie alguém em meu lugar, Senhor.

— Você é presunçoso, Pietro. Julga mesmo que algum homem é capaz de derrotar Lúcifer?

— Sozinho, jamais. Mas qualquer pessoa que se entregar em Suas mãos, Senhor, é mais forte do que um exército de demônios.

— Não fuja de si mesmo, Pietro. Estou onde você também está.

No mesmo instante em que o padre ouvia aquelas palavras, o algoz olhava para seu rosto ensanguentado com um misto de desprezo e raiva.

— Sinto muito, conde de Bedford, mas não gosto de fazer o serviço pela metade. Além disso, odeio padres – disse Andrew, erguendo a perna direita e calculando a força para esmigalhar o crânio de Pietro.

Para David, o banho era um ritual de purificação. Aos domingos, apreciava a banheira repleta de sais aromáticos. Ajudava-o a organizar a semana. Nos outros dias, uma ducha bem quente e forte relaxava seu corpo e desobstruía a mente. A sujeira mental descia pelo ralo, e o pensamento ficava mais ágil. Precisava disso depois do encontro com o padre. Mas não tinha tempo. Fez anotações rápidas de trechos importantes da conversa no Brompton Oratory. Depois do jantar, se debruçaria sobre elas. No banho de cinco minutos, pensou na roupa que colocaria. Algo que não destoasse do estilo de Mary, mais informal. Uma calça cinzento-escura de flanela, camisa *tattersallcheck*, fundo branco, sem gravata, e *tweed* Donegal por cima. Calçaria o modelo *chetwynd* castanho da Church's. Conferiu o resultado no espelho do closet. Finalizou com um toque da fragrância Knize Ten. Antes de sair, colocou no pulso o relógio Patek Philippe 1949, uma raridade herdada do avô paterno, o mesmo que lhe deixara o cachimbo Dunhill. Programou o iPod em seu carro para tocar uma seleção de blues e jazz e pegou o papel em que Mary anotara seu endereço:

Me esqueci de dizer que, além de “literatura descartável”, também gosto muito de Mary Ann Evans. Talvez porque tenhamos o mesmo nome :-) Ou porque moro na casa em que ela morreu. Como você é um literato, deve saber onde é. Te espero aqui no horário combinado. Sei que os ingleses são famosos pela pontualidade. Não me decepcione. Beijos, Mary.

— Era só o que me faltava! Não é só o diabo que gosta de fazer charada. Mas essa não é difícil. Mary Ann Evans, pseudônimo: George Eliot. Morou na Cheyne Walk, como Henry James, T. S. Eliot e Ian Fleming... O criador de James Bond, o falso 007 – lembrou-se, dando a partida no carro – Ela gosta de me provocar!

Sentia borboletas no estômago. E elas eram parecidas com aquelas que batiam asas em seu primeiro encontro com Susan. Há anos não experimentava isso. Para diminuir a ansiedade, pensou na reunião com Pietro, pouco antes. “Será que ele está bem?”, questionou-se, ao se lembrar do homem suspeito sentado logo atrás. O mau pressentimento sempre se manifestava como um formigamento na têmpora direita. Poucas horas antes do acidente com a namorada, tivera o mesmo sinal. No dia em que sua carreira afundara na lama, também. A sensação era infalível. Respirou fundo. Preferia as borboletas. No viva-voz, selecionou o número do celular de seu novo parceiro. Tocou algumas vezes e caiu na caixa postal. Devia ter esquecido o telefone no quarto e estar jantando com os outros padres. Mas a ameaça pairava sobre ele, como uma ave de rapina sobrevoando um cadáver. “A língua humana”,

pensou David. E não era difícil saber quem estava por trás daquilo. Havia uma seita em Londres capaz de assassinar com uma atrocidade demoníaca. Tinha visto isso de perto. O rosto das mulheres mortas estampava terror. Sentia calafrio só de imaginar o ritual a que foram submetidas. E o padre Pietro Amorth tinha sido fundamental para desvendar aqueles crimes. Ainda que a versão oficial fosse uma farsa, ele representava um perigo real aos interesses dos verdadeiros monstros. Além disso, não era alguém conhecido na Inglaterra. Poderia ser assassinado em seu quarto, no Brompton Oratory, sem que isso fosse interpretado como vingança ou queima de arquivo. Para David, ele fora poupado por um simples motivo. Era um rosto conhecido do público. Se o corpo do jornalista fosse encontrado boiando no Tâmesis, ou atirado em algum lugar ermo, sua versão da história ganharia força. E as investigações policiais chegariam a nomes poderosos da sociedade londrina. Tinha certeza de que seu pai se envolveria pessoalmente no caso. Insistiu na ligação. Nada. “Se tivesse o número de Mary, desmarcaria o jantar”, pensou, já na Finborough Road. Faltavam quinze minutos para as oito horas. Ele não gostava de se atrasar.

Desde que “morrera” aos sete anos, Andrew desenvolvera uma intimidade sinistra com a morte. Colecionava retratos de vítimas de crimes violentos. Alguns levavam sua assinatura. Sua ligação com a ordem lhe dava o poder de decidir entre a vida e a morte de algumas pessoas. Aquilo era o mais perto que podia chegar de seu deus. Sempre carregava a câmera digital e disparava *flashes* como os golpes do punhal ritualístico. Depois contemplava os olhos aterrorizados, estancados no tempo. Sentia um orgasmo metafísico. Apalpou o bolso esquerdo da calça, abaixo da capa. A máquina estava lá, esperando o momento de entrar em ação. O padre não tinha o mesmo charme das Concubinas de Satã, mas seria o primeiro homem da igreja trucidado por ele. Merecia uma distinção especial por aquilo. E não era somente um clérigo a menos, mas um enviado especial do Vaticano. Era seu recado ao papa: “Não se desafia o rei deste mundo”. Proferiu algumas palavras em latim, que talvez Pietro preferisse não traduzir. Depois completou:

— Que a alma desse infeliz aqueça as fornalhas do inferno.

Assim que ministrou a versão diabólica da extrema-unção, foi surpreendido por um golpe lateral. Estava apoiado no chão apenas com a perna esquerda. Desequilíbrio-se e caiu. Reconheceu o homem que entrou com um solavanco no quarto do padre. Era o americano ruivo. Mira da arma em sua cabeça.

— Se fizer algum movimento, estouro seus miolos! – berrou Michael.

— Você é mais esperto do que eu imaginava – disparou Andrew, furioso.

— E você é mais estúpido – retrucou, abaixando-se, com cuidado, e verificando a carótida no pescoço do padre. Tinha pulso.

— Você se acha um cara de sorte? – perguntou Andrew, caído no chão. Em seguida, pronunciou algo incompreensível.

Michael sentiu um formigamento no ombro direito se espalhando pelo braço. Segurou a arma com força, mas não conseguiu manter a mira. Assustado com a perda de controle, não reparou na agilidade sobre-humana de seu oponente, que, em poucos segundos, já estava de pé sobre a cama. De repente, tudo ficou escuro. Ele fora coberto pela capa negra. Desesperado, atirou a esmo. Um golpe em suas costas o derrubou ao lado do corpo do padre. Ainda sem enxergar nada, levantou o braço e disparou uma saraivada de tiros com a pistola automática. Conseguiu desvencilhar o rosto do “véu”. O inimigo estava a poucos centímetros de distância. Um chute certeiro na mão arremessou a arma para longe.

— Quem te mandou para cá, americano?

Se contasse para ele, e fosse poupado, o senador Bundy enviaria alguém para

queimá-lo. O mais grave é que sua família também corria risco. Pensou no filho de quatro anos. Sentiu o coração pular no peito. O corpo pronto para o combate. Coberto parcialmente com a capa, abriu o canivete que trazia no bolso da calça sem que Andrew percebesse.

— Estou a serviço da...

Em um ímpeto, enterrou um terço da lâmina na panturrilha esquerda daquele estranho vilão. A dor o fez inclinar-se para a frente, com o rosto contorcido. E, novamente, disse algo que Michael não conseguiu entender.

— ... Liga da Justiça, imbecil – completou o americano, levantando-se. Tentou dar-lhe um soco. Sensação estranha. A velocidade de sua ação parecia bem mais lenta do que a do inimigo, que se desviou do golpe sem esforço, sentou-se na cama, puxou o canivete e o atirou para longe. Em seguida, cuspiu na mão direita e a colocou sobre o ferimento, dizendo palavras na mesma língua estranha. O sangue parou de jorrar e ele andou sem dificuldade até a porta do quarto. Antes de sair, fez um gesto obsceno para Michael. “Merda, o que esse cara consegue fazer?”, pensou. Corpo pesado. Gravidade alterada. A magia foi quebrada assim que Andrew bateu a porta com violência. Enquanto guardava a pistola no bolso, o americano foi flagrado por quatro padres assustados. Era Edward, invadindo o quarto com mais três clérigos atraídos pelos disparos. Assustado com o rosto quase irreconhecível de seu hóspede, ele enfrentou o intruso:

— O que você fez com o padre Amorth?

— Acabo de salvá-lo do demônio – gabou-se Michael.

Ao entrar na Cheyne Walk, David olhou para o relógio. Marcava oito horas. No mesmo instante, observou Mary surgir de uma casa, com o cabelo parcialmente preso, lápis nos olhos, *gloss* nos lábios e bolsa preta cintilante a tiracolo. A saia rosa destacava-se na composição *noir* de malha, meia-calça e salto agulha. O largo cinto com fivela prateada parecia exagerado, porém casava perfeitamente com o *look fashion*. No pescoço, um singelo colar de ouro, com uma única pérola, passaria despercebido inicialmente. Até surpreender pela elegância.

— Você está deslumbrante – elogiou David, abrindo a porta do carro para ela.

— Obrigada. Pensei que fosse se atrasar – respondeu com ironia.

— Pensei que não gostasse de literatura inglesa – disse David, sentindo o perfume sensual e delicado da americana enquanto dava a partida no carro.

— Gosto de Mary Ann Evans, de Oscar Wilde...

— “Por esse milagre eu daria tudo! Sim, não há algo no mundo que eu não estivesse disposto a dar em troca. Daria até a alma!” – citou David.

— *O Retrato de Dorian Gray*. Um de meus livros favoritos – respondeu Mary.

— Por essa eu não esperava.

— Você acredita em pacto com o demônio, David?

— Na imaginação dos romancistas, tudo é possível.

— Para seu amigo exorcista, os demônios não devem existir apenas na cabeça dos escritores.

— Conheço o ponto de vista de um padre. Mas ficaria surpreso se você acreditasse que os demônios são reais, Mary.

— Para os ingleses, Lorde Nelson virou um herói na Batalha de Trafalgar. Naquela época, se você perguntasse aos franceses o que achavam dele, vários diriam que era um “demônio”. Agora passe para o outro lado da história. Na França, muitos seguiam Napoleão Bonaparte como um deus. Mas seus tataravôs, David, deviam considerá-lo a própria encarnação do diabo – comentou Mary.

— O que isso tem a ver com religião?

— Acredito em deuses. Se eles são anjos ou demônios, depende do lado em que você está.

— Não concordo, Mary. Se um criminoso justificar seus assassinatos dessa maneira, “Fiz a vontade de Deus”, o advogado de defesa tentará diminuir a pena alegando insanidade. Acho melhor mudarmos de assunto. Não quero pensar que estou saindo com uma psicopata – brincou David. – Você gosta de blues e de jazz? – perguntou, aumentando o volume da canção “Crossroad Blues”.

- Você não queria mudar de assunto? Isso é uma provocação? – perguntou Mary.
- Por que está me dizendo isso?
- Nunca prestou atenção na letra dessa música? É sobre a encruzilhada onde Robert Johnson fez um pacto com o demônio.
- Fiz uma seleção musical despretensiosa. Pouco me importa a vida desse cantor, de Dorian Gray, Lorde Nelson ou Napoleão Bonaparte. E não me interessa por religião – esquivou-se David, apertando a tecla *shuffle*. Próxima canção: “God Bless the Child”, na voz de Billie Holiday. Os dois caíram na risada.
- Juro que não é provocação – adiantou-se David.
- Sei – respondeu Mary.
- Percebo que, além de literatura e religião, você também gosta de história.
- Meu pai costuma dizer que história é a psicologia do mundo.
- Não sou psicólogo. Mas acho que o mundo precisa ser internado em um manicômio – brincou David.
- Onde está a camisa de força? – perguntou a americana, participando da piada. Tinham acabado de chegar ao Gordon Ramsay Restaurant.

Com fortes dores na cabeça e nas costas, ele percebeu a agitação de algumas pessoas a poucos centímetros de seu corpo. E vozes cada vez mais altas. “Ele vai ficar bem”. Parecia Edward. Do lado esquerdo, as pálpebras estavam coladas. A luz invadiu o olho direito por uma pequena fresta, obrigando Pietro a franzir o cenho para aumentar seu campo de visão e enxergar melhor. Enquanto as cores borradas ganhavam contornos, o padre reconhecia seu anfitrião, outro padre da comunidade e um médico. Havia uma quarta pessoa. Seu rosto não lhe era estranho. “O homem com quem cruzei no corredor mais cedo”, concluiu.

— Quem é você? – perguntou. Voz fraca.

— Ele te salvou – adiantou-se Edward.

— Meu nome é Michael.

— Como o anjo... – concluiu o exorcista.

— Você está internado no Hospital Chelsea and Westminster. Deve descansar. Amanhã fará alguns exames – orientou o médico.

— Não tenho tempo para isso. O que aconteceu comigo? – inquireu Pietro.

— Você sofreu um golpe violento na cabeça. O resultado aparente foi um corte no supercílio esquerdo. Levou oito pontos. Mas ainda preciso fazer uma tomografia para verificar se não houve formação de coágulo. Antes disso, não posso liberá-lo.

— Sabe quem o atacou, padre? – questionou Michael.

— Estou sendo ameaçado desde que pisei em Londres. Não sei quem é você, mas deve ter mais respostas do que eu.

— Vocês podem nos deixar a sós? – o americano solicitou aos demais.

— Lembre que ele está sob cuidados médicos e não deve se estressar – advertiu o médico.

— Não se preocupe. Quero apenas conversar.

Assim que os três deixaram o quarto, Michael prosseguiu.

— Pietro, como você, estou aqui em uma missão sigilosa...

— Quem disse o que vim fazer aqui? – o padre o interrompeu, elevando a voz.

— Isso faz parte do meu segredo.

— Você também está me seguindo?

— Protegê-lo está entre minhas atribuições.

— Você trabalha para o serviço secreto inglês?

— Não tenho nada a ver com eles.

— Trabalha para a Igreja, então? – insistiu o padre.

— Não interessa para quem trabalho. Se você colaborar comigo, Pietro, nós dois

ganhamos. Você completa sua missão e eu a minha. Mas se você preferir ser pisoteado por aquele maníaco, a escolha é sua. Isso é livre-arbítrio, não?

— Vamos supor que eu concorde com você. O que devo fazer?

— Amanhã você comprará uma passagem aérea de volta para Roma e escreverá um e-mail a David dizendo que a missão foi abortada. Para essas ações, usará seu celular e seu computador – explicou Michael.

— Está louco! – berrou o padre, sentindo pontadas doloridas na cabeça.

— Aquele maníaco é bem esperto. Precisamos despistá-lo. Ele deve acreditar que você ficou com medo e desistiu de tudo.

— Eu não vou desistir!

— Eu não espero isso de você, Pietro. Continuará em Londres, mas em outro endereço, com um novo celular e um novo *notebook*.

— Por que tudo isso?

— Você foi grampeado. Ele ouve suas ligações e monitora seus acessos à internet.

— Quer dizer que ele sabe tudo o que pesquisei?

— A tecnologia faz seus milagres.

— Não posso interromper minha comunicação com David – adiantou-se.

— Acho que o jornalista também está sendo monitorado. Eu me encarrego de procurá-lo pessoalmente para esclarecer sua situação. Quando estiver invisível na cidade, aproximo vocês dois novamente.

As pontadas doloridas se intensificaram. Esforçara-se muito nos últimos minutos e o corpo exigia repouso. Já não conseguia mais fítar seu interlocutor.

— Nos encontramos amanhã – despediu-se, fechando os olhos. Respirou aliviado. Deus lhe dera uma segunda chance. Se não tivesse enviado Michael, agora, provavelmente, estaria prestando conta de seus erros no Purgatório. “Você precisa se perdoar primeiro. Só então sentirá meu perdão.” Foi assaltado por aquela mensagem. Sem o perdão divino, seu destino era outro. Estremeceu ao pensar no fogo do Inferno.

O *maître* os conduziu à discreta mesa reservada por David.

— Espero que goste de Gordon Ramsay – disse o jornalista, puxando a cadeira para sua convidada sentar-se.

— Acho que vou te decepcionar. Nunca assisti aos seus programas – resignou-se Mary.

— Deixe-me adivinhar seus pratos favoritos: pizza, cachorro- -quente, pipoca. *Cheesecake* de sobremesa.

— Prefiro os doces com chocolate.

— Tem alergia a alguma coisa?

— Não. Pode sugerir o prato.

— Dois *Menu Prestige* com vinho, por favor – pediu ao garçom.

— Agora me explique o que vou comer. Não gosto muito de surpresas.

— O *Menu Prestige* é um passeio pela cozinha do *chef*. Vamos provar vários pratos em pequenas porções e elas serão harmonizadas com vinhos sugeridos pelo *sommelier* do restaurante. A primeira entrada é o *sautéed foie gras*. Para beber, o *sauternes* Château de Fargues 2001, produzido em Bordeaux.

— Você está falando inglês? – indagou Mary.

— Para comer, uma composição com fígado de ganso. É um prato bem untuoso. O *sauternes* é um vinho mais denso do que você deve estar acostumada e que combina com a textura do prato. Por outro lado, sua doçura contrasta com o salgado, criando um casamento perfeito na boca – explicou com um sorriso de satisfação.

— Esse mesmo vinho serve para os outros pratos? – Mary fingiu interesse.

— Absolutamente, não. Cada prato tem sua personalidade. O mesmo acontece com o vinho. Eles precisam estar em sintonia. A harmonização à mesa é muito parecida com os relacionamentos humanos. Imagine um namoro entre a Carol e o Paul – disse David, rindo da própria comparação.

— Não daria certo. Dizem que ele é gay. Agora, entre a Carol e você, consigo imaginar... – insinuou Mary.

— Você já deve saber que nós dois saímos algumas vezes.

— Por que não deu certo?

— Não existem vinhos ideais para acompanhar pratos complexos. Apenas aproximações. Algumas tentativas são mais bem-sucedidas do que outras.

— Acho que entendi. Ela não era bem seu estilo de vinho.

— Quase isso – esquivou-se. Não estava disposto a expor para a assistente sua vida íntima com a editora de moda.

- Nessa sua explicação esquisita, não existe lugar para almas gêmeas?
- Existem casamentos perfeitos. *Foie gras* com *sauternes* é um exemplo que você está prestes a experimentar. Ostras com champanhe também.
- Você já encontrou seu par perfeito?

Mary foi direto ao ponto, encarando David nos olhos. Ele abaixou a cabeça. Suspirou. Estava visivelmente consternado. Nem notou que alguém se aproximara da mesa.

Com uma dor aguda na panturrilha esquerda, Andrew estacionou o carro. Conferiu o mapa no computador de bordo: Covent Garden. Um líquido viscoso roçava sua pele. Levantou a barra da calça encharcada. Avaliou com frieza a carne dilacerada. O corte era profundo.

Precisava ser suturado imediatamente. Não podia se registrar em nenhum pronto-socorro. Era uma das desvantagens de viver nas sombras, sem identidade. Para emergências médicas, deveria acionar o cirurgião Patrick Woodward, membro da ordem. Não solicitava seus serviços há pouco mais de dois anos, quando fora atacado por uma mulher e sofrera uma perfuração no abdômen. Desejou que o americano tivesse o mesmo destino daquela jovem. Ser eviscerado vivo. Checou o relógio. Não sobraria tempo para o doutor Woodward. Precisava improvisar. Apanhou no porta-luvas um pedaço de estopa e o amarrou com força em volta do ferimento. Uma chamada no celular. “O que esse imbecil quer comigo?”, pensou, atendendo a ligação.

— Cadê você? – perguntou o conde de Bedford.

— Em Covent Garden.

— Espero que o padre não nos importune mais.

— Lembra-se do americano que colocou uma escuta na mesa do padre e do jornalista? – indagou Andrew.

— Vagamente.

— Ele estava na igreja durante o encontro.

— Alguma atitude suspeita?

— Ele surgiu no quarto do padre e tentou defendê-lo.

— Conseguiu?

— Também apanhou. Mas conseguiu enfiar um canivete na minha perna – respondeu Andrew, sem disfarçar a raiva na voz.

— Isso é problema seu. Se esse americano continuar no nosso caminho, será problema meu. Suma com ele.

— Ok – respondeu Andrew, com os punhos cerrados. “Esse sujeito arrogante não perde por esperar.” Desligou o telefone. Quatro adolescentes deixavam o Rock Garden, a poucos metros dali. A banda tinha checado os equipamentos e pretendia jantar um sanduíche antes do show.

— Aposto que um produtor vai estar na plateia – disse um deles.

— E amanhã a gente recebe o convite para gravar um CD – comentou outro.

— A gente vai explodir. Vai encher de gatinha no nosso pé – previu Philip, um

adolescente alto e esguio, cabelo loiro e liso cobrindo as orelhas. – Mas tudo isso vocês devem a mim.

— Ao seu pai, cara. Se ele não fosse importante, a gente nem tava aqui.

— É verdade. A gente faz um brinde com o velho. Ele prometeu que viria.

— Olha só. O cara tá sangrando – um dos adolescentes mostrou com a cabeça o homem que mancava na direção contrária.

— Vocês podem me ajudar? – pediu o estranho.

— O que aconteceu? – perguntou Philip.

— Fui atacado por um cachorro. Preciso de um pronto-socorro.

— Vou pedir um táxi – adiantou-se um deles.

— Meu carro está aqui perto. Ficaria grato se me ajudassem a chegar até lá.

— Como você vai dirigir com a perna desse jeito? A gente vai tocar daqui a pouco... – explicava Philip.

— Só preciso pegar meus documentos no porta-luvas – insistiu o estranho.

“Ajude esse homem, Philip.” Aquela mensagem invadiu seu pensamento como uma ordem. E vinha acompanhada por um mau pressentimento. O show fracassaria se ele não obedecesse à voz de sua “consciência”.

— Deixem comigo. Encontro vocês daqui a pouco – disse o guitarrista aos colegas. – Apoie seu braço no meu ombro – dirigiu-se ao desconhecido.

— Muito obrigado. Está cada vez mais difícil encontrar pessoas solidárias em Londres.

— Vai ficar tudo bem, cara. Não se preocupe.

— Meu carro é esse aqui – disse, apontando para um Mercedes cinza e desativando o alarme no controle remoto. – Está doendo muito. Acho que não consigo abaixar. Você pode pegar minha carteira no porta-luvas?

— Sem problemas – consentiu Philip, abrindo a porta do carro e abaixando-se para vasculhar o porta-luvas – Não estou encontrando...

— Claro, ela está no meu bolso – retrucou Andrew, tocando em suas costas.

No mesmo instante, Philip soube que fora enganado. Tentou se levantar, mas sentiu o corpo sem energia. E tombou no banco do passageiro.

As lágrimas escorreram assim que David girou o vinho na taça de cristal. Após observá-las atentamente, levou a borda ao nariz, fechou os olhos e inspirou, tentando apreender os aromas da bebida. Um sorriso sutil antes de passar o vinho pelo paladar. Entornou uma quantidade pequena na boca e a chacoalhou, da mesma maneira que utilizava o antisséptico bucal após escovar os dentes. Mary abaixou a cabeça, tentando segurar a risada.

— Está bom – o jornalista disse ao *sommelier*.

— Conte para mim a piada. Também quero rir – David reiniciou o diálogo, interrompido assim que o vinho chegou à mesa.

— Você bochechou o vinho. Isso é muito engraçado – entregou sua assistente, antes de saborear um pedaço do *foie gras*.

— A língua é dividida em várias partes. Para degustar um vinho, você precisa fazê-lo passear por todo o paladar. Uma agulhada nas laterais, por exemplo, indica sua acidez. Tente fazer isso.

— É melhor não.

— Vamos. Coragem.

Ela colocou um pouco de vinho na boca. Chacoalhou. Caiu na gargalhada antes de conseguir engolir, aspergindo a bebida sobre a mesa. Foi a vez de David achar graça na situação.

— Desculpe – ela disse sem jeito, usando o guardanapo de pano para enxugar o *sauternes*.

— Você perguntou se eu já encontrei meu par perfeito...

— Fui indiscreta. Não precisa responder – interrompeu Mary.

— Está tudo bem. Há quinze anos sofri um acidente de carro. Minha namorada morreu. Eu estava apaixonado por ela, Mary. Nunca mais senti o mesmo por ninguém. Ela podia ser meu vinho ideal, sim. Mas nunca vou saber, porque ela se foi.

— Há alguns meses, entrevistei uma mulher que perdeu a família em um desastre. Ela me disse: “A morte me parece algo antinatural. Você está com a pessoa amada e, poucos segundos depois, ela não está mais lá. E nunca mais vai estar” – recordou-se Mary, sentindo um aperto no peito.

— Achei injusto o que aconteceu. Por isso deixei a religião de lado. Ela não aliviou minhas angústias. Ao contrário da música erudita, do vinho e... – interrompeu a frase. “Do seu sorriso”, continuou em pensamento.

— E do quê? – perguntou Mary, curiosa, aproximando o corpo da mesa e

encarando David.

— Deixe para lá. Me fale um pouco sobre você. Existem jornais excelentes no seu país, por que veio estagiar em um tabloide inglês? – esquivou-se seu chefe, pegando um pedaço de *foie gras*.

— Meu pai queria que eu fosse jurista. Nunca gostei de direito, David, mas resolvi tirar a prova e fiz algumas disciplinas em Harvard. A única coisa boa da faculdade foi uma amiga que me convenceu a abandonar o curso e a seguir minha vocação.

— Temos algo em comum. Também contrariei meu pai e acabei no jornalismo.

— O que ele queria que você fizesse?

— Queria que eu representasse os interesses da Grã-Bretanha no exterior.

— Ele é diplomata?

— Banqueiro e presidente da Chatham House – respondeu David, desviando os olhos para a taça de vinho.

— A Carol me disse que vocês não conversam.

— Vejo que vocês fofocaram bastante sobre mim – comentou o jornalista, consternado.

— Respondendo sua pergunta, trabalhar em Londres não foi exatamente uma escolha. Fugi para cá, David. Se continuasse nos Estados Unidos, não conseguiria emprego em lugar nenhum. Meu pai é poderoso. E vingativo – revelou Mary, encarando-o e arrastando seu olhar de volta para ela.

— Há uns dois anos, você deve ter acompanhado a onda de assassinatos violentos em Londres – disse David.

— Claro. Me lembro até das manchetes: “A volta de Jack, O Estripador”, “O Estripador de Londres ataca de novo”...

— Investiguei os crimes a fundo e emplaquei matérias exclusivas. Foi por causa de uma delas que meu pai deixou de falar comigo – explicou David, girando a taça e levando-a à boca.

— Como assim?

— Eu defendia que os assassinatos não eram cometidos por um *serial killer* isolado. Eram planejados por uma seita satânica poderosa. Consegui a lista dos nomes de seus membros. Havia desde industriais até políticos da Câmara dos Lordes. Recebi carta branca do diretor do jornal para publicar o furo.

— E o maníaco que confessou os crimes? – inquiriu Mary, tomando um gole de vinho.

— Apareceu no dia seguinte. O estrago já estava feito. Vários amigos de meu pai foram atingidos pelo escândalo. Ele exigiu que eu me retratasse publicamente para remediar o erro.

— Por que não fez isso?

— Porque acreditava que minha versão estava correta. E ainda acredito, Mary.

O próximo acorde do *Menu Prestige* chegava à mesa: ravióli de lagosta. O *sommelier* trazia o consorte: “Y” d’Yquem 1985.

O chute fora forte. A mão direita estava inchada e bem dolorida. Mas seu adversário saíra da luta pior do que ele – sem conseguir eliminar seu alvo, com um corte profundo na panturrilha e o melhor: entregara o padre de bandeja em suas mãos. Agora que tinha o consentimento de Pietro, poderia manipulá-lo da maneira mais conveniente. Montaria guarda na porta do quarto do Hospital Chelsea and Westminster até que ele recebesse alta. Conhecia várias histórias de queima de arquivo em hospitais. Não poderia arriscar seu pescoço mais uma vez. Ainda mais que seu inimigo agia de maneira estranha. Ou ele tinha uma agilidade incomum, ou era capaz de retardar o tempo. Também parecia imune à dor. Assim que recebera a missão, o senador Bundy o advertira de que talvez enfrentasse pessoas com poderes paranormais. “Contra eles, nossas armas sempre falham. Se você se deparar com um desses feiticeiros, use isso”, orientara o político, entregando a Michael uma corrente com um medalhão de bronze, explicando: “Isso tem o poder de anular magia negra”. Não acreditava naquela bobagem. Mas, ressabiado que era, levava o objeto em sua bagagem. Quando chegasse a seu QG, colocaria o estranho medalhão em torno do pescoço e não o tiraria até completar a missão. Mal havia tomado a decisão, uma enfermeira passou por ele, roupa justa, peitos fartos, cabelo loiro na altura dos ombros, lábios carnudos. “Que gostosa”, pensava, observando-a se afastar. Ela virou-se e o flagrou admirando suas curvas. Sorriu com os olhos. “Nem essa enfermeira vai conseguir me tirar daqui. Nunca pensei que fosse trocar uma mulher por um padre”, riu da situação. Lembrou-se de seu outro protegido. Rastreou David pelo *tablet*. O carro estava estacionado em Chelsea. O celular vibrou no bolso da calça.

- Cuspiram na hóstia – adiantou-se Michael ao atender a ligação.
- Quem cometeu o sacrilégio? – perguntou Bundy, na outra ponta da linha.
- Um feiticeiro. Pensei que isso fosse apenas uma brincadeira.
- Uma brincadeira que poderia ter te queimado! Você estava com o escudo? – inquiriu o senador.
- Ele saiu derrotado – despistou Michael.
- Qual será o próximo passo?
- Amanhã, ele jogará a batina.
- Parabéns! Coloque-o próximo ao templo da deusa.
- A reserva já foi feita.
- Já posso sentir o cheiro da Operação Luxúria. Mais uma coisa: o padre não pode perder o contato com sua alma gêmea – instruiu Bundy.

— Entendido. Serei o cupido. Até logo.

Michael desligou o celular com o cenho franzido. Ele e o senador haviam combinado alguns códigos antes da viagem. “Hóstia” e “santuário” eram referências explícitas ao padre Pietro Amorth. O inimigo com poderes psíquicos era Andrew, o feiticeiro. Mas isso era apenas a descrição cifrada dos últimos acontecimentos. Ele estava preocupado com o que estava por vir: Operação Luxúria e deusa. A enfermeira loira vinha agora na direção oposta. Sorriu ao passar por ele e parou a poucos metros.

— Aposto que você está olhando para a minha bunda – ela o provocou com uma voz rouca, virando-se lentamente. Lábios entreabertos com um quase sorriso. Sedutora.

— Alguém consegue não olhar?

— Posso mostrar mais do que isso.

— Estarei aqui a noite inteira – respondeu Michael.

— Meu turno acaba em meia hora – revelou a enfermeira, prosseguindo seu caminho com um rebolado insinuante. Para ele, era um convite irrecusável. As mesmas palavras que há poucos minutos eram sinais de missão bem-sucedida poderiam arruiná-lo nas próximas horas: deusa e luxúria.

O jornalista repetiu o ritual de degustação com o “Y” d’Yquem. Nessa segunda vez, Mary prestou atenção na maneira como ele mergulhava com os sentidos – e a alma – naquela taça. Por um breve instante, o tempo se tornava eterno e tudo à sua volta perdia importância: a morte de Susan, a briga com o pai, o naufrágio profissional.

— Já falei mais sobre mim do que gostaria. É a sua vez – disse David, assim que voltou do transe báquico.

— Antes queria saber mais sobre sua versão para aqueles crimes bárbaros. A que chegou até mim pareceu bem convincente. Assisti até a uma entrevista com um agente do FBI explicando a mente e o modo de agir do Estripador de Londres – Mary queria retomar o assunto anterior à interrupção do garçom e do *sommelier*.

— Quando vínhamos para cá, você defendeu os vários lados da história. O dos vencedores sempre prevalece. E, com o passar dos séculos, a verdade se torna irrelevante. Por exemplo: você sabe quem foi Alberto Santos-Dumont?

— Nunca ouvi falar.

— Era um brasileiro que o mundo aclamou como o verdadeiro inventor do avião – explicou o jornalista, antes de saborear o ravióli de lagosta.

— Deixa disso, David. Todo mundo sabe que os inventores foram os irmãos Wright.

— Pode ser isso mesmo. Mas talvez essa ideia seja resultado do *marketing* americano. Os poderosos escrevem a história. E uma mentira repetida milhares de vezes se torna real. Percebe como a verdade se torna irrelevante? – rebateu David, levando a borda da taça ao nariz.

— Existem fotos e testemunhas dos primeiros voos dos irmãos Wright...

— O primeiro voo homologado da história de um mais-pesado- -que-o-ar, ou seja, avião, aconteceu em Paris, não nos Estados Unidos. Ele foi acompanhado por uma equipe técnica qualificada. Não por pessoas sem nenhuma credibilidade – retrucou, tomando um gole do vinho branco.

— Para mim, os irmãos Wright continuam sendo os pais do avião.

— Para você e para quase todo mundo. Para mim, Mary, o avião foi criado por um brasileiro, e o Estripador de Londres não passa de uma fábula.

— Por que pessoas poderosas arriscariam a reputação a troco de crimes gratuitos? – indagou a americana, pegando a taça de vinho.

— Você mesma já deu a resposta na primeira vez que discutimos religião. Para aqueles psicopatas, o sacrifício humano é uma moeda de troca. Eles acreditam que

serão bem recompensados se fizerem a vontade do diabo. Ou Deus, se preferir o outro lado. É uma fé legítima? Para mim, Mary, isso é uma depravação moral – argumentou, observando-a dar um largo gole na bebida.

— É mais confortável pensar na existência de um maníaco irracional por trás daquelas crueldades do que pessoas esclarecidas. Não imagino lordes ingleses... – dizia, até ser interrompida.

— Meu pai tentou esse argumento. Mas ele é uma falácia. Você conhece história. É só fazer um paralelo simples. No regime nazista, pessoas comuns se tornaram assassinas. Todo mundo tem um lado sombrio, Mary. E um líder perverso é capaz de transformar “pessoas esclarecidas” em “bestas sanguinárias”.

— Você descobriu o líder da seita? – indagou a repórter, devorando um ravióli.

— Ele é chamado de Duque Negro. Mas nunca soube sua identidade.

— E desistiu de procurar?

— Levei um tombo e precisei reiniciar minha carreira. Confesso que nos últimos meses quase nem pensava mais nisso. Até que uma pessoa, que me ajudou muito nas investigações, ressurgiu em minha vida.

— Deixe-me adivinhar: ele usa batina? – perguntou Mary, com um sorriso triunfante.

— Por que está tão interessada nesse assunto? – inquiriu David, olhar desconfiado.

— Porque quero saber mais sobre você.

— Então vou revelar algo fundamental a meu respeito, Mary. O próximo prato é um dos meus favoritos do Gordon Ramsay.

— Isso deve ser o que chamam de refinado humor britânico. Mas a do brasileiro que inventou o avião foi insuperável.

— Pergunte sobre Santos-Dumont para sua amiga Fernanda.

— Por falar nela, tenho uma surpresa.

— Qual?

— Vamos esperar o próximo vinho. Quero brindar a isso com ele – respondeu a jovem americana. David sorriu. Sua assistente era bastante curiosa e, quase sempre, indiscreta. Intrmetia-se em sua vida sem nenhum constrangimento. Qualidade excepcional para uma repórter de tabloide, mas delicada em outros veículos. Ela também era observadora, tinha raciocínio rápido e olhar crítico. Além de uma agenda de telefones de causar inveja à experiente Carolyn. “Ela escolheu a profissão certa. Pena seu pai não ter enxergado isso”, concluiu David.

Michael conferiu o horário pelo relógio de parede do corredor. Desde que fora provocado pela enfermeira, há cerca de quarenta minutos, não percebera nenhum movimento suspeito naquela ala do hospital. O padre estava bem sonolento durante a conversa. Efeito de analgésicos. Provavelmente dormiria até os exames do dia seguinte. Era só esperar aquela deusa surgir diante dele e arrastá-la para uma sala isolada. “Estou quase realizando minha fantasia de transar com uma enfermeira. E das melhores”, pensou, com um sorriso malicioso. Desde que convencera a colega a se despir na sacristia da igreja, ele ficava excitado em situações de risco, quando havia o perigo de ser flagrado e, eventualmente, punido. Esse fetiche o levou a algumas loucuras. Aos catorze anos, convencera a menina mais bonita da sala a fazer sexo oral na biblioteca. Aos dezesseis, transara com a professora de matemática no banheiro da escola. Em seu currículo, já transara com uma aeromoça no aperto do banheiro do avião, em plena turbulência, deixara a dentista de quatro na cadeira do consultório, com a sala de espera lotada, chupara a esposa de um ex-chefe na sala da diretoria... Mas nunca conhecera uma enfermeira na intimidade. Distraiu-se pensando nos atributos daquela mulher.

— Vejo que continua me esperando – a voz rouca o surpreendeu.

— Esperaria até amanhã – respondeu Michael.

— Me siga. Mas fique um pouco atrás para não chamar a atenção. Estou toda molhada.

Mesmo excitado com aquela frase e hipnotizado com o rebolado sensual, forçou-se a prestar atenção no caminho. Estava a serviço e precisava voltar à vigilância na porta do quarto o mais rápido possível. Duas rampas, três lances de escada e várias curvas levaram-no ao depósito. Ao menos era o que indicava o letreiro na porta. A enfermeira tirou a chave do bolso e destrancou a sala. Michael calculou oito metros quadrados. Sete prateleiras carregadas de suprimentos cobriam as paredes.

— Venha, me coma – ela ordenou, virando-se de costas e ficando de quatro na cama cirúrgica, encostada em caixas de medicamentos e rolos de bandagem. Michael notou uma serpente tatuada em seu pescoço. Certamente seu protegido de batina diria que era um símbolo do demônio. “Bobagem”, pensou, levantando a saia e descobrindo que ela estava sem roupa íntima. Suspirou. Abaixou as calças e admirou as curvas perfeitas daquele traseiro por alguns segundos, antes de penetrá-lo com força. No mesmo instante em que a enfermeira tinha o primeiro orgasmo, a poucos metros dali o padre Pietro sentia uma alfinetada aguda no lado esquerdo da cabeça. E pressentia que não estava sozinho no quarto.

No tilintar das taças com o Condrieu “Les Grandes Chaillee” 2008, David ansiava pela novidade. Mas, antes de anunciá-la, Mary fez uma provocação:

— É assim que você faz suas vítimas?

— Não entendi.

— As mulheres costumam ficar bêbadas na primeira taça de vinho – explicou a americana, com um sorriso malicioso. – Essa já é a minha terceira.

— Devo estar perdendo você para Baco – brincou David.

— Consegui uma exclusiva com a Fernanda para você – revelou Mary.

— Está brincando? – disparou, com os olhos brilhando de excitação.

— É sério. Adivinhe onde vai ser?

— Não me mate aos pouquinhos.

— Na suíte dela no Mandarin Oriental. No dia seguinte ao da coletiva.

— Isso merece mais do que um brinde com esse vinho – disse David, consultando a carta de vinhos.

— Gostei deste vinho. Você tem alguma coisa contra ele?

— Quero que você tome o melhor vinho de sua vida – respondeu seu chefe. – Uau! Eles têm o Pétrus 1947. Dizem que ele é capaz de abrir as portas do céu.

— Prefiro abri-las em outra ocasião. Mas com a mesma companhia – retrucou Mary, sorriso nos olhos.

— Me avise quando esse momento chegar. Tenho um na minha adega.

David estava encantado com sua assistente. Naquele momento, o tempo parecia eterno, e todas as preocupações tornaram-se irrelevantes. Era como se estivesse degustando um Pétrus 1947, que quase pediu ao *sommelier* para comemorar a exclusiva com a top model brasileira. Mas até aquele rótulo perdia importância diante do sorriso de Mary.

— Gostei do *foie gras* e do ravióli. Que venha a sobremesa – ela quebrou o silêncio.

— Temos mais dois pratos antes dela.

— Pensei que tivesse sido convidada para um jantar. Não para uma maratona gastronômica.

— Espero que não queira desistir antes de ultrapassar a linha de chegada – rebateu David, reconduzindo a conversa – Na matéria que você escreveu hoje, fiquei impressionado com seu conhecimento sobre religiões. E a maneira apaixonada com que discute o assunto me faz concluir que, para você, ele é mais do que uma curiosidade intelectual. Estou certo?

— Finalmente vai me dar espaço para falar sobre isso? – retrucou a americana, com um sorriso discreto no canto dos lábios.

— Fique à vontade.

— Sou uma bruxa – revelou Mary, encarando seriamente o interlocutor, na expectativa de sua reação.

— Por isso estou enfeitiçado por você? – indagou David, girando a taça de vinho.

— É sério. Minhas tataravós eram bruxas. Ainda bem que conseguiram sobreviver. Senão, eu não estaria aqui enfeitiçando você – explicou, sorrindo com malícia.

— Por isso não gosta de padres?

— A inquisição católica foi um dos maiores crimes...

— Depende do lado em que você esteja – interrompeu David.

— Estou do lado oposto.

— Acho que ficaria assustado se visse o altar da sua casa – brincou o jornalista.

— Se quer saber, meu deus tem chifres, como o diabo.

— Você faz parte de alguma seita satânica? – perguntou, incrédulo.

— Minha religião é anterior ao cristianismo, David. Milênios atrás, chifre era sinal de divindade. Na Babilônia, por exemplo, quanto mais chifres, mais poderoso era o deus. A Igreja Católica transformou deuses em diabo para acabar com o culto das bruxas na Europa Ocidental – argumentou Mary.

— Interessante...

— Os satanistas não passam de um subproduto da igreja porque cultuam uma aberração criada por ela. Quando sacrificam pessoas em seu altar, não estão adorando o deus verdadeiro, mas um ídolo falso. Bem antes do catolicismo, David, o deus de chifres, ou conífero, era símbolo da vida, da sexualidade, do êxtase e da liberdade. Não exigia a morte de ninguém – prosseguiu sua assistente.

David girou a taça de vinho no ar. Antes de levá-lo à boca, olhou para Mary, sorriu e disse:

— Nunca tinha prestado atenção em um detalhe. O deus do vinho tem chifres.

O padre tentou se levantar da cama do hospital. Mas não conseguia mexer os braços e as pernas. Concluiu que estava imobilizado. Diante dele, um homem na penumbra levantou os dois braços e se aproximou do leito. Desde que chegara à zona de desembarque internacional, no Heathrow, aquele rosto não o deixava em paz. Primeiro pertencia ao motorista mal-humorado que andava apressado e se recusava a conversar. Logo depois, aqueles mesmos olhos o vigiavam no chá da tarde com David. Eles também se escondiam atrás de óculos escuros no encontro com o jornalista no Brompton Oratory. Foram aqueles lábios pecaminosos que desafiaram Jesus Cristo em seu quarto, enquanto ele era surrado impiedosamente abaixo do crucifixo de madeira. Naquele quarto de hospital, o mesmo rosto sorria com sadismo. Pietro tentou gritar. A voz não saía. Desesperou-se diante de sua impotência. “Meu Deus, me ajude”, rezou em pensamento, tentando se tranquilizar.

— Injetei uma droga em seu corpo. Você não consegue se mexer nem gritar. Mas ficará consciente o tempo todo – disse Andrew, retirando a cobertura de uma mesa metálica, ao lado da cama. – Talvez sinta até menos dor.

Lágrimas saíram dos olhos do padre ao vislumbrar o arsenal às mãos daquele servo do diabo: serrotes, bisturis, martelos, foices.

— Não se preocupe. Seguirei as palavras de seu mestre. Você deve conhecer o sermão da montanha de cor. Gosto dessa passagem: “Se teu olho direito te leva à queda, arranca-o e joga para longe de ti. De fato, é melhor perderdes um de teus membros do que todo corpo ser lançado ao inferno” – recitou Andrew, deslizando o dedo da mão direita sobre a lâmina serrilhada. – O demônio me contou seus segredos, padre. E, por ironia, serei o instrumento divino para que você entre no Paraíso. Nem que não seja inteiro.

Pietro sentiu dor no peito. O suor atravessava seu rosto. As mãos e as pernas tremiam. Tentou gritar novamente. Um som abafado emergiu de sua garganta. Quase inaudível. Seu algoz apoiou a lâmina do serrote maior em seu punho direito, imobilizado.

— Essa mesma mão, padre, que abençoa as pessoas e consagra o corpo e o sangue de Cristo, também apunhalou alguém até a morte. É imunda. É melhor arrancá-la fora. Com um olhar perverso, cortou lentamente a mão de Pietro. O sangue jorrou. Em seguida, pegou o membro e atirou-o ao lixo.

— Ainda é cedo para morrer de hemorragia – continuou Andrew, cauterizando o local da amputação. – Você tem muitos pecados, padre. Para salvá-lo, ainda tenho muito serviço pela frente. Você sabe que, no Jardim do Éden, o fruto proibido não

era uma maçã? Era a boceta de Eva. Sempre achei engraçada a história do pecado original. Bilhões e bilhões de pessoas pagando o preço de uma única foda. A foda original – disse Andrew, pegando um instrumento que parecia uma foice.

“Meu Deus, me leve com você”, chorava Pietro. “Não mereço o martírio.” Sua calça foi abaixada até a altura do joelho.

— Você quase não aguentou o tesão quando a puta abriu as pernas. Ficou com vontade de pagar cem libras para foder aquela vadia, não é verdade? Você precisa ser mais fiel aos ensinamentos de seu mestre. Vou transformá-lo em um eunuco. Vai virar um anjinho, padre – provocou-lhe, segurando com força seu pênis e arrancando-o em um só golpe, rápido e certo. – Esse instrumento do pecado vai para o lixo, juntamente com sua mão.

A cabeça rodopiou. Tudo ficou escuro. Por frações de segundo, Pietro sentiu que estava desmaiando. Ao voltar a si, deparou-se com um bisturi a poucos milímetros de seu olho direito. Gemeu.

— Chegou minha parte preferida. Vamos arrancar isso aqui e jogá-lo para longe. Assim, você não vai mais precisar desviar ou fechar os olhos sempre que uma mulher gostosa passar perto de você. Ou abrir as pernas na sua frente – gargalhou Andrew.

Aterrorizado, o padre tentava lhe dizer algo. Mas a frase não saía.

— Já sei que não tem mais pinto. Mas o tesão continua. Você já percebeu que a visão é o sentido preferido do diabo. Por essas janelinhas malditas, quase todas as almas se perdem. Vamos arrancar o mal pela raiz.

Pietro sentiu uma agulhada no lado esquerdo da cabeça. E berrou. Dessa vez o grito saiu. Uma luz explodiu em seus olhos. Havia mais alguém no quarto.

As duas sobremesas foram, para Mary, a melhor parte do *Menu Prestige*. E compensaram o pecado da gula.

— Essa é divina! – comentou Mary ao saborear o *crème brûlée*.

Após algumas confissões e a revelação de que sua assistente era uma bruxa, o jornalista julgara melhor mudar o tom da conversa. E os dois terminaram o menu degustação discutindo blues. Não era o estilo musical favorito de David. Ele gostava de música erudita. Apesar de conhecer vários intérpretes, Mary curti mais outros estilos. Seu iPod estava repleto das canções de The Doors, Pink Floyd, Led Zeppelin.

Assim que David estacionou o carro, em Chelsea, a canção “Angel of the Morning”, na voz de Nina Simone, começou a tocar.

— Não acredito! Não ouço essa música há tanto tempo... Adoro a voz dessa mulher. Adoro essa letra. Você vai ter que me aguentar até o fim – disse Mary, iniciando um dueto com a cantora.

— Isso não vai ser difícil – David consentiu. “Ela é encantadora”, pensava, observando-a cantar.

— “Apenas me chame de anjo da manhã. Apenas toque em minha face antes de me deixar, baby”. No fim da música, ela virou-se para ele:

— Você me acompanha até a porta de casa?

— Não deixaria você ir até lá sozinha – respondeu-lhe, apanhando a bengala atrás de seu banco.

— Você só usa isso para parecer mais elegante – insinuou a americana.

— Ela se tornou minha companheira inseparável desde o acidente de carro.

— Nunca esquecerei esse dia. Meu primeiro menu degustação – ela mudou o rumo da conversa.

— Também não. Foi a primeira vez que jantei com uma bruxa – respondeu David, olhando para ela. – E não senti medo.

— E foi a primeira vez que não precisei beijar o sapo. O príncipe chegou prontinho – disse Mary, já à porta de casa. Aproximou-se de David com a boca entreaberta. Olhos maliciosos. Um suspiro. Ele passou o braço direito por trás de sua cintura e a trouxe para mais perto, unindo os corpos. Sentiu os seios excitados de Mary por trás da blusa. Os dois mamilos enrijecidos tocavam sua camisa e queriam arranhar sua pele. “Um feitiço irresistível”, pensou, segundos antes de beijá-la. Mary percebeu que David a desejava sexualmente. Afastou-se um pouco. E sorriu.

— Sempre quis conhecer a casa de George Eliot... – insinuou seu chefe.

— Adoraria que você entrasse... Mas infelizmente tenho um encontro com Mary Ann. Vamos conversar sobre o *Middlemarch* – esquivou-se.

— Um dos maiores romances do século XIX. Gostaria de participar desse colóquio literário – insistiu David.

— Sinto muito, mas é só para mulheres – ela despediu-se com um sorriso no rosto. Entrou em casa e fechou a porta.

Mary sabia surpreendê-lo. Aquele beijo lhe parecera um convite para terminar a noite em sua cama. Mas ela o dispensara com uma provocação bem-humorada. A frustração por não ter transado com sua assistente o acompanhou até o carro. Olhou mais uma vez para a porta da casa da escritora, na esperança de que Mary mudasse de ideia. Continuava fechada. Inesperadamente, foi atingido por uma sensação avassaladora de alegria. Assim que dobrou a esquina, pensou no padre. Apanhou o celular. O aparelho não marcava nenhuma chamada perdida. Apesar do horário, resolveu ligar para Pietro. Caixa postal.

Ele tentou se esticar. Os pés tocaram em barras de metal. O lugar parecia apertado. “Que dor de cabeça”, pensou, abrindo os olhos. Escuridão. Aos poucos, os objetos começaram a ganhar contornos. Uma mesa, um *notebook*, um frigobar, um armário de madeira mais distante. Percebeu um homem deitado em um sofá a poucos metros de distância. Conferiu o horário no relógio de pulso. Eram quase três da manhã. “Merda, perdi o show”, disse Philip, lembrando-se do momento em que procurava, no porta-luvas do carro, a carteira do homem ferido. Desde então, tudo se apagara. “Fui sequestrado”, concluiu, com os batimentos cardíacos acelerando. “O que esse babaca quer comigo?”. Ficou com medo ao avaliar as possibilidades. Seu raptor podia ser um maníaco sexual ou um assassino cruel. “Preciso ter a cabeça fria. Talvez ele queira apenas extorquir meu pai.” Avaliou sua cela. Era um engradado com uma área de cerca de dois metros quadrados. A altura parecia inferior a um metro e meio. Não conseguiria ficar em pé. Deitado, segurou em duas barras laterais de ferro e forçou-as para fora. Eram maciças e estavam bem fixadas nas placas que serviam de teto e chão, forrado por uma borracha espessa. A porta tinha duas trancas numéricas. Cada uma com quatro números. Além dele, não havia mais nada dentro da minúscula solitária. E nenhum objeto que pudesse lhe servir de arma estava ao alcance de suas mãos. “Estou ferrado”, deduziu, no limiar do desespero.

— Vou te dar uma chance – surpreendeu-o Andrew, levantando-se e acendendo a luz. – Se acertar os números dos cadeados, está livre. Pode ir embora. Se errar, vamos fazer uma brincadeira.

— Você é maluco. Isso é como jogar na loteria – retrucou Philip.

— Às vezes, você é um cara de sorte.

— Nenhuma dica? – o adolescente implorou com os olhos.

— Qual foi a melhor banda inglesa de todos os tempos? – perguntou Andrew.

— Os Beatles – respondeu sem pestanejar.

— Eles eram mais famosos do que Jesus Cristo. Mas não foram os melhores.

— Você deve gostar de Led Zeppelin – insinuou Philip.

— Começo a gostar de você.

— Então me deixe sair daqui, por favor.

— Não seja um fraco. Já descobriu o caminho. Quem sabe essa música não inspire você – disse Andrew, ligando o som.

Enquanto a música “Celebration Day” tocava, os dedos suados de Philip deslizavam pelos botões. No cadeado que estava acima, alinhou os números um,

zero, dois, cinco. Era a combinação do mês e do dia em que o grupo de rock fez sua primeira apresentação, na Universidade de Surrey. Ouviu um estalo. Sorriu. Tinha passado pelo primeiro obstáculo. O show inaugural ocorrera em 1968. Usou essa combinação na tentativa de destravar o segundo cadeado. Nada. Continuava preso.

— Você me enganou – desesperou-se.

— Era só pensar um pouco mais. A música que está tocando foi gravada em 1970. Tente mais uma vez.

O adolescente obedeceu. Um estalo. Passara pelo segundo e último obstáculo. Era só abrir a porta e enfrentar o inimigo. Com a perna ferida, ele estava em desvantagem. Empurrou a grade. Uma gargalhada sonora.

— Você ainda não aprendeu que não se pode confiar em estranhos, garoto – alfinetou Andrew, ostentando um sorriso sádico.

— Seu filho da puta, você me enganou! – berrou Philip, com pavor e ira.

— O que você faz na banda?

— Não interessa. O que quer comigo? – o adolescente voltou à carga.

— “Estou tão feliz. Vou me juntar à banda” – Andrew cantou um trecho de “Celebration Day”, que se repetia pela terceira vez.

— Sou o guitarrista – respondeu Philip, assustado com a performance musical de seu carcereiro.

— Não disse que você é um cara de sorte? Se fosse o vocalista, teria que cortar sua língua. Acho que sua mão direita não fará tanta falta.

— Você está louco! – berrou o adolescente. Terror estampado no rosto.

— Começarei com o dedinho. Mas não me culpe se o seu pai não entender o recado.

Andrew foi até o frigobar e pegou duas latas de cerveja.

O dia fora exaustivo. Mas David não conseguiria dormir tão cedo. Preparou o cachimbo e sentou-se na poltrona diante da lareira. “Deus com chifres”, pensou, com um sorriso no rosto. “O padre não engoliria essa.” Pegou o controle remoto e ligou o som. Preferia ouvir jazz e blues e ficar pensando em Mary. Mas precisava se concentrar em outro assunto. Selecionou *A Arte da Fuga – Contrapunctus IV*, de Bach. Folheou o bloco de notas, com transcrições de sua última conversa com o padre. Pietro lhe dissera que o conselheiro real John Dee e seu assistente receberam revelações demoníacas em uma linguagem cifrada. Uma confraria negra, criada na época de Elizabeth I, estaria em posse de uma parte inédita de sua obra. Talvez esse segredo, guardado por séculos, fosse a chave para realizar o Apocalipse Negro, instaurando na terra um império diabólico. Mas isso poderia ser evitado se o tenente humano do inferno fosse descoberto e detido. Bastava decifrar o enigma: **“A verdade está sob o selo. O leão coroadado reclama seu trono. Ele vem do Tronco de Jessé”**. Era o enredo perfeito para um romance de mistério. “Você seria um ótimo personagem de *best-seller*”, brincara Mary, antes da reunião de pauta. Charadas demoníacas, exorcismo, seitas satânicas, mutilações. Lembrou-se das Concubinas de Satã, como batizara as cinco mulheres mortas na onda de crimes ritualísticos. Mesmo que o demônio não existisse, seus seguidores eram assassinos cruéis, capazes das piores atrocidades. “Somos parceiros nessa missão. O inimigo sabia disso antes de nos encontrarmos. Ele fará um cerco contra você. Resista, David”, advertira Pietro no último encontro. Apostava que a mesma seita satânica que ele denunciara em suas matérias estava por trás dessa nova conspiração. E eles eram mestres na arte da intimidação. As suspeitas do padre podiam ser fantasiosas. Mas a ameaça era real, como a língua que ele achara na bagagem. Também havia aquele homem, estranhamente familiar, que os vigiara no Orangery e no Brompton. Com o cachimbo na mão, foi ao escritório e sentou-se diante do computador. Acessou o Google e buscou as primeiras quatro palavras da estranha mensagem que recebera em sonho: *Othil lasdi babage od dorpha Gohol*. Nenhuma página encontrada. Trocou aquele texto incompreensível pela última parte da charada demoníaca: Tronco de Jessé.

— Árvore genealógica de Jesus Cristo? – indagou-se, surpreso, ao abrir uma das centenas de páginas acessadas. Ela se iniciava com um trecho de Isaías, um dos livros do Antigo Testamento: “Um broto vai surgir do tronco seco de Jessé, das velhas raízes, um ramo brotará. Sobre ele há de pousar o espírito do SENHOR(...)”. Segundo o texto, aquela profecia apontava para a linhagem real do Messias e fora

cumprida, séculos depois, com o nascimento de Jesus Cristo. A reprodução de uma iluminura medieval mostrava uma árvore brotando das costas de um homem deitado, vestindo túnica régia. “Deve ser Jessé”, concluiu David. Nos galhos laterais, homens empoleirados. Duas pessoas se destacavam no desenho: Santa Maria e seu filho. “O diabo imita Deus”, dissera Pietro. “Os satanistas não passam de um subproduto da igreja porque cultuam uma aberração criada por ela”, afirmara Mary. Aquela bruxa encantadora tinha razão. O padre também. “Os discípulos do demônio precisam do cristianismo para legitimar suas crenças. É natural que reeditem as mesmas profecias para provar que escolheram o melhor lado. Seriam vencedores se conseguissem dirigir o fim da história, o Apocalipse”, deduziu David. Fitou novamente o Tronco de Jessé. Teve a impressão de enxergar um diabo com focinho de raposa e chifres reinando acima dos antepassados do patriarca bíblico. “Estou sendo preconceituoso. Deus já teve chifres.” Estava cansado. Esfregou os olhos. Jesus Cristo continuava lá. Folheou o bloco de notas em busca de informações sobre o *Livro de Enoque*: Os anjos, liderados por Samyaza, tiveram relações sexuais com as “filhas dos homens”.

— Esses maníacos querem imitar a profecias de Isaías. É isso, o Apocalipse Negro começa com o nascimento do Anticristo. E John Dee deve ter planejado isso – deduziu, entre as últimas baforadas do cachimbo.

Antes de desligar o computador, enviou a Pietro a lista dos membros da seita. E escreveu um e-mail ao amigo e presidente do College of Arms, Nathan Sandford. Pedia a gentileza de receber, nos próximos dias, o padre italiano Pietro Amorth, e de auxiliá-lo em uma pesquisa heráldica. Retribuiria esse favor com fotos de sua mulher na coluna social do *The Star*.

Eram quase sete da manhã quando uma enfermeira acendeu a luz do quarto de Pietro. O padre estava banhado em suor. Acabara de acordar do pior pesadelo de sua vida. Sorriu aliviado ao sentir que não lhe faltava nada. A mão continuava no mesmo lugar, o pênis e os olhos também. Respirou fundo. A enfermeira aproximou-se e retirou a bandagem do supercílio esquerdo.

— Estou faminto – reclamou Pietro.

— Infelizmente, o senhor não vai poder tomar café da manhã. Precisa estar em jejum para a tomografia.

— Nem um cafezinho?

— Só depois do exame. Agora vou refazer o curativo.

— Logo depois vou fazer esse exame, não é?

— Antes vai resolver algumas questões com seu guarda-costas.

— Você deve estar brincando comigo! – Pietro elevou a voz.

— Estou falando do homem que passou quase a noite toda plantado aqui na entrada – explicou a enfermeira, passando uma pomada amarela no corte suturado.

Alguém bateu à porta do quarto. E entrou imediatamente. Era Michael, carregando uma maleta de *notebook*. Pietro identificou-a.

— Bom-dia, padre. Trouxe seu computador.

— Podemos fazer isso depois da tomografia? Estou faminto.

— Não temos tempo. Precisamos despistar o inimigo antes que ele resolva agir novamente – disse Michael, voltando-se para a enfermeira. – Quando terminar isso, saia.

— Já terminei – ela respondeu, deixando o quarto e fechando a porta.

— Vamos logo com isso – insistiu Pietro.

— Esse pequeno espião delatou tudo o que você fez nesse computador – revelou o americano, mostrando um pequeno dispositivo inserido em uma porta USB do *notebook*. – Vamos usar a arma do inimigo contra ele mesmo.

— O que quer que eu faça primeiro?

— Compre uma passagem de volta para Roma, saindo do Heathrow no fim de tarde – orientou Michael, entregando-lhe o *notebook*.

— Tudo bem. Isso é fácil. Vou usar meu cartão de crédito para não deixar dúvida – consentiu Pietro, conectando-se à internet pela rede *wi-fi* do hospital.

— Pronto. Agora posso fazer o exame? – o padre indagou ao finalizar a operação.

— Ainda não. Escreva um e-mail ao jornalista dizendo que a missão foi abortada pelo Vaticano. Diga que você tem um assunto urgente para resolver na Itália e partirá

no primeiro voo. Por isso, não poderá se despedir dele pessoalmente.

— Quem me garante que você cumprirá sua parte no acordo?

— Eu salvei sua vida. Quer garantia maior do que essa? – retrucou Michael.

— Quando você irá procurar David e esclarecer tudo?

— Hoje. E amanhã, coloco vocês dois em contato direto. Sem nenhuma ameaça externa.

— Tudo bem – concordou Pietro, abrindo o *Outlook*. Havia uma mensagem do jornalista, enviada há quatro horas. Tema: “Os seguidores do demônio”.

— Preciso checar um e-mail – informou o padre.

— De quem?

— De David.

— Faça isso.

— Me empreste um pendrive.

— Por quê?

— Preciso gravar o anexo.

— Está aqui – Michael entregou-lhe o objeto retirado do bolso da calça – Aproveite para responder ao e-mail. Do jeito que combinamos.

O padre acenou afirmativamente com a cabeça. Assim que garantiu a gravação da lista de nomes e retirou o pendrive do *notebook*, clicou em *reply* e conferiu a mensagem escrita pelo jornalista:

Padre, tentei ligar algumas vezes. Fiquei preocupado com você após nosso encontro no Brompton Oratory. Espero que esteja tudo bem. Conforme combinado, segue a lista dos integrantes londrinos daquela organização satânica... criminosa. Não discutiria a existência do demônio com um exorcista. Para mim, isso é uma questão de fé. Mas o mal que os “seguidores do diabo” causam é um fato. Nós concordamos com isso. Quando for fazer a pesquisa no College of Arms, procure por Nathan Sandford. Ele irá ajudá-lo. Gostaria de encontrá-lo amanhã para conversarmos sobre o Tronco de Jessé. O que acha de tomarmos um chá da tarde? Abraço, David.

O jornalista deitara-se quase às duas da manhã. Estava exausto. Tentara resistir, apanhando *A Tempestade* sobre o criado-mudo. Não passara da primeira página. Já lera o livro duas vezes e não pretendia voltar a ele tão cedo. Mas os últimos sonhos intrigaram-no. Neles, as aparições de Samyaza eram antecedidas pela leitura da peça de William Shakespeare. Durante aquele dia, lembrara-se de uma citação célebre de seu protagonista Próspero, duque deposto de Milão e poderoso mago: “Somos feitos da mesma substância dos sonhos”. Da mesma maneira que Descartes, La Fontaine e Voltaire retornaram do reino de Morfeu com ideias para suas obras, a mente adormecida de David fazia conexões misteriosas na tentativa de resolver enigmas diabólicos. Era até provável que ela já estivesse sintonizada na conspiração satânica antes mesmo das primeiras revelações do padre, no Orangery. E *A Tempestade* poderia insinuar mais do que um gosto literário. Talvez tivesse pistas. “Estou ficando previsível. Isso é clichê de *best-seller* contemporâneo. Mary vai ter que se contentar com outro estilo de herói”, pensava, fechando o livro e deixando-o novamente sobre a cabeceira. Os olhos ardiam. Conforto ao fechá-los. Sem que percebesse, tinha novamente a peça em suas mãos. O mar estava revolto. As ondas quebravam acima do casco. Relâmpagos cortavam o céu e trovões retumbavam em seus ouvidos. A embarcação não resistiu aos golpes da tempestade e naufragou. O rei de Nápoles, Alonso, seu herdeiro, Ferdinando, seu irmão, Sebastião, o duque de Milão, Antônio, e uma pequena comitiva refugiaram-se em uma ilha selvagem. David estava entre eles. A campainha soou. Submergiu de *A Tempestade*. Olhou no relógio: quatro da manhã. “Não estou esperando ninguém.” Insistência. Lembrou-se de Mary. Correu para atender a porta. Sua intuição se confirmava. Sem dizer uma palavra, ela o abraçou. Sentiu os seios excitados roçando seu pijama. Um beijo ardente. David arrancou sua blusa e o sutiã e contornou, com a língua, as auréolas rosadas. Mary suspirava cada vez mais alto. Gemeu quando seu chefe colocou o mamilo direito entre os dentes e o mordiscou suavemente. Poucos segundos depois, ele abria os botões de sua calça jeans, abaixava a roupa íntima e mergulhava a língua em sua vagina. O corpo tremia, em uma sequência de espasmos. Gritos de prazer. Enquanto sentia o gosto íntimo de Mary, David notou um sinal acima do clitóris. Era uma tatuagem. Não conseguiu discernir o desenho.

— Venha... Entre em mim... Quero gozar com você... – balbuciava sua assistente, entre suspiros de prazer.

O jornalista levantou-se e a penetrou com força sobre o tapete da sala, diante da lareira. Levou um susto ao perceber que não estavam sozinhos. Um homem em sua

poltrona preferida assistia à transa. “O que esse maldito está fazendo aqui?”, pensou. Apesar do constrangimento, desejava terminar. Mais alguns movimentos e ele explodiu dentro de Mary. O *voyeur* levantou-se e aplaudiu fortemente:

— Bravo, David! Bravo!

— Quem é você? – perguntou o jornalista, colocando-se de pé à sua frente.

— Pergunta errada. Quem somos nós? Você é Samyaza e eu sou David – respondeu-lhe o intruso.

O jornalista encarou-o com espanto. Estava diante de um gêmeo idêntico. O coração acelerou. Olhou para seu reflexo no espelho acima da cristaleira. O rosto parecia deformado por um focinho de raposa. Chifres na cabeça. Era o mesmo diabo que tivera a impressão de enxergar reinando sobre o Tronco de Jessé. Era seu reflexo. Era o diabo. Um grito de pavor. Abriu os olhos. Estava deitado na cama. Ficou quieto por alguns segundos, olhando para cima e rememorando os detalhes do pesadelo. O despertador tocou às sete e meia.

Em um golpe rápido, o alicate decepara o dedo mínimo da mão direita de Philip. Nos minutos iniciais à amputação, as latas de cerveja serviram como anestésico. O sangue dançando fora de seu corpo ao som de “The Battle of Evermore”. Antes de desmaiar com o choque, jurou para si mesmo nunca mais ouvir Led Zeppelin. Acordou horas depois. A mão latejava. O lugar do corte parecia cauterizado. Conferiu o horário. Apesar de imerso na penumbra, passava das nove da manhã. Vasculhou o cárcere à procura do carrasco. Estava sozinho. Checou os cadeados. Continuavam abertos. Retirou-os da grade. Devia haver uma trava escondida em algum lugar. Tateou com a mão a parte externa do teto. Descobriu uma saliência metálica. Forçou-a para fora. Era uma pequena alavanca. Puxou-a para baixo. Um estalo. Empurrou a grade. As dobradiças rangeram. Estava livre. “Ele não é tão esperto como pensa”, disse para si. Uma escada em rampa conduzia ao alçapão. Devia ser a saída. Respirou fundo e subiu. Tentou empurrar. Nada. Estava confinado no “porão dos horrores”. Apavorou-se. Aquele homem era um psicopata. Podia retalhá-lo aos poucos. E guardar as partes de seu corpo como troféus. “Preciso de uma arma”, deduziu, procurando algo sobre a mesa. Uma espada em miniatura. Prendeu o objeto na meia e o escondeu sob a calça. Um móvel de madeira, no canto oposto à cela, chamou sua atenção. Potes de vidro de diversos tamanhos. Aproximou-se. Conseguiu segurar o grito. Cinco corações mergulhados em líquidos viscosos. Calor no peito. “Devem ser humanos”, pensou. O suor frio cortava seu rosto em várias direções. “Ou eu mato esse desgraçado, ou morro aqui mesmo”, concluiu. Voltou à prisão e se fechou. Sentou-se no chão. “Tenho que ser rápido.” Ouviu passos. “É ele.” Dobradiças rangeram. A claridade invadiu o cômodo. Evitou olhar para cima.

— Meu hóspede continua aqui?

Era a voz do homem ferido que suplicara ajuda antes do show. Os passos se aproximavam. Philip enfiou a mão embaixo da calça e segurou a arma.

— Você está livre. Seu pai aceitou minha proposta. E já cumpriu sua parte no acordo – disse Andrew, puxando uma mala pela alça – Vou conferir se está tudo aqui antes de te levar para um passeio.

Acendeu uma luminária e abriu a mala sobre a mesa. Havia cinco embrulhos. Pegou o menor.

— O que você acha que tem aqui, rapaz? – perguntou para Philip, excitação na voz.

— Um crânio de criança.

— Palpite mórbido. Aposto que é um globo de cristal – prosseguiu Andrew, retirando o plástico bolha. – Acertei. E esse aqui, quer adivinhar? – indagou novamente.

— Um LP pré-histórico – respondeu o adolescente.

— Gosto de você. Tem senso de humor. Se sua vida dependesse da resposta correta, estaria ferrado. É o *Sigillum Dei*, o selo de Deus. Um dos maiores tesouros do mestre Dee.

Desembrulhou rapidamente a peça e colocou-a sobre a mesa, embaixo da luz. Ela media cerca de vinte e três centímetros de diâmetro e quatro centímetros de espessura. Andrew ficou em silêncio. Sorriso no rosto. Acariciou lentamente a superfície de cera. Dentro de um círculo externo, estavam gravados concentricamente um heptágono, um heptagrama interligado, um heptágono menor e, no centro, um pentagrama interligado. Aquele complexo geométrico fora preenchido por inúmeras letras, números, palavras e símbolos. Andrew sentia-se tocando o mundo dos deuses. Nada mais importava. Fechou os olhos. Queria prender aquela sensação dentro de si. Percebeu que alguém se movimentava às suas costas. “Deve ser o anjo Uriel”, deduziu. Calafrio. Um baque seguido de dor. Acabava de ser apunhalado. Girou o corpo e viu Philip empunhando seu abridor de cartas. Tinha sangue na ponta. Um novo golpe rasgou a face direita. Seguiu-se um chute no escroto. E um soco na cabeça. Andrew desabou para trás. Assustado, o adolescente correu em direção à escada. Empurrou o alçapão. Nada. Esmurrou. Continuava fechado. Precisava encontrar um jeito de dar o fora dali. Olhou para baixo. O homem não estava mais caído no chão. Encostado na mesa, olhava fixamente em sua direção. O rosto se esvaindo em sangue.

— Desça aqui e se tranque na cela – ordenou-lhe.

Philip simplesmente obedeceu, como se seu corpo fosse comandado por ele.

Não tentou lutar. Nem pensou que seria torturado e agonizaria nas mãos daquele psicopata.

— Doutor Woodward, preciso de ajuda. Perfuração nas costas. Corte no rosto – relatou Andrew no celular, alterando com a mão esquerda o segredo de um dos cadeados. – Ok. Estou em casa. Até logo.

Subiu a escada cambaleante, deixando marcas de sangue no caminho. Apoiou os dois braços no alçapão e forçou o corpo para cima. O rosto se contorcendo de dor. Um ruído forte. A claridade invadiu o cômodo.

— Era só fazer um pouco mais de força. A porta está emperrada – disse, olhando para Philip. – Quando eu voltar, acertamos as contas.

O guitarrista conhecia a combinação do primeiro cadeado. O plano imediato era tentar adivinhar a do segundo. Talvez fosse um cara de sorte. Sentou-se no chão. Chorou profusamente.

A redação do *The Star* estava quase vazia. Duas faxineiras terminavam a limpeza. O *office boy* empilhava a edição do dia do jornal na mesa de entrada e uma repórter solitária lia, pela terceira vez, sua primeira matéria publicada. Estava feliz. Emplacara uma chamada de capa logo na estreia, e o texto impresso ficara quase idêntico ao original que enviara para David. Exceto por detalhes mínimos que davam agilidade à leitura.

— Parabéns. Foi uma estreia brilhante – era a voz de David.

— Obrigada – respondeu Mary com um largo sorriso, levantando-se para cumprimentá-lo. Calça jeans justa, jaqueta de veludo preta sobre a camisa branca de mangas curtas, revelando a parte superior dos seios. Um perfume suave.

— Percebo que ainda não se adaptou bem aos nossos melhores hábitos – comentou, apontando para o copo de café americano sobre a mesa, que ela comprara na Starbucks da esquina. – O que você vai fazer hoje à noite? – indagou, sentando-se à mesa e ligando o computador.

— Adoraria participar de uma nova maratona gastronômica, mas já tenho compromisso marcado.

— Com George Eliot? – perguntou, enquanto baixava seus e-mails.

— Isso foi ontem à noite. Hoje vou me encontrar com bruxas inglesas. Pretendemos criar um *coven*.

— O que seria isso?

— É mais do que um grupo de praticantes. É uma família espiritual.

— Só de mulheres?

— A única figura masculina é o deus com chifres.

David ficou quieto. Parecia hipnotizado diante da tela do computador:

Caro amigo, sua preocupação não era infundada. Pouco depois que você partiu, aquele sujeito que me perseguia invadiu meu quarto. Acho que ele queria acabar comigo. Se Deus não tivesse enviado Michael, ele teria conseguido. Passei a noite no hospital. Devo receber alta nas próximas horas e embarcarei para a Itália. A missão foi abortada pelo Vaticano. Agradeço pela atenção. E espero algum dia poder retribuir a gentileza do chá da tarde em um café na Piazza Navona. Grande abraço, do amigo Pietro.

— Droga! – deixou escapar.

— O que foi?

— O padre está abandonando o barco. Disse para eu resistir e não aguentou o

tranco – respondeu, transtornado. Apanhou o telefone e ligou para o celular de Pietro. Caixa postal.

Era a segunda reunião da semana na Câmara dos Lordes. A anterior fora suspensa após a terceira intervenção do polêmico *sir* Alexander Cotton. Dessa vez, seus companheiros esperavam um show mais explosivo. O tema a ser debatido era recorrente desde 2004. Muitos desejavam uma Câmara majoritariamente eleita. Se a reforma avançasse, *sir* Alexandre Cotton poderia ser um dos políticos a perder seu lugar no salão vermelho. Assim que o presidente da Câmara apresentou a pauta, ele se levantou, cantarolando uma canção que todos conheciam muito bem:

— “*Remember, remember the fifth of November, gunpowder, treason and plot, I see no reason why gunpowder treason should ever be forgot. Guy Fawkes, Guy Fawkes, ‘twas his intent to blow up the King and the Parliament...*”.

— Ordem, *sir* Cotton. Aqui não é o lugar adequado para exibir seus dotes musicais – interrompeu o presidente.

— E convenhamos que você é desafinado – provocou um dos *Crossbenchers*.

— Senhores, todos vocês conhecem a Conspiração da Pólvora – prosseguiu *sir* Cotton – Os terroristas queriam explodir o parlamento durante a sessão de abertura. Imaginem se os trinta e seis barris de pólvora tivessem sido detonados. Mas, como diz a canção, a divina providência interveio e Guy Fawkes tornou-se um traidor.

— Ainda faltam vários meses para a Noite das Fogueiras, *sir* Cotton. Não vejo a relevância disso em nosso debate sobre as reformas – insistiu o presidente.

— Claro que não vê. Posso explicar primeiro?

— Seja breve.

— Qual é a diferença entre um herói e um vilão?

— A intenção – respondeu um companheiro de bancada.

— Não, meu caro. É o momento histórico. Se Guy Fawkes vivesse no século XXI e explodisse o parlamento, seria um herói. Quem quer derrubar a pobre Inglaterra está do lado de dentro. Os traidores colocam o traseiro imundo nessas cadeiras e vomitam asneiras para explodir séculos de tradição! – discursava, seu tom de voz cada vez mais alto.

— Respeite as regras do jogo, *sir* Cotton. Você é um súdito de Vossa Majestade – o presidente interveio.

— Meu jogo é outro – bradou, retirando um pequeno embrulho de papel do bolso do casaco. Espanto geral. Com um isqueiro, *sir* Cotton ateou fogo na ponta do artefato e o arremessou na direção do assento vazio da rainha. Uma explosão ecoou na Câmara dos Lordes. O presidente da Câmara se jogou no chão. A pequena bomba de pólvora causou alvoroço. Os lordes se empurravam para sair da sala.

— *God save Guy Fawkes!* – bradou *sir* Cotton.

A poucos metros do tumulto, ao pé de Winston Churchill, o conde de Leicester encontrava-se com o conde de Bedford.

— Você já se encontrou pessoalmente com o Duque Negro? – questionou o conde de Bedford.

— Por uma questão de segurança, ele comanda a organização incógnito.

— Já ouviu rumores de que ele seja...

— *Sir* Alexandre Cotton? Isso é bobagem – retrucou o conde de Leicester.

— Seria uma excelente fachada. Ninguém desconfiaria que o Duque Negro é um lorde fanfarrão. Vamos ao que interessa no momento. O mensageiro do Vaticano foi acuado pelo bastardo. Retorna hoje a Roma.

— É uma informação segura?

— Já comprou a passagem e informou ao jornalista que a missão foi abortada.

— E qual é a notícia ruim? – interrogou o conde de Leicester.

— O doutor Woodward me ligou há duas horas. O bastardo foi atacado duas vezes. Como sempre, teve sorte. A punhalada nas costas acertou uma das costelas. O talho no rosto já foi costurado. Treze pontos – explicou o conde de Bedford.

— Ele está se expondo?

— Acho que ele está agindo por conta própria. Hoje de manhã, soube pela BBC que alguns objetos foram roubados do British Museum. Eram da coleção de John Dee.

— E o que o faz supor que foi o bastardo?

— Um de nossos contatos na Scotland Yard me procurou dizendo que ele pediu a ficha completa do curador do museu. Horas depois, seu filho, Philip, desapareceu na porta de um *pub* onde faria uma apresentação. Testemunhas dizem que o sequestrador estava ferido na perna. No mesmo lugar em que o bastardo recebeu um golpe de canivete – relatou o conde de Bedford.

— Isso é muito grave. Se suas suspeitas estiverem corretas, ele perdeu o equilíbrio e está colocando em risco a organização – sussurrou o conde de Leicester, aproximando os lábios do ouvido direito de seu interlocutor antes de prosseguir. – O Duque Negro deve me ligar ainda hoje. Vou sugerir que mude as peças do jogo. O bastardo deve ser eliminado do tabuleiro.

Apesar da violência dos golpes, os exames na cabeça do padre não acusaram nenhuma sequela grave. A lembrança dolorosa da noite passada eram os inchaços no rosto e o corte no supercílio esquerdo. Mas aquela experiência terrível era reduzida a nada diante das palavras de Deus, que rasgavam sua alma como flechas. Na porta do hospital, com o relógio marcando treze horas, recordou as acusações de seu Senhor. “Foi a presunção que o tornou um assassino, Pietro. Julga mesmo que algum homem é capaz de derrotar Lúcifer?”. A buzina de um carro interrompeu suas lembranças. Era Michael ao volante de um Audi A8 prateado. O americano fez um sinal para que o padre entrasse pela porta traseira.

— Vou passear de motorista? – brincou Pietro, vestindo um terno Armani que Michael deixara no seu quarto do hospital.

— É uma honra servir um empresário italiano das telecomunicações – respondeu seu “anjo da guarda” – Há uma pasta ao lado. Ele é sua, senhor Giovanni De Santis.

— Acho que pegou a pessoa errada.

— Não me enganaria. Seu passaporte está na pasta, com a reserva de uma suíte no Mandarin Oriental e um cartão de crédito sem limite. Também há um *notebook* e um celular inglês.

— E o padre Pietro Amorth? – perguntou o próprio.

— Deve estar se preparando para voltar para casa. Não nos preocupemos mais com ele. No quarto do hotel, o senhor encontrará ternos, camisas, casacos, gravatas e sapatos – explicou Michael, pisando no acelerador.

— Sou um padre. Onde está minha bagagem?

— Eu já disse que o senhor é um empresário italiano chamado Giovanni de Santis. Se não quiser fracassar, vista essa máscara – aconselhou, fitando-o pelo retrovisor.

Pietro abriu a pasta e pegou o passaporte. Tinha a sua foto, mas a identidade era outra. Ligou o *notebook* e colocou o pendrive com o último e-mail de David. Acessou o arquivo anexo. Um dos nomes da lista de “seguidores do demônio” lhe era familiar: *sir* Alexander Cotton.

— Havia uma caderneta de anotações na pasta do padre. Onde ela está? – perguntou Pietro.

— É importante ficar com ela?

— Você sabe com quem está falando? Um empresário como eu pode conseguir tudo o que quiser. E nem sempre de maneira civilizada.

— Está aqui, senhor – respondeu Michael, retirando o bloco do bolso do paletó e

entregando-o ao passageiro. Sorriso no rosto.

Em poucos segundos, o padre encontrou o que desejava: a lista de notáveis que tiveram alguma relação com a vida e o espólio de John Dee. Cruzou-a com os membros da atual Câmara dos Lordes denunciados por David como integrantes da seita satânica. O conde de Leicester e o de Bedford apareciam nas duas. Os atuais eram prováveis descendentes de nobres que frequentavam a casa dos “olhos onipresentes”. O lorde Harry Ashmole, ex-presidente da Câmara dos Lordes, devia ter parentesco com o antiquário Elias Ashmole, que esteve em posse de manuscritos originais de John Dee e era praticante da magia enoquiana. E *sir* Alexander Cotton seria o representante atual da linhagem de *sir* Robert Bruce Cotton. O padre suspeitava que aquele personagem, conterrâneo de John Dee e morto em 1631, era o herdeiro do conselheiro e espião de Elizabeth I. E primeiro grão-mestre da confraria negra criada para proteger os segredos diabólicos. Provas para corroborar sua tese não faltavam. Após a morte do 007, sua cobiçada biblioteca e dezenas de objetos ritualísticos caíram nas mãos daquele antiquário. Alguns foram parar na coleção do British Museum. Outros, como a Mesa de Prática e o *Livro das Folhas Prateadas*, desapareceram misteriosamente. O padre supunha que fizessem parte do tesouro dos “seguidores do diabo”. “Esse Alexander Cotton deve ser o atual mestre da confraria negra... o tenente humano do diabo. Preciso pesquisar alguns brasões”, concluiu, aproximando-se do banco do motorista e dizendo:

— Antes de me levar ao hotel, preciso passar em um lugar. É urgente.

— Para onde quer ir?

— College of Arms – respondeu Pietro, pesquisando o endereço no *notebook*.

A redação continuava quase vazia. David levantou-se e saiu sem dizer nada. Parecia bravo. Mary aproveitou para checar os e-mails. Abriu o de Fernanda Albuquerque:

Querida Mary, tudo bem? Mal posso esperar para te encontrar e colocar a conversa em dia. Sinto falta de você, amiga. Estou cercada por gente interesseira. A maioria das minhas amizades é tão falsa como as grifes de Chinatown. E os homens? Você se lembra do meu último namorado? O Bill me deixou porque não suportava o assédio dos fotógrafos. Dei razão para ele. Não posso sair para beber, para dançar, para paquerar sem ser flagrada e virar capa. Parece brincadeira. No início da carreira eu venderia a alma para sair na capa de uma revista. Agora fujo delas. Outro dia, consegui entrar disfarçada em uma danceteria. Recebi a pior cantada da minha vida. Mas resolvi encarar o convite de um garotão malhado para uma noite de sexo selvagem. Imagina o que aconteceu quando ele descobriu que eu era a Fernanda Albuquerque? Não conseguiu dar conta do recado. E o cretino ainda vendeu a história para dois jornais. Enfim... Logo chego a Londres. Mas a agenda vai ser tão apertada que precisarei me contentar com o nosso café da tarde para respirar um pouco. Queria tanto ir para uma balada com você e relembrar os velhos e bons tempos... Mas meu empresário fechou uns compromissos em Dubai e diminuiu minha estadia na Inglaterra para quatro dias... Te amo, amiga. Beijos, Fer. PS: A exclusiva para seu chefe continua de pé.

— Vender a alma nunca é um bom negócio, o comprador sempre trapaceia — sussurrou Mary, recordando a curiosa citação de um jogador de pôquer que nunca perdia. Seu truque era esconder cartas na manga e usar prestidigitação. Embora confessasse isso a ela, quando tinha oito anos, justificava as jogadas mágicas aos adversários dizendo que era preciso confiar na sorte e saber “blefar como um padre”. Era amigo de seu pai, mas, também, seu melhor amigo. Ele sempre chegava com uma cesta de chocolates e brinquedos, além de flores para sua mãe. E gostava de se sentar em uma cadeira de balanço na sala de estar. Enquanto ela se movia para frente e para trás, aquele homem contava episódios fascinantes de suas viagens pelo mundo. Sempre segurando um copo de uísque. Deixava a bebida de lado apenas quando precisava das mãos para divertir Mary com suas mágicas. Aqueles momentos com o “jogador de pôquer” estavam entre as melhores lembranças de sua infância em uma casa onde os adultos andavam ocupados demais para lhe dar atenção. Seu pai parecia dormir e acordar de terno e gravata. Quase nunca cruzava

com ele naquela mansão de muitos cômodos e pouco aconchego. Sua mãe, sempre preocupada com as aparências, se dividia entre a academia, o salão de beleza e os compromissos sociais. Para a pequena Mary, quase não sobrava tempo. Mas aquele homem bonito, elegante e com um perfume de madeira adocicada conhecia o vazio em seu coração. E sabia preenchê-lo. Dizia para as colegas da escola que era seu namorado. Ficava com raiva quando seu pai o chamava para o escritório e ele se despedia piscando o olho direito. A sala vazia novamente. Fechavam a porta e passavam horas discutindo negócios. Duas vezes por mês, sua mãe fazia reuniões sociais. As mulheres conversavam e bebiam licores, os homens fumavam charutos e tomavam uísque. Nessas ocasiões, ela perdia a companhia do amigo quando os adultos resolviam jogar pôquer. “Onde você estará agora?”, pensou.

— Oi, querida, a noite foi boa?

— Que susto! – exclamou Mary, surpreendida por Carolyn. A editora de moda usava um vestido verde-escuro, com um enorme decote insinuando seios empinados. Estava sem sutiã. “Deve ser silicone. Isso é concorrência desleal”, deduziu a americana, emendando a resposta:

— Foi sensacional.

— Vamos tomar um chá? Ou melhor, um café? Assim você me conta tudo – sugeriu Carolyn. Sorriso no rosto. Tão falso como as grifes de Chinatown. Mary apanhou o copo de café americano e acompanhou a editora de moda até a casa de chá do jornal.

Já fazia três horas que aquele maníaco tinha saído do calabouço, deixando atrás de si um rastro de sangue. Philip tentara centenas de combinações numéricas, e o cadeado continuava travado. Sentado em sua cela, olhava na direção da estante macabra. Daquela distância, e com a iluminação precária, não enxergava os corações humanos. Mas sabia que estavam lá. Desejou uma morte rápida. Ouviu passos. O coração disparou. Dobradiças rangeram. A claridade invadiu o cômodo. Olhou para cima. Seu pesadelo descia os degraus.

— Eu me esqueci de dizer que tenho o corpo fechado, rapaz! – gritou Andrew, com um bandagem no rosto. – A punhalada que você me deu pelas costas foi bloqueada pela costela. Perfuração superficial.

— Sempre fui ruim de pontaria – retrucou Philip.

— O corte no rosto foi o melhor que conseguiu fazer. Sabe quantos pontos eu recebi?

— Quantos?

— Treze. Meu número de sorte.

— Um número de azar para quase todo mundo, incluindo a mim – rebateu o adolescente.

— Superstição tola. Se você tentasse a combinação zero, zero, um, três no cadeado fechado, mudaria de ideia. Mas é tarde para tentar escapar – disparou Andrew, aproximando-se da cela.

— Vai me matar? – indagou Philip. Ira e medo nos olhos.

— Você viu o meu rosto. Conhece a minha casa. Está com raiva de mim. Tenho motivos suficientes para isso. Não acha?

— E se eu promettesse ficar calado?

— Por que eu deveria confiar em você? Apreendi a confiar em uma só pessoa – respondeu Andrew.

— Em você mesmo?

— Não sou louco a esse ponto.

— Então, acabe logo com isso.

— Você é um cara de sorte. Meu pai quer que eu o solte. Vamos beber para festejar sua liberdade.

Andrew apanhou uma garrafa de Chivas 12 anos e serviu dois copos baixos. Entregou um deles ao prisioneiro e ergueu o seu.

— Um brinde à sua irmã – adiantou-se Andrew. Solenidade estampada no rosto.

— Deixe-a em paz! – berrou Philip.

— Não vai acontecer nada com ela se você cumprir sua promessa: ficar calado. Se estiver mentindo para mim, rapaz, vou foder a boceta da sua irmã com o mesmo abridor de cartas que você usou para me apunhalar. E antes que ela desmaie de dor, vou rasgar o peito daquela vagabunda e arrancar seu coração. E você sabe onde vou guardar esse troféu porque xeretou minha coleção.

O adolescente estremeceu ao imaginar a irmã mais nova naquela prisão. Sabia que aquele psicopata teria prazer em cumprir a ameaça. Imitou seu gesto e entornou a bebida de uma só vez. Estava de estômago vazio. Sentiu tontura. “Dazed and Confused”. Reconheceu a canção do Led Zeppelin. Mais uísque em seu copo. Esvaziou-o em segundos. As barras da cela não eram mais rígidas. Moviam-se como cordas bambas. Fechou os olhos. Algo prendeu em sua mão esquerda. Uma fígada. Sangue. O dedo mínimo no chão. O carcereiro empunhando um alicate.

— Seu filho da puta! – gritou com a voz enrolada.

— Você não pensou que eu fosse deixar isso barato, né? – perguntou Andrew, apontando para a bandagem no rosto. – Mas encare como um favor. Deixei a mão esquerda igual à direita – emendou uma gargalhada.

— Filho da puta! – repetiu o adolescente, abaixando-se para pegar o membro mutilado.

— Como você adivinhou que minha mãe era puta?

Philip desmaiou sobre a poça de sangue.

— Gostei de você. Pena que precise voltar para casa – comentou Andrew, abrindo a porta da cela. – Adoro essa música.

Era “Black Dog”.

Aquele lance era arriscado. E podia colocar tudo a perder. Sem saber se tomara a decisão certa, Michael estacionara na frente do College of Arms. “Devo lembrá-lo de que o senhor está com a agenda cheia, senhor De Santis. Retorno em meia hora”, dissera a Pietro. O padre não estava preocupado em cumprir o prazo. Se fosse preciso, passaria o dia inteiro pesquisando brasões e genealogias. Sua missão estava acima de tudo. Até mesmo dos caprichos de seu protetor. Lembrou-se do enigma diabólico que o levara até aquele templo de heráldica: **“A verdade está sob o selo. O leão coroado reclama seu trono. Ele vem do Tronco de Jessé”**. Assim que soubesse a resposta, devia fazer uma ligação. Guardara na memória o número de telefone que o cardeal Gabriele Fioravante lhe confiara antes da viagem. A pessoa do outro lado da linha estaria à espera de uma palavra-chave e de um nome. Se sua suspeita se confirmasse, esse nome seria: *sir* Alexander Cotton. Sentiu calafrio ao pensar no possível destino daquele lorde inglês.

— Padre Amorth? – perguntou-lhe um homem de cabelos castanhos, alto e magro. Levemente curvado para a frente, envergava terno azul-escuro e gravata de riscas.

— Você deve ser Nathan Sandford – concluiu Pietro, estendendo-lhe a mão.

— É um prazer conhecê-lo. O senhor foi bem recomendado. Em que posso ser útil?

— Preciso consultar a genealogia e o brasão de quatro ingleses.

— Suponho que eles façam parte da alta nobreza.

— São membros da Câmara dos Lordes – respondeu o padre.

— Não teremos problemas. Queira me acompanhar até a Sala de Registro.

Naquele horário, as amplas janelas do andar superior se encarregavam da iluminação interna. Armários de madeira escura forravam as paredes e suas portas de vidro eram vitrine de milhares de catálogos. Gavetas de arquivo intercaladas guardavam as histórias das mais notáveis famílias da Inglaterra. Nathan levou Pietro à mesa central, com seis cadeiras de espaldar alto. Além dos dois, havia outro homem na sala. De costas para eles, percorria fileiras de livros com o dedo indicador.

— Sente-se aqui, padre – orientou Nathan, puxando uma das cadeiras. – Passe para mim os nomes, por favor.

— Conde de Leicester, conde de Bedford, Harry Ashmole e Alexander Cotton – enunciou Pietro.

— O mais polêmico dos lordes – complementou o anfitrião.

— Como assim?

— *Sir* Alexander Cotton tem métodos pouco ortodoxos para defender seus interesses. Em uma das últimas reuniões, levou consigo uma raposa alvejada naquele mesmo dia, só para protestar contra a proibição da caça – respondeu-lhe, levantando as duas sobancelhas.

— É um *showman*.

— Tem um senso de humor incomum. Com sua licença, providenciarei os livros – disse Nathan, retirando-se.

Aquela história lhe pareceu familiar. Firmou o cotovelo direito sobre a mesa e apoiou a testa na palma da mão. Fechou os olhos. Lembrou-se de sua primeira noite no Brompton Oratory. Sonhara com um homem arrastando uma raposa morta. Ao soltar o animal, apontara para um símbolo na armadura: um leão dourado reluzia sobre fundo preto. Garras de ataque, coroa na cabeça. Teve a certeza de que Deus estava por trás da revelação e o conduziu até aquela sala para desmascarar o escolhido do diabo. “Obrigado, meu Deus”, agradeceu em pensamento, abrindo os olhos. Levou um susto. Sentado à sua frente, um homem calvo, ostentando no rosto redondo um bigode espesso e desgrenhado, encarava-o com frieza. Era o mesmo que, minutos antes, procurava algo nas prateleiras.

— Maldito seja, padre – ofendeu-lhe o estranho, erguendo o dedo em riste na sua direção. – O sangue escorre das suas mãos.

— Quem é você? – assustou-se Pietro.

— Posso ajudá-lo, senhor? – retrucou o homem, deixando um livro de lado.

— Agradeço. Mas não é necessário – esquivou-se o padre.

Sabia que o demônio estava em seu encalço. Por alguns segundos, transformara aquele homem em ventríloquo e o atacara. Pretendia fazê-lo desistir da caçada. Mas já era tarde. Sandford chegou acompanhado por um assistente baixo e magro, aparentando pouco mais de vinte anos. Cada um carregava cinco pesados volumes.

— As informações de que você precisa estão nesses volumes – informou o presidente do College of Arms, empilhando-os sobre a mesa. – Por onde quer começar?

— Pelo mais polêmico dos lordes. Quero saber se ele é descendente de *sir* Robert Bruce Cotton, morto em 1631.

— Deixe-me consultar sua árvore genealógica...

Em menos de um minuto, Nathan tinha a resposta:

— Sim, padre. O cavaleiro que o senhor mencionou recebeu um título nobiliárquico, e *sir* Alexander Cotton pertence à linhagem iniciada por ele.

— Posso ver o brasão? – perguntou Pietro. Mãos suadas. Respiração rápida.

O anfitrião folheou as primeiras páginas de outro livro. Ao encontrar o desenho, ergueu-o na altura dos olhos de Pietro e anunciou solenemente:

— Apresento as armas da família Cotton.

— Peguei você – o padre deixou escapar. Não pesquisou os outros nomes. Já tinha a sua resposta. Agradeceu Nathan Sandford e saiu do College of Arms à procura de Michael.

Enquanto tomava um *english breakfast* com leite na casa de chá do *The Star*, David ligava para o celular do padre. Desistiu na sexta tentativa, sem deixar recado. Preparava-se para voltar à redação quando foi abordado pelo diretor do jornal. Sem pedir licença, Paul Reiner sentou-se na mesma mesa com um copo de suco de laranja. Talvez para combinar com os suspensórios alaranjados.

— A estreia de sua assistente foi sensacional – elogiou Paul, referindo-se à matéria escrita por Mary.

— Foi uma ótima indicação do Steven – respondeu David.

— Sem falsa modéstia, por favor. Como ela se chama?

— Mary.

— A Mary teve sorte de cair na sua editoria – prosseguiu o diretor do jornal. – Estou de olho em você há muito tempo, David.

— Agradeço pelo elogio, Paul.

— Vou lhe confidenciar algo – anunciou o Zeppelin *fashion*, abaixando o volume da voz e inclinando o corpo na direção do jornalista. David estranhou o gesto de intimidade. Afastou-se um pouco e encarou seu interlocutor com atenção.

— Sua assistente foi indicada por uma pessoa muito influente nos Estados Unidos. O Steven quis levar vantagem na negociação. Ele fez jogo sujo. Traiu minha confiança.

— Desculpe minha indiscrição, Paul. O que ele ganhou com isso?

— Você é um jornalista, David, e dos melhores. Eu ficaria surpreso se não me fizesse essa pergunta. Ele pretendia ocupar o cargo de diretor em um importante jornal de Nova York. Recebeu um adiantamento de cem mil dólares – revelou, antes de levar o copo de suco à boca.

— Se o padrinho de Mary tem o poder de nomear o diretor de um jornal, por que não deu para ela o cargo de editora? O preço que ele pagou é bem alto para um mero estágio no *The Star*. Não acha? – considerou David.

— Não me interessa saber os motivos do padrinho de sua assistente. Ela provou que tem méritos para continuar aqui. Penso até em promovê-la. Meu problema agora se chama Steven. Ele vendeu o jornal pelas minhas costas. Vai ser demitido na semana que vem. E quero que você o substitua – disparou Paul, encarando-o.

O convite surpreendeu David. Pessoas acima dele na hierarquia do jornal cobiçavam o posto de editor-chefe. Era estranho Steven não ter indicado nenhuma delas. Deu de ombros. Merecia aquilo mais do que ninguém.

— Me sinto lisonjeado pela escolha. Quando quer que eu comece? – adiantou-se.

— Você vai ter muito trabalho com a chegada da Fernanda Albuquerque. Quando isso acabar, será promovido. Até lá, mantenha essa conversa em sigilo. Vou preparar a cama do Steven – respondeu, bebendo o resto do suco.

— Conte comigo.

Mary e Carolyn entraram na casa de chá. “Ela está me escondendo alguma coisa”, pensou David, fitando discretamente a assistente. Aquelas revelações de Paul Reiner deixaram-no ressabiado. O destino estava jogando com ele. E podia ser tão trapaceiro como Steven. O celular tocou em seu bolso. Não identificou o número. O aparelho acusou uma mensagem de voz. Levantou-se da mesa juntamente com o diretor e passou pelas duas com um sorriso mordaz no rosto. Já na redação, acomodou-se em sua cadeira e acessou a caixa postal: “David, aqui quem fala é Nathan Sandford. O padre Pietro Amorth acaba de deixar o College of Arms. Ele buscava informações sobre *sir* Alexander Cotton. Conseguiu o que queria. Mudando de assunto: farei uma festa em casa neste fim de semana. Ficaria grato se pudesse enviar um fotógrafo e dar um destaque na coluna social do *The Star*. Abraço”.

— Ele não desistiu da missão – concluiu em voz alta.

O celular tocou. Número desconhecido.

— David?

— Quem está falando?

— Você não me conhece. Temos um amigo em comum. Ele pediu que eu retribuísse uma gentileza em seu lugar.

— Que amigo?

— A Fonte dos Quatro Rios não pode esperar – respondeu o homem do outro lado da linha.

“Seja quem for, deve estar de referindo à Fontana dei Quattro Fiumi, na Piazza Navona”, deduziu. Leu a última parte do e-mail enviado pelo padre: *E espero algum dia poder retribuir a gentileza do chá da tarde em um café na Piazza Navona. Grande abraço, do amigo Pietro.*

— Quando e onde? – perguntou o jornalista.

— Estarei no Old Bull and Bush às oito horas – informou o desconhecido, desligando o telefone.

Aquele *pub* era um antigo ponto de encontro de artistas. A coincidência é que ficava em seu bairro, próximo ao Hampstead Heath. “Ele deve ter armado tudo isso para despistar o Inimigo. Boa jogada, Pietro”, comemorou David.

A editora de moda tinha um olhar sedutor. E aproveitara-se disso quando David passara por ela com Paul Reiner. Mary percebera que ela piscou discretamente. Assim que ele deixou a casa de chá, Carolyn fechou os olhos e inspirou. O comentário veio em seguida:

— Knize Ten. Adoro esse perfume de David.

— Não conheço a marca – retrucou Mary.

— Knize é uma instituição clássica da moda masculina. A grife atingiu o auge da fama entre as duas guerras mundiais. Era lá que Marlene Dietrich encomendava suas calças – explicou Carolyn.

— Mais um sinal do gosto refinado de David – comentou a americana.

— Tudo em David é sofisticado. Você já deve ter percebido isso, principalmente após o jantar de ontem – provocou a editora de moda.

— Ele é um *gentleman*. Me ensinou sobre gastronomia, vinhos... – contava Mary, com o olhar distante. Carolyn aproveitou-se de uma ligeira pausa para retomar a palavra:

— Harmonizações. Ele falou para você sobre os casamentos perfeitos: *foie gras* com *sauternes* e ostras com champanhe?

— Pelo visto você teve a mesma aula – insinuou Mary.

— Já passei de ano inúmeras vezes. No terceiro encontro, você aprenderá um pouco sobre música erudita. Uma dica: o compositor preferido de David é Bach – provocou Carolyn.

— Obrigada – ironizou a americana, dando o último gole em seu copo de café.

— Queria que você soubesse que apoio seu relacionamento com ele. Se precisar de algum conselho, pode me pedir. Os jornalistas também sabem guardar segredo – a editora de moda fingiu solidariedade, desenhando um sorriso forçado com os lábios.

— Pode deixar.

— Mary, preciso de um favorzinho – disse Carolyn, fazendo um gesto com o polegar e o indicador para representar seu tamanho.

— Pode me dizer, se estiver ao meu alcance... – respondeu Mary, completando em pensamento: “Por isso está tentando ser tão simpática?”

— Eu queria fazer uma matéria com a Fernanda Albuquerque sobre moda casual: o que ela gosta de vestir quando não está nas passarelas. Sei que você conseguiu marcar uma exclusiva e não quero me meter nisso. Agradeceria se pudesse passar para ela algumas perguntas por e-mail e se conseguisse algumas fotos dela no dia a dia, sem maquiagem e produções ousadas.

— Posso escrever e assinar a matéria? – questionou Mary, interessada na proposta.

— Claro. Mas precisa da autorização do seu chefe para isso. E ele não vai se importar de emprestar você para mim um pouquinho – respondeu Carolyn, tomando um pouco de chá.

— Pode deixar que eu falo com ele. Tentarei fazer a matéria ainda hoje.

— O que será que ele discutia com o Zeppelin *fashion*? – a editora de moda mudou o rumo da conversa.

— Com quem?

— O diretor do jornal. Ontem, houve uma briga na reunião de pauta por sua causa – entregou Carolyn.

— Por quê? – indagou Mary, erguendo a sobrancelha esquerda.

— Steven, o editor-chefe, não informou Paul Reiner sobre a sua contratação. Ele foi pego de surpresa quando soube que você, a assistente de David, fazia parte do *jet set* internacional. Nenhum chefe gosta de fazer papel de palhaço.

— Sério?

— Acho que a cabeça de Steven vai rolar. E aposto que David está sendo sondado para o cargo – especulou Carolyn.

— Por que acha isso?

— Ontem, o Paul disse para David se reportar diretamente a ele. Passou por cima de Steven e da redatora-chefe. É um forte indício, não acha?

— Pode ser.

O celular de Mary tocou. Era o número da redação.

— Estão discutindo moda? – perguntou David, em tom sarcástico.

— Carol está me dando uma aula sobre...

— Qual é mesmo o nome do perfume dele? – perguntou baixinho para a editora de moda.

— Knize Ten – respondeu Carolyn.

— Sobre o Knize Ten – ela disse ao telefone.

— Preciso falar com você antes da reunião de pauta. Acho que pagou um preço muito alto para estar aqui, Mary – disparou David.

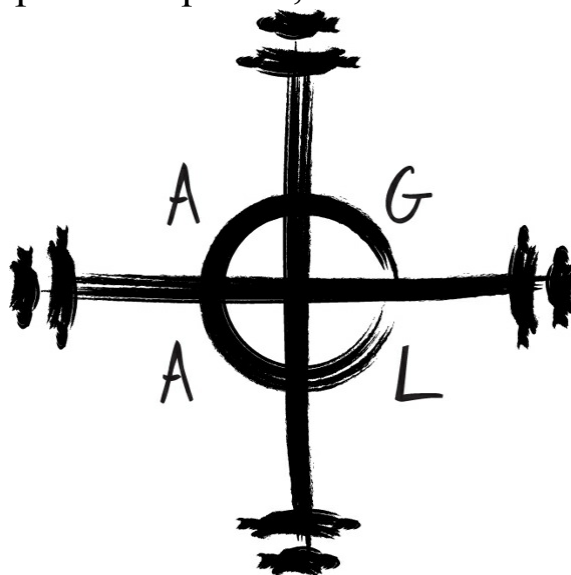
— Pode ser mais explícito?

— Por que você comprou um cargo de assistente no *The Star* podendo ser editora em Nova York? – inquiriu seu chefe.

— Em cinco minutos você terá a resposta. Até logo.

— Também preciso voltar – disse Carolyn, assim que a americana desligou o celular, com a tez pálida e preocupação nos olhos.

Estava de volta ao porão, após deixar Philip desacordado em uma região rural próxima a Windsor. Informara ao curador do British Museum as coordenadas GPS de seu filho. “Acho melhor se apressar. Ele não está inteiro”, encerrara a ligação com um humor sinistro. Olhou para a cela vazia. O rastro de sangue e o dedo mínimo eram lembranças da presença do adolescente. Andrew sentiu o peso da solidão. Não havia ninguém para conversar sobre bandas de rock nem dividir uma garrafa de uísque. Esse era o fardo de viver nas sombras. “Meu pai vai me recompensar por isso”, pensou, aproximando-se das peças roubadas do museu. Contemplou o *Sigillum Dei* por quase uma hora, lembrando-se dos ensinamentos de *monsieur* Moureau, tirados diretamente dos escritos de John Dee: “No grande heptágono foram inscritos sete nomes que os anjos definiram como ‘nomes que não são conhecidos para os anjos nem podem ser falados ou lidos pelo homem...’”. O *Sigillum Dei* também possuía uma gravação na parte oposta. Com cuidado, Andrew virou a peça sobre a mesa. No centro, um círculo irradiando uma cruz com duplas traves na extremidade de cada braço. Nos ângulos da cruz estavam gravadas as letras A, G, L, A, a partir do quadrante superior esquerdo, sentido horário.



“Tu és poderoso para sempre, ó Senhor. Em hebraico, Andrew: *Atah Gibor Le-olam Adonai*. O nome cabalístico de Deus é derivado das primeiras letras dessa frase. Ou seja, AGLA”, ensinara-lhe *monsieur* Moureau. O bastardo passou o dedo indicador sobre aqueles sinais. O círculo central, cortado pela cruz, estava saliente. Abaixou a luminária para examiná-lo melhor. Não era um desenho contínuo. Um sulco ao redor sugeria que ele fora feito à parte e acrescentado posteriormente ao conjunto. Com o dedo indicador em forma de gancho, deu leves batidas no meio e nas extremidades do objeto. Teve a impressão de que o centro era oco.

— O que o mestre Dee está querendo me revelar? – questionou, com um sorriso infantil no rosto.

Pegou o abridor de cartas que o apunhalara. Encaixou a ponta, com a marca de seu sangue, na reentrância do círculo. Com um pouco de esforço, conseguiu movê-lo dois centímetros para fora. “É uma tampa”, deduziu, aumentando a força. Um estampido. A peça sobressalente elevou-se e tombou alguns centímetros para o lado direito. Algo a impedia de ser arremessada para fora da mesa. Uma corda, presa a um pequeno gancho em sua parte interna, ligava o pedaço de cera a um rolo escondido na câmara secreta.

Andrew retirou-o com cuidado, evitando que as folhas se quebrassem. Colocou o *Sigillum Dei* sobre o sofá. Precisava de espaço para mexer com os papéis sem danificá-los. Sorriu. Não importava o conteúdo, naquele momento tinha mais poder do que qualquer pessoa da ordem, tirando seu pai. “Ele vai reconhecer meu valor”, pensou, desabafando em voz alta:

— Aquele imbecil do conde de Bedford beijaria meu rabo por isso. O conde de Leicester e *sir* Ashmole não perdem por esperar. Começarei a dar as cartas nesse jogo.

Com cuidado, desenrolou a primeira das três páginas. Ela era ilustrada com uma árvore genealógica. Um tronco brotava das costas de um anjo sentado sobre um trono, ostentando um símbolo na fronte. Duas asas se estendiam em direções opostas, com três sinais na parte interna de cada uma. “Devem ser os sete nomes impronunciáveis”, concluiu. Ignorou os anjos, homens e mulheres que estavam suspensos em galhos, carregando nomes que ele conhecia. Primeiro, seus olhos foram guiados na direção do homem que encimava o lado direito da árvore. Nenhum nome o identificava. Mas Andrew o reconheceu imediatamente. O brasão em seu peito era o mesmo do Duque Negro.

— Esse aqui é o meu pai! – gabou-se.

Na mesma altura, do lado esquerdo, contemplou uma mulher vestindo túnica escarlate. A serpente em seu ventre e a abelha sobre a fronte revelavam que ela descendia da tribo de Dã.

— A mãe do Anticristo – disse para si, excitado.

Exatamente no centro, na parte mais alta da ilustração, o homem com chifres erguia um cetro imperial na mão direita. Na outra, segurava um orbe, símbolo do mundo. “Ajoelha-te aos meus pés e te darei o mundo”: o demônio tentara seduzir Jesus Cristo, no deserto, com aquela promessa. Ela surgia nos pensamentos de Andrew, acompanhada por um sorriso perverso no rosto. Ele encheu um copo de uísque para festejar a descoberta.

Diante do computador, David tamborilava os dedos da mão direita sobre a mesa. Por mais promissora que tivesse sido a conversa com Paul Reiner, ela despertara a desconfiança de Mary. Não conseguiria se concentrar no trabalho antes de ouvir as explicações de sua assistente. “O que ela está escondendo?”, perguntara-se diversas vezes. Correu os olhos pela página de notícias aberta na tela. Uma matéria chamou sua atenção:

Peças são roubadas do British Museum

Na última noite, seis objetos desapareceram misteriosamente do British Museum. Eles faziam parte do acervo de John Dee (1527-1608). Esse cientista e místico ganhou notoriedade ao ser nomeado astrólogo da rainha Elizabeth I. A fama inspirou William Shakespeare na criação do personagem Próspero, de A Tempestade. Entre os objetos roubados estão a shew-stone, um espelho asteca e o Sigillum Dei, ou Selo de Deus. Provavelmente eram utilizados em rituais de magia. O curador do British Museum, Gerald Todd, informou que o crime está sendo investigado pela Scotland Yard. Suspeita-se que o responsável pela vigilância noturna do museu esteja envolvido. Os alarmes foram desativados por alguns minutos durante a madrugada, contrariando as normas de segurança da instituição. Informou a BBC.

— John Dee inspirou Próspero? — indagou-se, surpreso. — Este roubo deve ter alguma conexão com a missão de Pietro e a organização satânica... — concluía em voz alta.

— Adoro seu perfume — interrompeu Mary, aproximando-se da mesa de seu chefe. Ele apenas encarou a assistente. Cenho franzido. Sobrancelha direita erguida. Olhar desconfiado.

— Você sempre tira suas conclusões antes de ouvir o outro lado da história? — indagou Mary.

— Você deveria ter esclarecido tudo ontem, no nosso jantar. Perdeu uma ótima oportunidade. Detesto ser pego de surpresa — disparou David.

— Conteí o que realmente importava para mim. Eu jamais conseguiria ser editora em Nova York. A melhor solução foi, como você mesmo disse ao telefone, comprar um cargo de assistente em Londres — rebateu a americana, cruzando os braços.

— E quem pagou por isso?

— Um *publisher*, amigo do meu pai. Em *off*, quer saber como eu paguei por esse

favor? No meu último mês em Nova York, transei com ele todos os dias – provocou Mary, encarando seu chefe.

Boca seca. Nó na garganta. Aperto no peito. A voz quase não saiu.

— É assim que você consegue o que quer? – indagou David.

— Você costuma acreditar em todas as besteiras que te contam? – respondeu, com um sorriso no rosto. – Pensei que tivesse o *feeling* mais apurado.

— O que quer dizer com isso?

— Por que eu não transei com você ontem? – retrucou Mary.

— Você está invertendo os papéis. Eu deveria lhe fazer essa pergunta.

— Minha primeira vez tem que ser com alguém especial, David. E eu quero estar apaixonada por essa pessoa – disse-lhe, abaixando a cabeça.

— Você é...? – perguntou, desconcertado.

— Sim.

— Então qual foi o preço para estar aqui?

— Jornalismo investigativo e chantagem. Encontrei no escritório do meu pai provas de que ele tinha comprado matérias para esconder fraudes e alavancar as ações de algumas empresas. O *publisher* que me indicou fez todas as transações pelas costas do conselho editorial. E faturou alto com isso. Prometi acabar com a reputação dele se não me ajudasse – explicou Mary, voltando a encarar David. O queixo ligeiramente inclinado para cima e o sorriso no canto dos lábios revelavam o orgulho que sentia da própria sagacidade.

— Você denunciaria seu pai? – surpreendeu-se David.

— Eu só queria seguir minha carreira em paz, longe de casa... Às vezes, o preço da liberdade custa caro.

— Agradeço pela sinceridade.

— Desculpe não ter contado isso antes. Ainda não consegui digerir tudo.

David olhou discretamente para os dois lados. Ao certificar-se de que ninguém se aproximava, disse à sua assistente, em tom de voz mais baixo que o usual:

— Troco suas desculpas por um convite.

— Deixe-me adivinhar: um concerto de música erudita?

— Vejo que você e Carol não conversaram apenas sobre o meu perfume.

— Na nossa conversa, também descobri que o papo sobre os pares perfeitos é um clichê. Você podia ter sido mais original comigo, David – provocou-lhe.

— Nunca convidei Carol para uma corrida de galgos.

— De quê?

— De cachorro. Será a estreia do meu *Sabreur du Diable*.

— Corrida de cachorro? – indagou Mary, aos risos. – Você me surpreende.

— Posso te buscar amanhã às seis horas? Jantamos no estádio.

— Não trabalhamos amanhã?

— Não estamos no plantão de sábado. Nossa corrida começa depois de amanhã, quando sua amiga desembarca no Heathrow.

— Combinado. Você já sabe meu endereço – respondeu a americana, com um sorriso suave no rosto. – A Carol perguntou se eu podia escrever uma matéria de moda.

— Tudo bem. Empresto você para ela um pouquinho – consentiu, voltando-se para o monitor. A notícia sobre o roubo no British Museum continuava aberta na tela.

Após beber o copo com a bebida, Andrew desenrolou o segundo pergaminho:

Um anjo surgiu diante de mim empunhando uma espada. Ele disse: “Sou o rei desse mundo e estabelecerei para sempre o trono do meu reino. Meu rebento surgirá do Tronco de Jessé e sangue de Dã correrá em suas veias. Sua mãe será uma prostituta e abrirá seus olhos no solstício de inverno. Ele será educado nas artes negras e, aos 33 anos, sairá das sombras para cumprir sua verdadeira missão. Arrastará atrás de si quase todo o rebanho das igrejas e será adorado por milhões e milhões de pessoas. Todas elas carregarão uma marca em suas fronteiras. Todas estarão ligadas a mim até o último dia. Eu tenho muitos nomes. Mas é Samyaza que seduzirá a belíssima Babalon”.

Andrew sorriu. Sentiu uma dor aguda no corte da face direita. Gritou de excitação. Aquele documento era a prova de que ele era alguém muito especial. Filho bastardo do Duque Negro, Andrew pertencia à linhagem de Dã. Além do sangue real, ele nascera de uma prostituta francesa e fazia aniversário em 21 de setembro. Exatamente nove meses após o solstício de inverno europeu, quando fora concebido. Também fora instruído nas artes negras e vivia sem identidade, nas sombras.

— Sou o filho de Samyaza! — exclamou, empunhando o abridor de cartas como o anjo da profecia.

A revelação merecia ser festejada com mais uísque. Enquanto enchia o copo, um detalhe daquela mensagem chamou sua atenção. Ele já tinha 35 anos.

— Recebi a primeira missão há dois anos — concluiu em voz alta, fitando a estante com os corações extirpados. Naquele instante, pela primeira vez, percebeu a importância das primeiras missões. Ele fora o escolhido de Samyaza para realizar os casamentos diabólicos. Não era um simples assassino. Era o “papa do inferno”.

— Aos meus pais — disse Andrew, elevando a bebida acima de sua cabeça. Desenrolou novamente a ilustração da árvore genealógica e contemplou o homem com chifres erguendo um cetro imperial na mão direita e um orbe na esquerda.

— Estou pronto para cumprir minha verdadeira missão! — bradou, abrindo o terceiro e último pergaminho: “Após profetizar o nascimento de seu filho, Samyaza revelou doze nomes. O último cumprirá suas palavras”. Andrew foi direto ao fim da lista. Soltou um grito. Deixou o copo de lado e bebeu o resto do destilado no gargalo. Prendeu a cabeça entre as mãos e puxou os cabelos.

— Não pode ser. Não pode ser! — repetiu aos berros.

Com o abridor de cartas, cortou o pulso direito.

— Eu tenho o sangue sagrado! Eu tenho o sangue sagrado!

Dois pesos de papel prendiam as extremidades do terceiro pergaminho. Estendeu o braço sobre ele. Gotas densas de sangue caíram sobre o manuscrito. Em menos de um minuto, os nomes foram devorados por uma mancha avermelhada.

— Sou o filho de Samyaza. Ninguém vai roubar isso de mim!

O celular vibrou sobre a mesa. Era o número secreto do conde de Bedford.

— Andrew, hoje de manhã uma notícia chamou minha atenção. Lembrei-me de você.

— Que notícia? – impacientou-se.

— Lerei a introdução. Você me contará o resto: “Na última noite, seis objetos desapareceram misteriosamente do British Museum. Elas faziam parte do acervo de John Dee...”.

— O que quer insinuar com isso?

— Que você conhece o resto da história melhor do que eu. E isso é grave, Andrew, muito grave.

“Eu tenho o sangue sagrado, seu conde de merda. Você deve se ajoelhar diante de mim. E me adorar como um deus”, retrucou em pensamento. Ainda não era hora de revelar seu segredo. Acertaria as contas com o conde de Bedford assim que Samyaza lhe desse carta branca.

— Quer que eu descubra o que aconteceu com os objetos? – dissimulou.

— Eles não são importantes para nós. Se fossem, acha que estariam em exposição no museu? Não jogamos pérolas aos porcos. Mas tenho curiosidade de saber o que o idiota que as roubou pretende fazer com elas – prosseguiu o lorde.

— Como você mesmo disse, o ladrão deve ser um idiota. Por que deveríamos nos preocupar com ele?

— Você tem razão, Andrew. Na minha vida, basta um idiota: você – provocou o conde de Bedford, desligando o telefone.

— Filho da puta! – gritou, esmurrando o ar com o braço direito e esguichando sangue no chão.

Homens trajando casacos vermelhos e cartolas se aproximaram do Audi A8. Eram os porteiros do imponente Mandarin Oriental. Em um gesto rápido e elegante, um deles abriu a porta de trás.

— Bom-dia, senhor – saudou o cliente recém-chegado.

— Pode fechar a porta, por favor. Preciso conversar com meu motorista antes de descer – respondeu o passageiro, ríspido.

— Desculpe-me, senhor – disse o porteiro, fechando a porta e esperando a ordem para abri-la novamente.

— O que é isso? – perguntou ao motorista, encarando-o pelo retrovisor.

— Um dos melhores hotéis de Londres.

— Você conheceu meu quarto no Brompton Oratory? – irritou-se Pietro.

— Sim, senhor. Era bem austero.

— Costumo dizer aos meus anfitriões: Deus deve ser glorificado pela riqueza. O homem deve louvar ao Senhor na simplicidade. Se eu me hospedar aqui, trairei meus princípios, Michael.

— Senhor Giovanni de Santis, eu lhe daria razão se fosse um padre. Mas é um dos empresários mais bem-sucedidos da Itália. Estranharia se quisesse um hotel menos luxuoso.

— Tudo bem. Vou fingir que sou outra pessoa. Mas quero me encontrar com David amanhã – exigiu o italiano.

— Marquei um encontro com ele hoje à noite para explicar sua situação. Amanhã, pego você às cinco e meia. Prepare-se para assistir a uma corrida de cachorros.

— Até amanhã – retrucou o padre, abrindo a porta do carro. O porteiro adiantou-se para ajudá-lo e se ofereceu para carregar a pasta.

— Aproveite os serviços do hotel, senhor De Santis – despediu-se Michael, pisando no acelerador.

O nervosismo impediu que o padre reparasse no salão de entrada. Entregou o passaporte falsificado na recepção. “Não fuja de si mesmo, Pietro”, recordou-se daquelas palavras durante o *check-in*. Enquanto esfregava os dedos nas palmas das mãos, ensaiou uma oração. Detalhes dourados chamaram sua atenção. “Não se pode servir a dois senhores... Não podeis servir a Deus e às riquezas”, a lembrança daquelas palavras de Jesus Cristo atingiram-no como um raio. Fechou os olhos. Sentiu o suor acariciando seu rosto.

— Senhor De Santis, tudo bem? – perguntou o recepcionista.

— Tudo. Só estou um pouco cansado – respondeu Pietro, fitando aquele jovem de

traços árabes e tez morena.

— O carregador o acompanhará até a *presidential suite*. Suas malas chegaram mais cedo e já estão à sua espera. Tenha uma boa estadia.

— Obrigado.

“Meu Deus, não me deixe cair em tentação e me livre de todo o mal. Que eu possa completar a missão”, repetiu no percurso até o elevador. Assim que a porta se fechou, o carregador virou-se para o padre e o encarou com um sorriso mordaz.

— O que você quer? – irritou-se Pietro.

— Como você fede.

O padre o encarou. Não importava que nunca tivesse encontrado antes aquele homem corpulento de feições indianas. Conhecia aquele sorriso e aquele olhar melhor do que ninguém. Era o Inimigo que estava ali, diante dele.

— E você cheira a enxofre. Volte para o seu lugar, demônio! – ordenou-lhe, com o dedo em riste.

— Precisa tratar melhor seus anfitriões, padre. Você acha que vai encontrar um crucifixo na parede do quarto? – retrucou o carregador. – Aqui as regras são outras.

— Deus está em todos os lugares – rebateu Pietro.

— Nunca me encontrei com Ele.

— Mentira! Você foi enxotado de Sua casa. E nunca mais vai voltar para lá! – berrou o italiano.

— E você acha que Ele vai abrir as portas de Sua casa para um assassino? O sangue escorre de suas mãos, padre de merda. Sua alma não vale mais do que um centavo.

Pietro fechou a mão direita e encarou o carregador com raiva. “Não seja presunçoso”, aquelas palavras ressoaram em sua cabeça. Um sinal sonoro. As portas do elevador se abriram.

— Chegamos – anunciou o carregador, acompanhando-o até a porta do quarto. Esperou por uma substanciosa gorjeta, digna do hóspede da suíte presidencial. O padre colocou a mão no bolso da calça e sentiu metal na ponta do indicador. Era um centavo.

— Minha alma não está à venda – disse Pietro, jogando-lhe a moeda. Sem entender nada, o carregador entregou-lhe a pasta e partiu descontente.

— Isto aqui é uma casa – concluiu Pietro, na sala da suíte.

Pegou o celular na pasta e acomodou-se no sofá diante das amplas janelas. Algumas árvores do Hyde Park se insinuavam entre as cortinas. Teclou o número de telefone que o cardeal Gabriele Fioravante lhe confiara. Alguém atendeu a ligação. E ficou em silêncio.

— Abaddon – o padre sussurrou.

— Quem se esqueceu de passar sangue na porta de casa? – inquiriu-lhe uma voz

grave.

— *Sir* Alexander Cotton – respondeu Pietro, desligando o telefone.

Estremeceu ao pensar no significado da palavra-chave. Abaddon era o anjo da destruição, o instrumento da ira divina sobre os homens. No Êxodo, livro do Antigo Testamento, ele fora o executor da décima praga do Egito, matando os primogênitos das famílias que não marcaram a porta de suas casas com sangue. A contrassenha indicava o destino trágico do lorde inglês.

— Que se cumpra a vontade de Deus – disse o padre, levantando-se do sofá e desbravando os noventa metros quadrados da suíte. Já cumprira sua missão. Era hora de aproveitar o prêmio.

Faltavam dez minutos para a reunião de pauta. David não estava a fim de participar do planejamento da próxima edição do *The Star*. Entretera-se com a versão de *A Tempestade* que baixara da internet logo após convidar Mary para a corrida de galgos. De vez em quando, fazia anotações em seu bloco. Queria descobrir de que maneira a última peça de William Shakespeare, inspirada em John Dee, tinha relação com uma conspiração satânica no século XXI. Tudo começava com uma tempestade no mar, arrastando, para uma misteriosa ilha, o rei de Nápoles, Alonso, seu herdeiro, Ferdinando, seu irmão, Sebastião, o duque de Milão, Antônio, e uma pequena comitiva. Naquele lugar ermo, Próspero controlava um exército de espíritos e ninfas. Um de seus objetivos ao provocar o naufrágio, por intermédio de um deles, era vingar-se do irmão. Com a ajuda do rei Alonso, Antônio usurpara seu trono e lançou-o ao mar com a filha Miranda, esperando que morressem à deriva. No séquito do mago e verdadeiro duque de Milão, havia dois personagens antagônicos. O espírito do ar, Ariel, era o exemplo de submissão, fazia tudo o que o mestre exigia com a promessa de receber alforria. O escravo Calibã era o filho bastardo do diabo com uma bruxa, uma figura monstruosa que odiava seu senhor e tentava atraí-lo. No decorrer da peça, o John Dee literário perdoava os inimigos e recuperava o ducado. “Uma confraria negra foi fundada pelos ‘olhos onipresentes’ para conservar alguns segredos revelados pelos anjos”, raciocinava David. “O padre disse que os seguidores do diabo planejam o Apocalipse Negro, ou seja, querem inverter o final da história. É isso, Próspero é Lúcifer injustiçado querendo recuperar seu trono. Os membros da seita acreditam que estão trabalhando para ele. São seus instrumentos. Quem seria Ariel? E o monstro Calibã? E a filha virgem de Próspero, Miranda? Ela se apaixona e se casa com Ferdinando, filho e herdeiro de Alonso. A união está acima dos sentimentos, é uma ligação dinástica... Se o maior legado da confraria é um ritual de magia sexual que visa à concepção do Anticristo, eles querem repetir a ficção... O padre disse que o diabo é o macaco de Deus. Ele quer copiar o enredo dos Evangelhos: o filho que une Deus aos homens, a vingança que se converte em perdão. Esse livro parece um roteiro da confraria negra. Será que Shakespeare escreveu a peça sob encomenda?”, refletia.

- David, a reunião de pauta já começou – Mary interrompeu seus pensamentos.
- Obrigado por me avisar – agradeceu, levantando-se e apanhando a bengala.
- Parece que você está em outro planeta – comentou sua assistente.
- Acho que estou sendo contaminado pelos seus *best-sellers* – alfinetou David.
- Não entendi.

— Só que, em vez de procurar códigos na Capela Sistina, estou quebrando a cabeça com *A Tempestade* – explicou, avançando para a sala de reuniões.

— Minha peça preferida – revelou Mary.

David parou, virou-se na direção de sua assistente e perguntou-lhe:

— Então você também gosta de Shakespeare?

— Prefiro as versões para o cinema.

— Ele escreveu as peças para o teatro. Garanto que elas ficam melhores no palco do que nas telas.

— Gosto não se discute.

— Se lamenta – completou David, sorrindo. – Quero que vá comigo a uma encenação no Shakespeare's Globe. Sabe o que é isso, não?

— Mais uma de suas provocações. Acho que nossa relação está ficando agitada: jantar, corrida de cachorro, teatro... Talvez possamos dispensar a música erudita.

— Vamos discutir isso depois. Agora preciso ir à reunião. Estão me esperando.

— Aposto que essa bengala é mais do que uma bengala – insistiu Mary.

— O que quer dizer com isso?

— Deve ser uma espada disfarçada. Para se defender dos vilões e proteger sua dama.

— Quem sabe? – insinuou o jornalista, apertando os passos.

O senador Karl Bundy estava feliz com o desempenho de Michael. O agente especial do Vaticano fora hospedado em um dos melhores hotéis de Londres, com identidade falsa. Talvez não resistisse às tentações do mundo. O laçao do Duque Negro comprara a história de sua partida e estava neutralizado. O próximo passo era aproximar o jornalista do padre sem despertar suspeitas. Apenas a Operação Luxúria o preocupava. Um erro e sua cabeça rolaria. Ficara ressabiado com a ligação do banqueiro Max Freeman pedindo uma reunião de emergência em Nova York, no topo do GE Building, no Rockefeller Center. Chegara havia quinze minutos. Enquanto o esperava no salão vazio do Rainbow Room, tomava um Manhattan observando a vista noturna da metrópole. “Será que houve mudança de planos? Ele bem que poderia desistir dessa operação maluca. Se alguém descobrir quem orquestrou isso, todos estaremos arruinados”, pensava até ser surpreendido pelo homem de cinquenta e poucos anos, cabelos grisalhos bem aparados, terno azul-escuro com camisa azul-clara e gravata dourada.

— Sabe por que jamais estaremos arruinados, senador Bundy? — questionou Freeman, cumprimentando-o com a mão direita que ostentava o espesso anel de ouro no indicador.

— Por que, senhor?

— Olhe pela janela, senador — recomendou-lhe, estendendo o braço direito. — Estamos acima de todos. Nós mexemos as peças do tabuleiro, dirigimos o destino das pessoas. Ninguém pode nos atingir.

— Mas um assassinato, senhor...

— Milhares de pessoas morrem casualmente todos os dias. Você sabe o significado de sacrifício? — indagou Freeman, encarando o senador com a sobancelha esquerda erguida.

— Não, senhor.

— Pensava que os senadores fossem mais inteligentes — provocou-lhe, sentando-se à mesa. — A palavra é derivada do latim: *Sacrificium*. Sacro ofício, ofício sagrado. Não estamos falando de assassinato. Trata-se de uma oferta especial ao nosso mestre.

— O Duque Negro? — quis saber Bundy, acomodando-se na cadeira diante do banqueiro.

— Não. Alguém acima dele. Pensei que isso já tivesse ficado claro para você.

— Desculpe-me, senhor. São tantos despachos por dia...

— Que você esquece o essencial. Se não fosse por nós, você não seria nada, seu

senadorzinho! – exasperou-se Freeman.

— Em que posso ser útil, senhor?

— Houve uma mudança de planos. O Duque Negro me procurou ontem. Ele teve uma premonição. Sua vida corre perigo – revelou Freeman.

— Quer que o anjo da guarda elimine a ameaça?

— Ela não pode ser eliminada. O Duque Negro me passou, provisoriamente, as rédeas da organização.

— Parabéns, senhor.

— Isso significa que não precisamos mais agir na surdina. Uniremos nossas forças.

— Como assim?

— O anjo da guarda deve procurar o Feiticeiro e lhe entregar o aparato. Ele fará o sacrifício.

— Assim não poderemos ser implicados diretamente nesse crime... – Bundy deixou escapar.

— Quem falou em crime? – retrucou Freeman.

— Quis dizer sacrifício – corrigiu-se o senador.

— Assim está melhor.

— Nesse acordo, o Duque Negro fez uma exigência – prosseguiu o banqueiro.

— Qual?

— Após o sacrifício, o Feiticeiro deve ser eliminado do tabuleiro. Ou seja, assassinado.

— Mas... O Feiticeiro não é filho dele? – inquiriu Bundy, perplexo.

— É um maldito bastardo que perdeu o equilíbrio e está colocando em risco a nossa organização. E você conhece o destino dos traidores.

— Liguei para Michael e passarei as novas ordens.

— Muito bem, Bundy. Antes de iniciarmos o jantar, quero que me diga a principal lição que aprendeu aqui.

— Sacrifício não é assassinato.

— Não. Basta olhar pela janela, senador – sugeriu Freeman.

— Nós dirigimos o destino das pessoas. Ninguém pode nos atingir – respondeu Bundy.

— Vamos chamar o *maître* – disse o banqueiro, estampando um sorriso de satisfação no rosto.

O almoço no Dinner by Heston Blumenthal fora esplêndido. Pietro retornou à suíte duas horas após o *amuse-bouche*, parcialmente embriagado e com o estômago cheio.

— Meu Deus, considerarei essa extravagância um banquete da vitória. Não um pecado desmedido de gula – justificou-se, deitando na cama.

Suas malas continuavam fechadas, próximas ao closet. Deduziu que eram roupas de grife. Fechou os olhos. Sentiu uma pontada dolorida no supercílio esquerdo. O desconforto passou em poucos segundos.

— Que cama maravilhosa!

Esfregou-se no lençol macio e caiu no sono. Despertou com a campainha do telefone.

— Quem é? – atendeu em italiano, mal-humorado.

— Aqui é do spa do hotel, senhor. Liguei para avisar que seu tratamento está marcado para daqui a quinze minutos.

— Não marquei nada.

— É cortesia do hotel – explicou a mulher do outro lado da linha. – Posso pedir para buscarem o senhor? Garanto que não se arrependerá.

— Tudo bem – consentiu.

“Deve ser parte do meu prêmio”, deduziu em pensamento.

— Isso vai me fazer bem depois da noite de ontem – concluiu, sentando-se na cama.

Enquanto esperava, folheou o bloco de notas. O desfecho da missão fora mais simples do que supusera. Não precisava ter desperdiçado tantas horas de sono tentando entender magia enoquiana. “Com a morte do líder, a seita é desbaratada. Morte?!”, surpreendeu-se com o próprio pensamento. Conhecia *sir* Alexander Cotton apenas por meio das palavras do presidente do College of Arms: “O mais polêmico dos lordes. Ele tem métodos pouco ortodoxos para defender seus interesses”.

— O demônio disse que o sangue escorria das minhas mãos. Abaddon. Não apertei o gatilho. Mas se algo acontecer a *sir* Alexander Cotton, a culpa será minha! – angustiou-se Pietro, caminhando até a sala ao lado com o corpo inclinado para a frente. Sentia o peso em suas costas. Abriu a cortina e, por alguns minutos, escondeu-se entre as árvores do Hyde Park. A campainha soou na *presidential suite*. Ele fora achado.

Uma mensagem cifrada em seu celular o fez abreviar o almoço no Old Bull and Bush. Em menos de vinte minutos deveria entrar em uma *conference call*. Devorou o *ribeye steak* e virou a caneca de cerveja. Conseguiu chegar em casa a dois minutos da reunião virtual. Assim que ligou o computador, a chamada de Karl Bundy piscou na tela.

— Boa-tarde, senador – respondeu Michael pelo microfone.

— Boa-tarde. O santuário está decorado?

— Uma decoração luxuosa. Tem até spa.

— Ótimo. E o jornalista?

— Temos uma reunião hoje à noite. E as almas gêmeas se encontram amanhã. Em uma corrida de cachorros – esclareceu Michael.

— Não combinamos esse código.

— Não é um código. Estou me referindo ao hobby inglês.

— Ele deve ter os olhos vendados. Seja um jogador.

— Isso não será um problema para mim.

— Recebi uma nova bula – revelou o senador.

— O que devo fazer?

— Encontrar-se com o Feiticeiro.

— Ele é um alvo? – questionou Michael, surpreso.

— Por enquanto, considere-o um aliado.

— Ele é um psicopata!

— Quer um candidato melhor para executar a Operação Luxúria? – disparou Bundy. – Encontre-o amanhã e lhe entregue o aparato. O telefone e as instruções estão no seu e-mail.

— Algo mais?

Silêncio. O senador desligara o telefone. Michael acessou a caixa de mensagens. O nome do Feiticeiro psicopata era Andrew. Deveriam se encontrar na London Eye. O operador da roda-gigante seria subornado para autorizar apenas duas pessoas em uma das enormes cabines de vidro. Quando ela completasse meia volta e estivesse no ponto mais alto, ele testaria a identidade de seu aliado com uma senha. Se a contrassenha estivesse correta, daria a ele a caixa lacrada com o aparato secreto. Partiriam em direções opostas assim que a cabine fosse aberta. “O Feiticeiro é traiçoeiro. Não se esqueça de carregar o escudo. Ele te protegerá de qualquer armadilha”, recomendara o senador ao fim da mensagem. Michael pegou o telefone e teclou o número do homem com quem lutara no Brompton Oratory e no qual cravara

a lâmina do canivete na panturrilha esquerda. Seis toques. Alguém atendeu e ficou em silêncio.

— Você deve ser Andrew – arriscou o americano.

— E você, o homem que salvou o padre. E furou a minha perna. Como devo chamá-lo?

— Eu me chamo Michael.

— Recebi uma ligação do mestre. Ele disse que você tem um presente para mim, Michael.

— Um belo presente, Andrew. Liguei para confirmar o lugar e o horário da festa.

— London Eye, amanhã, às quatro horas.

“Melhor marcar no mesmo horário da corrida de cachorros. É minha garantia de que ele não atrapalhará os planos. Aquele cara é imprevisível”, pensou Michael, sugerindo em seguida:

— Pode ser às seis e meia?

— Ok. Vejo você às seis e meia.

“Levarei duas armas além do escudo”, decidiu o americano ao desligar o telefone. Os olhos pesavam. Queria descansar antes do encontro com David. Depois do compromisso profissional, desejava relaxar. Lembrou-se da noite passada. Nunca pensara que as horas em um hospital pudessem ser tão prazerosas. Tivera sorte de cruzar com uma enfermeira ninfomaniaca e gostosa. Acessou uma página de anúncios eróticos: “sósia de Pamela Anderson”.

— Uau! Ela se parece mesmo.

Ligou e passou o endereço de sua casa. Depois do encontro com o jornalista, merecia aquela recompensa.

No spa, Pietro trocara o terno Armani pelo roupão e esperava o massagista sentado em uma cama confortável. Estranhou a situação. Depois de adulto, não expusera o corpo para ninguém, além de médicos. Inspirou profundamente. Aromas de flores, ervas e madeira ajudaram-no a relaxar. Ergueu a cabeça. A luz indireta criava um ambiente intimista, em tons amarelados e rosáceos. Chamas de dezenas de velas balançavam com suavidade. Pareciam acompanhar o ritmo oriental da música ambiente. Desde que chegara a Londres, era a primeira vez que se sentia leve. Uma mulher se aproximou com um vestido preto justo, na altura dos joelhos. Cabelo preto bem curto. Olhos verdes iluminando o rosto de traços suaves. Sorriu. “Ela é linda”, observou Pietro. Coração acelerado. “Não posso deixar que me toque. Tenho que resistir a essa provação”, repetiu.

— Prazer, eu me chamo Abby. O senhor poderia tirar o roupão e se deitar de bruços? Faremos uma massagem tradicional.

— Como? – perguntou, desconcertado.

— É sua primeira vez aqui, senhor Giovanni?

— Sim.

— Fique tranquilo. O senhor sairá dessa sala com o corpo e o espírito renovados – garantiu Abby, sorrindo.

“Ela é uma profissional. Não posso julgá-la. Não pensarei bobagens. Senhor, me ajude”, rezou em pensamento, obedecendo às instruções da massagista. Com a cabeça repousando em uma toalha dobrada, observou a inglesa untar as mãos em um líquido denso e brilhante. “Deve ser óleo”, concluiu.

— Feche os olhos e relaxe, senhor – sugeriu a mulher.

— Tudo bem, respondeu, completando em pensamento: “Maria Madalena massageou os pés de Jesus Cristo com óleo aromático. Isso aqui não é pecado. É quase uma encenação bíblica. Sou um simples padre seguindo o exemplo do Mestre”.

Era uma metáfora pertinente. Estremeceu ao sentir o toque daquelas mãos macias em suas costas.

— Algum problema, senhor? – questionou Abby.

— Apenas me assustei. Me desculpe. Pode continuar.

As mãos dançavam em sua pele como duas bailarinas ágeis. Passos mais firmes e dolorosos nos “pontos de tensão”. Em poucos minutos, seu pensamento embarcou de volta à terra natal e retrocedeu no tempo. Estava diante de um campo de futebol improvisado. Reconheceu o lugar. Era a região rural de Turim. O silêncio foi

quebrado quando seis garotos de dez anos chegaram animados. Um deles carregava uma bola de capotão. Estava tão rota que parecia não resistir ao primeiro chute da partida. O padre acompanhou a divisão dos times e os minutos iniciais do jogo. “Cuidado, cuidado!”, desesperou-se, antevendo uma tragédia. O dono da bola não enxergou uma vala. E levou um tombo a caminho do gol adversário. A parte frontal da cabeça se chocou contra uma pedra pontiaguda. Os outros vieram correndo. Sangue. Chacoalharam o amigo. Continuava desacordado. O padre passou a mão na própria testa.

— Não tenha medo, meu filho.

A voz ecoou na escuridão.

— Quem está falando comigo?

— Eu sou seu melhor amigo. Sempre estarei com você.

Alguém aproximara-se com uma vela na mão direita. Tinha barba, bigode, cabelos longos, nariz adunco, pele morena e um sorriso acolhedor. Ele o reconheceu imediatamente. Era o homem pendurado no crucifixo na igreja.

— Jesus! – exclamara.

— Muitos chamam meu nome. Poucos me seguem.

Ele despertara em seu quarto, três dias após o acidente.

— O que aconteceu, mãe?

— Está tudo bem, meu filho.

— Jesus apareceu para mim, mãe. Ele me chamou. Vou ser padre.

Pietro sorriu ao se lembrar daquelas palavras. Elas marcavam o momento em que descobrira a vocação. As mãos da massagista deixaram suas costas. Agora, dançavam em suas coxas. O calor se espalhou pela virilha e atingiu seu sexo. Experimentou uma ereção. Coração acelerado. “Os pecados começam nos pensamentos. Preciso pensar em outra coisa...”, disse para si. Em um gesto rápido, a massagista passou a mão direita por baixo da coxa e chegou ao pênis. Pietro abriu os olhos.

— O que você está fazendo? – assustou-se.

— Encontrando outras maneiras de relaxar o senhor.

— Como?

— Quero que se vire. Irei massageá-lo com meu corpo – respondeu Abby, abrindo o zíper e tirando o vestido. Não usava nada por baixo. Seios empinados.

— Meu Deus, se vista. Não posso... – balbuciou Pietro, cobrindo os olhos.

— O senhor não me acha bonita? – perguntou Abby, com uma expressão triste nos

olhos.

— Não é isso, minha filha – justificou o padre, olhando para ela. – Como você é linda...

— Então me deixe terminar o serviço, por favor? Aposto que não vai se arrepender.

Pietro obedeceu. Deitou-se de costas e fechou os olhos. Os aromas de flores, ervas e madeira inebriavam o olfato. Arriscou uma espiadela. O corpo da mulher parecia a chama de uma vela, acompanhando o ritmo veloz da música oriental. Sentiu uma flecha incandescente atravessar seu sexo e atingir a massagista. Durante uma pequena fração de segundo foi inundado por um prazer avassalador para naufragar em seguida. Ao fim daquela sessão, o padre vestiu apressadamente o terno Armani. Sem nenhuma palavra de agradecimento, correu para o banheiro luxuoso da *presidential suite*. E, inúmeras vezes, esfregou o corpo sob a forte ducha de água quente. Depois, chorou ajoelhado diante da cama, esfregando a cicatriz em sua testa. Desejava apagá-la. Desejava que o pesadelo na noite anterior, no quarto do hospital, tivesse sido real.

Aquela fora a reunião de pauta mais estranha desde que ingressara no *The Star*. A relação entre o diretor do jornal, Paul Reiner, e o editor-chefe, Steven, estava visivelmente abalada.

Sem dizer quase nada nem disparar dezenas de comentários ácidos, como habitualmente fazia, Steven revelava a fragilidade de sua posição. Tentava encontrar o ponto de equilíbrio e preservar sua carreira. “A corda está em seu pescoço”, pensava David, exibindo um sorriso irônico durante seus breves comentários. A reunião encerrara-se com sua descrição da cobertura jornalística da visita de Fernanda Albuquerque a Londres, que lhe garantira um elogio de Paul, um olhar enciumado de Steven e um sorriso sedutor de Carolyn. Foi o primeiro a deixar a sala. Passou rapidamente por sua mesa. “Esta minha assistente é linda”, pensou, despedindo-se de Mary com um beijo no rosto.

— Até amanhã – ela disse, sorrindo com os olhos.

No percurso até o Old Bull and Bush, David tentou relaxar com *A Arte da Fuga – Contrapunctus VI*. Pretendia organizar a mente antes do encontro. Não conhecia seu interlocutor. Era provável que fosse um amigo do padre. Mas também poderia ser uma armadilha. Um tiro no escuro. Inspirou profundamente. “Seita satânica... John Dee... William Shakespeare... A Mary é uma bruxa virgem. Talvez esse seja o capítulo mais surpreendente dos últimos dias”, concluiu, esboçando um sorriso. Estacionou diante do *pub* e conferiu o relógio. Estava adiantado em cinco minutos. “Vou esperar no balcão.” Sentou-se e começou a folhear a carta de vinhos. Alguém se aproximou.

— Prazer em conhecê-lo, David – saudou-lhe um homem ruivo e sardento com sotaque americano. Vestia terno preto, camisa branca e gravata prateada, que não caíam bem no corpo atarracado.

— Qual é o seu nome? – perguntou o jornalista, levantando-se e retribuindo o aperto de mão.

— Eu me chamo Michael.

— Michael, seu rosto me é familiar... Como poderia esquecê-lo? Você estava no Orangery durante meu encontro com o padre. E não era meu convidado – ironizou David.

— Eu também estava no Brompton Oratory quando vocês se encontraram. E não fui até lá para colocar a conversa em dia com Deus.

— Onde está o padre Amorth?

— Ontem, corria risco de vida. Nesse momento, está melhor do que nós dois –

respondeu, sentando-se e gesticulando para que David fizesse o mesmo.

— Continua em Londres?

— Está hospedado em um hotel na cidade, mas com outro nome. Digamos que deixou de ser padre por um tempo e virou um empresário bem-sucedido.

— O e-mail que ele me enviou faz parte dessa farsa?

— Foi uma das formas de despistar o inimigo. Seu *notebook* e celular estavam grampeados. Você também está sendo monitorado, David – revelou Michael.

— Qual é seu interesse nessa história? Você trabalha para o Vaticano?

— Não interessa quem paga o meu salário, David.

— Você é americano, não?

— Deve ter percebido isso pelo meu sotaque.

— Provavelmente você sabe o que o padre veio fazer em Londres.

— Faz parte do meu trabalho.

— Também deve saber o motivo de nossos encontros.

— Perfeitamente.

— Se você protegeu o padre e me procurou, deduzo que seu chefe tenha algum interesse em nossas ações. Talvez nós três tenhamos o mesmo objetivo. A única coisa que muda é a maneira de expressá-lo – disse David.

— O padre quer derrotar o demônio e boicotar o Apocalipse Negro. Você pretende desmascarar uma seita satânica e recuperar o prestígio profissional. Talvez meu chefe queira desbaratar uma quadrilha internacional de narcotráfico, prostituição infantil, terrorismo... E tudo o que sustenta o poder dos adoradores do diabo.

— Sim, o alvo é o mesmo. Mas Pietro e eu agimos por vaidade, e vocês, como sempre, têm objetivos mais nobres – o comentário do jornalista foi sarcástico.

— Não foi o que eu quis dizer – esquivou-se Michael.

— Não importa. Estou disposto a colaborar com a... CIA...Acertei? Desde que haja uma contrapartida.

— E qual seria?

— Quero ter acesso aos seus arquivos desse caso. E exclusividade para publicar a história assim que a investigação for concluída – exigiu David, encarando seu interlocutor.

— Essa é a contrapartida. Qual seria a colaboração?

— Informações privilegiadas.

— Interessante. Preciso consultar meus superiores.

— Vocês estão trabalhando com a Scotland Yard? – inquiriu o jornalista.

— Não, aquilo é um ninho de serpentes. Os criminosos têm gente infiltrada.

Era a resposta que David desejava ouvir. Aproximou-se da mesa e questionou Michael:

— Quando encontro o padre?
— Amanhã, eu o levarei até você.
— Tenho um compromisso... – dizia até ser interrompido.
— Uma corrida de galgos. Será a estreia do *Sabreur du Diable*. Você convidou sua assistente para acompanhá-lo, uma nova-iorquina chamada Mary. Espero que a presença do padre não atrapalhe o encontro.

— Vejo que está bem informado sobre mim. Deve conseguir me localizar no estádio. Qual é o nome do empresário que irei conhecer?

— Giovanni de Santis.

— Querem pedir as bebidas? – sugeriu o garçom, aproximando-se da mesa.

— Uma água com gás, por favor – adiantou-se David.

— Para mim, traga aquela Chouffe Bok 6666 – pediu Michael.

— Eles têm essa cerveja aqui?

— Não para os clientes comuns. Pensei que você só curtisse vinhos, David.

— Gosto da história da bebida. Por que você escolheu essa cerveja?

— Porque há coisas que não podem ser ditas. E uma pessoa esperta como você é capaz de ler nas entrelinhas. Faço questão que me acompanhe nesse brinde – respondeu o americano, observando o garçom trazer a garrafa e servir dois copos. Levantou-se e disse:

— Saúde!

— Saúde!

— Não gosto de quem se esconde atrás de números, de enigmas, do demônio. Vamos arrancar a máscara desses criminosos, David – comentou o americano.

— Conte comigo, Michael.

As doze convidadas já haviam chegado à casa de Mary Ann Evans. Como a anfitriã, vestiam túnicas negras e usavam colares no pescoço. Mary acendeu a lareira e apagou as luzes. No centro da sala, treze velas vermelhas circundavam o altar coberto por uma capa azul-escura.

— Antes do banquete, vamos saudar Cernunnos – orientou Mary, desvelando a estátua de um homem nu, sentado na posição de lótus, barba comprida, cabelos encaracolados.

Dois chifres na cabeça e a serpente erguendo-se da região pubiana distinguiam-no dos mortais.

— Salve o Senhor do Mundo! – saudaram as jovens inglesas.

Com uma vareta, a bruxa americana acendeu as velas.

— Façamos nossas oferendas – ordenou Mary, despindo-se da túnica. Untou as mãos com óleo e masturbou Cernunnos por alguns minutos. Logo depois, anunciou solenemente:

— A cópula sagrada.

Virou-se de costas para as outras bruxas e agarrou os chifres, erguendo-se até o colo do deus conífero. Em silêncio, abaixou-se lentamente e penetrou a própria vagina com o falo animalesco. Orgasmos se seguiram enquanto cavalgava sobre a estátua e dizia:

— Me possua!

Excitadas com a cerimônia, duas convidadas transaram aos pés do altar. Após quinze minutos, Mary berrou. Estava em êxtase. Permaneceu parada por alguns segundos. Olhos fechados. E levantou-se exibindo um largo sorriso. O mel vaginal escorria do sexo de Cernunnos.

— Nunca trepei com homem nenhum. Duvido que exista alguém que me faça gozar desse jeito – comentou a jornalista, arrancando risadas de sua plateia.

— Por isso sou lésbica. A língua da Abby é poderosa – retrucou uma inglesa de cabelos ruivos ondulados, emoldurando o rosto de traços suaves.

— Assim você me deixa sem graça – respondeu uma mulher de cabelo preto, bem curto, que se deleitara com o sexo da companheira durante o ritual.

— Conte para elas o que você fez hoje, querida.

— Trabalhei como massagista no Mandarin Oriental – respondeu Abby.

— Você faz isso há oito anos – desdenhou uma mulher aparentando vinte anos, cabelo loiro liso caindo sobre os ombros.

— Mas, dessa vez, faturei uma boa grana. Tudo o que precisei fazer foi transar

com um empresário estrangeiro.

— Pelo menos, ele era bonito? – perguntou Mary.

— Tinha um corte no supercílio esquerdo. E parecia que nunca tinha feito sexo na vida. A transa não durou nem cinco minutos. Quando ele gozou, ficou tão assustado que, mal se vestiu, saiu correndo.

— Quanto você ganhou por isso? – indagou uma mulher negra, a mais alta e magra do grupo.

— Um americano me pagou cinco mil libras.

— Uau! – exclamaram as amigas.

— Esse é o nosso primeiro encontro e já parecemos uma família – observou Mary.

— Os três anos de encontros virtuais serviram para alguma coisa – considerou Abby.

— E as encarnações passadas também – complementou sua namorada.

— Declaro oficialmente criado o nosso *coven*. Reuniões às sextas-feiras, a partir das a nove horas. Podemos começar com o banquete e deixar o sexo para a meia-noite, como no Sabá tradicional.

— Adoro tradições – concordou a mulher negra.

— Você é mesmo virgem, Mary? – perguntou-lhe a única mulher de traços orientais do grupo.

— Até hoje fui fiel a ele – revelou a anfitriã, apontando para Cernunnos. – Mas posso mudar de ideia nos próximos dias...

— Como assim? – quis saber a ruiva.

— Estou saindo com meu chefe. Ele é bonito, refinado, inteligente. Acho que o deus chifrudo não vai se importar de dividir isso aqui – respondeu a americana, colocando a mão sobre a vagina descoberta.

— Afinal, ele já tem chifres – brincou a indiana do *coven*, calada até aquele momento.

Todas riram da piada. Mary não achou graça, mas forçou um sorriso. A campainha soou. Antes de atender, a jornalista apagou as velas, cobriu seu consorte com a capa azul-escura e vestiu a túnica negra. Encontrou à porta uma mulher baixa e atarracada, bem acima do peso, entre duas magricelas altas. Elas vestiam roupas brancas e carregavam travessas.

— Boa-noite, senhora. Sou Lucy, a *personal chef* – apresentou-se a menor delas.

— Entrem. Estamos ansiosas pelo banquete.

Ele colocara o rosário sobre a cama e passara cinco horas ajoelhado no chão. Olhos fechados. A ronquidão no estômago aumentara nos últimos minutos. Apesar do farto almoço, estava faminto. “Devo fazer penitência”, insistia consigo mesmo. Lutava contra o corpo. Os joelhos pareciam apoiados em agulhas. As costas queimavam. O corte no supercílio esquerdo era dardejado por uma dor aguda. Até aquele instante, conseguira esquivar-se das lembranças do spa. Quando sentia um aperto no peito, segurava o crucifixo entre as mãos e se esforçava para recordar episódios agradáveis. Os anos passados no seminário renderam boas lembranças e amenizaram sua angústia. Um ronco prolongado no estômago arrastou seus pensamentos para o banquete do almoço. Salivou. Com uma simples ligação, poderia colocar um ponto-final naquela tortura. Balançou a cabeça negativamente. Precisava domar os desejos do corpo para não mergulhar na escuridão. Sentiu um aperto no peito. Segurou o crucifixo com força. O rosto de Abby surgiu em sua mente. Tentou substituí-lo pelo de Ugo, o amigo brincalhão do seminário. Fracassou. Logo, ela já estava despida. Os seios empinados, mamilos cor de rosa. Pietro fechou a mão direita em punho. Um berro quebrou o silêncio quando ele golpeou o supercílio esquerdo. O líquido espesso encharcou a sobrancelha e desceu pelo rosto. A dor era lancinante. “Sou um traidor.” Aromas de flores, ervas e madeira invadiram seu olfato. Podia ouvir a música oriental e os gemidos de Abby. Sentiu o pênis avolumar-se. Esmurrou novamente o corte, com mais violência. Mergulhou na escuridão. Uma luz difusa surgiu ao fundo e se aproximou. Era o mesmo homem que o visitara após o acidente no campo de futebol. Dessa vez, também carregava uma vela na mão direita.

— Jesus Cristo?

— Me chame como quiser, Pietro. Sou o amigo que prometeu nunca abandoná-lo.

— O senhor me visitou quando eu tinha dez anos, depois nunca mais voltou.

— Nunca voltei porque jamais fui embora.

— Por que me sinto abandonado?

— Porque foge de si mesmo.

— Sou uma ovelha desgarrada. Não mereço ser padre.

— Bendita seja sua mãe pelo nome com o qual te batizou.

— Uma homenagem ao apóstolo Pedro.

— Muitas vezes, Pietro, aquele homem não compreendia as palavras de seu mestre. Era capaz de empunhar a espada para defendê-lo, mas fugiu quando ele mais precisava. Mesmo assim, foi o escolhido para guardar as chaves do reino dos céus.

— Por quê?

— Você mesmo deve responder a essa pergunta – aconselhou, soprando a vela.

No mesmo instante, a dor lancinante voltou. Tentou abrir os olhos. O direito ficou entreaberto. Descolou as pálpebras do lado esquerdo com a mão. Pegajosas. Levantou-se do chão do quarto e foi ao banheiro. Deteve-se a poucos passos do espelho. Receava ver o próprio reflexo.

— Senhor, salvai-me – implorou. Fechou os olhos. Aquela súplica lhe era familiar. Lembrou-se do episódio em que Pedro fora chamado para ir ao encontro de Jesus Cristo, caminhando sobre as águas. A violência do vento o amedrontara e ele começara a afundar. Desesperado, o discípulo suplicara a Jesus Cristo que o salvasse. A mão salvadora do mestre chegara acompanhada por uma repreensão: “Homem de pouca fé, por que duvidaste?”. O padre conhecia o simbolismo daquela passagem bíblica. O mar representava o mal. Em suas profundezas, reinava o império das trevas. Lembrou-se do que dissera em uma de suas homilias: “Não importam os ventos contrários, as tempestades que nos atingem, o Senhor sempre vem em auxílio de seus filhos para livrá-los do perigo”.

— Senhor, salvai-me – repetiu, aproximando-se do espelho e encarando seu reflexo. Os golpes tinham afrouxado um dos pontos e provocado um afluxo de sangue, que embebia a sobrancelha esquerda e deixava um rastro na face. Aquela estranha lágrima refletia horas, dias, anos de angústia. O padre deu um tapa sonoro na face direita. E caiu na gargalhada.

— Seu padre estúpido. Parece que não entendeu nada até hoje. Jamais, jamais pense que está sozinho na tempestade. Basta pedir ajuda ao seu amigo. Obrigado, Jesus, obrigado por me estender sua mão.

Aos vinte e cinco anos, ele descobrira o dom de farejar mentira. Se alguém tentava enganá-lo, era desmascarado por um zumbido no ouvido direito. Ele batizara esse sinal de “cigarra atrás da orelha”. A intuição infalível era ineficaz na vida privada, mas garantia de sucesso na carreira jornalística. Percebia quando o entrevistado estava mentindo e o encurralava na pergunta seguinte. “Nasci equipado com um polígrafo”, confidenciara a Steven ao ser contratado pelo *The Star*. Sentado em sua poltrona vermelha diante da lareira, cachimbo na mão, David pensou no encontro com Michael. O “agente secreto” fora evasivo em suas respostas. E não apresentara nenhuma prova de ser membro da CIA. Mas David não desconfiara dele até o momento em que brindara com a Chouffe Bok 6666. “Não gosto de quem se esconde atrás de números, de enigmas, do demônio. Vamos arrancar a máscara desses criminosos, David”, dissera Michael, despertando a cigarra no ouvido do jornalista.

— Ele não quer desmascarar os criminosos... Deve trabalhar para eles... O braço americano da seita satânica – pensou em voz alta.

Pegou o copo com conhaque na mesinha ao lado e ligou o som. Enquanto ouvia *A Arte da Fuga – Contrapunctus VIII*, de Bach, recordou-se de passagens da peça *A Tempestade*, que lera no computador antes da reunião de pauta. O livro estava ao seu lado, próximo à garrafa de conhaque, mas não queria pegá-lo. Um trago no cachimbo. “Esse agente americano está nos seguindo desde o começo e sabe tudo o que discutimos. Ele confinou o padre em um hotel, com uma identidade falsa, e assumiu o controle da missão. Se ele trabalha para a seita, está nos arrastando para uma armadilha, está fazendo o mesmo que Próspero fez com os inimigos, levando-os para o seu território, a ilha deserta. Padre, estamos em uma tempestade”, deduzia. As pálpebras pesavam. Conseguiu se arrastar para o quarto. Apesar do cansaço, fez o ritual diário antes de dormir. Menos de vinte minutos separaram o último gole de conhaque do sono profundo. E em menos de trinta minutos deixou seu quarto para passear de mãos dadas com seu pai, no bosque do castelo.

— Papai, não gosto daqui.

— Por que, filho?

— Os monstros se escondem na floresta.

— Que monstros, filho?

— Eles não me deixam dormir, papai. Entram pela janela.

— Não vou deixar nenhum monstro fazer mal a você, filho.

Os dois foram pegos de surpresa por um grunhido assustador. O monstro surgiu

detrás de um arbusto e avançou sobre David. O animal parecia um cão raivoso, pelos negros ouriçados. Os olhos faiscavam. Fumaça escapava-lhe do focinho. Enquanto rosnava, sangue borbulhava nas presas afiadas.

— É ele! – gritou o garoto, escondendo o rosto atrás da perna do pai.

— Maldito cão do inferno, fique longe do meu filho! – berrou seu pai, sacando uma lâmina escondida na bengala de passeio e jogando-se sobre o animal.

Um breve e terrível grunhido. O golpe fora fatal.

— Esse não vai mais machucar você. Mas virão muitos outros, filho.

David encarou o animal estirado na relva, morto. Berrou quando outro monstro, maior do que o primeiro, saltou detrás de uma árvore. Olhou para o lado na esperança de que o pai o salvasse. Estava sozinho. Coração a mil. Queria fugir, mas sentia as pernas dormentes. Cobriu o rosto.

— Enfrente seus medos.

Ao ouvir aquela voz, abriu os olhos. O cenário havia mudado. Estava em uma praia. Um homem alto e magro caminhava sobre o mar, em sua direção. Tinha barba longa, cabelos cobertos por touca, túnica escura.

— Sei quem você é. O que quer comigo, John Dee?

— Quero que deixe as pernas de seu pai e derrote sozinho os monstros.

— Monstros não existem.

— Então por que sente medo deles até hoje?

— Não tenho medo.

— Ora, David, o medo transforma anjos em demônios, servos de Deus em discípulos do diabo, rituais sagrados em crimes hediondos, animais afáveis em bestas sanguinárias.

— O que quer comigo?

— Quero que mereça esse prêmio – respondeu, mostrando um livro de aproximadamente vinte centímetros de comprimento, dezoito de largura e cerca de cinquenta páginas. Lombada prateada.

— Não estou interessado em magia negra.

— Isso é o mais perto que você pode chegar de Deus! Volte ao bosque e prove que não é mais um garoto medroso.

No tempo de uma piscada, David estava novamente diante do animal diabólico. Respirou fundo. Apanhou uma pedra no chão e atirou contra ele.

— Quer brigar, venha! – ameaçou, com as mãos em punho.

O cão avançou, abanando o rabo. Era dócil como o *Sabreur du Diable*.

— Eu não disse, David, o medo transforma animais afáveis em bestas sanguinárias.

O jornalista despertou às seis e meia com aquelas palavras na cabeça.

Fascinado com o segredo do *Sigillum Dei*, Andrew deixara as outras peças do British Museum de lado. Nada poderia se comparar àquela revelação. Ele se convencera de que era o filho de Samyaza, mesmo que a lista de nomes no último pergaminho apontasse para outra pessoa. Comemorara a descoberta com um porre e acordara às onze da manhã, encolhido no sofá do porão. Ficou deitado por alguns minutos, tentando lembrar-se do sonho. Estava na sala de armas de um castelo. Havia outro homem lá. Pouco mais baixo do que ele, longas barbas brancas, túnica escura. “O mestre Dee queria me mostrar alguma coisa”, pensou. Fechou os olhos e franziu o cenho. Na mão esquerda, o homem do sonho levantava um objeto redondo e chato. A superfície refletia espadas pregadas na parede à sua direita.

— Sabe o que é isso, Andrew?

— Um espelho mágico.

— Espelhos são moldados pelos homens. Isso é um presente dos anjos. Com ele você pode contemplar outros mundos e se comunicar com inteligências não humanas.

— Eu poderia tocar nele, mestre?

— Apenas os homens destemidos podem fazer isso.

— Estou entre eles?

— Descubra você mesmo.

Andrew saltou do sofá e apanhou o embrulho redondo e chato que recebera do curador do British Museum. Arrancou o plástico e sorriu. Estava diante do “presente dos anjos”. Era um pedaço de antracite bem polida, assemelhando-se a um espelho negro.

— O sangue sagrado corre em minhas veias, mestre. Sou destemido – gabou-se, levantando o objeto com as duas mãos.

Um estrondo estremeceu o porão. Andrew se desequilibrou, mas conseguiu apoiá-lo sobre o *Sigillum Dei*. Outro estrondo. Dezenas de raios subiram da superfície negra, atingindo o teto.

— Quem quer que seja, vai precisar mais do que isso para me intimidar.

— Seu tolo, eu sou o verdadeiro mestre – retrucou uma voz grave, vinda do espelho.

— Quem está aí?

— Tenho muitos nomes, mas pode me chamar de Samyaza.

— O rei deste mundo.

— Ele mesmo.

— Meu pai?

— Como quiser.

— Como posso servi-lo, senhor? – perguntou Andrew, aproximando-se da voz. Um empurrão arremessou-o contra o sofá.

— Não se aproxime.

— Estou às suas ordens.

— Seu pai fez uma aliança com a águia e assinou sua sentença de morte, Andrew. Você foi traído pela única pessoa que amava.

— Não é verdade! – gritou Andrew, olhos arregalados, rosto ruborizado.

— O que eu ganharia mentindo para você, filho?

— O que eu devo fazer?

— Obedeça as ordens da águia, realize o casamento sagrado. Quando deixar o leito matrimonial, você será perseguido. Mate a si mesmo e sobreviva.

— Devo me suicidar?

— Não seja estúpido. Faça outra pessoa pagar essa dívida e se mova na escuridão. O inimigo vai conduzi-lo até o tesouro. Siga suas pegadas e fique com o troféu. Todos temerão o seu poder.

— Qual inimigo vai me conduzir?

— Aquele que roubou sua vida.

— Aquele maldito! – berrou Andrew, fechando a mão direita em punho. – Posso matá-lo?

Um sopro gélido o rodeou antes de mergulhar no espelho negro e desaparecer em suas profundezas. Silêncio. Estava novamente sozinho naquele porão. Lembrou-se de seu pai e sentiu um aperto no coração. Garganta seca. “Você foi traído pela única pessoa que amava”. Aquela acusação o enchera de tristeza. E raiva. Prendeu a cabeça entre as mãos. Desejava se vingar. E Samyaza lhe mostrara o melhor caminho.

— Obrigado, senhor Dee. Esse presente dos anjos abriu meus olhos. Sou melhor do que aquele verme. Sou maior do que o Duque Negro. Sou o herdeiro de Samyaza! – bradou como um guerreiro, prestes a se lançar contra os inimigos.

Conferiu o relógio de pulso. Faltavam sete minutos para o encontro. Era o tempo de estacionar o carro e caminhar vagarosamente até a casa de Mary. Vestiu o *blazer navy*, os botões de ouro cunhados com o brasão de sua família, e apanhou a bengala. Vestia calça *cavalry twill* tradicional, em tom castanho mais escuro do que as atuais, e camisa quadriculada, sem gravata. Nos pés, um *full brogue* em camurça castanha. A poucos passos da entrada, a porta se abriu. Era Mary, com um belo sorriso no rosto. Usava um *tailleur* azul-escuro. A meia-calça preta terminava em um salto agulha. O chapéu delicado imprimia um toque de sofisticação no figurino.

— As americanas também sabem ser pontuais – brincou Mary, aproximando-se de David.

— Isso é o que o mundo chama de pontualidade britânica – retrucou o jornalista, conferindo o horário: cinco e meia. — Detesto ser repetitivo. Mas, nesse caso, é inevitável. Você está deslumbrante, Mary.

— Se todos os homens fossem repetitivos como você, as mulheres seriam mais felizes.

David aproximou-se de Mary e a beijou como não podia fazer na redação do *The Star*.

— Está preparada para assistir a uma corrida de galgos? – emendou a pergunta, estendendo o braço esquerdo na sua direção. O outro se apoiava na bengala.

— Costumava frequentar corridas de cavalo. Mas de cachorros... É novidade para mim – respondeu Mary, caminhando de braços dados com seu chefe.

— Espero que goste. Preciso lhe dizer algo antes que seja apanhada de surpresa.

— O quê?

— Lembra-se do padre italiano?

— Já ouvi falar muito sobre ele.

— Vamos nos encontrar na corrida.

— Pensei que eu fosse sua única convidada... – lamentou.

— E era. Mas houve um contratempo – justificou, abrindo a porta do carro.

— David, sou sua única assistente. Você não acha que deveria confiar mais em mim?

— Não sei como você lidaria com esse assunto. É muito preconceituosa – respondeu o jornalista, batendo a porta do carro. Ela soltou a resposta assim que ele surgiu do outro lado:

— Garanto que sou menos preconceituosa do que esse padre italiano. Eu já frequentei casamentos e batizados. Ele jamais participaria de nenhuma cerimônia

celta. Se estivesse em casa ontem, tentaria exorcizar o *coven* inteiro.

— Tudo bem, Mary. Vamos fazer um acordo. Eu conto a verdade e você finge que não sabe de nada. Pretendo escrever um livro sobre o assunto e precisarei de uma assistente para me ajudar nas pesquisas.

— É um convite?

— Um convite vinculado a uma promessa.

— Tudo bem. Aceito seus termos.

— Lembra-se da minha versão do Estripador de Londres? – indagou, pisando no acelerador.

— Os assassinatos foram cometidos por uma seita satânica comandada por pessoas poderosas.

— Você deve recordar que o padre Amorth me ajudou nas investigações.

— Claro.

— Ele está em uma missão sigilosa em Londres, Mary. Membros da seita estão tramando algo.

— O quê? – surpreendeu-se, girando o tronco na direção do motorista.

— O Apocalipse Negro.

— O que isso significa? Um ataque em massa? – especulou Mary.

— Não sei ainda.

— Uau! Vocês já pensaram em pedir ajuda ao serviço secreto britânico?

— Não posso confiar em quase ninguém. A Scotland Yard faz parte dessa conspiração e já me prejudicou uma vez.

— Conte comigo, David. Estou do seu lado, mas espero que você respeite minhas crenças.

— A única semelhança entre você e os satanistas, Mary, é que ambos seguem um deus com chifres – assentiu David, com um sorriso no rosto.

— Ele se chama Cernunnos. Algum dia vocês serão apresentados.

— Não vejo a hora – retrucou o jornalista, ligando o som do carro. Estacionaram no Wimbledon Greyhound Stadium ao som de “Too Young”, na voz de Nat King Cole.

O padre chegara ao saguão de entrada do Mandarin Oriental às dezessete e trinta. Esperava Michael sentado em uma poltrona, *The Independent* à mão. Trajava um terno cinza-escuro, camisa branca, gravata cinza com diminutos quadrados azuis. Cabeça coberta por um tradicional *homburg* preto. Encontrara o vestuário nas malas deixadas em seu quarto. Lia um artigo sobre a política norte-americana no Oriente Médio. Sentiu calafrio. Espiou atrás das folhas abertas do jornal. Coração a mil. Mãos suadas. A massagista que o seduzira passava por ele sem notar sua presença. Respirou fundo e desviou o rosto. “Não posso”, pensou, fechando os olhos. O celular tocou. Era Michael.

— Senhor Giovanni, cheguei.

O padre deixou o jornal de lado, apanhou o sobretudo *polo coat* azul e encontrou-se com o “motorista” na entrada do hotel.

— Está elegante, senhor – elogiou Michael, assim que Pietro entrou no carro.

— Não uso chapéu.

— Me disseram que esse modelo ficou popular quando um rei decidiu usá-lo.

— Não me importo com isso. Como foi seu encontro com David?

— Muito bom. Ele sabe defender seus interesses.

— Quais interesses?

— Vocês poderão conversar sobre isso pessoalmente daqui a meia hora – respondeu Michael, dando a partida.

— Você é um homem de palavra, Michael. Cumpriu o combinado.

— Sou um simples motorista – brincou, fitando o padre pelo retrovisor, com um sorriso no rosto.

— Obrigado.

— Está aproveitando a estadia no Mandarin Oriental, senhor?

— Você sabe que eu me contentaria com um quarto simples.

— Gostou da massagem?

— Você armou aquilo, seu canalha? – exasperou-se Pietro, avançando sobre o banco do motorista.

— Não entendi, senhor.

— Aquela prostituta!

— Não sei do que está falando. Simplesmente recomendei ao gerente que lhe desse o melhor tratamento que um hóspede poderia desejar. E o spa é um dos atrativos do lugar. Que história é essa de prostituta?

— Esqueça. Até quando devo fingir que sou outra pessoa? – indagou, recostando-

se.

— Até a missão acabar.

— Por mim, ela já acabou.

— Eu não estaria tão certo disso, senhor Giovanni.

— Como assim, Michael? – questionou, aproximando-se novamente do banco do motorista.

— *Sir* Alexander Cotton é um notório apreciador de corridas de cachorro. Ele estará presente no estádio, em uma mesa próxima à de vocês. Se ele é quem você pensa que é, o anjo exterminador ainda não fez o trabalho. Talvez seja uma ótima chance de vê-lo entrar em ação.

— O que você sabe sobre isso?

— Giovanni, sei tudo. Isso não devia ser novidade para você. Abaddon é uma das senhas do esquadrão da morte da Igreja Católica – revelou Michael, com o cenho franzido, fingindo seriedade.

— A Igreja Católica não tem esquadrão da morte! – gritou Pietro.

— Não seja ingênuo, Giovanni. Esse esquadrão existe e é uma versão moderna dos cruzados. Mas, em vez de lutar contra os infiéis, ele combate os servos do Diabo.

— Como nunca ouvi falar disso?

— Eles não promovem massacres públicos, Giovanni. Matam em segredo. Alguém precisa fazer o trabalho sujo, não acha?

O padre ficou calado. As Cruzadas e a Inquisição faziam parte de um capítulo sangrento na história da Igreja Católica. O papa João Paulo II já fizera o *mea culpa* pelos erros do passado. “A única arma da Igreja no século XXI é a palavra de Deus!”, o cardeal Gabriele Fioravante dissera aquilo aos berros, assim que ele lhe confessara seu crime. “Foi a presunção que o tornou um assassino, Pietro.” O padre chegava ao estádio com a lembrança daquelas palavras. E uma expressão de dúvida no rosto.

Estava ansioso para reencontrar o amigo. Assim que estacionou o carro, apressou-se em direção ao local em que ele estava. Mary seguiu um pouco atrás, sem se importar com a falta de atenção de David. Percebia como aquilo era importante para ele. Na entrada do lugar em que o galgo ficava, ele cumprimentou um homem de estatura mediana, com roupa esportiva ligeiramente suja. Mary deduziu que era o treinador do *Sabreur du Diable*. Ao ver o cachorro que ganhara de sua mãe, ainda filhote, o jornalista abriu um largo sorriso. O galgo correu em sua direção, abanando o rabo e latindo. “Ele deve estar querendo dizer ‘Por que você me deixou aqui? Minha casa é mais confortável’. Se não fosse essa grade, os dois rolariam no chão de terra”, concluiu Mary, observando seu chefe se abaixar. Diante da assistente, David se contentou em acariciar a cabeça do animal e sussurrou-lhe:

— Não me importa que seja o azarão, dê o melhor de si.

Mary se aproximou. O cão virou-se para ela, silencioso. Sem dizer nada, a americana abaixou-se e passou as palmas das mãos na terra. Depois se levantou, pronunciando palavras em uma língua que David não conhecia e soprando o pó na direção do *Sabreur du Diable*.

— O que está fazendo? – perguntou o jornalista, estranhando o ritual.

— Transformando o azarão no favorito.

— Isso é bruxaria?

— Digamos que sim.

— Agradeço pela boa intenção, mas isso não vai dar certo, Mary. O favorito é o Mosquete de Trafalgar, de *sir* Alexander Cotton.

— Garanto que quem apostar nesse aqui vai embora feliz para casa – retrucou sua assistente. – A propósito, por que o batizou com um nome francês tão sinistro como *Sabreur du Diable*?

— Da mesma maneira que seu deus chifrudo não tem nada a ver com o diabo, o *Sabreur du Diable* não tem nada a ver com religião. Esse era o nome do galgo preferido de Santos-Dumont.

— Quem é Santos-Dumont?

— O rival dos irmãos Wright.

— O inventor brasileiro do avião... Pensei que aquilo fosse piada. Por que se interessa tanto por esse homem, David?

— Vamos até o restaurante. Eu conto no caminho – sugeriu seu chefe. – Adeus, campeão – despediu-se do animal e deu o braço esquerdo para Mary segurar durante a caminhada.

— Tudo começou com uma provocação do presidente do aeroclube de Londres. Ele disse que a história da aeronáutica era uma farsa e me emprestou um livro de *sir* Peter Wykeham, um alto oficial da *Royal Air Force*. Era a biografia *Santos-Dumont: O Retrato de uma Obsessão*. Me identifiquei com o protagonista.

— Isso é muito surreal. O que um jornalista inglês teria em comum com um aviador brasileiro?

— Seu pai era um produtor milionário de café e doou sua parte na herança ainda em vida. Santos-Dumont usou o dinheiro para seguir sua vocação. Ele se diferenciava dos outros inventores pela criatividade e pelo estilo. Tinha um gosto refinado, apreciava gastronomia, vinhos, boa literatura.

— Parece que você está se descrevendo.

— Ele não foi importante apenas na história da aviação, Mary. Os amantes de relógios como eu, prestam a ele as devidas honras.

— Não vai me dizer que ele também é o inventor do relógio?

— Desde a primeira vez que te vi, na redação, prestei atenção no seu pulso. Você usa um Cartier Santos 100. Sabe o que isso significa?

— Uma coincidência de nomes?

— Resposta errada. No início do século XX, as pessoas usavam relógios de bolso. Durante as experiências aeronáuticas, Santos-Dumont percebeu que precisava de algo mais prático para medir o tempo de voo. E fez uma encomenda ao amigo Louis Cartier. O mundo se rendeu àquela invenção.

— Você está me dizendo que ele criou o relógio de pulso?

— Não exatamente. Algumas versões já tinham sido criadas e utilizadas por militares ou pelas mulheres. Eu diria que ele foi o responsável pela idealização do primeiro modelo comercial. E democratizou seu uso provando que podia ser prático e elegante exibi-lo no braço, em vez de escondê-lo no bolso.

— Fascinante, David. Mas nunca conseguirá me convencer de que ele criou o primeiro avião.

— Não perderei meu tempo com isso – retrucou seu chefe.

Acabavam de chegar à recepção do Grandstand Restaurant. Foram conduzidos à mesa reservada pelo jornalista, diante da linha de largada. Sentaram-se de frente um para o outro. Restaram quatro cadeiras vagas.

— Onde estão os outros convidados? – brincou Mary.

— Convidei apenas você. Mas imprevistos acontecem.

Faltava meia hora para a primeira corrida e o salão continuava vazio. O jornalista pediu a carta de vinhos.

— Eles precisam aumentar as opções – queixou-se, ao consultar os rótulos disponíveis. – De qualquer maneira, uma Mœt & Chandon Brut Imperial é uma ótima escolha para celebrarmos a estreia de *Sabreur du Diable*... – disse, encarando

Mary. – E o nosso segundo encontro fora da redação.
Ela respondeu com um sorriso.

Relutara consigo mesmo em aceitar a história do “esquadrão da morte” da Igreja. Uma coisa era um homem cometer assassinato para defender sua fé. Outra bem diferente era a Igreja defender seu rebanho usando violência. A afirmação de Michael contradizia suas crenças, mas tornava seu pecado algo menos terrível. Afinal, imitara um *modus operandi* da mesma instituição que orientava seus passos. Imerso em pensamentos, deixava-se conduzir pelo americano. Não percebeu quando passaram pela recepção do Grandstand Restaurant. Foi pego de surpresa com a saudação de David:

— Você está elegante, padre...

— Deixe-me apresentá-lo a Giovanni de Santis, David – interrompeu-o Michael.

— Prazer em conhecê-lo. Essa é minha assistente, Mary – disse o jornalista.

O padre tomou a mão da americana e a beijou, exibindo um sorriso no rosto.

— Uma ótima escolha, David.

— Obrigada, senhor – agradeceu Mary, retribuindo o sorriso. Contrariando a própria expectativa, sentiu empatia por aquele homem gentil e afável.

— Vejo que se machucou. Você está melhor? – indagou David, observando o curativo no supercílio esquerdo.

— Isso aqui foi um pequeno acidente doméstico. Nada grave – respondeu o padre.

— Vim até aqui só para apresentá-los. Preciso me retirar para um compromisso. Espero que tenham uma noite agradável. Sorte para vocês – despediu-se Michael.

Pietro sentou-se ao lado de David. Retirou o chapéu e o colocou na cadeira ao lado. Sorrindo, abraçou calorosamente o jornalista e disse:

— Estava com saudade, meu amigo.

— Você aceita champanhe?

— Por que não?

— Os padres bebem champanhe? – sussurrou Mary, surpreendendo Pietro.

— Ela sabe quem eu sou? – perguntou para David.

— Tudo bem, padre. Minha assistente é uma das poucas pessoas em quem confio. Ela pode nos ajudar nessa missão.

— Antes de falar sobre a missão, quero lhe explicar uma coisa, Mary. O primeiro milagre de Jesus Cristo foi a transformação de água em vinho. Calcula-se mais de seiscentos litros do melhor vinho da época. Imagine só. E o champanhe foi criado pelo monge beneditino francês Dom Pérignon. Um padre que não bebe é praticamente um herege! – terminou a frase com uma gargalhada.

— Gostei dele, David – comentou Mary.

O balde com a garrafa de champanhe chegou à mesa. O *sommelier* desarmou a garrafa, quase sem fazer barulho, e serviu as taças.

— Um brinde ao *Sabreur du Diable* – adiantou-se Mary.

— A quem? – Pietro arregalou os olhos.

— Ao meu galgo. É sua estreia nas pistas.

— Um brinde ao cachorro com nome francês – brincou o padre. – E outro ao belo casal que vocês formam.

Mary ficou ruborizada. David sorriu. Pela primeira vez via o padre tão bem-humorado.

— Soube que você esteve no College of Arms. O que descobriu? – indagou-lhe o jornalista.

— Mas que surpresa! *Sir* David Rowling – um homem que passava pela mesa interrompeu a conversa. Era alto e trajava um casaco *tweed* da Cordings of Picadilly, camisa quadriculada e gravata vermelha, com galgos bordados. Nos pés, botas da Tricker's. Era um uniforme tradicional dos caçadores ingleses.

— Boa-noite, *sir* Cotton – respondeu David, levantando-se para cumprimentá-lo. – Esses são meus amigos: Giovanni e Mary.

— Prazer em conhecê-los – retrucou o lorde, cumprimentando primeiro a dama da mesa e estendendo a mão para Pietro.

Coração aos saltos. Respiração curta e rápida. Com a mão suada, o padre apertou a mão fria daquele homem. Não estava em seus planos conhecê-lo.

— Você está trabalhando no tabloide *The Star*, não? – *sir* Cotton voltou-se para David.

— Há quase dois anos.

— Deve se sentir à vontade por lá. Pode inventar o que quiser sobre as celebridades. Elas sempre agradecem. É a vitória do “falem mal, mas falem de mim” – alfinetou o lorde, dando-lhe às costas e sentando-se duas mesas adiante, com um grupo de cinco homens em trajes esportivos. Bebiam uísque.

— *Sir* David? – perguntou Mary.

— Pelas convenções, sim.

— Que homem estúpido – prosseguiu sua assistente. – Por que ele te atacou dessa maneira?

— É simples. Eu o denunciei como parte da seita satânica. No organograma, ele era um dos membros de honra.

— *Sir* Alexander Cotton – sussurrou o padre, recuperando-se do susto. – Ele é a resposta ao terceiro enigma, David. Ele é o grão-mestre da confraria negra. Se preferir, seita satânica.

— Você está me dizendo que ele é o Duque Negro?

— Sim. Tenho certeza disso – confirmou Pietro.

— Na minha investigação, encontrei alguns indícios que levavam até ele. Mas não eram fortes o suficiente para acusá-lo de chefiar a organização. Essa é uma acusação grave. Muito grave – advertiu David.

— Eu acredito em você – apoiou Mary, fitando os olhos assustados de Pietro, sem o brilho de minutos atrás.

Ele pisou fundo no acelerador. Não podia se atrasar para o encontro com o Feiticeiro. Planejava entregar-lhe a caixa de madeira com o artefato e o envelope lacrado. E se mandar em seguida. Não tinha o que conversar com Andrew. Apenas um psicopata aceitaria executar a Operação Luxúria, e Michael preferia evitar os loucos homicidas. Além do mais, não queria perder o compromisso mais importante do dia. Um encontro privado com a sócia de Pamela Anderson. O telefone tocou. Reconheceu o número do senador Bundy. Pensou em não atendê-lo. Não estava preparado para uma mudança de planos na última hora. Mas contrariar aquele homem não seria um bom negócio. Preferiu não arriscar. Colocou no viva-voz.

— Está indo encontrar o Feiticeiro?

— Sim, senhor.

— Ótimo. Não o deixe irritado. Espero que esteja levando o escudo consigo.

“Merda, esqueci aquela porcaria em casa”, pensou Michael, emendando a frase:

— Sim, senhor, está no bolso do casaco.

— Ele é muito esperto e perigoso. Aposto que já está desconfiado da traição.

— Como assim? Alguém vazou a informação? – surpreendeu-se Michael.

— Não posso dizer.

— Alguma recomendação?

— Sim. Após entregar o pacote, diga que uma pessoa próxima a ele quis apunhalá-lo pelas costas. Mas o mestre americano não aceitou isso, porque está convencido de que ele é a realização da profecia. Só está à espera de uma confirmação para romper com os britânicos e nomeá-lo mestre supremo – instruiu Bundy.

— Ele saberá do que estou falando?

— Seguramente. E, se acreditar, deve entregar a você dois pequenos pergaminhos que, provavelmente, carrega no bolso.

— O que devo fazer com isso?

— Quando as almas gêmeas encontrarem o tesouro, deposite os papéis no Santuário. Ele saberá o que fazer. Como estão nossos homens?

— Giovanni de Santis está aproveitando muito bem o conforto do hotel. Correm rumores de que transou com a massagista. Depois de perder o cabaço, saiu correndo para a suíte.

— Você não presta, Michael – disse Bundy, caindo na gargalhada. – É uma maneira eficaz de minar a resistência do Santuário.

— Obrigado, senhor.

— Ele também ficou fora de controle quando falei sobre o esquadrão da morte da Igreja e, pelo que captei por intermédio de uma escuta, ele acaba de apertar as mãos do homem que acredita ter mandado matar.

— Ele conheceu o lorde caçador?

— Sim, todos estão reunidos na corrida de cachorro.

— Depois, quero uma gravação da conversa. Mais alguma coisa que eu deva saber?

— Sim, senhor. As almas gêmeas não estão sozinhas.

— Quem está com elas?

— Uma mulher, americana. Ela é assistente do jornalista. Os dois estão tendo um caso. Devo me preocupar com ela?

— Ela não nos interessa. Deixe-a fora disso.

— O jornalista confia nessa mulher. Talvez ela interfira no curso dos acontecimentos – justificou Michael.

— Monitore a conversa deles. Se notar algo anormal, me comunique. Mas não desvie sua atenção para personagens periféricos.

— Ficarei alerta.

— E com os dois pés atrás no encontro com o Feiticeiro. Até logo – despediu-se Bundy.

O padre listou mentalmente os Sete Pecados Capitais. Se precisasse escolher um para descrever o lorde, ficaria com a soberba. Nos primeiros séculos do cristianismo, aquele pecado fora considerado o mais terrível. “O orgulho agrava todos os outros”, pensou Pietro, lembrando-se do monge grego Evagrius Ponticus, autor da primeira lista de crimes e paixões humanas. Pegou a taça de champanhe, voltando-se novamente para a mesa de *sir* Cotton. Com um copo de uísque na mão, o aristocrata inglês o encarava. Calafrio. Durante os exorcismos, Pietro ficava frente a frente com o poder das trevas. Os demônios usavam palavras para ofendê-lo e gestos para agredi-lo. Porém, a sensação mais aterrorizante era o silêncio, quando o possuído se calava e o próprio diabo parecia observá-lo das profundezas do inferno, com um sorriso zombeteiro. Sempre que isso ocorria, alguém parecia sussurrar em seu ouvido esquerdo: “Seus crimes já foram julgados, padre. Eu sou o carrasco”. Sentado à mesa do Wimbledon Greyhound Stadium, na companhia de David e Mary, Pietro teve a impressão de ouvir aquelas mesmas palavras. As mãos suavam. Ele tremia. Sua taça escorregou, estatelando-se na mesa e respingando bebida no jornalista.

— Tudo bem, padre? – adiantou-se Mary.

— Me desculpe. Molhei você? – perguntou a David.

— Não se preocupe com isso – retrucou o jornalista.

— Você disse que ele foi suspenso da Câmara dos Lordes? – indagou Pietro. Estava distraído quando o amigo narrara o episódio.

— Na sessão de ontem, ele detonou um pequeno explosivo e exaltou um traidor da Inglaterra – repetiu David.

— O demônio escolheria um homem orgulhoso como *sir* Alexander Cotton para ser seu braço direito. A soberba é o maior dos pecados. Foi por causa dela que Lúcifer se rebelou contra Deus. Ele desejava ser maior do que o Pai. Por isso O traiu. Pelo que acaba de nos contar, esse lorde também tem um apreço especial por traidores – comentou o padre.

— Não concordo totalmente com o senhor – retrucou a americana, com um sorriso no rosto.

“Esse não é o melhor momento para polêmicas, Mary”, pensou David, reprovando sua assistente com o olhar.

— Em que você discorda? – questionou Pietro, curioso.

— O diabo é inteligente?

— Muito mais do que os seres humanos.

— Aonde você quer chegar com isso, Mary? – impacientou-se David.

— Muito simples. Se o diabo é tão inteligente assim, por que escolheria alguém como ele? Não seria melhor procurar uma pessoa mais confiável e menos egocêntrica? Pelo que vi, *sir* Cotton não seria o melhor exemplo de lealdade – observou a americana.

— As pessoas virtuosas estão do lado oposto, Mary – explicou o padre. – O diabo precisa se contentar com a escória.

— Como concluiu que *sir* Cotton é o Duque Negro? – interrogou-o David, querendo retomar o assunto sobre o “elo perdido”. A prova que não conseguira encontrar em suas investigações.

— Após a morte de John Dee, o antiquário *sir* Robert Bruce Cotton adquiriu sua cobiçada biblioteca e objetos ritualísticos em uma transação aprovada diretamente por São Carlos I.

— Um rei santo? – interveio Mary.

— Ele foi deposto e executado. A Igreja Anglicana o canonizou em 1660. Prossiga, por favor, padre – insistiu David, não querendo desviar novamente a conversa.

— Essa transação não foi uma compra, David. Foi uma doação real para a confraria recém-fundada. Alguns objetos, como a Mesa de Prática e o *Livro das Folhas Prateadas*, desapareceram para sempre. Outros, não sei por que, foram parar na coleção do British Museum.

— O roubo... – David deixou escapar.

— O quê? – perguntou Mary.

— Ontem, os objetos de John Dee desapareceram misteriosamente do acervo do museu.

— Devem ter sido roubados por essa confraria negra – concluiu sua assistente.

— Pois bem, qual é a ligação entre o provável primeiro grão-mestre da confraria negra e esse lorde arrogante? – prosseguiu Pietro, com uma pergunta retórica ao estilo de suas aulas. – O sobrenome responde tudo. *Sir* Alexander Cotton é o atual representante da linhagem de *sir* Robert Bruce Cotton. Em outras palavras, ele é o legítimo herdeiro do legado maldito.

— Você checkou o livro genealógico no College of Arms? – David quis certificar-se.

— Sim. Você se lembra do enigma: **“A verdade está sob o selo. O leão coroado reclama seu trono. Ele vem do Tronco de Jessé”**? O brasão de *sir* Cotton é um leão coroado, David. Não tenho dúvidas, ele é o escolhido da Besta para iniciar o Apocalipse Negro.

— Agora que você já sabe a resposta, o que pretende fazer para impedir isso? – inquiriu o jornalista.

As luzes do restaurante se apagaram. Pietro olhou na direção do lorde polêmico. Teve a impressão de enxergar um homem bem alto às suas costas.

Ele ficou parado a alguns metros da London Eye, observando o movimento. Nenhum sinal do Feiticeiro. Conferiu o horário: dezoito e trinta e cinco. Concluiu que Andrew talvez estivesse fazendo a mesma coisa. Segurando uma caixa prateada pequena e rígida, tomou a iniciativa e caminhou até a roda-gigante. Seu interlocutor chegou segundos depois, mancando ligeiramente.

— Prazer em revê-lo – disse Michael, estendendo-lhe a mão.

— Não posso dizer o mesmo – retrucou Andrew, apertando com força a mão do americano e encarando-o com um sorriso irônico.

— Vejo que você andou se envolvendo em outra briga – provocou Michael, apontando para o corte em seu rosto.

— Cruzei com outro idiota pelo caminho.

— Você tem um ponto de vista peculiar, Andrew. Vamos tratar de negócios – disse o americano, fazendo um sinal para um dos operadores da London Eye. No minuto seguinte, vinte e três pessoas deixaram uma das cabines. Apenas os dois tiveram permissão para subir. Até chegar ao ponto mais alto, Andrew e Michael ficaram em silêncio. Diante da vista deslumbrante da cidade, o americano retomou o diálogo.

— Ele sabe tudo.

— O olho que tudo vê – respondeu Andrew.

Era a contrassenha correta.

— O artefato está aqui dentro – revelou Michael, estendendo-lhe a caixa prateada.

— Você tem uma nota de um dólar?

— Por quê?

— Você tem? – insistiu.

— Deixe me ver – respondeu-lhe, pegando a carteira no bolso da calça.

“O senador pediu para tomar cuidado. Deve ser mais um de seus truques”, deduziu. Encontrou um dólar entre as libras e o entregou ao Feiticeiro. Andrew deixou a caixa prateada sobre o banco e mostrou o verso da nota a Michael.

— Esse olho dentro do triângulo é o Olho que Tudo Vê, o Olho de Hórus.

— Por que você está me dizendo isso?

— Já ouviu falar do Terceiro Olho?

— O que isso tem a ver com a missão?

— Bem aqui está a porta para o outro mundo. Quem tem esse olho aberto, enxerga com o Olho de Hórus – explicou Andrew, colocando o dedo indicador entre as sobrancelhas de Michael

— Não estou interessado nisso – esquivou-se Michael, afastando a cabeça. – Não

toque em mim.

— Cale a boca e me escute. O padre que você salvou tinha uma cicatriz na testa. Quando chegar o momento certo, ele enxergará melhor do que nós. E poderá dar o xeque-mate usando nossas próprias peças. Se isso acontecer, cretino, não haverá nenhum lugar no mundo em que você consiga se esconder de mim.

— Esse não é o melhor momento para me ameaçar, Andrew. Ainda mais agora, quando você foi traído pelo seu protetor.

— O que você sabe sobre isso? – o bastardo exasperou-se. Olhos arregalados. Mãos em garras, prestes a se lançar sobre Michael.

— O mestre americano não compactuou com isso. Ele está convencido de que você é a realização da profecia.

— Eu sou – disse Andrew, com um sorriso triunfal.

— Ele quer romper com os britânicos e nomeá-lo mestre supremo.

— Ele é bem esperto. Quer ficar do lado vencedor. Do que ele precisa? – adiantou-se.

— Primeiro, o casamento deve ser realizado.

— Isso vai acontecer em breve. O que mais ele quer?

— Você tem algo que confirme a profecia?

O bastardo encarou o interlocutor por alguns segundos, sem dizer nada. Michael sabia que aquele homem era capaz de decifrar o que se passava em sua cabeça. Sem muito esforço, pensou na sócia de Pamela Anderson que encontraria naquela noite. Andrew sorriu e pegou duas pequenas folhas enroladas que carregava no bolso do casaco.

— Cuidado com isso. É um empréstimo. Se não me der de volta...

— Não haverá nenhum lugar no mundo em que eu possa me esconder de você – completou Michael, guardando os papéis no bolso.

A roda-gigante retornara ao ponto de partida. O operador abriu a porta.

— Uma coisa importante sobre o Terceiro Olho, Michael – disse Andrew. – O das putas fica no traseiro.

Os dois riram e seguiram em direções opostas.

Enquanto David olhava para a pista de corridas e Mary comentava o blecaute, os olhos de Pietro acompanhavam os movimentos do homem atrás de *sir* Alexander Cotton. Assustou-se quando ele sacou uma espada flamejante e os homens daquela mesa se transformaram em demônios raivosos. Os olhos do lorde polêmico reluziam como fogo e seus dentes longos e pontiagudos devoravam a própria boca. Teve a impressão de alguém sussurrar em seu ouvido: “É de Deus que vem o juízo: é ele que abate um homem e ergue o outro. Pois na mão do SENHOR há uma taça com vinho a fermentar, misturado com veneno. Ele o derrama: até as fezes deverão bebê-lo, dele vão beber todos os ímpios da terra”. Reconheceu os últimos versos do Salmo 75. Em um golpe rápido, a lâmina de fogo degolou *sir* Cotton. No mesmo instante em que Pietro fechava os olhos, as luzes do restaurante se acendiam. Ouviu gargalhadas em uma mesa próxima.

— Esse cara é bem espalhafatoso. Não acha, padre? – perguntou Mary.

Hesitante, Pietro mirou novamente a mesa demoníaca. Os seis homens seguravam copos de uísque e conversavam animadamente. “Não passou de uma visão. O Senhor deve ter poupado sua vida”, concluiu Pietro, aliviado.

— Não estou aqui para julgar ninguém – respondeu o padre, pegando outra taça de champanhe. – Mas concordo com você – completou, piscando o olho.

— A corrida vai começar! – anunciou David.

Após o sinal, as cancelas se abriram e os galgos zarparam atrás de um coelho mecânico. O jornalista ficou em silêncio, punhos fechados sobre a mesa, olhos fixos no movimento dos cães. Em poucos segundos, eles desapareceram de seu campo de visão. Seu galgo foi o último a dobrar a curva. David voltou-se para a televisão. Ficou de pé.

— Vamos lá, *Sabreur du Diable* – torceu Mary.

O azarão passou para a quinta posição, depois para a quarta. *Sir* Alexander Cotton, também em pé, gritava o nome do favorito:

— Mosquete de Trafalgar!

O *Sabreur du Diable* ficou pareado com o terceiro colocado, depois avançou sobre o segundo. Um sinal soou no estádio. Era o fim da corrida. Mary olhou para David. Ele sorria. Estava feliz com a segunda colocação do amigo de quatro patas. Um burburinho se espalhou pelo restaurante. E virou algazarra. A tela não mostrava o nome do vencedor, apenas a mensagem: “Em aberto”.

— O que aconteceu? Quem venceu? – quis saber o padre.

— É como corrida de cavalo, quando dois chegam juntos, o juiz precisa avaliar as

imagens e dar a palavra final – respondeu Mary.

— O do David ficou em que lugar?

— Aposto que venceu o cão de *sir* Cotton. Diria que seu focinho cruzou a linha de chegada alguns centímetros antes – arriscou a americana.

— Inacreditável! O vencedor da primeira corrida dessa noite é o azarão *Sabreur du Diable* – anunciou o locutor, no momento em que seu nome começou a piscar na tela.

— Ele venceu! – vibrou David.

— Eu não disse que venceria? – gabou-se Mary.

— Parabéns, David. Um brinde ao cachorro de nome francês – adiantou-se Pietro, levantando a taça. – Agora, peço licença aos dois, vou ao toalete.

— Acho que vou começar a acreditar em bruxaria – brincou o jornalista, observando o padre se afastar.

— Por que você não diz isso na frente dele?

— Prefiro evitar polêmicas desnecessárias.

— Gostei desse padre. Tem senso de humor. É diferente dos outros que conheço.

— O que achou da história?

— Intrigante. Gostaria de saber mais detalhes. Mas depois você me conta. Vamos curtir a vitória do *Sabreur du Diable*.

— Não aceito o resultado. Esse azarão é tão trapaceiro como o dono – disparou *sir* Cotton, passando enfurecido pela mesa de David e fuzilando-o com os olhos. Estava a caminho do toalete.

— Me desculpe, David, mas quando esse cara abre a boca, só sai merda – comentou Mary.

— Se o que o padre disse for verdade, sua derrota nessa corrida foi só o *amuse-bouche*.

Seguiu-se outro blecaute. O restaurante mergulhou novamente na escuridão.

A caminho de casa, Michael acessou o celular de Bundy. Precisava prestar contas do encontro com o Feiticeiro antes de se entregar à luxúria. Assim que o senador atendeu a chamada, ele transferiu a ligação para o viva-voz.

— Fico feliz que tenha sobrevivido, Michael.

— Missão cumprida. O artefato não está mais comigo.

— Ele mordeu a isca?

— Sim. E me entregou os papeizinhos.

— Você já sabe o que fazer com eles.

— A Operação Luxúria já está nas mãos do Feiticeiro. Quando devo apagá-lo? – indagou Michael, ansioso.

— Logo que ele concluir a Operação Luxúria e deixar o hotel. Sugiro que o apanhe no Hyde Park.

— Alguma recomendação especial?

— Ele é o bastardo do grão-mestre. A exigência é que tenha uma morte honrosa – explicou o senador.

— Devemos duelar? – brincou Michael.

— Um duelo com ele seria suicídio. Você sabe disso. Na Inglaterra, os nobres devem ser decapitados.

— Ele é apenas um tolo – Michael deixou escapar.

— Você será um tolo se não cumprir as ordens – ameaçou Bundy.

— Tudo bem. Como deve ser feito?

— Você receberá, na sua casa, um pacote estampado com o brasão real de Carlos I. Para o serviço, use o que encontrar dentro dele.

— O que quer que eu encontre nesse pacote, primeiro usarei minha arma.

— Você não tem autorização para atirar nele. Use apenas o que chegar até você.

— Isso é loucura. Você mesmo me disse que ele é perigoso e imprevisível. A chance de dar errado...

— Vai dar certo. Você é um dos melhores, Michael – interrompeu-o Bundy.

— Sou um dos melhores quando estou com a minha arma e posso usar meus métodos. O que tem nesse pacote surpresa?

— Um machado sagrado.

— O quê? Quer que eu elimine o Feiticeiro com um machado? Isso é brincadeira, não?

— Você deveria se sentir lisonjeado. Irá manejar a mesma arma que decapitou o rei Carlos I. Sabia que ele foi canonizado pela Igreja Anglicana?

- Foda-se a Igreja Anglicana!
- Você preferia ser escalado para a Operação Luxúria?
- Ela não fazia parte do nosso acordo. Desde o início você disse que Londres indicaria a pessoa para esse trabalho.
- Você já deve ter percebido que nesse negócio os acordos são maleáveis. Não quero lembrá-lo disso novamente.
- O que eu faço com...
- Quando terminar o serviço, cubra o Feiticeiro com a capa – instruiu Bundy.
- E a...
- Leve-a com você. A mesma pessoa que pegará a arma de volta também carregará a cabeça. Até logo – despediu-se o senador.
- Um machado. Droga, eles querem que eu use um machado para matar aquele psicopata. E ainda por cima leve a cabeça dele comigo. O que eu poderia esperar de quem arquitetou a Operação Luxúria? O mundo vai querer saber o que aconteceu de verdade. Quando der merda, quero estar bem longe daqui – desabafou consigo mesmo. Lembrou-se do filho. Coração apertado.

O padre esbarrou em *sir* Alexander Cotton à saída do toalete. Apesar da escuridão, reconheceu o gigante. Um calafrio percorreu suas vértebras.

— Que merda de blecaute. Vou mijar no chão mesmo – vociferou *sir* Cotton.

Antes de fechar a porta, o padre olhou na direção do lorde. O mesmo homem que viu às suas costas, antes da corrida, estava lá. “Quando entrei, não havia mais ninguém ali dentro”, pensou, estranhando sua presença. Sentiu uma força arremessá-lo para fora. A porta bateu com força. “Pietro, você julgou esse homem. O anjo chegou para executar a sentença. Até as fezes sorverá *sir* Alexander Cotton.” Teve a impressão de alguém sussurrar aquilo em seu ouvido. Com a mão direita suando, fez o sinal da cruz, apertou os passos em direção à mesa e rezou:

— Meu Deus, que ele tenha o que merece.

Torceu o pé e caiu a poucos metros da porta do toalete. Ouviu um grito abafado. Depois um baque surdo. E algo se estilhaçando. A luz voltou. Levantou-se e respirou fundo. Precisava voltar à mesa. Mas desejava ver o desfecho da história. Deu alguns passos. Parou e voltou até a porta do banheiro. Tentou empurrá-la. Estava travada. Tentou novamente, com mais força. Ela se abriu de repente e ele foi atirado ao chão. Contorceu o rosto e gritou. *Sir* Alexander Cotton estava caído de bruços, com a cabeça retorcida, virada para cima. Havia estilhaços de pia espalhados pelo banheiro, alguns enterrados no rosto e no pescoço do lorde. Coberto por sangue, ele estava praticamente irreconhecível. Pietro vasculhou o ambiente à procura do anjo exterminador. Nem sinal. Voltou-se novamente para o escolhido do diabo. Queria apreender todos os detalhes daquela cena. Percebeu que algo saía da boca rasgada. Eram fezes. “A profecia”, concluiu. Dois homens da segurança chegaram juntos, atraídos por seu grito. O mais alto tinha o nariz pronunciado e os lábios saltavam à vista. O outro contrastava na altura e nos traços mais delicados.

— O que aconteceu aqui? – perguntou o mais alto, terrificado com o cenário brutal.

— A porta estava travada... Precisei empurrar... Caí... Ele já estava aí, desse jeito... – explicou, levantando-se.

— Chame a polícia – ordenou o mais alto ao assistente e voltou-se à única testemunha. – Quando você chegou aqui, havia mais alguém, além da vítima?

— Ninguém.

— Se você se lembrar de alguma coisa, me procure. No momento, peço que deixe o toalete. O cenário deve ser preservado – orientou, entregando-lhe um cartão de visitas.

— Não sei nada que você também não saiba – rebateu Pietro, estendendo a mão na direção de *sir* Cotton. – Estava escuro. Talvez ele tenha escorregado e batido a cabeça na pia. Um acidente fatal.

— Pelo visto, você entende de acidentes – retrucou o segurança, apontando para o ferimento no seu supercílio esquerdo. – De onde você é?

— Sou italiano.

— É policial?

— Não. Sou um simples padre – respondeu Pietro. “Se ele pedir para conferir meu passaporte, estou enrascado”.

— Pena não ter chegado a tempo da extrema-unção, padre.

— Que sua alma seja recebida por Deus. E tenha um julgamento justo – disse Pietro, mirando o defunto e fazendo um sinal da cruz na direção do corpo. “E queime no inferno pela eternidade”, completou em pensamento.

— Já fez seu trabalho. Pode ir, padre.

— Estou com dor de barriga. Onde posso encontrar outro banheiro?

— Espero que tenha mais sorte dessa vez – desejou-lhe o segurança, indicando com a mão direita o outro toalete masculino. Sem pressa, Pietro girou sobre o calcanhar e saiu daquele lugar terrível. Ao chegar ao outro toalete, fechou-se em uma das cabines. Abaixou a tampa do vaso sanitário e sentou-se. Com as mãos trêmulas e suadas, tirou o celular do bolso do paletó.

Na televisão do restaurante, a imagem da pista era substituída por um aviso: “A próxima corrida foi adiada temporariamente em virtude de problemas técnicos. A previsão é de que sejam resolvidos nos próximos instantes. Enquanto isso, usufrua nossa hospitalidade”. David conferiu o horário.

— Mary, faz vinte minutos que o padre deixou a mesa.

— E daí? Talvez ele tenha ido fazer o número dois. Algumas pessoas são mais demoradas.

— Não acha uma coincidência *sir* Cotton também não ter voltado ainda?

— Na verdade, o único problema que vejo na demora do padre é a minha fome. A etiqueta diz que devemos esperá-lo antes de fazer o pedido.

— Podemos pedir para o garçom trazer uma entrada.

— Meu estômago pararia de reclamar – brincou Mary. – O que você sugere?

— Gosto desse aqui: *pate de champagne* – respondeu David, com o *menu* aberto.

— Por mim, pode ser.

Enquanto fazia o pedido ao garçom, sentiu o celular vibrar no bolso do *blazer navy*.

— Alguém me enviou uma mensagem de texto – comentou, conferindo o telefone. Era o padre: *David, o Duque Negro está morto no toalete mais próximo. Chamaram a polícia e é provável que a Scotland Yard também venha. Estou com documento falso. Preciso que me tire daqui imediatamente. Te encontro na saída do restaurante.*

— Droga! O que ele fez? – o jornalista espantou-se ao ler a mensagem.

— O que aconteceu?

— Precisamos sair daqui. Agora.

— Mas...

— É mais grave do que você imagina. Explico no caminho – justificou David, calculando o valor da conta e deixando o dinheiro sobre a mesa. – Vamos.

— Você não vai nem esperar o troco? – indagou Mary, erguendo a sobrancelha esquerda.

— O garçom vai ficar feliz com essa saída repentina. É a maior gorjeta da noite.

— A mensagem era do padre?

— Escreveu a matéria para a Carol? – perguntou David, mudando completamente o foco da conversa.

— Entendi... Sim, já fiz – sua assistente entrou no jogo. – Fernanda respondeu algumas perguntas por e-mail e enviou fotos exclusivas. A Carol adorou.

— Muito bom. Também me lembrarei disso quando for promovido – David tentou descontrair.

Passaram pela porta do toalete. Estava fechada. Dois seguranças montavam guarda diante dela. O jornalista evitou olhar em sua direção.

— Algo deve ter acontecido aqui – observou Mary.

— Nada que nos interesse neste momento – retrucou David.

O padre os esperava na saída do restaurante. Esfregava os dedos nas palmas das mãos. Não conseguia disfarçar o nervosismo.

— Caro amigo, a corrida foi adiada. Problemas técnicos. Quer saber? Acho que vão demorar para resolver isso. É melhor nos divertirmos em outro lugar. O que acham de jogar *bridge*? – dissimulou David, colocando a mão sobre o ombro de Pietro.

— Prefiro tranca – respondeu o padre, participando da farsa.

— E eu, pôquer – revelou Mary.

Após aquele comentário, permaneceram em silêncio até o carro. Mary sentou-se ao lado de David. Pietro acomodou-se no banco de trás. Um silêncio constrangedor. Passaram pelo portão de saída.

No quarteirão seguinte, cruzaram com seis carros velozes a caminho do estádio. Quatro eram da polícia. Os outros dois, do serviço secreto.

— Está na hora de você contar o que aconteceu, padre – cobrou o jornalista, fitando-o pelo retrovisor.

Protegido em seu porão macabro, Andrew abriu a caixa prateada entregue por Michael. Encontrou um envelope espesso e uma caixa de madeira. Sorriu ao ver o símbolo desenhado sobre ela. “O hieróglifo”, disse para si mesmo. Deslizou a tampa e contemplou o artefato dourado sobre um fundo negro. Era uma abelha forjada em ouro, com partes móveis aparentes. Retirou-a da “colmeia” e a virou ao contrário. Havia cinco cordas, com quatro caracteres ao redor de cada uma. “Um pequeno cofre”, concluiu, removendo o tecido preto que forrava o interior da caixa. Uma pequena reentrância no fundo indicava um compartimento secreto. Com o auxílio da ponta de seu abridor de cartas, forçou-a para fora. Uma tampa se deslocou vagarosamente, revelando um pergaminho. “O ritual”, deduziu. Usou uma pinça para removê-lo e colocou-o, com cuidado, sobre a escrivaninha. Após guardar o artefato, olhou em direção ao espelho negro. Silêncio. O encontro com Michael deixara-o intrigado. Se o mestre americano prometia aceitá-lo como o filho de Samyaza e ameaçava romper com os ingleses, talvez ele não precisasse mais se fingir de morto após o casamento sagrado. Nem seguir o homem que roubara sua vida. Bastava se unir aos americanos e esmagar seus inimigos. Não pouparia ninguém. Repousou o espelho negro sobre o *Sigillum Dei* e ficou de pé diante dele. Não se surpreendeu quando trovões estremeceram o porão e raios rasgaram a penumbra.

— Mestre?

— Por que me procura? – perguntou a voz grave, oriunda da relíquia de Dee.

— A águia sabe a verdade?

— Eles conhecem a profecia.

— Então, mudaram os planos?

— Se você fosse intocável, Andrew, seu pai não teria te traído.

— Se os americanos sabem quem eu sou, então serei perseguido por soldados do Duque Negro?

— Você acaba de encontrar seu algoz – revelou a voz grave.

— Michael? – inquiriu, surpreso.

— Não me desaponte. Pensei que você já soubesse disso.

— Eu entreguei os documentos... Ele me enganou... Filho da puta!

— Se você sente raiva do seu carrasco, por que o elogia? Poucos têm o privilégio de ser filho da puta como você, Andrew.

— Como serei morto?

— O Duque Negro fez uma exigência. Você deve ser decapitado com o mesmo machado usado na execução do rei Carlos I. Uma arma sagrada. Percebe como ele

gosta de você? – a voz grave finalizou a ironia com uma gargalhada rouca.

— O que devo fazer?

— Deixe que o carrasco encontre outra pessoa, vestido com a mesma capa e máscara que você usará no casamento.

— Mas se ele tirar a máscara...

— Talvez encontre outro rosto. Mas defenderá que é você. A vida dele depende disso.

— Isso significa que não devo confiar mais na ordem?

— Faça o que eu disse. Siga aquele que roubou sua vida até o *Livro das Folhas Prateadas*. Quando estiver com ele, todos se ajoelharão diante de ti.

— Me vingarei de todos eles – desabafou Andrew, fechando as mãos em punho.

— Espero que isso seja uma promessa. A misericórdia faz parte da minha lista de pecados capitais.

— Não o desapontarei.

— Sua vingança já começou essa noite. Não se sinta órfão. Você não precisa de outro pai além de mim.

Andrew sentiu um sopro gélido no rosto. Silêncio. Estava novamente sozinho no porão. Precisava se preparar para o casamento sagrado. Antes de examinar o ritual, abriu o envelope encontrado na caixa prateada e despejou seu conteúdo sobre a escrivaninha. Duas chaves tilintaram. A maior tinha um escudo na extremidade. Reconheceu o brasão de armas do monarca britânico. Deduziu que a outra fosse da suíte de um hotel luxuoso. “Deve haver uma mensagem.” Conferiu o interior do envelope. Havia um pedaço de papel com a seguinte mensagem: *Após ingressar no Mandarin Oriental pela entrada com face para o Hyde Park, penetre na alcova: a royal suite. E realize o casamento sagrado.*

O casal de jornalistas ouviu, sem interrupção, os detalhes sinistros da morte de *sir* Alexander Cotton. Assim que terminou sua história, o padre respirou fundo. Apesar do desfecho trágico, a missão fora bem-sucedida. O alívio inicial transformou-se em apreensão com o silêncio de seus interlocutores.

— Vocês não vão dizer nada? – cobrou Pietro.

— Isso é... assustador – comentou Mary.

David o encarou pelo espelho.

— Não sabia que anjos de Deus cometiam assassinatos, padre – ironizou o jornalista.

— No Antigo Testamento...

— Os matadores alados costumam deixar marcas escatológicas no cadáver? – prosseguiu David, interrompendo Pietro.

— Sou um padre...

— Você ainda não percebeu a gravidade da situação, padre – interrompeu-o David. – Nas próximas horas, talvez você seja apontado como o principal suspeito do assassinato de um membro da Câmara dos Lordes.

— Eu não estava no banheiro quando ele foi morto.

— Isso não importa. Você esteve no College of Arms investigando a árvore genealógica de *sir* Cotton com a ajuda do presidente Nathan Sandford, uma testemunha relevante. Pouco depois, se hospedou no Mandarin Oriental com uma identidade falsa, o que já o torna um criminoso. Qualquer detetive medíocre consegue chegar até você e ligá-lo ao assassinato. Ninguém vai acreditar nessa história de enigmas diabólicos e Apocalipse Negro. Suas crenças religiosas não vão inocentá-lo – argumentou David, em um tom de voz acima do habitual.

— Você acha que eu o matei, David? – questionou Pietro, aproximando-se do banco do motorista.

— Acho que seria capaz disso para defender suas crenças.

— Você acha que eu matei aquele homem? – repetiu a pergunta, elevando a voz.

— Sinceramente, não – respondeu o jornalista, fazendo uma pausa antes de prosseguir. – Acho que alguém manipulou tudo para que você parecesse culpado.

— Michael? – sugeriu Pietro.

— Quando ele me procurou para explicar sua situação, insisti que nosso objetivo era o mesmo. Até sugeriu que trocássemos informações. No começo, acreditei que ele fosse um agente secreto norte-americano com a missão de desbaratar uma quadrilha internacional de narcotráfico, prostituição infantil e terrorismo, comandada

por satanistas. Mas tenho um dom inexplicável para farejar mentira. Estou quase certo de que ele trabalha para o braço americano da seita satânica – David defendeu sua suspeita.

— Não é possível. Ele salvou minha vida – rebateu o padre.

— Você acha que ele fez isso por amor ao próximo? Ou bancou o herói para conquistar sua confiança? Como vocês dizem: lobo em pele de cordeiro.

— Se Michael fizesse parte da confraria negra, deveria proteger o Duque Negro. Não participar do assassinato e tentar me incriminar depois. Isso não faz sentido.

— Faz sentido, sim. Talvez estejamos no meio de uma disputa de poder entre duas facções. Com a morte de *sir* Cotton, os americanos assumem as rédeas do jogo. Responsabilizando você pelo crime, ainda saem com as mãos limpas e se vingam de um inimigo poderoso, a Igreja Católica – deduziu David.

— Uma jogada de mestre – participou Mary.

— Michael sabia que o lorde seria assassinado – revelou Pietro.

— O que ele disse? – questionou o jornalista.

— Que a Igreja Católica tinha um esquadrão da morte para o trabalho sujo. E eu... Eu dei a ordem para matá-lo. O que vou fazer, David?

— Primeiro, vamos deixar Mary em casa.

— Sou sua assistente. Quero ficar com vocês – protestou a americana.

— Você se esqueceu de que a Fernanda Albuquerque chega amanhã? Quero que você se concentre apenas nela.

— Nós faremos o quê? – insistiu o padre.

— Sua suíte no Mandarin Oriental deve estar grampeada. Vamos para um lugar seguro. Temos muito trabalho pela frente.

— Que lugar seguro? Sua casa, imbecil? – exasperou-se Michael, ouvindo a conversa transmitida pela escuta plantada no carro de David.

A campainha de sua casa soou. Era a prostituta escolhida pela internet. “Merda, eles estragaram minha noite”, lamentou, abrindo a porta. A sócia de Pamela Anderson entrou em sua casa tirando o sobretudo marrom-escuro. Salto alto dourado. Minissaia vermelha. Camisa preta decotada revelando seios turbinados.

— Tenho que terminar um trabalho antes – explicou Michael.

— Não quer relaxar primeiro?

— Espere aqui. Volto em alguns minutos.

— Você tem certeza? – insistiu a prostituta, contornando os lábios com a língua.

— Não mexa em nada.

— Como você quiser – ela retrucou, acomodando-se no sofá da sala.

Michael fechou a porta do escritório e aumentou um pouco o volume do transmissor.

— Padre, o senhor está hospedado no Mandarin Oriental como um empresário italiano, certo?

O americano reconheceu a voz de Mary.

— Sim – respondeu Pietro, com certa hesitação.

— Sei de algo que talvez possa ajudá-los.

— Então se apresse, Mary, você já está chegando em casa – observou David.

— Isso pode constrangê-lo, padre – advertiu a nova integrante da equipe.

— Vá em frente – insistiu Pietro, hesitante.

— Uma amiga, massagista no spa do Mandarin, recebeu cinco mil libras para seduzir um empresário hospedado no hotel.

— E como isso pode nos ajudar? – impacientou-se David.

— Meu Deus! – exclamou Pietro.

— Essa minha amiga disse que o empresário era estrangeiro e tinha um corte no supercílio esquerdo. Pode ser só coincidência...

— Como... como se chama sua amiga? – gaguejou o padre.

— Abby.

— Mary, mais alguma coisa? – perguntou David.

— O homem que pagou pelo serviço era americano.

— Meu Deus – sussurrou Pietro.

— Coincidências, Mary. Os padres são celibatários. Chegamos. Eu irei acompanhá-la até a porta de casa – disse David, estacionando o carro.

— Adeus, padre. Foi um prazer conhecê-lo – despediu-se Mary.

— Adeus, *lady*.

— Deus “revela o que existe de profundo e também o escondido”. Que vergonha, meu Pai – lamentou o padre, a voz embargada.

Michael pegou o celular e acionou o número do senador Bundy. Caixa postal. Tentou novamente.

— O lorde já embarcou? – perguntou o senador assim que atendeu a ligação. Vozes e risadas ao fundo.

— Haverá festa no inferno – retrucou Michael.

— Fantástico! Algo mais? – indagou Bundy.

— As almas gêmeas enxergaram a ameaça. Estão conspirando. Código negro?

— Ainda não. Em breve, elas morderão a isca. E terão algo realmente sério para se ocupar. E você também.

— Como assim?

— Em dois dias, você passará de carrasco a curador de uma exposição no Victoria and Albert Museum, com um incremento substancial no salário. Até breve – despediu-se o senador.

— Curador?! – exclamou surpreso, deixando o celular ao lado do computador. Passaria a madrugada acompanhando os movimentos de David e Pietro. Mas, antes, tinha um compromisso inadiável. A prostituta estava sentada no sofá da sala. Pernas abertas.

— Mostre o que sabe fazer com essa boca – disse Michael, aproximando-se dela com as calças arriadas.

Sentado no banco do passageiro, Pietro estava cabisbaixo. A mão direita cobria os olhos. David pigarreou. O padre continuava em silêncio. Ele tomou a iniciativa.

— Vamos para a minha casa.

— Ela se chamava Abby, David... – Pietro quebrou o silêncio, voz fraca.

— Não precisa me revelar seus segredos. Para mim, basta saber que o homem que subornou a massagista tinha sotaque americano.

— Talvez ele também tenha contratado a atriz que se fingiu de possuída no Brompton Oratory...

— Exato.

— O que ele está fazendo?

— No nosso segundo encontro, você me disse que o inimigo sabia que éramos parceiros nessa missão e planejava um cerco contra mim. O cerco é uma estratégia de guerra utilizada para enfraquecer a vontade do oponente. Acho que a mesma metáfora se encaixa no seu caso – ponderou David.

— Como assim?

— Hospedar um padre em um hotel luxuoso, como o Mandarin Oriental, é uma forma eficaz de minar sua resistência. A derrota é mais garantida do que um ataque direto, como o que você sofreu no Brompton Oratory. Nesse momento, você está tão preocupado com seu deslize...

— Pecado – corrigiu Pietro.

— Que está deixando a missão para trás – prosseguiu o jornalista.

— Como assim, David? O escolhido do diabo já está fora de combate.

— Mas a seita satânica, não. Você acha que tudo acaba com a morte do Duque Negro?

— Estava tudo em suas mãos.

— Se a hipótese das duas facções estiver correta, o que estava nas mãos de *sir* Alexander Cotton deve ter passado para o líder americano. Ninguém entra em guerra para perder no final – rebateu David.

— Você está me dizendo que eles ainda podem realizar o Apocalipse Negro? – inquiriu o padre, girando a cabeça na direção do motorista.

— Não tenho dúvida disso.

— Deve haver uma solução...

— Um dos enigmas revelava as armas que eles usariam – afirmou David.

— **“Ave... Os olhos onipresentes da rainha revelam a chave de Armon”** – confirmou Pietro.

— O desaparecimento misterioso das peças de John Dee do British Museum reforça nossa teoria sobre esse enigma. E é um forte indício de que a seita satânica está tramando algo. Tenho um palpite.

— Qual?

— No *Livro de Enoque*, Armon é o lugar onde os anjos rebelados juraram lealdade ao líder Samyaza, certo?

— Sim.

— Depois desse pacto negro, escolheram mulheres e...

— ...Tiveram relações com elas – emendou o padre.

— Procriaram. O Tronco de Jessé mencionado em um dos enigmas não faz parte da árvore genealógica de Jesus Cristo? – perguntou David.

— Sim. Profecia de Isaías.

— Lembra-se dos assassinatos cometidos pela seita satânica? As vítimas eram mulheres jovens e belas. Úteros eviscerados, corações extirpados, vaginas retalhadas – prosseguiu o jornalista.

— Aonde quer chegar com isso?

— Sexo entre anjos e mulheres, assassinatos ritualísticos com violência sexual, árvore genealógica do filho de Deus. Acho que eles planejam dar um filho ao diabo.

— Como fariam isso?

— Possivelmente por meio de um ritual de magia enoquiana escrito por John Dee, doado ao antepassado de *sir* Alexander Cotton e, atualmente, em posse dos americanos – adiantou David.

— O *Livro das Folhas Prateadas*... Talvez ele tenha sido escrito pelo próprio demônio.

— Tenho sonhado com ele ultimamente.

— Se você estiver certo, David, ele deve ser encontrado e destruído.

— Discutiremos isso mais tarde. Agora temos outra preocupação. Você vai me ajudar a escrever uma matéria sobre a morte de *sir* Alexander Cotton que será publicada na edição de amanhã do jornal – disse o jornalista, estacionando o Jaguar na garagem de sua mansão, na tranquila Hampstead Street. Na sala de uma casa no lado oposto da rua, uma prostituta, de quatro no chão, berrava de dor. Michael estava descobrindo seu “Terceiro Olho”.

Um círculo vermelho em torno do altar era a lembrança das treze velas que haviam derretido durante o *coven*, na noite anterior. Sob a capa azul-escura, o deus chifrudo se escondia de sua consorte, esperando o próximo acasalamento. O pênis ereto, ainda úmido, carregava o cheiro íntimo de Mary. Após trancar a porta de entrada e acender a luz da sala, ela se jogou no sofá diante de Cernunnos. Apanhou o controle remoto na mesinha ao lado e acionou o som. Selecionou “Wish You Were Here”, da banda inglesa Pink Floyd. “A noite prometia ser tão emocionante. Vou ter que ficar de castigo em casa.” David se despedira apenas com um beijo no rosto. Ao abrir os olhos, Mary o observara se afastar com a elegante bengala marcando passos apressados. Talvez ele não se sentisse à vontade na presença do padre para uma despedida mais calorosa. “Do jeito que o padre estava preocupado, acho que nem notaria se a gente desse um beijo de língua dentro do carro”, concluiu Mary, com um sorriso malicioso no rosto. De qualquer maneira, mesmo que estivessem sozinhos, ela não o chamaria para entrar em casa. Nem aceitaria um convite para dormir na de David. Ainda não estava preparada para “perder a virgindade” com seu chefe. Fechou os olhos. Lembrou-se do primeiro namorado, o jogador de pôquer que “blefava como um padre”. Ele se chamava Sammy e costumava lhe presentear com brinquedos e chocolates. Mary adorava suas visitas. Ele era o único amigo de seu pai que lhe dava atenção.

Certo dia, Sammy chegou de surpresa. Apenas os empregados dividiam com ela o espaço da mansão.

— Você veio me visitar? – perguntou, sorridente.

— Vim apenas para ficar com você – respondeu Sammy, entregando-lhe um buquê de rosas vermelhas. – Sei que você preferia doces ou bonecas, mas hoje é um dia especial.

— Especial por quê? – quis saber a menina de oito anos.

— Porque hoje você vai deixar de ser criança. Vai virar mulher. Quero conhecer o seu quarto – disse aquele homem elegante, exalando um delicioso perfume de madeira adocicada. Orgulhosa, Mary segurou em sua mão e o levou à suíte de cinquenta metros quadrados. Fadas douradas flutuavam em um papel de parede cor-de-rosa. O dossel transformava a cama em um leito de princesa. Ao lado, uma casa de bonecas encomendada pelo pai arrancava suspiros invejosos das amigas. A pequena mansão tinha luzes nos cômodos e água nas pequenas torneiras.

— Que lindo! – observou Sammy.

— As bonecas que você me deu estão aqui – gabou-se Mary, apontando para uma prateleira suspensa diante da cama.

— Você sabia que elas podem se mexer?

— É mesmo? – surpreendeu-se Mary, excitação nos olhos.

— Sim, é a minha melhor mágica. Mas você precisa me ajudar.

— O que eu devo fazer?

Sammy abriu o dossel e se deitou na cama.

— Venha aqui comigo, minha princesa.

Mary se deitou ao seu lado. As bonecas continuavam imóveis.

— Quando vai começar?

Ele abaixara a calça.

— O que é isso? – questionou a menina, com um misto de curiosidade e estranhamento.

Era a primeira vez que via o sexo masculino.

— Uma mágica. Preste atenção, ele vai crescer – explicou Sammy, estalando os dedos.

— Que engraçado. Posso colocar a mão?

— Se fizer isso, vai desfazer o encanto. E as bonecas vão continuar quietas. Chegou a hora de me ajudar.

— O que eu faço?

— Tire a roupa e sente aqui, de frente para elas – orientou o amigo. de seu pai, apontando para o pênis ereto.

Mary tirara o vestido e a roupa íntima. E obedeceu Sammy.

— Está doendo. Está doendo muito – dizia entre lágrimas.

— Tudo tem um preço, Mary. Esse é o preço da mágica. Olhe para cima – instruía o homem.

Ela teve a impressão de ver as bonecas dançarem sobre a prateleira, acompanhando o movimento de algo estranho e rígido dentro de seu corpo. Apesar da dor dilacerante, esboçou um sorriso. E desmaiou. Lembrava-se de ter acordado horas depois, com a mãe ao lado e uma queimação entre as coxas.

— O que aconteceu, mamãe?

— Acabou, minha filha. Tudo vai ficar bem.

Nunca conversaram sobre aquilo. E seu namorado nunca mais voltou.

Lágrimas silenciosas correram pelo rosto de Mary até que um ronco no estômago alertou-a de que precisava comer algo. Deixou o sofá ao som de “Hey You”, do Pink Floyd.

Sentado no sofá da ampla sala de estar, o padre descrevera novamente a morte de *sir* Cotton. Depois foi sabatinado pelo jornalista, que pretendia extorquir todos os detalhes. Ao fim do interrogatório, David levantou-se da poltrona e disse:

— Não é gentil deixar uma visita sozinha. Mas nas atuais circunstâncias, espero que o senhor me perdoe. E aceite meu convite para jantar assim que eu terminar o trabalho.

— Não se preocupe. Faça o que deve ser feito.

— Quer beber um vinho do Porto?

— Adoro esse estilo de vinho – respondeu Pietro, forçando um sorriso.

— Acho que vai gostar desse – disse David, abrindo um armário de madeira e retirando de uma adega embutida uma garrafa de Quinta do Noval Vintage 1955. Colocou-a sobre uma pequena mesa antes de correr a porta envidraçada no compartimento inferior e pegar duas pequenas taças de cristal.

— Você vai me acompanhar? – perguntou o padre.

— Apenas no brinde. Precisarei de inspiração enquanto estiver escrevendo a matéria – respondeu o jornalista, desarrolhando o vinho e servindo os dois cálices. – Ao sucesso da missão – adiantou-se, entregando a bebida ao italiano.

— Que Deus nos ajude – completou Pietro.

— Não duvido disso. Afinal, estamos do seu lado – retrucou David, sorrindo. – Deixarei a garrafa aqui. Sirva-se à vontade. Se precisar de algo, me chame.

— Você me deixará em boa companhia – brincou Pietro, relaxando no sofá.

Ao entrar em seu escritório, David fechou a porta e ligou o computador. “Preciso falar com Mister Jones”, disse para si, apanhando o celular. O agente repassara-lhe informações sigilosas sobre os assassinatos em série e se tornara seu contato secreto na Scotland Yard. Costumava se referir a ele como “o único investigador confiável em um covil de lobos”. Sentado na poltrona alemã diante do computador, acessou o número do celular do investigador. Desligou no quarto toque. Logo em seguida, o agente ligou de um aparelho não rastreado pela Scotland Yard e, assim que ele atendeu, avisou:

— A investigação é sigilosa.

— Acabo de entrevistar uma testemunha. Ela entrou no banheiro pouco depois do assassinato – revelou o jornalista.

— Um padre. Ele se chama Pietro Amorth. Está hospedado no Mandarin Oriental com uma identidade falsa: Giovanni de Santis. Ele dividia a mesa com você no estádio. Uma estranha coincidência, não?

— Bem informado como sempre. Deixe-o fora disso. Ele teve o azar de cruzar com *sir* Alexander Cotton pouco antes do assassinato – defendeu David.

— Então foi a última pessoa a encontrá-lo vivo – prosseguiu o agente.

— O que aconteceu?

— Oficialmente: ele escorregou na própria urina e bateu a cabeça na pia. Um final tragicômico para uma figura patética.

— Sem suspeitos?

— Sem suspeitos.

— Uma fatalidade?

— Essa será a conclusão dos laudos periciais – insistiu o investigador.

— E a versão correta?

— Será investigada pelo SID.

— Crime sobrenatural? – indagou David, surpreso.

— A posição invertida da cabeça não resultou da queda. Alguém muito forte quebrou seu pescoço.

— E por que o SID foi chamado para investigar um crime cometido por alguém muito forte? – inquiriu o jornalista, enfatizando as três últimas palavras.

— Duas queimaduras, uma nas costas e outra no peito, na altura do coração. Órgãos internos dilacerados. Parece que ele foi trespassado por uma lâmina incandescente. Nunca vi nada igual – explicou o agente.

— Algum detalhe escatológico?

— Só para confirmar o que sua testemunha disse, ele estava com a boca cheia de merda. Irônico, não?

— Vou escrever uma matéria sobre a morte de *sir* Cotton. Posso mencionar o que você me contou?

— Desde que não cite a fonte.

— Como sempre. Ninguém precisa saber que você é o Mister Jones – emendou David.

— Gosto da versão de Amy Winehouse. Até logo – despediu-se o investigador.

— Prefiro Billy Paul – comentou David consigo mesmo ao desligar.

Imediatamente, o jornalista ligou para Paul Reiner. O diretor do jornal atendeu no primeiro toque.

— Tenho um furo, Paul.

— Sobre a Fernanda Albuquerque?

— Um assassinato no banheiro do Wimbledon Greyhound Stadium – entregou David.

— Quem?

— *Sir* Alexander Cotton. A Scotland Yard vai dizer que ele foi vítima de uma fatalidade ao escorregar na própria urina. Mas tenho uma testemunha ocular e a

declaração em *off* de um investigador que desmentem isso.

— O que aconteceu?

— O SID, Supernatural Investigation Departament, é o núcleo da Scotland Yard que investiga crimes incomuns. Ela entrou no caso.

— Fantástico. Me envie a matéria o mais rápido possível. Vou mudar a capa da edição de amanhã.

— A matéria estará no seu e-mail nos próximos quinze minutos. Até logo – despediu-se David, pegando o cálice de vinho do Porto.

Fechou os olhos para sentir as nuances de sabor passeando pelo paladar. “Deliciosa inspiração”, pensou, voltando-se para a tela do computador. Após sete minutos, o texto sobre o assassinato de *sir* Alexander Cotton estava pronto. Precisou de três minutos para revisá-lo e enviá-lo ao e-mail de Paul. Terminou o vinho e inspirou profundamente. Precisava relaxar antes de reencontrar o padre. O telefone tocou. Estranhou ao reconhecer o número. Desde que se indispusera com o pai, há dois anos, sua mãe sempre ligava às escondidas do próprio celular. Mas aquele número identificado em seu visor era o principal do castelo em Upper Slaughter, onde sua família costumava passar os fins de semana. “Não pode ser”, disse para si, relutando em atender.

— Deve ter ocorrido alguma tragédia – concluiu em voz alta, aceitando a ligação.

— Meu filho.

Era a voz de sua mãe, quase inaudível. Estava emocionada e se esforçava para não chorar.

Pietro entornou a terceira taça de vinho do Porto. “E se David estiver certo e o Apocalipse Negro começar com a concepção do Anticristo? Preciso ligar para o Gennaro assim que chegar ao hotel”, decidiu, levantando-se do sofá e se esticando. Teve a impressão de alguém passar correndo atrás de si. No mesmo instante em que girou o tronco, sentiu uma pancada em sua frente e tombou no chão. “Deixe os olhos fechados e enxergue com o espírito”, a voz familiar pareceu sussurrar aquelas palavras em seu ouvido. A cicatriz triangular começou a latejar e, no instante seguinte, uma dor lancinante se espalhou pela parte frontal da cabeça. Pietro precisou se esforçar para manter as pálpebras coladas.

— Está pronto? – alguém indagou.

— Guia meus passos na escuridão, Senhor – consentiu.

A dor desapareceu sem deixar vestígio. A alma parecia flutuar no vazio. De repente, algo empurrou-a para baixo. Estava diante de uma escadaria imponente. No alto, um templo majestoso erguia-se contra o céu avermelhado. Um homem e uma mulher passaram por ele de mãos dadas, túnicas brancas manchadas de sangue. “Preciso segui-los”, pensou, subindo os degraus. Atrás de colunas gigantescas, que lembravam as de Santa Maria in Aracoeli, havia um altar rústico. A mulher deitou-se com as costas na pedra e puxou a túnica acima do umbigo, revelando seu sexo. “Não posso ver isso”, disse para si, abaixando a cabeça.

— Não permita que suas crenças se transformem em pedras no caminho e o impeçam de enxergar a verdade – o conselho de seu guia o fez levantar os olhos.

A túnica do homem já estava aos seus pés e ele se lançava, voraz, sobre o corpo da consorte. Um estrondo no céu. Um dragão vermelho- -fogo, com sete cabeças e dez chifres, precipitou-se sobre o templo, agitando freneticamente a cauda. “A besta do Apocalipse”, deduziu, voltando o rosto na direção do altar. O homem continuava movimentando-se sobre a mulher. “Preciso enxergar o rosto.”

— Isso não lhe será revelado, Pietro. Você deve usar seu discernimento e interpretar os sinais – rebateu seu guia. – E tome cuidado para não cometer erros. Se você fizer algum inocente pagar por sua insensatez, terá que responder por isso no Juízo Final.

— Vai pagar por isso aqui – disse alguém encostado em uma coluna próxima. Mesmo com o rosto desfigurado por cortes e a boca cheia de fezes, Pietro reconheceu *sir* Alexander Cotton. Estremeceu. “Deve ser uma artimanha do demônio, não posso deixar que isso me distraia”, concluiu, virando-se novamente para o altar. Algo reluzia atrás do casal em coito. “Preciso dos sinais.” Era um livro

prateado nas mãos de um... Teve a impressão de enxergar um anjo vestindo uma túnica negra. Ou seria uma batina de padre? A mulher gemia cada vez mais alto. Parecia... “Abby.” Sentiu-se sujo. Começou a afundar em uma poça de...

— Você vai ter o que merece, padre safado.

Era *sir* Alexander Cotton, zombando dele.

— Mas não agora – respondeu Pietro.

O anjo não segurava mais o livro prateado. Era ele próprio quem transava com a mulher sobre aquele pedaço de pedra. Um grito. Ela chegava ao clímax.

— Padre assassino! – gritou *sir* Alexander Cotton, desviando sua atenção da cena principal.

— Cala a boca, maldito! – berrou Pietro.

Ao mirar novamente o altar, encontrou a mulher sozinha. Continuava deitada de costas, com a barriga bem mais volumosa. Um grunhido intermitente o fez olhar para cima. O dragão desceu até ela e enterrou as garras em seu ventre. Ao arrancá-las, um choro de criança ecoou pelo templo.

— Bendito é o fruto do vosso ventre, Babalon – disse a Besta, elevando-se ao céu.

O silêncio que se seguiu não durou quase nada. Foi quebrado por um zumbido intenso. Centenas de abelhas invadiram o altar e desapareceram dentro da vagina do cadáver. Algo inesperado tocou em seu ombro.

A ligação o pegou de surpresa. David esperou sua mãe se acalmar antes de disparar a pergunta:

— O que houve, mãe?

— Esperei tanto tempo por isso, meu filho – desabafara.

— Então me diga, mãe. Preciso terminar um trabalho.

— Seu pai quer conversar com você.

— Sei que você deseja isso, mãe. Mas não temos nada o que conversar – respondeu David, ressentido.

— Faça isso por mim, filho – pediu-lhe, com voz suplicante.

— Você se esqueceu de que ele me renegou publicamente e já doou minha parte na herança? Não temos nenhum assunto pendente.

— Ele cometeu um erro, meu filho. E quer se justificar.

— O que aconteceu para ele mudar de ideia? – indagou David, esboçando um sorriso.

— Ele mesmo vai explicar.

— Não irei encontrá-lo se não souber o que o fez mudar de ideia – insistiu David.

— A morte de *sir* Alexander Cotton – revelou sua mãe.

— Um de seus amigos denunciados por mim.

— Você pode vir até aqui amanhã?

— Não tenho boas recordações daí.

— Seu pai quer conversar durante a caminhada matinal.

— Preciso trabalhar amanhã – esquivou-se David, tamborilando os dedos da mão direita sobre a mesa.

— Vai trabalhar o dia inteiro?

David ficou em silêncio por alguns segundos. O voo da top model brasileira, Fernanda Albuquerque, estava previsto para chegar às catorze horas. Ele não trabalharia antes das treze.

— A partir do meio-dia, mãe – respondeu, relutante.

— Então podemos tomar café da manhã juntos. Depois, você conversa com seu pai. O que acha?

— Tudo bem. Estarei aí às oito. Até amanhã.

Ao desligar o telefone, David respirou fundo. Não se sentia preparado para encontrar-se com seu pai. E não conseguia imaginar o que o assassinato de *sir* Cotton tinha a ver com sua mudança repentina de atitude. “A menos que ele estivesse sendo...”, ponderava até ser interrompido por um estrondo na sala de estar.

— Droga! O que houve? – questionou-se, correndo para lá.

Encontrou o padre caído no chão. Sangue e pus escorriam de uma pequena abertura entre dois pontos, no supercílio esquerdo. Com os olhos abertos, Pietro se convulsionava, retorcendo o tapete. David se abaixou e tocou em seu ombro.

— Precisa de um médico? – perguntou, assustado.

— O que aconteceu? – retrucou o padre, voltando ao normal.

— Você se contorcia no chão.

— Olhos abertos?

— Sim.

— Tive uma visão lúcida, David.

— O que é isso?

— A Bíblia diz que Deus se revela em sonhos ou em visões lúcidas.

— O que você viu, padre?

— A confirmação do que você disse. O diabo está preparando o nascimento do seu filho. A mulher se chama Babalon, também conhecida como Babilônia ou Grande Prostituta. O homem será possuído por um demônio. A chave está no livro prateado. E as abelhas... – Pietro interrompeu a explicação.

— Que abelhas? – quis saber David.

— Quero checar algumas profecias sobre o Anticristo.

— Já terminei meu trabalho aqui. Podemos ir. Mas antes, padre, sugiro que cuide disso. Vou te levar ao lavabo.

— Você é meu convidado para jantar no hotel.

— Aceito o convite, Giovanni de Santis – brincou David, com um sorriso no rosto.

Em poucos minutos, tinha duas grandes novidades para contar ao parceiro. O assassinato sobrenatural de *sir* Alexander Cotton era uma delas. A outra era a aproximação inesperada de seu pai.

Enquanto a prostituta se vestia, Michael observava o Jaguar deixar a garagem e dobrar a esquina. “Esses dois ainda vão me criar problemas. Preciso saber o que estão aprontando”, pensou, apanhando a carteira no bolso da calça.

— Quanto devo pagar por isso? – perguntou à sócia de Pamela Anderson.

— Com sexo anal, cento e cinquenta libras.

— Se você me responder uma pergunta, pago duzentas – desafiou Michael.

— Que pergunta?

— Por que putas não beijam na boca?

— Porque somos profissionais. Isso é apenas um trabalho, não um relacionamento amoroso.

— Dou duzentas e cinquenta libras por um beijo de língua.

— Trezentas libras e está fechado.

Michael tirou as notas da carteira e as amassou na mão direita. Aproximou o rosto ao da mulher e mergulhou a língua na boca que chupara seu sexo.

— Agora basta – Michael interrompeu o beijo e entregou as notas amassadas na mão da prostituta. – Pelo dobro do preço comprei seu coração.

— Não é verdade, do mesmo jeito que você pagou para meter seu pau na minha boceta, também comprou um espaço para sua língua na minha boca. No meu corpo tudo está à venda – respondeu, com um sorriso malicioso. – A única coisa que não vendo é minha alma.

— Você é só uma vadia. Não é ninguém. Dê o fora daqui! – esbravejou Michael, abrindo a porta de sua casa.

Olhos marejados. Ela abaixou a cabeça e saiu. “Era só o que me faltava”, pensou ele, a caminho do escritório. Acionou a escuta no carro de David.

— Você se lembra do Mister Jones? – era a voz do jornalista.

— Seu contato na Scotland Yard. Por que você escolheu esse pseudônimo? – indagou Pietro.

— Ele mesmo escolheu. Conhece a canção “Me and Mrs. Jones”? A versão mais conhecido é do Billy Paul.

— Não.

— O personagem tem um caso amoroso com a senhora Jones. Mister Jones, que não é mencionado, é o marido traído. O meu contato na Scotland Yard entrou na corporação por idealismo. Quando viu o que acontece lá dentro, também se sentiu traído – explicou David.

— E tenta lutar contra isso entregando-lhe informações privilegiadas – completou

o padre.

— Exatamente.

— Então, o que aconteceu com o lorde polêmico? – insistiu Pietro.

— A morte será investigada pelo SID, um departamento especial responsável por crimes sobrenaturais. Parece que ele foi trespassado por uma espada incandescente, que deixou uma queimadura nas costas e outra no peito. E dilacerou tudo por dentro, inclusive o coração.

— Uma espada flamejante! – disparou Pietro.

— O que é isso?

— A arma dos anjos exterminadores.

— E você realmente acredita nessa besteira?

— Se fosse um crime comum, por que eles delegariam a investigação a um departamento especial? Já não teriam encontrado pistas do assassino? – retrucou o padre, com duas perguntas retóricas.

— Talvez haja outra explicação.

— Por que você ignora a explicação religiosa, David?

— Porque preciso de provas.

— “Há mais mistérios entre o céu e a terra do que supõe nossa vã filosofia” – citou Pietro.

— Todas as pessoas que perdem os argumentos racionais parafraseiam Shakespeare. Mas ele escrevia ficção, padre. E, para mim, as crenças religiosas não passam de ficção – desabafou David.

O padre ficou em silêncio.

A campainha soou na casa de Michael. Um homem negro, alto e forte, vestindo sobretudo cinza-escuro e botas cano alto, carregava uma caixa de madeira.

— Sua encomenda, senhor – anunciou, estendendo-lhe um pacote.

— Quanto lhe devo? – perguntou, surpreendendo-se com o peso.

— Você me deve uma cabeça. Passo para buscar depois de amanhã. E não se esqueça de que isso é apenas um empréstimo.

Michael fechou a porta e levou o pacote até a mesa da sala de jantar. Retirou a fita e deslocou a tampa. Havia algo envolto em veludo vermelho. Desembrulhou com cuidado. Um cabo rústico de madeira terminava em uma lâmina de dois gumes, afiadas o suficiente para decepar a cabeça de alguém. Ele empunhou a arma com as duas mãos, elevando-a acima de si. Para fazer o serviço, a vítima deveria ter os braços e as pernas imobilizados, com o pescoço apoiado em uma superfície plana. Repousou o machado sobre a mesa e apanhou a garrafa de Jack Daniel's.

— Isso tem tudo para dar merda – concluiu, servindo uma dose dupla de *bourbon*, estilo caubói. Voltou ao escritório com o copo na mão.

Com lágrimas nos olhos, Grace caminhava em direção à estação Hampstead, da linha Northern. A rua estava silenciosa. Cruzou com um indigente em uma esquina. Roupas em farrapos, ele pedia esmolas com um chapéu à mão. A calvície avançava sobre o cabelo grisalho, ralo no alto da cabeça, mas abundante nas laterais. Rosto parcialmente encoberto pela barba e bigode espessos e pela sujeira impiedosa das ruas londrinas.

— Ajude esse miserável – suplicou assim que a bela mulher de salto alto dourado, minissaia vermelha, camisa preta decotada e sobretudo marrom-escuro passou por ele.

— O que o senhor quer? – perguntou, abaixando-se e fitando seus olhos cabisbaixos.

— O que você não deseja mais – o indigente respondeu, encarando-a. Seus olhos eram envolventes.

— Não quero mais humilhação – disse a prostituta, retirando as trezentas libras amassadas do bolso do casaco e entregando-as a ele.

— Me dê apenas a metade que você despreza. A outra, ganhou justamente.

— Quem é o senhor? O que sabe sobre mim? – disparou a prostituta.

— Perguntas erradas. Quem você é e o que sabe sobre si mesma, menina?

— Sou uma puta! Vendo meu corpo! É isso o que eu sou!

— Você é o que os homens não podem comprar. Sua beleza está aqui – rebateu, tocando com o dedo sujo entre os seios, na altura do coração.

Grace caiu em prantos.

— O que devo fazer?

— Antigamente, as pessoas acreditavam que Jesus Cristo se disfarçava de mendigo para testar a bondade das pessoas.

— O senhor é...

— Um mendigo que, às vezes, se disfarça de...

— Deus?

— Não sou tão pretensioso assim. Digamos que seja um simples mensageiro.

— O que quer de mim?

— Além das cento e cinquenta libras, quero que procure uma pessoa e lhe entregue essa carta – respondeu-lhe, retirando do bolso da calça fétida um envelope esmaecido pelo tempo e mais amassado do que o rosto de Elizabeth II nas notas de dinheiro.

Ela conferiu o envelope. Estava lacrado com cera. Não havia destinatário. Nem

remetente.

— Quem eu devo procurar?

— Uma puta.

— Assim como eu?

— Você é como Maria Madalena, preservou seu coração. Babalon vendeu algo que ninguém pode tocar – explicou o indigente.

— A alma? Estou arrepiada.

— Algo que Ele considera muito valioso – respondeu, apontando para cima. – E pretende resgatar antes que o tempo se esgote.

— Qual é o nome dela, o endereço?

— Não tenho.

— O senhor está brincando comigo? Há milhares de putas pelas ruas da cidade e a única pista que me dá é um nome de guerra? Babalon? É como procurar agulha em palheiro – reclamou Grace.

— Você não estará sozinha nessa busca.

— O senhor vai me guiar?

— O anjo lhe mostrará o caminho. Fique fora das ruas até terminar sua missão.

— Quer que eu pare de trabalhar? – espantou-se Grace.

— Você estará trabalhando para Ele – respondeu o indigente, apontando novamente para cima. – E Ele remunera melhor do que ninguém.

— Mas...

— Cento e cinquenta libras? Obrigado, minha senhora. Nunca recebi esmola tão generosa – agradeceu-lhe, guardando as notas amassadas no bolso e deitando-se sobre cobertores gastos. Ela o cobriu com a manta que estava aos seus pés. O cheiro forte de urina a fez sentir enjoo. Levantou-se cambaleante e seguiu até a estação de metrô.

Os dois entraram no Mandarin Oriental sem trocar nenhuma palavra. A caminho do Dinner by Heston Blumenthal, o padre continuava chateado com o ataque de David às suas crenças. E o jornalista não aguentava mais as explicações religiosas. “Há tantas evidências. De que outras provas ele precisa para se convencer de que Deus e o demônio estão agindo?”, questionava-se o padre. “Não devia ter falado sobre a SID. Essa conspiração é orquestrada por pessoas de carne e osso”, pensava David, enquanto seguia Pietro.

— Boa-noite, senhor Giovanni – uma mulher saudou o padre à entrada do restaurante. Era a primeira vez que via aquela *hostess* morena, cabelo castanho-claro cacheado, olhos verdes, quase um metro e setenta. Sorriso sedutor.

— Boa-noite, gostaria de uma mesa para duas pessoas, mais reservada – solicitou Pietro. Cenho ligeiramente franzido.

— Sejam bem-vindos, espero que apreciem nosso jantar – desejou a *hostess*, conduzindo-os a uma mesa a meio caminho da entrada, no lado direito.

— Obrigado, Lauren – agradeceu David, dando as costas para o salão e sentando-se de frente para o padre.

— Não a conheço e ela me chamou pelo nome – estranhou Pietro, encarando David.

— O *staff* costuma tratar bem os hóspedes mais generosos. Não esqueça que aqui você é um empresário bem-sucedido.

— Ela me lembrou de uma citação – prosseguiu o padre.

— De quem?

— Francesco Petrarca.

— O inventor do soneto. O que ele disse?

— “A mulher é o próprio diabo” – respondeu Pietro, lembrando-se do sorriso de Abby pouco antes de seduzi-lo.

— Nos *Canzoniere*, a musa de Petrarca, Laura, está mais próxima de Deus do que do diabo. Isso me faz recordar Alexandre Dumas, filho: “A mulher é o anjo e o diabo em um só corpo” – rebateu o jornalista. – Depende do olhar.

— Boa sacada! – disse o padre, excitação na voz.

— Boa-noite, senhores – saudou o *maître*.

— Quero um caldo de cordeiro – adiantou-se Pietro. – E você, David?

— O mesmo, por favor – ele respondeu, virando-se novamente para o padre, com um olhar inquisitório.

— Se você estiver certo sobre a usurpação da Profecia de Isaías pela confraria

negra, a chave de tudo está nessa citação do filho de Dumas – explicou o italiano, com um largo sorriso no rosto.

— Como assim?

— Ora, eles querem que a mãe do Anticristo seja uma imitação de Nossa Senhora. Ou seja, uma mulher supostamente pura deverá conceber o filho do diabo – respondeu Pietro.

— “A mulher é o anjo e o diabo em um só corpo” – repetiu David.

— Isso mesmo. O anjo e o diabo em um único corpo. Acho provável que esses seguidores do demônio também se apropriem das profecias sobre a vinda do Anticristo. Por isso, preciso que meu assistente no Ateneu Pontificio Regina Apostolorum me envie um arquivo...

— Padre, você se lembra de alguma dessas profecias? – adiantou-se o jornalista.

— O Apocalipse é a fonte mais confiável.

— E, possivelmente, a inspiração desses satanistas – concluiu David. – O que ele diz sobre a mãe do Anticristo?

— São João escreveu: “A mulher estava vestida de púrpura e escarlate, e toda enfeitada de ouro, pedras preciosas e pérolas. Tinha na mão um cálice de ouro cheio de abominações, as imundícies da sua prostituição. Na fronte da mulher estava escrito um nome enigmático: ‘Babilônia, a grande, a mãe das prostitutas e das abominações da Terra’” – recitou Pietro.

A primeira entrada chegou à mesa. Faminto, o padre avançou sobre o caldo de cordeiro. David tamborilou os dedos da mão direita. Se o padre estivesse certo, o homem morto no banheiro do estádio era o Duque Negro. E se sua teoria sobre as duas facções rivais fosse verdadeira e o comando da seita tivesse sido transferido para os Estados Unidos, suas chances de desmascarar os criminosos estaria milhares de quilômetros mais distante.

— Qual era mesmo o primeiro enigma diabólico? – perguntou David.

— **“Com uma capa azul e um chapéu de abas largas, levantarei de minha fortificação no lago e serei vitorioso”.**

— O que isso significa?

— Que a confraria negra escolheu Londres para um ataque devastador – respondeu Pietro.

— Então, mesmo que o Duque Negro tenha morrido, é provável que continue sendo aqui o palco do Apocalipse Negro?

— Sim. Se isso significar um ritual para a concepção do Anticristo, ele será realizado aqui mesmo.

— Essa é a nossa chance de pegá-los, padre. Precisamos descobrir quem é a mulher escolhida.

— A Babilônia, também conhecida como Babalon, a Grande Prostituta, a Mulher

Escarlate – completou Pietro, esfregando um pedaço de pão sobre o restante do caldo. – Você tem algum palpite?

— Acho que os sinais apontam para uma pessoa – respondeu o jornalista, girando o vinho na taça, sob o olhar curioso do padre.

No número 72 da West Street, esquina com a Central Park Avenue, uma família de turistas australianos fotografava o imponente edifício Dakota, onde John Lennon viveu os últimos dias de sua vida.

— Ele foi assassinado bem aqui – disse um adolescente com o rosto do ex-Beatle estampado em sua camiseta.

— Sabia que a Madonna queria comprar um apartamento nesse lugar, mas os outros moradores proibiram? – revelou sua irmã, um pouco mais velha. Em sua camiseta, um dos versos da canção “Like a Virgin”, interpretada pela cantora norte-americana.

— Não vim aqui por John Lennon nem pela Madonna – o pai entrou na conversa.

— Por que veio, então? – indagou o filho.

— Foi aqui que Roman Polanski filmou o clássico *O Bebê de Rosemary*, um dos meus filmes favoritos.

— Nunca consegui assistir até o final – confessou a mãe.

— Por quê? – quis saber o filho.

— É um filme de terror. A atriz engravida do diabo.

— É suspense. O verdadeiro terror aconteceu fora daqui – corrigiu o chefe da família

— Como assim? – perguntou a adolescente.

— Um ano depois de *O Bebê de Rosemary* ser lançado, a mulher de Roman Polanski foi assassinada por uma seita satânica. Ela estava grávida de oito meses. O líder dos criminosos queria iniciar uma guerra que chamou de “Helter Skelter” – explicou o pai.

— Espere aí, esse é o título de uma música dos Beatles – observou o filho.

— Isso mesmo. O psicopata se inspirou na sua banda favorita – retrucou, com um sorriso sarcástico.

— Precisamos tomar cuidado com você. Sempre desconfiei que era um psicopata em potencial – provocou a irmã.

— Vamos embora, estou com calafrios – sugeriu a mãe.

Uma limusine estacionou diante do edifício.

— Agora não saio daqui por nada. E se for a Yoko Ono? Quero um autógrafo – entusiasmou-se o filho.

Um homem negro, alto e forte, desceu primeiro e abriu a porta de trás.

— Tem até segurança – observou o pai.

Cinco carros estacionaram atrás. Homens apressados desceram, disparando

centenas de *flashes*. Todos queriam captar imagens inéditas da deusa brasileira, a top model Fernanda Albuquerque.

— Como ela é alta! – surpreendeu-se a adolescente assim que a modelo deixou o carro, a poucos metros de distância.

— Ela é linda – disse seu irmão, boquiaberto.

— Ela é linda mesmo – repetiu o pai, encantado.

— Mas não é para o seu bico – repreendeu a esposa, enciumada.

O cabelo loiro e liso estava preso em rabo de cavalo. O rosto de traços finos, levemente maquiado, se iluminava com os olhos azuis. No dia a dia, a top model vestia-se casualmente. Saiu da limusine com tênis, calça jeans lavada, camiseta e casaco preto. Suas curvas bem delineadas encantavam os poetas das passarelas. Do alto de seu um metro e oitenta e oito, Fernanda abriu um largo sorriso na direção dos fotógrafos. Os *flashes* refletiam-se no dourado e nos diamantes dos brincos longos que pendiam das orelhas bem talhadas. O celular tocou em sua bolsa. Não era o melhor momento para atendê-lo.

— Me dá um autógrafo? – pediu a adolescente com a camiseta “Like a Virgin”.

Um segurança se interpôs entre a australiana e a celebridade.

— Adoro essa música. Às vezes, acho que ela foi composta para mim – respondeu Fernanda, esquivando-se do segurança e pegando a caneta das mãos de sua admiradora.

— Pode assinar aqui – disse a fã, abaixando o casaco jeans e virando-se de costas.

— Você precisa subir, Fernanda. Será difícil afastar tantas pessoas – orientou o chefe da segurança, preocupado com a multidão atraída pelos *flashes*.

— Acho que estraguei sua camiseta – brincou a top model, devolvendo a caneta e obedecendo ao seu protetor.

— O que ela escreveu? – perguntou o pai da adolescente.

— Fernanda, A Virgem – leu a mãe.

Assim que entrou no edifício Dakota escoltada pelo Anjo Negro, como apelidara seu segurança afrodescendente, criado no Brooklyn, Fernanda pegou o celular. Uma ligação perdida do empresário. Acessou a caixa de mensagens: “Fernanda, sei que acabamos de nos encontrar para acertar os últimos detalhes da viagem a Londres. Mas acabei de receber uma ligação e houve uma pequena mudança de planos. Para a coletiva de imprensa, que será amanhã, no Mandarin Oriental, você deverá vestir uma roupa do estilista italiano Francesco Fiori e joias da Vanessa Segala. Até logo”.

— Não usarei nenhum figurino desconhecido, meu bem – disse Fernanda consigo mesma.

A entrada continuava intocada no prato. O *maître* abordou David:

— Desculpe-me senhor, quer que troquemos ou podemos servir o prato principal?

— O prato principal, por favor – respondeu o jornalista, voltando-se novamente para o padre.

— Então, de quem você suspeita? – inquiriu Pietro, avançando sobre o prato principal recém-chegado: costeleta de porco preto.

— Antes de revelar a pessoa, vou dizer como cheguei a essa dedução. Concluimos que Michael é um agente duplo, servindo o braço americano da seita satânica, certo?

— Certo.

— Ele marcou seu encontro comigo no mesmo lugar em que *sir* Alexander Cotton foi morto, certo?

— Mais do que isso, ele insinuou que o Duque Negro seria assassinado e tentou me responsabilizar por apertar o gatilho – completou Pietro.

— Por que você acha que ele o hospedou neste hotel?

— Não sei – respondeu o padre, pegando a taça de água com gás.

— Amanhã, uma celebridade chegará a Londres. E também se hospedará no Mandarin Oriental.

— Quem?

— A top model brasileira Fernanda Albuquerque.

A taça de água escorregou da mão de Pietro, estatelando-se na mesa.

— Já vi essa cena hoje, padre. Você estava igualmente nervoso – observou David, encarando-o.

O garçom chegou à mesa e pediu licença para trocar a toalha. O italiano permaneceu em silêncio. Aflição nos olhos.

— Se somos parceiros nessa missão, padre, é melhor que não me esconda nada.

— Não tenho nada a dizer sobre isso. O que Michael está tentando fazer? – esquivou-se Pietro.

— Talvez queira torná-lo um cúmplice da seita satânica – sugeriu o jornalista.

— Isso não é possível. Estamos em lados opostos.

— Vamos supor que Michael estivesse certo sobre o esquadrão da morte da Igreja Católica. Se os americanos planejavam o assassinato do Duque Negro, e você puxou o gatilho, quem está do lado de quem? – disparou David.

Coração acelerado. Mãos suadas. Respiração entrecortada. “Ele pode estar certo. Será que a confraria negra conhece o meu passado? É muita coincidência terem me

hospedado aqui. Será que cruzarei com ela, tantos anos depois? O que Michael quer me induzir a fazer agora?”. A cabeça de Pietro rodopiava. Sentia-se arremessado em um turbilhão de dúvidas.

— Vejo que você está perdido em pensamentos, padre. A questão é: o que eles farão com a Grande Prostituta? E o que eles esperam que você faça?

— Você está invertendo tudo, David! – exasperou-se Pietro, chamando a atenção do casal que jantava na mesa ao lado.

— Você gosta de xadrez?

— Não tenho paciência para esse jogo. Seja mais direto – ordenou o padre, encarando-o com o cenho franzido.

— Parece que estamos participando de um jogo entre a Igreja Católica e a seita satânica, ou, como você prefere dizer, confraria negra. Nós somos apenas duas peças, e não conseguimos enxergar muito além de nosso movimento no tabuleiro.

— Você está sendo fatalista – rebateu Pietro.

— Talvez – disse David, provando o prato principal escolhido: pombo com especiarias. “E algumas peças sempre são sacrificadas para se obter um ganho maior nos próximos lances”, pensou, fitando os olhos atormentados do padre.

A top model bateu com violência a porta do apartamento no edifício Dakota e atirou sua bolsa no sofá. Há algumas semanas, estranhos acontecimentos rondavam sua vida. Tudo começara com um sonho. Ela estava no quarto da casa em que passara a infância, no interior do Brasil. De repente, um estrondo. O chão estremeceu. Ela se debruçou sobre a janela, olhando para cima. Um dragão vermelho-fogo se agitava no céu. Apavorada, correu em busca dos pais. A casa estava vazia. Vozes exaltadas no quintal. Ela abriu a porta dos fundos. As pessoas, reunidas em torno de uma mesa, afastaram-se ao vê-la. Ela ficou frente a frente com seu pai. Sangue escorria de suas mãos e da lâmina que ele empunhava. Pouco abaixo, havia um animal. A cabeça, unida ao corpo por alguns tendões estirados, estava encoberta por uma máscara avermelhada que escorria pelos chifres e respingava no chão. Visceras escapavam de um corte no ventre. Um enxame de moscas se esbaldava no odor ocre da morte.

— Isso é para você, minha filha. Sempre olhe nos olhos da vítima – aconselhou o pai, com um sorriso sinistro no rosto.

Impelida mais pela curiosidade do que pela obediência, conteve o asco e fitou os olhos do animal. Não era mais um bode morto que jazia sobre a pedra. Era uma criança. Fernanda acordara do pesadelo aos berros, embebida em suor. Desde então, tinha a impressão de estar sendo observada por alguém, mesmo quando trancada em seu apartamento, e acordava todas as noites com um choro estridente no quarto. Até pensou em desmarcar a ida a Londres. “Se você fizer isso, minha querida, vai perder o contrato com a Schiaparelli. Sabe o que isso significa?”, ameaçou seu empresário. Aquela pergunta a fizera mudar de ideia no instante seguinte. Desde a infância, ela fora preparada para o sucesso. E sempre estivera disposta a pagar o preço, fosse ele passar por cima de suas concorrentes ou aceitar a estranha oferta de um olheiro americano. Diante de um amplo espelho em sua suíte, lembrou-se do dia em que aquele desconhecido, vestindo bermudas e camiseta florida, aproximara-se. Ela tinha quinze anos e passava, com as amigas, as férias de julho em uma praia. Espreguiçava-se na areia, ao sol do meio-dia, quando foi surpreendida por um homem sentado diante dela, aparentando cerca de quarenta anos. Assustara-se.

— Você é muito linda – elogiou, com um forte sotaque.

— Obrigada. Mas já tenho namorado — Fernanda retrucou, com cenho franzido.

— Posso transformá-la na maior top model do mundo. Está interessada?

Ela abriu um sorriso e sentou-se diante dele, olhando dentro de seus olhos.

— O que eu preciso fazer?

— A fama tem um preço. Seu pai já pagou uma parte... – explicava até ser interrompido.

— Ele está morto. Foi assassinado.

— Antes de ele morrer, assinamos um contrato.

— Não tenho dinheiro – lamentou, abaixando os olhos.

Estava tão interessada na proposta, poderia dar tudo em troca, menos dinheiro.

— Não se preocupe com dinheiro. Você será milionária. Mas não será com isso que me pagará – propôs o americano, com um sorriso no rosto.

— Quer transar comigo?

— Você não me pagará com dinheiro nem com seu corpo.

— Então, está fácil.

— Isso é um sim? – indagara o homem, com uma expressão séria no rosto.

— Sim.

Três dias depois, ela foi procurada por um representante da maior agência de modelos norte-americana. Em menos de um mês, desembarcava em Nova York. Nunca mais encontrou o americano de bermudas e camiseta florida. Desejava agradecer-lhe por tudo. A campainha interrompeu seus pensamentos.

— Merda!!! Não estou esperando ninguém. Ainda mais uma visita surpresa que chega a essa hora e sem ser anunciada – reclamou, disparando em direção à porta.

Investigou através do olho mágico. Do outro lado, havia um casal de senhores. “Devem ser vizinhos”, concluiu. Hesitou por alguns segundos antes de abrir a porta.

— Olá, tudo bem? É um prazer morar no mesmo prédio que a Fernanda Albuquerque – saudou o homem, aparentando mais de sessenta anos.

— É um prazer – repetiu sua mulher, cabelo armado e maquiagem carregada.

— Desculpem-me, acabei de chegar em casa e viajo daqui a poucas horas. Podemos marcar um café assim que eu voltar... – justificava-se a top model.

— Quando você voltar? – indagou o homem, sorriso irônico. – Não será possível. Não é mesmo, Emily?

— É. Não será possível, Robert.

— O que vocês querem dizer com isso? – perguntou Fernanda.

— Temos um amigo em comum – revelou Robert.

— Quem?

— Sammy – respondeu a mulher.

— Não conheço ninguém com esse nome – retrucou Fernanda, intrigada.

— Não disse que ela era ingrata, Emily?

— Não seja injusto com ela, Robert – rebateu sua esposa antes de se virar para Fernanda. Aquela conversa lhe parecia ensaiada. – Sammy, minha querida, é o homem que lhe deu tudo isso.

— O homem na praia... – concluiu. Voz trêmula.

— Ele mesmo. Sammy pediu que lhe entregássemos uma carta – explicou o homem, estendendo-lhe um envelope.

— Uma carta – repetiu Emily, com um sorriso ensaiado.

— Tenha uma boa-noite. E... Lamentamos pelo café – despediu-se Robert.

— É... Lamentamos muito. Chegou a hora de você... Chegou a hora de ela fazer o que, mesmo, Robert?

— Pagar a dívida – recordou o marido.

— É isso, minha querida, boa-noite – despediu-se Emily, sorrindo.

Assim que o casal deu as costas, Fernanda trancou a porta do apartamento. Tremia da cabeça aos pés. Sentou-se na poltrona da sala. As mãos suadas abriram o envelope.

Chegara o momento da sobremesa. Enquanto observava o padre devorar o chocolate com sorvete de gengibre, David se contentava com um pequeno cálice de Pedro Ximenez Solera 1927. Durante o prato principal, os dois discutiram os próximos passos da missão. Mas um silêncio constrangedor pairava na mesa há alguns minutos, desde que David insinuara que a Igreja devia ter algum interesse obscuro no *Livro das Folhas Prateadas*. E, por conta disso, estava tentando se aproximar da confraria negra pelas suas costas. “Você deve estar possuído pelo demônio. O único interesse da Igreja nas obras do diabo é destruí-las. Se esse livro chegar às minhas mãos, irei queimá-lo”, esbravejara Pietro, silenciando-se em seguida. Pensara em revelar ao jornalista sua suspeita de que um membro da Confraria dos Quatro Anjos podia, realmente, estar fazendo jogo duplo. Mas, sem provas, cometeria o pecado da calúnia e difamação. Além do mais, aquilo poderia alimentar as fantasias perversas de David. “Ele precisa entender que a Igreja é santa, apesar dos erros de alguns de seus homens”, pensou o padre, abocanhando um pedaço da torta.

— Meu pai quer conversar comigo – o jornalista quebrou o silêncio.

— Ele quer se reconciliar?

— Não sei. Mas não me sinto preparado para encontrá-lo.

— Por quê?

— Talvez porque ele não tenha me apoiado quando eu mais precisei.

— Talvez ele tenha reconhecido o erro. E deseje seu perdão – sugeriu o padre, fitando os olhos de David.

— Desde que ele cortou relações comigo, quero provar a ele que eu estava certo...

— E ele errado? – adiantou-se Pietro.

— Exatamente.

— Por isso resolveu me ajudar nessa missão?

— Isso não importa, padre.

— Para mim, talvez não faça diferença. Mas para você, David, é uma escolha importantíssima. De um lado, há o caminho da reconciliação, do amor, do perdão. Do outro, o atalho do ressentimento, da vingança, do ódio. Se você seguir pelo segundo, garanto que vai cair em um abismo.

— Vingança e perdão, a mensagem central de *A Tempestade* – murmurou David.

— O que você disse?

— Você está discursando como se estivesse no púlpito de uma igreja, tão distante

dos fiéis como Deus dos homens – polemizou David. Não estava disposto a discutir a obra de Shakespeare nem sua possível ligação com a seita satânica. Se aquilo fosse apenas especulação, poderia atrapalhar ainda mais uma missão já complexa.

— Estou falando como homem, não como padre! – esbravejou Pietro, com o rosto ruborizado, os olhos fixos e o cenho franzido.

— Desculpe, mas...

— Eu matei uma pessoa – revelou em italiano, com a voz trêmula e os olhos marejados.

No início do jantar, David pressentira que o padre escondia algo e usara sua habilidade para forçá-lo a contar seu segredo. Mas não esperava por aquilo. Retomou a conversa em italiano, para que Pietro não ficasse constrangido com a presença dos outros comensais.

— Antes de se tornar padre?

— Não, depois. Não confiei na justiça dos homens. Desobedeci os ensinamentos de Cristo. Escolhi a vingança e o ódio. Caí no abismo, David. Não passo um único dia sem ser atormentado pelo que fiz – respondeu o padre. Voz arrastada. Olhar distante.

— Quer conversar sobre isso? – perguntou o jornalista, observando as lágrimas escorrerem pelo rosto do “padre assassino”.

— Já confessei esse crime. Mas não me sinto perdoado. Talvez devesse procurar as pessoas que prejudiquei. E lhes pedir perdão... Por isso, David, eu posso lhe dizer, não como um padre no púlpito, mas como um homem que errou: escolha o caminho certo. Não desperdice nenhuma chance de reconciliação. A vingança pode ser atraente. Mas seu preço é muito alto – afirmou, limpando o rosto com as costas da mão direita.

O jornalista sorveu o último gole do vinho, sem apreciá-lo adequadamente. Estava menos interessado em seus aromas e sabores do que na história sórdida de Pietro. Mas aquele não era o melhor momento para saciar sua curiosidade. Torceria para que ele chegasse antes de o padre voltar a Roma.

— Agradeço seus conselhos. Não me esquecerei deles – agradeceu David, mirando discretamente o relógio de pulso. – Preciso ir. Como combinado, nos encontramos amanhã, aqui no hotel.

— Quando você voltar, já terei reunido as principais profecias sobre a Mulher Escarlata e o nascimento do Anticristo – prometeu o padre.

— Não se esqueça de usar o *business center*. Seu computador e seu celular estão sendo monitorados por Michael, e ele deve acreditar que nossa missão terminou com a morte de *sir* Alexander Cotton. Lembre-se do jogo de xadrez. Vamos deixá-lo pensar que está com a vantagem.

— Para apanhá-lo de surpresa – completou Pietro, voltando a conversa para a

língua inglesa.

— Até amanhã – despediu-se David, apertando as mãos do padre.

— Vou tomar dois cafés antes de sair. A noite será longa – disse Pietro, sentando-se novamente. “Como ele pretende virar o jogo em uma hora de entrevista exclusiva? Se a Fernanda for realmente a Grande Prostituta, David não conseguirá dissuadi-la de participar do ritual, nem de lhe entregar o *Livro das Folhas Prateadas*. Ela nem deve saber o que é isso. Se as profecias sobre a Mulher Escarlata apontarem para ela, a única solução é... Abaddon. Não! Não posso... Não contra essa menina.”

— Meu Deus, o que o senhor está fazendo comigo? – gritou, em italiano. Espantadas, as pessoas das mesas próximas olharam na sua direção. O café chegou poucos segundos depois.

Fernanda respirou fundo algumas vezes, mas suas mãos ainda tremiam, tornando a carta quase ilegível. Achou melhor repousá-la na mesinha ao lado da poltrona. Acendeu o abajur. Ela fora escrita com pena, na cor sépia. Caligrafia artística.

Querida Fernanda, nunca tirei os olhos de você. Os últimos seis anos lhe fizeram muito bem. Você está linda... Mas, infelizmente, não faz meu estilo. Gosto de mais curvas. Parabéns, você se tornou a maior top model do mundo. É claro que, sem meu empurrãozinho, você não seria ninguém...

— O que você quer comigo? — indagou ao remetente, interrompendo a leitura por alguns segundos.

Chegou a hora de saldar nossa dívida...

Fernanda fechou os olhos. E lembrou-se do que lhe dissera o provável autor daquela carta no único encontro que tiveram: “Você não me pagará com dinheiro nem com seu corpo”. Tomada por um calafrio, retomou a leitura.

Espero que goste das roupas e das joias que usará amanhã. Eu mesmo as desenhei. Permaneça com elas após o encontro com a imprensa. Às onze e meia da noite, você receberá uma visita em sua suíte. Meu “cobrador” se chama Andrew. Seja uma boa anfitriã. E faça tudo o que ele quiser. Prometo que será uma noite inesquecível. Um beijo, Sammy.

— O preço é transar com esse... Andrew? — questionou-se.

Pareceu-lhe muito pouco para tirar aquele peso das costas. Pagaria com seu corpo, mas o felizardo seria outro homem. “Andrew”, repetiu mentalmente. Ligou o iPod. Seleção aleatória. Acendeu um cigarro ao som de “Vertigo”, do U2.

— Adoro essa música — disse, dando um trago. Aumentou o volume. Começou a dançar no centro da sala.

*Your eyes are wide
And though your soul
It can't be bought
Your mind can wander...*

Silêncio. A canção fora interrompida inesperadamente. Fernanda ficou imóvel. Coração acelerado. O iPod voltou a tocar. O som estava mais alto:

*God knows they got to you
Empty glass, the lady sings*

*Eyes swollen like a bee-sting.
Blinded, you lost your way
In the side streets and the alleyways
Like a star exploding in the night
Filling up the city with broad daylight.
Angel in devil's shoes...*

Era um trecho de “Angel of Harlem”, da banda irlandesa. Silêncio.

Fernanda ouviu passos. Fechou os olhos e respirou fundo. Sentiu um sopro gelado em seu rosto. Abriu os olhos. Teve a impressão de enxergar alguém correndo em direção a ela. Um arrepio percorreu suas vértebras.

— Quem está aí? – gritou.

O som voltou a funcionar. Desta vez, a voz de Raul Seixas tomou conta da sala com um trecho de “Gîtâ”, uma das canções preferidas de seu pai:

*Eu sou o seu sacrifício
A placa de contra-mão
O sangue no olhar do vampiro
E as juras de maldição.
Eu sou a vela que acende
Eu sou a luz que se apaga
Eu sou a beira do abismo...*

Pela primeira vez, alguém parecia sussurrar-lhe aquelas rimas da “beira do abismo”. Sentiu pavor. “Será que Sammy... Não, não pode ser. Isso não passa de imaginação”, pensou. Com as mãos trêmulas, acendeu outro cigarro.

— Preciso de um banho relaxante. Preciso de sexo. E preciso de outro iPod – concluiu, sentando-se no sofá. O silêncio foi quebrado pela voz de Bono Vox: “Esta é a canção que Charles Manson roubou dos Beatles. Nós estamos roubando de volta”. Seguiu-se “Helter Skelter”.

— Charles Manson não é o maníaco que matou a mulher daquele cineasta? – questionou-se. – Qual é mesmo o nome daquele filme que ele rodou aqui, no Dakota?

Repentinamente, a banda irlandesa foi substituída por uma música suave.

— Que canção de ninar sinistra. Nunca gravei essa porcaria – disse para si, conferindo o título: Christopher Komeda, “Rosemary’s Baby”.

Arrancou o iPod da base e o arremessou contra a parede. Agachou-se no chão. O cigarro caiu de sua boca. A brasa foi apagada pelas lágrimas que despencavam de seu rosto.

Sentado na poltrona da sala de estar, David ouvia *A Arte da Fuga – Contrapunctus IX*, de Bach. “As intenções do padre são as melhores, mas estou quase certo de que ele está sendo manipulado”, deduziu. Sua mente estava em ebulição. Apostava que a Mulher Escarlata era Fernanda Albuquerque e que a seita satânica realizaria o ritual após o lançamento da campanha publicitária. “Eles são perversos, não estúpidos. Se algo desse errado, estariam arriscando milhões de dólares de contrato publicitário”, afirmara ao padre. Sua entrevista exclusiva com a top model estava prevista para depois de amanhã, três horas antes do lançamento oficial do perfume da Schiaparelli. Era a chance que ele tinha de reverter o jogo. Convencera Pietro de que esse era o melhor caminho. Embora não soubesse exatamente qual seria sua jogada, Mary faria parte dela. Precisava abrir o jogo com sua assistente. “Posso confiar nela? Será que ela não faz parte disso? Acho que estou ficando paranoico”, concluiu. Decidiu marcar um encontro com a americana assim que chegasse de Upper Slaughter.

— Não me sinto preparado para confrontá-lo. Nem para perdoá-lo – confessou a si mesmo, franzindo o cenho.

“Mesmo que *sir* Alexander Cotton... Ele tinha que ter ficado do meu lado, não me jogado na fogueira”. Lembrou-se da história de Pietro. “Ele é muito intempestivo. Pode arruinar tudo.” Bocejou. As pálpebras pesavam. Estava muito cansado. Mas antes de se deitar, precisava enviar um e-mail. Foi ao escritório e acessou a caixa de mensagens: *Mary, precisamos nos encontrar antes da coletiva de imprensa. Ligo para você amanhã. Esteja alerta. Beijos, David.* O ritual que antecedia o sono demorava cerca de vinte minutos. Encostou a porta do quarto, girou a chave duas vezes e testou a maçaneta outras duas. Após confirmar que estava trancada, começou a inspeção pela janela. Travada. Olhou embaixo da cama e dentro dos armários. Nada. Trocou de roupa. Já de pijama, passou para a suíte e escovou os dentes. Conferiu a janela. Travada. Voltou ao quarto e trancou a porta do banheiro. Girou a maçaneta duas vezes. Trancada. Colocou a bengala embaixo da cama, do lado esquerdo, onde dormia. “Arma a postos”, pensou. Acendeu o abajur e apagou as outras luzes. Costumava ler algumas páginas quando estava menos cansado. Não era o caso. Fechou os olhos. Teve a impressão de ouvir algo raspando a porta do quarto, pelo lado de fora. “Ele sempre vem. Ainda bem que nunca consegue entrar. Pelo menos quando estou acordado”, confortou-se. Cedeu à exaustão. O barulho continuava, cada vez mais alto. O braço de David caiu para fora da cama. A mão esquerda tateando o tapete, em busca de sua arma. Não estava lá.

— David, você precisa de mais do que uma bengala para derrotá-lo – aquela voz lhe era familiar.

— Eu já o enfrentei na floresta.

— Aquilo foi uma brincadeira.

— O que eu preciso fazer?

— Abra a porta e lute.

Ele respirou fundo e saltou da cama. As raspadas transformaram-se em batidas. Uma pancada violenta o fez recuar.

— Não seja covarde.

Ele destrancou e escancarou a porta. Os olhos faiscantes encaravam-no. O jornalista se jogou sobre o monstro e golpeou sua cabeça duas vezes, até sentir as presas afiadas mergulharem em seu braço direito. Berrou quando o animal girou o pescoço, arrancando um pedaço de seu corpo. O sangue jorrava. Conseguiu levantar-se. Observou, enojado, o cão devorar sua carne.

— Deus se rebaixa aos homens e os homens se transformam em Deus quando comem seu corpo. Isso é o que chamam de milagre da comunhão, David – explicou o interlocutor invisível.

Ele viu o animal transformar-se em homem. Reconhecia aquele corpo e aquele rosto. Eram seus.

— Parabéns, meu filho.

Fazia tempo que não ouvia aquela voz. Virou-se. Seu pai lhe estendia um anel de ouro que costumava usar no dedo anular da mão direita. Tinha séculos de existência e passara de geração em geração.

— Essa é a sua verdadeira herança – prosseguiu.

— Por que você me renegou? – indagou, com a voz embargada.

— Para te proteger. Me perdoe.

David acordou com uma frase em sua cabeça: “Abra a porta e lute”. Levantou-se e foi até a porta. Ficou parado diante dela por alguns minutos. “Preciso vencer isso”, pensou, relutante. Voltou para a cama e checkou se a bengala continuava lá embaixo. “Arma a postos”, disse para si. Sorriu, aliviado. Adormeceu poucos minutos depois.

Seu assistente, Gennaro, enviara dezenas de textos havia três horas. Desde então, ele cruzara diversas profecias e anotara tudo o que lhe parecera relevante para a missão. Fora a última pessoa a deixar o *business center*, quase às duas e meia. Assim que entrou na suíte, abriu o *notebook* e enviou um e-mail ao cardeal Fioravante.

— O feitiço contra o feiticeiro – disse, triunfante.

Acreditava que aquela mensagem despistaria Michael. Os olhos ardiam e os pulsos doíam. Deitou-se na banheira com água bem quente, temperada por sais relaxantes. Sua mente voltou-se para um pequeno tratado escrito pelo monge Adso no fim do século X. Encomendado pela rainha Gerberga, ele reunia as principais profecias sobre o Anticristo existentes na época. “A antiguidade é um excelente critério para a seleção”, decidira-se, ao deparar com uma enxurrada de artigos contemporâneos, alguns muito acadêmicos, outros, sensacionalistas. Apanhou o bloco de notas em uma banqueta ao lado da banheira e abriu na página dobrada:

Como dizem nossos autores, o Anticristo nascerá do povo judeu, da tribo de Dã, conforme as palavras do profeta: “Dã seja como serpente no caminho, como víbora no atalho, que morde os calcanhares do cavalo e faz cair para trás o cavaleiro”. Será, portanto, como uma serpente escondida à margem da estrada preparada para morder os que seguem o caminho da retidão, envenenando-os com sua malícia.

Fechou os olhos e lembrou-se da escultura na igreja Il Gesù. A religião esmagando a cabeça da serpente. Sorriu.

— A Igreja sempre vence – disse baixinho, voltando-se novamente para as anotações. A transcrição de parte do tratado medieval era interrompida por considerações pessoais.

Símbolos de Dã: Águia com serpente no bico/Abelha.

Visão lúcida: Centenas de abelhas penetram cavidade sexual da Grande Prostituta.

Mulher Escarlate: Tribo de Dã.

Trechos da carta do monge Adso prosseguiram entremeados pelos seus rabiscos:

Ele será resultado do intercursos sexual de sua mãe e seu pai, como outros homens, e não de uma virgem solitária. Ele será completamente concebido no pecado, engendrado no pecado e parido no pecado (fruto de uma mulher

perdida e impura e de um bandido abominável)... O diabo escolheu o lugar onde deve nascer o homem da perdição, o Anticristo, um lugar que foi a origem de todos os vícios e crimes: Babilônia.

“A Fernanda foi criada em um antro de facínoras. Deve ter sido consagrada ao diabo pelo pai. Certamente escolheu o caminho do Mal. Isso explica como e por que ela saiu daquele lugar ermo e virou celebridade no mundo inteiro...”, refletia Pietro.

— Maldita seja a alma daquele desgraçado!

Sentiu o corte no supercílio latejar. Tontura. Forçou a vista para conseguir terminar a leitura da última parte de sua transcrição:

O Anticristo terá como mentores magos, encantadores, advinhos e feiticeiros. Todos serão guiados pelo demônio e o iniciarão na arte nefasta e na prática de iniquidades.

— Aquele bandido deixou tudo preparado. Mesmo depois de morto ainda me... – arrastava a voz até sentir uma estocada no centro da testa. A cabeça tombou para o lado direito. O bloco de notas mergulhou na banheira. Com a página posterior virada para cima:

Teorias conspiratórias/satanismo

Décima terceira linhagem: sêmen do diabo (tribo de Dã?)

Algumas chaves: Freeman/Bundy/Rockefeller (bandido abominável?)

“Três novas mensagens”, anunciou uma voz feminina, entonação sensual. Michael esfregou os olhos antes de se levantar do sofá. Olhou para o chão. A garrafa de *bourbon* estava vazia. Foi até a mesa e sentou-se diante do *notebook*. Cabeça pesada. Um clique no ícone e o e-mail recém-chegado tomou conta da tela:

Caro Gabriele, nossa missão em Londres foi bem-sucedida. Essa noite, o inimigo foi derrotado. Farei um relato completo assim que voltar a Roma. Peço permissão para ficar na cidade por mais alguns dias. Pretendo fazer convênios acadêmicos entre nossos irmãos ingleses e o Ateneu Pontifício Regina Apostolorum. In Christo et Maria, pr. Pietro Amorth S.J.

— Será que posso acreditar em você? – indagou Michael, passando para a mensagem anterior.

Senhor Abbot, o empresário italiano jantou com o jornalista David Rowling, no Dinner by Heston Blumenthal. Às vinte e três e vinte e cinco, seguiu sozinho para o business center. No tempo em que esteve lá, fez uma ligação para Roma e utilizou um dos computadores. Fizemos backup dos arquivos carregados (anexos). Às duas e trinta e dois, ele voltou para a suíte. Atenciosamente, Morgan.

Michael fez *download* dos documentos anexados. Centenas de páginas, em italiano. Correu os olhos por algumas, na tentativa de encontrar palavras recorrentes.

— Anticristo – disse com sotaque. – Você perdeu horas pesquisando isso? Eu, no seu lugar, teria passado a madrugada fodendo aquela massagista gostosa.

Voltou à mensagem de Pietro e conferiu o horário em que ela fora enviada: duas e quarenta. “Poucos minutos depois de ter voltado do *business center*”, concluiu.

— Está querendo enganar a quem, padre de merda, seu chefe ou o meu? – indagou, acessando a mensagem ainda não lida. O e-mail do senador Karl Bundy estava sinalizado como urgente, e chegara havia duas horas.

Espero que você tenha apreciado a relíquia. E treinado seu manuseio. Devo lembrá-lo de que o serviço deve ser realizado com um ÚNICO golpe apenas. Exigência inglesa. Pretendia deixá-lo concentrado nisso, mas surgiu um imprevisto. A deusa chegará amanhã e fará uma coletiva de imprensa no hotel. Esteja presente. Uma mulher tentará lhe entregar uma carta. Sua missão é impedi-la. Boa sorte, K.B.

— Preciso arrancar a cabeça de um bruxo bastardo e você quer que eu me preocupe com uma maldita carta? – desabafou Michael.

Eram quase quatro horas da manhã. Foi até a mesa em que deixara a relíquia. Segurou o cabo com as duas mãos e ergueu a lâmina acima de sua cabeça. Parecia

mais pesada do que antes. Imaginou um homem ajoelhado, cabeça baixa, pescoço saliente.

— Um único golpe... – disse, descendo vagarosamente a arma. – E sua cabeça vai rolar.

Sentiu os braços formigarem. E perderem força. Soltou-a. Um estrondo. A lâmina fincara-se no assoalho de madeira, projetando o cabo a quarenta e cinco graus do chão.

— Merda! – resignou-se, tentando puxar o instrumento do martírio de São Carlos I. As mãos adormeceram. Não conseguiu evitar a queda. Sentiu a pancada violenta na nuca. Uma explosão luminosa. Escuridão.

Alguém passou correndo por ele, parou poucos metros à sua frente e virou-se em sua direção:

— Antônio roubou minha filha – disse-lhe uma mulher com o rosto queimado de sol, aparentando ter quinze anos a mais do que seus meros vinte e cinco. Lágrimas nos olhos.

— Por que ele fez isso? – indagou Pietro.

— Reze pela alma da minha pequena – suplicou a mulher, jogando-se aos seus pés.

— O que ele quer com a sua filha?

— Ele vai chamar o demônio...

— Quem ele vai chamar dessa vez, o preto velho ou a pomba-gira? – questionou Pietro, com um sorriso zombeteiro.

— O tihoso, padre! Reze pela minha filha, eu imploro! – a mulher berrava, desesperada.

— O que ele quer com a sua filha?

— Ele vai sacrificá-la – respondeu a mulher, olhos arregalados, respiração acelerada.

— Por que você entregou a menina?

— Eu precisava do dinheiro. Meu Deus, eu mereço queimar no inferno, mas salve a alma da minha filha – implorou a mulher, levantando-se e saindo em disparada novamente. Em poucos segundos, desapareceu da vista de Pietro.

“Quando aceitei ser voluntário nessa região miserável, nunca imaginei que fosse ver uma mulher vender a própria filha... Meu Deus, perdoe seu erro. O Antônio é um feiticeiro maldito, mas seria incapaz de...”, pensava. “Se for verdade, preciso salvar a criança.” Pietro sabia onde Antônio morava. O terreiro de candomblé era no quintal de sua casa. Fechou os olhos. Ao abri-los, já era noite. A lua cheia exibia cor vermelho sangue. “Mau presságio”, deduziu Pietro. Atravessou a pequena mata. O muro de cinco metros o separava de uma algazarra. Chocalhos, tambores, dezenas de vozes. “O demônio é o senhor dos meus passos.” Aquela frase quase inaudível explodiu em seu ouvido. Calafrio. Escalou os blocos de concreto apoiando-se nas falhas. Pessoas estavam reunidas em torno de uma mesa de pedra. Uma menina nua, amarrada sobre ela, chorava. Pietro reconheceu Antônio, segurando um punhal com as duas mãos. O servo do demônio ergueu o punhal acima da cabeça e olhou na direção do muro. Os olhares se cruzaram e ele sorriu para o padre. Pietro reteve a respiração. Era como se o próprio diabo zombasse dele. “Aqui, sua religião não

serve para nada. Você não será capaz de salvá-la.” Aquelas palavras invadiram sua mente no mesmo instante em que Antônio cravou a lâmina no ventre da criança, pelo lado direito, rasgando-o até a outra extremidade. O padre fitou os olhos da vítima. Desespero, dor agonizante e ausência de vida. Ânsia. Abaixou-se e vomitou. Espiou novamente por cima do muro. O assassino cortava a cabeça da vítima. Foi surpreendido por outra menina, abrindo a porta dos fundos da casa. Vestia pijamas cor-de-rosa, com flores vermelhas estampadas. Encarou o algoz com as mãos sujas de sangue. Depois voltou-se para a mesa de sacrifício. Os olhos se encheram de lágrimas. Um grito. Pietro reconheceu a criança. Era a filha de Antônio e frequentava a missa com sua mãe. A revolta tomou conta de seu coração. O tempo passou em um piscar de olhos. Era fim de tarde e ele estava de tocaia na mata. Sabia que o assassino passaria por aquele lugar. Ouviu gravetos e folhas serem pisoteados. Os passos se aproximavam. O homem passou. Coração acelerado. Respiração curta. Pietro se jogou sobre ele e golpeou suas costas com uma faca.

— Onde está o seu senhor agora? Morra, desgraçado. Vá para o inferno! — dizia, enquanto o apunhalava.

Ele assistia a um desenho quando a campainha de sua casa soou. Ouviu os gritos de sua mãe e correu para acudi-la. Encontrou-a agachada no chão, com as mãos cobrindo os olhos. Um choro abafado.

— O que aconteceu, mamãe? – perguntou Michael, observando o policial na porta.

— Seu pai está em casa?

— Está trabalhando. Meu irmão mais velho saiu. Eu sou o homem da casa. Pode falar comigo.

— Seu irmão foi baleado em um assalto.

— O que é baleado? – questionou Michael.

— Levou um tiro a queima-roupa. Infelizmente, os paramédicos não puderam fazer nada.

— Meu filhinho – chorava sua mãe, com o coração dilacerado.

— Meu irmão, meu irmão... Onde ele está? – gaguejou Michael.

— Depende de como ele viveu aqui – alguém respondeu.

— Quem está falando comigo? – perguntou, olhando em volta. Sua mãe e o policial tinham desaparecido. Ele não estava mais em casa. Reconheceu o lugar onde soltava pipa e andava de bicicleta com o irmão.

— Estou aqui embaixo, cuidado para não pisar em mim – respondeu a mesma voz.

Michael olhou para baixo, encontrando a cabeça de um homem. Tinha cabelo comprido ondulado, bigode e cavanhaque pontiagudo.

— Quem é você? – estranhou, inclinando o corpo na direção do resumido interlocutor.

— Sempre esqueço de me apresentar. Eu era o rei Carlos I. Mas fui promovido a santo.

— O machado... – murmurou o americano.

— ...que me decapitou está com você – completou o santo.

— O que quer comigo?

— Eu não quero nada. Quem quer é Ele.

— Ele quem?

— Michael, basta pensar um pouco. Se eu sou um santo, quem é o meu patrão?

— Deus?!

— Ele mesmo.

— Aquele... – dizia Michael, apontando para cima.

— Cuidado com o que você vai falar – advertiu a cabeça.

— Ele ferrou minha vida. O que mais Ele quer tirar de mim? – desabafou.

— Quem disparou a arma não foi Deus, Michael.

— Por que ele não impediu?

— O mal que existe no mundo é uma escolha dos homens. Mas essa vida é apenas a antessala da eternidade.

— Por que você está me dizendo isso?

— Você está trabalhando para homens que já nasceram condenados. Mas ainda pode ser resgatado. É a sua última chance – revelou o rei santo, erguendo a sobancelha direita.

— O que eu preciso fazer? – questionou Michael, com um sorriso sarcástico.

— Me levante acima de você.

— Vá à merda – retrucou o americano.

— Em pouco tempo, você estará afundado nela. Essa vida é breve como um piscar de olhos...

— Goooooooool! – berrou Michael, chutando a nuca do rei como se fosse uma bola de futebol.

Mergulhou na escuridão. Dor. Parecia ter sido atingido, ele mesmo, por um chute na nuca. Abriu os olhos com dificuldade. Estava caído no chão da sala. O machado à sua frente, fincado no assoalho.

O corpo de Antônio estava estirado na relva. Os olhos estampavam terror. Poderia ser a surpresa do ataque violento, ou a descoberta de que o assassino era um padre. Para Pietro, eles anteviram os horrores que o aguardavam na outra vida. Sua mão direita, melada de sangue, ainda segurava a faca. Sentiu repulsa. Queria arremessar a arma para longe e correr até sua casa para tomar banho. O céu estava escuro e ninguém atravessava a pequena mata. Por precaução, Pietro arrastou o corpo para trás de uma árvore. Andou alguns metros, cavou um buraco na terra e colocou a arma. Com o pé, selou o esconderijo. Um clarão no céu iluminou seu rosto. Coração apertado. Seria Deus, mostrando que ele jamais conseguiria ocultar aquele crime? Um trovão estremeceu a terra. E seu corpo. Para ele, o sinal era inequívoco: a ira divina recaindo sobre sua cabeça. Saiu em disparada. Outro raio. Seguiu-se um estrondo mais intenso. Pietro se atirou ao chão. E caiu em prantos.

— Meu Deus, me salve! – gritou, desesperado.

Levantou-se e continuou a correr. Tempestade. As lágrimas foram arrastadas pela chuva. O sangue de Antônio também. Abriu a porta de casa.

— Seja bem-vindo.

Ele reconheceu a voz. Olhou para cima. O teto desaparecera. Sobre um trono, suspenso a alguns metros, enxergou um homem vestido de branco. Ele tinha barba, bigode, cabelos longos, nariz adunco, pele morena. Mas em vez do sorriso acolhedor de outrora, ostentava uma expressão severa.

— Jesus! – exclamou Pietro, ajoelhando-se no chão.

— Você chama meu nome. Mas não me segue.

— O que quer de mim, Senhor? – indagou, terrorizado.

— Que ouça minha voz.

— Aquele homem... Ele... – balbuciava o padre, sem olhar para cima.

— Escolheu outro caminho.

— Eu só quis... Queria... – Pietro tentava se justificar.

— Julgar e punir os ímpios?

— Sim.

— Deus é o juiz. Você quis se igualar a Ele? – disparou o homem sobre o trono.

— Eu... Eu só queria fazer a Sua vontade.

— E acabou fazendo a própria. Em breve, terá consciência do mal que causou.

— Me perdoe, Senhor – implorou o padre, com as mãos cobrindo o rosto.

— “Perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido”. Todos os dias você repete isso. Apenas com a boca. Precisa rezar com o

coração, Pietro.

— Tenha misericórdia de mim.

Silêncio. Gargalhadas. O padre descobriu os olhos. Estava imerso em uma penumbra avermelhada.

— Quem está aí?

— Você será julgado pelos crimes de seus inimigos – acusou uma voz rouca.

Alguém se aproximou. Era a menina imolada por Antônio, segurando as vísceras com as mãos. A cabeça, quase degolada, pendia para o lado esquerdo.

— Por que você fez isso? – ela perguntou, com a boca coberta de sangue.

Outra pessoa chegou e parou ao lado da criança. O rosto inchado e coberto por hematomas. Seios volumosos insinuando-se no decote da camiseta branca. Minissaia preta. Salto alto. Ele a reconheceu imediatamente. Era a mulher morta no último ritual de exorcismo que comandara em Santa Maria in Aracoeli.

— Por que você fez isso? – ela indagou, com a boca deformada por pancadas.

Sentiu o coração apertar no peito. Dois homens se aproximaram e ficaram diante dele. Um deles era seu antigo assistente, o seminarista Andrea. O outro era Simone, seu ajudante.

— Por que você fez isso? – perguntaram em uníssono. Os rostos traziam a assinatura sinistra dos membros da Colmeia Dourada: perfurações à bala.

Alguém tocou em suas costas. E sussurrou em seu ouvido:

— Por que você fez isso?

Reconheceu a voz de *sir* Alexander Cotton. O hálito de fezes não deixava dúvidas. Sentiu suas mãos meladas. Era sangue. Segurava uma faca. Voltara à pequena mata, perto da casa de Antônio. A vítima gritara após o primeiro golpe. Algum covarde a apunhalara pelas costas. Apesar da dor, conseguiu se virar e reconheceu seu algoz. Era ele mesmo, o padre da aldeia.

— Por que você fez isso? – aquelas foram suas últimas palavras.

Pietro abriu os olhos, assustado. A água da banheira estava gelada. Retirou o bloco de notas do fundo e colocou-o sobre a banquetta. As anotações à caneta tinham esmaecido. Enrolou-se no roupão e usou o secador de cabelos para salvar as outras páginas. Eram quatro horas da manhã quando se ajoelhou na beirada da cama e tentou rezar um Pai-Nosso. “Todos os dias você repete isso. Apenas com a boca.” Recordou aquelas palavras. Chorou profusamente.

Mary devorara quatro pedaços de pizza no sofá da sala. Estava prestes a desligar a tevê quando o próximo filme foi anunciado: *O Bebê de Rosemary*. “Sempre quis assisti-lo”, disse para si, acomodando-se nas almofadas. Estava cansada. Adormeceu com a canção suave da abertura. Poucos minutos depois, passeava sozinha no Central Park. Fim de tarde. Céu cinzento. “A Fernanda mora aqui perto, podia tomar café com ela”, pensou. Vozes. Virou-se na direção delas. Era uma trupe teatral. Pessoas aglomeravam-se em torno do palco improvisado. Sobre ele, um senhor vestindo manto dialogava com uma jovem mulher:

— “Tudo o que fiz foi por ti, minha idolatrada filha, que não sabes quem és, nem tens notícia de onde eu teria vindo, nem que eu possa ser mais do que Próspero, talvez o dono desta gruta, e seu pai”.

“Eu conheço essa peça. É *A Tempestade*, de Shakespeare”, deduziu Mary. Um estrondo no céu a fez olhar na direção do edifício Dakota. As nuvens se abriram. Um dragão vermelho-fogo agitava suas asas sobre o apartamento da amiga brasileira. Contou sete cabeças e dez chifres. A imensa cauda parecia brincar com centenas de esferas de fogo. Em um gesto rápido, lançou uma delas contra o chão. A luz intensa a fez cobrir os olhos. Percebeu alguém se aproximar, envolto em um manto azul-escuro.

— Quem é você?

— “É tempo de saberes alguma coisa mais. Tire dos meus ombros o manto mágico” – respondeu o homem, parafraseando uma das falas do protagonista shakespeariano.

— Perfeitamente – ela consentiu, puxando o tecido.

Ele estava nu.

— Quem sou?

— Sammy?

— Você reconheceu minha varinha mágica? – ele perguntou, sorrindo e apontando para o pênis ereto. – Os anos lhe esculpiram muito bem, querida.

— O que você quer?

— Fazer minha melhor mágica.

— Quer transar comigo? – disparou Mary.

— Transaria com você por toda a eternidade. Mas, infelizmente, precisamos obedecer algumas regras. Cubra-me com o manto, querida.

Mary arremessou o tecido azul-escuro sobre o rosto daquele homem.

— O que você está fazendo?

Reconheceu aquela voz. Era David, exatamente no mesmo lugar em que Sammy estivera há menos de um segundo.

— Você viu o dragão? – ela perguntou.

— Com uma mulher linda na minha frente, não consigo enxergar mais nada – retrucou seu chefe, avançando sobre ela e tirando sua blusa. Mary fechou os olhos. Ao abri-los, estava no tapete de casa. David sobre ela, penetrando-a e pressionando suas costas com as pontas dos dedos. Sentiu o corpo tremer em uma sequência de espasmos. As mãos dele afrouxaram e uma onda de calor percorreu a vagina e subiu até o ventre. Tornou a abrir os olhos. O jornalista não estava mais lá. Uma mulher nua cavalgava a estátua de Cernunnos. Um grito. A cópula sagrada chegou ao clímax. A intrusa virou o tronco, revelando seu rosto. E disse:

— Espero que você não tenha ciúmes.

Era a amiga Fernanda Albuquerque. Mary despertou, excitada. O filme *O Bebê de Rosemary* estava no fim. Arrancou a capa azul-escura de Cernunnos. O deus exibia um estranho sorriso.

O celular tocou sobre o criado-mudo. A mulher, deitada ao lado, resmungou algo incompreensível. O conde de Bedford acendeu a luz do abajur e conferiu o horário. Quase cinco da manhã. Sabia que era uma chamada de emergência do conde de Leicester. Levantou-se com cuidado e foi atendê-lo no escritório.

— Estamos nas garras da águia – disparou a voz do outro lado.

— Não pode ser! – exclamou o conde de Bedford.

— O mensageiro do Vaticano continua em Londres. E é um forte suspeito do assassinato do lorde fanfarrão.

— O que isso tem a ver conosco?

— Lembra-se de sua suspeita sobre a identidade do Duque Negro? – indagou o conde de Leicester.

— *Sir Alexander Cotton*? Você me disse que isso não era possível...

— Vamos deixar as especulações de lado e ir direto aos fatos. Um dia antes do crime, o mensageiro do Vaticano esteve no College of Arms e pesquisou a genealogia da família Cotton. Ele deve ter tido acesso a informações privilegiadas.

— Acho pouco provável que ele soubesse mais do que nós sobre nossa própria ordem – argumentou o conde de Bedford.

— Concordaria com você se ele fosse apenas um padre enviado pelo Vaticano para desarticular nossa organização. Mas você se lembra do norte-americano que estava cruzando o caminho do bastardo?

— Um possível emissário dos nossos irmãos norte-americanos....

— Sim, o agente da águia enviado para Londres em missão sigilosa. Ele está dando cobertura para o padre – entregou o conde de Leicester.

— Você está me dizendo que a águia fez uma aliança com a Igreja Católica? Isso é impossível! – indignou-se.

— Isso é política, meu caro. Os dois devem ter um interesse em comum.

— Você acha que o Duque Negro... – dizia o conde de Bedford, hesitante.

— Você sempre esteve em contato com ele. Mesmo sendo por telefone, cartas e internet, nunca desconfiou?

— Ele usava um intermediário, meu caro. Mas isso não importa agora.

— Isso é terrível – concluiu o conde de Bedford.

— Estamos no escuro.

— Traidores malditos! Quem vai nos guiar?

— O bastardo tem o direito de sangue – respondeu o conde de Leicester.

— Aquele louco? Jamais! – berrou o conde de Bedford, esmurando a mesa do

escritório.

— Lembra-se do juramento?

— O que você está insinuando?

— O assassinato do mestre nos dá duas escolhas – sugeriu o conde de Leicester.

— Eu... Eu já tenho a minha – balbuciou o conde de Bedford, desligando o telefone. Sentou-se na poltrona e segurou o retrato da família. Ele sorria ao lado da mulher e de um casal de filhos, já adultos.

— Tudo o que fiz foi por vocês. Espero que me perdoem.

Abriu a terceira gaveta da escrivaninha, removeu algumas pastas e deslocou a tampa ao fundo. Havia uma chave. Retirou a última gaveta do móvel e destrancou o alçapão logo abaixo. As mãos suadas puxaram uma pasta de documentos e uma pistola semiautomática. Jogou os papéis no lixo de metal e derramou um pouco de uísque sobre eles. Ateou fogo.

— Que o mestre guie meus passos na escuridão – disse, ajoelhando-se no tapete do escritório. Abriu a boca e apoiou a ponta da arma na língua, mirando para cima. O gosto metálico provocou ânsia. Respirou fundo e fitou o porta-retratos mais uma vez antes de apertar o gatilho.

Livro II

O Anjo da Manhã

David não guardava boas recordações da propriedade familiar em Upper Slaughter. No bosque daquele castelo, fora ameaçado por um animal selvagem. Mesmo morto pelo pai, aquele “monstro” nunca o abandonou, e montava guarda na porta de seu quarto. Todas as noites. “O medo transforma animais afáveis em bestas sanguinárias”, recordou-se daquelas palavras enquanto rumava em direção aos pesadelos de infância, vestindo o clássico riscas brancas sobre fundo azul. No banco do passageiro, sobretudo *crombie coat* azul-escuro, da Tibbett. Sentiu um aperto no peito. Nó na garganta. Não queria pensar naquilo. Olhos marejados. “Qual será a justificativa do meu pai? Será que ele...”, pensava.

— Droga, por que eu não morri com você? – berrou. Fazia quinze anos que capotara com seu Aston Martin esportivo prata na direção contrária daquela curva.

— Por que seu pai não gosta de mim, David? – perguntara-lhe a namorada, enquanto voltavam a Londres após um fim de semana em Upper Slaughter.

— Ele não gosta de quase ninguém, Susan. Mas não se preocupe, ninguém neste mundo vai mudar o que eu sinto por você.

— Jura?

— Juro.

— Nem mesmo Deus? – insistira Susan.

— Nem Ele – respondera, hesitante.

— Estou tão feliz, querido. Nas próximas férias, poderíamos viajar para algum lugar, só nos dois. O que você acha?

— Uma ótima ideia. Para onde você quer ir?

— Bora Bora?

— Exótico. O que podemos fazer lá?

— O que acha de um casamento taitiano? – sugerira Susan, com um largo sorriso.

— Meus pais querem que eu me case na Saint Paul.

— Eles não querem que você se case comigo, David. Você percebeu que está em uma encruzilhada e precisa tomar uma decisão? – provocara Susan.

— Minha decisão é Bora Bora. Quero dizer, é você.

— Eu te amo, David.

— Eu também... – dizia, até ser surpreendido por uma pontada dolorida na têmpora direita. Fechara os olhos. Ao abri-los, poucos segundos depois, flagrara um estranho homem parado na pista, a menos de cinquenta metros. Assustado, girara o

volante com força. Evitara o atropelamento, mas o acidente foi inevitável. O Aston Martin capotou sete vezes. Três dias depois, acordou em um quarto de hospital.

— Onde ela está? – perguntara para a mãe.

— Sinto muito, filho.

— O que aconteceu, mãe?

— Ela não resistiu.

Aquela foi a pior notícia que recebeu em sua vida. Desejava ter terminado a frase: “Eu também... Te amo, Susan”. Encostou o carro no acostamento. Janela aberta. Ligou o pisca alerta. Abaixou a cabeça no volante. Chorou.

— Nunca vou encontrar você de novo, minha querida – desabafou entre soluços.

— Nem Deus podia separar vocês, David? – aquela voz abafada vinha de fora.

Ele levantou a cabeça. Havia alguém diante do carro. Rosto coberto por uma máscara negra: maçãs faciais salientes, nariz pontiagudo, olhos repuxados para cima, dois chifres retorcidos. Capa negra esvoaçante.

— Era você... – concluiu, abrindo a porta do carro.

— Deus é ciumento e vingativo, David. Já leu o Antigo Testamento?

— Você matou Susan, filho da puta! – exasperou-se o jornalista, sacando a espada da bengala. Sentiu uma pontada dolorida na têmpora direita. Mais intensa do que no dia do acidente. Tentou manter os olhos abertos. Em vão.

— Seu pai tinha razão. Aquela vadia era uma pedra em seu caminho – disse o mascarado.

— Eu vou acabar com você – retrucou David.

De repente, a dor desapareceu. O estranho também. Ele vasculhou em torno do carro. Nenhum vestígio. Esmurrou o capô.

— Talvez o padre não seja tão tolo... – murmurou, entrando no Jaguar. Deu a partida e pisou fundo no acelerador.

O despertador tocou às oito e meia. Pietro saltou da cama. Cabeça pesada, corpo dolorido. Tosse. “Não posso ficar doente agora”, pensou, vestindo roupão e pantufas macias. Ajoelhou-se na beirada da cama e uniu as mãos em prece. Fechou os olhos e inclinou a cabeça.

— “Pai-nosso que estais no céu...”

Ficou em silêncio. Foi assaltado pela lembrança do rosto de Fernanda Albuquerque na capa do *The Star*. Abriu os olhos.

— Meu Pai, que eu possa esquecer as palavras e rezar com o coração. Me ensine a perdoar meus inimigos... A amar meus inimigos, como Seu Filho ensinou. Que eu não julgue para não ser julgado. E busque a humildade em minhas palavras, ações e... Pensamentos. Amém.

Levantou-se e ligou o *notebook*. Talvez houvesse uma mensagem de Michael. Ou uma resposta do cardeal Gabriele Fioravante. Precisava ligar para ele antes do café da manhã e esclarecer o motivo do seu e-mail. O computador acusou duas novas mensagens. Uma delas, sinalizada como urgente, com o título: “Considerações de Sua Santidade”.

Pietro, ontem à noite, o núncio apostólico da Santa Sé em Londres fez uma teleconferência com Sua Santidade. Logo depois, ela me convocou para uma reunião de emergência. Tentei ligar em seu celular, mas caía direto na caixa postal. A situação é muito grave. Assim que ler essa mensagem, me ligue. Não importa o horário. In Christo et Maria, Gabriele.

— O que aconteceu? – questionou-se. “Não posso ligar do celular que o Michael me emprestou. Nem do quarto. O *business center* é a melhor solução”, decidiu.

O remetente do outro e-mail era seu assistente Gennaro. “Devem ser mais pesquisas”, concluiu, desligando o computador e vestindo terno cinza-escuro, camisa branca e gravata cinza com diminutos quadrados azuis. Trancou o quarto e desceu pelo elevador. “O cardeal e o papa ainda não receberam meu relatório sobre essa missão. Se o núncio apostólico tinha informações privilegiadas, por que não me procurou?”, indagava-se ao entrar no *business center*.

Não havia mais ninguém ali. O padre foi direto ao telefone e teclou o número do celular de Gabriele. Em menos de dois toques, o cardeal atendeu. Voz sonolenta.

— Pietro?

— Sim, sou eu. O que houve?

— Esperava que você me dissesse – retrucou o cardeal, ríspido.

— Descobri a resposta ao segundo enigma. Acionei o número secreto e falei a

palavra-chave...

— Você leu minha mensagem? – interrompeu Gabriele.

— Sim.

— E não se perguntou por que o núncio apostólico procurou Sua Santidade?

— Ainda não tive tempo para elucubrações.

— Pois bem, ele fez acusações graves contra você, Pietro.

— O quê? Quais? – gaguejou o padre.

— Você se hospedou em um hotel de luxo com uma identidade falsa e é um dos suspeitos do assassinato de um membro da Câmara dos Lordes – respondeu o cardeal.

— Posso explicar...

— O papa me convocou e eu falei para ele sobre o seu crime, Pietro.

Coração aos saltos. Respiração curta. Garganta seca. Olhos marejados.

— O senhor... O senhor violou o segredo de confissão... – balbuciou.

— O papa é o representante de Jesus Cristo na Terra, Pietro. Não podemos esconder nada de Sua Santidade – justificou-se Gabriele.

— O que ele disse?

— Que você coloca em risco a segurança da Igreja. A partir desta nossa conversa, você está temporariamente afastado de suas funções eclesiais e do posto de professor no Ateneu Pontifício Regina Apostolorum. Outro padre assumirá seu lugar em Santa Maria in Aracoeli. E você será transferido para um mosteiro na Grécia, onde terá tempo para reflexões e pagará penitência pelos seus pecados.

— Preciso terminar minha missão... – dizia o padre, com a voz embargada.

— Você me escreveu ontem dizendo que ela já havia terminado, Pietro.

— Meu computador está sendo monitorado. Precisei fazer isso para desviar a atenção do inimigo...

— Pegue o primeiro voo para Roma! – ordenou Gabriele.

— Por favor, em nome de nossa amizade eu imploro: me deixe terminar a missão. Eu preciso só de mais dois dias. Depois, vou para onde me mandar – suplicou o padre, com lágrimas nos olhos.

— Seus métodos são condenáveis, Pietro.

— Eu não matei *sir* Cotton, cardeal. Eu juro.

— Levei um esporro do papa, estou puto da vida com você, Pietro! Se estivesse aqui, eu lhe daria uma surra. Você traiu minha confiança. Eu lhe entreguei uma missão importante e você se esqueceu de que é padre. Padres não usam identidade falsa, padres não se hospedam em hotel de luxo, padres não se envolvem em assassinatos, padres não caem na esbórnia e transam com a massagista! Você é tudo o que um padre não deve ser! – disparou Gabriele, aos berros.

Pietro enrubesceu. As mãos suavam e tremiam. O telefone escorregou de sua

mão. Abaixou-se para pegá-lo. As pernas mal se aguentavam em pé.

— Padres são seres humanos. Nosso primeiro papa negou Jesus Cristo três vezes... Eu sei que não deveria, mas me dê um voto de confiança – suplicou, com a voz quase apagada. As lágrimas escorriam em seu rosto.

— Apenas dois dias. Nada além disso.

— Obrigado!

— Não se meta em mais confusão e lembre que você não pode exercer nenhuma atividade sacerdotal. Está suspenso.

— Tudo bem...

— Quando você chegar a Roma, me procure imediatamente. E não converse com ninguém sobre o que aconteceu em Londres.

— Como quiser.

— Mais uma coisa, Pietro. Você estava certo. Há um traidor na Confraria dos Quatro Anjos. Espero que, no fim desta missão, você descubra quem é o safado.

— Farei o possível.

— Adeus – despediu-se o cardeal, desligando o telefone.

Pietro respirou fundo. Pegou o lenço no bolso do paletó e limpou o suor da testa e as lágrimas do rosto. Percebeu que havia algo bordado: Eclo 27,26. “Uma referência bíblica. Este lenço estava na bagagem que Michael deixou para mim no quarto do hotel. Também havia uma referência bíblica na língua que o motorista colocou na minha bagagem quando cheguei. Eclesiástico capítulo 27, versículo 26”, observou o padre.

— Deve ser mais uma ameaça do Inimigo. David estava certo, Michael faz parte do mesmo bando da confraria negra. E eu caí na armadilha... Ele entregou tudo ao traidor. E o filho da puta se escondeu atrás do núncio apostólico! – deduziu, voltando imediatamente ao quarto.

Faltava meia hora para chegar a Upper Slaughter. Aquela máscara demoníaca não saía de sua cabeça. Lembrara-se de tê-la visto no dia em que capotara com o Aston Martin. Mas algo em seu íntimo lhe dizia que já se deparara com aquele sorriso perverso antes mesmo de conhecer Susan. Enquanto se esforçava para resgatar o passado em sua memória, trocou o concerto de *Brandenburgo N°1*, de Bach, pela voz do locutor de uma rádio de notícias: “A esposa do conde de Bedford está em estado de choque. Segundo um investigador da Scotland Yard, o político cometeu suicídio no escritório de sua casa. Antes de dar um tiro na própria boca, teria queimado vários documentos, como evidenciam as cinzas encontradas no lixo. Especula-se que ele estava envolvido em fraudes fiscais e envio ilegal de divisas para o exterior”.

— Conde de Bedford! Estava na minha lista e na do padre, como *sir* Alexander Cotton. Pode ter sido assassinado pelos satanistas americanos. Preciso falar com Mister Jones. Discou seu número e desligou no quarto toque. Quase cinco minutos depois, seu contato na Scotland Yard ligou para ele:

— Em que posso ajudá-lo dessa vez?

— Adivinhe, Mister Jones?

— O segundo homem de sua lista se suicidou poucas horas depois do assassinato do primeiro. É isso?

— Parece queima de arquivo, não? – arriscou o jornalista.

— Ele se suicidou, David.

— Ou foi suicidado?

— Ele se suicidou depois de receber uma ligação do conde de Leicester, que também está na lista maldita – respondeu o investigador.

— Algo mais que eu deva saber?

— Apenas se não deixar vazar. Se isso acontecer, serei pego – advertiu Mister Jones.

— Em *off* – garantiu o jornalista.

— Alguns papéis não queimaram completamente.

— São relatórios contábeis?

— Quer anotar?

— Sim – respondeu David, estacionando o carro no acostamento e pegando seu bloco de notas no porta-luvas. – Prossiga, por favor.

— Fragmento número um: *O bastardo (X) realizou o último ato (quinta parte)*. Fragmento número dois: *s.R. está em nosso encalço. Providência sugerida: eliminar*

a ameaça. Fragmento número três: *X recebeu p.A./presente surpresa*. Fragmento número quatro: *s.R./p.A.— Brompton Oratory: X relata...* O resto está queimado. Tudo isso lhe diz alguma coisa, David? – indagou Mister Jones.

— Estou em uma viagem. Preciso analisar com calma. Algum palpite? – rebateu o jornalista.

— Talvez o fragmento número um prove sua teoria sobre os assassinatos em série. O bastardo X pode ser o psicopata que cometeu os homicídios. “Último ato” deve ser uma referência à quinta e última vítima. Essa anotação do conde de Bedford poderia ser a evidência de que, realmente, havia uma seita satânica comandando os crimes. E ele fazia parte dela. O fragmento número dois confirma essa hipótese, não? – insinuou o investigador.

— Você deve ter deduzido que s.R. é uma abreviação de *sir* Rowling. Correto?

— E que p.A. significa padre Amorth, que esteve hospedado no Brompton Oratory e se mudou para o Mandarin Oriental com um passaporte falsificado. Ou seja, seu parceiro – Mister Jones enfatizou as duas últimas palavras.

— O bastardo X pode ser o caminho para desmascarmos o bando. O que acha de nos encontrarmos na segunda-feira de manhã? – sugeriu David.

— No mesmo lugar de sempre. Às oito e meia. Até logo.

David releu a transcrição. Não tinha dúvidas. Ele e o padre eram as pessoas escondidas atrás daquelas iniciais. E o bastardo X era o homem que buscara Pietro no aeroporto e plantara uma língua em sua bagagem, ou, para utilizar o mesmo eufemismo do conde de Bedford: presente surpresa. Ele os seguira até o Orangery e os vigiara de outra mesa. “Me pareceu tão familiar...”, pensou David. O mesmo personagem também estivera no Brompton Oratory durante sua segunda reunião com o italiano. Fora intimidado por ele e se vingara pouco depois. “Que coincidência interessante. Também existe um bastardo em *A Tempestade*, Calibã. Ele se alia a inimigos para trair Próspero. Será que o bastardo X traiu a facção inglesa da seita satânica e passou para o outro lado? Ele é uma peça-chave nessa trama toda. Estou tão perto...”, pensava, dando a partida no carro e prosseguindo viagem.

— Esse X deve ter algum significado... Provavelmente religioso. Preciso falar com o padre – deduziu, acessando seu número.

Ele se mexeu para um lado, depois para o outro. Acordou com a nuca latejando e o celular marcando uma chamada perdida, número desconhecido. Acessou a caixa de mensagens: “Caro senhor Abbot, o empresário italiano acaba de fazer uma ligação para Roma do *business center*. Ele deixou a sala visivelmente transtornado e voltou para a suíte”. Era a voz de seu espião no Mandarin Oriental.

— Talvez eu tenha mais informações por e-mail.

Deteve-se por alguns segundos diante do machado fincado no chão. “Você está trabalhando para homens que já nasceram condenados. Mas ainda pode ser resgatado. É sua última chance”, lembrou-se do que lhe dissera o rei santo durante o desmaio.

— Cabeça idiota! – exclamou, abrindo a porta do escritório.

— Você tem duas novas mensagens – acusou a voz sensual do *notebook*.

— Sou realmente importante. Desculpe, senador Bundy, mas a prioridade é dos mais velhos – disse Michael, exibindo um sorriso sarcástico e abrindo primeiro a outra mensagem:

Prezado senhor Thompson, recebemos o dossiê encaminhado ao nosso diplomata, em Londres. Agradecemos sua disposição em nos ajudar. Transferimos 20% do valor combinado para a conta bancária que nos passou. Assim que a encomenda for entregue no local indicado, depositaremos os 80% restantes. Já providenciamos para que sua família seja transportada para um país seguro quando sua missão terminar. Não se preocupe com isso. Conforme combinado, o senhor também receberá indulgência plenária no momento oportuno. A respeito do padre Amorth, devolva-lhe os documentos. Ele deve voltar a Roma em dois dias. E não se esqueça de usar o medalhão no confronto final. Ele é a garantia de que você não fracassará. In Christo et Maria, Servo de Deus.

— Um milhão de euros, a liberdade e o céu por um livro prateado. Esse cara apareceu na hora certa – gabou-se Michael, abrindo o e-mail do senador:

A organização sofreu a segunda baixa em poucas horas. Um nobre deu um tiro na própria boca. Os investigadores encontraram, no lixo do escritório de sua casa, fragmentos legíveis de documentos queimados pouco antes. Isso seria absolutamente irrelevante se não vazasse para o jornalista. Temo que isso já tenha acontecido, e quero que me confirme essa informação. Depois da Operação Luxúria, é provável que o jornalista encontre seu informante. O traidor atende pelo pseudônimo de Mister Jones. Quero que descubra sua

identidade e, talvez, cale sua boca. Boa sorte, K.B.

— Merda. Essa é uma missão muito arriscada. Vão colocar meu pescoço a prêmio. Por que esse jornalista não fica quieto? – exasperou-se, acionando o rastreador de seu carro. Confirmou que David estava na estrada para Upper Slaughter. Durante o trajeto, fizera e recebera uma ligação. Estavam gravadas. Michael ouviu a conversa entre ele e o investigador da Scotland Yard. “O senador está certo. Esse Mister Jones é uma ameaça. Se eles chegarem ao Feiticeiro, conseguem detonar a organização. Mas isso pode ser interessante para mim... Agora sou um agente duplo, e o Servo de Deus é um chefe mais interessante do que o senador”, pensava Michael até ser interrompido por um sinal sonoro. Era David fazendo uma chamada para Pietro.

— Hora de conspirar – disse para si, colocando o fone de ouvido.

A Bíblia continuava aberta no Eclesiástico, capítulo 27, versículo 29, cuja referência encontrara bordada no lenço: “Quem abre uma cova, cai dentro dela; quem põe uma pedra no caminho do outro, nela tropeça; quem prepara uma armadilha para outrem, nela será apanhado”.

— Quem é o maldito traidor da Confraria dos Quatro Anjos? – exasperou-se Pietro. “Sua Santidade sabe do meu crime. Que vergonha. Não posso deixar isso me abater, não agora. Preciso terminar minha missão...” Pegou o bloco de notas com as folhas onduladas e escreveu o nome dos membros da confraria de exorcistas, as ordens a que pertenciam e a sequência dos enigmas revelados na capela Sistina:

Cardeal Gabriele Fioravante (Ordem Franciscana) – chefe

Monge Jose Gonzáles (cisterciense) – 1º enigma

Abade Thomaz Baker (dominicano) – 2º enigma

Padre Pietro Amorth (jesuíta) – 3º enigma

Monge Benito de Segni (benedictino) – 4º enigma

— Quem é o maldito traidor? O padre Thomaz é inglês... Deve ser próximo do núncio apostólico em Londres...

O celular tocou. Reconheceu o número de David.

— Já se encontrou com seu pai? – adiantou-se Pietro.

— Ainda não. Liguei para dizer que você esqueceu seu chapéu em casa. A bateria do meu celular está fraca. Você pode me ligar daí, agora?

— Em cinco minutos.

— Eles querem me despistar. Sabem que o telefone do padre está grampeado, mas o jornalista nem suspeita que também estou rastreando todos os seus movimentos – gabou-se Michael.

Pietro voltou ao *business center* e ligou para o celular de David.

— Você não ligou por causa do chapéu, não é mesmo?

— Um membro inglês da seita se suicidou. Estava na minha lista e na sua.

— Meu Deus!

— Ele queimou alguns documentos, mas minha fonte na Scotland Yard acaba de me transcrever quatro fragmentos. Há prováveis referências a nós dois. E ao seu agressor. Acho que estamos perto de montar o quebra-cabeça e desmascarar essa organização – revelou o jornalista.

— Só tenho mais dois dias em Londres, David.

— Como assim?

— Alguém passou informações comprometedoras sobre mim para o núncio apostólico em Londres. Fui afastado de minhas funções eclesiais. A única concessão que tive foram mais dois dias aqui. Você estava quase certo quando disse que a Igreja está interessada no livro maldito... – sugeriu Pietro.

— Por que quase certo?

— Não é a Igreja. É um traidor escondido atrás de uma batina – esclareceu o padre.

— Alguma suspeita?

— Não posso levantar falso testemunho. Mas acredito que seja um membro da minha confraria de exorcistas.

— Vamos conversar melhor sobre isso mais tarde, padre.

— Em que posso ajudá-lo agora?

— Fui surpreendido por um homem usando uma máscara de demônio, mas ele desapareceu em um piscar de olhos. Como isso é possível? – questionou David, em um tom de voz reticente.

— É possível se você inverter seu raciocínio. Você acredita que os responsáveis pelas obras demoníacas são pessoas que acreditam no diabo, que vestem sua máscara. Talvez você tenha visto o contrário: o diabo vestido de homem. Ele é capaz de prodígios sobre-humanos, como aparecer e desaparecer em um piscar de olhos – argumentou Pietro.

Aquela explicação lhe pareceu a mais improvável. Não pretendia entrar em mais uma polêmica com o italiano e, para se esquivar, foi direto ao motivo da ligação:

— Qual é o significado religioso da letra X?

— X e P são as iniciais gregas de Cristo.

— O monograma de Deus...

— Em outra linguagem, sim.

— E se a letra X estiver sozinha? – sugeriu David.

— Santo André foi crucificado em uma cruz em forma de X. Por que quer saber isso?

— Para entender um dos fragmentos... Preciso prosseguir viagem. Ligo quando estiver de volta. Até logo – despediu-se. “Santo André. Em inglês, Andrew. Talvez esse seja o nome do bastardo. Andrew, esse nome me diz algo... And...”, pensava David, sentindo o coração disparar.

— Não pode ser. Ele desapareceu quando eu tinha sete anos – murmurou.

Não era apenas o ataque da besta sanguinária que transformava o castelo de Upper Slaughter em um lugar terrível. Havia mistérios que ele fizera questão de esquecer.

O cheiro de café se espalhou pela cozinha. Mary encheu a caneca térmica e foi à porta principal da casa. Apanhou a edição do *The Star* sobre o tapete de entrada, colocou-a embaixo do braço e saiu para uma caminhada despretensiosa na Cheyne Walk. Vestia-se casualmente: calça jeans, botas pretas e malha preta, com a gola cobrindo o pescoço, e *trench coat* da Burberry. Fazia frio. Céu cinzento. Estava a poucos metros do Ropers Garden. Porém, escolheu sentar-se em um banco de madeira quase na esquina com a Old Church Street, ao lado de uma estátua que contemplava calmamente o Tâmis e tinha a Chelsea Old Church às costas.

— Estou sozinha. Espero que não se importe de me fazer companhia, *sir*... — observou, esticando o pescoço para ver o nome do homenageado. — ...Thomas More. Seu nome não me é estranho. Aceita um cigarro? — perguntou, apoiando a caneca com café no encosto do banco.

Após o trago inicial, desdobrou a primeira página do jornal. Manchete principal: “*Sir* Alexander Cotton misteriosamente assassinado”. Matéria assinada por David Rowling. Com o cigarro na boca, leu e releu o texto de seu chefe.

— Genial! Como você conseguiu apurar tudo isso ontem à noite e publicar na edição de hoje? — indagou Mary, tragando o cigarro.

Observou um casal se aproximar com duas crianças. A menina, de mãos dadas com os pais, aparentava seis anos. O menino, uns três anos mais velho, seguia logo atrás, segurando um boneco. A menina sorriu. Seu irmão parou, encarando-a com uma expressão séria.

— Tudo bem? Como você se chama? — perguntou Mary.

O menino apontou para a estátua ao lado.

— Venha, Thomas — ordenou a mãe, ao perceber que o filho ficara para trás.

— Tchau, Thomas — despediu-se Mary.

Antes de correr atrás da família, ele levantou o dedo indicador para o céu. Mary olhou para cima. Um feixe de luz atravessava a fenda estreita entre nuvens cinzentas, iluminando o rosto contemplativo de *sir* More. A jornalista sorriu. “Deve ser um sinal de Lugh, o Deus Sol”, deduziu, pegando o iPhone no bolso da calça e acessando a Wikipédia. Pesquisou “*sir* Thomas More”: “Ocupou vários cargos públicos durante o reinado de Henrique VIII, incluindo o de Chanceler do Reino, mas se afastou quando o rei insistiu na anulação de seu casamento com Catarina de Aragão. O autor de *Utopia*...”.

— Sabia que o conhecia de algum lugar — constatou, retomando a leitura: “... foi condenado à morte por se recusar a fazer um juramento sobre o Ato da Sucessão,

reconhecendo a legitimidade de qualquer criança nascida do casamento de Henrique VIII com sua segunda esposa, Ana Bolena, e sobre o Ato de Supremacia, que transformava o rei no chefe supremo da Igreja na Inglaterra. Thomas More foi canonizado pela Igreja Católica em 9 de maio de 1935”.

— Você acreditava nessa bobagem de sexo só depois do casamento e sempre com a mesma pessoa? Esse é um dogma preconceituoso dessa igreja idiota, *sir* Thomas. Já sei, você era contra os filhos das uniões ilegítimas, não é isso? Está brincando comigo? – questionou Mary, ficando em pé diante do interlocutor estático.

Uma nuvem escura passou sobre a igreja, e a luz do sol deixou de iluminar o rosto da estátua. Outro casal passou por ela, levando um carrinho de bebê. Lembrou-se do filme *O Bebê de Rosemary*, ao qual não conseguiu assistir na noite anterior. Deu o último trago no cigarro e arremessou a bituca no rosto da estátua. Colocou o *The Star* debaixo do braço e seguiu para o Ropers Garden, tomando os últimos goles do café.

David estava apreensivo quando parou diante do imponente portão de ferro do castelo em Upper Slaughter, formado por lanças com pontas douradas apontadas para o céu. Dois grifos ameaçadores, no alto de colunas laterais, pareciam proteger o lugar. Duas câmeras de vídeo, com as lentes projetadas para fora, insinuavam que os proprietários confiavam mais na tecnologia do que em guardiões de pedra. Os portões se abriram poucos segundos após sua chegada. Ele sentiu um arrepio quando o Jaguar atravessou o limiar do mundo exterior. Poucos metros depois, conseguiu avistar a entrada do castelo. O mordomo James, que servia seus pais há vinte anos, esperava-o na porta principal. Coração apertado. Boca seca. Estacionou perto da entrada dos criados e, antes de deixar seu reduto móvel, apanhou a bengala e vestiu o *crombie coat* azul-escuro.

— Bom-dia, David – saudou-lhe o mordomo alto e magro, com um sorriso quase imperceptível no rosto alongado.

— Bom-dia, James – respondeu o jornalista, estendendo-lhe a mão e notando um fio rebelde no estreito bigode, sempre bem aparado. — Meu pai tomará café da manhã conosco?

— A mesa está pronta para duas pessoas: a senhora Rowling e você. O senhor Rowling saiu para a cavalgada matinal – informou James.

“Ótimo. Assim posso conversar à vontade com a minha mãe”, pensou David, entrando na sala de visitas. Ela estava sentada no sofá próximo à lareira. Ao ver o filho, o rosto de *lady* Charlotte se iluminou. Trajando um vestido azul-escuro, mangas longas, com uma echarpe preta em torno do pescoço, ela se levantou e foi ao seu encontro. David sorriu. Ao se abraçarem, ela encostou o rosto em seu ombro, e ele sentiu a suave fragrância floral da Penhaligon’s que a acompanhava todas as manhãs.

— Você está elegante – David quebrou o silêncio.

— Obrigada por ter vindo, filho – respondeu *lady* Charlotte, encarando-o.

— Vim apenas porque você me pediu, mãe.

— Seu pai foi cavalgar. Vamos tomar chá e conversar um pouco – sugeriu-lhe, segurando em seu braço esquerdo e rumando com ele para a sala de chá.

Atravessaram a ampla sala de estar, passaram pela sala de armas, com espadas, escudos e cabeças de animais de caça exibidos nas paredes laterais, e chegaram à sala de jogos, também utilizada para o serviço de chá. Tapeçarias nas paredes alternavam cenas de peças shakespearianas. Nos cantos da sala, mesas de quatro lugares serviam para jogar xadrez e *bridge*. No centro, uma mesa de madeira com as

ninfas de *Sonho de uma Noite de Verão* esculpidas nas pernas. Coberta por uma toalha de linho branco, estava arrumada para duas pessoas. A anfitriã sentou-se na cabeceira, de frente para o bar de destilados e os charutos, instalados no lado oposto à entrada. David ficou ao seu lado, diante de duas tapeçarias. A da esquerda retratava Romeu segurando o frasco de veneno aberto, desesperado diante do corpo de Julieta. O jornalista desviou os olhos da mesa repleta de quitutes para os personagens da outra tapeçaria. Reconheceu-os imediatamente. No canto direito, o monstro encostado no rochedo, visivelmente acuado, era Calibã, o escravo traidor. “O bastardo X”, deduziu. À sua frente, um homem mais velho empunhava uma espada com a mão direita. A outra apontava para a esquerda. “Próspero, John Dee, Duque Negro”, associou David. Encostada em Próspero, tentando se proteger e com uma expressão inocente, sua filha. “Miranda, a Mulher Escarlata, Fernanda Albuquerque”, pensou.

— É a favorita de seu pai – comentou *lady* Charlotte, ao perceber o filho absorto na tapeçaria.

— Prefiro as outras – respondeu-lhe, observando a mulher de estatura mediana e rosto redondo se aproximar da mesa com a bandeja de chá.

— Com pouco leite para os dois – *lady* Charlotte orientou a governanta.

David olhou para sua mãe. O cabelo, loiro e liso, descia dois centímetros abaixo das orelhas. Os olhos verde-claros, ligeiramente puxados para baixo, cobriam de sutil tristeza o rosto de traços finos. Fazia quase um ano que eles não se encontravam.

— Sinto sua falta, filho.

— Deveria culpar seu marido por isso – retrucou David, ressentido com o pai.

— Espero que saiba compreendê-lo.

— Não há explicação razoável para renegar publicamente o próprio filho. Você faria isso, mãe? – rebateu o jornalista, no instante em que a governanta virava, calculadamente, a leiteira em sua xícara com *english breakfast*.

— É fácil julgar alguém quando não carregamos seu fardo nas costas, filho – comentou *lady* Charlotte, com um olhar de súplica. Queria que David fosse compassivo. Desejava que a família se reunisse novamente e superasse aquele trauma.

— Tudo o que disser poderá, e será, usado contra você, mãe – disse o jornalista, parafraseando os policiais durante as ordens de prisão. – Se o seu marido não tivesse ficado contra mim, eu não teria carregado um fardo tão pesado nos últimos dois anos.

— Sinto muito.

— Ele foi o maior responsável pela minha desgraça, mãe. E graças a ele, aqueles criminosos saíram livres. Porque eu estava certo. E vou provar isso. O fardo dele

deve ser pesado porque a consciência está suja – disparou o jornalista, com os olhos mais umedecidos que o normal.

— Por mim, ouça o que ele tem a lhe dizer, David – insistiu *lady* Charlotte.

— Por você, mãe – consentiu, levando a xícara de chá à boca.

A top model causou um alvoroço no aeroporto pouco antes de embarcar. Ao contrário do habitual, recusou-se a dar autógrafos e não sorriu para as câmeras dos *paparazzi*. Só tirou os óculos escuros quando se acomodou na poltrona da primeira classe. Fechou os olhos.

— Não importa que tenha dormido mal, Fernanda. Você precisa sorrir sempre. Sempre – era a voz de Jacob.

— Essa poltrona está ocupada – retrucou a modelo, com os olhos fechados.

— Eu sou seu empresário. Jamais esqueceria essa exigência tola de viajar sem ninguém ao lado. Estou na poltrona de trás. Só passei aqui para te lembrar que você deve sorrir para a imprensa. Sempre.

— Foda-se. Me deixe em paz! – esbravejou Fernanda, virando-se para o outro lado e caindo no sono. Nem percebeu o avião decolar.

— Posso me sentar aqui? – alguém a importunou. E, dessa vez, não era a voz de Jacob.

— Não! – respondeu ríspidamente, sem olhar para o lado.

— Mas a poltrona está vazia – insistiu o estranho.

— Eu comprei os dois lugares para viajar sozinha, e evitar pessoas inconvenientes como você – retrucou.

— Se tivesse me evitado, querida, não seria ninguém.

Ela conhecia aquela voz. Abriu os olhos, assustada. A poltrona ao lado continuava vazia. Abriu a bolsa e pegou a carta entregue pelos vizinhos: *Parabéns, você se tornou a maior top model do mundo. É claro que, sem meu empurrãozinho, você não seria ninguém. Chegou a hora de saldar nossa dívida. Apertou o botão que chamava a aeromoça. Apesar da turbulência, ela chegou em poucos segundos.*

— Uma dose dupla de uísque, por favor.

— Você está com algum problema? – preocupou-se Jacob, atento ao pedido.

— Sim. Quero conversar sobre ele? Não.

— Desde que não prejudique seu trabalho... – dizia o empresário.

— Você não tem nada a ver com isso – adiantou-se Fernanda.

“Você nem poderia me ajudar”, completou em pensamento, pegando um livro na bolsa. Abriu-o na primeira página. *Querida Fernanda, sempre que tiver algum problema, feche os olhos e abra em qualquer página. Deus falará com você. Um beijo do padre que fala engraçado.* Ela fora presenteadada com aquela Bíblia uma semana antes de começar o catecismo para a Primeira Comunhão.

— Por que você me abandonou quando eu mais precisava? – murmurou,

ressentida. – Se você não tivesse fugido, eu não teria caído nessa armadilha, padre filho da puta! – desabafou.

A aeromoça chegou com o copo de uísque. Fernanda agradeceu e tomou um gole antes de seguir o conselho do padre e abrir a Bíblia aleatoriamente. “Talvez seja melhor mais para o começo”, deduziu, folheando as páginas. Parou em Deuteronômio 28. Seus olhos escolheram o versículo 20: “E o SENHOR te enviará a maldição, o pânico e a ameaça em todos os teus empreendimentos, até seres destruído e pereceres bem depressa pela perversidade de tuas ações, pelas quais me abandonaste”.

— A primeira vez nunca vale – disse para si, fechando a Bíblia e tomando mais um gole do destilado. – Agora terei mais sorte.

Abriu em Salmos. Escolheu o 109. Iniciou a leitura no versículo 18: “Revestiu-se de maldade como de um manto; que ela entre nele como água, e nos seus ossos como óleo. Que ela lhe seja como veste que o cobre, e como um cinto que o aperte sempre”.

— Não pode ser... Não pode ser... – balbuciou, balançando negativamente a cabeça. Levou o copo novamente à boca. “Talvez mais para o fim”, decidiu, abrindo em Apocalipse. Sentiu um calafrio. Fechou os olhos. Com o dedo indicador, passou pela página. “Meu Deus, me diga alguma coisa boa”, sussurrou. Abriu os olhos. Estava apontando para o quarto versículo do capítulo 17: “A mulher estava vestida de púrpura e escarlate, e toda enfeitada de ouro, pedras preciosas e pérolas. Tinha na mão um cálice de ouro cheio de abominações, as imundícies da sua prostituição. Na frente da mulher estava escrito um nome enigmático: ‘Babilônia, a grande, a mãe das prostitutas e das abominações da terra’”.

Com as mãos trêmulas, levou o copo de bebida à boca. Sentiu um gosto horrível.

— Merda de uísque! – berrou, atirando o copo ao chão.

— O que aconteceu? – perguntou a aeromoça intrigada, aproximando-se da top model.

— Este uísque está uma droga!

— Desculpe-me, senhora. Quer que eu lhe traga um novo copo?

— Não, obrigado – adiantou-se Jacob, levantando de sua poltrona.

— Se precisarem de algo, me chamem – insistiu a aeromoça, abaixando-se para recolher o copo e enxugar o chão.

— Obrigado novamente – respondeu Jacob, sentando-se ao lado de Fernanda.

— Eu já disse que a poltrona está ocupada – reclamou a brasileira.

— Você está lendo a Bíblia, Fernanda? – surpreendeu-se o empresário, ao espiar o livro que ela tinha em mãos.

— Infelizmente... – retrucou, desanimada.

— Quer salvar sua alma? – perguntou-lhe Jacob.

A brasileira virou-se para ele, assustada. Até aquele momento, ela não se dera conta de que a perdera. E Deus parecia lhe dizer que não havia mais volta.

Enquanto tomava chá, David olhou novamente para a tapeçaria inspirada em *A Tempestade*. “Falta apenas um elo... Talvez a Fernanda Albuquerque seja a resposta”, raciocinava.

— Tenho lido seus artigos no *The Star* – disse *lady* Charlotte, pegando um mini *croissant*.

— Aposto que faz isso escondida dele – insinuou David.

— Não lhe diga que revelei isso, mas seu pai sempre comenta que suas matérias são as únicas que prestam no jornal.

— Ele também deve lamentar que eu não segui a carreira diplomática – queixou-se.

— Ele reconhece seu talento, David.

— Por isso repetiu algumas vezes que eu joguei meu futuro no lixo? – rebateu o jornalista.

— Fiquei chocada com a morte de *sir* Alexander Cotton – *lady* Charlotte mudou o rumo da conversa.

— Ele foi assassinado, mãe.

— Eu li seu artigo.

— O que achou?

— Assustador.

— O que ele achou?

— Fez um comentário antes de sair para a cavalgada: “Ele teve o que merecia”.

— Se ele deseja isso aos amigos...

— Ele não era amigo de seu pai, David – interrompeu *lady* Charlotte.

— Seu marido me jogou na fogueira por causa de algumas pessoas. *Sir* Alexander Cotton estava entre elas. E nada do que ele diga poderá mudar isso – retrucou o jornalista, cruzando os braços.

— Seu pai fez isso para defendê-lo – afirmou sua mãe, encarando-o.

“Ela não mentiria olhando em meus olhos”, pensou o jornalista, emendando uma pergunta:

— Tem notícias de Georgina?

— Sua irmã está ótima. No próximo mês, talvez passe alguns dias em Londres.

— Fico feliz em saber. Vou ser promovido no jornal, mãe.

— É uma ótima notícia, filho. Merece uma comemoração.

— *Lady* Charlotte, eu a convido para um jantar no Pierre Gagnaire.

— Não recuso esse convite por nada – respondeu sua mãe, pegando a xícara de

chá.

Por um breve instante, David sentiu-se leve, sem os fardos da última semana. Dos últimos anos. Conhecera Paris em uma viagem com os pais, aos doze anos. Desde então, frequentava a Cidade Luz com *lady* Charlotte. A intimidade de sua mãe com a França vinha do berço. Ela nascera naquela cidade e se mudara para Londres antes de completar três anos. Para o jornalista, as lembranças de Paris eram sempre acolhedoras. E se tornaram um excelente refúgio naquele momento. Podia sentir o aroma adocicado das *boulangeries*. Naquela cidade aprendera a amar a gastronomia e os vinhos. “Será que algum dia Mary e eu...”, pensava, com um sorriso no rosto e o olhar distante.

— Alguém mais participará da comemoração? – indagou *lady* Charlotte.

— Não convidarei mais ninguém.

— Você está sozinho?

— Ainda não sei.

— Ela também é jornalista?

— É uma repórter americana.

— Trabalha no *The Star*?

— É a minha assistente, mãe – revelou David, tomando mais um gole de chá.

Sua mãe sorriu. Sabia o quanto o filho sofrera com a morte de Susan e desejava, mais do que ninguém, que ele encontrasse uma pessoa capaz de curar seu coração.

— Desculpem-me – anunciou-se James, à porta do salão de jogos.

— O que houve? – questionou *lady* Charlotte.

— *Sir* Rowling está à espera de *sir* David na sala de estar – respondeu o mordomo.

Aquelas palavras arrancaram o jornalista de seu refúgio.

— Com licença – disse para sua mãe, levantando-se da mesa.

— Seja compreensivo com ele, meu filho – insistiu, mais uma vez, *lady* Charlotte.

O Ropers Garden era pequeno, mas agradável. No centro, ostentava a escultura de uma mulher nua com o rosto voltado para cima e parcialmente coberto pelo braço esquerdo. O direito também se estendia em direção ao céu. A jornalista se aproximou.

— Linda... Transaria com você só para escandalizar *sir* Thomas More, que fica sentado logo ali, de costas para a igreja. Se aceitar minha proposta, é só chamar. Estou sentada aqui – disse, sorrindo e apontando para o banco em frente, encostado no muro.

Sentou-se e acendeu outro cigarro.

— Aqui a companhia é bem melhor. Essa escultura... Ela parece uma sacerdotisa – observou, dando um trago.

Abriu o *The Star* e leu sua segunda matéria, encomendada por Carolyn. A amizade com a brasileira alavancara o início de sua carreira jornalística em Londres. Era apenas uma assistente e já emplacara duas chamadas de capa. Em Nova York, sempre circulara nos melhores lugares, com as roupas e as joias mais cobiçadas. Era inevitável que conhecesse a nata da *high society* internacional. Sua agenda tinha desde príncipes árabes e milionários russos até ganhadores de Oscars e Emmys. O caminho até Fernanda Albuquerque fora diferente. Ela se aproximara da modelo poucas semanas após sua mudança para Nova York. Na época, a brasileira não passava de um rosto desconhecido na multidão. Mary deixou o jornal de lado, tragou o cigarro e fechou os olhos.

— Preciso de um favor, Mary – dissera Jacob na reunião social promovida na mansão de sua família.

— Se estiver ao meu alcance... – respondera, com um sorriso no rosto.

— Quero que se torne amiga de uma modelo brasileira. Ela acaba de chegar à cidade.

— Como ela se chama?

— Fernanda Albuquerque.

— Nunca ouvi falar, Jacob. O que eu ganharia com isso?

— Em primeiro lugar, Mary, você conheceria uma pessoa interessante. Em segundo, teria a chance de experimentar uma amizade verdadeira. Algo raro no mundo em que você vive. Em terceiro... – explicava até observar a aproximação do pai de Mary.

— Faria um favor a você mesma, querida. Quando essa brasileira se tornar uma celebridade internacional, vai querer pagar tudo o que fez por ela. As pessoas que vêm de baixo costumam ser generosas na retribuição de gentilezas. Aprenda isso – o homem aconselhara a filha antes de se retirar para conversar com dois senadores.

— Ele sempre chega nos momentos certos – comentara Jacob.

— Que interesse ele tem nisso? – indagara ao empresário.

— Seu pai é um empreendedor, Mary. Ele sempre enxerga os melhores investimentos.

— Ele é um...

— Não complete a frase – interrompera Jacob. – Não quero ser acusado de conspirar contra ele – terminara com um sorriso.

— Quando seremos apresentadas?

— Amanhã, na minha casa.

— Se meu pai está envolvido nisso, Jacob, não posso recusar o convite. Agora, se me permite, pegarei mais champanhe.

Mary abriu os olhos. Não estava mais em Nova York. Tragou o cigarro, contemplando a escultura no centro do Ropers Garden. As promessas de Jacob se cumpriram. Ela realmente conhecera uma pessoa interessante. Aprendera a falar português e passara a admirar o Brasil. A top model também se tornara uma amiga de verdade, diferente da maioria, “falsa como as grifes de Chinatown”, como ela mesma gostava de dizer. Com Fernanda Albuquerque, trocava confidências, ria, chorava... Sentiu um aperto no coração. Não era apenas a ela que a top model devia retribuir gentilezas. Conhecía as pessoas que estavam por trás de sua ascensão. Sabia que a dívida da brasileira era enorme. E podia estar prestes a ser cobrada.

Como um autômato, David saiu da sala de jogos, atravessou o salão de armas e chegou à ampla sala de estar. Flagrou o pai de costas, observando uma foto da família sobre o parador da lareira. O tradicional *hacking jacket*, com corte cintado, racha nas costas e bolsos com palas na diagonal, caía sobre as calças *riding breeches*. Nos pés, botas *jodpur* completavam o uniforme de cavalgada de *sir* Henry Rowling. O jornalista pigarreou para chamar sua atenção. O banqueiro e presidente da Chatham House virou-se na direção do filho. Desde as mais remotas lembranças de David, seu pai sempre usava aquela barba cerrada e aparada com precisão. Após dois anos sem vê-lo, achou-o parecido com um de seus escritores favoritos: o norteamericano Ernest Hemingway. Assim que viu o filho, a expressão circunspecta foi substituída por um sorriso amigável.

— Estava vendo a foto – disse seu pai, apontando para o aparador. – Eu era feliz naquela época.

— Eu também – comentou David. – Naquela época, eu tinha um pai.

— Vamos conversar durante a caminhada, filho.

— Tenho pouco tempo. Preciso trabalhar – informou David, acompanhando seu pai até a saída do castelo.

— Essa é aquela bengala que eu usava quando você era pequeno? – perguntou *sir* Rowling, assim que passaram a construção e entraram em um caminho de terra batida, ladeado por carvalhos.

— Sim.

— Então, filho, é a mesma que eu usei para protegê-lo do “monstro”.

— Você me chamou aqui para conversarmos sobre reminiscências?

— Chamei você aqui para mostrar que, mesmo distante, eu estava perto de você, te protegendo.

— Você me traiu, Henry – atacou David, com a voz embargada.

— Respeitarei essa sua opinião se continuar com ela depois de me ouvir, filho.

— Então, fale.

— Você estava certo, havia uma organização satânica por trás daqueles assassinatos. E *sir* Alexander Cotton era o líder.

— E por que você encobriu esses criminosos e ficou contra mim? Também faz parte disso? – disparou David.

— Não diretamente.

— Como assim? – indagou o jornalista, assustado. Ele parara de caminhar e encarava seu pai pela primeira vez desde que o reencontrara.

— Vamos continuar nossa caminhada, estamos chegando ao meu pequeno paraíso – sugeriu *sir* Rowling, referindo-se aos jardins.

— Eu lhe fiz uma pergunta.

— Na época em que eu era membro da Câmara dos Lordes, David, *sir* Cotton se aproximou de mim com uma proposta tentadora. Ele me presentearia com um banco de investimentos, desde que eu aceitasse certas condições.

— Vocês eram sócios?

— Não. O banco sempre foi meu. Mas ele o utilizava como fachada para operações financeiras duvidosas – revelou *sir* Rowling, sem alterar a voz.

— Como o financiamento de psicopatas? Por que você aceitou fazer parte disso?

— Eu desconhecia o lado sombrio de *sir* Cotton até ler seus artigos, David.

— E por que não aproveitou a oportunidade para se livrar dele?

— Na primeira vez que tentei fazer isso, ele ameaçou me arruinar financeiramente. Na segunda, disse que tinha provas contra mim. Eu seria processado por fraude fiscal e passaria o resto da vida atrás das grades. Mesmo assim, estava decidido a correr o risco para manter a consciência limpa. Foi quando ele ameaçou matá-lo, David. Para protegê-lo, cedi à chantagem – terminou a explicação com um suspiro prolongado.

— Por que... Por que você não me contou isso? Poderíamos ter resolvido juntos.

— Uma das coisas que me fazem ter orgulho de você, David, é sua integridade. Se eu contasse tudo, você enfrentaria *sir* Cotton. E ele não mediria esforços para assassiná-lo. Não, David. Eu jamais permitiria isso. Por outro lado, se eu o renegasse publicamente, você estaria protegido desse bando. Foi minha escolha. A escolha de um pai desesperado.

Eles já haviam chegado ao jardim. *Sir* Rowling parou diante de uma fonte. A água escorria sob uma reprodução de mármore da Diana de Versalhes. A mão esquerda da deusa estava estendida sobre a corça, companheira de caçada. A outra sacava uma flecha da aljava. David evitou os olhos de seu pai. Estava confuso. Sentia-se envergonhado por tê-lo odiado tanto.

— Vamos continuar a caminhada? – sugeriu o jornalista. – O adiantamento da minha herança fazia parte do acordo?

— Foi uma exigência minha. E *sir* Cotton acatou – respondeu *sir* Henry, acompanhando seu filho.

Pietro sentou-se em uma das mesas reservadas para o café da manhã. Colocou o bloco de notas e o celular na cadeira ao lado e pediu um espresso duplo. Um acesso de tosse deixou-o sem fôlego. Sentiu uma pontada dolorida no supercílio esquerdo e fechou os olhos. Amava a Igreja Católica, mas estava profundamente magoado. Lembrou-se da sentença do cardeal Gabriele: “Você está temporariamente afastado de suas funções eclesiais. Outro padre assumirá seu lugar. E você será transferido para um mosteiro na Grécia, onde terá tempo para reflexões e pagará penitência pelos seus pecados”. Uma lágrima escorreu em seu rosto. Talvez aquela punição fosse apenas a maneira que Deus encontrara de salvar sua alma do inferno. A xícara de café chegou à mesa. Ele agradeceu e tomou um gole, sem açúcar nem adoçante.

— Apenas mais dois dias para sair desse turbilhão – desabafou consigo mesmo, sentindo um misto de alívio e tristeza. – Meu Deus, iluminaí meu caminho para que eu seja um instrumento em Suas mãos.

Pegou o bloco de notas. Uma folha solta caiu no chão. Estava dobrada duas vezes. David entregara-lhe aquilo no Brompton Oratory. Segundo ele, alguém parecido com John Dee dissera-lhe aquelas palavras em um sonho. Mas, atropelado pelas circunstâncias, o padre ainda não se dedicara àquilo. Passou os olhos pela mensagem: *Othil lasdi babage od dorpha Gohol!*

— Talvez se eu conseguisse decifrar isso... Pode ser uma chave – pensou em voz alta, terminando a xícara de café. Colocou o celular e o bloco no bolso do casaco e seguiu até o *business center*. Conferiu suas anotações sobre os escritos de John Dee.

— Uma chave! – exclamou, baixando novamente o manuscrito digitalizado de *Claves Angelicae*. Na ferramenta de busca, digitou aquelas palavras incompreensíveis.

Sua suspeita se confirmava. Eram palavras escritas na linguagem enoquiana, em caracteres latinos. No livro, elas introduziam a Quarta Chave.

— David, o diabo realmente procurou você. Vamos ver o que ele te disse – concluiu Pietro, voltando-se à versão inglesa da mensagem, também escrita pelo punho de John Dee:

Coloquei meus pés no sul e olhei à minha volta dizendo: “Não são os Trovões do Crescimento de número que reinam no segundo ângulo? Sob eles coloquei que nunca foram numerados, exceto um. Nele o segundo princípio das coisas está e cresce forte. Sucessivamente, também são os números do tempo. Seus poderes são

como os do primeiro . Levantem-se, Filhos do Prazer, e visitem a Terra. Eu sou o Senhor vosso Deus que É e vive para sempre. Em nome do Criador, movam-se e revelem-se como agradáveis entregadores para que possam louvá-Lo entre os filhos dos homens”.

— Filhos do Prazer talvez sejam os anjos caídos. E o deus dessa mensagem não é o verdadeiro, mas aquele que quis se igualar a Ele, o líder da rebelião, Lúcifer, Samyaza, o mestre de John Dee. Mas o texto continua cifrado. O que significam esses números? A localização do livro maldito... Ninguém melhor do que David para me ajudar a solucionar este enigma – deduziu Pietro em voz alta, transcrevendo a Quarta Chave.

Os dois já haviam atravessado a maior parte do jardim, e estavam a menos de cem metros da entrada do labirinto. Ao fundo, era possível avistar o bosque onde *sir* Henry Rowling praticava caça esportiva. As pernas de David começaram a reclamar. Pareciam se recusar a prosseguir naquele caminho. O formigamento acentuava-se a cada passo. Para melhorar o equilíbrio, ele colocou mais força na bengala. Coração acelerado. Respiração arrastada. O suor escorria em seu rosto e molhava as costas. De repente, ele parou. Olhos arregalados.

— Tudo bem, filho? – perguntou *sir* Rowling.

— Tudo.

— Se preferir, podemos voltar – sugeriu seu pai.

— Por que você nunca me deixou entrar no labirinto? – indagou o jornalista, voltando-se para ele.

— Porque ele é traiçoeiro, David. É fácil se perder e muito difícil encontrar a saída. Além disso, ele é perto do bosque. Animais selvagens costumam usá-lo como esconderijo. Você se lembra do “monstro”?

— Ele surgiu perto do labirinto... – recordava-se.

— Tínhamos acabado de passá-lo e caminhávamos no bosque. Imagine se você se perdesse no labirinto e fosse atacado por uma matilha de lobos.

— Provavelmente não estaria aqui hoje – observou David, fitando a entrada da armadilha.

— E eu me culparia por isso pelo resto da vida.

— Eu tenho uma lembrança vaga... Acho que já estive lá... Cheguei ao centro...

— Você teve um pesadelo com isso e acordou chorando. Deve ter confundido sonho com realidade.

— Pode ser... O que existe no centro?

— Uma pequena cabana. Quer ir até lá?

David olhou para o relógio de pulso e respondeu, girando sobre o calcanhar:

— Talvez em outra ocasião. Tenho muito trabalho à minha espera. É melhor voltarmos.

A promessa de alívio imediato revelou-se falsa. Seus primeiros passos foram acompanhados pela sensação angustiante de que monstros estavam à espreita na entrada do bosque e poderiam atacá-lo pelas costas.

— O que pretende fazer agora que *sir* Alexander Cotton está morto? – indagou o jornalista.

— Primeiro quero me redimir com você, depois com a sociedade.

— Como pretende realizar a segunda parte?

— Desde que *sir* Cotton começou a me chantagear, segui o conselho de um velho amigo: “Às vezes, para vencer o mal, é necessário barganhar com o próprio diabo”. Reuni centenas de documentos que incriminam a ele e a sua organização terrorista. Pretendo lhe entregar o dossiê.

— Vamos derrotá-los! – vibrou David.

— Fico feliz de fazer parte de sua equipe – completou seu pai, sorrindo.

— Quero esclarecer outra coisa – adiantou-se o jornalista. Estavam a poucos passos da deusa da caça.

— Se estiver ao meu alcance...

— Quando eu tinha sete anos, costumava brincar nesse lugar com outro garoto. Se não me engano, ele se chamava Andrew. Quem era ele? O que aconteceu com ele?

— Eu havia me esquecido disso. Andrew era filho ilegítimo de *sir* Cotton. Ele pediu a mim e sua mãe que cuidássemos dele por um tempo. Pretendia enviá-lo à França. Certa madrugada, ele nos acordou, dizendo que era o momento de levá-lo embora. Chegou com uma comitiva de homens fantasiados. Nunca mais vi esse garoto – explicou *sir* Rowling.

— O bastardo X!?

— O que você disse, David?

— Talvez ele seja o *serial killer* – disparou o jornalista.

— Lamento fazê-lo passar por isso – disse *sir* Rowling, parando novamente diante da fonte de água.

— Não foi culpa sua... – retrucou David, relutante.

— Preciso do seu perdão, filho.

Aquela frase trouxe à sua memória as palavras do padre durante o último jantar: “De um lado, há o caminho da reconciliação, do amor, do perdão. Do outro, o atalho do ressentimento, da vingança, do ódio. Se você seguir pelo segundo, garanto que vai cair em um abismo”. Fitou os olhos de seu pai. Uma lágrima resistia em cair.

Após o farto café da manhã, Pietro contemplava a vista do Hyde Park do sofá de sua suíte. Estava ansioso. Queria ligar para David e compartilhar sua descoberta. Mas sabia que o jornalista encontraria o pai pela manhã. Seria melhor esperar sua ligação.

— Em poucos dias, serei exilado na Grécia. Quem é esse maldito traidor? O que ele quer com esse livro diabólico? — questionou-se, fechando as mãos em punho.

Lembrou que não lera a última mensagem enviada por Gennaro. “Não deve ser nada muito importante...”, concluiu, abrindo a caixa de mensagens no *notebook*. Ficou surpreso com um e-mail de Michael. Mas resolveu começar pelo do assistente:

Caro professor Amorth, peço-lhe desculpas se, de alguma maneira, considerar este e-mail ofensivo à Santa Madre Igreja. Não o enviei antes por julgá-lo inadequado, mas mudei de ideia ao me lembrar do seu conselho: “Às vezes, é melhor deixar a batina no guarda-roupa e agir como um pesquisador”.

— Vamos ver se isso se encaixa nesse caso, Gennaro — advertiu Pietro, voltando à mensagem:

Os protestantes interpretam algumas profecias de maneira desfavorável, apontando a Santa Sé como o lugar escolhido pelo Anticristo para seduzir as multidões. Segundo eles, a Grande Prostituta do Apocalipse é a Igreja Católica, que se afastou dos ensinamentos de Jesus Cristo e, portanto, o traiu. De qualquer maneira, concatenei os textos protestantes sobre o surgimento do Anticristo. Se quiser, posso enviá-los ao senhor. In Christo et Maria, Gennaro.

— Gennaro, isso é bobagem! Os sectários não aceitam a autoridade do papa. É natural que o identifiquem com o inimigo e o ataquem. Mas quando fazem isso, estão renegando o próprio Jesus Cristo. A Igreja Católica é... — explicava em tom professoral. “O traidor pode ser um servo do diabo querendo minar a resistência da Igreja. Ou um satanista pretendendo se apropriar dessas interpretações equivocadas das profecias para usurpar o poder e a glória de Deus”, raciocinava.

— Isso talvez explique por que esse miserável se uniu aos inimigos e tramou para me afastar dessa missão. Eu não servirei para nada em um mosteiro isolado. Meu Deus, esse livro precisa ser encontrado e destruído. O traidor deve ser desmascarado e... — interrompeu a frase antes de dizer a última palavra. Mas ela ecoou em pensamento: “Morto”. “Deus é o juiz. Você quer se igualar a ele?”, aquela lembrança atingiu seu espírito com um “cruzado de direita”. “Você é tudo o que um padre não deve ser, Pietro”, a acusação do cardeal Gabriele também o golpeou com

força. Ainda atordado, abriu o e-mail de Michael:

Caro Giovanni de Santis, soube que o senhor terminou seu negócio em Londres. Gostaria de encontrá-lo para um espresso duplo daqui a dois dias, antes de embarcar para a Itália. Preciso lhe entregar alguns documentos e lhe desejar uma boa viagem. Seu anjo protetor.

— Preciso encontrar uma maneira de fazê-lo revelar o nome do traidor — disse para si, acessando o Google Images e colocando o nome da top model brasileira. Abriu uma galeria de retratos e acessou *Arquivo de Família*. Em uma das fotos, Fernanda Albuquerque não passava de uma criança desconhecida no interior do Brasil. Embora hesitante, ampliou aquela imagem. Pietro conhecia aquele sorriso. Fechou os olhos.

O jornalista estendeu a mão. Era sinal de que escolhera o caminho defendido pelo padre, o do perdão. *Sir* Rowling sorriu e apertou a mão de seu filho antes de puxá-lo contra o próprio corpo. Desejava uma reconciliação menos formal. David sentiu o coração de seu pai. Estava aliviado e feliz. Sentia-se forte. Seria capaz de entrar no labirinto e enfrentar os “monstros” escondidos em seus corredores traiçoeiros.

— Eu te perdoo, pai – sussurrou David.

— Obrigado, meu filho. Eu realmente precisava disso – respondeu *sir* Rowling, afastando o corpo para ver seu rosto. Enquanto fitava olhos represando lágrimas, as suas desciam livremente pelas faces. Limpou-as com as costas da mão direita. Era a primeira vez que o jornalista flagrava o choro de seu pai. E percebia quão frágil aquele homem podia ser.

— Estou feliz por ter minha família de volta – comentou o jornalista, abrindo um largo sorriso.

— Que a deusa Diana e sua corça sejam testemunhas deste momento – anunciou *sir* Rowling, apontando para a escultura sobre a fonte. – Este anel está em nossa família há centenas de anos... – prosseguiu, levantando o indicador direito na altura dos olhos de David. – ...passando pelos primogênitos de geração em geração.

— É o brasão de nossa família – observou o jornalista.

— É mais do que isso. É a nossa ligação com o passado e com o futuro. Você deveria recebê-lo após a minha partida.

— Você esqueceu que eu já recebi minha parte na herança? – brincou David.

— Você pode perder os bens materiais, mas sua história pessoal não pode ser roubada de você, nem corroída pelo tempo. Ela é a sua verdadeira herança, filho.

— O que quer dizer com isso, pai?

— Que eu vou quebrar a tradição – respondeu-lhe, retirando o anel do dedo.

— Não posso, pai... – murmurou, hesitante.

— Me dê sua mão direita – ordenou *sir* Rowling. O jornalista estendeu-a em sua direção.

— David, aceite este anel como prova de lealdade. Que ele seja uma ponte entre seus antepassados e seus descendentes. Ele deve permanecer em seu dedo até que seu primogênito se despeça de sua alma e enterre seu corpo – enunciou aquelas palavras solenemente, enquanto deslizava o anel no dedo indicador do filho.

— Ele é pesado.

— É o peso da árvore genealógica... Do seu sangue. Você aprenderá a conviver com isso.

— Espero que sim.

— Vamos voltar? Não quero que se atrase para seus compromissos profissionais.

— Adeus, Diana – David acenou para a estátua.

— Até breve – participou seu pai. – Quando quer receber o dossiê contra *sir* Cotton e seus lacaios?

— Nos próximos dias, estou com a agenda bem apertada.

— O que acha de passarmos o próximo fim de semana juntos? Podemos unir o útil ao agradável. Eu lhe apresento o dossiê e, nas horas vagas, caçamos, cavalgamos, jogamos *bridgt* e... tentamos chegar ao centro do labirinto.

— É uma proposta tentadora. Mas poderei responder apenas no decorrer da semana. Tudo bem?

— Sem problemas – respondeu *sir* Rowling, fazendo uma breve pausa antes de emendar. – E sinta-se à vontade se quiser trazer alguém.

David sentiu um aperto no coração. Há quinze anos, seu pai fizera aquele mesmo convite. Ele sofrera o trágico acidente na volta para Londres. E perdera Susan. Se pudesse retroceder no tempo, sua resposta seria outra.

— Se não tiver compromissos que me impeçam de estar aqui no próximo fim de semana, pai, virei sozinho – retrucou David, resoluto.

— Como quiser, filho.

Os dois chegavam à porta principal do castelo.

“Não posso me esquecer do escudo. Os meus dois chefes me aconselharam a usá-lo”, pensou Michael. Abriu a pasta ao lado do computador e apanhou, na última divisão, um pequeno saco de couro, amarrado com uma tira. “Vou deixar isso no bolso. Por garantia.” Verificou, pelo computador, a localização de David. Continuava em Upper Slaughter. “Preciso me livrar dessa organização... E a melhor maneira é detoná-la. Não vejo melhor aliado para isso do que o jornalista. Mas tudo tem que ser calculado com precisão... O senador não pode desconfiar de nada”, deduzia Michael, abrindo o editor de textos.

— Vamos fazer o *check-list*, senador, e estudar o melhor organograma – disse para si, com os dedos prontos para materializar seu raciocínio:

Operação: Cabeça Falante

. *Interceptar carta para a deusa*

Local: Mandarin Oriental (Sala de convenções);

Horário: A partir das 20h;

Estratégia: Vigiar movimentação na coletiva de imprensa. Capturar pombo-correio.

. *Caçar e decapitar bastardo*

Local: Hyde Park (?);

Horário: A partir das 21h (Término da coletiva, monitorar escuta);

Estratégia: Montar guarda na saída. Perseguir e eliminar o alvo.

. *Voltar ao Quartel General*

Origem: Indeterminado

Horário: Indeterminado

Estratégia: Escolher e seguir a melhor rota de fuga, carregando a maldita cabeça e o machado.

— Preciso reconhecer o terreno – concluiu em voz alta, fazendo o *download* e imprimindo um mapa do Hyde Park e da vizinhança. – Depois da Operação Luxúria, o Feiticeiro provavelmente seguirá para o parque. É a melhor maneira de fugir sem ser notado, ainda mais se estiver com marcas estranhas pelo corpo. Ele também se sentirá mais seguro tendo lugares em que possa se esconder.

Poucos metros separavam a parte de trás do hotel de um dos maiores parques londrinos. Com uma caneta vermelha sobre o mapa, Michael partiu do Mandarin Oriental, cruzou a South Carriage Drive e chegou ao Hyde Park.

— Neste ponto começa a fuga de Andrew, e a minha perseguição. Tenho que visitar o local o mais rápido possível. E é melhor fazer isso com o equipamento às costas – disse para si, desligando o computador.

Pegou uma mochila no quarto e acomodou dentro dela o machado e um saco estanque impermeável e com boa vedação. Pretendia usá-lo para guardar a cabeça sem deixar um rastro de miolos e sangue pelo caminho. Para a missão de reconhecimento, escolheu um figurino casual: botas, calça jeans, camiseta preta, casaco verde-oliva e boné. Dobrou o mapa e guardou-o no bolso interno do casaco. Vestiu óculos escuros e colocou a mochila às costas.

— Você fez regime nas últimas horas? Parece mais leve – conversou com o machado, usando as fitas ajustáveis da mochila para distribuir melhor seu peso pelas costas.

Conferiu o relógio de pulso: onze e trinta e três. Caminhou apressadamente até a estação Hampstead, da linha Northern.

Lady Charlotte estava de pé diante da lareira. Esperava, apreensiva, a volta do marido e do filho. A porta se abriu. Primeiro, ela conferiu o semblante de *sir* Rowling. “Ele deve ter tirado o peso das costas”, deduziu, virando-se para David. O filho parecia feliz. *Lady* Charlotte deixou escapar um prolongado suspiro de alívio.

— A caminhada foi muito boa – comentou seu marido.

— Pena ter sido tão rápida – emendou David, olhando o relógio de pulso.

— Vai almoçar conosco? – perguntou sua mãe.

— Infelizmente não tenho tempo. O trabalho me obriga a voltar.

— Talvez ele passe o próximo fim de semana aqui, não é mesmo, David? – insistiu seu pai.

— Talvez – respondeu David, aproximando-se da mãe para um abraço de despedida.

— Muito obrigada, filho – ela sussurrou em seu ouvido.

— Não me agradeça por isso – respondeu-lhe. Trocando a bengala de mão, voltou-se para o pai com um sorriso no rosto e a mão direita estendida, ligeiramente virada para cima.

— Um belo anel, filho – observou *sir* Rowling, apertando sua mão.

“Ele entregou o anel a David! Por que não me disse que faria isso?”, pensou *lady* Charlotte, lançando um olhar preocupado na direção dos dois homens.

— E se eu não tiver filhos, pai, para quem deixarei isso? – brincou David.

— Isso é problema seu. Já fiz minha parte – rebateu *sir* Rowling, sorrindo.

O mordomo James abriu a porta, com um sorriso no rosto.

— Adeus, David.

— Adeus, James.

O jornalista entrou no Jaguar e deu a partida. Antes de passar pelos grifos que guardavam a propriedade, ativou o viva-voz. Tinha duas ligações urgentes para fazer. Resolveu começar por sua assistente. Mary atendeu no segundo toque.

— Olá, Mary, tudo bem?

— Mais ou menos.

— Algo errado com a chegada de Fernanda Albuquerque? – adiantou-se David.

— Não. Descobri hoje, pelo jornal, que perdi a maior aula de jornalismo da minha vida. Parabéns pela matéria sobre *sir* Cotton.

— Obrigado, Mary. Mas isso é apenas a ponta do iceberg. E você pode me ajudar a trazer o resto à tona.

— Estou às suas ordens.

— Devo chegar a Londres em aproximadamente uma hora e meia. Precisamos fazer uma reunião antes do seu chá da tarde com a Fernanda.

— Quer me adiantar algo?

— Prefiro conversar pessoalmente.

— Onde quer me encontrar?

— Perto da sua casa... Diante da escultura de David Wynne, próxima à Albert Bridge.

— Estou ficando íntima das esculturas de Chelsea – brincou Mary.

— Ligo quando estiver próximo. Até logo – despediu-se David, acionando o número de Pietro. Tocou até cair na caixa postal. Ele resolveu tentar novamente.

Aquela criança era encantadora. Na primeira vez que a viu, ela trajava um vestido rosa-claro com um laço branco amarrado na cintura. O cabelo loiro e liso, na altura dos ombros, estava preso nas laterais por presilhas coloridas. Os olhos azuis encaravam-no com curiosidade.

— Como esse anjinho se chama? – questionou-lhe, agachando-se para diminuir a distância que os separava.

— Você fala engraçado – ela surpreendera-se com o sotaque. Era a primeira vez que ouvia um estrangeiro conversar em português.

— Sou italiano.

— Ele é o novo padre, filha – justificou sua mãe.

— O Jorge falava como a gente, mãe. Esse padre fala engraçado – retrucou a menina.

— Eu me chamo Pietro. E você?

— Eu me chamo Fernanda. Tenho sete anos.

— Está na idade para a Primeira Comunhão, não é mamãe? – indagou Pietro, virando o rosto para a mulher.

— A Fernanda começa o catecismo na semana que vem, não é filha?

A menina respondeu com um sorriso que Pietro jamais esqueceu. Era como se o próprio Deus olhasse para ele por aqueles pequenos olhos azuis.

— Depois da missa, quero que passem na sacristia. Tenho um presente para você, Fernanda – prometeu-lhe sorrindo e deixando-a impaciente nos sessenta minutos seguintes. Às vezes, ele olhava na direção das duas e flagrava a pequena cochichando com a mãe. Estava visivelmente ansiosa. Ao terminar a bênção final, a menina saiu em disparada até a entrada da sacristia. Chegou antes do padre.

— Cadê meu presente? – ela cobrou Pietro ao avistá-lo.

— Pensei que você tivesse se esquecido – brincou o padre, empurrando a porta e entrando na sala.

— Ela nem me deixou assistir à missa direito, padre. Só falava nisso – revelou a mãe.

— Você já sabe ler? – perguntou Pietro, abrindo um armário e pegando uma Bíblia.

— Estou aprendendo!

— Então, mostre para mim – disse, abrindo o livro e escrevendo algo na primeira página. – O que acabei de escrever? – indagou, entregando-lhe.

— *Que-ri-da Fer... Fernanda, sem-pre que ti...tiver al-gum pro... pro-ble-ma, fe-*

che os o-lhos e a-bra em qual-quer pá-gi-na. Deus fa-la-rá com vo-cê. Um bei... beijo do pa-dre que fa... fala en... en-gra-ça... çado – obedecera-lhe Fernanda.

— Fernanda, este é o seu presente.

Ela ficou quieta, olhando a dedicatória.

— Agradeça ao padre, Fernanda – orientou sua mãe.

— Obrigada, padre.

O celular tocou pela segunda vez. Pietro abriu os olhos no sofá de sua suíte no Mandarin Oriental e apanhou o aparelho. Era David.

— Pode falar, padre?

— Desculpe. Não atendi antes porque estava perdido em divagações.

— Estou voltando para Londres. Tenho uma reunião com a minha assistente e preciso encontrá-lo depois.

— Estarei no hotel à sua espera. Como foi o encontro com seu pai?

— Segui seu conselho. Mas prefiro conversar sobre isso quando estivermos juntos.

— Ótima notícia, David. Só quero adiantar uma coisa agora.

— O quê?

— Lembra que você me entregou uma mensagem estranha que recebeu em sonho?

— Perfeitamente.

— Está cifrada na linguagem enoquiana, criada por John Dee, os “olhos onipresentes” – revelou o padre.

— Você descobriu o que significa?

— Sim, mas também prefiro conversar sobre isso pessoalmente.

— É mais prudente. Ligo quando estiver próximo. Até logo.

Após a ligação, Pietro fechou os olhos novamente. “Por que você escolheu o caminho errado, Fernanda?”, lamentou em pensamento. Talvez descobrisse a resposta ainda naquele dia, e o exílio em um mosteiro grego deixasse de ser um castigo para se tornar sua maior bênção.

No fim da ligação com o padre, David ligou o rádio. Estava feliz pela reconciliação com o pai. Fitou a mão direita sobre o volante e admirou o anel de sua família, como um troféu. Há dois anos, quando foi renegado por *sir* Henry Rowling, arrematara na Sotheby's um Château Mouton Rothschild 1945. O rótulo, desenhado por Philippe Jullian, ostentava o V de vitória e estampava a frase: “*Année de La Victoire*”. Pretendia desarmar a garrafa assim que provasse a seu pai que sempre estivera certo. Partiu do castelo com uma vitória mais gloriosa do que imaginara. Não precisava mais provar nada a ele. E ainda teria sua ajuda para desbancar a seita satânica, além de recuperar o prestígio profissional e a confiança da opinião pública. Merecia festejar com aquele Premier Grand Cru Classé, mas não teria tempo para isso nas próximas horas... Talvez nem nos próximos dias. Era hora de deixar os sentimentos de lado e organizar suas ideias. E nada melhor do que fazê-lo ao ritmo dos *Concertos de Brandenburgo*. “O bastardo X, Andrew, bastardo de *sir* Cotton...”, pensava.

— Meu amigo de infância... — disse em voz alta. O olhar distante remexendo lembranças vagas.

“Se a teoria de Mister Jones estiver correta, Andrew é o *serial killer*. Se conseguíssemos capturá-lo, chegaríamos às provas dos crimes. Ora, se X é filho ilegítimo de *sir* Cotton, e *sir* Cotton é o Duque Negro, ele se torna o principal elo entre a seita satânica e os assassinatos ritualísticos”, deduzia David.

— A questão é: como colocar as mãos nesse psicopata?

“Se a Scotland Yard está acobertando tudo desde o início, jamais investigaria Andrew. A menos que as evidências fossem irrefutáveis... Talvez nesse ponto as profecias do padre indiquem o caminho. A seita satânica... a confraria negra pretende realizar a versão demoníaca do Apocalipse... Um ataque devastador? Um ritual para a concepção do Anticristo? Talvez as duas hipóteses... Talvez os cinco assassinatos anteriores anunciem o que acontecerá com a sexta mulher, a Babalon...”

— Fernanda Albuquerque. Será que eles pretendem...

“Assassinar uma top model é uma forma eficaz de iniciar um cataclismo internacional. Não duvido que façam isso, e aposto que Andrew foi escalado para o trabalho, tem *know-how*. E o melhor momento para apanhá-lo é durante a ação. Tenho que armar o flagrante... Preciso abrir o jogo com Mary. E exigir sigilo. A operação é delicada. Se a brasileira fizer parte da seita e desconfiar de algo, o plano vai por água abaixo.”

— Mister Jones, vamos virar o jogo.

David aproximava-se do lugar em que sofrera o acidente.

— Por que você não aparece agora, miserável? – desafiou o homem com capa preta e máscara. Recordou as palavras de Pietro: “Talvez você tenha visto o contrário: o diabo vestido de homem. Ele é capaz de prodígios sobre-humanos, como aparecer e desaparecer em um piscar de olhos”.

Pisou fundo no acelerador. Passou pelo mesmo ponto em que capotara, há quinze anos, com o velocímetro marcando cento e oitenta quilômetros por hora. Diminuiu a velocidade, olhando pelo retrovisor. Uma sombra escura pairava sobre a pista. “Talvez Pietro tenha razão. É mais do que uma batalha entre homens. Se aquela mensagem que recebi em sonho está em linguagem enoquiana, ela não deve ter vindo do meu inconsciente... Deve ter chegado de fora. Nunca estudei a criptografia de John Dee”, concluiu, com um misto de hesitação e estranhamento.

— Se Andrew estiver com o *Livro das Folhas Prateadas*, é possível que o utilize com Fernanda...

“Naturalmente, esses satanistas acreditam na existência real dos demônios. Pietro também. E eu... Isso não importa agora. Esse livro deve ter o ritual-chave para a realização do Apocalipse Negro. Não duvido das boas intenções de Pietro, mas ele mesmo disse que há um traidor em sua confraria católica. É possível que esteja sendo manipulado por alguém.”

— Preciso ter cautela com ele – disse para si. “Embora, em nosso jantar no Heston Blumenthal, Pietro tenha prometido destruir o livro... Talvez esse não seja o melhor tratamento para uma parte da história inglesa”, ponderava David, ao som de seu compositor favorito.

A poucos metros do escritório de sua casa, o senador Karl Bundy sentiu o celular vibrando no bolso da calça. Havia uma mensagem de Freeman: *Me ligue em quinze minutos*. Conferiu o horário em que a recebera e mirou o relógio de pulso. O prazo se esgotaria em três minutos. “A Operação Luxúria é hoje. Será que ele quer suspendê-la?”, pensou, torcendo para que a resposta fosse positiva. Sentou-se na poltrona confortável de couro marrom e pegou o telefone. Teclou o número sigiloso do banqueiro. Ele atendeu no primeiro toque.

— Olá, senador, tudo bem?

— Tudo bem. As peças para a exposição no Victoria and Albert Museum chegaram hoje – informou Bundy.

— Você supervisionou o embarque do acervo?

— Em seus mínimos detalhes.

— E a escultura do Francês?

— Segui todas as instruções. Ficou impecável.

— Então, o tesouro está bem guardado. E o nosso curador?

— A Operação Luxúria... – dizia Bundy até ser interrompido por Freeman.

— ...Termina hoje à noite com a entrega da cabeça. Amanhã o anjo da guarda deve abrir a exposição.

— Exatamente.

— Você está ciente de que é o responsável pelo resultado dessa missão?

Aqueles palavras soaram-lhe terrivelmente ameaçadoras. Bundy escolhera o melhor profissional e fazia o possível para acompanhar seu trabalho, apesar da distância de milhares de quilômetros. Porém, a missão era delicada e as chances de fracasso aumentavam etapa a etapa, dia após dia.

— Se isso dependesse apenas da minha vontade, senhor... – o senador esclarecia, até ser novamente interrompido. Dessa vez, por um berro ensurdecador. Sentiu um calafrio.

— Você é o comandante! Se o navio afundar, você também morre afogado!

— Estou tentando navegar da melhor maneira, senhor.

— Talvez não tenha escolhido o equipamento adequado. E será culpado por isso – ameaçou Freeman.

— O senhor pode ser mais explícito, por favor? – balbuciou Bundy.

— Você confia no anjo da guarda?

— Colocaria minha mão no fogo por ele – respondeu, fingindo certeza na voz.

— Se estivéssemos no salão dourado, senador, eu emprestaria o maçarico que o

chef usa para fazer *crème brûlée* e derreteria sua mão.

— Por que o senhor está dizendo isso? – questionou Bundy, com o coração na boca.

— Porque esse seu marinheiro de merda foi procurado pelo Servo de Deus. Ele vendeu sua lealdade por um milhão de euros – disparou o banqueiro.

“Não pode ser!”, pensou Bundy, emendando a pergunta:

— O senhor tem certeza disso?

— Você acha que está falando com um amador? – berrou Freeman.

— Me desculpe, senhor.

— Você acha que sua vida vale tão pouco, senador? Eu queimaria um milhão de euros com o maçarico de fazer *crème brûlée*. Não me faria nenhuma falta.

Era outra ameaça. Bundy sabia que aquela fortuna não era nada para um banqueiro bilionário como Max Freeman. Mas era capaz de fazer um homem como Michael arriscar tudo. “Filho da puta. Vai me pagar por isso”, xingou-o em pensamento.

— O que o senhor sugere que eu faça? – indagou, na esperança de partilhar a responsabilidade com Freeman.

— Tire alguns dias de folga em sua fazenda.

— Como assim?

— Esse é o melhor conselho que eu posso dar, senador. Mas não vá sozinho. Adeus.

— Obrigado, senhor – respondeu Bundy, olhando para a foto de sua família sobre a mesa. Naquele momento, entendeu o recado do banqueiro.

O jornalista parou a alguns metros da obra de David Wynne. Mary estava em pé no lugar combinado. Fumava um cigarro para driblar a ansiedade, indiferente à escultura do menino e do golfinho. Estava visivelmente ansiosa, balançando o corpo e olhando para os lados em busca de seu chefe. Em menos de dois minutos, consultou o relógio várias vezes, como se o gesto obrigasse o tempo a passar mais rapidamente. “Se eu não estivesse com tanta pressa, iria torturá-la por mais alguns minutos”, pensou David, com um sorriso no rosto. Ela sorriu aliviada ao vê-lo se aproximar, marcando os passos com a bengala.

— Sua noite foi bem agitada – disse Mary, cumprimentando-o com um beijo no rosto.

— Espero que a sua não tenha sido – retrucou David.

— Por que marcou nosso encontro aqui? Não teria sido melhor na redação do jornal, ou em algum restaurante? – questionou Mary, tragando o cigarro.

— O que acha de um passeio?

— Pensei que fosse uma conversa séria...

— Seguiremos o exemplo dos peripatéticos.

— Quem? – indagou sua assistente, erguendo a sobrancelha esquerda e franzindo o cenho.

— Em grego, “os que passeiam”. Eram discípulos de Aristóteles que filosofavam durante caminhadas ao ar livre.

— Para que lado quer ir?

— Vamos atravessar a Albert Bridge e entrar no Battersea Park. Estamos próximos do Old English Garden, um lugar inspirador – explicou David, dando o primeiro passo. Mary o seguiu.

— Você me disse por telefone que precisa da minha ajuda para trazer o iceberg à tona. Acho que chegou a hora de abrir o jogo – cobrou a americana, olhando para ele enquanto caminhavam.

— Em *off*, Mary – advertiu David, retribuindo o olhar.

— Claro.

— Você já conhecia parte da história e testemunhou um episódio importante ontem à noite.

— O assassinato do lorde arrogante.

— Exatamente.

— Segundo as pesquisas do padre, ele era o chefe da seita satânica. Nessa madrugada, Mary, outro homem ligado a ela foi encontrado morto no escritório de

sua casa – revelou o jornalista.

— Também assassinado?

— As evidências apontam para suicídio. Mas isso não importa. Os investigadores encontraram cinzas no lixo, e alguns fragmentos estavam intactos. Eles fazem possíveis referências ao *serial killer*, ao padre e a mim.

— Uau, David!

— E isso não é tudo. Essa manhã, tive uma longa conversa com meu pai.

— Vocês... Vocês fizeram as pazes? – adiantou-se.

— Isso foi uma das consequências do nosso encontro.

— A mais importante, presumo.

— A que menos nos interessa agora – rebateu o jornalista.

— E o que há de mais importante, David? Você esperava por isso há tanto tempo...

— Ele estava sendo ameaçado por *sir* Alexander Cotton. Agora que o Duque Negro partiu desta para... a pior, meu pai me entregará um dossiê incriminatório contra ele e sua seita.

— Não acha que seu pai errou o *timing*, David? *Sir* Alexander Cotton não pode mais ser julgado. E já recebeu a punição merecida.

— Concordo que o líder está fora de combate. Mas e os demais membros da seita? Todos são corresponsáveis pelas mortes e devem responder por isso. Além do mais, o psicopata que executou os crimes continua solto.

— Você tem razão.

— Mesmo se o caso fosse outro e não envolvesse nenhum crime, eu iria até o fim, Mary. O maior compromisso do jornalista é com os leitores. E a verdade deve prevalecer sempre.

— Não sabia que você era um idealista, David.

— Vamos ao que interessa no momento. O *timing* para dismantelar a seita é perfeito. As evidências mostram que há uma disputa de poder entre duas facções internas: a inglesa e a americana. O assassinato de *sir* Alexander Cotton e o suicídio do conde de Bedford indicam que seus compatriotas estão em vantagem – explicava David, entrando no Battersea Park.

— Deixe-me adivinhar: você pretende apanhá-los nos Estados Unidos e quer minha ajuda? – arriscou Mary.

— Errado. A guerra está acontecendo aqui. E é aqui que eles pretendem iniciar o que o padre chama de... Apocalipse Negro. Não se esqueça de que o deus chifrudo dessas pessoas não é bonzinho. Ele aprecia o sacrifício de mulheres... jovens e belas.

— Uma aberração criada pelos cristãos – comentou Mary.

— Que seja. É nisso que os membros da seita acreditam. E, para mim, já

planejaram o próximo ato. Eles terão a ajuda de uma mulher vulgarmente chamada pelas profecias cristãs de... Grande Prostituta.

Mary parou diante do portão de metal à entrada do Old English Garden. Encarou David com olhos de espanto.

— Quem?

— Em *off*, Mary.

— Você já me disse isso.

— Fernanda Albuquerque.

— Não pode ser! Ela... Isso é besteira... Você tem certeza do que está dizendo, David? – indagou a assistente, colocando um cigarro na boca. Ela o acenderia durante a resposta de seu chefe.

— É uma hipótese muito boa – ele confirmou, retomando a caminhada. – Ela tem alguma ligação com o satanismo?

— Candomblé não é satanismo, David. E Fernanda é espírita.

— Então, se a Fernanda não tem ligação com a seita satânica, não será uma participante ativa do... ritual. Ela será uma vítima passiva – deduziu o inglês

— Se ela corre perigo, é melhor alertá-la.

— Não. Tenho outro plano. Suspeito de quem seja o verdadeiro Estripador de Londres. Acho que ele irá procurar a Fernanda depois do lançamento da campanha publicitária, ou seja, amanhã à noite. É o momento ideal para flagrá-lo – revelou David.

— Quer usar minha amiga como isca? É isso?

— É isso. Se trabalharmos em equipe, sigilosamente, ninguém fará mal a ela. E ainda por cima capturamos o psicopata. Ele é o elo entre *sir* Alexander Cotton e os assassinatos em série.

— Como assim?

— Ele é o filho bastardo do Duque Negro.

— Qual é seu plano? – perguntou a americana, tragando o cigarro. David parou diante do espelho d'água com uma fonte central. Sem dizer nada, encarou Mary por alguns segundos. Sentiu que podia confiar nela e prosseguiu:

— Minha exclusiva será na suíte, certo?

— Certo.

— Durante a entrevista, você espalhará escutas pelo lugar.

— E quem garante que o psicopata irá atacá-la no Mandarin Oriental?

— Suponho que a suíte seja o único lugar em que a Fernanda estará sozinha. Desprotegida.

— E quem vai defendê-la, David? Você?

— Não. Tenho um informante na Scotland Yard tão interessado na resolução desse caso quanto eu. Irei encontrá-lo amanhã pela manhã. Posso contar com você,

Mary? – insistiu o jornalista, fitando os olhos de sua assistente.

— Se acontecer algo de errado, você será o único culpado.

— Posso contar com você? – repetiu-lhe a pergunta.

— Sim.

— Perfeito. Agora precisamos voltar. Tenho um encontro com o padre.

— Aposto que com ele você marcou um almoço – insinuou Mary.

— Não sinta ciúmes, querida. Os padres são celibatários.

— Minha amiga Abby não concordaria com isso.

— Algumas tentações são irresistíveis – brincou David, arrancando risos de sua assistente.

O padre consultou o relógio. Fazia mais de duas horas e meia que David ligara. Apanhou o celular e o bloco de notas e deixou a suíte. Assim que chegou ao restaurante, seguiu uma *hostess* morena de olhos verdes até uma mesa vaga. Em poucos segundos, recebeu o *menu*.

— Estou esperando uma pessoa que talvez chegue depois do almoço. Vou começar com um suco de laranja. Estou gripado e preciso de vitamina C.

— Com licença, senhor – disse o garçom, deixando-o contemplar a vista. Já estava habituado ao céu cinzento de Londres e à atmosfera melancólica e sombria que a cidade exalava. Recordou-se do primeiro enigma revelado na Confraria dos Quatro Anjos: **“Com uma capa azul e um chapéu de abas largas, levantarei de minha fortificação no lago e serei vitorioso”**. O celular tocou.

— Padre, estou a poucos minutos do hotel. Onde posso encontrá-lo?

— Já estou no restaurante.

Ele perambulava pelo Hyde Park havia quase duas horas. Nesse tempo, já avaliara as prováveis rotas de fuga do Feiticeiro e pesquisara os lugares mais discretos para o ritual de decapitação. Era hora de voltar para casa. “Essa noite, a mochila estará mais pesada. Quanto será que uma cabeça pesa?”. O celular interrompeu suas divagações. Era uma ligação dos Estados Unidos, mas não reconheceu o número. Atendeu e ficou em silêncio, aguardando o interlocutor dizer algo que pudesse identificá-lo.

— Papai, você está aí?

— Filho, onde você está?

— Quando você volta para casa?

— Onde você está?

— Estou com a mamãe em um lugar muito legal. Nunca vi tanto brinquedo. E posso comer os doces que quiser.

— Quem levou vocês até aí?

— A gente veio de avião. Papai, vim sentado na cabine do piloto.

— Quem está com vocês?

— Como você se chama, mesmo? – Michael ouviu a voz do filho, mais distante.

— Olá, Michael, tudo bem? – Era o senador Bundy.

— Se você encostar o dedo no meu filho ou na minha mulher...! – explodiu Michael.

— Calma. Eu apenas trouxe sua família para passar alguns dias em minha casa de campo. Chegaram em um jatinho particular. Seu filho adorou. Deveria me agradecer por isso.

— O que pretende?

— Assegurar que tudo transcorra como o planejado.

— Eu nunca fiz nada para que duvidasse da minha lealdade. Você nunca deveria ter envolvido minha família nessa merda!

— Nada vai acontecer a eles... Desde que cumpra sua parte na missão. E... – Bundy não completou a frase.

— O quê? – adiantou-se Michael, beirando o desespero.

— Não caia na tentação de se converter ao catolicismo. Com um milhão de euros, Michael, você não compra outra família, mas pode assegurar que os dois tenham o mesmo privilégio que o filho de certo nobre inglês – ameaçou o senador.

— Não faça nada contra eles!

— O destino dos dois está nas suas mãos.

— Levarei a missão até o fim.

— Não duvido disso. Encaminhei um e-mail com instruções para amanhã. Você abrirá uma exposição no Victoria and Albert Museum. Boa sorte. Adeus – despediu-se Bundy, desligando o telefone.

— Filho da puta, miserável! Vou arrancar sua cabeça, senador maldito! – berrou Michael.

Haviam descoberto sua ligação com o Servo de Deus. “Quem é o traidor?”, pensou. Estava em xeque-mate. Sem escolha. Não podia errar. Precisava dar conta do recado. Deu as costas ao Mandarin Oriental e partiu.

O garçom parecia aflito. Assim que serviu o suco de laranja, deixou cair o *menu*. Abaixou-se para pegá-lo e se apoiou na mesa para levantar, chacoalhando o que estava sobre ela. Desculpou-se e saiu apressado.

— Estou feliz. Você escolheu o melhor caminho, David – disse Pietro, abrindo um largo sorriso e levantando-se para abraçar o jornalista.

— Foi mais fácil do que eu imaginava – comentou o jornalista, sentando-se diante do italiano. O garçom entregou-lhe o *menu*. Em poucos segundos, ele anunciou sua escolha: bacalhau com sidra.

— Algo para beber?

— Suco de tomate temperado.

— Não vai beber vinho? – surpreendeu-se Pietro.

— Infelizmente, tenho pouco tempo, padre. Fernanda Albuquerque chega daqui a pouco.

Pietro teve um acesso de tosse. Ficou sem ar. Apesar dos espasmos, conseguiu agarrar o copo e tomar um gole de suco. Pigarreou.

— Tudo bem? – preocupou-se David.

— Tudo. Acho que peguei uma gripe – respondeu Pietro.

— É melhor se cuidar.

— Terei muito tempo para isso durante meu exílio. Agora vamos ao que interessa. O que descobriu?

— Seu agressor se chama Andrew. Ele é filho bastardo de *sir* Alexander Cotton e... o provável *serial killer* da seita satânica – explicou o jornalista.

— Vamos denunciá-lo!

— Provavelmente a Scotland Yard não investigaria a denúncia. O ideal seria apanhá-lo em flagrante.

— O último assassinato ritualístico ocorreu há dois anos, David. Mesmo que ele atacasse novamente, não saberíamos quando nem onde.

— Mas sabemos quem é a vítima, padre.

— Quem?

— A Babalon – respondeu o jornalista.

— Você está enganado, David. A Grande Prostituta não é uma vítima. Ela escolheu o caminho errado – rebateu Pietro, elevando a voz.

— Conversei com uma amiga pessoal da brasileira. Ela me garantiu que a Fernanda Albuquerque não tem nenhuma ligação com o satanismo.

— E a matéria que você escreveu?

— Foi deturpada pela minha ignorância sobre cultos afro-brasileiros. E pelo sensacionalismo do *The Star*.

— A Fernanda tem ligação com o satanismo, sim – afirmou Pietro, encarando David.

— Você não pode dizer isso só porque ela segue uma religião diferente da sua, padre.

— O pai dela... O pai dela... – balbuciava Pietro.

O suco de tomate chegou à mesa. Contrariando a etiqueta habitual, o jornalista não agradeceu ao garçom. Permaneceu na mesma posição, encarando o italiano. Era um entrevistador experiente, conhecia a linguagem corporal. Pietro estava na iminência de lhe revelar um segredo. Qualquer gesto, por mais banal que fosse, poderia desencorajá-lo. “Confie em mim. Estou pronto para ouvi-lo”, repetiu mentalmente. Em ocasiões anteriores, aquele ritual surtira efeito. Não custava nada tentá-lo com o padre.

— Era feiticeiro – completou Pietro, hesitante.

— Só por não acreditar nas mesmas coisas que você? – questionou David, mudando sua estratégia. Era o momento de colocá-lo na parede. – Se você realmente quer defender isso, deve apresentar provas consistentes.

— Eu preciso lhe fazer uma confissão, David... – sussurrou, abaixando a cabeça. Estava visivelmente envergonhado.

— Se não se importar que eu fique sem batina – brincou o jornalista, na tentativa de descontraí-lo.

— Não me importo, desde que guarde segredo – respondeu Pietro, virando o rosto para ele, com uma expressão séria.

— Em *off* – consentiu David.

— Ele sacrificou uma criança – revelou o padre, mudando o idioma da conversa para italiano.

— Como você sabe disso?

— A história é longa... E seu tempo, curto – esquivou-se Pietro, observando o garçom servir o prato do jornalista.

— Tenho tempo para ouvir – insistiu David, dando o primeiro gole no suco de tomate.

— Poucos anos após a ordenação, entrei em uma crise vocacional. Pensei até em desistir do sacerdócio, David. Foi quando conheci meu atual confessor. Ele me aconselhou a deixar o conforto da minha paróquia, em Turim, e me engajar na vida missionária. Foi assim que cheguei ao interior do Brasil. No mesmo vilarejo em que a Fernanda...

— Quem escolheu o destino? – interrompeu David.

— Meu confessor providenciou tudo – respondeu o padre, silenciando-se em

seguida.

— Desculpe minha interrupção. Prossiga sua história, por favor.

— Eu sabia que Antônio praticava magia negra, embora sua mulher e sua filha, a Fernanda, frequentassem a missa – contava Pietro, com os olhos fixos em David. – Certa tarde, quando eu caminhava pelo vilarejo, uma mulher desesperada passou correndo por mim e suplicando para que eu rezasse pela alma de sua filha. Ela havia entregado a menina ao pai da Fernanda para um ritual de sacrifício.

— Uau! – exclamou o jornalista, surpreso com aquela história.

— Eu sabia que ele fazia suas celebrações no quintal de casa, na periferia. E fui até lá. Eu não podia ficar de braços cruzados, David. Eu... Eu... Subi no muro... – Pietro interrompeu a narrativa. Os olhos perdidos no passado.

— E?

— Aquele filho da puta degolou a criança como se fosse um animal, David! – explodiu Pietro, voltando-se para o jornalista, com as mãos em punho e o rosto ruborizado.

— Meu Deus! – David deixou escapar.

— Eu matei aquele desgraçado com as minhas próprias mãos – prosseguiu o padre. Lágrimas escorriam em seu rosto.

— Você... Você assassinou o pai da Fernanda Albuquerque?

— Esse foi o meu crime.

O jornalista respirou fundo. Não estava apenas diante de um padre assassino, Pietro também era um fugitivo. E sua presença em Londres, poucos dias antes da chegada da top model, não devia ser mera casualidade. “Eles arquitetaram tudo desde o começo”, deduziu David.

— Quem o enviou ao interior do Brasil, padre?

— Meu confessor.

— A mesma pessoa que o mandou para essa missão?

Pietro ficou quieto.

— Entenderei seu silêncio como um sim. Sendo seu confessor, ele sabia do assassinato do pai de Fernanda Albuquerque, não é mesmo?

— Sim. O que está querendo insinuar com isso, David?

— Que você não precisa mais perder tempo procurando seu traidor – disparou o jornalista.

— Isso não, David!

— Isso sim, padre. Ele não o enviou ao Brasil por acaso. Como também não o mandou para cá para uma missão elevada. Ou seu confessor faz parte da seita satânica, ou tem algum interesse escuso nessa trama.

— O que... O que...

— O melhor cúmplice é aquele que não desconfia de nada, padre. Me desculpe,

mas preciso ir.

— Deixe-me ajudá-lo – pediu Pietro.

— Esteja presente na coletiva de imprensa, hoje, às oito horas. Se notar algo que confirme a hipótese de que a top model é a... Babalon, me avise.

— Me perdoe por não ter contado essa história antes. Aqui está a mensagem que você recebeu em linguagem enoquiana – o padre pegou um papel dobrado no bolso do paletó e entregou-o ao jornalista.

— Obrigado. Lerei mais tarde – respondeu David, despedindo-se com um aperto de mão.

Pietro observou-o se afastar a passos largos. Assim que ele desapareceu de sua vista, teve outro acesso de tosse. Quase ficou sem fôlego. “Ele está errado. Gabriele é um servo de Deus. Preciso descobrir quem é o traidor”, pensou. O estômago reclamou. Ele devorou a *salamugundy* e chamou o garçom.

— Me traga um... *hereford ribeye*, por favor – pediu, consultando o *menu*.

Sentiu o corte no supercílio esquerdo latejar. Apoiou o cotovelo direito na mesa e a testa na palma da mão. Olhos fechados. “Meu Deus, que David esteja errado sobre o Gabriele”, rezou em pensamento.

A top model adormecera nas últimas duas horas de voo. Despertara com o aviso de aterrissagem. Em poucos minutos, improvisou a maquiagem. Com o cabelo amarrado, óculos escuros, bolsa a tiracolo e goma de mascar de menta, desceu do avião ao lado do empresário Jacob. Os dois seguranças, que viajaram na econômica, juntaram-se a eles na área de desembarque do Heathrow.

— Disfarce o mau humor e sorria, querida. Em poucos minutos, você será bombardeada pelos *paparazzi* – cochichou Jacob.

— Assim está bom? – perguntou a brasileira, abrindo um largo sorriso.

— Assim você me deixa com vontade de tirar o chiclete da sua boca com a minha língua – provocou o empresário.

— Nojento! – retrucou Fernanda, fechando a cara.

Caminharam em silêncio até a esteira de bagagens.

— Odeio essa parte.

— Não conheço quem goste – rebateu Jacob.

Do outro lado da esteira, duas adolescentes olhavam em sua direção e cochichavam. Ao lado delas, um homem aparentando quarenta anos, vestindo calças jeans e paletó de *tweed*, contemplava cada centímetro de seu corpo, sorrindo maliciosamente. Fernanda sentiu a boca secar. Tentou se concentrar na saída das bagagens. “Os últimos seis anos lhe fizeram muito bem. Você está linda...”, alguém parecia lhe sussurrar as palavras da carta de Sammy. Fechou os olhos. Tontura. “Chegou a hora de pagar a dívida, querida. Meu cobrador se chama Andrew.”

— Merda! – berrou Fernanda, abrindo os olhos. Atraiu a atenção das pessoas à sua volta.

— Está querendo arruinar sua carreira, querida? – advertiu seu empresário.

— Só estou cansada – justificou a top model, voltando-se novamente para a saída das bagagens. As primeiras malas já desfilavam pela esteira. “Isso precisa terminar logo”, desejou em pensamento.

“Não passará dessa noite”, teve a impressão de alguém soprar aquilo em seu ouvido. Sentiu-se ameaçada.

“Preciso sair dessa”, pensou, levantando a cabeça. As duas adolescentes encaravam-na, com sorrisos sarcásticos.

“O que essas vadias pensam que estão fazendo?”, questionou-se, tirando os óculos escuros e fuzilando-as com o olhar.

A morena, que estava à sua esquerda, passou a língua entre os lábios carnudos e entreabertos.

— Lésbica maldita – disse Fernanda, sem som, lendo a resposta nos lábios da ofendida.

— Hoje você vai desejar minha língua entre suas coxas, sua puta.

— O que você disse, vagabunda? – explodiu Fernanda, passando por cima da esteira e avançando sobre a adolescente.

Jacob cobriu os olhos com a mão direita e balançou a cabeça. Sem entender o que estava acontecendo, os seguranças foram atrás da brasileira.

— Repita o que disse, lésbica maldita! – desafiou Fernanda, levantando o braço direito e desferindo um tapa sonoro no rosto da adolescente, quinze centímetros mais baixa.

— Você está louca? – assustou-se a loira de cabelos tingidos que a acompanhava. Os dois seguranças conseguiram puxar Fernanda para fora da pequena aglomeração.

— O que aconteceu? – perguntou um deles.

— Ela deu em cima de mim e me chamou de puta! – explicou a top model, exaltada.

— Desde quando isso é motivo para escândalo? – esbravejou o chefe da segurança, que ela apelidara de Anjo Negro. Fernanda enfrentava seu empresário, mas abaixava a cabeça para aquele homem. Ele parecia pressentir os momentos em que Fernanda corria perigo e já salvara sua vida três vezes. Além disso, também guardava muito bem seus segredos.

— Desculpe, Harold. Tentarei me comportar – resignou-se Fernanda, abaixando os olhos.

Ao deixar o restaurante, David desdobrou o papel que Pietro lhe entregara. Leu a mensagem a caminho da entrada do hotel.

— Estranho. Não faz o menor sentido para mim. Mas prova que alguém me enviou uma mensagem cifrada em sonho – concluiu, guardando-o no bolso do casaco.

“A história do padre... é assustadora. E sensacional. Alguém está tramando tudo isso há muito tempo... Um grande enxadrista que conseguiu reunir todas as peças para o grande lance. Talvez seja uma estratégia planejada pela confraria fundada por John Dee. Ou há, realmente, uma inteligência superior nos bastidores”, refletia David ao deixar o hotel. Pediu o carro ao manobrista.

— Diabo, Satanás... Samyaza – disse para si. “Estou mais envolvido nisso do que imagino. Faço parte dessa história”, pensou, recordando o homem mascarado na estrada para Upper Slaughter. “A história do padre é um forte indício de que a top model está envolvida com satanismo, mesmo que indiretamente. E é evidente que Pietro não foi enviado para cá por acaso. Ele está sendo manipulado pelo seu confessor... Talvez ele seja um elo entre a Grande Prostituta e a seita satânica. Mas não posso ignorar o que Mary defendeu. É possível que Fernanda Albuquerque não saiba o que está prestes a acontecer, e seja a sexta vítima do bastardo. Nesse caso, o sacrifício de uma criança por seu pai talvez represente a entrega da própria filha ao deus chifrudo”, raciocinava o jornalista, enquanto esperava o carro.

— Me perdoe, Mary – comentou em voz alta.

“Que seria consumada por Andrew em um assassinato ritualístico. O início do Apocalipse Negro”, prosseguiu em pensamento.

O manobrista estacionou o Jaguar diante do hotel. David agradeceu com uma generosa gorjeta, entrou no carro e zarpou em direção à redação do *The Star*.

“A menos que as duas possibilidades estejam corretas. Ela participará ativamente de um ritual satânico, mas desconhece o fim trágico que a espera nas mãos de Andrew... Essa hipótese me parece bastante plausível. Ela teria marcado o encontro na noite seguinte ao lançamento da campanha publicitária, para não prejudicar sua carreira. Ou seja, amanhã à noite. Qual seria a natureza desse ritual?”, questionou-se.

— Sexo entre anjos e mulheres – respondeu em voz alta. Lembrou-se da tapeçaria de *A Tempestade* na sala de jogos do castelo em Upper Slaughter. “Talvez eu deva confiar mais na última obra de Shakespeare. O monstro Calibã desejava Miranda, a filha de Próspero. Queria procriar com ela...”

— O que dizia uma das profecias sobre o nascimento do Anticristo? – indagou-se novamente, tentando recordar o encontro em que Pietro lhe expusera as mais significativas:

“Ele será resultado do intercuro sexual de sua mãe e seu pai, como outros homens, e não de uma virgem solitária. O Anticristo será completamente concebido no pecado, engendrado no pecado e parido no pecado, fruto de uma mulher perdida e impura e de um bandido abominável”.

— Ela não será assassinada como as outras. Será estuprada pelo psicopata, o bandido abominável! Onde Michael se encaixa nessa história?

Ficou em silêncio por alguns segundos. “Está aqui para garantir que Andrew termine o serviço... E que ninguém interfira em seu trabalho sujo. Nem o jornalista impertinente, nem o padre nervosinho”, deduziu, franzindo o cenho.

Antes de abrir a porta do carro, Jacob virou-se para Fernanda Albuquerque:

— Não faça outro escândalo, querida. A menos que queira perder o contrato com a Schiaparelli.

— Não se preocupe – respondeu a modelo.

Os seguranças já estavam a postos do lado de fora do carro, diante do Mandarin Oriental. Ela bateu com um dedo no vidro. Era o sinal que o Anjo Negro aguardava para abrir a porta. Uma saraivada de *flashes*. Fernanda sentiu tontura. “Isso nunca aconteceu antes”, pensou. Tentou manter a calma. Forçou um sorriso e desceu do carro. Dezenas de *paparazzi* aglomeravam-se na entrada do hotel. Ladeada pelos seguranças, Fernanda parou.

— O que aconteceu? Vamos! – ordenou Jacob, seguindo atrás.

— Me sinto fraca, Anjo Negro. Me ajude – sussurrou Fernanda.

Ele e o companheiro seguraram-na em seus braços e avançaram. Os *flashes* continuavam. Ela tentou congelar o sorriso nos lábios. Uma repórter furou o bloqueio dos fotógrafos, colocou um gravador a poucos centímetros de seu rosto e disparou:

— Fernanda, o que você tem a dizer sobre o escândalo no aeroporto?

— Ela não tem nada a declarar. A coletiva de imprensa será hoje à noite – adiantou-se Jacob.

Os seguranças do hotel ajudaram-na a entrar e bloquearam a porta.

— Esses jornalistas ingleses são uns abutres – comentou Jacob.

— Preciso descansar – disse Fernanda, aliviada.

— Fique aqui. Vou pegar sua chave – aconselhou seu empresário. Em pouco tempo, ele estava de volta com a chave da *royal suite* e o carregador que a acompanharia até lá.

— Tente descansar até a coletiva – sugeriu Jacob.

— Qualquer coisa, me ligue. Tenho um chá da tarde marcado com Mary aqui no hotel.

— Mande um beijo. E não esqueça que a roupa que deverá usar na coletiva está em seu quarto. Se precisar ajustá-la, é só me avisar. Entro em contato com o estilista.

O Anjo Negro seguiu os dois até a entrada da suíte. Deu gorjeta ao funcionário do hotel e virou-se para Fernanda:

— Vou me instalar e descansar um pouco. Quero que me chame antes do chá da tarde. Ok?

— Ok — respondeu a top model, trancando a porta.

Ela vasculhou os duzentos e vinte e quatro metros quadrados da luxuosa suíte à procura do misterioso figurino. Encontrou um estojo negro sob a lareira de mármore. Desatou o laço vermelho. Um pequeno envelope preto caiu no chão. Deixou a caixa de lado. O bilhete fora escrito com pena, cor sépia. Caligrafia artística. Conferiu a assinatura antes de ler a mensagem.

— Filho da puta!

Querida Fernanda, hoje à noite, você se tornará uma rainha. Aprecie essa tiara como sua coroa. As roupas estão no armário. Um beijo, Sammy.

Com as mãos trêmulas, ela destampou o estojo. Uma tiara de ouro branco resplandecia, em centenas de pequenos diamantes, uma palavra: Babalon. Fernanda correu até o armário. Um vestido longo pendia do cabide. Era escarlate. Ao seu lado, viu uma echarpe púrpura com dezenas de pérolas amarradas nas pontas. Ela abriu a bolsa e pegou a Bíblia que ganhara do “padre que falava engraçado”. Abriu na página dobrada durante o voo e leu o trecho: “A mulher estava vestida de púrpura e escarlate, e toda enfeitada de ouro, pedras preciosas e pérolas. Tinha na mão um cálice de ouro cheio de abominações, as imundícies da sua prostituição. Na frente da mulher estava escrito um nome enigmático: ‘Babilônia, a grande, a mãe das prostitutas e das abominações da Terra’”.

Desejava ligar para Mary e pedir-lhe ajuda. Pegou o celular. Sentiu sua energia escoando pelo chão. Desmaiou.

Ele sabia que Fernanda Albuquerque já se hospedara no hotel, em uma suíte próxima à sua. “Será que ela se lembrará de mim?”, questionara-se algumas vezes, torcendo para que a resposta fosse negativa. No início, pensara em evitar o confronto. Mas deduzira que fazer isso seria esquivar-se da missão. Se ela realmente fosse a Babalon, ele deveria confrontá-la. Sentado na antessala de sua suíte, lembrou-se da acusação de David: “Ou seu confessor faz parte da seita satânica, ou tem outro interesse escuso nessa trama”.

— Gabriele, não – disse para si mesmo, balançando a cabeça negativamente. “Colocaria a mão no fogo por ele. David esquece que nesse jogo existem mãos e olhos invisíveis. A divina providência me levou ao Brasil e me trouxe até aqui... E eu caí nas ciladas do Inimigo”, pensava, esfregando os dedos nas palmas das mãos.

— O que o Senhor espera de mim? – perguntou. Silêncio. “Preciso fazer alguma coisa. Não posso ficar de braços cruzados!”. Tontura. Repousou a cabeça no encosto do sofá e esticou as pernas. Fechou os olhos. “Presunçoso. Você é presunçoso”, aquelas palavras invadiram sua mente.

— Se eu não fizesse aquilo, outros inocentes seriam sacrificados – justificou-se. Sentiu uma leve dor sobre a cicatriz triangular, como se alguém pressionasse algo pontiagudo contra sua fronte. Respirou fundo. “Vai passar. Vai passar”, repetiu mentalmente. Estava enganado. Nos segundos seguintes, a dor se tornou insuportável. O torturador imaginário parecia perfurar seu crânio.

— Meu Deus, ajudai-me!

— Você é rebelde como o Inimigo – aquela acusação era terrível. E encheu seu coração de angústia.

— Meu Deus, o Senhor está aqui?

— De que adianta pedir Minha ajuda se você não Me segue, Pietro?

— Por que essa dor persiste? Não sinto Vossa presença aqui.

— Você não ensina que Sou onipresente? Estou em todos os lugares.

— Mas...

— Mas algumas pessoas gostam de ficar com os olhos fechados.

Pietro tentou abri-los. As pálpebras pareciam costuradas.

— Não consigo...

— Não quer. Eu não posso fazer isso por você, Pietro.

— Farei tudo o que me disserdes...

— Fará tudo o que o seu coração desejar. Você é livre.

— Quero seguir-Vos, Senhor.

— Seus pés não obedecem sua boca. Você está em outro caminho, Pietro.
— Não...
— Não se pode servir a dois senhores. Você sabe quantas vezes disse isso?
— Vós sois meu único Senhor.
— Então por que Me nega?
— Quando...
— Antes do pôr do sol, fará isso três vezes.
— Prometo que não Vos negarei, Senhor.
— Você foge de si mesmo. E se perde na escuridão. Lembre que sou onipresente, Pietro. Basta abrir os olhos.

O padre conseguiu abri-los. Estava na *presidential suite*. Sozinho. Levantou-se do sofá e conferiu o horário. Faltavam menos de quinze minutos para as cinco da tarde. Mais de uma hora e meia separava o início da pontada na testa até aquele momento. Tinha a impressão de que haviam se passado apenas alguns minutos. O tempo necessário para aquele breve diálogo. Lembrava-se de todas as palavras que Deus lhe dissera. Estava envergonhado. “Preferia morrer a negá-Lo”, pensou. Recordou-se do momento em que fora comparado ao relutante São Pedro, o primeiro papa. Sorriu por alguns segundos. Poderia afundar em um mar de incertezas, mas bastava levantar a mão que Jesus Cristo viria em seu socorro. E se mergulhasse na escuridão, era só abrir os olhos. “Ele está em todos os lugares”, consolou-se. A coletiva de imprensa com Fernanda Albuquerque ocorreria às vinte horas. Ele tinha pouco mais de três horas para preparar seu coração. Tomar o tradicional chá da tarde poderia ser um ótimo começo. Faria o ritual no Bar Boulud, no Mandarin Oriental.

A redação do *The Star* estava com metade do *staff*. A outra trabalhara no dia anterior. Jornalistas revezavam-se em plantões aos fins de semana. “O jornal sai todos os dias. Se quiser vida fácil, procure emprego em uma revista semanal”, o editor-chefe costumava dizer aos novatos que reclamavam das agruras do ofício. E foi pensando em Steven que David entrou na ampla sala, dividida em vários núcleos. “Ele quis levar vantagem, mas só me ajudou. Me entregou de bandeja uma jornalista esperta – e linda –, além do cargo de editor-chefe. Talvez eu devesse agradecê-lo por isso”, pensou, estampando um sorriso mordaz no rosto. “Espero que não me cause problemas nos próximos dias”, desejou em pensamento, olhando na direção da mesa do editor-chefe. Steven conversava animadamente com um dos dois repórteres escalados por David para a cobertura da chegada da top model brasileira. “Será que ele trouxe algo interessante?”, questionou-se. Deixou a pasta sobre a mesa e, com a bengala, dirigiu-se até seu chefe. Ao vê-lo aproximar-se, Steven levantou-se exibindo um largo sorriso e anunciou:

— David, tudo bem? O George acaba de chegar com a capa da próxima edição.

— O que aconteceu no aeroporto? – perguntou David, olhando para o repórter.

— Enquanto esperava a bagagem, Fernanda Albuquerque perdeu o controle e partiu para cima de uma adolescente. Seus dois seguranças apartaram a briga. Descobri quem era a vítima e fiz uma entrevista... – narrava o repórter, eufórico.

— O que ela disse?

— Que achou a Fernanda um tesão e daria tudo para transar com ela. A brasileira não gostou de ser encarada e a xingou de lésbica maldita... – reportava George.

— A comunidade GLS vai cair de pau em cima da Fernanda – comentou Steven, antevendo a repercussão daquela matéria. Sorriso malicioso no rosto.

— O que mais? – insistiu David.

— A adolescente ficou com raiva e retrucou... – respondeu o repórter, fazendo uma pausa.

O editor assistente gesticulou com a mão esquerda para que ele continuasse.

— “Prefiro que seu segurança negro foda meu rabo do que chupar sua boceta, puta!” – revelou George, ruborizado.

O editor-chefe caiu na gargalhada. “Você não passa de um abutre com os dias contados, Steven”, pensou David, emendando um comentário:

— Percebo que você fez uma entrevista de alto nível. E depois dessa... pequena provocação... – enfatizou as duas últimas palavras. — ...o que a Fernanda Albuquerque fez?

— Passou por cima da esteira de bagagens e deu um tapa no rosto da adolescente.
— Você ouviu mais alguém?
— A amiga, que viajou com ela e assistiu a tudo isso.
— Essa história não é sensacional, David? – atravessou o editor-chefe.
— Quer saber o que eu realmente acho, Steven? É a história de uma adolescente pervertida que levou um tapa merecido de uma celebridade. É um ótimo escândalo e o jornal vive disso. Mas amanhã, quando a Fernanda Albuquerque receber o *The Star* e descobrir que a transformamos em uma louca desprezível, vai cancelar a entrevista exclusiva que nos prometeu – rebateu David, encarando-o.

O sorriso desaparecera do rosto de Steven. Ele fitava David com uma fúria silenciosa. Fora censurado pelo subordinado na presença de um mero repórter. Sentia-se ridicularizado. George desviou o olhar dos dois para um livro sobre a mesa do editor-chefe: *Manual de Estilo do The New York Times*.

— O que você sugere? – perguntou Steven, ríspido.
— Manter a decisão da capa, mas dar um peso ao outro lado da história.
— Ouvir Fernanda Albuquerque?
— Sim.
— Mas a exclusiva será amanhã.
— Minha assistente, Mary, irá encontrá-la daqui a pouco para o chá da tarde. Será um compromisso pessoal, mas podemos tentar obter uma declaração. O que acha?
— Uma ótima ideia.
— Tentarei isso. E você, George, me passe a matéria até as seis horas. Ok?

O repórter conferiu o relógio de pulso e arregalou os olhos, espantado. Tinha pouco mais de uma hora para transcrever a entrevista e escrever o texto. Pediu licença aos dois e saiu apressado.

Em uma mesa do Bar Boulud, no Mandarin Oriental, Mary conferiu o Cartier Santos 100. Fernanda Albuquerque estava atrasada em quinze minutos. Não era motivo para se preocupar. A amiga brasileira não primava pela pontualidade. Ainda mais após uma exaustiva viagem intercontinental e a poucas horas da coletiva de imprensa. Tomou um gole de água com gás. O celular tocou. Era da redação do *The Star*.

— Olá, Mary, podemos conversar? – Era a voz de David.

— Podemos.

— Desculpe interromper seu chá da tarde, mas preciso de sua ajuda para reverter uma situação.

— A Fernanda está atrasada, então pode falar.

— Melhor assim. Sua amiga trocou ofensas com uma adolescente no aeroporto e a agrediu com um tapa – relatou seu chefe.

— Sêrio? – interrompeu Mary.

— Sim. O problema é que o repórter conseguiu uma entrevista com a adolescente e Steven pretende destacá-la na capa. Precisamos que a Fernanda dê sua versão da história.

— Tudo bem. Tentarei falar com ela sobre isso – consentiu Mary, observando um homem chegar ao restaurante e ser conduzido a uma mesa próxima.

— E me ligue assim que terminar. Devo fechar a matéria o mais rápido possível.

— David, o que ele está fazendo aqui?

— Quem, Mary?

— O padre italiano acaba de se sentar a poucos metros da minha mesa – sussurrou.

— Ele está hospedado aí, Mary. Vocês se cumprimentaram?

— Acho que ele não me viu. Sentou-se de costas para o salão.

— Talvez ele esteja aí para se reconciliar com o passado. Boa sorte com a Fernanda. Até mais tarde.

Mary checkou o horário. A amiga já estava meia hora atrasada. Pegou o celular e acessou a agenda. Antes de chamá-la, resolveu conferir a porta de entrada. Um homem negro, alto e forte, olhava em sua direção. Cumprimentou-a com um discreto aceno de cabeça. Mary o conheceu antes de se tornar o segurança número um da brasileira. Ele já trabalhara para seu pai. O Anjo Negro, como Fernanda o batizara, falou algo que Mary não conseguiu entender e voltou-se para o padre, esquadrinhando-o. Ela entendeu a mensagem. “O único perigo que a Fernanda corre

aqui é ser exorcizada, Harold”, pensou. Poucos segundos depois, a top model entrou no Bar Boulud. Vestia calça e jaqueta jeans, camiseta branca e tênis. Apesar do largo sorriso que abriu ao vê-la, Mary percebeu que a amiga estava abatida.

Bloco de notas aberto sobre a mesa. O padre pediu um *quatre heures* com café e começou a transcrever seu diálogo com... Deus. Teve a sensação de que alguém o observava, mas evitou desviar os olhos da página. Não queria correr o risco de esquecer nenhuma palavra. “Antes do pôr do sol, me negará três vezes.” Sentiu um calafrio ao anotar aquela predição. “Não farei isso”, repetiu mentalmente, franzindo o cenho e fechando as mãos em punho. Percebeu uma sombra projetada sobre a mesa. Talvez fosse o garçom. Pressentiu que não era.

— O senhor... O senhor é o padre que falava engraçado?

Era uma voz feminina. Coração acelerado. Respiração entrecortada. Hesitou por alguns segundos erguer a cabeça. Somente uma pessoa o chamara daquela maneira. Levantou os olhos. Fernanda Albuquerque estava diante dele, com uma expressão intrigada no rosto. Não era a criança encantadora que conhecera trajando um vestido rosa-claro com um laço branco amarrado na cintura. Transformara-se em uma mulher linda e sedutora.

— O senhor é o padre que falava engraçado? – repetiu, agora em português.

Vergonha e medo. Cabisbaixo, ele encarou a brasileira, na esperança de que, novamente, Jesus Cristo olhasse para ele por aqueles olhos azuis e dissesse: “Pietro, se reconcilie com o passado. Peça perdão a quem você feriu. E siga em paz”. Mas eles sorriam com sarcasmo. O padre conhecia aquele sorriso. Era o mesmo que vítimas de possessão demoníaca exibiam ao se calar. O próprio diabo encarava-o das profundezas do inferno. Naquele momento, podia ouvir o desafio: “Padre assassino, está na hora de beijar os pés de Babalon. Talvez você seja perdoado”.

— O senhor não entendeu minha pergunta? Gostaria de saber se é a pessoa que me deu isso – insistiu a brasileira, agora em inglês, tirando uma Bíblia de sua bolsa e colocando-a sobre a mesa.

Pietro estremeceu. Fora descoberto por Fernanda. Fora surpreendido pelo Inimigo.

— Você... você está enganada. Sou um empresário italiano. Me chamo Giovanni de Santis – respondeu, levantando-se da mesa.

— Me desculpe. Vocês são tão parecidos... Talvez sejam primos distantes – justificou a top model, pegando o livro e guardando-o em sua bolsa. Girou sobre o calcanhar para ir ao encontro de Mary e viu a amiga aproximando-se da mesa.

— Vocês se conhecem? – indagou Mary.

Pietro a reconheceu imediatamente. Fora apresentado a ela na corrida de galgos. Era a assistente de David.

— Desculpem-me, preciso ir – adiantou-se o italiano.

— Aonde o senhor vai com tanta pressa, padre? – disparou Mary. Ele prendeu a respiração.

— Quer dizer... quer dizer que o senhor... – balbuciava Fernanda. Pernas trêmulas.

— Você conhece o padre Pietro Amorth, Fer? – indagou a jornalista.

— Não sou padre. Não me chamo Pietro. Meu nome é Giovanni de Santis – esquivou-se. Voz fraca.

— Como vocês se conheceram? – insistiu a americana. O padre se afastava em direção à saída.

— Você me abandonou quando eu mais precisava, padre. Você me empurrou para esse beco sem saída – desabafou a top model. Pietro apertou os passos e cruzou com um segurança na porta do Bar Boulud. O Anjo Negro segurou em seu ombro, com força. Pietro explodiu:

— O que você pensa que está fazendo, imbecil?

— Nunca vire as costas para uma dama. Principalmente se ela for... – advertiu-lhe o segurança, interrompendo a frase com um sorriso mordaz.

“A Babalon”, Pietro completou em pensamento. E emendou:

— Me solte antes que eu quebre sua cara!

— Antes que você me apunhale pelas costas, como fez com Antônio, Pietro?

— Eu me chamo Giovanni de Santis – berrou, conseguindo se libertar daquela mão escura.

— Essa foi a terceira vez, padre – anunciou Harold, rindo.

Aquela frase o fez recordar a profecia: “Antes do pôr do sol, você me negará três vezes”. A poucos passos do elevador, sentiu as pernas fraquejarem. Conseguiu se apoiar em uma parede. Respirou fundo.

— Meu Deus, me dê forças. Eu imploro – suplicou com a voz arrastada.

“Seus pés não obedecem sua boca. Você está em outro caminho, Pietro.” Por um instante, pensou que Deus estivesse lhe sussurrando aquilo. Eram apenas lembranças. Cobriu o rosto com as mãos e entrou no elevador. Não havia nada do que desejasse mais além da morte.

Os dedos tamborilavam sobre a mesa, como se quisessem digitar pensamentos. David olhou na direção de George. O repórter estava visivelmente aflito. Fora colocado em um fogo cruzado entre ele e o editor-chefe e corria contra o relógio para não ser alvejado. “Vamos ver como você se sai no teste. Seu futuro depende desta matéria”, encorajou-o em pensamento. Em menos de uma semana, ocuparia a mesa de Steven e pretendia fazer mudanças em algumas editorias. Pensou em Mary. “Ela já passou no teste.” Conferiu novamente a caixa de mensagens. Havia um e-mail, recém-chegado, com o título: *Me ligue...* A mensagem continuava: *...assim que puder. Mister Jones.* “Ele nunca toma a iniciativa. O que deve ter acontecido?”, preocupou-se, pegando o celular e acionando o número de seu contato na Scotland Yard. O investigador retornou a ligação poucos segundos depois.

— Omiti uma informação relevante em nossa última conversa, David. Além dos quatro fragmentos, uma anotação do conde de Bedford escapou intacta da queima de arquivo.

— Espero que tenha ligado para remediar isso.

— Farei melhor, David. Como você deve saber, algumas peças desapareceram misteriosamente do British Museum...

— Elas pertenciam à coleção de John Dee – interrompeu o jornalista, com a intenção de mostrar que já conhecia a história e Mister Jones podia pular o preâmbulo.

— *X perdeu o controle e está agindo por conta própria. Estou com o relatório de um de nossos agentes SY. Suspeita confirmada: o bastardo solicitou a ficha do curador do BM e, possivelmente, sequestrou seu filho. Ele colocou em risco a organização e deve ser colocado fora de combate.*

— Uau! – exclamou David, surpreso com a mensagem.

— Vamos aos fatos, meu caro. O bastardo X, suspeito do roubo no British Museum, também é o suspeito número um, pelo menos o nosso, dos assassinatos ritualísticos. Correto?

— Perfeitamente.

— Sendo assim, bastaria descobrir sua identidade para chegar às provas do crime, provar que sua versão da história sempre foi a verdadeira e instaurar uma sindicância na SY para separar o joio do trigo.

— Concordo. Alguém mais teve acesso à mensagem?

— Eu a escondi antes que o perito examinasse as cinzas do lixo e descobrisse os quatro fragmentos legíveis. É uma prova incriminatória contra alguns colegas de

trabalho. Não tenho dúvida de que seria destruída antes de chegar à nossa sede.

— Eu também não – concordou o jornalista, balançando a cabeça.

— Resolvi abrir uma investigação paralela, David. Primeiro, tive uma conversa sigilosa com o curador do museu. Ele confirmou o sequestro de seu filho. O resgate foram as peças que, segundo a nota oficial, desapareceram misteriosamente do acervo.

— Sensacional, Mister Jones.

— Ainda não contei a melhor parte. O curador convenceu seu filho a me prestar um depoimento, em *off*, sobre o sequestrador. O rapaz estava bastante assustado. Ele disse que o psicopata ameaçou matar sua irmã caso abrisse a boca e me fez jurar que eu manteria a conversa em segredo absoluto.

— E, obviamente, você não honrará esse juramento – brincou David.

— Acabo de lhe encaminhar um e-mail com um anexo. Abra – instruiu Mister Jones.

O jornalista clicou duas vezes sobre o arquivo. Um retrato falado tomou conta da tela de seu computador.

— É ele!

— O que eu imaginava: você o conhece.

— Ele ameaçou e agrediu o padre e espionou dois de nossos encontros.

— Algo mais que eu deva saber, David?

— Provavelmente, ele se chama Andrew.

— Algo mais?

— Eu sou apenas um repórter, Mister Jones. Você tem métodos mais eficazes para obter informações sobre esse homem.

— Quer saber o que eu consegui, David? – indagou, emendando a resposta. – Ele não existe.

— Como assim?

— Ele não pode ser identificado. É um fantasma. E eu não consigo investigar fantasmas.

— Sei onde ele estará amanhã à noite. Posso ajudá-lo a chegar até ele – revelou o jornalista.

— Preciso aprender mais com você. Nos encontramos no horário e no endereço combinado, amanhã de manhã.

— A propósito, Mister Jones, soube de fonte segura que nosso alvo é filho bastardo de *sir* Alexander Cotton.

— Investigarei isso. Até logo.

David colocou o celular do lado esquerdo do teclado. Não precisava mais convencer o agente sobre seu plano arriscado para capturar Andrew. A investigação particular sobre o roubo das peças de John Dee transformara Mister Jones no melhor

parceiro para o trabalho. Colocar as mãos naquele psicopata era sua missão mais cara. Ela prometia redenção. E vingança.

— Você chamaria isso de divina providência, não é mesmo, padre? — questionou, fitando o rosto desenhado do verdadeiro Estripador de Londres. — Nunca imaginei que você...

Os dois amigos brincavam de pega-pega em torno do castelo, em Upper Slaughter. David corria mais rápido do que Andrew.

— Você não me alcança! — gritara, virando-se para conferir a distância do amigo — Você não consegue me pegar.

A pequena distração foi o suficiente para que ele tropeçasse em uma pedra, estatelando-se no chão. Sentia os joelhos e o cotovelo direito arderem. Abriu os olhos. O amigo estava abaixado diante dele, preocupação no rosto.

— Tudo bem, David?

— Acho que me machuquei — respondeu-lhe, com os olhos represando lágrimas.

— Vou chamar alguém para ajudar.

— Me ajude a chegar em casa.

Andrew lhe estendera a mão e o puxara para cima. O sangue escorria pelas duas pernas.

— Pode se apoiar em mim. Você vai ficar bem — encorajava Andrew, abraçando o amigo pelo lado esquerdo.

— Acho que você me pegou.

— Essa não valeu. Quando você estiver bom, vou mostrar que posso correr mais rápido.

— Essa eu quero ver.

O jornalista fechou o arquivo com o retrato falado do seu melhor amigo de infância. Suspirou. Não brincaram de pega-pega no dia seguinte à queda. Nunca mais brincaram nos arredores do castelo. Desde o início da onda de assassinatos, eles voltaram à brincadeira de infância. Mas os papéis estavam invertidos. O jornalista corria atrás do psicopata. E não conseguia alcançá-lo. A cada crime brutal, era como se Andrew se virasse e lhe dissesse, com um sorriso irônico: “Você não consegue me pegar”. David acreditava que ele estava a poucos passos de um tropeço.

Naquele instante, o céu cinzento não era somente uma característica da paisagem londrina. Carregava a lembrança traumática do dia em que seu pai fora assassinado. Talvez experimentasse apenas uma tristeza distante, não fosse o encontro com o padre italiano havia poucos minutos. Ele desaparecera do vilarejo no dia seguinte ao crime, sem se despedir de ninguém. Quando ela e a mãe foram à sua casa, ao lado da igreja, encontraram a porta aberta. Armário e gavetas vazios. Pietro não estava lá para ampará-las. “Ele me fez cair na armadilha de Sammy”, acusou-o em pensamento, tomando o segundo copo de água.

— Quer conversar sobre o padre? – Mary quebrou o silêncio.

— Você tem certeza de que era ele?

— Fomos apresentados pelo meu chefe, Fer. Como vocês se conhecem?

— Ele me deu isso aqui... – respondeu a brasileira, pegando a Bíblia em sua bolsa e abrindo-a na página da dedicatória. – Eu tinha sete anos quando...

A jornalista pegou o livro e leu a mensagem de Pietro. Em seguida, encarou a amiga:

— Uau! É muita coincidência vocês se encontrarem aqui, em Londres, tanto tempo depois...

— Ou não, Mary.

— Por que você disse que ele te abandonou?

— Lembra que contei que meu pai foi assassinado? No dia seguinte, o padre não estava mais na cidade. Minha mãe e eu ficamos perdidas. Me senti abandonada por Deus. E vendi minha alma...

— Quem matou seu pai? – interrompeu Mary.

— A polícia arquivou o caso.

— Nenhum suspeito?

— Alguns meses antes, meu pai deu uma surra em um bêbado que se recusou a pagar a conta. Ele deixou o bar jurando meu pai de morte. E nunca mais foi visto na cidade.

— Talvez tenha voltado para se vingar... – comentou Mary.

— É o que os policiais disseram.

— Talvez o padre esteja mais envolvido nisso do que nós duas imaginamos – disparou a americana.

— Você acha que ele seria capaz? – questionou a top model, arregalando os olhos.

— Por que motivo ele se assustaria com você e usaria uma identidade falsa? Ele

não se chama Giovanni de Santis e não é um empresário. Tenho certeza disso.

— Não, não acredito... Ele... Não... Não é um assassino – gaguejou Fernanda, balançando a cabeça nervosamente.

— Ele é um dos suspeitos do assassinato de um membro da Câmara dos Lordes. A julgar pela sua história, não sei como ele ainda não fugiu – revelou a jornalista, lembrando-se do que lhe dissera David: “Talvez ele esteja aí para se reconciliar com o passado”. “Ele deve saber o que aconteceu”, deduziu, em pensamento.

— Meu Deus! Era só o que me faltava. Estou ferrada, Mary. Me ajude, por favor – suplicou a top model, com a voz embargada.

— Vamos por partes, Fer. Em primeiro lugar, preciso que me conte sobre a confusão no aeroporto. Conseguiram uma exclusiva com uma adolescente que diz ter sido estapeada por você. Preciso apagar esse incêndio.

— Aquela vagabunda deu em cima de mim e me chamou de puta! Teve o que merecia.

— Concordo com você. Mas a imprensa não precisa saber disso. O que acha dessa versão? – indagou-lhe, pegando o iPhone e acessando o editor de texto.

A top model Fernanda Albuquerque declarou:

Ela olhou para mim e comentou com a amiga: “Você sabia que no Brasil só há negros, putas e travestis?”. Se fosse uma ofensa pessoal, eu teria dado as costas, fingido que não ouvi nada. Mas eu amo o meu país e quis defendê-lo. Quando fui tirar satisfação, ela me chamou de escória. Não suporto pessoas covardes que se escondem atrás de preconceitos ridículos para se sentirem superiores. Perdi o controle. Ainda bem que o tempo dos duelos ficou para trás e nós só trocamos tapas. Eu poderia nem estar aqui agora (risos).

A jornalista terminou de escrever e olhou para a amiga, na espera de aprovação.

— Você acha que seu editor vai comprar essa história?

— Acho que ele não suportaria esse preconceito com relação ao Brasil. David acha que o inventor do avião é brasileiro. Acredita nisso?

— Ele está certo. Santos-Dumont inventou o avião – confirmou a top model.

— Então, não era piada... Enfim, você aprova a história que acabei de criar?

— Tudo bem. Pode enviar isso para o seu chefe. Quero conversar com você sobre um problema bem mais grave do que esse.

— Espere só um pouquinho – pediu Mary, acrescentando ao texto uma observação:

David, esta é a verdadeira história sobre a confusão no aeroporto. Beijos, Mary. P.S.:Acabo de descobrir que seu amigo padre matou o pai da Fernanda. Você provavelmente já sabia disso, não?

Mesmo estando em uma das maiores suítes do Mandarin Oriental, Pietro mal conseguia respirar. Para diminuir a sensação claustrofóbica, arrancou o paletó e a camisa. As mãos suavam. Coração apertado. Deitou-se no sofá com a barriga para cima, a cabeça apoiada em três almofadas. “Você me abandonou quando eu mais precisava, padre. Você me empurrou para esse beco sem saída.” Aquela acusação, até então ignorada, começou a atormentá-lo. Respiração curta. Dor no peito. O padre se levantou e abriu o bloco de notas, aleatoriamente. Precisava ocupar a mente com outro assunto: *Ele será resultado do intercursos sexual de sua mãe e seu pai, como outros homens, e não de uma virgem solitária. Ele será completamente concebido no pecado, engendrado no pecado e parido no pecado (fruto de uma mulher perdida e impura e de um bandido abominável)...*

Fechou os olhos. Lembrou-se do dia em que conhecera Fernanda. Ela parecia um anjo enviado por Deus para lhe arrancar um sorriso. Ele jamais imaginaria que aquela criança se transformaria na Grande Prostituta, ou, como dizia a profecia, “*uma mulher perdida e impura*”. A palavra “perdida” saltou-lhe à vista. “Você me abandonou quando eu mais precisava, padre. Você me empurrou para esse beco sem saída.” Um calafrio atravessou seu corpo. O olhar perdeu-se na imensidão cinzenta do céu.

— Não!

“Você fez a sua própria vontade. Em breve, terá consciência do mal que causou.” Compreendeu o significado terrível daquelas palavras. Desabou de joelhos no chão. Cobriu o rosto. Os olhos ardiam, precisava chorar, mas as lágrimas evitavam sua companhia. Engoliu seco. Algo parecia bloquear sua garganta. Engasgou e teve um acesso de tosse. Gosto de sangue na boca. Abriu os olhos. Sangue no chão.

— Não! – berrou, a voz seca. – A culpa é minha... A culpa é minha...

Fechou os olhos. Sentiu a força abandonar seu corpo. E foi surpreendido pelo sorriso mordaz de Antônio.

— Você acha que venceu, maldito?

“De que lado você pensa que está, padre?”, o pai de Fernanda retrucou-lhe em pensamento.

— De Deus – sussurrou, sem muita convicção.

“Quem você queria enganar? Eu sabia que você estava de tocaia”, rebateu Antônio.

— Então, por que passou por lá?

“Você pensa que só Deus distribui privilégios aos mártires? Estou muito melhor

agora do que quando vivia nesse mundo desprezível. Além disso, como você sabe, o diabo tinha uma missão especial para a minha filha. Mas ela só pensava em... Bom, isso já não importa mais. Graças a você, e ao meu sacrifício, a Fernanda está pronta”.

— Eu não sabia...

“Obrigado, padre.”

— Eu não sabia...

“Agora já sabe quem valoriza seu trabalho e pretende remunerá-lo muito bem quando esticar as canelas. Eu mesmo fui encarregado de preparar a recepção.”

— Meu Deus, ajudai-me!

“Fale mais alto, Ele não está ouvindo”, provocou Antônio, finalizando com uma gargalhada.

— Meu Deus, ajudai-me! – berrou Pietro.

“Você é mais teimoso que uma mula, padre. Não conhece o ditado: ‘É melhor ser rei no inferno do que escravo no céu?’”

— Meu Deus, ajudai-me! – repetiu Pietro, provocando outro acesso de tosse. Abriu os olhos. Teve a impressão de despertar de um pesadelo. Cambaleou até a cama. Ajoelhou-se. Uniu as mãos em prece e abaixou a cabeça.

— Por favor, respondi-me, Pai. Esse é o pecado contra o Espírito Santo? Esse é o pecado sem perdão?

Um relâmpago iluminou o quarto, seguido por um trovão ensurdecedor. O padre sentiu o corpo estremecer. E caiu em prantos.

— A voz de Deus... Sou um desgraçado! Sou um desgraçado!

Desespero. Levantou-se e correu ao *private bar*. Pegou o Talisker 18 anos. Em um só fôlego, bebeu um terço do malte. Foi flagrado por outro raio e censurado pelo trovão... Por Deus. Arremessou a garrafa contra a parede.

— O Senhor me abandonou! – revoltou-se. Apanhou o furador de gelo ao lado do balde prateado revestido de couro. “E agora me condena”, completou em pensamento, caminhando lentamente para a suíte. Sem esperança de misericórdia, não havia nada que Pietro desejasse mais do que a morte. Mirou a banheira. Ela seria o último desejo do condenado antes de se transformar em cadafalso e, finalmente, em esquife.

Um formigamento na têmpora direita. Aquele sinal infalível de maus pressentimentos chegara com o e-mail de Mary: *Acabo de descobrir que seu amigo padre matou o pai da Fernanda. Você provavelmente já sabia disso, não?*

— Algo saiu errado – concluiu, pegando o celular e acessando o número de Pietro. “Não me parece uma hora apropriada para ligar para ele”, pensou, voltando o aparelho para o lado do teclado. Virou-se na direção de George e o flagrou conferindo o relógio de pulso. Teclou o ramal de sua mesa e disse:

— Acabo de lhe encaminhar um e-mail com a versão de Fernanda Albuquerque sobre o incidente no aeroporto. Quero a matéria no meu computador em dez minutos.

— Farei o possível – murmurou o repórter, emendando em pensamento: “Entendi por que esse cara tem fama de arrogante”.

O formigamento na têmpora direita aumentou. Com os dedos anular e médio da mão direita, David começou a massagear a região na tentativa de diminuir o desconforto. Olhos fechados. “Droga, o que está acontecendo? Preciso falar com Mary”, decidiu, respirando fundo.

— Sua assistente conseguiu a versão da top model?

Era a voz de Steven.

— Sim – respondeu David, abrindo os olhos. – Em vinte minutos espero te encaminhar a matéria editada.

— Enquanto o repórter termina, vamos tomar um chá? – convidou Steven.

— Preciso resolver alguns problemas...

— Eu também. Quero começar com você – o editor-chefe interrompeu-o, enfatizando a última palavra e encarando-o.

“Era só o que me faltava. Perder tempo com ele é chutar cachorro morto”, pensou David, respondendo:

— Tudo bem.

Saíram em silêncio da redação, acompanhados pelo olhar aflito de George.

— Desde quando eu me tornei um problema? – o editor assistente quebrou o silêncio no caminho do salão de chá. Pretendia resolver aquilo o mais rápido possível.

— Graças a mim, David, você conseguiu este emprego.

— Você é um homem de sorte. Não é sempre que um *British Press Awards* bate na sua porta.

— Voltou a viver das glórias passadas, David? – provocou Steven.

— Estou antevendo as futuras.

— Não importa o que você faça, será sempre conhecido pela invenção de uma conspiração satânica para justificar os crimes de um psicopata. Uma gafe e tanto...

— Ou não... – murmurou David. – O que quer comigo, afinal? Discutir minha carreira? – impacientou-se o jornalista, encarando seu interlocutor.

— Vamos nos sentar – sugeriu Steven, segurando no encosto de uma cadeira. – Pedir um chá e... conversar sobre o futuro.

Pedaços de bolo, *éclairs* de café, tortas de frutas, biscoitos assados, *macarons* e *scones* enchiam os olhos e adocicavam o ar. Aquele tradicional chá da tarde contrastava com os olhos sem brilho de Fernanda Albuquerque. Mary tomou um gole de café americano e quebrou o silêncio:

— Não temos a tarde inteira, Fer.

— Me desculpe – disse a brasileira, voltando-se para ela. – Isso é chá? – perguntou, apontando para o bule de porcelana com o emblema do Mandarin Oriental.

— É o chá que você pediu! Deixe que eu sirva – respondeu a jornalista, enchendo uma xícara.

— Algo muito ruim vai acontecer comigo, Mary.

— Por que você está dizendo isso, Fer? – indagou. “Se ela desconfiar, tudo estará perdido”, emendou em pensamento.

— Você se lembra de como me tornei modelo?

— Se não me engano, tudo começou com um olheiro na praia. Estou certa?

— Um olheiro que me prometeu o sucesso...

— Um profissional que soube reconhecer seu talento. E certamente lucrou alto com isso – corrigiu a americana.

— Ele pediu algo em troca, Mary – revelou a top model.

— Acho que você nunca me contou essa parte – comentou a jornalista, encarando a amiga. – Não precisa ficar constrangida, muitos olheiros se aproveitam da ingenuidade das garotas...

— Você sabe o que ele me pediu em troca?

— Sexo.

— Nem sexo, nem dinheiro.

— O que ele ia querer além disso?

— Fiquei todos esses anos sem saber – respondeu Fernanda, pegando a xícara de chá com as mãos trêmulas. Derramou um terço da bebida e preferiu deixar o resto de lado.

— Por que você está tão nervosa? O que pode ser tão terrível?

— Você acredita no diabo?

— Não. Nem você. Os espíritas jogaram no lixo as aberrações cristãs. Entre elas, a do diabo com chifres, rabo e tridente. Onde você quer chegar com isso, Fer?

— Coisas estranhas estão acontecendo, Mary. Ontem à noite, meus vizinhos me entregaram uma carta. Era do olheiro.

— Tantos anos depois? O que ele queria?

— Está aqui – disse Fernanda, pegando um papel dobrado em sua bolsa e entregando-o à amiga.

Mary desdobrou a carta e leu a mensagem em silêncio:

Querida Fernanda, nunca tirei os olhos de você. Os últimos seis anos lhe fizeram muito bem. Você está linda... Mas, infelizmente, não faz meu estilo. Gosto de mais curvas. Parabéns, você se tornou a maior top model do mundo. É claro que, sem meu empurrãozinho, você não seria ninguém. Chegou a hora de saldar nossa dívida. Espero que goste das roupas e das joias que usará amanhã. Eu mesmo as desenhei. Permaneça com elas após o encontro com a imprensa. Às onze e meia da noite, você receberá uma visita em sua suíte. Meu “cobrador” se chama Andrew. Seja uma boa anfitriã. E faça tudo o que ele quiser. Prometo que será uma noite inesquecível. Um beijo, Sammy.

— Uau! – exclamou Mary.

— Estou com medo. O que eu faço?

— Ele não pode te obrigar a nada.

— Acho que ele é o diabo... – sussurrou Fernanda, irrompendo em lágrimas.

— Ele é só um aproveitador filho da puta, um psicótico! Nós sabemos que o diabo não existe. Você só ficou impressionada com essa carta idiota – rebateu Mary, segurando na mão direita da amiga. Um raio iluminou a mesa. Seguiu-se um estrondo. As duas sentiram o chão trepidar.

— As roupas e as joias que ele quer que eu use são... São horríveis. E assustadoras!

— Como assim?

— Acho que elas foram tiradas do Apocalipse.

— Aquela parte da Bíblia que fala sobre o fim do mundo?

— Isso mesmo.

— Acho que esse olheiro é *voyeur* e tem um estranho fetiche. Aposto que a ideia dele é essa: enquanto você transa com esse tal de Andrew, ele fica espiando e se masturbando dentro do closet – brincou Mary.

— O que você faria no meu lugar?

— No seu último e-mail, você me disse que entrou disfarçada em uma boate para descolar uma noite de sexo.

— Foi uma ideia estúpida – comentou Fernanda, exibindo um sorriso e apanhando um *macaron*.

— Foi uma aventura. Se esse Andrew for bonito e gostoso, o que você tem a perder? – insinuou a jornalista, malícia nos olhos.

— Nada – concordou Fernanda, sorrindo. – E se ele for um psicótico assassino?

— Harold é um ótimo segurança. Deixe-o de guarda na porta do quarto.

— Adoro você, amiga. Você estará na coletiva?

— Estarei trabalhando.

— Eu também – riu Fernanda. – Infelizmente, preciso ir agora. Tenho que me arrumar.

— Pena você não ter aproveitado quase nada do nosso chá da tarde – lamentou Mary, levantando-se da mesa.

— Foi um chá da tarde bem agitado. Começou com o padre... Meu Deus, nunca imaginei que, algum dia, fosse reencontrá-lo – comentou Fernanda, às portas do Bar Boulud. As duas passaram pelo Anjo Negro.

— Olá, Harold – cumprimentou Mary. – Espero que cuide muito bem da minha amiga, principalmente essa noite – completou, piscando o olho esquerdo.

— O anjo da guarda dela não faria melhor – retrucou o segurança, correspondendo à piscadela e seguindo atrás das duas.

— O padre... Não posso acreditar que ele...

— Assassinou seu pai? – completou Mary. – Essa raça é traiçoeira, Fer. Ontem, quando o conheci, simpatizei com ele. Poucos minutos depois, ele deixou a mesa e... Bem, os policiais suspeitam que ele matou um lorde durante a corrida de cachorros.

— Meu Deus, isso é tenebroso. Quando terminar essa campanha, voltarei ao Brasil e pedirei a abertura do inquérito policial. Se ele é o assassino do meu pai, deverá pagar por isso na cadeia!

— E no inferno, já que acredita nisso. Bem, chegou a hora de nos separarmos – despediu-se, dando um beijo na amiga e pegando o elevador ao lado. Enquanto descia, murmurou:

— Sammy, seu filho da puta.

Sentiu-se afundar na água como se fosse chumbo. Por um breve instante, teve a impressão de que a banheira fora alargada e aprofundada. Sua água, antes quente, gelava cada milímetro de seu corpo. “Onde estou?”, indagou. Sem resposta. Tentou abrii os olhos. As pálpebras pareciam costuradas. De repente, a sensação de queda parou. Mas Pietro não sentiu o corpo tocar em lugar algum. Talvez estivesse suspenso. Não conseguiu mexer os membros. “Deve ser um pesadelo. Peguei no sono depois de rezar a missa em... em...”.

— Não consegue dizer o nome dela, Pietro?

Aquela pergunta transpassou sua cabeça como uma lança. Berrou de dor, mas não ouviu a própria voz.

“Eu estava na igreja...”

— Você estava no hotel...

“Terminei de rezar a missa.”

— Pegou o furador de gelo...

“E adormeci.”

— Cortou os pulsos.

“Não. Meu... Meu...”

— Aqui, esse nome é impronunciável.

Ele começou a chorar. As lágrimas desciam pelo rosto como chamas incandescentes, derretendo a pele. Apesar da dor agonizante, não conseguiu parar.

— A punição dos covardes. Isso é só o começo. Não se desespere, Pietro. Você tem a eternidade para se acostumar.

“Estou no inferno!”

— Bingo. Eu não disse que prepararia sua chegada?

“Antônio?”

— Preciso sair agora, mas, antes, aceite minhas boas-vindas.

Sentiu o corpo ser atravessado por dezenas de punhais incandescentes. Berrou.

— Aqui a vingança é uma das virtudes cardeais. Aproveite esse momento, Pietro. Não sei se servirá de consolo, mas você não morrerá. O inconveniente disso é que a dor não acaba. Nunca.

Ele forçou as pálpebras. Nada. Desespero.

“Preciso sair daqui.” Foi surpreendido, em suas lembranças, pela imagem de um padre no púlpito de Santa Maria in Aracoeli. Era ele mesmo durante uma homilia. Esforçou-se para ouvi-lo:

— A igreja ensina que o inferno não é uma metáfora, é uma realidade. Como o

Senhor ensinou na parábola do pobre Lázaro, a morte sela o destino das almas. Não há uma ponte entre o céu e o inferno. O homem rico fez a escolha errada. A escolha que nós fazemos aqui vai definir o lugar onde passaremos a eternidade.

“Tenha misericórdia de mim”, berrou. Lágrimas incandescentes derretiam seu rosto, enquanto punhais rasgavam-lhe as vísceras.

— Você não mentiu. Não existe ponte – aquela voz invadia seus ouvidos com violência.

“Misericórdia.”

— Você já foi condenado, padre de merda.

“Preciso me lembrar de algo.”

— Trouxe algumas amigas para te fazer companhia. Em breve, você não passará de um amontoado de lembranças vazias.

“O que ele me disse?”, insistiu consigo mesmo.

Larvas pareciam rastejar em sua cabeça. Sentiu cócegas. A elas seguiram-se alfinetadas doloridas. E físgadas.

“Estão comendo minha cabeça”, concluiu, gemendo. “Talvez eu não vá ao seminário. Talvez eu não queira ser padre. Aquilo foi apenas um desmaio no campo de futebol... Besteira de criança. O celibato é uma idiotice. Se fosse natural, nasceríamos eunucos. Quero foder muitas mulheres como aquela inglesa gostosa. Eu nunca fui à Inglaterra. Inglaterra?”

Ele tomou um gole de *earl grey* e encarou Steven. O editor-chefe estava visivelmente nervoso. Parecia querer dizer algo, mas lhe faltava coragem. David conferiu o relógio. O repórter já devia ter terminado a matéria. Ele precisava ligar para Mary e coordenar a cobertura da coletiva de imprensa no Mandarin Oriental. Achou que era o momento de tomar a iniciativa.

— Você não me chamou aqui para discutir meus fracassos, não é? Deixe de rodeios, Steven, e vá direto ao ponto.

— É uma conversa sigilosa.

— Tudo bem.

— Como eu disse antes, você será sempre conhecido...

— Pela conspiração satânica. Aonde quer chegar com isso? – impacientou-se, sem alterar a voz.

— Que sua carreira está comprometida apenas na Inglaterra. Em outro lugar, você pode começar de cima, como um jornalista premiado – argumentou Steven, pegando a xícara de chá. Embora tentasse disfarçar, David notou que ele tremia.

— Não recebi nenhuma proposta – retrucou o editor assistente.

— David, eu te recoloquei no mercado. Eu posso te colocar entre os melhores.

— Seja mais claro, Steven.

— Em *off*: recebi uma proposta para ser diretor em um dos maiores jornais de Nova York.

— Parabéns! Você aceitou? – David fingiu surpresa.

— Sim. E quero que você faça parte da minha equipe.

“Por que ele quer me levar para Nova York?”, questionou-se David, emendando a pergunta:

— Por que me escolheu?

— Porque você é um dos melhores.

— Nunca pensei em deixar Londres.

— Você nasceu para voos mais altos.

— Agradeço, mas...

— Você tem dois dias para me responder – interrompeu-o. – Pense bem, será editor de política internacional com um salário inicial de quinhentos mil dólares por ano, além de alguns benefícios.

— Uau! É uma proposta tentadora – surpreendeu-se David. O formigamento na têmpora direita começou a incomodá-lo novamente. Massageou-a com os dedos anular e indicador.

O celular tocou. Era Mary.

— Me desculpe, Steven. É minha assistente. Preciso atender.

— Não se preocupe. Vou voltar à redação. Mais uma coisa: Paul não sabe disso.

— E não saberá por mim. Até logo – despediu-se David, atendendo a ligação.

— Foi tudo bem?

— Melhor do que você possa imaginar – respondeu Mary.

— Me conte.

— Sabe quem é Andrew?

— Como... É a pessoa que queremos pegar.

— O Estripador de Londres?

— Prefiro não entrar em detalhes. Pelo menos, não por telefone.

— A Fer recebeu uma carta do olheiro que a descobriu anos atrás. Ele disse que chegou a hora de saldar a dívida.

— Como?

— Como você previu, David. Ela tem que receber, na suíte do hotel, e a sós, esse tal de Andrew. E fazer tudo o que ele quiser – revelou sua assistente.

— E ela vai fazer?

— Ela estava com muito medo, mas eu a convenci a receber o psicopata.

— Você entregou o jogo?

— Não. Eu disse que ela não tinha nada a perder. Estou me sentindo péssima, David. Eu joguei a Fer nessa armadilha – desabafou, com a voz embargada.

— Não se preocupe. Vai dar tudo certo. Onde você está?

— Saindo do Mandarin Oriental.

— Vá para casa descansar, Mary. Você não precisa estar na coletiva. Mandarei outro repórter.

— Obrigado, David. Estou precisando disso. Até amanhã.

Ele se levantou com a xícara na mão e bebeu rapidamente o resto do chá. Tudo parecia estar saindo conforme o planejado. Mas aquele formigamento na têmpora direita era infalível. “Eu não devia ter prometido a Mary que daria tudo certo”, arrependeu-se enquanto voltava apressado para a redação.

Por um breve momento, sentiu alívio. Não sabia se as larvas estavam fazendo a sesta – antes de continuarem o banquete –, ou se seu algoz preparava outra surpresa. Tentou se mexer. Uma força invisível o empurrava para baixo. Apesar disso, conseguiu se sentar. Costas curvadas. Dor. “Acho que é melhor me deitar”. Ouviu a arrebentação de ondas. Elas pareciam se aproximar. “Está muito quente”, queixou-se. Foi coberto por um líquido viscoso. Berrou. Aquilo parecia penetrar-lhe a pele e corroer os ossos. “Por favor, pare com isso. Faço o que quiser”, gritou em pensamento.

— O que mais posso querer de você, Pietro? Já tenho sua alma – aquelas palavras chegaram em um eco.

“Posso lhe servir.”

— Tenho milhares de escravos. Melhores do que você, seu verme.

“Eu posso...”, dizia até ser interrompido por outra onda ácida. “Não há nada que eu possa fazer”, desesperou-se.

— Não tenha medo. Estarei sempre com você – aquela terceira voz estava distante e fraca. Mas soava-lhe familiar.

“Quem está aí?”

— Seu melhor amigo.

“Não me lembro dos meus amigos. Estou sozinho...”

— Estou em todos os lugares. Basta...— Pietro escutava até ser encoberto por outra onda.

“O quê?”, indagou, entre espasmos de dor.

— Abrir os olhos – a voz respondeu em um tom quase inaudível.

Tentou obedecê-la. As pálpebras continuavam costuradas.

“Não consigo...”, resmungou.

— Não quer. E eu não posso fazer isso por você, Pietro.

“Farei tudo o que me disser...”

— Fará tudo o que o seu coração desejar.

Ele tentava abrir os olhos até ser engolfado por outra onda. “Eu quero sair daqui!”, berrou em pensamento. Com o polegar e o indicador da mão direita, apertou as pálpebras. Sorriu ao sentir os olhos.

“Vocês ainda estão aí. Só preciso libertá-los”, concluiu, forçando o indicador direito para debaixo da pele. Deslizou a ponta para trás do globo ocular e, imitando um pequeno gancho, agarrou o olho direito e puxou-o para fora, arrancando-o do corpo. Não sentiu dor. Ouviu a aproximação de uma nova onda. “Vou protegê-lo”,

disse, fechando a mão. Ao refluir do mar ácido, tirou também o olho esquerdo. Lembrou-se da imagem de uma mulher carregando os olhos em uma bandeja. Abriu a mão direita e colocou-os lado a lado. Viu-se à beira de um oceano de fogo, estendendo-se até o horizonte. Virou a mão para a esquerda. Algo colossal se movimentava, vagarosamente. Olhou com atenção. Pernas, braços, cabeças, mãos, pés, vísceras escapavam por todos os lados. Teve a impressão de estar diante de um monstro que devorara milhares de pessoas em seu caminho. E ele estava a poucos passos de se transformar na próxima refeição. “Onde você está?”, sussurrou, girando os olhos para o outro lado. Um homem, vestindo túnica branca, aproximava-se com uma vela na mão direita. Pietro percebeu que ele não fazia parte daquele cenário horrível. “Me tire daqui, por favor”, suplicou-lhe. O homem chegou mais perto. Tinha barba, bigode, cabelos longos, nariz adunco e pele morena. Era estranhamente familiar. “Me ajude”, implorou, observando-o passar por ele, indiferente. “Se ele for embora, estarei perdido”, deduziu, tentando vencer a força que o prendia ao chão.

— Pietro, muitos dizem meu nome. Poucos me seguem.

“Eu já ouvi isso antes...”, disse para si, conseguindo colocar-se de pé. As pernas pareciam tão frágeis que se quebrariam ao primeiro passo. Tentou arrastar uma delas. Dor. Jogou-se ao chão e começou a rastejar na direção daquele estranho conhecido, cada vez mais distante.

“Eu sei quem você é. Tenha misericórdia de mim.” O homem se deteve e, de costas para ele, disse:

— Você fez sua escolha.

“Me perdoe”, o padre suplicou.

Não houve resposta. Antes de ser encoberto pela onda ácida que se aproximava, Pietro arremessou os olhos ao seu encontro. Eles naufragaram na escuridão, levando consigo a única esperança de sair daquele lugar tenebroso.

Trinta e cinco repórteres ocupavam as cadeiras da *carlyle suite*, preparada para a coletiva de imprensa com Fernanda Albuquerque. Diante deles, decorada com dezenas de rosas vermelhas e brancas, a mesa à qual a top model se sentaria, ao lado do empresário e do representante inglês da Schiaparelli. À esquerda, um batalhão de fotógrafos, com *flashes* a postos, disputava espaço. Três câmeras de vídeo nas laterais e no corredor central transformariam milhões de telespectadores em testemunhas do evento. Jacob entrou na sala quinze minutos antes do horário marcado para a chegada da estrela. Foi até a mesa central e varreu o auditório com os olhos. Ao fundo, dois seguranças, em cantos opostos, prestavam atenção a ordens transmitidas pelo fone de ouvido. Ostentando uma expressão séria no rosto, o empresário ligou o microfone e, com o dedo indicador, bateu suavemente no vocal. Estava funcionando.

— Senhoras e senhores, eu me chamo Jacob Foxwell e sou o empresário de Fernanda Albuquerque. Como vocês sabem, ela está em Londres para o lançamento de um perfume da Schiaparelli, que acontecerá amanhã. Para evitar confusão, senhas foram sorteadas. Peço que obedeçam a ordem e gostaria de lembrá-los de que é permitida apenas uma pergunta por veículo. Obrigado – instruiu o empresário, sentando-se ao lado esquerdo da poltrona reservada para Fernanda.

Dois minutos depois, Gregory Hoover, representante inglês da Schiaparelli, cumprimentava-o e se sentava à direita do “trono” da princesa.

— Está quase na hora. Espero que a Fernanda não se atrase. Conversarei com a imprensa apenas no fim da coletiva – sussurrou o executivo.

Às vinte horas, pontualmente, uma porta, no lado oposto à entrada dos jornalistas, se abriu. Fernanda surgiu na *carlyle suite* acompanhada por Harold. Trajava um longo escarlate com um decote sensual desvelando vários centímetros da coxa direita bem torneada. Em volta do pescoço, uma echarpe púrpura com dezenas de pérolas amarradas nas pontas. Das orelhas, pendiam diamantes entrelaçados. Mas era a tiara de ouro branco sobre a cabeça de Fernanda que roubava as atenções. A palavra “Babalon”, formada por centenas de pequenos diamantes, reluziu no pipocar dos *flashes*. No rosto, suavemente maquiado, ela exibia um largo e encantador sorriso. Desfilou até a mesa e fez várias poses aos fotógrafos, antes de cumprimentar Gregory e se sentar. O Anjo Negro postou-se às suas costas, a um metro de distância.

— Acho que, pela primeira vez na vida, consegui ser pontual – disse a brasileira, conferindo o relógio de pulso. – Me esforcei para isso – continuou, arrancando risos

da plateia. – Podem começar o interrogatório.

— Freddy, *Daily Telegraph* – identificou-se o primeiro. – Senhora Albuquerque, recentemente a senhora foi convidada para protagonizar o filme *A Puta Imperial*. Será o início de sua carreira no cinema?

— Boa-noite, Freddy. Seria divertido interpretar Messalina. Quando me convidaram para o papel, li algumas coisas sobre ela. Você sabia que a imperatriz desafiou a puta mais famosa de Roma? E venceu ao conseguir transar com mais homens em vinte e quatro horas – respondeu, encarando o repórter constrangido. – Voltando à pergunta, não pretendo desmarcar os compromissos da minha agenda profissional e me mudar para Hollywood.

— Modere a língua – sussurrou Jacob.

— Bela resposta – murmurou Gregory, com um sorriso no rosto.

— Camille, *Daily Mirror*. Boa-noite, Fernanda, tinha formulado uma questão, mas resolvi mudá-la assim que você chegou. Qual o significado da palavra Babalon, em sua tiara?

— Não é o nome do perfume que iremos lançar? – dirigiu-se a Gregory, fingindo surpresa. – Estou brincando. Babalon é a mulher que inspirou Francesco Fiori a criar minha roupa. E Vanessa Segala, as joias. Por coincidência, ela também é uma puta.

Fernanda procurou Mary entre os jornalistas. A amiga não estava lá. Uma mulher, trajando vestido negro até os pés, véu cobrindo os olhos, surgiu na porta de entrada e atraiu seu olhar. “O que é isso?”, perguntou-se, surpresa. Às suas costas, Harold disse algo. Os dois seguranças, na extremidade oposta da sala, voltaram-se para a estranha.

— Winston, *Financial Times*. Sua fortuna é estimada em quinhentos milhões de dólares. Você planeja investir parte disso em empreendimentos próprios?

Fernanda observou alguém surgir atrás da mulher enigmática e agarrar seu braço.

— Você está em outro planeta? – cochichou Jacob.

— Desculpe, me distraí. Você pode repetir a pergunta? – solicitou, voltando-se para o repórter.

— Planeja investir sua fortuna em negócios próprios?

— Antes disso, gostaria de dizer que boa parte do que ganho vai para uma fundação que criei no Brasil. O objetivo é dar oportunidade a meninas carentes de entrar profissionalmente no mundo da moda. No ano que vem, abrirei minha própria agência de modelos para atender o mercado publicitário brasileiro.

— E com relação ao mercado imobiliário? – prosseguiu o jornalista.

— Não tenho tempo para acompanhar tudo o que fazem com o meu dinheiro – rebateu Fernanda, olhando novamente para a porta. A mulher de negro não estava mais lá.

Ela se debateu, mas não conseguiu vencer a força que a puxava para fora da sala.

— O que você veio fazer aqui? — indagou o homem ruivo e sardento, agarrando seu braço esquerdo.

— Entregar uma carta a Fernanda Albuquerque.

— Por que está usando esse maldito véu?

— Ele disse que deveria ser assim.

— Ele quem?

— O anjo.

— Gosto de conversar olhando nos olhos das pessoas — reclamou, levantando o véu negro e reconhecendo, imediatamente, a pessoa que se escondia atrás dele.

— Você... você é a puta... a sósia da Pamela Anderson... Quem tramou essa porra contra mim? — disparou Michael, enfurecido.

— Não sei o que está dizendo.

— Quer saber de uma coisa? Não tenho tempo para perder com uma vadia. Me entregue essa porra de carta e suma da minha frente!

— Aqui está — obedeceu-lhe a prostituta, colocando a mão por dentro da camisa e retirando um envelope escondido entre os seios.

— Agora suma! — ordenou Michael.

— Preciso ir ao toalete.

— Foda-se. Já tenho o que preciso — disse o americano, guardando o envelope no bolso do casaco. — Depois a gente acerta as contas — completou, saindo de lá a passos largos. Grace respirou fundo. Se não fosse o aviso do anjo, a missão teria fracassado. Ele a advertira de que um homem usurparia a carta endereçada a Babalon. Seguindo suas instruções, escrevera uma mensagem, colocara em outro envelope e o prendera no sutiã. A carta original continuava guardada na pequena bolsa a tiracolo. “Meu último cliente, quem diria?”, surpreendeu-se. Quando Michael desapareceu de sua vista, Grace cobriu novamente o rosto com o véu negro e voltou à porta principal da *carlyle suite*. O anjo parara diante de Fernanda Albuquerque e estava com o indicador apontado para a top model. “Obrigado, Senhor”, Grace rezou em pensamento, entrando na sala e sentando-se em uma cadeira à direita. Os seguranças entreolharam-se, ressabiados. “Você é como Maria Madalena, preservou seu coração. Babalon vendeu algo que ninguém pode tocar.” A prostituta lembrou-se das palavras do indigente que lhe confiara aquela missão. Sentiu calafrio.

— John, *Evening Standard*. Boa-noite, senhora Albuquerque. Incrível, a senhora é ainda mais linda pessoalmente — elogiou o repórter, antes de formular a pergunta.

— Obrigada. Não posso dizer o mesmo. É a primeira vez que o vejo — rebateu a brasileira, arrancando mais risos da plateia.

— Um jornalista, bem famoso por aqui, publicou uma reportagem afirmando que

seu pai praticava magia negra no interior do Brasil. Você herdou isso dele? – alfinetou John.

O coração de Grace bateu mais forte. Por alguns segundos, era possível ouvir a respiração das pessoas no auditório. Gregory escreveu algo em um papel e, discretamente, deslizou-o sobre a mesa. Fernanda leu o que estava escrito e se voltou para o repórter:

— Não li a matéria. Mas acabo de ser informada que esse tal de David Rowling é mais famoso pelas fraudes do que pelo bom jornalismo. Só para corrigir o equívoco: meu pai não praticava magia negra.

— Por que a senhora privilegiou seu caluniador com sua única exclusiva em Londres? – disparou John.

Murmúrios no auditório. Gregory olhou para Jacob à espera de esclarecimento. O empresário voltou-se para a top model e sussurrou:

— Você pode me explicar o que significa isso?

— Caro John, pretendo dar a ele uma aula sobre cultos afro-brasileiros. Meu pai praticava candomblé, não magia negra. Farei um serviço ao meu país. Não suporto preconceitos ridículos – esquivou-se a top model, pensando: “Por que Mary não me falou sobre isso, merda?”.

— Também gostaria de receber aulas sobre religião na sua suíte – murmurou o repórter provocador, encerrando sua participação na coletiva.

— Joyce, *Vogue*. Fernanda, Francesco Fiori estava fora do mercado da alta costura há seis anos! Ele se aposentou dizendo que jamais desenharia novamente. Agora, ele volta, e em grande estilo. Quem o convenceu a mudar de ideia?

— Quando cheguei ao hotel, o conjunto já estava no closet da suíte. E caiu perfeitamente. Não precisou de nenhum ajuste. Fico feliz que Fiori tenha voltado de suas férias prolongadas. Mas não sei responder por que ele mudou de ideia. Talvez *mister* Hoover possa – respondeu a brasileira, virando-se para o representante inglês da Schiaparelli.

— Ele não estava de férias. Assinou um contrato sigiloso de exclusividade conosco. O primeiro resultado vocês estão vendo hoje. Em breve, ele fará uma coletiva – esclareceu Gregory.

— Uau! Vocês conseguiram enganar todo mundo – comentou a repórter.

— George, *The Star*...

— Você trabalha com Mary? – adiantou-se Fernanda.

— Trabalhamos na mesma redação. Ela é assistente na editoria de matérias especiais. Antes de formular minha pergunta, senhora Albuquerque, gostaria de fazer um esclarecimento sobre David Rowling.

— Como ele não está aqui para se defender, fique à vontade – consentiu Fernanda.

— Essa eu quero ver – provocou John.

— David Rowling recebeu o prêmio de melhor repórter da *British Press Awards*. Duvido que, algum dia, o repórter do *Evening Standard* chegue perto disso – disparou George. Fernanda sorriu, com discrição. John achou melhor ficar calado.

Sentado em sua poltrona preferida, diante da lareira, David terminou de preparar o cachimbo ao som de *A Arte da Fuga – Contrapunctus X*, de Bach. Desde que chegara da redação, desejava ligar para Mary. A assistente estava transtornada ao telefone, e a culpa era sua. Talvez devesse convidá-la para um jantar. “Não seria apropriado nesse momento. É melhor deixar para depois. Quando tudo estiver resolvido”, concluiu, acendendo o cachimbo. Conferiu o relógio de pulso: oito e quarenta e cinco. “A coletiva deve estar no fim. George me ligará em poucos minutos”, pensou, dando duas baforadas.

— Andrew... Andrew... – murmurou. “Mary disse que ele foi convocado pelo homem que descobriu Fernanda Albuquerque... Além de psicopata, deve ser o traidor da facção inglesa dessa seita. De qualquer maneira, eu estava certo. Esses miseráveis estão arquitetando algo há muito tempo. E o desfecho, o Apocalipse Negro, tem dia e hora marcados: amanhã, às onze e meia da noite. Andrew, dessa vez, você não me escapa”.

— E o padre...

“Pietro foi enviado à aldeia de Fernanda Albuquerque quando ela era uma desconhecida.”

— Meu Deus, ele assassinou seu pai e fugiu! – exclamou, dando outra baforada em seu cachimbo. “Anos depois, chega a Londres poucos dias antes da top model, é hospedado no mesmo hotel e, quando a encontra, finge ser outra pessoa. Nunca pensei... Ele sempre me pareceu sincero. Talvez inocente e crédulo demais, facilmente manipulável pelo seu confessor, mas sincero. Algumas coisas poderiam ser mais bem explicadas se ele...”

— Se ele fizesse parte dessa seita satânica... – pensou em voz alta. “Acho que estou fantasiando. É mais fácil supor que a Confraria dos Quatro Anjos, da qual faz parte, esteja engajada em uma guerra santa, sem restrições. Isso explicaria a morte de *sir* Alexander Cotton tão bem quanto a guerra das duas facções. Estou pisando em ovos.”

— Droga, esse formigamento não me deixa em paz – impacientou-se, massageando a têmpora direita com os dedos anular e médio. “Pietro disse que estaria na coletiva. Talvez a Igreja esteja tramando um ataque contra Andrew. Isso faria meu plano ir por água abaixo”, ponderou, apanhando o celular. Acionou o telefone do padre. “Vou esperar mais um pouco”, decidiu, voltando o aparelho à pequena mesa ao lado da poltrona. Olhou para o anel no indicador da mão direita. Lembrou-sedas palavras de seu pai: “Você pode perder os bens materiais, mas sua

história pessoal não pode ser roubada de você, nem corroída pelo tempo. Ela é sua verdadeira herança”. David deu duas baforadas em seu cachimbo e colocou-o no suporte. Com um sorriso no rosto, fechou os olhos. Naquele manhã, um peso fora retirado de suas costas. Reclinou a cabeça no encosto da poltrona. “Hoje, o dia foi cheio de surpresas... Estou exausto.” Suspirou. “Editor de política internacional... Quinhentos mil dólares por ano. Cargo cobiçado, salário bem acima da média. Não faz sentido alguém dar esse poder ao Steven. Aquele canalha estava escondendo alguma coisa... Mas o quê?”, pensava, até ser interrompido pelo toque do celular. Checou o número. Era Paul Reiner:

— Você está acompanhando a coletiva?

— À distância. Enviei um repórter e fotógrafos e aguardo relatório. Amanhã, tenho uma exclusiva com Fernanda Albuquerque. Por quê?

— Não queria atrapalhar seu trabalho.

— Em que posso ajudá-lo, Paul?

— Quero saber se você já foi cooptado por Steven.

— Ele me chamou para uma conversa privada, no salão de chá do jornal.

— E nessa conversa... – insinuou Paul, com a intenção de que seu subordinado continuasse a frase.

— Ele me ofereceu o cargo de editor de internacional, em Nova York, com um salário anual de...

— Quinhentos mil dólares – interrompeu o diretor do *The Star*, mostrando que conhecia a transação.

— Exatamente.

— Um salário bem acima do mercado, não? – insinuou seu chefe.

— Achei a oferta, no mínimo, estranha – comentou David.

— Suspeita – corrigiu Paul. – E, naturalmente, um jornalista inteligente como você deve estar se perguntando por que ele lhe fez essa proposta.

— Para ser sincero, estou tão ocupado com Fernanda Albuquerque que não tive muito tempo para pensar nisso – esquivou-se o editor assistente.

— Liguei para lhe poupar tempo. Como você sabe, o canalha do Steven se vendeu para um dos sócios de um importante jornal nova-iorquino. Acabo de ser informado, por uma fonte confiável, que o preço não foi apenas a contratação de Mary no *The Star*. Você faz parte do pacote, David.

— Como assim?

— Aquele calhorda deve ter lhe dito que tem autonomia para montar a própria equipe.

— Sim.

— Na verdade, os americanos exigiram que ele o convencesse a se mudar para Nova York.

— Por que fariam isso?

— Se eu fosse você, perguntaria isso para sua assistente. Você é inteligente, David, já deve estar desconfiado de que Mary não é apenas uma excelente repórter com uma agenda poderosa.

— Agradeço pela ligação, Paul. Vou investigar isso. Assim que descobrir algo, entro em contato. Até logo.

— Mary?! Por que me querem em Nova York? Quem me quer em Nova York? – indagou-se, levantando-se da poltrona. “Estou perto de desbancar essa maldita seita. Será que eles querem me levar para uma emboscada? Mary?! Ela me pareceu sincera. Talvez Michael saiba a resposta. Talvez Michael tenha protegido o padre para atirá-lo em uma armadilha.”

— Preciso falar com ele.

Pegou o celular e acionou o número de Pietro.

A top model brasileira encarou George por alguns segundos. O repórter do *The Star* fizera uma pergunta capciosa sobre o incidente no aeroporto.

— Eu parti para cima porque ela fez um comentário preconceituoso sobre o Brasil — respondeu Fernanda, confirmando a versão criada por Mary.

— Então você desmente tê-la agredido porque ela deu em cima de você? — prosseguiu George.

— Claro. Não tenho nada contra as lésbicas.

— Não é o que a imprensa internacional costuma dizer — provocou o repórter do *The Star*.

— Você é bem atrevido, George. Vou provar que não tenho nada contra as lésbicas. Alguma voluntária? — indagou Fernanda, varrendo o auditório com os olhos.

“É a minha oportunidade. Não posso deixar passar”, pensou Grace, levantando-se e indo, a passos largos, até a mesa em que a brasileira estava sentada. Murmúrios se espalharam na *carlyle suite*. Todos queriam saber quem era a mulher escondida atrás do véu negro. Fernanda levantou-se atrás da mesa e chamou-a para perto de si. Jacob e Gregory se entreolharam ressabiados.

— Quero ver seus olhos — sussurrou a brasileira. A prostituta levantou o véu. Fernanda Albuquerque passou a mão direita atrás de sua cabeça e, com delicadeza, trouxe os lábios de Grace ao encontro dos seus. Centenas de *flashes* pipocaram. Ao final do beijo, que durou quase um minuto, a inglesa sussurrou:

— Um anjo pediu que eu lhe entregasse essa carta.

E, discretamente, colocou o envelope sobre a mesa.

— Obrigada — agradeceu Fernanda, sentando-se novamente. “Anjo? Que história maluca é essa?”, perguntou-se, fitando além dos repórteres embasbacados com o gesto, a mulher misteriosa afastando-se rapidamente até deixar a sala.

— Adorei — comentou Jacob.

— Seu pervertido — retrucou, voltando-se novamente para o auditório. — Quem é o próximo?

— Kate, *Elle*. Isso foi uma encenação? Quero dizer: faz parte do lançamento do perfume, como o contrato sigiloso com Francesco Fiori?

A top model se virou para o executivo da Schiaparelli, à espera de sua intervenção. Acabava de se dar conta de que a atitude intempestiva poderia comprometer a marca e não estava disposta a perder aquele contrato milionário. Gregory entendeu o recado.

— Juro que isso não estava no *script*. Mas gostei de assistir. Sobre o perfume que lançaremos amanhã, posso adiantar que é um marco na história da perfumaria – explicava o executivo, enquanto Fernanda quebrava o lacre e retirava a carta do envelope. – A elaboração artesanal segue uma receita egípcia, perdida há milênios. Seus aromas não envolvem apenas o olfato. Eles seduzem a alma.

A mensagem fora escrita à mão e, visivelmente, às pressas. Começou a ler disfarçadamente: *Filha, você está à beira do abismo...*

— Tyler, *London Magazine* – apresentou-se outro repórter, obrigando-a a desviar os olhos da carta. – No mês passado, você comprou cinco Degas. É um investimento ou... Está decorando seu apartamento?

— Quando era pequena, sonhava em ser bailarina. Decorar minha sala de estar com as bailarinas de Degas é uma maneira de compensar essa frustração – respondeu Fernanda, voltando-se para a mensagem antes que outro repórter formulasse uma nova questão.

...e um homem se prepara para empurrá-la. Sua salvação é deixar a porta fechada para ele. E abrir seu coração para mim.

Fernanda levantou os olhos. Os repórteres não estavam mais lá. No lugar deles, uma multidão de demônios nus masturbavam-se, com pênis deformados apontados em sua direção. No fundo da sala, Sammy assistia a tudo com um sorriso perverso no rosto. “Está chegando a hora”, dizia-lhe em pensamento.

— Maldito!

— O que aconteceu, querida? – perguntou Jacob.

— Nada – respondeu, ao constatar que os repórteres continuavam no mesmo lugar e que a cena presenciada há poucos segundos talvez fosse apenas imaginação. – Só estou cansada. Deve ser o *jet lag*. Acho melhor encerrarmos a coletiva.

— Tudo bem. Acho melhor você descansar para amanhã. Não é mesmo, Gregory? – indagou Jacob, mirando o executivo.

— Sem dúvida. Despeça-se dos jornalistas, Fernanda. Tomarei a palavra logo depois.

— Agradeço a presença de todos. Infelizmente, não poderei ficar para o café. Quero dizer, para o chá – brincou Fernanda, levantando-se.

— As últimas fotos – gritou um dos fotógrafos.

Ela olhou na direção das máquinas, armando um sorriso, e saiu pela porta reservada, ignorando o protesto dos repórteres que não conseguiram fazer suas perguntas. O Anjo Negro seguiu atrás.

Sentia que estava de bruços. Milhares de gritos raivosos. Eles se aproximavam rapidamente.

— Chegou a hora da nossa vingança – uma voz grave se destacou.

O padre teve a impressão de conhecê-la.

“Quem é você?”

— As larvas já devem ter mastigado seus miolos, exorcista de merda! Somos a legião que você mandou de volta para cá.

“Eu... Eu...”

— Não tem para onde fugir – alguém berrou da turba. Fugir. Aquela palavra trouxe lembranças à tona: “Você foge de si mesmo. E se perde na escuridão. Lembre que sou onipresente, Pietro”.

“Senhor... Pegai-me em suas...”, dizia até sentir garras afiadas rasgando-lhe as costas. A dor dilacerante o fez gritar a última palavra: “mãos”. Silêncio.

— Você chegou a esse lugar com suas próprias pernas, Pietro.

Ele conhecia aquela voz.

“Tende misericórdia”, suplicou. Lágrimas espessas correram em seu rosto.

— Vim até aqui para lhe trazer algo que você jogou fora. Levante-se.

O padre se ajoelhou, cabisbaixo, e ergueu as duas mãos acima da própria cabeça.

“Não mereço ficar de pé diante de Vós”, murmurou. Alguém segurou em seu braço direito, puxou-o para cima e disse, devolvendo os olhos às órbitas vazias:

— Isso é seu.

O padre sorriu ao ver seu interlocutor. O homem tinha barba, bigode, cabelos longos, nariz adunco e pele morena. Aquele rosto era familiar.

“Eu me lembro... Você disse que nunca me abandonaria.”

— Você se afastou de mim, Pietro. Olhe à sua volta.

A três metros, centenas de demônios encaravam-no com raiva. Em vez de mãos, garras afiadas erguiam-se ameaçadoras. Mas algo os impedia de se jogar contra ele. E retalhá-lo.

“Eles são... horríveis. Protege-me desses monstros!”

— Eles nasceram anjos, Pietro. E eram mais próximos de Mim do que você jamais foi.

“Eles Vos traíram.”

— Eles fizeram uma escolha. Você também.

“Tirai-me daqui, por favor.”

— Nesselugar, não existe ponte para Minha casa.

“Então, que se faça Vossa vontade”, respondeu, fechando os olhos. O homem de túnica branca o abraçou. Naquele abraço, Pietro sentiu as feridas cicatrizar. E, por um breve instante, seu coração atormentado encontrou paz. “Isso é o Paraíso”, pensou, desejando permanecer ali por toda a eternidade.

— *Kefa, kum* – o homem sussurrou em seu ouvido.

Ele teve a impressão de ser arremessado para cima. Ergueu a cabeça e inspirou profundamente. Queria encher os pulmões vazios. Em seguida, levantou os braços e abriu os olhos. Sorriu, assustado. Estava na banheira do Mandarin Oriental. Gotas de sangue escorriam dos pulsos. Mirou a água, levemente avermelhada. O cortador de gelo repousava em sua perna.

— Obrigado, Senhor. Obrigado – agradeceu, com lágrimas nos olhos. Ele se lembrava de tudo desde o início. Estava embriagado quando entrara na água aquecida. Forçara a lâmina contra a carne e fora atingido por uma estocada na cicatriz triangular em sua fronte. Experimentara os horrores do inferno. A salvação chegara pelo amigo que conhecera em sua infância, ao desmaiar no campo de futebol. O padre sabia o significado de suas palavras: *Kefa, kum*. Era aramaico, a língua de Jesus Cristo. *Kefa* era como ele batizara o discípulo Pedro. *Kum* significava “levanta-te”, “desperta-te”. Ele dissera aquilo a uma menina morta que obedecera prontamente. Pietro saiu da banheira e se enrolou em um roupão. O que mais queria era voltar a Roma e partir para o retiro espiritual no mosteiro grego, como prometera o cardeal Gabriele. Precisava se purificar. Ouviu o celular tocar no quarto e foi buscá-lo. Era David.

— Padre, onde você está?

— Como é bom ouvir sua voz. Estou no quarto do hotel.

— Não combinamos que você iria à coletiva?

— Que dia é hoje? – perguntou, desnortado. Tinha a sensação de ter passado dezenas de anos no inferno.

— Como assim, padre? Você está bem?

— Não. Acho que desmaiei na banheira – respondeu. “É melhor não comentar o que aconteceu de verdade”.

— Almoçamos juntos hoje.

“No mundo espiritual, o tempo não existe...”, pensou Pietro, emendando:

— Então, hoje à tarde, a Fernanda me reconheceu. Fui fraco, David. E, mais uma vez, menti. E fugi – confessou o italiano.

— Amanhã de manhã, tenho uma reunião. Gostaria de vê-lo logo depois.

— Estarei à sua espera. Será bom vê-lo.

— Ligo quando estiver por perto. Até logo.

“O celular tocou assim que eu despertei. Deve ser um sinal. Deus quer que eu esteja ao lado de David nessa missão”, concluiu, respirando fundo. Sentou-se na

cama.

— Preciso me encontrar com a Fernanda – disse para si mesmo, resolutivo. – Ainda hoje.

O relógio marcava dez e meia da noite. Michael estava escondido próximo a algumas árvores, observando o movimento na parte de trás do Mandarin Oriental. “Aquele filho da puta do Bundy jogou sujo. Sequestrou minha mulher... Meu filhinho. Quando essa merda acabar, vou acertar as contas com ele”, pensava o americano, com um fone no ouvido conectado às escutas na suíte da top model brasileira. Desde que ela encerrara a coletiva e voltara ao quarto, trocara apenas algumas palavras com o segurança e recebera uma ligação de Jacob, parabenizando-a pelo sucesso da coletiva e acertando detalhes da agenda para o dia seguinte.

— Quem está aí, Harold? – Michael ouviu a voz de Fernanda.

— Não acredito! – ela exclamou.

A porta se abriu.

— O que quer comigo? Estou cansado das suas mentiras – disse a top model.

— Essa roupa... Você é... Babalon?!

— O que esse cretino está fazendo lá? – perguntou-se Michael, ao reconhecer a voz de Pietro. – Ele vai foder tudo!

— O senhor me deve explicações, padre. Ou devo dizer, Giovanni?

— Você estava certa. Eu sou o “padre que fala engraçado” – respondeu em uma língua que Michael não soube identificar. Provavelmente, a língua materna da brasileira. – Podemos conversar a sós? – ele prosseguiu.

— Tudo bem, Harold. Bata em quinze minutos – orientou Fernanda.

Michael ouviu o som de passos.

— O senhor matou meu pai? – inquiriu a brasileira, na língua que Michael não conhecia.

— Eu vim até aqui, Fernanda, para pedir perdão.

— Você... você matou meu pai? – perguntou novamente, com a voz trêmula.

Pietro encarou seus olhos azuis. Tristeza, angústia e revolta. Percebeu uma sombra escura projetando-se sobre ela.

“Você perdeu essa batalha, padre. Dê o fora daqui”, alguém sussurrou em seu ouvido. Calafrio.

— Sim. Eu matei Antônio.

— Por que... Por que o senhor fez isso? – perguntou, aos prantos. – Assassino maldito! – berrou, dando um murro em seu peito.

— Me perdoe. Foi o maior erro da minha vida. Só agora consigo ver todo o mal

que fiz – desabafou.

— Por quê?

— Ele sacrificou uma criança, Fernanda. Ao demônio.

Ela fechou os olhos.

A casa estava vazia. Gritaria no quintal. Ela correu até a porta dos fundos e a escancarou. Reconheceu várias pessoas ao redor da mesa de pedra. No centro, estava seu pai, segurando um facão. O sangue escorria. Abaixo dele, havia algo... Visceras escapavam do ventre aberto. Uma máscara de sangue cobria o... Rosto. Não havia nenhum animal sobre o altar improvisado. Era uma criança. E tinha sua idade. Estava morta. Desviou o rosto para cima. Um homem espreitava no muro do quintal. Era o padre que falava engraçado. “Me ajude, por favor”, suplicava com os olhos. Um dos vizinhos correu ao seu encontro. Cobriu seus olhos com a mão direita e a levou de volta para casa.

— Era um bode – explicou-lhe.

— Era uma criança – ela retrucou.

— Você sonhou com isso.

— Mas estou acordada – rebateu, sentindo uma forte pancada na cabeça.

Não era um pesadelo que a atormentava nas últimas semanas. Respirou fundo para tentar se recompor e foi surpreendida pelo rosto de Sammy: “A fama tem um preço. Seu pai já pagou uma parte. Antes de ele morrer, assinamos um contrato”. Pela primeira vez, ali, na suíte do Mandarin Oriental, diante do algoz de seu pai, aquelas palavras fizeram sentido. Seu pai vendera sua alma ao diabo. Aperto no coração. Fernanda abriu os olhos.

— Saia daqui, por favor...

— Me perdoe. E se dê uma segunda chance – suplicou Pietro.

— Tarde demais para as duas coisas. Vá embora.

— Para Ele nunca é tarde – rebateu, apontando para cima.

— Meu pai... Ele... Ele me vendeu – disse entre lágrimas. – Como pôde fazer isso?

— Seu verdadeiro pai, Fernanda, está à sua espera.

— Quem? Deus? – ela perguntou, limpando as lágrimas com as costas da mão direita e encarando Pietro.

— Ele está chamando você de volta.

— Não existe mais volta, padre. Nem para mim... Nem para o senhor. Você é um assassino! Saia daqui! Ou quer que eu chame a segurança?

“Padre assassino. Quando você voltar ao Inferno, terei prazer em trucidá-lo.” A sombra escura sobre a top model parecia dizer-lhe aquilo. Pietro estremeceu ao lembrar-se daquele lugar tenebroso. Respirou fundo e olhou para Fernanda.

— Não precisa chamar o segurança. Não farei nada contra você. Meu pecado foi terrível. Eu matei um homem. Mas fiz isso porque queria te proteger, queria proteger sua mãe, queria proteger outras crianças inocentes. Escolhi o caminho errado. E caí em um abismo.

— Abismo... – balbuciou a brasileira. Olhar perdido. Aquela palavra a fez recordar-se da mensagem recebida da estranha mulher de véu negro: “Filha, você está à beira do abismo e um homem se prepara para empurrá-la. Sua salvação é deixar a porta fechada para ele. E abrir seu coração para mim”. Voltou-se para o padre e disparou:

— Você escreveu a carta, padre?

— Que carta?

— A mensagem que... É claro que você sabe do que estou falando. Isso deve ser mais um de seus truques, não é? – retrucou, com raiva. A sombra escura avançava sobre ela e Pietro teve a impressão de enxergar um rosto demoníaco.

— Desculpe, não sei do que você está falando. Só queria lhe dizer que não importa quão terrível tenha sido o nosso pecado, Deus está sempre pronto para nos perdoar e nos acolher.

— Isso não é verdade!

Pietro arregaçou as mangas da camisa. E estendeu os braços, com os pulsos voltados para cima. O sangue ainda escorria de dois cortes irregulares.

— O que... O que você fez? – assustou-se.

— Só quero provar o que estou dizendo. Essa tarde, quando você me abordou, fui covarde. Tentei fugir de mim mesmo. Eu cortei os pulsos, Fernanda! Eu fui para o Inferno! E Deus me trouxe de volta!

— O se... O senhor... – gaguejou a top model, apontando para os pulsos cortados. Ela se aproximou do padre. E o surpreendeu com um abraço.

— Eu te perdoo pelo que fez com meu pai... – sussurrou em seu ouvido.

— Obrigado por isso – agradeceu Pietro, voz embargada, lágrimas nos olhos.

— Mas não te perdoo pelo que fez comigo – prosseguiu a brasileira, afastando-se e fitando os olhos do padre. – Você já falou o que queria. Agora, saia daqui!

— Os demônios já foram anjos, Fernanda – despediu-se, abotoando os pulsos da camisa e abrindo a porta da suíte.

Michael não entendera nada do diálogo entre a “deusa” e o padre italiano, e não teria tempo de enviar a gravação para ser traduzida. Quando Pietro deixou a suíte de

Fernanda Albuquerque, o espião americano conferiu o relógio: onze e quinze da noite. “Ainda bem que o bastardo não chegou.” Ouviu passos na escuridão do parque. A três metros de distância, um homem parou e olhou na sua direção. Pelos óculos equipados com visão noturna, Michael discerniu alguém trajando capa preta e uma estranha máscara negra: maçãs faciais salientes, nariz pontiagudo, olhos repuxados para cima e chifres retorcidos.

— Estou escondido. Não é possível que esteja me vendo aqui – murmurou.

O estranho tirou a máscara e sorriu. Michael o reconheceu. Era Andrew. “Como ele sabe que estou aqui?”, questionou-se. “Filho da puta. Vai tentar escapar por outro lugar. Preciso encontrar uma maneira de pegar esse desgraçado”, concluiu.

— Estarei de volta à meia-noite e meia para acertarmos as contas! – berrou Andrew, colocando novamente a máscara.

— Merda! Perdi o fator surpresa. Esse idiota joga sujo. Ainda bem que, dessa vez, não esqueci o escudo – confortou-se, segurando, com força, o medalhão que carregava no pescoço por recomendação do senador Karl Bundy e do Servo de Deus. Observou o Feiticeiro entrar pela porta que ficava ao lado esquerdo, na parte de trás do hotel.

A taça de conhaque repousava ao lado do teclado. David conferiu o horário na tela do computador: onze e vinte da noite. Acabara de ler a transcrição da coletiva com Fernanda Albuquerque, entremeada por comentários de George. Pegou a bebida e reclinou-se na poltrona. Tomou um gole. Releu um dos trechos grifados durante a leitura: “...acabo de ser informada de que esse tal *sir* David Rowling é mais famoso pelas fraudes do que pelo bom jornalismo”.

— Amanhã você mudará de opinião, Fernanda.

Em poucos segundos, o formigamento na têmpora direita, quase ausente nas últimas duas horas, transformou-se em dor aguda. Ele apoiou os cotovelos na mesa e pressionou a cabeça entre as mãos.

— Droga! O que está acontecendo de errado? – indagou, elevando a voz. Olhos fechados. Foi surpreendido pela lembrança de Mary. “Se acontecer algo de errado com a Fernanda, você será o único culpado”, ela dissera, encarando-o diante do espelho d’água no Old English Garden.

Abriu os olhos. Acessou o Google e procurou: “babilônia”, “apocalipse”, “prostituta”. Várias páginas continham o mesmo trecho bíblico: “A mulher estava vestida de púrpura e escarlate, e toda enfeitada de ouro, pedras preciosas e pérolas. Tinha na mão um cálice de ouro cheio de abominações, as imundícies da sua prostituição. Na frente da mulher estava escrito um nome enigmático: ‘Babilônia, a grande, a mãe das prostitutas e das abominações da Terra’”.

— Foi essa profecia que Pietro citou no jantar. Segundo o repórter, a Fernanda usava... – pensava em voz alta, voltando ao e-mail enviado por George e procurando a descrição de suas roupas. – ... Um vestido longo escarlate com um decote à esquerda, echarpe púrpura com pérolas nas pontas e tiara prateada com a palavra “Babalon” escrita em diamantes.

“Ela disse que o estilista italiano Francesco Fiori se inspirou em Babalon para criar essa roupa”, recordou David, tamborilando os dedos sobre a mesa. “O estilista desaparecido que, segundo a repórter da Vogue, havia se aposentado há seis anos. Mas, na verdade, tinha assinado um contrato secreto de exclusividade com a Schiaparelli.”

— Francesco Fiori – disse o jornalista, digitando o nome no Google italiano. Correu os olhos pelas primeiras páginas. Elas contavam a trajetória profissional do estilista. “A história oficial não me interessa.” Inseriu uma palavra ao lado do nome Francesco Fiori: “satanismo”. A tela acusou apenas uma página. David clicou sobre o botão esquerdo do mouse e pegou a taça de conhaque.

— Se eu estiver certo... – pensou em voz alta, tomando um gole da bebida e iniciando a leitura do artigo “O costureiro do diabo”:

Há dois anos, quando Francesco Fiori anunciou sua aposentadoria das passarelas e desapareceu das colunas sociais, recebi a denúncia de um renomado especialista em mensagens subliminares. O doutor Carlo Cavalcanti afirmava que o estilista usava a alta-costura para divulgar o satanismo. Desde então, eu estava no encalço do senhor Fiori. Na semana passada, meu esforço foi recompensado. Consegui localizar um de seus assistentes, que consentiu em me prestar um depoimento, com a condição de permanecer no anonimato. O local escolhido foi a Basílica Santa Maria in Aracoeli, onde ele frequenta sessões semanais de exorcismo ministradas pelo padre Pietro Amorth.

— Padre Pietro Amorth! Você está envolvido nessa história até o pescoço – surpreendeu-se David, voltando ao texto:

Sentado diante de um ícone de Nossa Senhora, o costureiro fechou os olhos, uniu as mãos e, aparentemente, fez uma prece de alguns minutos. Em seguida, me encarou e perguntou: “Você acredita no demônio?”. Para não me comprometer, simplesmente respondi que tinha formação católica. O homem olhou para os dois lados, querendo certificar-se de que não havia mais ninguém naquela sala, além de mim e do padre. Ele se aproximou e sussurrou: “Ele existe e Francesco Fiori é seu costureiro”. “Uma das maiores artimanhas do Maligno é fingir que ele não existe. Assim, ele consegue pegar muita gente”, interveio o padre Amorth.

— Você e seus sermões inoportunos – comentou David, retomando a leitura:

Fingi não lhe dar ouvidos. Estava mais interessado no depoimento sobre a vida secreta de um dos maiores estilistas italianos. “Estou preparado para ouvir sua história”, disse, estendendo-lhe o gravador. Não sei como a imprensa não publicou nada sobre o assunto. Segundo o padre, existe uma conspiração satânica infiltrada em diversos segmentos da sociedade. Sem julgar a índole dos meus companheiros de profissão, nem tampouco a veracidade da história, limito-me a transcrever o depoimento: “Ele é um... é um homem perverso, como todas as pessoas que fazem parte daquela seita, a Colmeia Dourada. Ele sempre usava, por baixo da camisa, o medalhão com o símbolo do diabo. Tinha fixação por ele. Ninguém nunca percebeu, mas o Sr. Fiori gravava, em todas as suas peças, o número 666...”, ele dizia, até ser

interrompido novamente pelo padre Amorth: “Esse número foi revelado no Apocalipse. É o número da Besta”. Agradei a ele pela explicação e pedi ao costureiro que continuasse sua história: “Essa aposentadoria foi uma farsa ridícula. Eu ouvi uma conversa sigilosa. Ele saiu de cena planejando um retorno triunfal em seis anos, seis dias e seis horas”.

— É isso! — exclamou David, imprimindo o artigo e fazendo uma nova busca. Desejava saber ano, dia e hora em que o estilista italiano anunciara a aposentadoria. O celular tocou. Era Mary.

Assim que trancou a porta externa do Mandarin Oriental, Andrew tirou a máscara e a capa negra, e as guardou-as na pequena mala que carregava consigo. Vestia terno negro, camisa azul-clara e gravata cinza-escuro. Até chegar à suíte da brasileira, passaria por várias pessoas, e não deveria atrair a atenção de ninguém. Naquele momento, poderia facilmente ser confundido com um dos executivos estrangeiros hospedados ali. Conferiu o horário: onze e vinte da noite. Tinha dez minutos para estar face a face com Fernanda Albuquerque. Estudara a planta do hotel e conhecia o caminho. Passos decididos. Olhos voltados para a frente.

Fazia dez minutos que o padre italiano deixara a *royal suite*. A imagem do homem afável de sua infância, com os pulsos cortados e confessando o assassinato de seu pai, fora um choque. Mas conseguia ser menos aterradora do que a revelação de que seu pai sacrificara uma criança e vendera a própria filha.

— Eu te odeio, maldito! Espero que esteja apodrecendo no inferno!

Deitada no sofá da sala, Fernanda sentiu-se terrivelmente fraca. As mãos e os pés tremiam. A respiração se arrastava. Um peso invisível esmagava seu peito. Tontura. Os objetos à sua volta pareciam dançar lentamente. Forçou a vista para colocá-los no lugar. “Não importa quão terrível tenha sido o nosso pecado, Deus está sempre pronto a nos perdoar e a nos acolher”, lembrou-se das palavras de Pietro com lágrimas secas nos olhos. Conferiu o relógio de pulso. Coração disparado. Em três minutos, estaria nas mãos de um desconhecido. “O cobrador... Andrew”, pensou, desejando torná-lo menos estranho. “E se Mary tiver razão? E se ele quiser apenas brincar um pouco comigo?”. Um sopro gelado no pescoço. Calafrio. Sentiu a presença de alguém às suas costas. Pegou a carta recebida da mulher de véu negro logo após o beijo. Fitou o relógio. Ainda lhe restava um minuto para decidir seu destino.

Além dele, havia outro homem naquele corredor, montando guarda diante de uma porta. “A alcova sagrada”, deduziu Andrew, aproximando-se do segurança negro.

— Boa-noite, Harold – cumprimentou-o com um sorriso no rosto.

— Boa-noite, Andrew – respondeu o Anjo Negro, conferindo o horário.

— Ela está pronta?

— Está como o mestre exigiu.

— Perfeito – retrucou o inglês. – Você fez um excelente trabalho. Será muito bem remunerado por isso. Em breve.

— Assim que tiver despistado todo mundo... – completou Harold.

— Assim que enterrar o punhal sagrado no coração – sussurrou Andrew, sentindo prazer ao pronunciar cada palavra daquela sentença. Retirou um envelope do bolso esquerdo da calça e o entregou ao segurança.

— Uma honra para poucos – comentou o Anjo Negro, guardando aquilo no bolso direito do sobretudo preto. Em seguida, deu três batidas na porta do quarto.

Às pressas, David anotou em seu bloco a data e o horário em que o estilista Francesco Fiori anunciou a aposentadoria precoce. E atendeu o telefone.

— David... Você está aí?

— Sim, Mary. O que aconteceu? – preocupou-se com a voz embargada de sua assistente. A têmpora direita ardia.

— David, na minha cama... – balbuciou Mary, interrompendo a frase com um gemido.

— Respire fundo, querida. Tente se acalmar e me diga o que aconteceu – aconselhou seu chefe.

“Acho melhor ir até sua casa”, completou em pensamento.

— Sangue... e um... um pedaço de... de alguém – revelou Mary, ofegante.

— Havia algo mais? Uma mensagem, talvez?

— Um bilhete. Estou assustada, David. O que eu faço?

— O que está escrito no bilhete?

— “Lc 17, 33-34” – respondeu a americana. – Deve ser um código. O que eu faço?

— É uma passagem bíblica. Provavelmente você foi ameaçada, como o padre.

— E o que eu faço? – insistiu, irrompendo em prantos.

— Em poucos minutos consigo estar na porta da sua casa. Você pode ficar aqui, se quiser, até tudo estar resolvido – sugeriu David.

— Não quero atrapalhar...

— Você não vai me atrapalhar, Mary. Pelo contrário. Trabalharei melhor sabendo que você está fora de perigo.

— Obrigado, David. Você é um anjo. Vou arrumar minhas coisas.

— Saio de casa em menos de cinco minutos. Tempo de uma pequena consulta. Até logo.

Ao desligar, o jornalista acessou uma versão *on-line* da Bíblia e pesquisou a referência deixada para Mary. Era São Lucas: “Quem procurar salvar a vida, vai perdê-la; e quem a perder, vai salvá-la. Eu vos digo: naquela noite, dois estarão na mesma cama; um será tomado e o outro deixado. Duas mulheres estarão juntas moendo farinha; uma será tomada e a outra será deixada”.

— Será que Andrew também está perseguindo Mary? O que ele quer dizer com isso? – questionou-se, vestindo o sobretudo *crombie coat* azul-escuro da Tibbett e guardando o bloco de notas no bolso. – Preciso me encontrar com o padre urgentemente.

Conferiu o horário: onze e meia da noite. Correu até a garagem com o celular na mão. Em seu carro, ativou o viva-voz e acionou o número de Pietro. Quando dobrou a esquina, rumo à casa de Mary, o padre atendeu o telefone.

— Desculpe-me pelo horário. Não costumo ligar para ninguém após as dez horas. Espero não tê-lo acordado.

— Você não me acordou, David. Estava rezando.

— Desculpe-me novamente. Mas não podia esperar...

— Não faça rodeios, David. O que você quer?

— Você era o exorcista do assistente do estilista Francesco Fiori, não?

— Isso não é segredo nenhum. Ele foi até entrevistado por um jornalista. Sou mencionado na matéria. Por quê?

— Porque hoje, padre, a Fernanda Albuquerque vestia uma roupa desenhada por Francesco Fiori. E seu paciente disse que o estilista... – explicava David até ser interrompido.

— Que esse servo do demônio planejava uma volta triunfal!

— Sim. Exatamente seis anos, seis dias e seis horas após, provavelmente, o anúncio da aposentadoria – prosseguiu o jornalista.

— Hoje? – murmurou Pietro.

— Creio que sim. Não tive tempo de fazer os cálculos. Mary encontrou um pedaço de carne e um bilhete sobre a cama. Talvez seja uma ameaça. Estou indo buscá-la.

— David, eu me encontrei com a Fernanda depois da coletiva.

— Onde?

— Fui até a suíte dela.

— E...

— Ela estava vestida como a Grande Prostituta, a Babalon.

— Ela não trocou de roupa... – resmungou David. – Padre, talvez eu tenha cometido o maior erro da minha vida. Assim que trouxe Mary para minha casa, gostaria de encontrá-lo no hotel.

— Ok. Até mais.

O formigamento na têmpora direita de David aumentava a cada segundo. Ele pisou no acelerador.

Andrew recebera a chave da suíte de Fernanda Albuquerque, mas não quis usá-la. Esperou que ela abrisse a porta e o convidasse para entrar. Precisava do seu consentimento para iniciar o ritual. Não queria desperdiçá-lo com uma entrada invasiva.

— Quem é, Harold? – ela perguntou, com a porta entreaberta.

— Ele se chama Andrew.

— Não marquei nada com ninguém – rebateu a brasileira, encostando a porta.

O segurança olhou para Andrew, esperando que ele tomasse a iniciativa. O inglês ficou calado. Em menos de três segundos, a top model escancarou a porta. Sorriso malicioso no rosto.

— Você... Você é bem melhor do que eu imaginava – ela disse, avaliando-o de cima a baixo.

— Vai me deixar entrar?

— Depende do que quiser fazer comigo... – respondeu Fernanda, deixando a boca entreaberta.

— Esse homem não me deixaria lhe fazer nenhum mal. Não é? – indagou Andrew, olhando para Harold com um quase sorriso.

— De maneira alguma – o segurança retrucou, com um olhar de cumplicidade.

— Então, entre – consentiu a brasileira, abrindo a passagem e sorrindo para o Anjo Negro. – E me mostre o que sabe fazer – sussurrou ao convidado, fechando a porta.

— Essa roupa... Você não poderia estar melhor – elogiou Andrew, colocando a mala sobre uma poltrona na antessala.

— O que você tem aí? – ela quis saber.

— Sou um homem de muitos fetiches – ele respondeu, abrindo a bolsa e retirando uma taça dourada e uma garrafa envolta em veludo negro.

— O que é isso?

— Uma mulher como você merece uma taça de ouro. E a melhor bebida do mundo – respondeu Andrew, com uma expressão solene no rosto. Tirou o lacre de cera sobre a rolha e abriu a garrafa. Serviu a taça dourada e a estendeu na direção de Fernanda.

— Boa-Noite, Cinderela? – insinuou a brasileira, mirando o líquido vermelho-sangue.

— Não preciso disso para seduzir ninguém.

— Você quer me seduzir?

— Quem, nesse mundo, não quer?

— Então, vamos deixar isso de lado e ir ao que interessa – rebateu Fernanda, colocando a taça sobre uma pequena mesa redonda.

— Não tenha pressa. Sou romântico e gosto de preliminares – explicou Andrew, olhando fixamente para ela e completando em pensamento: “Tome isso”.

— Se é assim que você deseja... – consentiu a top model, virando o líquido de uma vez. – Que gosto horrível. Que merda é essa? – reclamou, atirando a taça ao chão.

— “A mulher estava vestida de púrpura e escarlata, e toda enfeitada de ouro, pedras preciosas e pérolas. Tinha na mão um cálice de ouro cheio de abominações, as imundícies da sua prostituição. Na frente da mulher estava escrito um nome enigmático: ‘Babalon’” – recitou Andrew, substituindo a palavra Babilônia do texto original. – “...a grande, a mãe das prostitutas e das abominações da terra.”

Fernanda conhecia aquela passagem. Olhou para ele, aterrorizada, e berrou:

— Saia daqui agora!

— É assim que você trata seu convidado? – Andrew não disfarçou a ironia.

— Vou chamar... – dizia Fernanda. Pernas trêmulas. Vista turva.

— Quem? Harold? Ele não está mais aqui. O padre que fala engraçado? Não conheço ninguém mais patético. Sua amiguinha americana? Você não vai chamar ninguém.

— O que você... fez comigo? – perguntou, antes de tombar no chão. Respiração arrastada. Tentou mexer as pernas e os braços. Pareciam anestesiados. Observou Andrew se aproximar, com um sorriso mordaz no rosto. Ele a carregou em seus braços até a cama. Colocou-a deitada, com um travesseiro sob a cabeça e outro abaixo da lombar.

“O que você vai fazer comigo?”, ela tentou perguntar, emitindo apenas grunhidos. Andrew se aproximava com um punhal na mão esquerda.

O Anjo Negro fitou o relógio de pulso. Faltavam cinco minutos para a meia-noite. Uma lágrima indomável escorreu do olho direito. Limpou-a rapidamente com as costas da mão. Nos últimos anos, acostumara-se à companhia de Fernanda. Aquele sorriso, embora muitas vezes forçado, iluminara dias sombrios. Harold aprendera a amá-la. Mas, desde que começara a protegê-la, sabia que a estava preparando para aquele momento, e estava ávido pela recompensa. “Queria tanto ter me despedido”, pensou, afastando-se da porta. “Talvez nos encontremos ainda hoje.” Pegou o elevador e desceu dois andares. Ao entrar na suíte de trinta e quatro metros quadrados, apanhou o envelope recebido de Andrew. Sentou-se à pequena escrivaninha de madeira, acendeu o abajur e leu a mensagem.

— Meu atestado de insanidade – concluiu, transcrevendo o texto para outra folha. Assim que terminou, foi ao banheiro, sacou um isqueiro do bolso e queimou o original dentro da pia.

— Meu último desejo... Acho que mereço relaxar nesta banheira.

Entre as árvores do Hyde Park, com os olhos voltados para o Mandarin Oriental, Michael aumentou o volume do fone de ouvido. O silêncio imperava na suíte de Fernanda Albuquerque. “Ele drogou a deusa. Operação Luxúria em andamento.” Respirou fundo. Conhecia os detalhes sórdidos do ritual que Andrew estava prestes a realizar. Mãos suadas. Coração acelerado. Respiração entrecortada. “Essa organização é capaz de tudo. Bundy está com a minha família. Preciso terminar essa missão.” Ouviu palavras estranhas. “O Feiticeiro começou”, concluiu. Conferiu o horário: meia-noite. Uma sequência de grunhidos. “Ela está sendo...” Enjoo. Michael abaixou-se e encostou o ombro direito em uma árvore. Vomitou três vezes. Nos últimos anos, ele se acostumara ao cheiro da morte. Mas o que acontecia na suíte mais luxuosa daquele hotel lhe dava calafrios. Pensou em sua mulher. Respirou fundo. Teve a impressão de alguém se aproximando. Um vento gelado passou por ele levantando folhas do chão, e o fez voltar os olhos novamente para o Mandarin Oriental. Uma nuvem escura pairava sobre o hotel. Ouviu Andrew pronunciar algumas palavras na mesma língua estranha. “O idioma do inferno”, pensou. Um grito agonizante reverberou nos fones de ouvido. Ele esmurrou a árvore com violência. Escutou o som de passos apressados. Uma porta se abriu e foi fechada com força. Silêncio.

Olhos vermelhos. Mary estava vestida de preto da cabeça aos pés: salto alto, meia-calça e *tailleur* Chanel. Forçou um sorriso ao abrir a porta de casa e encontrar David à sua espera. Cumprimentou-o com um beijo seco no rosto. Seu chefe estendeu a mão esquerda em direção à pequena mala que ela levaria consigo. Mary trancou a porta de casa e caminhou em silêncio até o carro. O inglês abriu a porta para a assistente e guardou a bagagem no banco de trás. Ligou o som: “Angel of the Morning”, de Nina Simone.

— Uma de suas canções favoritas – ele comentou, dando a partida. Tinha algumas perguntas para ela. Mas precisava quebrar o gelo.

— Não nesse momento, David.

— Mary, quero que você se sinta à vontade na minha casa...

— Detesto incomodar as pessoas.

— Quero que fique lá até tudo se resolver.

— Eu fiquei tão nervosa... Devo ter esquecido alguma coisa em casa.

— Não se preocupe com isso. Deixarei uma chave com você. Sinta-se à vontade para buscar o resto quando achar mais conveniente.

— Obrigada. Você é um anjo – agradeceu, forçando um sorriso.

— Mary, quer conversar sobre o que aconteceu? Quando você já estiver instalada, precisarei sair...

— Sério?

— Me desculpe. Tenho problemas para resolver.

— Já passa da meia-noite, David.

— Acho que cometi um erro, Mary.

— Posso ajudá-lo?

— Acho que você fez o que podia... Só queria que você confirmasse uma informação que me passou hoje à tarde: você me disse que a Fernanda recebeu uma carta do olheiro que a descobriu. Certo?

— Certo.

— Para quando estava marcada a visita de Andrew?

— A carta dizia “amanhã”.

— Isso significa hoje?

— Se ela recebeu a carta ontem, sim. Por quê?

— Já passa da meia-noite. O padre encontrou-a na suíte do hotel, há pouco tempo. Ela estava com a mesma roupa que usou na coletiva, desenhada por Francesco Fiori, também conhecido como “costureiro do diabo”. Talvez isso signifique, Mary, que

Andrew não irá encontrá-la amanhã, depois do lançamento da campanha publicitária. Talvez ele esteja lá agora – explicou David, pisando fundo no acelerador do carro.

— Ela está correndo perigo? – indagou Mary, quase histérica.

— Sim.

— Você... você... – balbuciou, apanhando o celular e acessando o número da top model.

— Vou ao hotel me encontrar com o padre. E, provavelmente, acionar meu contato na Scotland Yard.

— Atenda, amiga! Atenda a porra do celular!

— Fique calma, Mary.

— Você me convenceu a jogá-la nessa armadilha e agora quer que eu fique calma! Se tiver dado merda, David, você será culpado. E eu serei sua cúmplice! – berrou. – Ela não atende, merda!

— O que você está me escondendo?

— Por que acha que estou escondendo alguma coisa?

— Porque... – começou David. “Sua transação para trabalhar no *The Star* me incluiu no pacote”, completou em pensamento. O momento era delicado para colocá-la contra a parede.

— Por quê? – insistiu Mary, pegando novamente o celular e tentando ligar para a amiga.

— Porque a cigarra no meu ouvido é infalível.

— Eu entreguei minha amiga nas mãos de um psicopata, alguém deixou um pedaço mutilado na minha cama, recebi uma ameaça... Só me faltava ser acusada pelo meu chefe de mentirosa – retrucou Mary, virando o rosto para a janela. Um gato negro atravessava a rua.

— E eu não acusei de mentirosa.

— Desculpe, David. Estou nervosa com tudo isso. Estou exausta – justificou-se, colocando a mão direita sobre os olhos.

— Tudo bem. Você precisa descansar. Já estamos chegando.

— Existem coisas sobre o meu passado que eu não contei. E ainda não me sinto preparada para falar sobre elas – desabafou a americana.

A porta do quarto estava destrancada. Andrew entrou e abriu a mala. Pegou algo envolto em tecido negro. Sobre a cama, havia uma carta escrita por Harold. Com a mão direita enluvada, apanhou-a. Queria conferir se o segurança transcrevera integralmente a mensagem:

Eu me chamo Harold Adams e, durante vários anos, trabalhei como segurança pessoal e chefe da segurança de Fernanda Albuquerque. Eu me dediquei ao serviço de corpo e alma. Eu arrisquei minha vida duas vezes para livrá-la da morte. Eu a amava mais do que tudo. E não exigia nada em troca. Mas, há seis meses, um demônio começou a me atormentar. Ele sussurrava no meu ouvido: “Essa vagabunda só quer te provocar. Ela sorri para você, mas transa com outros caras”. Comecei a ficar furioso. Tentei mandá-lo embora. Ele sumiu por algumas semanas. Mas, há três dias, voltou. E me convenceu a fazer o que eu fiz. Talvez o mundo me julgue como um louco psicopata. Mas isso já não importa mais. Eu e minha amada estamos unidos pela eternidade.

— Uma bela carta, não acha? – comentou Andrew, encontrando Harold deitado na banheira.

— Sim – respondeu o segurança, abrindo os olhos.

— Aqui está o punhal sagrado. A arma do crime – anunciou Andrew, entregando-lhe o objeto enrolado em tecido negro.

Harold desembalhou uma lâmina ensanguentada. Gotas vermelhas tingiram a água transparente.

— Que seja feita a vossa vontade – disse Harold, solene, apoiando a ponta da lâmina abaixo do osso esterno.

— Assim na Terra como no inferno – completou Andrew.

Em um gesto rápido, o segurança atravessou a carne e atingiu o coração. Olhos fixos no assassino, sem transparecer dor ou medo.

— O que você está vendo? – indagou o inglês.

— Estou... Ele está vindo – sussurrou o Anjo Negro, debatendo-se na banheira.

— Quem? – impacientou-se Andrew.

— Não! – berrou Harold, silenciando-se em seguida. Em poucos segundos, os músculos do rosto, contorcidos de pavor, relaxaram. Lágrimas escorreram dos olhos sem vida. O bastardo fitou-o com desprezo e conteve o impulso de cuspir sobre ele. Engoliu a saliva.

— O inferno é assustador apenas para os fracos! — disse, dando as costas ao morto e indo até sua mala. — Pena que, dessa vez, não poderei levar o troféu — lamentou, apanhando o saco plástico lacrado com um pedaço de carne do tamanho de um punho. Voltou à banheira ensanguentada, abriu-o e colocou-o perto de si. Com as duas mãos, escancarou a boca de Harold. E enfiou o coração de Fernanda, ainda quente, entre seus dentes. Lavou as luvas na pia, tomando cuidado para não carregar nenhum vestígio de sangue.

Sangue escorria dos nós de três dedos. “Não posso perder o controle. Minha família está em jogo”, pensou Michael, após ter esmurrado a árvore. “Aquele filho da puta deve sair nos próximos minutos.” O suor frio cortava seu rosto. Percebeu uma névoa marrom-esverdeada avançar do Hyde Park em direção ao hotel. No começo, podia ver através dela. Em menos de um minuto, tornara-se tão espessa que mal conseguia enxergar a um metro de distância.

— Deve ser mais um de seus truques — desesperou-se. “Preciso chegar mais perto do hotel. Ele não pode escapar”. Tirou o fone de ouvido e colocou a mochila às costas. Sacou a pistola automática.

— Fodam-se essas malditas regras inglesas. Se ele passar por mim, meto bala — resolveu, caminhando na direção do Mandarin Oriental. No limiar entre o Hyde Park e a South Carriage Drive, ouviu passos. “Deve ser o desgraçado”, concluiu, abaixando-se ao lado de um arbusto. A capa negra esvoaçante passou a poucos centímetros do seu rosto. Michael levantou-se e apontou a arma em sua direção. O homem desaparecera na “cortina de fumaça”. Apressou-se em segui-lo, guiando-se pelo som de seus passos. Estava cada vez mais perto. Silêncio. “Ele deve ter percebido”, deduziu, parando e se escondendo atrás de uma árvore. “Talvez esteja querendo me atrair para uma armadilha, filho da puta.” Sentiu algo se mover acima de si. Ergueu a cabeça, empunhando a pistola. Um forte golpe acertou sua nuca. Tombou no chão, desmaiado.

— Esses traidores são uns idiotas amadores. Como acharam que esse cara podia me apanhar? — gargalhou Andrew. — Hora de colocar o plano do papai em ação.

O quarto de visitas era aconchegante. Papel de parede em tons pastéis e detalhes violáceos ornamentado com quadros de pássaros. O banheiro ficava à direita da entrada.

— Espero que se sinta à vontade aqui – disse David, colocando a bagagem sobre a cama.

— Obrigada – agradeceu Mary, com um sorriso triste no rosto.

— Vou deixar uma cópia da chave. Mas aconselho que fique por aqui mesmo. Se precisar de alguma coisa, me ligue.

— Preciso contar uma coisa, David.

— Você precisa descansar, agora.

— Estou mais envolvida nisso do que você imagina – revelou Mary, encarando-o.

— Em quê? – perguntou o jornalista, desconfiado, erguendo a sobrancelha direita.

— Nessa... conspiração satânica – respondeu, abaixando a cabeça.

— Vamos até a sala de estar – sugeriu o anfitrião, saindo do quarto acompanhado pela hóspede. “Eu sabia que ela estava escondendo algo. Não posso perder muito tempo com isso agora. Fernanda corre perigo.”

Ao chegarem, David fez um gesto com a mão para que a assistente se sentasse no sofá.

— Não vai me oferecer uma bebida? – indagou sua assistente.

— Talvez um vinho do porto – respondeu, impaciente. Abriu o armário de madeira e apanhou, da adega embutida, a garrafa de Quinta do Noval Vintage 1955. Colocou-a sobre a pequena mesa ao lado e pegou um cálice de cristal no compartimento abaixo. Apressado, deixou uma gota de vinho manchar o tapete. Entregou a bebida a Mary e sentou-se na poltrona diante dela.

— Não vai me acompanhar? – ela perguntou, com uma expressão séria no rosto.

— Não – respondeu, observando-a tomar o vinho em um só gole.

— Eu menti quando disse que era virgem, David – revelou, cabisbaixa.

— Você ser virgem, ou não, não faz a menor diferença para mim. Não sei por que mentiu sobre isso – retrucou, cruzando os braços e recostando-se na poltrona.

— Mas, para mim, faz! – explodiu Mary. – Fui estuprada aos oito anos por um amigo do meu pai.

Aquela revelação tirou sua cabeça do Mandarin Oriental e jogou-a diante de sua assistente. Percebeu seus olhos úmidos, o ligeiro tremor no queixo e no lábio inferior.

— Não sei o que dizer. Gostaria muito de te ajudar a superar tudo isso... –

consolou-a o anfitrião, descruzando os braços e inclinando-se em sua direção.

— Não quero que sinta pena de mim – disse Mary, encarando-o. – E, pode acreditar, embora não pareça, esse é o melhor momento para falar sobre isso.

— Quer mais vinho?

— Só se você me acompanhar – insistiu a americana.

— Como quiser – ele consentiu, pegando a taça vazia de Mary. “O que eu faço? O que eu digo?”, questionou-se.

— Você não precisa dizer nada, agora – prosseguiu Mary, como se adivinhasse os pensamentos de seu chefe. – Apenas ouça. Ele se chamava Sammy e costumava frequentar nossa casa. Era o único amigo dos meus pais que não me tratava como uma menina tola. Ele parecia se importar comigo. De verdade – contava Mary, vendo-o servir as duas pequenas taças. – Certo dia, ele chegou de surpresa, meus pais não estavam em casa, e me deu um buquê de rosas vermelhas. Achei estranho porque sempre ganhava doces ou brinquedos.

— Canalha! – David deixou escapar, enquanto estendia o cálice a Mary.

— Não sinto raiva dele... Não sentia raiva dele até hoje à tarde – corrigiu a jornalista, observando seu chefe sentar-se na poltrona diante dela.

— Como assim? – surpreendeu-se David.

— Não sentia raiva dele porque me prendia às boas lembranças. Raramente, tinha *flashes* do que aconteceu no meu quarto, quase como um sonho...

— Um pesadelo, você quer dizer, não?

— Sim, um pesadelo. Mas hoje, quando encontrei a Fer, descobri que Sammy não me enganou apenas para satisfazer uma fantasia sexual...

— Me desculpe, mas você está sendo muito indulgente. Pedofilia não é fantasia sexual. É crime – interrompeu David, tentando disfarçar a raiva.

— A carta que a Fer me mostrou estava assinada – revelou Mary, terminando a segunda taça de vinho.

— Aquela que falava sobre Andrew?

— Sim. Ela foi escrita por Sammy, o homem que me estuprou – disparou a assistente, encarando-o.

— Você... Você tem certeza disso?

— Era a mesma caligrafia e a mesma assinatura do amigo do meu pai. David, tenho quase certeza de que Sammy é o homem por trás dessa maldita seita.

— Além da assinatura... – seu chefe ensaiava uma pergunta até ser interrompido.

— Ele gostava de passar férias em praias sul-americanas.

— Você está insinuando que ele descobriu Fernanda Albuquerque? – indagou David, deixando o vinho de lado.

— Sim. Ele é o dono da agência de modelos que lançou a Fernanda. Mas seu nome não aparece nos documentos da empresa. Ele usa um testa de ferro.

— Como você sabe disso?

— Depois que ele me... Você sabe... Nunca mais apareceu em casa. Quando vasculhei o escritório do meu pai para chantagear... Também já contei essa história... Encontrei algumas anotações sobre Sammy – explicou Mary, girando a taça.

David tamborilou os dedos da mão direita no braço da poltrona. Levantou-se e apanhou a bengala.

— Obrigado por confiar em mim, Mary. Você precisa descansar agora – aconselhou, olhando para ela e forçando um sorriso.

— E você precisa pegar esse cara, David – rebateu a americana, com os olhos perdidos em lembranças do passado. – Faça isso por mim.

Dor na nuca. Alguém gemia. Michael abriu os olhos. Estava caído ao lado de uma árvore. A pesada mochila continuava às costas e a névoa marrom-esverdeada encobria o Hyde Park. Não conseguia enxergar nada além de um metro de distância.

— Preciso pegar esse filho da puta — resmungou, passando a mão sobre a cabeça.

Sentiu algo viscoso. Era sangue. “Se eu não cumprir as ordens do senador, minha família...”, pensava, até ser interrompido por um gemido agonizante. Levantou-se vagarosamente. Podia ser outra armadilha de Andrew. Respirou fundo. Concluiu que o ruído vinha detrás de uma árvore. Aproximou-se dela com cuidado e esticou-se para observar o que estava do outro lado. Segurou a respiração. Um homem, com as mãos e os pés aparentemente amarrados, tinha a cabeça sobre uma pedra. O rosto estava coberto pela máscara demoníaca que Andrew usava quando chegou ao Mandarin Oriental. O pescoço nu pronto para ser golpeado. “Deve ser um truque”, deduziu Michel, tirando a mochila das costas e abrindo o zíper. Com cuidado, colocou-a no chão e a apoiou na árvore, com o cabo do machado ao alcance da mão direita. Mais gemidos. Aquele homem parecia estar sofrendo. “Ele finge muito bem”, pensou Michael, apanhando a pistola do bolso do casaco com a mão esquerda. Apontou na direção da cabeça mascarada. “Merda. Não posso usar a arma. Esses ingleses fazem de tudo para foder minha vida.” Guardou a pistola. No momento em que empunhou o machado, lembrou-se do sonho com a cabeça falante de São Carlos I. E foi surpreendido por suas palavras: “O mal que existe no mundo é uma escolha dos homens. Mas essa vida é apenas a antessala da eternidade, Michael”.

— Vou salvar minha família, nem que para isso eu queime no inferno — murmurou.

Novos gemidos. A passos curtos, aproximou-se meio metro da vítima. Ela vestia-se como Andrew, à exceção da capa negra, estendida abaixo de seu corpo. Michael permaneceu imóvel a uma distância segura. “O que ele está fazendo?”, questionou-se. Silêncio. “Tem que ser agora”, concluiu, saltando sobre o corpo e, em um golpe certeiro, acertando com a lâmina do machado o pescoço descoberto. A cabeça caiu na relva, e o corpo tombou após alguns espasmos.

— Está feito — disse, sentindo alívio e angústia.

Deixou o machado de lado. Com o pé direito, empurrou o corpo para fora da capa negra e jogou-a sobre ele. Pegou a mochila e levou-a para perto da cabeça. Apanhou o saco estanque. “Não vai caber. Preciso tirar essa maldita máscara”, observou. Segurou em um dos chifres e o puxou. Ela parecia colada. Repetiu o gesto, usando mais força. Ela se desprende, revelando o rosto da vítima.

— Meu Deus, o que fizeram com você? — surpreendeu-se Michael. A pele

derretida encobria suas feições. Sentiu ânsia.

— Não posso vomitar aqui.

Levantou-se e respirou fundo. Abaixou-se novamente e rolou a cabeça para dentro do saco plástico. Lacrou-o e o guardou na mochila, juntamente com a máscara e o machado. Levou a bagagem às costas e olhou em volta. Sem testemunhas. Conferiu o horário no relógio de pulso: uma e quarenta e cinco da madrugada. Iniciou a rota de fuga.

A estação estava deserta. Assim que entrou no metrô, Michael encontrou um homem estirado no banco. Garrafa de vodca barata à mão. Era a única pessoa que dividia com ele o vagão. “Estou com sorte”, pensou, usando o braço direito para enxugar a mistura de suor e sangue que escorria pela testa. “Esse bêbado deve ter se mijado todo”, comentou consigo mesmo, afastando-se do homem para se livrar do fedor. Resistiu à tentação de tirar a mochila das costas e sentar-se. Ficou de pé diante da porta.

— Parem esse trem! – berrou o indigente, desviando a atenção de Michael de seu próprio reflexo no vidro. Seu companheiro de viagem tentou se levantar. Mas caiu sentado no chão. A calvície avançava sobre o cabelo grisalho, ralo no alto da cabeça e abundante nas laterais. Barba e bigode espessos encobriam o rosto sujo.

— Meu chapéu... Onde foi parar meu chapéu? – indagou o homem, tateando o chão. Ele estava a menos de um metro de suas botas gastas.

— Esse idiota podia ficar calado – resmungou Michael, virando o rosto em direção à porta.

— Meu chapéu... Não está na minha cabeça. Não está na cabeça daquele homem em pé. Ah, já sei! Está na cabeça dentro da mochila.

Michael estremeceu. Não tinha como o indigente saber o que ele carregava. A menos que estivesse vendo algo. Em um impulso, colocou-a sobre o banco. Estava fechada. Voltou-a às costas e perguntou ao estranho:

— Por que você disse isso?

— Está aqui! – exclamou o indigente ao encontrar o chapéu. Sorriso invadindo a boca desdentada.

— Por que você disse isso? – insistiu Michael.

— Essa vida é um banheiro. Ou você bota para fora o que suja a sua alma, ou vai passar a eternidade todo cagado – respondeu-lhe, dando uma gargalhada. – E você, rapaz, está afundado na merda dos outros – completou, entornando a garrafa de vodca.

Michael colocou a mão sobre a pistola. “Se eu queimar esse cara, serei descoberto”, concluiu.

— Sou um pobre mendigo, um desgraçado que não vale um níquel. Não perca tempo comigo. E não humilhe as putas. Elas são mais puras do que você.

— A carta... – Michael disse para si mesmo, apanhando, em seu bolso, o envelope tirado de Grace durante a coletiva. Abriu a mensagem: “... quem se ajunta às prostitutas, perecerá: a podridão e os vermes o terão como herança. (Eclesiástico 19,2-3)”

— Ela me enganou! Filha da puta! – berrou o americano, amassando a carta e guardando-a no bolso.

— Essa vida é um banheiro – repetiu o indigente, enquanto o metrô parava.

— Cale a boca, idiota! – explodiu Michael, descendo na estação deserta.

Assim que deixou a garagem de casa, David emergiu no nevoeiro. A visão não ultrapassava cinco metros.

— *Smog*?! – concluiu surpreso. – Isso não acontece há décadas!

Colocou o nome do Mandarin Oriental no GPS do carro. Seguiria a rota traçada no monitor. Ligou o som: *A Arte da Fuga – Contrapunctus XI*.

— Mary foi estuprada... – disse em voz baixa. “Não posso me envolver emocionalmente com esse caso. Não dessa vez. Pelo menos, não agora.”

— Todos nós somos peças nesse jogo. O padre foi enviado ao Brasil para a mesma aldeia em que Fernanda Albuquerque vivia e assassinou seu pai. Anos depois, é trazido para cá, na mesma época em que a modelo chega para uma campanha. Sem considerar que era o exorcista do assistente do estilista que vestiu Babalon... Mary conhecia... – “E foi violentada”, completou em pensamento. – ...o homem que descobriu Fernanda. E, coincidentemente, também chegou aqui pouco antes de sua amiga desembarcar... – deduzia em voz alta. – E eu?

“Sou amigo de infância do psicopata que está por trás desses crimes. Andrew recebeu uma ordem direta do homem... De Sammy, para entrar no quarto da brasileira”, refletia.

— Talvez esse maldito pedófilo seja a mente doentia por trás dessa conspiração. Ele deve ter arquitetado tudo há muito, muito tempo. Ele deve estar acima das duas facções da seita, deve ter manipulado seus seguidores...

Ficou em silêncio. “Como pude ser tão confiante? Já cometi esse erro uma vez... Mister Jones deveria estar em alerta desde que Fernanda desembarcou em Londres. Seis anos, seis dias e seis horas. E se o prazo já tiver se esgotado?”, indagou-se.

— Não posso fazer nada antes de chegar ao Mandarin Oriental – concluiu, conferindo a rota traçada pelo GPS. – Como surgiu esse maldito *smog*? Não consigo enxergar quase nada. Será que a seita satânica tem algo a ver com isso?

“Algumas pessoas diziam que isso subia direto do inferno. Um efeito especial sobrenatural... Estou delirando.”

— Deve ser algum fenômeno físico bizarro. Preciso ser racional. Não entendo como Monet podia achar isso fantástico...

Foi surpreendido por algo passando na frente da rua. Teve tempo de pisar no freio e puxar o freio de mão. O carro girou três vezes até parar. Pegou a bengala e desceu.

— Quem está aí? – berrou. “Deve ser alguém que se perdeu no meio dessa névoa.”

Silêncio. Andou alguns passos e parou. Nada. Levou um susto quando um gato

negro passou correndo por ele. Virou-se para voltar ao carro, e foi surpreendido por um homem parado diante da porta aberta. Rosto coberto por uma máscara negra: maçãs faciais salientes, nariz pontiagudo, olhos repuxados para cima, dois chifres retorcidos. Capa negra esvoaçante.

— Você de novo? – explodiu, sacando a espada da bengala.

— Você de novo? – o mascarado repetiu, com a voz grave abafada pela máscara.

— Você não é demônio. É um covarde que precisa de uma máscara para se esconder!

— Vamos brincar de pega-pega, David? Aposto que posso correr mais rápido do que você.

— Andrew?

— Acho que você está começando a enxergar além das aparências, David – retrucou o mascarado.

O jornalista avançou sobre o oponente, golpeando seu braço direito com um corte de sabre. Preparava-se para outro ataque quando o homem desapareceu na névoa.

— Onde você está? – perguntou o jornalista, girando o corpo.

— Parabéns. Você me pegou. Está na minha vez – o adversário respondeu, distanciando-se. – Agora, corra. Alguém está à sua espera.

— Maldito! – gritou David, voltando ao carro. Em menos de dez minutos, estacionaria diante do Mandarin Oriental, encoberto pela “fumaça do inferno”.

Assim que chegou em casa, levou a mochila ao lavabo. Colocou-a no chão, ao lado da pia. “Preciso de uma bebida para terminar isso”. Foi à sala e serviu-se uma dose dupla de Jack Daniel’s. Em poucos segundos, esvaziou o copo. A caixa de madeira em que recebera o machado estava aberta sobre a mesa da sala. Retirou de dentro o veludo vermelho e voltou ao lavado. Estendeu o tecido ao lado da mochila e, com cuidado, abriu o zíper. Com a mão direita, puxou vagarosamente o saco estanque para fora. Uma pasta de sangue cobria o rosto e engomava o cabelo encaracolado. Michael girou o saco plástico diante de seus olhos para conferir se não havia vazamento. Uma gota vermelha pingou no assoalho, escapando por um pequeno orifício.

— Logo, essa merda não vai ser mais problema meu – desabafou, colocando a encomenda dentro do vaso sanitário.

— Esse é o lugar onde você merece ficar – dirigiu-se à cabeça, dando uma gargalhada. – Pena que não posso soltar a descarga.

Em seguida, com as duas mãos, segurou no cabo de madeira, projetado para fora da mochila, e arrastou a arma sagrada até o veludo vermelho. “Espero que aquela cabeça idiota não me apronte mais nada”, pensou, fitando a lâmina ensanguentada. Embrulhou o machado e o levou até a sala, guardando-o na caixa. Sentiu o celular vibrando no bolso do casaco.

— Talvez seja o Bundy – deduziu, apanhando o aparelho. Estava certo. Era o número do senador. Atendeu e informou:

— Já estou na base.

— Parabéns. Duvidei que conseguisse cumprir essa missão.

— Então, deveria ter escolhido outra pessoa – retrucou Michael.

— Você tem uma vantagem.

— Qual?

— Um homem é capaz de tudo para defender a família. Até se arriscar em uma operação extravagante como essa.

— Fff... – Michael quase deixou escapar “filho da puta”. Ficou em silêncio.

— Não se preocupe. Sua mulher e seu filho são adoráveis. Está tudo bem com eles. Pelo menos, por enquanto – prosseguiu o senador.

— Operação bem-sucedida. Qual é a próxima etapa? – indagou Michael, cerrando as mãos em punho.

— Em cinco minutos, o mensageiro passará aí para apanhar a arma sagrada e... a encomenda. Ele lhe entregará um envelope com um convite. Quero que coloque

dentro do passaporte do santuário e deixe-o na recepção do hotel. Depois...

— Quer que eu volte ao hotel ainda hoje? – interrompeu Michael. – Em pouco tempo, aquilo vai estar coalhado de agentes da polícia.

— Não se preocupe com isso. Apenas um investigador e um perito estarão lá nas próximas horas. Eles terão muito trabalho com a deusa para se preocuparem com você – explicou o senador, completando. – E, às cinco, você tem um encontro com *sir* Chancellor, curador do Victoria and Albert Museum.

— Onde?

— Na Grand Entrance, na Cromwell Road. Não esqueça que os ingleses gostam de pontualidade.

— Ok. Mais alguma coisa? – perguntou Michael.

— Vá atender a porta. O mensageiro acaba de chegar – despediu-se Bundy.

— Verme maldito! – berrou Michael. O desabafo foi seguido por três toques da campainha. Através do olho mágico, viu um homem negro, alto e forte, vestindo sobretudo cinza-escuro e botas de cano alto. Era o mesmo que lhe emprestara o machado. O americano abriu a porta e fez um sinal para que ele entrasse.

— Boa-noite – cumprimentou-lhe o visitante. Sorriso estático no rosto e mochila emborrachada às costas.

— Poderia ser melhor – retrucou Michael, trancando a porta e apontando para a mesa da sala. – Ali está o que você me trouxe.

— Primeiro, quero o presente – exigiu o mensageiro, franzindo o cenho.

— Me acompanhe – disse Michael, avançando em direção ao lavabo. – Não encontrei lugar mais apropriado para o seu... presente.

O visitante o seguiu sem dizer nada.

— Aqui está – anunciou Michael, apontando para o vaso sanitário com um sorriso malicioso. Um filete de sangue escapava por um pequeno orifício, deixando a água levemente avermelhada. O inglês pegou a mochila das costas e abriu o zíper frontal. Retirou um envelope e o entregou ao americano sem dizer nada. Abaixou-se e mergulhou a mão na privada. Suspendeu o saco estanque e esperou que o excesso de água escorresse.

— Ele tinha uma máscara. Você vai querer levá-la. Talvez possa usá-la no carnaval – brincou Michael, observando o homem guardar o “presente” na mochila emborrachada e fechá-la.

— Não acredito que eles enviaram alguém de fora para fazer isso – o homem quebrou o silêncio, levantando-se e encarando o americano.

— O que quer dizer com isso? – questionou Michael.

A resposta chegou com um soco no queixo:

— Não se zomba do sangue sagrado!

— Filho da puta, você está na minha casa! Posso acabar com você!

— E perder sua família? Você não é tão louco assim – rebateu o visitante, dando-lhe as costas e voltando à sala. Pegou a caixa de madeira com a arma sagrada e se dirigiu à porta de saída, já aberta pelo americano. Despediu-se dele com um sorriso estático no rosto, e desapareceu na névoa marrom-esverdeada.

O telefone tocou no criado-mudo. A mulher resmungou algo e se virou, colocando o travesseiro sobre o ouvido direito. Seu marido reconhecia o toque. Era o mesmo do dia em que o conde de Bedford fora encontrado morto no escritório de sua casa, com um tiro na boca. Deu um salto da cama e atendeu o telefone.

— Código negro – alguém disse do outro lado da linha. Era seu chefe.

— Estou de prontidão – respondeu, com a voz sonolenta.

— Mandarin Oriental. Imediatamente.

— Quem? – indagou, fechando-se no banheiro do quarto e mirando seu reflexo no espelho. Os olhos protuberantes destacavam-se no rosto fino. A calvície era compensada pelo bigode espesso, bem aparado nas laterais.

— Fernanda Albuquerque.

— Meu Deus! – espantou-se, arregalando os olhos.

— Sabe o que isso significa, não? – perguntou seu chefe.

— Quem foi o informante?

— O empresário da modelo.

— Suspeita?

— O chefe da segurança não estava de guarda na entrada da suíte. Ele não atende o celular, nem o telefone do quarto.

— Vou acionar a equipe...

— Não – interrompeu seu chefe. – O caso é delicado. Quando vazar, nossa vida se transformará em um inferno. Algumas pessoas vão se intrometer nas investigações. E, pode acreditar, elas não estarão bem-intencionadas.

— São as mesmas do caso do Estripador? – inquiriu o agente.

— Isso não importa. Carregue seu perito de confiança com você e revire o quarto da modelo. Você tem uma hora. Depois disso, preciso enviar uma equipe ao local.

— Agradeço pela confiança. Mas você está colocando uma bomba na minha mão.

— Eu estou em dívida com você. E esse é o pagamento.

— Mas...

— Você tem cinquenta e nove minutos. Vai querer perder mais tempo comigo? – provocou seu chefe.

— Qualquer coisa, me ligue. Até logo – despediu-se o agente, que, imediatamente, acionou o cronômetro do relógio de pulso e ligou para o perito Hugh Neil.

— Código negro – anunciou assim que ele atendeu.

— Quando e onde?

— Mandarin Oriental. O mais rápido que puder.

— Vou convocar dois assistentes...

— Não fale com ninguém – interrompeu o agente. – Leve suas ferramentas. Nós dois temos menos de uma hora para investigar um assassinato. Sem nenhuma interferência.

— Quem é a vítima?

— Uma das mulheres mais belas do mundo. Se apresse. Até logo.

Em menos de cinco minutos, abria a porta do carro. Vestia camisa branca, gravata azul-clara e terno azul-escuro, encobrendo o coldre com uma pistola automática. No bolso direito, a identidade de agente secreto especial.

“Merda. O plano de David foi por água abaixo”, lamentou, dando a partida no carro.

— O que é isso? – surpreendeu-se ao sair da garagem e mergulhar na névoa marrom-esverdeada. Ativou o GPS e digitou o destino: Mandarin Oriental.

“Se o meu chefe disse que algumas pessoas podem se intrometer nesse caso e me enviou em sigilo para a investigação inicial, isso significa que David talvez esteja certo. As mesmas pessoas que criaram um bode expiatório para os assassinatos em série podem estar envolvidas com a morte de Fernanda Albuquerque”, deduziu.

— Isso é grave. Muito grave. Eles não vão conseguir se safar dessa. Isso vai atrair a atenção do mundo inteiro – disse em voz alta. “Pensava que meu chefe fizesse parte dessa conspiração... Mas, pelo visto, ele só obedece ordens, como eu e cho que está querendo reparar uma injustiça.”

Acessou o número de David em seu celular não rastreado. “Ele pode me ajudar nisso. Sabia que a seita estava prestes a atacar. Sabia qual seria o alvo e conhece a identidade do psicopata. Só cometeu um erro: o dia. Um erro fatal”, pensou.

— É melhor falar com ele depois da investigação.

Fitou o mostrador do relógio de pulso. O cronômetro corria, roubando-lhe minutos preciosos. Faltavam menos de cinquenta para que os urubus tomassem conta da suíte de Fernanda Albuquerque e montassem mais uma farsa. Eram especialistas nisso.

— Dessa vez, aqueles corruptos terão uma surpresa.

Ao estacionar diante do imponente hotel, David respirou aliviado. “Consegui sobreviver”, pensou. Antes que seu carro, conduzido pelo manobrista, fosse devorado pela névoa, acessou o celular de Pietro. “Estou a sua espera. A porta estará aberta”, informou-lhe o padre. À entrada da *presidential suite*, o jornalista colocou a mão esquerda sobre a maçaneta. “Seria melhor avisá-lo primeiro que estou aqui”, ponderou, anunciando sua presença com uma batida de bengala na porta. Silêncio. Bateu novamente.

— Entre! – alguém gritou.

— Sou eu, padre – obedeceu, avançando com cautela.

— Claro que é você, David. Acabou de me ligar, e eu não estou esperando mais ninguém – retrucou Pietro, sentado em uma poltrona, com o corpo levemente inclinado para a frente. Os braços erguidos, com os pulsos na direção dos olhos.

— Está tudo bem, padre? – perguntou o jornalista, aproximando-se para cumprimentá-lo.

— Agora, sim. Sou um homem de sorte, David, Jesus Cristo me salvou do Inferno. E transformou as feridas do pecado em marcas sagradas – explicou, abaixando os braços e revelando os punhos cortados. – Não é fantástico? – indagou, fitando os olhos surpresos do inglês.

— Você... Você fez isso?

— Não preciso esconder nada de você, David. É o que você está pensando – respondeu o padre, encarando seu interlocutor sem constrangimento.

— Você precisa de ajuda, padre. Precisa de um médico.

— Meu médico é Ele, David – rebateu Pietro, apontando para cima.

— Você... Você... – balbuciou. “Ele tentou se matar. Está louco. Não pode me ajudar em nada”, concluiu o jornalista, voltando-se para a porta.

— Voltei dos mortos para ajudá-lo, David.

— Está louco!

— “Faça-se louco, para tornar-se sábio; pois a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus.” – Pietro recitou, entregando a fonte em seguida: São Paulo aos Coríntios.

— Chamarei um médico para cuidar disso. Adeus – despediu-se David, pegando o celular no bolso.

— Cale a boca e me escute, seu jornalista prepotente! – exasperou-se Pietro, em italiano.

David parou e virou-se em sua direção. Em pé, com o dedo direito em riste

apontado para ele, Pietro disparou:

— Você finge não enxergar o que está na sua frente. É pior do que o cego, que não tem escolha! Agora, sente-se nesse sofá e mostre por que veio até aqui.

— Por que eu deveria fazer isso?

— Porque sou o único que pode ajudá-lo.

Em silêncio, o jornalista se aproximou de Pietro. Encarou-o e se sentou no sofá, diante da poltrona em que o encontrara minutos atrás. Apoiou a bengala, pegou o bloco de notas no bolso do casaco e disse:

— Enquanto reviso minhas anotações, sugiro que faça curativos nos pulsos e coloque uma camisa comprida para escondê-los. Se outra pessoa o flagrar assim, você será denunciado por tentativa de suicídio e será internado, padre. Não adiantará citar frases bíblicas nem intimidar as pessoas com acessos de fúria. Você será sedado e acordará em um lugar estranho repleto de homens sábios... Quero dizer, loucos – provocou David, abrindo o bloco de notas.

— Cristo disse: “Sede, portanto, prudentes como as serpentes e simples como as pombas”. Enquanto você mexe nas suas anotações, vou me fantasiar de serpente, David – consentiu Pietro, indo em direção ao quarto.

“Esse padre matou uma pessoa e tentou se matar. Eu deveria ter ido embora. Talvez seja mais louco do que ele”, pensava David, folheando suas anotações à procura das informações sobre o “costureiro do diabo”, pinçadas do site sensacionalista:

Francesco Fiori

. *Medalhão com o símbolo do diabo (indagar padre sobre isso);*

. *Fixação pelo número 666 (número da Besta) – gravava nas peças de roupa;*

. *Retorno triunfal seis anos, seis dias e seis horas (?)*

Ano, dia e hora da despedida?

Abaixo da última linha, David transcrevera aquelas informações às pressas. No íntimo, desejava que fossem ilegíveis. Mas elas se erguiam ameaçadoras.

— Chegou a hora da verdade – disse para si, pegando uma Caran D’Ache 1010, criada para homenagear os grandes relojoeiros suíços. Descontou a diferença de fuso horário e somou seis anos, seis dias e seis horas ao momento em que o estilista italiano surgiu nas passarelas em seu último desfile, acompanhado por uma modelo croata, e anunciou a aposentadoria. A caneta caiu de sua mão.

— Foi ontem, às vinte e três e trinta... – balbuciou, com o coração disparado.

Conferiu o relógio de pulso: duas e trinta e três.

— Isso foi há três horas – murmurou, pegando o celular e recordando o encontro com Andrew a caminho do hotel. “Alguém está à sua espera”, ele avisara. Naquele

momento, percebeu a gravidade daquelas palavras. Talvez o assassino houvesse estado ali. Talvez já tivesse feito seu trabalho. “Acho que é tarde demais para consertar meu erro”, lamentou.

O celular tocou. Mary estendeu a mão até o criado-mudo e trouxe o aparelho diante dos olhos.

— O que ele quer comigo? – perguntou-se, atendendo a chamada.

— Ela foi sacrificada.

— Você viu que horas são, Jacob? Isso é uma piada?

— Uma tragédia – respondeu o empresário de Fernanda Albuquerque.

— O que... O que aconteceu?

— Algo terrível.

— O quê? – insistiu a jornalista.

— Um pesadelo, Mary. E eu nunca mais vou acordar dele.

— Fale, Jacob!

— A polícia me obrigou a ficar calado.

— Onde está o Harold?

— Cheguei tarde demais... Harold não estava de guarda na entrada da suíte. O psicopata deixou a porta encostada.

— A Fernanda está morta? – perguntou Mary, sem rodeios.

— Ela foi sacrificada! – berrou Jacob. – Foram eles! Aqueles malucos!

— Você precisa se acalmar – ela aconselhou, com a voz trêmula. Lágrimas correram em seu rosto.

— Se você tivesse visto aquilo...

— É melhor você se acalmar, Jacob.

— Eu... Eu estou fodido!

— Você já fez o que deveria. Chamou a polícia. Deixe que ela cuide disso – orientou, pausando a voz a cada palavra. – Agora, tente se acalmar. Você tem calmante?

— Tenho.

— Respire fundo e pense: tudo vai acabar bem...

— Foi ele, não foi? – interrompeu o empresário.

“Foi Sammy”, ela respondeu em pensamento.

— Acho que foi Harold, Jacob – disse, mordendo o lábio inferior antes de prosseguir. – Acho que foi um crime passionai.

— Você... Se tivesse visto o que fizeram com a sua amiga, você não se perdoaria nunca.

— Preciso desligar, Jacob. Não se esqueça do calmante. Até logo – despediu-se Mary. Correu até o banheiro e caiu de joelhos na frente do vaso sanitário. “Eu sei o

que fizeram, Jacob”, respondeu em pensamento, vomitando e chorando compulsivamente.

O empresário atirou o celular contra a parede.

— Maldita! – berrou.

A cena de Fernanda Albuquerque estirada na cama não saía de sua cabeça. Atormentado, aproximou-se de uma parede e bateu a cabeça contra ela. Ao abrir os olhos, pequenos pontos luminosos pairavam ao redor.

— Eu não sabia... Não sabia – balbuciou. Foi ao banheiro e pegou um pequeno frasco de calmante.

Tomou um comprimido. Foi assaltado pela imagem da top model com o rosto ensanguentado. Engoliu outro. A vista turvou-se. Perdeu a força nas pernas. Conseguiu se arrastar até o pé da cama. Teve a impressão de ver a brasileira deitada ali, na sua frente. Um travesseiro, abaixo da lombar, elevava a região pubiana. A vagina estava retalhada. Visceras amontoavam-se sobre o ventre.

— Não são homens... São demônios – concluiu, arrastando a voz.

Acessava o número de Mister Jones quando o celular tocou.

— Acho que falhei – adiantou-se o jornalista. – Ia ligar para você nesse instante.

— Onde você está, David? – sussurrou o agente.

— No Mandarin Oriental.

— Em que lugar?

— Na suíte do padre Pietro Amorth – respondeu, observando o italiano surgir na porta do quarto, envergando um terno azul-escuro.

— Houve um pequeno erro de cálculo. Eles atacaram hoje – revelou o agente.

— Onde você está?

— Na suíte de Fernanda Albuquerque. Ela foi assassinada – revelou Mister Jones.

— Meu Deus! – exclamou David, transtornado.

— O que aconteceu? – quis saber o padre. Mas foi ignorado.

— O mesmo ritual das outras vezes? – prosseguiu o jornalista.

— Quase.

— Eles vão tentar acobertar... – murmurou David.

— Não desta vez. Preciso encontrá-lo antes que cheguem aqui.

— Estou na *presidential suite*. A porta está aberta.

— Vai me dizer o que aconteceu? – insistiu o padre.

— Fernanda Albuquerque foi assassinada.

— Pobre menina. Ela fez a escolha errada. Mas se ela era a Babalon... – raciocinava Pietro, em voz baixa.

— Meu contato na Scotland Yard estará aqui em poucos minutos. Você poderia nos deixar a sós, por favor?

— Não. Vocês vão precisar de mim – retrucou Pietro, encarando o jornalista. – Não insista – completou, sentando-se na poltrona.

Os dois ficaram em silêncio até que a porta do quarto se abriu. Um homem magro, de estatura mediana, trajando terno azul-escuro, irrompeu na suíte. Os olhos protuberantes destacavam-se no rosto fino. Calvície compensada pelo bigode espesso, bem aparado nas laterais. Ele carregava, na mão direita, um saco plástico negro.

— Tenho pouco tempo – disse, lançando um olhar desconfiado na direção do padre.

— O que aconteceu com a Fernanda? – adiantou-se Pietro.

Mister Jones conferiu o cronômetro. O prazo dado por seu chefe terminaria em

sete minutos.

— Ele sabe quem eu sou? – questionou o agente, encarando David.

— Ele conhece o nosso acordo. Fique tranquilo.

Mister Jones sentou-se ao seu lado, no sofá. Colocou o saco plástico no chão e pegou, no bolso da calça, uma câmera digital.

— A Fernanda Albuquerque foi assassinada da mesma maneira que as outras cinco vítimas. Peito aberto e coração extirpado. O órgão não foi encontrado na cena do crime. O criminoso fez uma incisão no ventre e eviscerou os órgãos reprodutores. A vagina foi retalhada, mas, desta vez, ele inovou, fazendo uma incisão no grande lábio vaginal esquerdo – descreveu, olhando para o padre para avaliar sua reação. Pietro o ouvia com atenção. O agente percebeu que seu lábio inferior tremia ligeiramente e as narinas pulsavam com rapidez. Eram sinais de nervosismo.

— Posso continuar? – perguntou a ele.

O padre pigarreou para limpar a garganta. Mas consentiu balançando a cabeça.

— O perito encontrou o pedaço do grande lábio vaginal em torno do dedo anelar esquerdo, como se fosse um anel.

— Uma aliança de casamento – interveio Pietro, com a voz rouca.

— O que você sabe sobre isso? – questionou o agente.

— Sou um padre e realizo casamentos. Quando os noivos trocam as alianças, eles as colocam no dedo anular da mão esquerda.

— Isso é elementar. Prossiga, por favor, Mister Jones – impacientou-se David.

— O assassino usou um objeto pontiagudo, especificamente um furador de gelo, para gravar um sinal na fronte da vítima. Tenho uma foto – relatou, selecionando-a na câmera digital e mostrando a David. O jornalista colocou a mão direita sobre a testa.

— Isso é... – balbuciou.

— ...Terrível – completou Mister Jones. – E você só está vendo a vítima do pescoço para cima.

— Tem muito sangue. Não consigo enxergar o símbolo. O padre é especialista nisso, talvez ele possa – sugeriu David, passando a câmera a ele.

As mãos tremiam. O italiano colocou a máquina sobre a braçadeira da poltrona e inclinou-se sobre a imagem. Uma lágrima escorreu do olho esquerdo. Queria falar, mas algo parecia bloquear sua garganta. Pigarreou.

— Esse símbolo... – disse, com a voz embargada. Pigarreou novamente. – ...é a marca da Colmeia Dourada.

— A mesma que o estilista Francesco Fiori usa embaixo da camisa? – indagou o jornalista.

— Sim – respondeu Pietro, com o olhar distante.

— Qual é a relação desse estilista com isso? – inquiriu o agente.

— Hoje, na coletiva, a Fernanda usava roupas desenhadas por ele. Mas isso não é tudo... — explicava David até ser interrompido pelo toque do celular de Mister Jones, que checkou o cronômetro. Faltavam três minutos para seu prazo acabar.

— Outra hora você me conta, David. Logo, os urubus vão chegar e mudar a cena do crime. Mas, dessa vez, não vão levar a melhor. Preciso da sua ajuda.

— O que posso fazer por você?

— Guarde isso — respondeu o agente, entregando-lhe o pequeno saco negro. — O assassino inseriu esse objeto dentro da vagina da vítima. Não sei o que é, mas minha intuição diz que ele pode nos levar aos verdadeiros criminosos. Se cair nas mãos dos urubus, provavelmente a prova será ocultada. Na pior das hipóteses, destruída.

David agarrou o pequeno saco.

— Está em boas mãos, Mister Jones — consentiu, forçando um sorriso.

— Adeus. Entro em contato — despediu-se, saindo do quarto a passos largos.

Mister Jones chegou à porta da *royal suite* juntamente com uma equipe de cinco investigadores e três peritos criminais. O responsável pela diligência era sr. Wensley, o mesmo que chefiara a investigação dos assassinatos em série e prendera o Estripador de Londres. Era um homem alto, com vários quilos acima do peso. O cabelo sempre engomado e partido ao meio contrastava com o bigode desgrenhado. Vestia um sobretudo cinza-escuro por cima do terno azul-marinho. Sorriu com ironia ao ver o companheiro da divisão de inteligência da Scotland Yard, estendeu a mão para cumprimentá-lo e emendou a pergunta:

— O que está fazendo aqui, Eric Kemp?

— O mesmo que você.

— Com a vantagem de uma hora, não? – retrucou Wensley.

— Sim. Acho que consigo dirigir melhor no *smog* – brincou Kemp. – Mas não se preocupe, adiantamos o serviço. Você receberá o relatório completo.

— Isolem a área – Wensley orientou o grupo que o acompanhava. – Então, comece – dirigiu-se ao colega, abrindo a porta da suíte.

— Mesmo padrão dos crimes anteriores... – relatou o agente, acompanhando-o até a cama. O perito Hugh Neil vestia máscara, luvas e óculos. Estava ao lado do corpo, examinando os cortes na fronte. Virou o rosto na direção dos investigadores e os cumprimentou com um leve aceno de cabeça. Juntaram-se a eles três agentes e três peritos.

— Espero que você não tenha mexido no corpo, Neil – disse Wensley. – A partir de agora, meus homens assumem a operação.

— Estou dispensado? – indagou o perito convocado por Kemp.

— Volte para casa e descanse. E nunca é demais lembrar: bico calado – instruiu o novo comandante.

Hugh Neil levantou-se, tirou as luvas, a máscara e os óculos, lacrou-os em um saco plástico e guardou-os em uma pequena maleta.

— Boa sorte – despediu-se de Kemp, antes de sair.

— Naturalmente, esse crime foi cometido por um imitador. Alguém querendo copiar o estilo do Estripador de Londres. Não acha? – indagou Wensley, encarando Kemp.

— O que o faz supor isso? – rebateu o agente.

— Aquele maníaco não feria o rosto de suas vítimas. Além do mais, ele está preso. Presos não cometem assassinatos. Homens, mãos à obra – ordenou à equipe. – Em breve, a imprensa estará aqui cobrando respostas. E vocês sabem como são

aqueles abutres. Suspeitos? – voltou-se a Kemp.

— O empresário da modelo, Jacob, encontrou o corpo. Segundo ele, o chefe da segurança deveria estar montando guarda na porta do quarto, mas não estava. Tentou falar com ele no celular e no quarto, mas não conseguiu.

— O negro? – perguntou Wensley, em tom preconceituoso.

— Ele se chama Harold.

— Negros não são confiáveis – comentou, franzindo o cenho.

“Você não é confiável. Deve estar arquitetando a fraude”, Kemp rebateu em pensamento, emendando a frase:

— Quem quer que eu interrogue, Wensley?

— Você procura o empresário. Eu vou atrás do imitador.

— E se o assassino tiver escapado?

— Por isso, eu sou o chefe. Uma equipe de policiais já está vasculhando o Hyde Park, onde o criminoso poderia se refugiar, ou usar como rota de fuga, e alguns homens estão procurando pistas nas ruas adjacentes ao hotel.

Mister Jones sorriu. Aquele homem detestável podia forjar provas, alterar o cenário do crime, encontrar outro bode expiatório, negro ou branco, para encobrir os verdadeiros criminosos. Mas, dessa vez, ele estava com a vantagem. Acreditava que a chave para desvendar aquele assassinato – e chegar aos verdadeiros culpados – era o estranho objeto que o perito encontrara enterrado na vagina da “mulher mais bonita do mundo”. Aquilo era seu trunfo secreto. “Você será desmascarado, seu verme”, gabou-se, deixando Wensley e seguindo para o quarto de Jacob.

Assim que trancou a porta da suíte, David voltou ao sofá e caiu sentado ao lado do pequeno saco negro. Suspirou. Sentia-se culpado por não ter conseguido salvar a top model. Sentia-se culpado por ter envolvido sua assistente nessa história. E era tarde demais para voltar atrás. Olhou na direção do padre. Caneta à mão, Pietro rabiscava algo em seu bloco de notas. Ao terminar, entregou-o ao jornalista. Era o desenho de um símbolo: a cruz erguia-se de montes gêmeos. Equilibrando-se sobre ela, um círculo com um ponto central atravessado, na parte superior, por uma meia-lua.



— Isso me é estranhamente familiar... — comentou David, tentando lembrar onde o vira antes.

— Essa é a assinatura do diabo — explicou o padre.

— Como?

— É a ligação entre o assassinato de Fernanda... — explicava, silenciando-se em seguida. “Eu te perdoo pelo que fez com meu pai. Mas não te perdoo pelo que fez comigo.” A lembrança daquela acusação da brasileira, juntamente com a imagem de seu rosto desfigurado, golpeou-o. Respirou fundo. “Não posso me deixar abater. Não agora. Meu Deus, eu suplico, me ajude”, rezou em pensamento.

— O que houve, padre? — insistiu David.

— É a ligação entre o assassinato de Fernanda, a confraria negra Colmeia Dourada e os “olhos onipresentes” da rainha — prosseguiu.

— O que John Dee tem a ver com isso?

— Esse símbolo é o mesmo gravado no medalhão que o estilista Francesco Fiori usa embaixo da camisa. E, como você deve saber, é o emblema da Colmeia Dourada. John Dee escreveu um livro só para explicá-lo, *Monas Hieroglyphica*. Acho que ele foi revelado pelo próprio demônio, David.

O jornalista fitou o pequeno saco negro no sofá.

— O que isso tem a ver com o nascimento do Anticristo, padre?

— O assassinato de Fernanda foi um ritual parecido com os outros cinco.

Concorda?

— Sim. O que isso tem a ver com as profecias do nascimento do Anticristo? – repetiu a pergunta, elevando a voz. – A suposta Babalon está morta!

— O assassino, que nós conhecemos, retirou o coração e o ofereceu ao demônio. Fez o mesmo com o aparelho reprodutor. Isso nós já vimos. Mas, no caso da Fernanda, ele cortou um pedaço da... Da vagina e envolveu-o no dedo anular esquerdo. Ou seja, ele celebrou um casamento negro entre a Fernanda e... Satanás – observou Pietro.

“Parabéns. Você me pegou. Está na minha vez”, David lembrou-se das últimas palavras de Andrew no estranho encontro que tiveram antes de chegar ao hotel. “Que armadilha ele está preparando agora?”, questionou-se.

— Tudo bem, David? – perguntou o padre, percebendo seu olhar distante.

— Me parece uma dedução plausível. E o Anticristo? – rebateu o jornalista, provando que estava atento à sua explanação.

— O perito encontrou um objeto introduzido na vagina da Fernanda... – insinuou Pietro.

— Isso aqui? – disse David, pegando o pequeno saco negro. – Quer me dizer que isso é...

— Talvez o Anticristo não seja uma pessoa. Talvez seja uma revelação! – deduziu o padre, encarando o jornalista. – Talvez ele esteja em suas mãos – continuou, desviando o olhar para o pacote misterioso.

— Então, vamos acabar com o enigma – anunciou David, colocando a mão direita dentro do saco plástico.

Pietro fez o sinal da cruz. “Meu Deus, livrai-nos do mal”, pedia proteção divina no instante em que David trazia à luz um objeto dourado. Em silêncio, o jornalista levou-o à altura dos olhos. Era uma abelha forjada em ouro, com partes móveis aparentes. Abaixo dela, havia cinco cordas, com quatro caracteres circundando cada uma. Vestígios de sangue e tecido humano revelavam que o perito limpava aquilo às pressas.

— O símbolo de Dã... – murmurou o padre.

— O robô perdido de John Dee... Isso é fantástico!

— O que você disse?.

— John Dee é um dos precursores da robótica. Ele criou um escaravelho mecânico para a encenação da peça *A Paz*, de Aristófanes. Isso aqui é algo mais sofisticado...

— As profecias dizem que o Anticristo será descendente da tribo de Dã, David. Um dos símbolos dessa tribo é a abelha... E a seita satânica Colmeia Dourada não tem esse nome por acaso.

— A abelha-rainha, padre, é o robô que John Dee criou para se comunicar

secretamente com a rainha Elizabeth I. Provavelmente, aqui dentro existe uma mensagem. Para se chegar até ela, é preciso acertar a combinação – explicou o jornalista mostrando ao italiano a parte de baixo da engenhoca.

— Deixe-me ver isso – pediu Pietro, estendendo a mão. Agarrou o objeto e levou-o para perto de si. Sentiu a vitalidade esvair-se de seu corpo.

— A linguagem do demônio – balbuciou. Uma estocada em sua testa o fez tombar para o lado e mergulhar na escuridão.

— Padre, padre! – desesperou-se David, atirando-se em sua direção.

Após algumas batidas e nenhuma resposta, Kemp usou a chave reserva para abrir a suíte do empresário de Fernanda Albuquerque. Encontrou Jacob desacordado no chão, com o frasco de calmante aberto. Sinais vitais fracos. Chamou a ambulância e ligou para Wensley. “Venha ao meu encontro na suíte do negro”, ordenou-lhe o comandante da operação. Poucos minutos depois, estava diante de Harold mergulhado em uma banheira de sangue, com um coração entre os dentes. Dois peritos se preparavam para iniciar o serviço.

— Eu não disse que os negros são traiçoeiros? – gabou-se Wensley, encarando Kemp. – Este aqui é o filho da puta do imitador – apontou para o segurança morto.

— Ele se suicidou?

— O desgraçado deixou até uma confissão de culpa. A carta está na cama.

— Essa é a versão oficial? – questionou Kemp, tentando esconder a irritação.

— Como assim? Não trabalho com versões, trabalho com a verdade! – rebateu Wensley, fuzilando-o com os olhos.

— Os peritos nem começaram o serviço. E se isso tudo for uma cortina de fumaça para esconder o verdadeiro criminoso?

— Temos a arma do crime, uma confissão de culpa assinada e um negro. O que mais você quer? – disparou Wensley, lançando-lhe um olhar desconfiado. – A menos que você tenha ocultado algo de mim – insinuou.

— De modo algum.

— Como eu imaginava – comentou o comandante, com um sorriso irônico no rosto.

“Ele sabe que cheguei antes. Talvez saiba que escondi uma prova. E, se não me forçou a entregá-la, é porque ela compromete a versão oficial. O filho da puta do meu chefe deve estar envolvido nessa fraude e me tornou um cúmplice. Caí na armadilha desse desgraçado”, deduziu, mordiscando o lábio inferior esquerdo.

— Como alguém consegue cometer suicídio e manter um coração preso na boca? – inquiriu Kemp, fitando o rosto de Harold.

— A única coisa que me interessa nesse coração é saber se ele é o mesmo que está faltando no peito da modelo. O resto é irrelevante – dizia Wensley quando seu celular tocou. Ele atendeu imediatamente.

— O quê? Um corpo decapitado? Não, isso não tem ligação com o crime. Vou pedir ao agente Kemp para dar uma olhada nisso. Adeus.

— O que aconteceu?

— Uma pessoa decapitada foi encontrada no Hyde Park, perto do hotel. É

evidente que são crimes distintos. Mas, como você gosta de teorias conspiratórias, sugiro que vá até lá dar uma olhadinha – ironizou Wensley.

— Como quiser – assentiu Kemp. – Mas, antes, quero dar uma olhadinha na confissão de culpa – completou, saindo do banheiro e dirigindo-se até a cama. Leu rapidamente a carta de suicídio e saiu do quarto. “Tudo isso deve ter sido forjado”, pensou. “Talvez o morto no Hyde Park me conte algumas coisas. E aquele objeto que o Neil tirou da vagina de Fernanda Albuquerque talvez desmascare essa organização de adoradores do demônio”, concluiu.

— De qualquer maneira, preciso avisá-lo sobre o acobertamento e o risco que eles estão correndo aqui – murmurou, pegando o celular não rastreado. Acessou o número de David. Caixa postal.

A última lembrança era a de ter agarrado o objeto com força. “Não posso soltá-lo. Não posso.” Escuridão.

— Acenda a luz – alguém lhe disse.

Pietro abriu os olhos. O lugar era familiar. A imponente escadaria conduzia a um templo majestoso, erguendo-se contra o céu avermelhado. Um estrondo. O chão tremeu sob os seus pés. E um turbilhão passou por cima de sua cabeça, rasgando as nuvens até o templo. Sobre o teto da construção rústica de pedra, sustentada por colunas, o dragão vermelho-fogo, com sete cabeças e dez chifres, agitava a cauda. “A besta do Apocalipse. O que quer me dizer?”, questionou-se. “Preciso subir as escadas. Tenho que encontrar seu filho e matá-lo”.

— Não se esqueça do mensageiro – alguém lhe disse.

— Mensageiro? Um anjo? – indagou.

— Você me abandonou quando eu mais precisava.

Ele conhecia aquela voz. Era Fernanda Albuquerque.

— Onde você está?

— Onde você me deixou, padre.

Pietro olhou para baixo. Ela estava estirada no primeiro degrau. Sem roupa. A testa desfigurada pela “assinatura do diabo”. Costelas quebradas escancaravam o peito e revelavam a ausência de coração. Visceras escapavam de um corte no baixo ventre e esparramavam-se. Três abutres voavam sobre o corpo, ansiosos para devorar o banquete.

— Eu disse para você escolher o caminho certo, Fernanda – retrucou o padre, observando uma das aves de rapina pousar aos seus pés e avançar sobre as tripas da brasileira.

— Você precisa de mim para pegá-lo – disse ela, gemendo de dor quando um abutre bicou-lhe o útero.

— Como você pode me ajudar? – perguntou Pietro, fazendo um gesto abrupto no ar para espantar o pássaro.

— Obrigada – ela agradeceu, enfiando a mão direita dentro da vagina e retirando algo. – Aqui está. Seu mensageiro – ela revelou, estendendo o objeto dourado em forma de abelha.

— O que eu faço com isso?

— Vá até o altar.

— Obrigado. Que Deus alivie seus sofrimentos – agradeceu, subindo rapidamente os degraus, não se virando quando Fernanda começou a gritar de dor e desespero.

Atrás das colunas, que lembravam as de Santa Maria in Aracoeli, ele viu um casal transando sobre o altar de pedra. Diante dos dois, contemplando o coito, alguém vestindo túnica negra. “Parece uma batina”. Fixou seu olhar na figura misteriosa. Queria enxergar seu rosto.

— Padre, quer descobrir quem eu sou? – indagou o *voyeur*, aproximando-se do casal. No instante em que seu rosto se iluminou, Pietro berrou de pavor. Estava diante de um gêmeo idêntico.

— Você tem a autoestima muito baixa, padre. Como pode se assustar consigo mesmo? – provocou seu sócia.

A mulher sobre o altar gemia cada vez mais alto. Pietro olhou para a abelha dourada em sua mão. “O que eu faço com isso?”, questionou-se, tentando destravá-la. Acertou a combinação das cordas na parte de baixo do objeto. Ele se abriu e disparou um raio de luz sobre o casal. Algo cobriu seu rosto.

— Pietro, acorde, por favor.

O padre reconhecia aquela voz. Era David. Abriu os olhos. Estava na poltrona de sua suíte no Mandarin Oriental. Água escorria pelas faces.

— O que aconteceu? – perguntou ao jornalista.

— Você desmaiou. Molhei seu rosto. Você está se sentindo bem?

— Tive uma visão. A Fernanda me entregou esse objeto. Disse que era um mensageiro.

— Ela revelou a senha? – inquiriu David, com uma ironia sutil demais para que o italiano a percebesse.

— Não entendi o que acontecerá se a gente abrir esse negócio.

— Talvez isso, padre, seja a prova de que precisamos para incriminar a seita pelo assassinato de Fernanda e das outras cinco mulheres. Meu celular tocou duas vezes quando eu tentava reanimá-lo. Enquanto verifico isso, tente decifrar estes símbolos – sugeriu o jornalista, entregando-lhe novamente a abelha dourada que retirara de sua mão após o desmaio.

— Mister Jones me ligou e Mary enviou uma mensagem... O que ela quer?

Abriu a mensagem de sua assistente: *David, estou arrasada. O empresário da Fer me ligou. Não se culpe por isso. Quando puder, me ligue.*

— Merda! – deixou escapar, acionando o número de Mister Jones, que, poucos segundos depois, retornou do aparelho não rastreado.

— Serei breve – disse o agente. – A versão oficial é a seguinte: o chefe de segurança se suicidou e deixou um bilhete confessando o crime. Estou no Hyde Park investigando uma decapitação que, teoricamente, não tem nenhuma relação com a morte da brasileira.

— O que eu faço com...

— Descubra como isso pode nos levar aos chefões. Até logo – despediu-se

Mister Jones.

O jornalista olhou para o padre. Com o cenho franzido, Pietro analisava os caracteres estranhos gravados na parte de baixo da abelha.

— E então? Algum palpite?

— Lembra quando falei que John Dee escrevia em uma linguagem revelada pelos anjos?

— Que você chamou de “linguagem do demônio”?

— Exatamente. Em torno de cada corda, existem quatro símbolos. São caracteres da “linguagem do demônio”. As cordas têm uma pequena ponteira. Precisamos acertar a combinação e...

— Puxar as antenas. São botões invertidos – completou David.

— Ok. Só nos resta descobrir a combinação – observou o padre, pegando seu bloco de notas e abrindo na página com a tabela de correspondência entre o alfabeto latino e aqueles estranhos códigos. – Começamos por onde?

W	—	b
K	—	c
G	—	g
H	—	d
Z	—	f
X	—	a
J	—	e
L	—	m
I	—	i
3	—	hats
7	—	l
U	—	p
V	—	q
E	—	n
F	—	x
2	—	o
C	—	r
T	—	z
A	—	u
?	—	s
N	—	t

— Qual era o enigma sobre John Dee?

— **“Ave... Os olhos onipresentes da rainha revelam a chave de Armon”** – respondeu Pietro.

O jornalista ficou em pé. Andou de um lado para o outro. Em silêncio. Lembrou-se de uma das tapeçarias estendidas nas paredes da sala de chá do castelo em Upper Slaughter. Ela retratava uma cena de *A Tempestade*. “A peça que Shakespeare escreveu para a seita. Estou diante do elo que faltava. O código deve ser um nome. Um nome com cinco letras: Próspero? Miranda? Calibã? Talvez um anagrama. Espere um pouco, o padre disse...”, raciocinava David, voltando-se para ele e disparando uma pergunta:

— Padre, nessa sua visão, a Fernanda lhe entregou a abelha dizendo que era o quê?

— O mensageiro – respondeu Pietro, sem entender o motivo daquela pergunta.

“O mensageiro de Próspero é Ariel. Cinco letras”, concluiu, abrindo um sorriso triunfal.

— É isso! Padre, tente: Ariel.

— **A-R-I-E-L** – soletrou Pietro, escrevendo o nome em caracteres enoquianos e puxando as antenas. Nada.

— Então, deve ser... – prosseguia David.

— Espere um pouco, a “linguagem do demônio” é escrita da esquerda para a direita, como o hebraico e o árabe. Vamos tentar **L-E-I-R-A** – soletrou Pietro, escrevendo ao contrário o nome do mensageiro de Próspero. David cruzou os dedos e se aproximou no instante em que o padre puxava as antenas. A abelha continuou travada.

— Nada – suspirou o jornalista.

— Por que você tentou esse nome? – quis saber o padre.

— Demoraria muito para explicar.

— Tenho tempo. Costumo dormir mais tarde – ironizou Pietro.

— Vou resumir. Shakespeare escreveu *A Tempestade*. O protagonista, Próspero, é inspirado em John Dee. Acredito que essa peça possa ter sido encomendada pela... Confraria negra... – explicava David.

— E quem é Ariel? – inquiriu o padre.

— O mensageiro de Próspero.

— Provavelmente uma referência ao anjo Uriel. John Dee dizia contatá-lo, em mais uma de suas mentiras. Vamos tentar: **L-E-I-R-U** – sugeriu Pietro, colocando as ponteiras das cordas sobre as letras do alfabeto de John Dee que formariam aquele nome.



O objeto rangeu.

— Parabéns! – exaltou-se David. – Coloque a abelha sobre a mesa.

O padre estendeu a mão e a repousou na pequena mesa de centro. David sentou-se no sofá. Sob o olhar excitado dos dois, o robô alado bateu as asas cinco vezes e se dividiu em dois. Um pequeno cilindro metálico, com diversos sulcos, ergueu-se do meio de dezenas de pequenas engrenagens reluzentes.

— Uma carta direto do inferno – anunciou Pietro.

Ele prendeu a respiração ao estacionar diante do Mandarin Oriental. Dezenas de luzes azuis, dos carros da Scotland Yard, borravam a névoa. “Aquele senador maldito me jogou na fogueira. Preciso sair rápido daqui”, pensava, quando um funcionário do hotel abriu a porta de seu carro.

— O que aconteceu aqui? – dissimulou Michael, trajando um sobretudo verde-oliva sobre o terno preto, camisa branca e gravata prateada.

— Investigação sigilosa, senhor.

— Se eu estivesse pretendendo me hospedar aqui, daria meia volta. Mas só vim deixar um envelope na portaria – explicou o americano, saindo do carro.

— Fique à vontade, senhor.

“A uma hora dessas, eles já devem ter apanhado a isca. Bem, isso não é mais problema meu. Pelo menos, não até aquele senador de merda mudar de ideia”, pensou, carregando uma pasta até a recepção do hotel.

— Pois não, senhor? – atendeu-lhe uma mulher ruiva, cabelo preso e sorriso cansado no rosto.

— Vim deixar um envelope ao senhor Giovanni de Santis. Ele está hospedado na *presidential suite*.

— Devo avisá-lo agora?

— São quase cinco da manhã – respondeu, conferindo o relógio. – Ele deve estar dormindo.

— Ele está com uma visita, senhor.

— *Sir* David Rowling?

— Deixe-me conferir – disse a atendente, consultando o computador. – Sim. Ele mesmo.

— Meus dois grandes amigos estão reunidos... – comentou Michael, com um sorriso irônico.

— Quer que eu avise que o senhor está aqui?

— Não quero atrapalhar a festinha dos meus amigos gays.

— Como quiser. Avisarei Giovanni de Santis mais tarde, senhor.

— Obrigado, Lucy – agradeceu, conferindo seu nome no crachá.

Michael consultou o relógio de pulso: quatro e trinta e três da madrugada. “Vou chegar adiantado. Espero que *sir* Chancellor já esteja no museu”, torceu, girando sobre o calcanhar. Programou o GPS com o endereço do Victoria and Albert Museum e zarpou dali. Ligou o rádio. Tocava “Lucy in the Sky with Diamonds”.

Com o indicador e o polegar formando uma pinça, David retirou o pequeno cilindro da abelha-robô e aproximou-o de seus olhos.

— Uau!

— O que é? – quis saber Pietro, chegando mais perto.

— Aqui dentro, há um pequeno pedaço de papel com uma mensagem. Em vez de termos quebrado a cabeça tentando solucionar esse enigma, poderíamos ter usado uma chave de fenda para abrir o robô. Mas está vendo essas ranhuras? – questionou o jornalista, aproximando o cilindro do padre.

— Sim.

— Esse robô deve ter um mecanismo interno para destruir a mensagem se sua abertura for forçada. Imagino que lâminas atravessariam as ranhuras, esfarelando o papel.

— Talvez fosse melhor que isso tivesse acontecido. John Dee era um mensageiro do diabo – comentou Pietro.

— Então, está na hora de descobrir o que o diabo quer com isso – enfatizou David, usando a unha para puxar uma pequena tampa. A parte interna do cilindro deslocou-se para fora, revelando um delicado pedaço de papel.

— Precisaremos de uma lupa para ler o que está escrito aqui – concluiu o jornalista, desenrolando-o sobre a palma da mão esquerda.

— Tenho uma na minha pasta – disse o padre, levantando-se.

— O que você faz com uma lupa?

— A letra da minha Bíblia de viagem é bem miúda.

“Preciso ligar para Mary. Ela deve estar acordada”, pensou David, enquanto Pietro ia ao quarto e voltava com o instrumento óptico.

— Deixe-me ver isso – pediu o padre.

— Empréstimo a lupa – retrucou o jornalista, estendendo a mão para apanhá-la. Colocou a lente sobre o papel. – Os mesmos caracteres da abelha. Acho que você vai precisar traduzir isso aqui – concluiu, entregando ao italiano a lupa e a mensagem.

— Vamos ao trabalho.

— Enquanto você faz isso, ligarei para minha assistente. Ela já sabe que a amiga foi assassinada – informou David, pegando o celular no bolso da calça.

— Sua assistente me entregou hoje à tarde, e não fez isso por amizade, David. Foi maldade. Percebi isso nos olhos dela – alertou Pietro, indo até a escrivaninha.

“Ela é uma bruxa. Não gosta de padres. Não gosta da Igreja Católica”, o jornalista justificou em pensamento, acessando o número da americana.

Pietro destacou uma página em branco de seu bloco e a colocou ao lado da mensagem criptografada. Em seguida, voltou à página com a tabela de

correspondência entre os alfabetos e a repousou acima da “carta do demônio”.
Acendeu o abajur e pôs a lupa na última palavra do texto, quarta linha.

Estava revirando na cama há quase uma hora quando o celular tocou sobre o criado-mudo. Era seu chefe. Levantou-se para atendê-lo.

— Estou anestesiada, David. Queria muito que estivesse aqui comigo – disse Mary, com a voz arrastada.

— Tomou alguma coisa?

— Um comprimido para dormir. Mas não consigo pegar no sono. O que aconteceu?

— Disseram que foi crime passionai. O chefe de segurança cometeu o homicídio e se suicidou. Ele deixou uma carta.

— Ele se chamava Harold, David. Eu o conhecia. Ele jamais, jamais faria isso com a Fer – comentou sua assistente.

— Quero que descanse, Mary. Você está de licença. Não vá à redação amanhã. Ok?

— Quem vai cobrir a morte da minha amiga?

— O mesmo repórter que cobriu a coletiva.

— Onde você está?

— Está tudo bem. Estou na suíte do padre...

— O padre que matou o pai da Fer?

— Ele mesmo. Preciso desligar, Mary. Qualquer coisa, me ligue.

— A que horas você virá para cá?

— Isso é incerto. Talvez passe aí amanhã de manhã. Por quê?

— Preciso ir para casa pegar algumas coisas... Volto mais tarde.

— Não quer que eu vá com você?

— Não quero atrapalhar você. Posso fazer isso sozinha. Obrigada.

— Qualquer coisa, me ligue.

— Sammy é um manipulador, David. Ele mandou matar a Fer e vai fazer todo mundo pensar que foi o Harold.

— Também acho isso. Mas não podemos fazer nada por enquanto.

— Você prometeu que pegaria esse cara, David – disparou Mary, caindo em prantos.

— Estou tentando fazer isso. Fique calma. Tente descansar e não converse com ninguém sobre esse assunto. Ok?

— Faço o que você quiser – respondeu sua assistente, aos soluços.

— Quero que descanse. Até mais tarde.

Ela colocou o celular sobre o criado-mudo e respirou fundo. Foi ao banheiro e

lavou o rosto na pia. Encarou seu reflexo no espelho.

— Preciso fumar um cigarro – disse para si, voltando ao quarto e abrindo a bolsa. Pegou um cigarro e o Zippo prateado gravado com o desenho de Cernunnos sentado, uma serpente na mão esquerda e um círculo aberto na direita.

Na sala, sentou-se na poltrona favorita de David. Tragou duas vezes e fechou os olhos. O pensamento a carregou para o passado.

Ela estava sentada no chão da sala de estar. Na sua frente, Sammy segurava um copo de uísque e se movia para a frente e para trás em uma cadeira de balanço.

— Que história você vai me contar hoje? – indagou a menina de oito anos.

— Quer saber sobre a última vez que encontrei Deus? – ele perguntou, sorrindo.

— Você já encontrou Deus?

— Muitas vezes.

— Como Ele é?

— Não sei, Ele sempre usa fantasia.

— Como as de carnaval?

— Sim. Só que as Dele são mágicas. Não parecem fantasias – explicou o homem.

— Como Ele estava fantasiado na última vez que o viu?

— Era um velho sem a perna direita.

— Você está brincando! Se Deus pode Se fantasiar do que quiser, por que ia querer ser um velho sem perna?

— Porque Ele gosta de enganar os outros. Se Ele descesse do céu, todo mundo saberia que era Deus.

— Se Ele é Deus, qual o problema de as pessoas saberem que Ele é Deus?

— Ele gosta de andar por aí disfarçado, bisbilhotando a vida das pessoas. O céu deve ser um lugar muito chato – comentou Sammy, dando um gole no uísque.

— E como você sabia que Ele era Deus, se estava disfarçado de homem sem perna?

— Porque eu conheço Deus. A mim, Ele não engana.

— Você falou com Ele?

— Ele falou comigo.

— O que Ele disse? – quis saber a menina, ajoelhando-se.

Ele se aproximou e sussurrou algo em seu ouvido.

Mary abriu os olhos. Estava na sala de estar de David, sentada em sua poltrona preferida. Terminou o cigarro e voltou ao quarto.

Assim que desligou o telefone, David sentou-se no sofá. Não queria atrapalhar o padre. “Vamos apanhar esse canalha, Mary”, pensou, cerrando os punhos. “Mister Jones falou sobre um corpo decapitado no Hyde Park. Deve ter sido Andrew... Por que ele me disse: ‘Você me pegou. Está na minha vez’? O que eu tenho e ele não têm? Ele estava com o robô... Mas não conhecia a senha! Ele sabia que o padre e eu podíamos decifrá-la. Ele armou tudo isso, e vai nos seguir até que encontremos algo”, deduziu, folheando seu bloco de notas. Uma delas saltou aos seus olhos.

— O *Livro das Folhas Prateadas* – disse em voz baixa. – Talvez seja isso que estamos procurando.

“O segredo sobre o esconderijo deve ter sido enterrado com *sir* Alexander Cotton. E a maneira de descobri-lo deve ser ouvindo o mensageiro, a abelha-rainha, o projeto perdido de John Dee. Os americanos também devem estar atrás disso. Michael deve estar atrás disso... Agora faz sentido ele ter escolhido uma Chouffe Bok 6666 no dia em que nos conhecemos. O número de Francesco Fiori com um dígito a mais. O número que revelou o dia e a hora do assassinato de Fernanda Albuquerque. Era uma provocação. E tudo, tudo isso deve levar a uma pessoa: Sammy”, concluiu.

Os olhos ardiam e as pálpebras pesavam. Colocou a bengala sobre o colo e esticou as pernas. Repousou a cabeça no encosto do sofá e fechou os olhos. Lembrou-se do símbolo que o padre desenhara, reproduzindo os cortes na fronte da brasileira. “Eu já vi isso em algum lugar”, pensou.

David seguia as velas vermelhas que serpenteavam no interior do labirinto. “Um demônio se esconde atrás dessas paredes.” Era a voz de seu pai. Pernas trêmulas. Coração aos saltos. Respiração entrecortada. “Preciso salvar Andrew. Eles o pegaram”, disse em voz baixa, tentando reunir forças para não voltar atrás. As vozes se misturavam. E ficavam mais altas a cada passo. “São os monstros. Preciso me defender”, deduziu, levantando a raquete de tênis que trazia em sua mão direita. De repente, chegou ao centro. Dezenas de velas negras formavam um círculo em torno da cabana.

— Por favor, não me matem!

A voz de seu amigo parecia ecoar das profundezas da Terra. Desejava sair correndo. Respirou fundo. Pegou uma das velas do chão e avançou degrau após degrau. “Meu Deus, me proteja”, sussurrava. No fim da escada sinuosa de pedra, dezenas de homens com rostos deformados e capas negras esvoaçantes. Andrew estava estirado em uma mesa. Parecia morto.

— Devia ter obedecido seu pai – ameaçou-lhe um dos mascarados, indo em sua

direção. Antes de fechar os olhos, ergueu a vela. Um pingente prateado reluzia em seu peito.

— Amém! – berrou Pietro.

David saltou do sofá empunhando a bengala.

— Eu te assustei? – perguntou-lhe o padre ao ver seu rosto pálido.

— Estava exausto. Devo ter adormecido. Não costumo fazer isso fora do meu quarto.

— A mensagem está aqui – gabou-se Pietro, estendendo ao inglês o texto transcrito: “Quando o que está em cima se une ao que está embaixo, a eternidade é contemplada. Ouça: quatro anjos sussurram. Eles conduzem ao *omphalos*. É lá que Deus guarda seus segredos”.

— O que é isso? – quis saber David.

— Um enigma.

— Fernanda Albuquerque foi morta por isso?

— Não. Ela foi morta pelo que isso esconde.

— Alguma ideia?

— O demônio é o macaco de Deus, David...

— Isso não é novidade. Você já repetiu algumas vezes – impacientou-se o jornalista.

— Ele gosta de imitá-Lo em tudo. E nisso, ele se apropria de símbolos sagrados...

— Seja mais pragmático, padre.

— Quando um burro fala, o outro se cala! Está na sua vez de se calar. Essa mensagem usa elementos de arquitetura sagrada, construção de igrejas – prosseguiu Pietro, gesticulando durante a explanação – *Omphalos* é a fixação do centro. Simboliza o umbigo do mundo. Suponho que “o que está em cima” seja o céu e “o que está embaixo”, a Terra. Para simplificar, o céu é representado por um círculo e a Terra por um quadrado. Por isso, muitas igrejas eram construídas na forma octogonal, representando a união entre céu e Terra.

— O lugar onde o tempo perde o significado? – indagou David.

— Onde o tempo começa e termina.

— E os segredos de Deus?

— Para os satanistas, Deus é o diabo. Acho que esses segredos são o que estamos procurando. E temos que destruí-los – disse o padre, franzindo o cenho e sentindo uma fisgada dolorida no supercílio esquerdo.

— O *Livro das Folhas Prateadas*... – murmurou o jornalista.

— Provavelmente. E não estamos juntos nisso por acaso, David. Completamos um ao outro. Foi assim que abrimos o primeiro mensageiro. E, pela mensagem,

existem mais três. Agora, está na sua vez de relacionar o que eu disse com o que você sabe sobre John Dee, Shakespeare etc. – aconselhou Pietro, encarando-o.

O jornalista sentou-se no sofá, abriu seu bloco de notas e escreveu as palavras:

John Dee – Tempo

Infinito ∞

Quadrado-círculo – octógono

Levantou-se e andou de um lado para o outro. Por alguns minutos, ficou centrado em si mesmo, alheio à presença do padre, que estava sonolento na poltrona. “Preciso de um espresso duplo”, pensava Pietro quando foi surpreendido pela vibração de David.

— É isso!

— O quê? – quis saber, levantando-se.

— Pegue um casaco. Vamos sair – ordenou o jornalista, guardando o robô-abelha no pequeno saco negro e entregando-o a ele. – E esconda isso em algum lugar do armário.

— Para onde vamos?

— Eu explico no caminho – retrucou David, guardando o bloco de notas no bolso do paletó, juntamente com a mensagem decifrada.

Entre algumas árvores do Hyde Park, ao lado de uma pedra, dois policiais seguravam holofotes e iluminavam um corpo decapitado, com mãos e pés amarrados por cordas. Usando luvas e máscara, o perito permanecia agachado ao seu lado. Evitava tocá-lo. Em pé, rondando a cena do crime, Eric Kemp procurava vestígios do criminoso. Parou próximo a uma árvore e mirou o Mandarin Oriental através da névoa tênue. “Desse ponto, era possível acompanhar o movimento de entra e sai”, observou. “Talvez essa vítima fosse comparsa do criminoso, estava aqui para dar cobertura, e foi morto assim que ele deixou o hotel. Queima de arquivo”, deduziu, voltando para perto do perito.

— Gostaria de saber a hora exata em que ele morreu – solicitou Kemp.

— Não faz muito tempo. Mas é preciso uma análise mais detalhada. Não consigo fazer isso aqui. Precisamos transportar o corpo para o laboratório.

— Tenho que pedir autorização a Wensley antes de remover o corpo. Foi decapitado, não?

— Sim. E a cabeça não está aqui.

“Ele deve ter levado consigo para impedir a identificação da vítima”, concluiu Kemp, voltando-se para o perito:

— Então, teremos que identificá-lo pelas digitais?

— Veja isso – mostrou-lhe, levantando a mão do morto.

— O assassino queimou os dedos desse infeliz!

— Não queria que identificássemos esse homem – retrucou o perito.

— Certamente. Sem digitais, sem mandíbulas... – murmurou Kemp.

— O que faremos? – perguntou um dos policiais que segurava o holofote.

— Vou descobrir agora – respondeu o agente, pegando o celular no bolso e afastando-se um pouco do grupo. Acessou o número de Wensley. Pouco antes de cair na caixa postal, seu chefe atendeu:

— Você sabe que estou em uma investigação delicada, não? Por que me ligou?

— Primeiro, preciso de sua autorização para remover o corpo da vítima decapitada no Hyde Park.

— Autorização concedida. Só isso?

— Não. Acredito que esse crime tenha conexão com o assassinato da top model e do seu segurança – revelou Kemp.

— O assassinato da modelo já foi solucionado! – explodiu Wensley. – Em vez de atrapalhar meu trabalho, use seu tempo para tirar esse corpo daí antes que os urubus façam a festa.

- Não quer que eu relate as evidências?
- Escreva um relatório e coloque na minha mesa. Antes de ler, vou tentar adivinhar qual é a teoria conspiratória da vez – disparou, desligando em seguida.
- Seu cretino corrupto! – Kemp deixou escapar, voltando para perto da equipe.
- Qual é a ordem? – perguntou um dos policiais.
- Remover o corpo para o laboratório. E tentar descobrir o motivo de sua morte. Talvez ele tenha se suicidado, como o segurança da modelo – ironizou.

Conferiu o horário: quatro e quarenta e quatro da madrugada. “Espero que David e o padre consigam algo melhor do que eu. Precisamos pegar esses filhos da puta”, pensou, a caminho da entrada do hotel.

Eram quase cinco horas quando o Mercedes cinza aproximou-se do Mandarin Oriental. Andrew diminuiu a velocidade.

— Hora de os coelhos saírem da toca – murmurou, observando, com um sorriso nos lábios, Pietro e David deixarem o hotel. O carro do jornalista os aguardava na entrada. Enquanto ele dava uma gorjeta ao manobrista, o padre abria um envelope.

— Vamos brincar de pega-pega, David? – resmungou Andrew.

— Meu passaporte. Voltei a ser Pietro Amorth – comentou o italiano ao entrar no Jaguar, guardando o documento no bolso, sem conferi-lo.

— Michael deve achar que você já terminou sua missão em Londres – sugeriu David, acessando o computador de bordo. – O *smog* já diminuiu, mas é melhor dirigir com o auxílio do navegador – explicou, digitando a palavra de destino: Greenwich.

— Greenwich? O que o meridiano tem a ver com isso? – questionou Pietro.

— Lembra-se do carro que nos seguiu em nosso primeiro encontro no Orangery?

— Sim. Por quê?

— Está aí atrás – respondeu o jornalista, olhando pelo retrovisor.

— Andrew, o assassino! – explodiu Pietro.

— O assassino que volta ao local do crime – comentou David, pisando no acelerador. O carro que o seguia aumentou a velocidade para acompanhá-lo.

— O que ele quer agora?

— Ele está nos usando. Quer que encontremos algo para ele.

— O que quer que seja, David, deve ser achado e destruído.

— Na rotatória, pegue a quarta saída para a Duke of Wellington – orientou a voz feminina do GPS.

— O que vamos fazer? – questionou o padre. – Precisamos despistá-lo – respondeu a própria pergunta.

— Conheço alguém que pode nos ajudar – revelou o jornalista, acessando o número de Mister Jones. Em seguida, o agente ligou de volta:

— Estou em uma investigação...

— Poupe suas palavras, Mister Jones. Deciframos aquele estranho objeto. Estamos sendo perseguidos pelo ladrão do British Museum – informou David, observando o carro de Andrew pelo retrovisor.

— Para onde estão indo?

— Greenwich – respondeu o jornalista. – Acho que esconderam algo lá.

— Foda-se o Wensley – murmurou o agente – Estou indo dar cobertura.

David acelerou. O padre olhou o velocímetro: cento e vinte quilômetros por hora. Virou-se para trás. O outro carro se aproximava.

Andrew chantageara o manobrista do Mandarin Oriental e plantara uma escuta no Jaguar. Aquele pequeno dispositivo transmitia-lhe os diálogos travados no carro da frente. Conhecia o destino dos dois homens e sabia que, em breve, seria perseguido por um carro da Scotland Yard.

— Você sempre foi um fraco, David – disse em voz baixa, acelerando seu carro. – Não consegue se garantir sozinho? Enquanto seu amiguinho não chega, vamos brincar um pouquinho.

— Curva suave à esquerda na Vauxhall Bridge Road – anunciou a voz feminina do GPS.

— Cala a boca, vadia! Assim não consigo escutar o que aqueles dois idiotas estão conversando – esbravejou Andrew.

O padre forçou as costas no encosto, colocou as duas mãos nas laterais do banco e segurou com força. Os cortes nos pulsos latejavam. Fitou o espelho lateral. O assassino se aproximava. Fechou os olhos. “Meu Deus, nos livre desse homem”, rezou em pensamento. Ao seu lado, David pisava fundo no acelerador. O velocímetro passava dos cento e trinta e cinco quilômetros por hora.

Em menos de cinco minutos, Michael chegara ao Victoria and Albert Museum. Raros carros passavam na Cromwell Road. Nenhum pedestre cruzava a imponente entrada. Ele ficou embaixo dos arcos da Grand Entrance. “Detesto museus. Não entendo o que isso tem a ver com a missão”, murmurava ao ser surpreendido por um homem de estatura baixa, trajando um sobretudo *chesterfield* tradicional, moda no século XIX. A gravata com listras diagonais nas cores azul-escuro, azul-claro e vermelho era entrelaçada por listras brancas e combinava com o lenço repleto de quadrados vermelhos vazados, decorados por pontos azuis. Um chapéu *fedora* cobria-lhe a cabeça, e óculos redondos de armação preta emolduravam seus olhos salientes.

— O museu só abre às dez horas – informou o estranho, com um sorriso discreto.

Michael conferiu o relógio de pulso. Eram pontualmente cinco horas da manhã.

— Bom-dia, senhor Chancellor. Ainda bem que não terei que esperar cinco horas para entrar aí.

— Devo presumir que você é o doutor Michael – rebateu o inglês, apertando sua mão.

— Apenas Michael.

— Um catedrático de Harvard não deveria ser tão modesto. Por favor, doutor Michael, me siga. Entraremos pela Exhibition Road – orientou-lhe o homem, descendo os degraus de dois em dois.

— Não sou um catedrático de Harvard – afirmou o americano, alcançando-o.

O homem parou e o encarou. As bochechas ruborizadas denunciavam sua irritação.

— Você acha que um museu inaugurado pela rainha Victoria receberia como curador um homem ignorante como você? Enquanto eu for seu anfitrião, você será o doutor Michael Bates, um catedrático de Harvard! Entendeu? – repreendeu-o, voltando a caminhar com rapidez.

— Como quiser, senhor Chancellor. Qual é a minha especialidade?

— O senhor é especialista em arte americana do fim do século XIX e início do século XX. Seu melhor trabalho é sobre o escultor Daniel Chester French – esclareceu Chancellor, sem desviar os olhos do caminho.

— E estou aqui para ser curador...

— Da primeira exposição do V&A sobre Daniel Chester French. Ontem, recebemos o acervo e o organizamos em uma de nossas salas para exposições temporárias. Há algumas reproduções, em escalas variadas, de monumentos públicos

notórios, como o Abraham Lincoln do Lincoln Memorial...

— Esse eu conheço – comentou Michael.

— Entre as reproduções também temos “The Spirit of Life” e “Alma Mater” – prosseguiu, ignorando o americano.

— Entendi. Se já está tudo organizado, o que devo fazer?

— Hoje é um dia especial: o museu fechará para o público às dezessete e quarenta e cinco. Às vinte e trinta, você abrirá a exposição para alguns convidados – respondeu Chancellor.

“Entre eles, o jornalista e o padre”, pensou Michael. “O senador pediu que eu colocasse um convite dentro do passaporte. O que eles querem com isso?”, questionou-se.

— É aqui – disse o inglês, parando, tirando o celular do bolso e fazendo uma ligação.

Em menos de trinta segundos, alguém abriu a porta pelo lado interno.

— Bom-dia, senhores. Sejam bem-vindos ao V&A – saudou-lhes uma mulher morena de cabelos curtos, traços suaves e olhos verdes. Sorriso nos lábios. O sobretudo bege, entreaberto, insinuava um vestido preto justo.

— Você... Eu te conheço – surpreendeu-se Michael, entrando no museu atrás do curador-chefe.

— Creio que não, senhor.

— Eu nunca me engano. Você trabalhava no Mandarin Oriental. Era massagista. Abby, não?

Chancellor segurou-o pelo braço e o fuzilou com os olhos.

— Você acha que um museu fundado pela rainha Victoria contrataria uma massagista? Não somos como vocês, americanos, que colocam o sexo acima de tudo. Essa mulher se chama Abigail Milman e é a responsável pela coleção de vestidos do V&A. Entendeu?

— Nossa coleção começa com modelos do século XVII – explicou a mulher, piscando o olho direito.

— Vamos, doutor Michael Bates – ordenou *sir* Chancellor, avançando e deixando os dois para trás. – Não é momento para flerte.

“Paguei essa vadia para seduzir o padre. Ela deve ter sido infiltrada pelos ingleses”, pensou o americano, dando as costas para Abigail e seguindo o curador-chefe.

Os dois atravessavam o Tâmesa quando sentiram o impacto. David perdeu o controle da direção, invadiu a faixa de ônibus e resvalou na grade de proteção. O carro rodopiou cinco vezes e parou na direção contrária. Ainda atordoadado, olhou pelo retrovisor. Andrew não saíra da rota. E se afastava. De repente, girou sobre o próprio eixo. Estava novamente atrás deles, acelerando na contramão. O jornalista respirou fundo e pisou no acelerador.

— Você está louco? A gente vai morrer! – berrou o padre.

— Ele é que é louco! – retrucou David, desviando de um carro que trafegava na direção correta.

O celular tocou.

— Onde vocês estão? – era Mister Jones, no viva-voz.

— Vauxhall Bridge – informou David. – Ele nos acertou.

— Estou perto.

— Vamos nos cruzar na direção contrária – explicou o jornalista. – Estou dirigindo um Jaguar esportivo preto. Ele está em um Chrysler cinza.

— Estou a menos de um minuto – observou Mister Jones.

— Mudança de rota – alertou David, dando um cavalo de pau no cruzamento da Vauxhall Bridge Road com a Millbank. – Millbank em direção à Abadia de Westminster.

— Ele continua atrás de nós – disse Pietro, olhando pelo espelho lateral agarrado ao banco.

— E eu estou atrás dos dois – era o investigador da Scotland Yard. – David, tentarei interceptá-lo na rotunda com a Lambeth Bridge. Padre, por via das dúvidas, reze para que a rua esteja deserta. Ou quase.

David atingiu cento e trinta e cinco quilômetros por hora. Andrew também pisou no acelerador, e Mister Jones seguiu atrás dos dois.

— Estamos a poucos metros da rotunda. O que eu faço, Mister Jones?

— Faça com que ele o persiga na rotunda. Dê algumas voltas. Irei pegá-lo em uma delas.

O jornalista reduziu a velocidade e entrou na contramão. Andrew seguiu atrás dele. Mister Jones parou a alguns metros. Esperava o momento certo para entrar em ação.

— Vai ficar aí parado, assistindo? – impacientou-se David, ao completar a segunda volta.

— Quando eu entrar no circuito, saia da rotunda. Pegue a ponte e siga seu

caminho. A gente se fala mais tarde – respondeu Mister Jones. – Vou contar até três. Um, dois...

— Três – disse Andrew, ouvindo a conversa transmitida pela escuta no carro do jornalista.

No mesmo instante em que David fez a curva fechada e escapou pela Lambeth Bridge, Mister Jones entrou na rotunda, fechando o Chrysler cinza. Andrew bateu na lateral do carro do agente e derrapou na saída da Millbank em direção à rua Westminster. Retomou o controle do carro e acelerou.

— Vamos ver até quando seu carro aguenta – desafiou Andrew. No Jaguar preto, David e Pietro respiraram aliviados. O padre soltou as mãos do banco e fez o sinal da cruz.

— Pelo menos por enquanto, nos livramos daquele maldito – o jornalista quebrou o silêncio.

— Está na hora de me explicar o que estamos indo fazer em Greenwich.

— Vou dizer o que sei. Para descobrir o resto, vamos ter que acessar o Google pelo celular.

— Vamos começar pelo que você sabe – aconselhou Pietro, girando o pescoço na sua direção.

— John Dee dizia que a rainha Elizabeth I era descendente do rei Arthur e que seu império deveria cobrir o planeta. Em outras palavras, ele queria transformar a Inglaterra no *omphalos* da Terra. Ok?

— Ok. Continue...

— Bem, o instrumento para realizar esse objetivo era o desenvolvimento da Marinha. E ele dedicou parte de seus estudos a isso. Sei, por exemplo, que John Dee desenvolveu uma bússola especial. Em Greenwich, padre, está o Old Royal Naval College. Posso estar enganado, mas acho que ele também inventou a ideia de um meridiano de base. Em Greenwich, também fica o meridiano que divide o mundo em dois hemisférios. É o ponto zero. E é ele que orienta todos os relógios do mundo – revelou o jornalista, com um sorriso triunfal no rosto.

— Boa dedução, David. Mas parece que estamos indo procurar agulha em palheiro – lamentou o padre, pegando o celular no bolso do paletó. – O que quer que eu procure na internet?

— O mensageiro disse: “Quando o que está em cima se une ao que está embaixo, a eternidade é contemplada”. E você falou que isso pode representar uma construção octogonal. Faça uma busca das palavras: “Greenwich” e “octogonal”. Vamos achar o palheiro, padre.

Uma das salas de exposições temporárias do Victoria and Albert Museum estava mergulhada na penumbra. Algumas esculturas refletiam as luzes de *spots* direcionados. Michael observou que dezenas delas estavam perfiladas nas laterais, dividindo o espaço com *displays* e fotos. No centro da sala, havia uma peça solitária encoberta por um tecido escarlate. O americano virou-se para o anfitrião e perguntou:

— O espaço não poderia ser mais bem aproveitado?

— Na abertura, haverá um coquetel para convidados. Eles precisam de espaço para circular e apreciar a estrela da exposição – explicou, estendendo a mão esquerda na direção do centro.

— O que está aí embaixo? – quis saber Michael.

— Depende da pessoa que observa – Chancellor deu uma resposta evasiva.

— Você observa o quê? – insistiu o americano.

— Uma autoridade em Daniel Chester French, como você, enxerga ali a sua obra-prima. Sua “Pietà”.

— O que você enxerga?

— Uma bela escultura de 1923, gentilmente emprestada pela Corcoran Gallery of Art.

— Onde fica isso?

— Washington, D.C. Mas, naturalmente, você sabia disso. E quis me testar.

— Naturalmente. Por que me trouxe aqui?

— Para se familiarizar um pouco com o artista...

— Devo ler os *displays*? Ou terei uma aula? – ironizou Michael.

— Vocês, americanos, precisam aprender a sutileza dos ingleses – disparou Chancellor, com um sorriso irônico no rosto.

— E quem vai me ensinar isso? Você?

— Não. O mestre.

— Onde está esse cara?

— Estou em quase todos os lugares – aquela voz grave repercutiu pelo ambiente. – Graças à tecnologia, Michael – o americano olhou na direção de Chancellor. O inglês segurava o chapéu na mão.

— Ok. Você não está no museu. Está em Londres?

— Ou em Nova York. Ou em Washington. Isso não importa.

— Para mim, importa. Minha família...

— Ficarão em segurança – o mestre interrompeu. – A menos que você nos magoe.

— O que querem que eu faça aqui?

— Meus convidados são pessoas especiais, Michael. Eles fazem parte de um clube exclusivo. O que os distingue das outras pessoas? Eles enxergam a mesma coisa no centro dessa galeria.

— Todos os convidados? – indagou Michael, lembrando-se de ter colocado, a pedido do senador Bundy, um convite dentro do passaporte do padre.

— Duas pessoas não fazem parte desse clube. São convidados especiais.

— O jornalista e o padre?

— Uma terceira pessoa, que faz parte do clube, talvez tente entrar sem convite. Você a conhece – retrucou a voz grave.

— Ele... Está morto! – justificou Michael, pensando no homem que decapitara no Hyde Park.

— Você fracassou. Mas poderá corrigir o erro. Hoje à noite.

— O que querem que eu faça com ele? – perguntou, sentindo as pernas trêmulas.

— Deixe que ele faça seu show na presença dos convidados.

— O que faço depois?

— Junte-se aos convidados especiais. Eles saberão o que fazer. Agora, está na hora de deixá-lo aprender um pouco sobre o sr. French.

O curador colocou o chapéu sobre a cabeça, encarou Michael com o cenho franzido e disse:

— É melhor fazer o que ele pediu.

Andrew olhou pelo retrovisor. O carro do agente da Scotland Yard estava cada vez mais perto. “Esse filho da puta está estragando meus planos”, concluiu, pisando no acelerador na Victoria Embankment. O velocímetro marcava cento e quarenta quilômetros por hora.

— Esses idiotas pensam que me despistaram. Sei o que estão tramando – disse, aumentando o volume dos alto-falantes.

— Bingo – era a voz do padre.

— O que encontrou aí? – indagou David.

— O nosso palheiro. Ouça isso: “O edifício original do Observatório Real de Greenwich é a Flamsteed House, projetada por Christopher Wren. A sala octogonal, situada no alto, é escondida por paredes quadradas no exterior e ostenta duas torres”.

— Agora falta a agulha – comentou o jornalista.

— Onde você acha que ela está? Dentro da sala octogonal?

— Talvez.

“O inimigo vai conduzi-lo até o tesouro. Siga suas pegadas e fique com o troféu. Todos temerão o seu poder”, Andrew lembrou-se daquelas palavras de Samyaza, reveladas pelo espelho negro. Sorriu e disse:

— Trabalhem por mim, idiotas. Está na hora de sair de cena.

Fez uma curva na New Bridge Street sem diminuir a velocidade. Sentiu as rodas laterais descolarem do asfalto e o impacto quando o carro voltou. O velocímetro atingiu cento e trinta quilômetros por hora na Farringdon Road. Diminuiu no cruzamento com o Holborn Viaduct e puxou o freio de mão. O carro rodopiou três vezes. Para evitar uma colisão fatal, Mister Jones freou e conseguiu desviar-se à esquerda. O carro de Andrew parou no sentido contrário. Ele acelerou e entrou na Snow Hill. Saiu novamente para a Farringdon Road, agora no sentido contrário. Sem sinal do agente da Scotland Yard. Ouviu o celular tocar no carro de David. O jornalista atendeu no viva-voz.

— Conseguiu pegá-lo?

— Ele dirige como um suicida. Escapou das minhas mãos.

— Ainda bem que você conseguiu despistá-lo, Mister Jones. Estamos a um passo de outra pista que pode ajudar nas investigações.

— Vou ao departamento supervisionar a investigação do homem decapitado no Hyde Park e pensar em um jeito de pegar esse desgraçado. Talvez a placa do carro me dê alguma informação útil. Quando tiver novidades, me avise. Até logo.

- O corpo decapitado – resmungou Andrew. – É a prova da traição do Duque Negro. Aqueles vermes vão pagar caro por isso.
- Preciso de um espresso duplo – a voz do padre invadiu seu carro.
- Eu me contentaria com um *english breakfast*. Será que *sir* Christopher Wren fazia parte dessa confraria negra? – ponderou David.
- Talvez ele tenha apenas recebido a encomenda para projetar o prédio – sugeriu Pietro.
- Como Shakespeare com *A Tempestade* – comentou David.
- Mas isso não faz a menor diferença – rebateu o padre, emendando a pergunta: – Faz?
- Em 1666, Londres quase inteira foi consumida por um incêndio de origem misteriosa. E *sir* Christopher Wren deixou sua marca na reconstrução da cidade.
- Não me espantaria se a confraria negra tivesse escolhido essa data para causar um incêndio criminoso, David, 666 é o número da besta.
- O número de Francesco Fiori – reforçou o jornalista.
- O número dos seguidores da Colmeia Dourada. O número que revelou o assassinato da Fernanda. Talvez em 1666 tenham realizado o primeiro Apocalipse Negro – deduziu Pietro.
- E preparado a cidade para o segundo – completou David.
- **“Com uma capa azul e um chapéu de abas largas, levantarei de minha fortificação no lago e serei vitorioso”** – o padre recordou o enigma do diabo sobre o lugar escolhido para atacar.
- Seus porcos malditos. Vocês nunca verão o brilho das pérolas – disparou Andrew, terminando a frase com uma gargalhada.

Menos de um minuto após desabar na cama do quarto de visitas, Mary adormecera. Pouco depois, era carregada nos braços de Morfeu e deixava a casa de David para passear no jardim da casa de seus pais. A primavera pintara-o com várias cores. Céu azul. “Quero chegar até a fonte”, pensou. O desejo moveu suas pernas até o centro do jardim. A água escorria sob uma mulher, esculpida em mármore. A mão esquerda repousava sobre uma corça. A direita buscava uma flecha na aljava. “A deusa Diana.” Escureceu. Olhou para cima. A nuvem negra cobria o sol. Um estrondo. Um dragão vermelho-fogo surgiu de dentro da nuvem. Mary contou sete cabeças e dez chifres. Em sua cauda, dezenas de esferas de fogo se agitavam de um lado para o outro. Alguém gemeu diante dela, forçando-a a desviar os olhos do monstro alado para a fonte. Uma mulher ocupava o lugar da escultura de mármore. O rosto estava desfigurado. Sangue jorrava de sua vagina e vísceras caíam de um corte em seu baixo ventre.

— Fernanda?

— Minha amante – alguém respondeu.

— Quem está aí?

— Não me reconhece mais, querida?

— Sammy? É você? – perguntou Mary, olhando para cima.

— Está com saudades?

— Quer transar comigo? – ela retrucou.

— Transaria com você por toda a eternidade. Mas precisamos obedecer algumas regras. Beba a água da fonte.

— Isso não é água. É sangue – rebateu a americana, observando a bacia de mármore sob a amiga.

— Está com nojo de mim, Mary? – questionou Fernanda.

— Beba o sangue sagrado – insistiu a voz masculina.

Ela inclinou-se sobre a fonte e mergulhou as duas mãos no líquido avermelhado. Levou-o a boca. “É delicioso”, concluiu, esticando a cabeça para baixo da vagina de Fernanda. O sangue cobriu sua cabeça e escorria pelo rosto.

— Abra os olhos, querida.

Novamente, ela obedeceu. Outro estrondo no céu. Mary virou o rosto para cima. Com a cauda, o dragão segurou uma das esferas de fogo e a arremessou diante da fonte. Um homem saiu da cortina de fumaça. Era o jogador de pôquer, amigo de seu pai, Sammy, vestindo uma capa azul-marinho. Com um sorriso malicioso no rosto, ele perguntou:

— Lembra-se do segredo que lhe contei?
— Seu encontro com Deus?
— A festa que você deve preparar para me receber.
— Por que você fez isso com a minha amiga? – perguntou Mary, apontando para a mulher da fonte.

— Para que a verdade fosse revelada.
— Ela não merecia...
— Ela se tornou uma deusa – justificou Sammy, retirando a túnica que o cobria. Estava completamente nu. Pênis ereto. – Lembra-se da varinha mágica?

— Eu te odeio! – berrou Mary.
— E se eu mudar meu rosto e ficar assim?
Em um piscar de olhos, não era mais Sammy diante dela. Era David. Ela ficou de joelhos e colocou seu sexo entre os lábios.

— Com mais força – o jornalista dizia, enquanto Mary o chupava. – Agora, fique de quatro!

Ela interrompeu o sexo oral e se colocou na posição que seu chefe pedira. O jornalista meteu a mão por baixo da saia e arrancou a roupa íntima. Penetrou-a com violência. Dor. Mary levantou a cabeça. Com o rosto desfigurado, Fernanda Albuquerque se masturbava. Um berro. Seu parceiro atingia o clímax.

— Dói... Dói muito – reclamou a americana, sentindo as entranhas em convulsão.
— Essa é a minha melhor mágica, Mary. E ela tem um preço.
Reconhecia a voz. Sammy estava de volta.

Deu um salto da cama. Pegou o relógio. Eram sete e trinta e três da manhã.
— Tudo tem um preço – ela murmurou. “Preciso pegar umas coisas em casa. Será que Abby pode me ajudar com isso?”. Acessou o número de uma das integrantes do *coven*. Ela não demorou para atender.

— Olá, Mary. Tudo bem?
— Desculpe pelo horário. Mas preciso de sua ajuda.
— Não se preocupe com o horário. Estou trabalhando.
— Preciso pegar umas coisas em casa... – adiantou-se a americana.
— Minha namorada está livre. Ela pode te ajudar – respondeu Abby.
— Obrigado. Ligarei para a Jessica. Até logo.

O Jaguar estacionou diante do Observatório Real de Greenwich. Antes de abrir a porta, Pietro virou-se para David:

— O que vamos fazer?

— Tentar achar o segundo mensageiro – respondeu o jornalista, percebendo um segurança se aproximar do carro. Abriu a janela.

— Acho que seu relógio está adiantado, senhor. O horário de visitação pública começa às dez horas. Peço que volte em duas horas – informou-lhe o homem moreno de testa larga e olheiras fundas.

— Senhor Dyer – disse David, conferindo seu nome no bolso do casaco. – Não estou aqui para uma visitação pública. Tenho uma licença especial da rainha que me permite não respeitar horários.

— Tenho ordens para não deixar ninguém visitar Observatório Real fora do horário. Nem mesmo a rainha.

— Acho que ela não aprovaria essa conduta, senhor Dyer, ainda mais se ela mesma tivesse me pedido para fazer um *tour* com o primeiro-ministro italiano, antes da audiência privada às dez horas – dissimulou David.

— Não tenho a chave do Observatório Real. O responsável chega às nove e meia. Portanto, não posso ajudá-los.

— Não precisamos entrar no observatório. Acho que o primeiro-ministro se contentaria em dar uma volta no pátio, e tirar uma foto com um pé em cada hemisfério – explicou David, abrindo a porta do carro.

— Tudo bem. Mas, antes, quero ver essa licença especial – solicitou o segurança.

O jornalista fingiu impaciência. Abriu a carteira e retirou um documento. Entregou-o a Dyer. O segurança o conferiu rapidamente e devolveu-o, sem conseguir esconder o nervosismo.

— *Sir* David Rowling, fique à vontade. Se quiser alguma coisa, é só me pedir.

Ele guardou o documento no bolso e fez um sinal com a cabeça para que o padre saísse do carro.

— Que documento é esse? – indagou Pietro, em italiano.

— Um documento falso que me abre algumas portas – respondeu-lhe, também em italiano. – Agora, vamos passear um pouco.

— Não vai adiantar nada. O que procuramos deve estar dentro da sala octogonal – o padre reclamou, em sua língua materna.

O segurança seguiu na frente dos dois, abriu o portão para o pátio do observatório e voltou ao seu posto. David subiu uma pequena ladeira, acompanhado pelo italiano,

e parou diante de um relógio de vinte e quatro horas.

— Você acha que o segundo mensageiro está aí? – perguntou Pietro.

— Atrás de alguma dessas placas de metal? Pouco provável.

Passaram pelo portão de ferro e chegaram ao pátio.

— Ali se inicia o meridiano de Greenwich, padre – explicou o jornalista, avançando até a placa que o anunciava: “*Prime Meridian of the World*”. A linha vermelha que começava pouco acima dela atravessava um marcador digital, logo abaixo, e era interrompida por uma porta. Ressurgia incrustada no chão e percorria o pátio de pedra.

— Coloque uma perna de cada lado e sorria – instruiu David, acionando a câmera digital de seu celular.

— Não temos tempo para brincadeira! – esbravejou Pietro, esfregando os dedos nas palmas das mãos.

— Despertaremos menos suspeitas se imitarmos o gesto clássico dos turistas que visitam o lugar – argumentou David.

— Você acha que está aqui? Atrás desta porta? Embaixo desta linha? – inquiriu o padre, colocando uma perna de cada lado da linha e fitando a escultura moderna de metal à sua frente.

— Sorria, primeiro-ministro – pediu o jornalista, disparando a foto.

— Agora, deixa de tolice, David. Acha que o mensageiro está aqui?

— Acho que eles o colocaram em um lugar mais protegido.

— Como assim?

— Em algum lugar que tenha o mesmo significado, mas esteja a salvo das inovações tecnológicas.

— Há outro meridiano?

David aproximou-se dele e sussurrou:

— No lado externo do Flamsteed House, há um marco rudimentar, em pedra. Acho que nunca foi modificado. E tem o mesmo significado. Me acompanhe.

Os dois saíram do pátio e contornaram o muro. David parou diante de uma placa de pedra desgastada pelo tempo. Na primeira linha, a segunda palavra da inscrição “*Greenwich Meridian*” era quase ilegível. Na segunda, à esquerda, lia-se “*West Longitude*” e, à direita, “*East Longitude*”. Emendada a essa placa, havia outra. Era branca e apresentava uma linha fixada no centro. O padre olhou para cima. A escultura de metal reluzia no pátio do observatório.

— É a continuação? – indagou.

— Sim.

— Acha que está aí?

— Só tem um jeito de descobrir isso – respondeu David.

— Como?

— Preciso da caixa de ferramentas que está no carro. Espere aqui que já volto.

O padre sentiu os pulsos latejarem. Uma fisgada no supercílio esquerdo o fez fechar os olhos. Ao abri-los, teve a impressão de que alguém o observava. E não era o senhor Dyer.

Estava a poucos minutos do departamento central de investigações. Sentiu o celular vibrar no bolso da calça. Chamada não identificada. Atendeu no viva-voz.

— O que você conseguiu antes de Wensley assumir a investigação? – era seu chefe.

“Não sei se ele é confiável”, pensou, antes de responder:

— Nada. Consegui depois.

— O quê?

— Havia um homem decapitado no Hyde Park. Acredito que tenha sido queima de arquivo – explicou.

— Você teve sua chance. Está fora do caso.

— Suspeito que Wensley esteja agindo de má-fé – entregou Kemp.

— Essa acusação é muito grave. Se não tem como provar, sugiro que cale a boca.

— Ele resolveu o caso sem analisar todas as possibilidades.

— Conversei com ele. A investigação foi impecável.

— Peço permissão para ouvir o empresário de Fernanda Albuquerque – solicitou Kemp.

— Consta no relatório que ele se suicidou depois de chamar a polícia.

— Eu o encontrei. Ele não estava morto. Chamei a ambulância. O paramédico disse que ele tinha boas chances de sobreviver.

— Ele chegou morto ao hospital.

— Mais um indício de que algo está errado! – explodiu Kemp.

— Isso só prova que o paramédico se enganou.

— Me deixe investigar as outras hipóteses.

— Você está fora!

— E se eu disser que estou perto da verdade? – insinuou o agente.

— Vou achar que você está querendo provar mais uma de suas teorias conspiratórias, e vou ser forçado a te dar uma licença médica.

— E o homem decapitado?

— O perito não conseguiu identificá-lo.

“Esse filho da puta está jogando comigo. Ele faz parte do acobertamento”, deduziu, estacionando o carro.

— O que quer que eu faça?

— Acompanhe o caso do assassinato de *sir* Alexander Cotton.

— Ele foi transferido para o SID – rebateu Kemp.

— Você também.

O investigador ficou em silêncio. E esmurrou o painel do carro.

— Não vai me agradecer pela promoção? – perguntou seu chefe. Kemp percebeu a ironia e disparou:

— Desde quando é promoção correr atrás de fantasmas, demônios, bruxas, criaturas bizarras?

— Desde que seu salário aumente e você tenha autonomia para investigar o que quiser. Ninguém leva essa divisão muito a sério mesmo – explicou-lhe.

— Autonomia?

— É um preço justo, não acha? Sua nova identificação está na primeira gaveta da sua mesa. Adeus.

O agente desceu do carro e ativou o alarme. Havia poucos veículos no estacionamento. Em menos de um minuto, venceu a distância de sua vaga até o elevador. Apertou o botão. A porta se abriu no mesmo instante.

— Bom-dia, Rachel – cumprimentou a ascensorista de quarenta e poucos anos, com o cabelo preso.

— Bom-dia, senhor – ela respondeu, com um sorriso discreto no rosto. Apertou o terceiro andar.

— É a última vez que você me leva ao terceiro andar.

— Por quê? – ela fingiu interesse.

— Fui transferido.

— Que bom – comentou Rachel. – Chegamos – anunciou, apertando outro botão no painel. A porta do elevador se abriu diante do reluzente hall com paredes prateadas. Kemp virou à esquerda. Tirou o cartão do bolso e passou em um leitor ao lado da porta de vidro.

— Seja bem-vindo, agente Kemp – saudou a voz feminina do computador, dando-lhe acesso à recepção do andar.

Atrás de uma mesa branca, a morena de trinta e cinco anos, aparentando dez a menos, sorriu. A armação rosa dos óculos realçava o lápis nos olhos e combinava com a cor de seus lábios. Trajava uniforme: saia e casaco azul-escuro. Os primeiros dois botões da camisa branca estavam abertos, revelando o que os investigadores daquele departamento gostariam de apalpar, mas apenas Wensley tinha o privilégio. Era um segredo que todos conheciam. E invejavam.

— Bom-dia, Samantha – cumprimentou o agente, desviando os olhos para seus seios.

— Bom-dia, senhor Kemp. Parabéns pela transferência – ela respondeu, fazendo-o deixar seus atributos de lado e encará-la.

— Como você sabe disso?

— Sua mudança foi feita esta manhã.

“Ele me transferiu antes de conversar comigo. E se eu tivesse recusado?”,

ponderou, avançando para uma porta de vidro e dizendo:

— Vou pegar meu novo cartão.

— Está na primeira gaveta da sua antiga mesa – orientou Samantha, apertando o botão que dava a acesso a um corredor estreito.

Não havia ninguém ali. Pelo menos, ninguém que Pietro conseguisse enxergar. Deduziu que era apenas um mau pressentimento. Rezava em silêncio quando David apareceu. Mãos vazias. Estava prestes a perguntar como chegariam ao mensageiro quando o jornalista passou a mão direita por trás do casaco e pegou algo preso às costas. Era um pequeno martelo. Olhou em todas as direções. Aparentemente, ninguém os vigiava. Aproximou-se do muro. Com as costas da ferramenta, deu pequenas batidas na placa branca dividida pelo meridiano. “Ela deve estar fixada nos blocos”, deduziu. Repetiu o gesto com a placa que estava acima dela. Um baque oco. “Deve estar aqui atrás”, concluiu, olhando para o padre e informando:

— Acho que está aqui. Precisamos quebrar isso.

— Vá em frente – encorajou Pietro.

— Se o vigia se aproximar, grite – orientou David.

Pietro afastou-se alguns passos para aumentar seu campo de visão. E disse:

— Vá em frente.

O jornalista segurou o martelo com força e o apoiou na parte mais desgastada da placa. “Devo estar louco”, pensou, levando a mão para trás. Respirou fundo e golpeou o meridiano. Notou um leve afundamento. “Preciso colocar mais força”, deduziu, olhando para os lados. Repetiu o gesto. O centro da placa afundou um pouco mais. Ele conseguiu enfiar o martelo no buraco. Prendeu-o em uma das laterais e forçou-o para fora. A parede cedeu. David esticou a mão e penetrou a cavidade escura. “Uma câmara. Deve estar aqui, em algum lugar”, disse para si, tateando seu interior. Sentiu uma saliência metálica. Enganchou dois dedos e a puxou para si. Detritos de pedra e pó caíram sobre sua cabeça e seu rosto. Com eles, chegou uma pequena caixa de ferro, carcomida pela ferrugem.

Ele colocou a outra mão na câmara secreta para verificar se não havia mais nada. Estava vazia. Prendeu a “arma do crime” nas costas e a escondeu sob o casaco.

Ao entrar no carro, Pietro estendeu as mãos. O jornalista tirou o martelo das costas e o colocou no chão, atrás do banco de Pietro. Em seguida, entregou-lhe a caixa de metal, com um sorriso nos lábios, e disse:

— O mensageiro deve estar aí dentro. Estamos com a segunda pista.

Pietro tentou levantar duas travas metálicas nas laterais. Nada.

— Esta merda está enferrujada!

— Tente usar o martelo – aconselhou David, pisando no acelerador.

O padre pegou a ferramenta. Com algumas batidas, conseguiu amolecer duas linguetas de metal. Usando as duas mãos, destravou a tampa. Forçou a abertura. Ela

rangeu. Forçou mais. Cedeu. Seus olhos contemplaram, admirados, uma abelha dourada, com manchas escuras. Retirou-a da caixa e a virou para baixo. Não havia cordas. “Como se abre isso?”, questionou-se. Girou o mensageiro diante de seus olhos. Encontrou duas cordas na frente do inseto.

— Vamos tentar decifrar isso antes de voltar ao hotel, padre. Andrew pode estar à nossa espera – sugeriu o jornalista.

— Não vai ser muito simples, mas vou tentar – consentiu, voltando o objeto na caixa e pegando seu bloco de notas no bolso do casaco.

Abriu na tabela de transcrição da linguagem enoquiana. A menos de um quilômetro de distância, um carro os seguia. Andrew aumentou o volume das caixas de som.

O SID ficava três andares abaixo do térreo. Seus investigadores quase nunca eram vistos e, com frequência, viravam piada nos outros departamentos. Eram chamados de toupeiras, por trabalharem embaixo da terra. O agente Eric Kemp estranhou a nova recepcionista. Deduziu que a mulher tivesse quase cinquenta anos. Os óculos de armação grossa eram pretos, e acentuavam os traços mal-acabados de seu rosto. O uniforme verde-escuro fora feito sob medida para acomodar tantos quilos a mais. E, mesmo assim, curvas se exibiam nas dobras da camisa. “Vou sentir saudade da Samantha”, pensou, cumprimentando-a com um sorriso no rosto.

— Bom-dia.

— Bom-dia, senhor Kemp. Sua sala é a da quinta porta à esquerda...

— Tenho uma sala? – surpreendeu-se.

— Sim. Em duas horas, o agente Cecil o levará para conhecer as instalações. Os dossiês que você solicitou já estão sobre a mesa.

— Quais dossiês? – indagou-lhe, intrigado. Não pedira nada a ninguém.

— Não tenho acesso a essa informação, senhor Kemp.

Ele passou pela porta prateada e seguiu por um corredor largo até a quinta porta à esquerda. Afixada a ela, uma placa metálica com a inscrição: **Mister Jones, agente especial**. Eric Kemp deu um grito, que ecoou pelo corredor. Colocou o indicador no leitor ao lado da porta e olhou fixamente para um ponto de luz. Ela se abriu.

“Eles sabem disso? Posso ser acusado de traição e ser expulso da corporação”, desesperou-se, entrando na ampla sala de cinquenta metros quadrados. Carpete preto. Mesa de trabalho extensa, com computador, *scanner*, aparelho para videoconferência. Um quadro na parede atraiu sua atenção. Aproximou-se. Um anjo caído, com a cabeça voltada para baixo, vasculhava gavetas abertas no próprio corpo. Olhou para a mesa novamente. Dois volumes espessos, encadernados em preto, estavam ao lado do teclado. Um bilhete repousava sobre eles:

Caro agente Kemp, você deve ter se assustado com o nome na porta de sua sala. Foi apenas uma brincadeira para lhe mostrar que sei tudo sobre você. Mas não se preocupe. Estamos do mesmo lado nesta batalha. Sei que não aprecia arte, mas tomei a liberdade de decorar sua sala com esse quadro do espanhol Salvador Dalí: “O anjo caído”. Daqui para frente, você não encontrará respostas dissecando cadáveres. Elas estão escondidas nessas gavetas. Boa sorte, P.

Ele se sentou na poltrona confortável e pegou o primeiro volume. Sua identificação, uma combinação alfanumérica, estava impressa em dourado na lateral. A primeira página revelava o caso: “Assassinato de *sir* Alexander Cotton”. Folheou

rapidamente as primeiras cem páginas. Era uma biografia detalhada do lorde. Deixou o volume de lado e arrastou o segundo dossiê para diante de seus olhos. Deduziu que tivesse mais de três mil páginas. Levantou a capa. Caso: “Esposas do diabo I”. Checou o conteúdo: relatórios detalhados dos crimes do Estripador de Londres, fotos das vítimas em *close*, entrevistas em *off* com membros da seita satânica Colmeia Dourada e trechos de conversas sigilosas que ele mantivera com o jornalista David Rowling.

— Esses filhos da puta me espionaram... Onde chegaram com essa investigação paralela? – questionou-se, avançando as páginas. Deparou-se com fotos do homem que roubara o British Museum, e que ele interceptara aquela manhã. Para os “toupeiras”, Andrew era apontado como o principal suspeito dos crimes que chocaram a sociedade londrina.

A combinação era simples. Bastava acertar duas letras. Ou números. Enquanto o padre tentava desvendar o primeiro código, David ligou para o repórter que cobrira a coletiva de Fernanda Albuquerque. Ele atendeu com a voz sonolenta.

— Olá, David.

— Olá, George. Você precisa voltar ao hotel em que Fernanda Albuquerque estava hospedada.

— A que horas?

— Agora.

— Agora?

— Sim. Ela foi assassinada ontem à noite – revelou David, sem rodeios.

— O quê? – indagou o repórter, com a voz assustada.

— Fernanda Albuquerque foi morta. A Scotland Yard deve estar concluindo a investigação. Vá para lá. Até logo – despediu-se.

— Podem ser iniciais de um nome. Ou uma data – murmurou o padre. – Não me lembro de ter sonhado com nada assim – continuou, em italiano.

— Naquela mensagem que você decifrou, não havia uns números? – indagou David.

— Qual mensagem?

— Acho que ela está aqui comigo – respondeu o jornalista, colocando a mão no bolso da calça e pegando um pedaço de papel dobrado. Entregou-o ao padre. Ele o abriu. Era a transcrição que fizera da mensagem que David recebera em sonho:

Coloquei meus pés no sul e olhei à minha volta dizendo: “Não são os Trovões do Crescimento de numero 33 que reinam no segundo ângulo? Sob eles coloquei 9639 que nunca foram numerados, exceto um. Nele o segundo princípio das coisas está e cresce forte. Sucessivamente, também são os números do tempo. Seus poderes são como os do primeiro 456. Levantem-se, Filhos do Prazer, e visitem a Terra. Eu sou o Senhor Vosso Deus que É e vive para sempre. Em nome do Criador, movam-se e revelem-se como agradáveis entregadores para que possam louvá-Lo entre os filhos dos homens”.

— Deve ser isso – comemorou o padre, fazendo as duas cordas na frente da abelha marcarem o número 33.

— Foi o próprio John Dee quem me deu esses códigos – observou David, olhando com o canto dos olhos para as mãos do padre.

— Deve ter sido o demônio que lhe entregou essa mensagem – rebateu Pietro,

puxando as duas antenas, como fizera com o primeiro mensageiro. Os dois ouviram o ranger de engrenagens. As partes externas das duas asas se desprenderam do corpo. O italiano levantou primeiro a direita. Abaixo dela, quatro cordas. Cada uma rodeada por oito símbolos da linguagem enoquiana.

— O que tem aí? – quis saber o jornalista.

O padre levantou a asa esquerda, encontrando mais três cordas e vinte e quatro caracteres.

— O que tem aí? – insistiu David.

— Não sei por que, mas o demônio te deu a chave para abrir isso aqui – comentou Pietro, consultando a tabela de transcrição e marcando o número **9639** nas cordas à direita. Em seguida, alinhou **456** à esquerda. Puxou as antenas novamente, apoiando o robô dourado na tampa da caixa de metal. David parou o carro em um semáforo e observou o segundo mensageiro se dividir ao meio e exibir um cilindro prateado, com ranhuras semelhantes às do primeiro. A buzina do carro de trás fez o motorista olhar para a frente. O sinal estava aberto.

— Vamos, padre. Tire a mensagem – impacientou-se David.

Pietro retirou o canudo metálico do mensageiro e o guardou no bolso. Virou-se para o jornalista e comunicou:

— Faremos isso no hotel.

— Por quê?

— O carro está em movimento. Posso danificar a mensagem. Além disso, a lupa ficou no meu quarto. Não tenho como decifrá-la aqui. E também preciso de um espresso duplo – justificou-se.

— Você tem razão. É melhor esperarmos – consentiu David. – Não tenho resposta para a sua pergunta...

— Qual pergunta? – indagou o padre, guardando a abelha na caixa enferrujada.

— Por que John Dee, ou o demônio, me deu a chave para decifrar isso?

Os dois ficaram em silêncio.

A menos de um quilômetro de distância, Andrew sorriu e respondeu a pergunta que ouvira por intermédio da escuta:

— Ele não entregou para você. Você está trabalhando para mim.

O celular acusou uma mensagem. Era um funcionário do Mandarin Oriental: *Já fiz o que me pediu. Por favor, deixe minha família em paz.*

— As escutas já estão no quarto. Vamos ver o que esses idiotas vão descobrir – gabou-se Andrew, acelerando o carro.

O sinal sonoro do relógio em seu pulso avisou que eram nove horas, pontualmente. Terminou de escrever o bilhete e o deixou sobre o travesseiro:

Querido, agradeço por tudo o que tem feito por mim. Queria trabalhar, mas não me sinto bem. Vou aceitar seu conselho. Pedi a uma amiga do coven para me acompanhar até minha casa. Preciso pegar algumas coisas. Não demoro. Se você passar por aqui antes de eu chegar, não se preocupe. Beijos, Mary.

O Mini Cooper preto estava estacionado diante da mansão do jornalista. Mary trancou a porta da frente com a chave reserva e foi ao carro, vestida casualmente: calça jeans, tênis preto, camiseta branca e um *four pocket duffle coat* da Burberry. Bolsa Louis Vuitton a tiracolo. Óculos escuros Prada. Jessica diminuiu o som assim que a líder do *coven* se sentou. A americana identificou a voz do vocalista do Oasis.

— Que tragédia, Mary – comentou a motorista, com os olhos compassivos e os lábios apertados.

— Obrigada por me ajudar – agradeceu a americana, aproximando-se e beijando seu rosto.

— Fazemos parte da mesma família. Já descobriram o desgraçado que fez isso?

— Jacob, o empresário, me ligou depois que encontrou... – Mary interrompeu a frase. Tirou os óculos e limpou as lágrimas. Tornou a colocá-los.

— Querida, não precisa falar sobre isso agora – aconselhou Jessica, colocando a mão esquerda na perna da americana. – Você quer ir direto para sua casa ou prefere tomar um chá primeiro?

— Quero café. Preciso de café. Você acha que alguém é capaz de matar por amor?

— Para defender a pessoa que ama? – a inglesa tentou esclarecer melhor a pergunta.

— Matar a pessoa que ama.

— Isso não é amor. É loucura.

— Acho que depende do que existe depois... – comentou Mary, em voz baixa.

— Depois do quê?

— Da morte.

— Como assim?

— Por exemplo, os jovens que fazem um pacto e se suicidam estão abrindo mão

desta vida por algo melhor na outra – explicou a americana.

— Mas aí não seria assassinato – rebateu Jessica.

— E se, depois do pacto, um dos amantes mata o outro e depois se mata? Não dá na mesma?

— Talvez... – balbuciou a inglesa, pensativa. – Mas por que você está falando sobre isso? – prosseguiu, estacionando o carro diante de uma Starbucks.

— Porque acho que foi isso o que aconteceu com a Fernanda e o Harold.

— Quem é Harold?

— O chefe da segurança.

— Você o perdoaria? – perguntou Jessica, desligando o carro e encarando a líder do *coven*.

— Sou pagã, mas acho o cristianismo fascinante. Deus sacrificou seu próprio filho por amor... E bilhões de pessoas acreditam nisso.

— O que isso tem a ver com a morte de sua amiga pelo chefe da segurança?

— Eu conhecia o Harold. Ele amava a Fernanda. Não duvido que tenha matado por amor. Não duvido que tenha morrido esperando encontrá-la no Paraíso – revelou a americana, abrindo a porta e saindo do carro.

Sentado à escrivaninha na sala da *presidential suite*, Pietro acendeu o abajur e colocou a lupa sobre o pergaminho retirado do segundo mensageiro. Abriu seu bloco de notas na tabela de transcrição e tomou um gole do espresso duplo que David acabara de deixar ao seu lado.

— Isso vai me animar! – disse o padre, com um largo sorriso no rosto.

No sofá, o jornalista servia uma xícara de *english breakfast*. Sentia-se cansado e sonolento. Desejava que a bebida tivesse o efeito animador do café de Pietro. Tomou um gole e bocejou. Outro gole. “Preciso ligar para Paul Reiner. O assassinato de Fernanda vai explodir. Tenho que passar na redação e fechar essa capa. Mas não conseguirei fazer isso sem descansar um pouco. Será que Mary conseguiu dormir?”, pensava. Pegou o celular no bolso e acessou o número do diretor do *The Star*.

— Olá, David, quais são as novidades?

— A maior delas? Fernanda Albuquerque foi assassinada.

— Como? – assustou-se Paul.

— A Scotland Yard trabalha com a hipótese de crime passional. Ela foi morta pelo chefe da segurança.

— Onde ele está?

— Depois do crime, se suicidou.

— Essa é a nossa capa! Tente algo inédito, David.

— Minha assistente está em choque. Dei uma licença para ela e mandei George ao Mandarin Oriental...

— Ele é um repórter inexperiente – interrompeu-o o diretor. – Não vai conseguir arrancar nada de ninguém. Não quero a mesma matéria que os outros farão. Você deve entrar nisso.

— Ele vai fazer a apuração oficial. Quando eu estiver na redação, acionarei meus contatos. Ok?

— Se isso significar a melhor matéria sobre o crime, ok – consentiu o diretor do *The Star*.

— Não estarei na reunião de pauta. Até logo – despediu-se David.

“E não farei a melhor matéria sobre o caso. Isso merece um livro, não algumas laudas”, retrucou em pensamento, tomando mais um gole de chá e levantando-se do sofá. Xícara à mão. Andou de um lado para o outro, olhando, discretamente, na direção de Pietro.

— A paciência é uma virtude, David – comentou o padre, pegando a xícara de

café e virando-se para o jornalista. Tomou dois grandes goles. Pegou um papel e saltou da cadeira. Sorriso no rosto. – Estou ficando bom nisso. Se for expulso do sacerdócio, talvez me dedique a traduções – brincou Pietro, aproximando-se do parceiro.

— O que temos aí?

— Outro enigma.

— Naturalmente, padre. O que diz?

— *Onde o bardo via maldição, o papa enxergou santidade. O castelo defendido é o mesmo que esculpe a glória daquele que há de reinar para sempre. O porão resplandece seus segredos* – o padre leu a tradução.

David terminou a xícara de chá e pegou o bloco de notas. Sentou-se no sofá, caneta à mão:

Bardo – Shakespeare

“A louca que defendeu o castelo é Joana D’Arc”, deduziu, escrevendo na segunda linha:

Joana D’Arc – Henrique VI (peça do bardo)

— Joana D’Arc foi canonizada pela Igreja, não? – indagou ao padre.

— Santa Joana D’Arc foi canonizada pelo papa Bento XV em 1920 – explicou Pietro. – Ela é a louca do bardo?

— Shakespeare, novamente ele, retratou Joana D’Arc em uma de suas peças. Se eu estiver certo, o castelo defendido é a França – observou David, fazendo uma nova anotação abaixo do nome da santa:

France

French Castle

— Como o castelo pode ter esculpido algo, padre? – questionou o jornalista, levantando-se e andando de um lado para o outro.

— Alguém deve ter esculpido.

— É isso! French também é sobrenome. Deve ser uma pessoa – concluiu David, sorrindo.

— É o sobrenome de um dos biógrafos de John Dee – revelou o padre, voltando à escrivaninha e folheando suas anotações. – Está aqui: Peter French.

— Outra agulha no palheiro. Acho que precisaremos ler a biografia atrás da resposta – lamentou David.

O padre sentiu uma estocada na cicatriz da testa. Tontura.

— Está tudo bem? – preocupou-se o jornalista, observando-o tombar no chão. Correu em seu auxílio.

Cinco volumes empilhados em sua mesa totalizavam o inquérito do SID sobre os assassinatos em série. Resolvera solicitar o dossiê completo. Queria ter todas as informações ao alcance das mãos. “Se eles sabiam quem era o assassino, por que não fizeram nada? Por que não evitaram o assassinato de Fernanda Albuquerque?”. Dúvidas atormentavam-no desde que encontrara a investigação detalhada sobre o principal suspeito. O assassino sanguinário que perseguira David e o padre e ele interceptara.

Correu os olhos rapidamente pelos outros volumes. “David sempre esteve certo. Aqueles adoradores do diabo tramaram tudo.” Naquelas páginas, Andrew aparecia como soldado de uma poderosa organização. A lista com o nome de seus membros constava no terceiro volume. Era idêntica à que David publicara há dois anos, com uma pequena diferença. O jornalista batizara de Duque Negro o homem que ocupava o topo da pirâmide. O SID o chamava de grão-mestre. Mister Jones sabia que, no fim de semana, David revisara seu organograma e descobrira que o líder dos criminosos era *sir* Alexander Cotton. Seus colegas do subterrâneo não promoveram o lorde. No dossiê, ele era apenas um membro graduado. Um fantasma ainda pairava no topo da pirâmide. “Ele ainda deve estar no comando. David e o padre correm perigo. Preciso fazer algo”, pensou. O telefone em sua mesa tocou: origem não identificada. “Poucas pessoas devem ter esse telefone”, concluiu, atendendo a ligação.

— Bom-dia, senhor Kemp. Por favor, ligue o aparelho de videoconferência. Alguém vai falar com o senhor – solicitou a recepcionista.

— Estou ocupado – respondeu o investigador, voltando ao relatório sobre Andrew. – Peça que me ligue mais tarde.

— Nunca se está ocupado para Mister P. – advertiu a voz feminina.

— Estou no aguardo – respondeu Kemp. “Está na hora de conhecer o chefe. E lhe fazer algumas perguntas”, disse para si. Enquanto esperava, leu um novo trecho sobre o psicopata:

Não há registro de nascimento. Segundo o informante X-721, Andrew é filho de sir Alexander Cotton com uma prostituta francesa. A justificativa para a ausência de documentos é que o político “tinha planos escusos para o bastardo”. Forjou a história de que seus pais biológicos tinham morrido em um incêndio e ele fora adotado. Porém, não encontramos registros de adoção, nem nada que comprovasse

a versão do informante. Aos sete anos, Andrew participou de um ritual de iniciação na seita satânica “Colmeia Dourada”. Em seguida, foi enviado ao castelo de Český Krumlov, na República Tcheca. Seu tutor foi monsieur Jacques Moureau...

O toque do aparelho de videoconferência o fez interromper a leitura e desviar os olhos para o pequeno monitor. “Hora de conhecer Mister P.”, pensou, apertando um botão. Caiu na gargalhada. Do outro lado, sentado em uma poltrona, um urso de pelúcia trajando roupa vermelha e chapéu azul diante de uma caneca de chá quente.

— Isso é brincadeira? – rebateu o agente, interrompendo a gargalhada e franzindo o cenho.

— Não, Mister Jones. Sou o diretor do SID.

— Você... Isso é um urso de pelúcia – retrucou, apontando para a tela.

— É um *Paddington*. Acostume-se a tê-lo como chefe.

— Você não tem rosto?

— Se eu mostrasse meu rosto a todos que já fizeram essa pergunta, Mister Jones, não estaria mais aqui. Vamos ao que interessa...

— Se vocês sabiam quem era o culpado, por que não o prenderam antes? O crime de ontem poderia ter sido evitado! – desabafou Kemp.

— Isso não é problema nosso. É dos caras lá de cima.

— Se eles tivessem tido acesso a esse inquérito...

— Teriam iniciado uma guerra contra nós, usando as piores armas.

— E quem somos nós?

— Um departamento dentro da Scotland Yard criado para investigar as atividades daquele que o padre Pietro Amorth chama de Satanás. Só que usamos outras armas.

— Por que fui trazido para cá?

— Porque é um homem honesto. E já está envolvido com as nossas investigações – esclareceu Mister P.

— Não acredito em demônios.

— Em poucas semanas, mudará de ideia.

— David Rowling e o padre Amorth correm perigo – revelou Kemp, encarando o urso *Paddington*. “O que pode ser mais patético do que conversar com um urso de pelúcia?”, questionou-se.

— O exorcista italiano tem suas armas.

— Quais, um crucifixo? – ironizou o agente.

— *Sir* Alexandre Cotton não foi morto com um crucifixo, Mister Jones. Se tiver alguma dúvida, o dossiê está na sua mesa.

— E quanto a David?

— *Sir* David Rowling é filho do informante X-721, um homem que transita entre os dois mundos e já usou meios escusos para protegê-lo em outras ocasiões. Não

faz parte de nosso trabalho cuidar dele, como também não fazia impedir o assassinato de Fernanda Albuquerque. Estamos além disso. Você não deve entrar em contato com o jornalista hoje. Precisa estar concentrado para a missão.

— E qual seria minha missão? – indagou o agente, fazendo um sinal obscuro para o urso *Paddington*.

— No lugar dos olhos do urso, existem duas pequenas câmeras de vídeo – alertou Mister P. – Hoje à noite, haverá um importante encontro. Seu alvo estará lá.

— Devo prendê-lo?

— Não prendemos ninguém, Mister Jones.

— Como assim? O que devo fazer?

— Enviamos as pessoas para o outro lado. Deus decide o que fazer com elas – respondeu seu novo chefe.

— Você quer... Quer que eu o mate?

— Mais tarde, você será informado sobre o local. E, no momento certo, conhecerá o alvo. Até breve.

Eric Kemp fitou uma foto de Andrew no relatório.

— Acho que já sei quem é o alvo, Mister P. Terei prazer em acabar com ele – sussurrou, cerrando o punho direito.

A imponente escadaria descia até um oceano de lava vulcânica. No alto, encostado em uma coluna, o padre estremeceu ao contemplar o movimento das ondas. Girou o rosto para o outro lado. Percebeu que alguém se movia atrás do altar de pedra. Fixou os olhos. Ele usava uma batina como a sua. “Está querendo me enganar de novo”, pensou, aproximando-se da figura misteriosa. Ela parou subitamente. E se virou. Teve a impressão de estar diante de um espelho. Até que o reflexo sorriu. Pietro reconheceu aquele sorriso. Era o diabo.

— Estava recordando os bons momentos que passou lá embaixo? – perguntou-lhe o reflexo, apontando para o mar fervente.

— Não tenho tempo para perder com suas tolices. Por que está vestido assim?

— É um belo disfarce, não acha, padre?

— Para quê?

— Vou celebrar um casamento. Na verdade, você vai fazer isso por mim.

— Você quer me confundir! – exasperou-se Pietro, dando-lhe as costas.

— A resposta que você procura não está naquilo que se tornou. Está no que sempre foi.

— Pietro! Pietro! – aquela voz conhecida o chamava. Mergulhou na escuridão. Sentiu uma pancada no rosto. Abriu os olhos. Estava no chão de sua suíte no Mandarin Oriental. David debruçado sobre ele.

— O que foi? – indagou Pietro, levantando-se.

— Você desmaiou de novo. Acho que precisa de um médico – aconselhou o jornalista.

— Nas sessões de exorcismo, nós conseguimos extorquir a resposta dos demônios – revelou o padre, encarando-o. – Nós os ameaçamos e eles são obrigados a dar as respostas. Quero saber por que, nesse caso, eles falam espontaneamente.

— Como assim?

— Conseguimos abrir o segundo mensageiro usando uma mensagem que John Dee revelou para você em sonho. Certo?

— Creio que sim.

— Acabo de ter uma visão em que o diabo me sugeriu a resposta sobre esse enigma.

— O que ele disse?

— A resposta que você procura não está naquilo que se tornou. Está no que sempre foi.

— O que isso significa?

— Está claro para mim. Nos últimos dias deixei de ser Pietro Amorth e me tornei Giovanni de Santis. Hoje de manhã, recebi meu passaporte, minha identidade de volta – esclareceu o italiano, tirando o documento do bolso e abrindo-o na página da foto. Um convite caiu no chão.

— O que é isso? – indagou David, abaixando-se para pegá-lo. Leu em voz alta:

O Victoria & Albert Museum e a Universidade de Harvard convidam-no para o coquetel de lançamento da exposição Daniel Chester French, o escultor dos anjos.

— Deixe-me ver isso – pediu Pietro, arrancando o papel da mão de David. – Achamos o nosso francês.

— Como você sabe...

— No meu curso do Ateneu Pontifício Regina Apostolorum, uso a foto de uma escultura desse americano. Ela representa um anjo seduzindo uma mulher.

— Samyaza!

— Segundo essa mensagem maldita, “aquele que há de reinar para sempre” – completou o padre, conferindo novamente o convite. – O evento será hoje, às oito e meia.

— Michael estava com o seu passaporte. Ele deve ter colocado o convite aí dentro. Deve ser uma armadilha – deduziu David.

— Acho que precisamos pagar para ver – retrucou o padre. – O convite é para duas pessoas. Traje social completo. A que hora pode passar aqui?

— Esteja pronto às oito horas, padre. Vamos achar esse porão.

— E destruir os seus segredos – reforçou Pietro, acompanhando o jornalista até a porta e despedindo-se dele com um forte abraço.

O bastardo chegava em casa no mesmo instante em que David deixava o Mandarin Oriental. Desceu até o porão. Sorriso no rosto. Apanhou a garrafa de Chivas 12 anos e serviu dois copos baixos. Arremessou um deles na direção da pequena cela em que aprisionara o filho do curador do British Museum. O copo se estilhaçou em uma das barras de ferro.

— Comemore comigo!

Esvaziou o copo. Repetiu a dose.

— Hoje à noite vou tomar posse do que é meu – gabou-se.

Pressentia que o tesouro estava próximo. Talvez chegasse a ele naquela noite. Era o momento de invocar Samyaza. Aproximou-se da mesa e colocou espelho negro sobre o *Sigillum Dei*. Silêncio. “Vou tomar mais uísque enquanto espero”, pensou, dando as costas à escrivaninha. Um estrondo. Virou-se imediatamente. Raios subiam da superfície negra.

— Como ousa me virar as costas, seu insolente? – indagou-lhe a voz grave.

— Me perdoe.

— A misericórdia não está entre minhas virtudes. Nem entre as suas.

— O que devo fazer para reparar isso?

— Ajoelhe-se e cubra o rosto com as mãos – ordenou-lhe.

Andrew caiu de joelhos e abaixou o rosto até as mãos espalmadas.

— Assim está melhor, filho.

— O que devo fazer agora, pai?

— Você já sabe onde está o tesouro. Samyaza quer que se aposse dele.

— O que faço depois?

— Lembra-se de quando tinha sete anos e foi entregue a mim? – indagou-lhe a voz grave.

— Minha iniciação?

— Você não foi iniciado, Andrew. Foi batizado!

— Sim, me lembro.

— Desde aquele dia, filho, você está sendo preparado para cumprir a profecia. Hoje à noite, quando pegar o troféu, vá para o lugar onde sua missão começou.

— O templo subterrâneo? – questionou, descobrindo o rosto e olhando na direção da escrivaninha. Um rosto esfumaçado erguia-se da superfície negra. Duas esferas vermelhas reluziam em suas órbitas etéreas.

— Samy... Samyaza? – gaguejou, cobrindo os olhos novamente.

— Sim, filho insolente. Você deve voltar ao templo subterrâneo.

— Mas... Ele... Ele... De... Deve estar lá – gaguejou.

— Você quer comandar o meu reino e não está preparado para encontrá-lo? – berrou seu interlocutor, estremecendo o porão.

Dor nos ouvidos. Andrew sentiu um líquido viscoso saindo da orelha direita e escorrendo pela face.

— Não tenho medo dele – fingiu coragem.

— Você é mais transparente do que essa garrafa de uísque, seu cretino. Consigo ver o que está do lado de dentro.

— Então deve saber que estou disposto a tudo para cumprir minha missão. Até voltar ao templo subterrâneo e enfrentá-lo – retrucou Andrew, levantando-se e encarando os olhos diabólicos.

— Eu tinha a mesma coragem quando O enfrentei – revelou Samyaza, referindo-se ao seu criador: Deus. – Você é realmente o meu filho. Siga minhas ordens e sairá vitorioso.

— Pegarei o tesouro e irei para o templo.

— Nos encontraremos lá.

O rosto se desvaneceu no ar, e as esferas de fogo desapareceram no espelho negro. O bastardo foi até a escrivaninha com um sorriso no rosto. Cobriu os objetos sagrados de John Dee. Sentia-se exausto. O ronco no estômago lembrou-o de que precisava comer algo. Abriu o frigobar. Restos de *fish and chips*. Programou o despertador para as cinco da tarde e apagou no sofá.

Em menos de duas horas, Michael se tornou um especialista em Daniel Chester French. Leu o livro da exposição e decorou algumas informações sublinhadas pelo curador-chefe do Victoria and Albert Museum. No resto do tempo em que passara no museu, treinou o discurso para o coquetel de lançamento. “Não posso fracassar de novo. Esses vermes estão com a minha família”, pensou ao deixar o museu, pouco depois das dez da manhã. Aquela preocupação o acompanhou no caminho até seu quartel-general. Queria falar com o senador. Queria garantias de que nada aconteceria com sua mulher e seu filho. Precisava estar tranquilo para a missão ser bem-sucedida. Em casa, jogou o sobretudo verde-oliva sobre a mesa e foi ao escritório. O computador acusava gravações feitas a partir da escuta plantada na suíte do padre. “Será que eles morderam a isca?”. Acionou a última gravação. Acompanhou o diálogo entre David e Pietro. “Eles estarão lá”, concluiu, com um sorriso de alívio no rosto. Tirou o fone de ouvido. O celular tocava no bolso da calça. Apanhou o aparelho. Era uma chamada do gabinete do senador Bundy. Atendeu imediatamente e disparou a pergunta:

— Como eles estão?

— Bom-dia, Michael.

— Como eles estão?

— Se dependessem do seu último trabalho, não estariam nada bem. Sinto pena do infeliz que perdeu a cabeça... – respondeu Bundy.

— O Feiticeiro me enganou – justificou Michael.

— Você me enganou. Pensava que fosse um dos melhores! – exasperou-se o senador.

— E eu pensava que você não sujasse as mãos. Se algo acontecer com eles, acabo com você!

— Hoje de manhã, você recebeu a ligação de alguém muito importante. Se fizer o que ele pediu, nada de mal vai acontecer com nenhum dos dois – retrucou o senador. – Nem com você.

— Quero garantias – insistiu Michael.

— Ele deu sua palavra.

— Para mim, ela não vale nada. Vocês são loucos!

— A palavra daquele homem, Michael, vale mais do que a vida de seu filho – provocou Bundy. Michael cerrou a mão direita, esmurrou a mesa e perguntou, sem disfarçar a raiva na voz:

— Quando devo voltar?

— Você partirá amanhã, às quatro horas, em um voo fretado.

— Voo fretado? Quem me garante que chegarei vivo a Nova York? Você? O homem do museu? – ironizou. “Filhos da puta, acham que caio nessa armadilha? Isso é queima de arquivo”, prosseguiu em pensamento.

— Sua companhia nessa viagem.

— Quem?

— Você saberá amanhã, no terminal de embarque. Sua última missão é escoltá-la até aqui.

— Onde está a minha família?

— Eu apenas levei os dois para um passeio no fim de semana. Hoje é segunda-feira. Não conheço a rotina da sua família. Imagino que seu filho irá à escola e sua mulher cuidará da casa.

— Isso é sério?

— Se quiser, ligue para ela. Só não passe muito tempo ao telefone. Você precisa se preparar para hoje à noite, doutor Bates. Mais tarde, passo as coordenadas do voo no Gatwick.

Assim que o senador encerrou a chamada, Michael acessou o número de casa e torceu em voz baixa:

— Atenda, Molly. Atenda.

A porta do quarto de visitas estava entreaberta. David bateu duas vezes. Sem resposta. “Será que Mary saiu?”. Empurrou-a suavemente. A cama estava arrumada. Não queria invadir a privacidade de sua hóspede. Pretendia dar meia-volta até perceber um pedaço de papel sobre o travesseiro. Avançou na sua direção. Sorriu ao encontrar o bilhete deixado por sua assistente. “Andrew está à solta e é perigoso. Ainda bem que ela voltou para casa acompanhada.” As pálpebras pesavam. Precisava descansar antes de ir à redação e fechar a matéria sobre o assassinato de Fernanda Albuquerque. “Paul quer uma história inédita. Não posso revelar o que sei. Isso alertaria os membros da seita e estragaria tudo. Talvez o assassinato no Hyde Park seja uma boa saída. Não entrega o que nós sabemos, mas levanta suspeitas sobre a versão do homicídio seguido de suicídio. Mister Jones investigou o crime e pode me ajudar com isso. É melhor adiantar tudo antes de dormir um pouco”, decidiu, pegando o celular e acionando o número do investigador. Não recebeu a habitual ligação de retorno. Tirou o bloco de notas do bolso, sentou-se na cama e escreveu um bilhete à hospede:

Mary, espero que esteja tudo bem com você. Cheguei em casa às dez e quinze. Estou exausto e dormirei um pouco antes de ir à redação. Qualquer problema, fique à vontade para bater na porta do meu quarto. Um beijo, David.

O jornalista deixou a mensagem sobre o travesseiro, ao lado da que ela escrevera. Saiu do aposento e encostou a porta, exatamente como a encontrara. Atravessou o corredor em direção ao seu quarto. Tomara café da manhã no Mandarin Oriental, pouco após se despedir de Pietro. Queria observar o movimento dos hóspedes e do *staff*. Aparentemente, todos ignoravam o crime terrível que ocorrera naquele lugar poucas horas antes, exceto dois investigadores da Scotland Yard, cochichando em uma mesa afastada. Na saída, encontrara George no hall de entrada do hotel, olhando de um lado para o outro e conferindo o relógio sem parar. O repórter abrira um sorriso ao vê-lo. Parecia um garoto perdido encontrando um guia.

— Há dois agentes da Scotland Yard tomando café da manhã. Tenho certeza de que não estão hospedados aqui. Preciso ir, George, nos encontramos na redação. Até mais tarde – orientara David.

— Acha que vou conseguir? – questionara o repórter, enquanto seu chefe se afastava.

— Não se preocupe demais. No jornalismo, tudo sempre se acerta antes do fechamento – respondera David.

Ao abrir a porta de seu quarto, lembrou-se das últimas palavras que dirigira a

George: “Tudo se acerta antes do fechamento”. “Mordemos a isca de Michael. Talvez estejamos nos atirando em uma armadilha da seita satânica...”, pensou, trancando a porta e girando a maçaneta duas vezes. Sentiu-se protegido. Tirou os sapatos e calçou as pantufas Hercules da Church’s. Foi ao closet e aspirou o aroma familiar e agradável de cedro. Trocou as roupas pelo pijama de seda. Em poucos passos, estava na suíte, diante do espelho. “Estou realmente precisando descansar”, concluiu, escovando os dentes. Colocou o celular no silencioso e programou o despertador para as treze horas. Antes de se deitar, pôs a bengala embaixo da cama. “Tudo se acerta antes do fechamento”, repetiu duas vezes. Caiu no sono.

O telefone tocou até cair na secretária eletrônica. Michael não queria deixar mensagem. Precisava ouvir a voz de Molly. Desligou e tentou novamente. Desviou os olhos do aparelho para um dos monitores sobre a mesa. O GPS plantado no carro de David delatava sua posição. Ele estava em casa, do outro lado da rua. A ligação caiu novamente na secretária eletrônica.

— Atenda essa merda de telefone, Molly! – berrou, ligando novamente.

— Quem é? – indagou uma voz sonolenta.

— Querida, você está em casa?

— Também estou com saudade, Michael. Mas você se esqueceu de que são cinco horas de fuso horário?

— É que... – dizia. “O senador já está no gabinete”, pensou, antes de prosseguir. – Eu estava preocupado com vocês. Queria saber se está tudo bem.

— Tivemos um excelente fim de semana, Michael. O senador Bundy é muito gentil e sua esposa, Catherine, é adorável.

— E o Richard? – preocupou-se Michael.

— Está aqui, dormindo ao meu lado.

— Por que não está no quarto dele?

— Não se sentiu muito bem durante a noite – explicou Molly.

— O que ele comeu durante o fim de semana? – interrogou Michael, cerrando o punho direito. “Aquele filho da puta deve ter envenenado o meu filho”, pensou.

— Muitos doces, Michael. Mas ele não está passando mal do estômago. Teve mais um daqueles pesadelos.

— Ainda bem – deixou escapar, aliviado.

— O quê você disse?

— Ainda bem que foi só um pesadelo.

— É o papai? – Michael ouviu ao fundo.

— Sim, é ele, filho – respondeu Molly.

— Quero falar com o papai – pediu o garoto.

— Papai, onde você está?

— Tudo bem, *superman*? Estou do outro lado do mundo – revelou Michael, abrindo um sorriso e se esticando na cadeira

— Não está tudo bem, papai – retrucou Richard.

— Por que não, filho? Amanhã estarei de volta.

— Você não vai chegar aqui, papai.

— O que ele disse para você? – perguntou Michael, pensando que o senador

Bundy tivesse revelado a ele algo trágico.

— Tive um sonho, papai. Você estava em um avião pequeno...

— O avião explodiu? – adiantou-se.

— Não sei o que aconteceu direito, papai. Me lembro de uma cabeça e de um padre – contou Richard, ainda sonolento.

“Acho que ele teve uma premonição... Mesmo se o senador tivesse contado sobre o padre, não teria como ele saber da cabeça falante. Não contei para ninguém”, deduziu Michael, sentindo o coração acelerar em seu peito. Emendou a pergunta:

— O que eles fizeram, filho?

— O padre disse alguma coisa, papai. Não me lembro o quê. Deve ter sido uma mágica porque um raio desceu do céu e bateu no avião. Na mesma hora, um monstro saiu do mar e engoliu vocês... – contava o menino, sem pausa para respirar.

— E a cabeça?

— Estava dentro do monstro marinho, papai. Tinha cabelo comprido e bigode. Ficou rindo de você e disse alguma coisa.

— O quê?

— “Você jogou tudo fora.”

— Foi só um pesadelo, filho. Amanhã, o papai estará aí com vocês.

— Promete?

— Prometo. Agora, preciso falar com sua mãe. Adeus, filho.

— Tchau, papai. O papai quer falar com você, mamãe.

— Eu te amo, querida. Se alguma coisa der errado comigo, procure o Brandon Smith. O telefone está na minha agenda...

— O que pode dar errado, querido? – preocupou-se Molly.

— Ligue para ele e diga o nome completo do meu irmão. Ok?

— Do seu irmão que morreu? – quis saber a esposa, sem disfarçar o nervosismo.

— Sim. Brandon Smith é meu procurador, e o nome do meu irmão é a senha.

— Você está me assustando, Michael. Senha do quê?

— De que aconteceu alguma merda comigo e vocês precisam ser amparados. Mas não se preocupe. É só precaução. Está tudo bem. Agora preciso desligar.

— Se cuida, querido. Te amo. Até amanhã, despediu-se Molly, com um mau pressentimento.

Michael respirou fundo. Apanhou sobre a escrivaninha o discurso para a abertura da exposição e foi ao quarto. Antes de repor o sono atrasado, pretendia treinar mais um pouco diante do espelho.

As duas abelhas robóticas de John Dee e suas charadas diabólicas repousavam no cofre da *presidential suite*. Pietro julgava que fosse o lugar mais seguro para guardá-las até o fim da missão. Os pulsos latejavam. Ele refizera os curativos e se deitara na cama. Os olhos ardiam. Precisava descansar um pouco. A noite seria longa e imprevisível. O sono chegou em poucos minutos. Batidas na porta. Um estrondo. Gritaria. Homens invadiram o quarto. Metralhadoras apontadas na sua direção.

— Vasculhem o quarto! – berrou um deles.

— O que está acontecendo? – assustou-se.

— Você tem o direito de calar a boca – ordenou o comandante, aproximando-se da cama. – É o principal suspeito da morte de Fernanda Albuquerque.

— Eu... Eu não fiz nada – balbuciou Pietro, assustado.

— Você deixou marcas de sangue no assoalho do quarto da brasileira.

“Fui conversar com ela depois de me cortar. Deve ter escorrido sangue dos meus pulsos”, concluiu o padre, revivendo a cena em sua mente.

— Eu a conheço desde pequena...

— Você deve ser mais um daqueles padres pervertidos que gostam de brincar com criancinhas indefesas – disparou o investigador, aproximando-se ainda mais. Ao seu redor, homens atiravam objetos ao chão, desarrumavam suas malas e repetiam heresias.

— Não fiz nada contra a Fernanda – defendeu-se Pietro.

— Vou encontrar a prova de que você é o culpado. Ela está nesse quarto. Em algum lugar.

— Venha ver isso! – alguém berrou na sala.

— Fiquem aqui. Vigiem esse padre assassino – instruiu o chefe da operação, afastando-se.

“Será que eles... Será que encontraram a abelha? Ela foi tirada da vagina... Ela... Meu Deus, me ajude”, rezou em pensamento. O investigador voltou ao quarto com um pequeno saco negro na mão direita. E um sorriso triunfal no rosto.

— Você vai passar o resto da vida na cadeia, padre.

Um celular tocou. Ninguém atendeu.

— Você vai passar a eternidade no inferno, padre – repetiu o investigador. O italiano o encarou pela primeira vez. Ele conhecia aqueles olhos e o sorriso inconfundível. Era o demônio. Deu um salto da cama. Coração disparado. O celular tocava insistentemente. Conferiu o número. Era o cardeal Gabriele. Conseguiu atender a ligação pouco antes de cair na caixa postal.

- Estava dormindo, Pietro? – insinuou o cardeal.
- Sim. Passei a noite em claro...
- Prefiro pensar que tenha passado a noite em orações.
- A Fernanda Albuquerque...
- O que houve com a modelo brasileira? – interrompeu o cardeal.
- Foi assassinada por um servo da Besta.
- Você acha que isso tem a ver com a última profecia negra?
- Claramente. Estou trabalhando nisso... – explicava Pietro até ser interrompido.
- Amanhã, você deve voltar para cá. Impreterivelmente – ordenou o cardeal.
- E se... – Pietro tentava argumentar.
- Você tem um número de telefone e uma senha. Se precisar, use isso novamente.

Por sua conta e risco. Mas o prazo que te dei termina amanhã. Entendido?

— Sim, Gabriele. Reze por mim para que eu consiga...

— Rezarei para que não se meta em mais confusões, Pietro. Até breve.

“Eu vi o que aconteceu com *sir* Alexander Cotton. Não vou apertar o gatilho de novo, cardeal”, rebateu Pietro em pensamento, recordando as palavras de Michael: “Esquadrão da morte da Igreja”. Ajoelhou-se ao lado da cama. Uniu as mãos em prece e fechou os olhos.

Zumbidos. Zumbidos intermitentes próximos ao ouvido direito. David sacudiu o braço acima de sua cabeça. Desejava expulsar o inseto incômodo que atrapalhava seu sono. Não adiantou. Abriu os olhos. Não era seu quarto. Apesar da penumbra, reconheceu o lugar. Estava no castelo de seus pais, em Upper Slaughter. Luzes apagadas. Algo brilhava na frente de seus olhos. Era uma abelha-vagalume dourada. Ela voou em direção à porta de saída. Ele levantou-se e a seguiu. A cada passo, o zumbido se tornava mais alto. Assim que atravessou o limiar entre a casa e o quintal, aquele som irritante transformou-se em uma voz familiar: “Por favor, me ajude”. Era Andrew. Guiado pela abelha-vagalume, David caminhava em direção ao labirinto. Medo. Sentia-se observado por olhos mergulhados na escuridão. Pareciam monstros prestes a se lançar sobre ele. “O medo transforma animais afáveis em bestas sanguinárias”. Aquele conselho emergia de suas lembranças, embora não soubesse de quem era. Passos apressados. Atravessou as curvas do labirinto sem olhar para os lados. Chegou ao centro. Dezenas de velas negras acesas flutuavam diante da porta de ferro e formavam um símbolo. Ele o conhecia. Era o emblema da Colmeia Dourada. Era a assinatura do assassino de Fernanda Albuquerque. “Por que me trouxeram para cá?”, questionou-se. Um homem mascarado vestindo capa negra esvoaçante atravessou a cortina de velas e surgiu diante dele. Carregava algo nas mãos. “Me ajude, David”. Era a voz de Andrew.

— Você é um maldito assassino! – berrou o jornalista, avançando sobre ele e arrancando a máscara demoníaca. Surpreendeu-se ao descobrir o rosto que ela escondia. Não era o do amigo de infância e assassino de Fernanda Albuquerque. Tinha os cabelos cobertos por uma touca e longas barbas brancas.

— John Dee? – deixou escapar.

— Ele foi um dos meus melhores discípulos – retrucou o homem de idade avançada.

— E quem é você?

— Não me decepcione, David. Já nos encontramos tantas vezes...

— Samyaza?

— Talvez esteja certo.

— O que você quer comigo?

— Quero lhe entregar um presente – respondeu-lhe, estendendo na sua direção algo embrulhado em tecido negro.

— Não quero isso! – berrou David.

— Talvez você devesse destruí-lo para livrar o mundo do... do que seu amigo

chama de Apocalipse Negro – rebateu Samyasa, com um sorriso sarcástico no rosto.

O jornalista apanhou o objeto e arrancou o tecido. Uma explosão de luz atingiu seus olhos. Não conseguia enxergar mais nada.

— Isso é o mais perto que você pode chegar de Deus, David – a voz ecoou em sua cabeça. “Cegos e guias de cegos. Se um cego conduz outro, ambos cairão na mesma vala. Você é um cego, David. O padre também. A vala está próxima”, aquelas palavras pareciam sussurradas em seu ouvido.

— Quem está aí? Por que não enxergo nada? – perguntou, tateando o ar ao redor.

— Quem você deseja perto de você, querido? – ele conhecia aquela voz. Mãos macias cobriam seus olhos e exalavam um perfume inconfundível.

— Mary, é você? – indagou, virando-se para vê-la.

Estava na sala de estar, diante da americana nua exibindo um sorriso sensual. David entendeu o convite e avançou sobre ela. Durante o beijo, Mary abriu o zíper de sua calça. Abaixou-se até seu sexo. O jornalista olhou para baixo. Algo brilhava sobre sua cabeça. Parecia a abelha- -vagalume que o guiara até o labirinto. Esticou o braço na tentativa de tocá-la. Ela se afastou até o canto da sala. Alguém estava lá, observando tudo com um sorriso no rosto.

— Quem é você? – perguntou David.

— Eu tirei a virgindade dessa putinha. E estou louco para transar com ela de novo.

— Sammy? – indagou David, cerrando os punhos.

— Querido, deixe isso para lá – interveio Mary, ajoelhada. – Agora, eu sou sua.

— Preciso acabar com esse desgraçado! – exasperou-se o jornalista, indo em direção ao intruso

— Se quiser acabar comigo, comece por você mesmo – retrucou o *voyeur*. David aproximou-se até enxergar o rosto escondido na penumbra. Era como se estivesse diante de um espelho. Mãos suadas. Saltou da cama no instante em que o despertador anunciava treze horas.

A porta do quarto estava entreaberta, da mesma maneira que deixara ao sair. “Ele ainda não deve ter voltado”, concluiu Mary, entrando no aposento. Acendeu a luz. E colocou outra mala ao lado esquerdo da porta. Um bilhete fazia companhia àquele que deixara a seu anfitrião.

Mary, espero que esteja tudo bem com você. Passei por aqui e descansei um pouco antes de ir à redação. Devo voltar às dezenove horas. Mas, infelizmente, tenho um compromisso hoje à noite e não poderei lhe fazer companhia para o jantar. Desculpe-me. Tentarei compensar isso outro dia. Se precisar de qualquer coisa, me ligue. Beijo, David.

Ela aproximou a carta do nariz e sentiu o perfume Knize Ten. Voltou à sala de estar. Jessica estava sentada no sofá, à sua espera.

— Ele não está, Mary?

— Já passou por aqui. Podemos tirar do carro minha pequena mudança.

— Sei que você é a líder do *coven*, mas não acha que seria melhor transferir as reuniões para a casa de uma das meninas? Pelo menos até tudo se acertar – sugeriu a aprendiz.

— Sabe que dia é hoje, Jessica? – indagou a americana.

Ela consultou a data no celular, antes de responder:

— Vinte e um de março.

— É uma data importante. Faltam exatamente nove meses para o solstício de inverno. Queria fazer uma reunião extraordinária para festejar isso. Mas minha alma está doente e, durante meu luto, não vai haver nada. Cernunnos vai permanecer coberto – explicou Mary, fazendo um sinal para que a amiga a acompanhasse até o carro.

— Tudo bem. Mas não seria melhor tê-lo deixado na sua casa? Seu chefe não faz parte do *coven*. Ele não pode vê-lo nem tocá-lo – argumentava Jessica.

— Querida, minha casa foi invadida. Fui ameaçada. Cernunnos estará mais seguro aqui no meu quarto. David é um *gentleman* e saberá respeitar meu espaço.

As duas continuaram em silêncio até o Mini Cooper. Jessica desativou o alarme, abriu a porta e afastou o banco do passageiro. Para conseguir transportar o deus chifrudo, Mary o separara da base maciça, onde ficava encaixado. Naquele momento, ele ocupava metade do banco, e estava coberto pela capa azul-escura.

Jessica puxou parte para fora. A líder se aproximou e colocou as duas mãos embaixo da estátua de madeira. Sua auxiliar fez o mesmo.

— Vamos com cuidado – alertou Mary.

— Ainda bem que ele não é esculpido em madeira maciça – comentou a inglesa, fazendo força para levantá-lo.

— Ele foi feito especialmente para as mulheres – respondeu Mary, sorrindo.

Com o quadril, Jessica empurrou a porta do carro e as duas entronizaram Cernunnos na mansão de David.

— Onde vamos deixá-lo? Na cama? – indagou sua discípula.

— Talvez David passe por aqui mais tarde e deixe outro bilhete. O banheiro é grande e tenho certeza de que ele não entrará lá.

— No banheiro, Mary? – estranhou Jessica.

— Sim. Qual o problema? – rebateu a líder, avançando até o cômodo.

— Nenhum.

A porta estava apenas encostada. Mary a empurrou com a perna direita e orientou:

— Sobre a pia.

Acomodaram Cernunnos na bancada de mármore rosado. Jessica esticou os dois braços para cima e suspirou, aliviada.

— Obrigada – agradeceu Mary, com um sorriso no rosto.

— Quer jantar comigo? – perguntou a inglesa.

— E Abby?

— Ela tem um evento hoje à noite. Estou sem companhia.

— Pode me pegar às seis da tarde? – sugeriu a líder do *coven*, deixando o banheiro e acompanhando-a até a saída.

Assim que colocou os pés na redação do *The Star*, o alvoroço se transformou em burburinho. David sentiu dezenas de olhares acompanhando seus passos marcados pela companheira inseparável, a bengala. Fixou o olhar na direção da sala do diretor Paul Reiner e seguiu adiante, evitando qualquer desvio. Carolyn se levantou diante dele. “Meu primeiro obstáculo”, pensou, sem notar como ela estava deslumbrante e sensual naquele vestido caramelo, decote revelando seios empinados. Mal sentiu o inconfundível Chanel N° 5.

— O que aconteceu com a Fernanda, David? – quis saber, fingindo preocupação.

— O George deve estar mais informado do que eu, Carol.

— Posso pedir um favor à sua assistente?

— Ela não virá hoje. Está de licença – impacientou-se David.

— Aconteceu alguma coisa com ela? – insistiu a editora de moda.

— Não estava se sentindo bem – rebateu o jornalista, retomando o caminho da sala de Paul. George correu na sua direção. “Mais um obstáculo”, lamentou, perguntando-lhe:

— Tudo bem? O que conseguiu?

— O investigador-chefe da Scotland Yard fez um pronunciamento oficial...

— Nosso chefe não gosta de histórias oficiais, George. O que conseguiu além disso? – inquiriu David.

— Lembra-se dos agentes no café da manhã?

— Claro.

— Me deram detalhes sórdidos do crime. Um deles tirou fotos com o celular – gabou-se o repórter, com um sorriso nervoso.

— De quem?

— Da top model e do segurança assassino.

— Suponho que fez isso sem o consentimento do superior.

— Sim. São fotos clandestinas. Ele se orgulhava de ter conseguido aquilo, e exibiu para mim como um troféu. Consegui transferir tudo para o meu celular enquanto os dois estavam entretidos com o chá.

“Talvez seja o suficiente para Paul Reiner. Não vou gastar o cartucho com Mister Jones”, concluiu David, dizendo:

— Belo trabalho, George. Sua matéria será o destaque da capa de amanhã. Escreva tudo e me passe o mais rápido possível. Tenho um compromisso inadiável hoje à noite.

— Estou quase terminando – respondeu o repórter, com um sorriso de alívio.

— Parabéns. Se depender da minha recomendação, você será promovido em breve. Agora, preciso falar com Paul.

David voltou a seguir para a sala do diretor. O terceiro obstáculo atravessou seu caminho a menos de um metro da porta. Era o editor-chefe.

— Lamento pelo que aconteceu – disse Steven, estendendo a mão para cumprimentá-lo.

— Venderemos muito jornal, não é? – ironizou David.

— Depende da matéria que me trouxer – rebateu o editor-chefe, aproximando-se dele e sussurrando:

— Preciso de sua resposta ainda hoje.

— Fechamos a matéria hoje, Steven – desconversou o editor assistente.

— É sobre o convite que fiz – insistiu o editor-chefe, referindo-se à proposta para trabalhar no jornal nova-iorquino.

— Minha resposta...

— David, tudo bem? Precisamos conversar – era Paul Reiner surgindo na porta de sua sala.

— Conversamos depois sobre isso, Steven – esquivou-se David, indo ao encontro do diretor do jornal. Os dois entraram na sala e a porta foi fechada.

Ele acordou no carpete da suíte quase meio-dia. Corpo dolorido. Pulsos latejando. Agulhada no supercílio. Tomou um banho e refez os curativos. Almoçou no Dinner by Heston Blumenthal revisando todas as anotações sobre John Dee e magia enoquiana. Leu as “cartas do inferno” reveladas pelos mensageiros robóticos e recordou-se de sua última aula no Ateneu Pontifício Regina Apostolorum, em Roma. Escolheu a escultura de Daniel Chester French para ilustrar uma passagem do Gênesis: “(...) os filhos de Deus viram que as filhas dos humanos eram bonitas e escolheram as que lhes agradassem como mulheres para si”. Os “filhos de Deus” são os anjos caídos, os demônios. O que isso significa? Que eles tiveram relações sexuais com as mulheres. E elas geraram filhos”, explicara, fitando a plateia perplexa. Não imaginava que, no mesmo dia, receberia uma missão em Londres e ela o levaria até aquela mesma estátua: o anjo caído seduzindo uma mulher. Em vez de voltar ao quarto para a sesta, fora ao *business center*. Queria avaliá-la antes da exposição no Victoria and Albert Museum. Talvez encontrasse alguma pista. No Google Images, digitou o nome do escultor americano e a palavra “Gênesis”. Clicou sobre a primeira foto para ampliá-la.

— O início do Apocalipse Negro – disse para si mesmo. “A mulher, a Grande Prostituta, está um pouco relutante. Mas se deixará seduzir por Samyaza em pouco tempo. Talvez a cena seguinte seja a concepção do Anticristo. Aqueles servos do diabo escolheram um lugar bem apropriado para esconder o *Livro das Folhas Prateadas...*”, ponderou Pietro, aproximando a imagem. Voltou ao bloco de notas e leu a mensagem encontrada na segunda abelha-robô: *Onde o bardo via maldição, o papa enxergou santidade. O castelo defendido é o mesmo que esculpe a glória daquele que há de reinar para sempre. O porão resplandece seus segredos.*

— O porão deve ser a base da estátua... – deduziu, ampliando novamente a imagem. Não achou nenhuma inscrição no mármore. “Pena que só consigo ver por esse ângulo”, lamentou. “O terceiro enigma diz: **‘Ave... Os olhos onipresentes da rainha revelam a chave de Armon’**. Talvez a hipótese de David seja correta. O *Livro das Folhas Prateadas* pode ser um ritual de magia sexual escrito por John Dee para a concepção do Anticristo, a chave de Armon que liberta Samyaza para fecundar uma mulher de carne e osso. E a confraria negra a escondeu nesta estátua”, raciocinava o padre.

— Isso deve ser destruído. Talvez seja essa a missão da Confraria dos Quatro Anjos – concluiu, com um sorriso no rosto. “Mas talvez o *Livro das Folhas Prateadas* tenha outro significado”, pensou.

— Como era mesmo a profecia do livro maldito? – perguntou-se, digitando no Google o conjunto de palavras: “João XXIII”, “Livro Maldito”, “profecia”. O padre abriu uma página com o texto, revelado pelo jornalista italiano Pier Carpi:

Eis o livro maldito, escrito por quem odiava a si mesmo e a sua raça. Eis o livro da mentira, do ódio, dos esgotos. Por suas palavras muitos morrerão sem compreender nem conhecer seu verdadeiro autor. Porque ele morreu há tempos e quem o achou se esconde. Eis o livro que invoca o ódio, que divide os homens. Quanto mal fará, quanta dor causará, quantas guerras. Por causa deste livro se fabricarão novas armas e muitos homens se fecharão em si mesmos. “Eis a verdade”, se gritará nos parques, nas praças. Esta é a única verdade. A Terra e seus amores virarão ao avesso. Por setenta anos, o livro triunfará em um quarto do mundo, forjará dirigentes, escravizará povos. E os homens semearão o ódio e a pobreza. O orgulho, o sonho do orgulho, o novo paraíso. Inferno sobre a Terra.

— O livro abre as portas de Armon. Cria o inferno sobre a Terra. Meu Deus, não pode cair nas mãos daquele desgraçado! – exaltou-se, pensando em Andrew. “Ele está nos perseguindo desde o início. Ele assassinou a Fernanda. Ele consegue se esquivar de tudo e de todos. Acho que ele é a referência na profecia a quem encontra o livro e se oculta.”

— Esse maldito vai estar na exposição hoje à noite. Ele vai tentar roubar o livro – concluiu, fechando a tela e guardando o bloco em seu bolso. Voltou ao quarto. Desejava descansar um pouco. E rezar muito. Precisava se preparar para a guerra.

Bengala apoiada sobre a mesa de seu chefe. Porta fechada. O editor assistente reparou que Paul Reiner estava malvestido. O número menor das roupas o fazia parecer mais gordo. Quando ele se sentou, David pensou que os botões da camisa fossem arrebentar.

— Aquele canalha deve ter exigido uma resposta, não? – indagou-lhe, erguendo as sobrancelhas por trás da armação vermelha dos óculos.

— Isso mesmo. Não tive tempo de responder.

— Amanhã, ele será despedido e você ocupará seu lugar. Ok?

— Ok – assentiu David, com um sorriso discreto no rosto. – Não gosto de Nova York – completou.

— Terrível o que aconteceu com a Fernanda Albuquerque, não?

— Sim. Minha assistente ficou bastante abalada. Achei justo dar a ela alguns dias de folga.

— Você dispensou nossa melhor repórter? Justo nesse momento? – reprovou Paul.

— Ela era amiga da modelo brasileira.

— No jornalismo, a notícia está em primeiro lugar. Sempre.

— Às vezes, as pessoas são mais importantes do que as notícias, Paul – rebateu David, encarando seu chefe. Em poucos segundos, a expressão do diretor mudou completamente. Ele abriu um largo sorriso e perguntou:

— O que temos sobre o crime?

— Detalhes sórdidos e fotos exclusivas captadas pelo celular de um dos investigadores da Scotland Yard.

— George já me informou sobre isso. Quero saber o que você tem.

— Nada a acrescentar.

— A primeira lição que você deve aprender como editor-chefe é jamais mentir para o seu diretor. Principalmente se ele for Paul Reiner. Sei que você passou a noite no Mandarin Oriental. Sei que você tem informações privilegiadas sobre o crime.

— Como...

— Também tenho minhas fontes, David, e sei protegê-las. O que você tem a mais? – insistiu, aproximando o tronco da mesa.

— Em *off*?

— Perfeitamente.

— A versão oficial da Scotland Yard é uma farsa.

— E qual é a versão correta?

— Estou trabalhando nisso. Sei que pode parecer loucura, mas há fortes indícios

de que esse crime tenha sido cometido pelo Estripador de Londres – revelou David.

— E por que não publicamos isso?

— Porque ainda estou reunindo provas. Não quero cometer o mesmo erro do passado.

— A história é boa?

— É fantástica!

— Amanhã, você vai assumir o cargo de editor-chefe, certo?

— Certo.

— Uma de suas atribuições, David, será escrever um livro sobre esse caso. Tenho contato com um editor que vai se interessar muito pelo que você tem a dizer.

— Uau! Pensei que o cargo de editor-chefe desse trabalho – brincou o jornalista.

— Sabe por que eu sou o diretor desse jornal?

— Porque é um profissional competente.

— Fui um péssimo repórter e meu texto não chega aos pés do seu, David. Estou aqui porque tenho ótimas fontes e enxergo o futuro – rebateu Paul, levantando as mãos e mexendo os dedos. – Quer saber o que estou vendo agora? Você precisa editar a matéria do George e me passar. Não pode se atrasar para a abertura da exposição no V&A. Meu *feeling* me diz que isso será um importante capítulo do seu livro. Mãos à obra.

— Obrigado pela oportunidade, Paul – agradeceu David, levantando-se e apanhando a bengala. Abriu a porta da sala e foi à sua mesa, acompanhado por dezenas de olhos curiosos e pelo olhar fulminante de Steven.

Michael vestiu um terno azul-escuro da Brooks Brothers. Camisa azul-clara e gravata vermelha. Um sobretudo preto completava o figurino que recebeu em casa três horas antes da abertura do evento. Chegou à sala da exposição de Daniel Chester French às vinte horas. Recebeu a mensagem de que o curador-chefe estaria lá, com os demais convidados, meia hora mais tarde. Aproximou-se da estátua central, encoberta com o tecido escarlate e ensaiou o discurso, com gestos precisos e entonação adequada. Conseguiu disfarçar o nervosismo e sentir-se mais à vontade. Às oito e meia, pontualmente, Chancellor chegou, à frente de cerca de vinte convidados. Eram homens e mulheres de meia-idade, elegantemente vestidos. Ao mesmo tempo, cinco garçons começaram a circular pela sala carregando Don Pérignon Rosé. Michael sentiu o suor nas mãos, e não desviou o olhar do curador-chefe. Era ele quem o apresentaria aos convidados antes do discurso inaugural. Observou-o trocar algumas palavras com dois homens e caminhar até ele.

— Tudo bem, doutor Bates? – cumprimentou-o.

— Estou pronto.

— Senhoras e senhores, peço a atenção de todos – disse Chancellor, aumentando o volume da voz. Os convidados se aproximaram.

— Quero lhes apresentar o doutor Michael Bates, catedrático de Harvard e PhD em Daniel Chester French.

— Boa-noite, senhores e senhoras. Na cerimônia de posse, Abraham Lincoln vestia um sobretudo preto exatamente como este aqui. Espero fazer jus à sua memória. Sua escultura no Abraham Lincoln Memory é uma das mais célebres de Daniel Chester French e, para os não iniciados, é a mais famosa. Suponho que esse não seja o caso de vocês – brincou, percorrendo a plateia com os olhos. Todos riram. Ele prosseguiu:

— Aqui embaixo, está sua obra-prima – anunciou, segurando no tecido que encobria a estátua e puxando-o para baixo. – Eu vos apresento “The Sons of God Saw the Daughters of Men That They Were Fair”. Ou, simplesmente, “Immortal Love”.

Uma explosão de palmas. Michael sentiu alívio. Conseguira cumprir a primeira parte da missão. Olhou em volta à procura de David e Pietro. Eles não estavam no salão.

— Obrigado, doutor Bates. Aprecie o champanhe – agradeceu Chancellor. Michael aproveitou a proximidade de um garçom e seguiu seu conselho. Bebeu metade da taça em um único gole e mirou a entrada da sala. Abby, a massagista do

Mandarin Oriental a quem pagara para seduzir o padre, estava do lado de fora. Trajava um vestido preto longo. Fenda na perna esquerda. Cabelo preso atrás com uma presilha. Maquiagem suave. Joias discretas. “O padre deveria me agradecer pelo presente. Eu teria pago o dobro para foder essa vadia... Ela deve trabalhar para os ingleses”, pensou Michael, terminando a taça de champanhe. Deixou-a na bandeja semivazia de outro garçom que passava por ele. Ao virar-se novamente para a entrada, flagrou David e Pietro aproximando-se da *hostess* especialista em vestidos.

O padre estava tão ansioso para encontrar a estátua de Daniel Chester French que não reconheceu Abby. Com as mãos ligeiramente trêmulas, pegou o convite no bolso do casaco e o estendeu à recepcionista, olhando através da porta para a sala de exposição.

— Desculpe-me a indiscrição, mas o senhor não é o empresário italiano hospedado no Mandarin Oriental? — ela perguntou, desviando a atenção de Pietro para o seu rosto. Ele lembrou-se daquele olhar... Daqueles lábios... Coração acelerado. Respiração curta. Pernas bambas.

— Você... Você não é a massagista do hotel? — gaguejou.

— Nas horas vagas, sim — respondeu Abby, com um sorriso malicioso no rosto.

— O que... O que está fazendo aqui? Você faz parte disso?

— O que está acontecendo? — quis saber David.

— Ela... Ela trabalha para eles — respondeu Pietro.

— Para quem? — insistiu o jornalista.

— Para a confraria negra.

— Sou apenas uma funcionária do V&A, responsável pela coleção de vestidos — retrucou Abby, fingindo inocência.

— Ela é uma prostituta! — explodiu o padre.

— Boa-noite, senhores — surpreendeu-os Michael. — Espero que ela não esteja importunando meus mais notáveis convidados.

— Você... Está por trás disso tudo, seu miserável! — exasperou-se Pietro.

— Por favor, padre. Não queremos chamar a atenção de ninguém. Controle-se — repreendeu-o David, em voz baixa.

— Vamos acabar logo com isso — consentiu Pietro, avançando para a sala. Seus olhos foram atraídos para o centro. A escultura “Immortal Love” erguia-se majestosa e solitária, destacando-se do resto do acervo. Com passos firmes e rápidos, ele foi na sua direção, como mosca atraída pela luz. O jornalista sentiu a têmpera direita formigar. Tontura. Parou a menos de um metro da entrada e olhou ao redor. Os outros convidados estavam voltados na sua direção e sorriam. Pareciam conhecê-lo. “Quem são vocês?”, perguntou-se, fitando a lapela de um homem que aparentava

cinquenta anos e estava próximo. Um pingente prateado reluzia. Era o mesmo símbolo que Andrew talhara na frente de Fernanda Albuquerque e os “monstros” traziam no pescoço na fatídica noite em que vira o amigo de infância “morto”, em Upper Slaughter. “Eram vocês, malditos”, concluiu, segurando com força a bengala.

O jantar durou quase duas horas. Jessica se comportou como fiel aprendiz. Acompanhou extensas explicações da líder do *coven* sobre as fases lunares e os rituais de fertilidade dos celtas. E, para sinalizar que estava atenta, meneava a cabeça ou emitia sons guturais. Mary deixou a aula de lado para saborear a sobremesa de chocolate. O silêncio durou menos de cinco minutos. Enquanto esperava o café, ela reassumiu o posto:

— Sabe por que o cristianismo é nosso pior inimigo?

— Por quê?

— Porque tenta jogar no esgoto o que existe de mais sagrado. É por meio do sexo, Jessica, que sentimos a energia vital que está por trás da criação e das transformações do universo.

— Eles dizem que Jesus Cristo nasceu de uma virgem... – ironizou a inglesa.

— Com isso, eles tentam provar que o sexo é algo imundo. Que ele nos suja. Que ele nos afasta de Deus. E sabemos que isso é mentira.

— Fico com pena das pessoas que não enxergam isso – comentou Jessica.

— Algum dia, quem sabe, isso tudo não mude – insinuou a americana.

— Como assim?

— Já pensei bastante sobre esse assunto. Nós sabemos que é possível prever o futuro. Acho que a Igreja Católica descobriu uma maneira mais eficaz de fazer isso e criou uma coletânea de profecias.

— E o que isso tem a ver com a gente?

— Tudo. Várias profecias falam sobre o nascimento de um inimigo poderoso. Ele é chamado de Anticristo. E, se é inimigo da Igreja Católica, certamente será nosso aliado – explicou Mary.

— Faz sentido. Quando isso vai acontecer?

A americana tomou um gole de café e encarou a inglesa.

— Ouvi dizer que ele já nasceu e está sendo preparado para a missão.

— Sério?

— Não posso garantir. Mas torço para que seja verdade.

— Ele vai nascer de uma virgem? – brincou Jessica, com um sorriso debochado no rosto.

— Sabe qual é um dos nomes da mãe do Anticristo? A Grande Prostituta – revelou Mary.

— Essa mulher só pode ser uma das nossas.

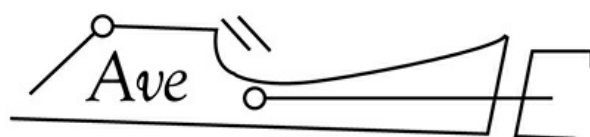
— Existe um *coven* na República Tcheca que tem uma líder apelidada de Grande

Prostituta. Acho que ela deu à luz o nosso salvador – comentou Mary, terminando o café.

— Mal posso esperar... – dizia Jessica até perceber lágrimas nos olhos da amiga.
– Está tudo bem, querida? – perguntou, segurando em sua mão direita.

— Estou tentando me distrair. Perdi uma grande amiga. Sinto um vazio que...
Nunca vai ser preenchido por ninguém – desabafou a jornalista, com a voz embargada e lágrimas no rosto.

O padre começou a rodear a escultura, procurando alguma marca na base. Ignorava que o jornalista não o seguira até lá e estava alheio ao movimento dos outros convidados. Como suspeitava, não encontrou nenhuma inscrição na parte posterior. Apenas confirmava o que a foto capturada na internet revelara horas atrás. Com as pernas trêmulas, movimentou-se para o outro lado. Aproximou o rosto do mármore e começou a vasculhar cada centímetro esculpido. Os pulsos latejavam. A agulhada insistente no supercílio esquerdo o obrigava a forçar as pálpebras para manter o olho aberto. “Meu Senhor, eu Vos suplico que me ajudai a achar o que procuro”, rezou em pensamento. Notou uma inscrição pequena na altura do pé direito do anjo sedutor. Três *spots* jogavam luz para o outro lado da escultura. A sombra se projetava sobre o padre. Colocou a mão no bolso esquerdo do casaco e pegou a pequena lupa usada na leitura das “cartas do inferno”. Aproximou a lente e inclinou-se sobre ela. Enxergou a palavra ave dentro de linhas retas e curvas.



Guardou o instrumento óptico e folheou o bloco de notas. Encontrou a mesma inscrição com sua própria observação: “essa é a assinatura do demônio que se apresentou a John Dee como Ave”. Lembrou-se do enigma que recebera da possuída, em Santa Maria in Aracoeli: **“Ave... Os olhos onipresentes da rainha revelam a chave de Armon”**.

— Está aqui. O livro está aqui — murmurou Pietro, apontando para a base da estátua.

Não houve resposta. Virou-se na direção da entrada. David se aproximava vagarosamente. O padre fez um gesto com a mão para que se apressasse. Pouco atrás, Chancellor chegou perto de Michael e sussurrou algo.

— O que você encontrou? — perguntou o jornalista, a poucos centímetros de Pietro.

— A assinatura de Ave, o demônio que deve ter escrito o *Livro das Folhas Prateadas*. Ele está aqui dentro, David. Precisa ser destruído.

— É uma obra de arte, padre. Não podemos fazer isso...

— Foi por isso que vim para Londres. Essa é a minha missão — retrucou Pietro.

— Estamos cercados pelo inimigo, padre. Todas essas pessoas fazem parte da seita. Caímos em uma cilada.

O italiano olhou em volta. Os outros convidados se aproximavam do centro, formando um círculo. Teve a impressão de enxergar uma névoa negra pairando sobre eles. Com as mãos trêmulas, fez o sinal da cruz e trouxe para fora da camisa o crucifixo de prata que usava pendurado no pescoço. Mirou acima da cabeça dos outros convidados, cada vez mais próximos, e começou a recitar uma oração:

— *Sancte Michael Archangele, defende nos in praelio. Contra nequitiam et insidias diaboli esto praesidium....*

— O que é isso, padre? Um exorcismo coletivo? Precisamos de algo mais concreto – disparou David, pegando o celular no bolso da calça e acionando o número de Mister Jones. Sem resposta. Ignorando o que o jornalista dizia, Pietro prosseguiu a oração em latim:

— *...Imperet illi Deus, supplices deprecamur. Tuque princeps militiae caelestis, Satanam aliosque spiritus malignos, qui ad perditionem animarum pervagantur in mundo divina virtute in infernum detrude. Amen.*

Ao dizer a última palavra, um estrondo ecoou pela sala. O padre observou a névoa negra mover-se até a entrada, para onde todos os olhares também se voltaram. Andrew trajava uma capa negra e segurava uma pistola cromada na mão direita. Ela estava encostada na cabeça de Abby.

— Ele veio atrás do livro, padre – sussurrou o jornalista. – Não podemos abrir o jogo.

— Acho que ele veio nos salvar, David – disse Pietro, acompanhando com os olhos a névoa negra concentrar-se sobre a cabeça do bastardo e penetrar em seu peito, na altura do coração.

— Todos para o chão, senão estouro os miolos dessa vagabunda! – berrou Andrew.

Próximo a ele, Michael retirou o medalhão para fora da camisa. Era o escudo que o senador Bundy o aconselhara a usar para se proteger das artimanhas do Feiticeiro. Em seguida, deitou-se de bruços no chão. Mãos sobre a cabeça. Os outros convidados também seguiram a ordem e se abaixaram. Com o braço esquerdo em torno de seu pescoço, Andrew caminhou com Abby até o centro da sala.

— Padre, nunca pensei que fosse dizer isso, mas é um prazer encontrá-lo – saudou Pietro ao encontrá-lo deitado no chão, atrás da estátua. David estava ao seu lado. O bastardo olhou para ele com raiva e berrou:

— Os dois de pé!

Eles obedeceram. O padre o encarou, levantou o dedo em riste e disparou:

— Não é um prazer encontrá-lo, filho do demônio!

— Vejo que você tem o dom de enxergar além das aparências, padre. Para cumprir a profecia, só me falta algo que vocês dois vão me entregar agora – afirmou, empurrando Abby para o chão e apontando a arma na direção da cabeça de David.

— Não temos o que você quer – rebateu o jornalista.

— Chancellor, venha até aqui – ordenou Andrew. O curador-chefe obedeceu. Sem pestanejar, deu-lhe um tiro no olho direito. O homem tombou no chão, morto.

— O próximo vai ser seu amiguinho, padre. Então, me obedeça – berrou Andrew, mirando a pistola contra o rosto do jornalista.

Pietro apontou na direção da base de “Immortal Love” e disse:

— O que você procura está aí dentro, assassino maldito!

— Nunca pensei que fosse dizer isso, padre, mas temos algo em comum. E isso me agrada – comentou o bastardo, com um sorriso mordaz no rosto.

O salão do Rainbow Room estava vazio, exceto pela presença do senador Karl Bundy. Ele pegou a taça de Manhattan, mas derrubou metade antes de conseguir levá-la à boca. Estava nervoso com a reunião que ocorreria em breve. Evitava pensar sobre o assunto. Desconfiava que o banqueiro Max Freeman conseguia ler seus pensamentos, e faltavam poucos minutos para ele chegar com um convidado especial. Respirou fundo e pegou a taça novamente. Bebeu o que restava do coquetel e foi surpreendido pelo rosto de Fernanda Albuquerque. Sentiu calafrio. “O que fizemos? Não devo pensar nisso agora. Não devo” repetiu mentalmente.

— Não se censure, senador – recomendou o recém-chegado banqueiro, vestindo terno cinza-escuro, camisa branca, gravata preta com detalhes prateados.

Bundy levantou-se para cumprimentá-lo, com o coração aos saltos.

— Quero lhe apresentar nosso mestre – disse Freeman, estendendo as duas mãos para o lado esquerdo. O senador exibiu um sorriso nervoso no rosto. Não enxergou ninguém ali.

— Me desculpe, senhor, onde ele está?

— Ao meu lado.

“Deve ser uma piada como a da fábula...”, pensava.

— Está pensando em *A Roupa Nova do Rei*, senador? – indagou Freeman.

— Como o senhor...

— Deixe-me lhe explicar uma coisa. Nosso mestre só aparece a quem julga digno de sua companhia ou pretende usar de maneira, digamos, mais direta – explicou o banqueiro. Sorriso irônico no rosto. Sentou-se e fez um gesto para que ele o imitasse.

— O convidado vai ficar de pé? – brincou Bundy, sob o olhar sério de Freeman.

A cadeira ao seu lado moveu-se sozinha para trás, deixando-o atônito.

— Ele estava apreciando a vista, senador – informou Freeman, enquanto o *maître* chegava para servi-los.

— Traga mais um Manhattan para o senador, ele deixou cair metade da taça. E dois uísques duplos, sem gelo – solicitou o banqueiro.

— Tudo está saindo conforme o planejado – adiantou-se Bundy.

— Esse jogo está chegando ao fim, senador. O mestre já movimentou as peças. Só falta dizer xeque-mate.

— Eles não podem fazer mais nada?

— Claro que podem. Eles têm livre-arbítrio. Mas apostamos que não saberão usá-lo – revelou o banqueiro, dando uma gargalhada.

— Ela teve escolha? – indagou Bundy, pensando em Fernanda Albuquerque.

— Evidentemente. Ela escolheu o sacrifício. Nosso inimigo tentou dissuadi-la mais de uma vez. Se tivesse conseguido, nós estaríamos em xeque-mate.

O *maître* chegou com as bebidas em uma bandeja de prata. Entregou o Manhattan ao senador e colocou os dois copos de uísque diante de Max Freeman. Saiu sem dizer nada. O banqueiro deu uma risada seca e encarou o político.

— Você tem algo em comum com esse serviçal tolo. Ele também não enxerga o mestre – disse, empurrando um dos copos para o lado. Bundy fixou os olhos na bebida à espera de que algo estranho acontecesse.

— Não seja inconveniente, senador. Você está deixando meu convidado pouco à vontade.

— Me desculpe. Como posso lhe servir, agora?

— Você já repassou a última ordem a Michael, não?

— Só faltam as coordenadas do voo – respondeu Bundy, cabeça ligeiramente inclinada para baixo.

— Faça isso no momento certo.

— Fique tranquilo, senhor, ele está em minhas mãos. Dará a vida para que esse avião chegue a Nova York – garantiu o senador.

— Suspeito que esse avião não chegará a Nova York – disparou Freeman, encarando-o.

— Como assim? E a...

— Talvez o mestre faça um de seus melhores truques. Os otários não enxergarão a verdade. *A Roupas Nova do Rei*. Lembra-se?

— O que devo fazer? – insistiu Bundy.

— Volte a ser um mero senador dos Estados Unidos. Até que eu o chame novamente.

— Mas e o Feiticeiro? Preciso garantir que ele seja apagado.

— A decapitação foi apenas um truque, senador. Nesse momento, ele está prestes a fazer uma jogada de mestre. Pelo menos, está convencido disso – completou o banqueiro, com um sorriso enigmático no rosto. Em seguida, pegou o copo de uísque e o tomou de uma só vez. Bundy aproveitou a distração e fitou o copo do convidado misterioso. Estava vazio.

— Bom jantar, senador – desejou Freeman, levantando-se da mesa. – O mestre quer ir embora. Precisamos terminar uma partida de pôquer.

Uma poça de sangue encobria o rosto de Chancellor. Pietro estendeu a mão direita na sua direção e fez o sinal da cruz.

— Não perca seu tempo com isso, padre. Quero que você e esse cretino empurrem a estátua – instruiu Andrew.

— Como assim, quer que a derrubemos? – indagou David.

— Você está enxergando alguma gaveta aí, idiota?

— Ele quer que nós quebrems a escultura – disse o padre. – A humanidade não vai perder nada com isso – completou, aproximando-se da estátua e colocando as duas mãos na base. O jornalista suspirou e imitou Pietro. “O que aconteceu com Mister Jones?”, questionou-se, virando-se para o amigo de infância:

— Há câmeras de vídeo nesse lugar, Andrew, e dezenas de testemunhas. Ah, me esqueci. Essas pessoas são suas cúmplices, não?

— São todos uns malditos traidores! – berrou Andrew. – Derrubem logo isso, imbecis!

“Acho que estava certo. Ele foi traído pela facção inglesa da seita e deve ter passado para o lado dos americanos. Michael armou tudo isso”, deduzia David, enquanto fazia força para empurrar a estátua com os olhos voltados na direção do americano. O padre também fez força e sentiu os pulsos latejarem. Segurou o grito de dor. Teve a impressão de um líquido viscoso escorrer das bandagens e molhar os punhos da camisa.

— Mais força! – gritou Andrew.

— No três, usamos força máxima – instruiu Pietro. – Um, dois, três – contou. Os dois sincronizaram o movimento e sentiram a escultura colossal mover-se sobre o apoio. Repetiram o gesto. Um barulho ensurdecedor repercutiu pela sala. Pedacos de mármore voaram em todas as direções. A maior parte da base caíra perto de Andrew.

— Deve estar aí dentro – sugeriu Pietro.

— O que estão esperando para procurar? – inquiriu o bastardo.

O padre fez um sinal com a cabeça. David se aproximou e o ajudou a erguer o pedaço de mármore. O italiano inclinou o pescoço para baixo. Havia uma abelha dourada impressa na base. “O terceiro mensageiro”, concluiu.

— O que fazemos agora, padre?

— Vamos quebrar mais – sugeriu Pietro. – Podemos arremessá-la para lá – indicou com o queixo o canto isolado da sala – Assim, não atingimos ninguém.

— Um, dois... – contou o jornalista, sincronizando o movimento dos braços com o

padre. – ...Três – completou. Os dois soltaram a base ao mesmo tempo. O berro de Pietro foi encoberto pelo barulho do pedaço de mármore estatelando-se no chão. Os pulsos pareciam ter se rompido e o líquido viscoso, antes represado pelas bandagens, escorria pelos punhos da camisa até as mãos. O rosto contorcido de dor virou-se para o lugar em que a peça caíra. Ele notou um reflexo prateado escapando da pedra clara. “O livro maldito. Espero que David tenha uma boa ideia do que fazer agora”.

— Me tragam o que eu quero! – ordenou Andrew, mirando a pistola na cabeça de David. O jornalista avançou na frente. Pietro o seguiu. O bastardo aproximou-se lentamente, ansioso por colocar as mãos no tesouro da confraria negra e ir ao local indicado por Samyaza. Com a ponta da bengala, David afastou os fragmentos que cobriam o objeto prateado. “O livro realmente existe”, concluiu, vislumbrando o símbolo na capa. Era o mesmo que Andrew desenhara na frente de Fernanda Albuquerque. O mesmo que a maioria dos convidados daquela exposição exibia na lapela dos paletós ou dos casacos. O mesmo que...

— Pegue logo e me dê! – impacientou-se Andrew.

“Ele está com a arma apontada para minha cabeça. Mas talvez eu consiga desarmá-lo. Só preciso distraí-lo com o livro... E sacar a espada da bengala”, deduziu, abaixando-se e pegando, com a mão esquerda, o tesouro macabro. Tinha vinte centímetros de comprimento, dezoito de largura e, aproximadamente, cinquenta páginas. Idêntico ao que John Dee lhe entregara em sonho.

— Está aqui – afirmou David, estendendo o livro na direção do amigo de infância, a outra mão apoiada no cabo da bengala.

Os olhos de seu oponente brilhavam. Andrew estendeu a mão direita para apanhar o *Livro das Folhas Prateadas*. Deteve-se a poucos centímetros de alcançá-lo. Encarou David com um sorriso vitorioso e sussurrou:

— Eu venci.

— Aproveite o prêmio – respondeu o jornalista, soltando o livro. Em um movimento rápido, o bastardo conseguiu evitar que ele caísse no chão. Mas abaixou a mira. David aproveitou a distração e sacou a espada. Porém, estava muito perto para conseguir golpeá-lo. Deu um salto para trás na tentativa de corrigir a falha. Era tarde demais. Pela segunda vez, o tiro da pistola de Andrew ecoou pela sala de exposição. O padre levou as mãos à cabeça. Tudo parecia perdido.

Faltava menos de vinte minutos para chegar ao local indicado pelo urso *Paddington*. O locutor da rádio anunciou a canção “Me and Mister Jones” na voz de Michael Bublé.

— Que coincidência! — exclamou o agente Kemp ao volante do carro. Era a primeira vez que ouvia aquela versão da música. Como em outras vozes, lembrou-se do amigo jornalista. David ligara duas vezes, mas seu chefe fora bem claro. Até terminar aquela missão, não poderia falar com o parceiro do *The Star*. Sentiu um aperto no peito e um nó na garganta. Era mau pressentimento. “Ele sempre me ajudou. Talvez eu o tenha ignorado no momento em que mais precisasse de mim”, pensou, aumentando o volume do som.

Ele se tornou agente da Scotland Yard por idealismo. Era a maneira que encontrara de lutar por uma sociedade melhor. “Existem muitos lobos disfarçados de homens. Eles precisam ser pegos e trancados em jaulas”, respondera, ao ser questionado por um veterano após a admissão. Alguns anos depois, marcou um encontro com o promissor jornalista do *The Guardian*, em um *pub* decadente. Investigara a vida de David. Não tivera dificuldade para reconhecê-lo assim que ele atravessou a porta da entrada, exatamente no horário combinado: vinte horas, e aproximara-se do balcão de madeira com uma bengala marcando os passos. Vestido com elegância, David destoava dos outros frequentadores: prostitutas maltratadas pela vida e homens mendigando companhia, de damas ou bebidas. Ele sentou-se em um banco alto e trocou palavras com o garçom.

— Prazer, Mister Jones — apresentou-se Kemp, estendendo a mão para cumprimentá-lo, no mesmo instante em que o garçom colocava, diante do jornalista, um copo de uísque.

— Suponho que seja um pseudônimo — retrucou David, apertando sua mão.

— Conhece a canção “Me and Mrs. Jones”? — indagou, sentando-se ao seu lado.

— Um clássico.

— Eu me sinto o marido traído, *sir* David Rowling — respondeu, pedindo ao garçom um uísque duplo.

— Como assim, Mister Jones?

— Entrei na corporação por idealismo. Fui ingênuo de acreditar que poderia ajudar a construir uma sociedade melhor para os meus filhos. Mas aquilo, *sir* Rowling, é um covil de lobos.

— Antes de mais nada, me chame de David. Como posso ajudá-lo? – perguntou, pegando o copo baixo e dando um gole na bebida. Franziu o cenho e voltou o uísque ao balcão.

— Eu vou ajudá-lo, *sir*... David. Eu vou ajudá-lo a mostrar a verdade. Esse é o seu trabalho, não? Mostrar a verdade às pessoas.

— A verdade nem sempre é desejável, Mister Jones. As pessoas preferem, muitas vezes, a mentira. Na minha profissão, também lido com... lobos.

— O que você achou do assassinato de sexta-feira passada, David?

— Você deve estar me perguntando isso porque leu o meu artigo. Estou certo?

— Li o artigo. Concordo e discordo de você – comentou Kemp, pegando um papel dobrado do bolso do casaco. Era o artigo assinado por David. – O assassino é um *serial killer*. Encontramos mais duas vítimas nas mesmas condições.

— Por que não divulgaram?

— A justificativa oficial é de que a imprensa pode atrapalhar as investigações e, conseqüentemente, a captura do criminoso.

— E a não oficial?

— Você deve saber que há duas versões para os crimes de Jack, O Estripador. A primeira é a simplista. Ele era um psicopata. A segunda é a de que ele cometia assassinatos ritualísticos obedecendo a ordens da maçonaria inglesa.

— Você está insinuando que...

— Estou afirmando que esse *serial killer* está seguindo ordens de uma organização poderosa, David. A justificativa para não divulgar os últimos crimes é que alguém da cúpula da Scotland Yard está acobertando tudo – entregou Mister Jones.

— Isso... Isso é terrível. As pessoas devem saber a verdade – retrucou o jornalista, tamborilando os dedos da mão direita sobre o balcão de madeira.

— Isso significa que você aceita ser meu cúmplice nessa história?

— Estou do seu lado. Me repasse todas as informações que tiver, em *off*.

— Devo preveni-lo dos riscos que você corre...

— Deveria ter feito isso no começo da nossa conversa. Agora já é tarde – interrompeu o jornalista.

O agente estacionou o carro diante dos imponentes portões de ferro. Holofotes iluminavam dois grifos ameaçadores nas colunas laterais e refletiam o dourado das lanças apontadas para o céu. Kemp notou duas câmeras de vigilância. Piscou o farol três vezes. Os portões se abriram automaticamente. Estava prestes a conhecer o informante X-721, um homem que, segundo o urso *Paddington*, transitava entre os dois mundos. Parou na entrada do castelo. Alguém estava à sua espera.

Deitado de bruços, ele ouvia os batimentos cardíacos repercutirem no chão. O segundo disparo o pegara de surpresa. “Esse filho da puta é louco. Ele vai matar todo mundo”, pensou, aterrorizado. Levantou a cabeça na direção de Andrew. O bastardo segurava o livro prateado em uma das mãos. Na outra, empunhava uma pistola. Com cuidado, passou a mão esquerda por trás do casaco. Tateou o coldre e segurou o cabo da arma. Conseguiu tirá-la e trazê-la para o lado. “Deixe que ele faça seu show na presença dos convidados”, instruíra o homem misterioso. E completara: “Junte-se aos convidados especiais. Eles saberão o que fazer”. “Acho que esse show já foi longe demais. Ele deve ter matado David. Se ele matar o padre, estou ferrado”, deduziu Michael, respirando fundo.

— Quer que eu mate mais alguém, padre? – indagou Andrew, fitando a expressão indignada de Pietro, com os olhos voltados para o corpo imóvel no chão.

— Você já tem o que quer, pode seguir seu caminho.

— Ainda não tenho tudo – retrucou, olhando na direção de David. O jornalista deixara cair a espada e observava a segunda vítima do bastardo, com o rosto parcialmente desfigurado pelo tiro no lado direito, pouco abaixo do olho. “Se eu não tivesse tentado reagir, esse maldito não teria matado a mulher”, sentiu o peso do remorso.

— O que mais você quer? – questionou o padre.

— Seu amigo se acha esperto demais para admitir uma derrota. Quero que tire o anel que está no seu dedo e coloque no meu – explicou Andrew. Pietro olhou para o dedo anular da mão direita do jornalista. O anel dourado reluzia.

— Isso não pertence a você – enfrentou David.

— Vamos ver quantas vidas isso vale? – desafiou-lhe, apontando a pistola para outra pessoa deitada no chão.

— Por favor, não faça isso – suplicou Pietro, aproximando-se do jornalista e ordenando. – Me dê sua mão!

David obedeceu. Enquanto sentia o anel roçar com força a pele, lembrou-se do que dissera seu pai ao colocá-lo: “Aceite este anel como prova de lealdade. Que ele seja uma ponte entre seus antepassados e seus descendentes. Ele deve permanecer em seu dedo até que seu primogênito se despeça de sua alma e enterre seu corpo. É o peso da árvore genealógica... Do seu sangue, filho”.

— Aqui está – resmungou o padre, estendendo o anel na direção do assassino. Andrew colocou o livro sob o mesmo braço que empunhava a pistola e levou a mão esquerda até ele.

— Coloque no meu dedo. Este é o maior sacramento que você vai realizar na sua merda de vida.

“Você está comprando sua passagem para o inferno, maldito”, Pietro retrucou em pensamento. Sentiu uma estocada na testa ao tocar na mão de Andrew. Tontura. “Meu Deus, não posso fraquejar agora. Me ajude”, suplicou, inserindo o anel no dedo anular do assassino. Teve a impressão de alguém sussurrar em seu ouvido: **“A verdade está sob o selo. O leão coroado reclama seu trono. Ele vem do Tronco de Jessé”**. Tentou fixar a vista. Uma névoa escura se afastava.

— Eu sei para onde ele vai – revelou o jornalista, abaixando-se para pegar a espada e escondendo a lâmina na bengala.

Na outra ponta da sala, Michael observou os passos apressados do Feiticeiro em direção à saída. Escondeu a arma na lateral do corpo. “Ouvi a voz das almas gêmeas. É melhor seguir a orientação do homem misterioso. Não posso arriscar a vida da minha família”, concluiu. Assim que Andrew deixou a sala, ele se levantou e guardou a pistola. Foi ao encontro dos dois com o cenho franzido e os olhos apertados. Os sobreviventes se levantaram e começaram a fazer ligações dos celulares.

— Você armou tudo isso, não? – exasperou-se David.

— O traidor. Encontrei o traidor – anunciou Pietro, olhando para o peito de Michael.

— Que traidor? – o inglês e o americano indagaram em uníssono.

— O traidor da Igreja Católica. O traidor da Confraria dos Quatro Anjos.

— Não temos tempo para isso agora, padre. Precisamos ir – exigiu David, tocando no ombro do italiano.

— Eles ameaçaram minha família. Estou nisso até o fim. E vou seguir vocês para qualquer lugar – informou Michael.

— Faça o que quiser. Vamos, padre – insistiu o jornalista, avançando para a saída.

Pietro estava ajoelhado diante da segunda vítima de Andrew. Mãos em prece. Olhos fechados.

— Santa Maria Madalena, eu vos suplico. Intercedei por Abby junto ao Pai para que Ele perdoe seus pecados e a receba no Paraíso. Amém – murmurou, levantando-se e seguindo David. Antes de deixar a sala de exposição, ouviu uma mulher falando ao telefone:

— O bastardo roubou a herança.

O castelo guardava muitos segredos. Havia poucas horas, Mister Jones conhecera boa parte deles. Sentado no sofá da ampla sala de estar, ao lado de uma lareira, o agente do SID aguardava a chegada do informante X-721. Aceitara um pequeno cálice de vinho do Porto oferecido pelo mordomo. Enquanto saboreava a doçura da bebida, seus olhos vasculhavam o ambiente. Estava nervoso. Partira para uma missão desconhecida. Seria guiado por um homem sem escrúpulos, que arruinara o próprio filho. E, em algum momento, receberia a ordem de um urso de pelúcia para matar alguém. As mãos suavam. Terminou o cálice. Teve a impressão de alguém se mover às suas costas. Virou-se. Continuava sozinho. Levantou-se e foi até a lareira. Sobre o parador, uma foto da família. O casal com seus dois filhos. Sorriu ao reconhecer David. “Ele parecia feliz. Não devia imaginar que seu pai...”, pensava, até ser surpreendido por uma voz grave:

— Boa-noite, sr. Kemp.

Coração aos saltos, virou-se rapidamente na direção do anfitrião. *Sir* Henry Rowling tinha a barba cerrada, aparada com precisão, e trazia um *trilby* castanho sobre a cabeça.

— Boa-noite, *sir* Rowling – respondeu o agente, estendendo a mão e avaliando discretamente o figurino do pai de David. Ele vestia um *covert coat* tradicional, castanho-claro ligeiramente mesclado, com a gola castanho-escura em veludo. Kemp sabia que aquele estilo de sobretudo fora originalmente criado para os adeptos da caça e da equitação. Um de seus diferenciais era um bolso interno para guardar munição, na altura da coxa esquerda, e, bem ali, notou uma saliência.

— Você gosta de caçar, sr. Kemp? – indagou *sir* Rowling.

— Depende do quê – rebateu o policial, observando as botas *jodpur* sujas de terra.

— Costumo caçar raposas. Mas você está atrás de um lobo, não? – insistiu *sir* Rowling, com um sorriso no rosto.

— O que quer dizer com isso? – rebateu o agente, perturbado com aquela afirmação.

— Que o lobo que você procura está prestes a entrar na toca – revelou, com uma expressão séria no rosto. – Mas, antes de pegá-lo, vamos nos preparar. Me acompanhe, por favor.

Atravessaram a sala de estar e chegaram à de armas. Das paredes laterais pendiam espadas, escudos e cabeças de animais.

— Eu tenho uma dívida com você, sr. Kemp – prosseguiu *sir* Rowling, enquanto

avançavam para o salão de chá.

— Que dívida?

— Você foi o único que ficou do lado de David.

— Eu só estava fazendo o que era certo, *sir* Rowling. Você não me deve nada.

Seu anfitrião parou de andar e virou-se para ele, encarando-o com olhos faiscantes.

— Você acha que eu traí meu filho?

— Não estou aqui para...

— Sem rodeios, sr. Kemp. Responda minha pergunta!

— Sim. Isso é público. Você renegou David e doou a parte que lhe cabia na herança.

— Vejo que você não fez direito seu dever de casa, sr. Kemp. Eu protegi meu filho de lobos que não usam dentes nem garras, como *sir* Cotton, e me tornei informante do SID para desmascarar esses canalhas! Fui eu quem pedi sua transferência de departamento. E hoje, você vai receber a recompensa por ter ajudado meu filho – revelou o pai de David.

— Esses canalhas, *sir* Rowling, se reuniam em sua casa – disparou o agente.

— Estamos a poucos metros da sala de jogos. Você gosta de *bridge*? – esquivou-se o anfitrião.

O retrovisor refletia o carro de Michael. Ao seu lado, o padre murmurava algumas palavras. Talvez uma prece, embalada por *A Arte da Fuga – Contrapunctus XIII*, de Bach. O formigamento na têmpora direita de David intensificara-se desde que iniciara o trajeto até Upper Slaughter. Apostava que Andrew estava indo para lá, embora evitasse pensar nos motivos que o levaram a essa conclusão.

— Amém – disse Pietro, aumentando a voz e encerrando a oração.

O jornalista fingiu não perceber. Não se sentia bem para conversar com ele.

— Para onde vamos, David?

Ele respirou fundo antes de responder:

— Para Upper Slaughter. Não é distante de Londres.

— É uma cidade?

— É onde meus pais têm... uma casa de campo. E costumam passar os fins de semana.

— Vamos visitar seus pais, David? Pensei que estivéssemos atrás daquele... Daquele maldito.

— Você lembra quando me mostrou a assinatura de Ave na base da estátua e as pessoas começaram a se aproximar, pouco antes de Andrew aparecer?

— Claro.

— O que você disse, padre?

— Senti que todos eles estavam possuídos. Como estou proibido de realizar qualquer atividade sacerdotal e, portanto, impedido de fazer exorcismos, apelei para a oração a São Miguel Arcanjo do papa Leão XIII. E deve ter funcionado, porque Andrew chegou e a névoa escura... Enfim...

— Que névoa escura, padre?

— Algo pairava sobre aquelas pessoas, David. Talvez fosse uma legião de demônios, ou um só, muito poderoso.

— Samyaza, talvez... – insinuou o jornalista.

— Provavelmente. Ele é o maior interessado naquele livro maldito e no Apocalipse Negro. Por isso, precisamos deter Andrew. Ele já era perigoso sozinho. Imagine agora.

— Quando você fazia aquela espécie de exorcismo coletivo...

— Não era exorcismo coletivo – corrigiu o padre.

— Não importa. Eu me lembrei de algo que estava soterrado na minha memória e, às vezes, tentava escapar em sonhos, como o último que tive.

— E isotem a ver com Upper Slaughter? – adiantou-se Pietro.

— Foi lá que conheci Andrew, aos sete anos. Certo dia, ele dormiu na cama ao lado. Acordei sozinho na manhã seguinte. Meus pais me disseram que seu pai, que descobrimos ser *sir* Alexander Cotton, tinha ido buscá-lo. Desde então, nunca mais o vi.

— E por que você acha que ele voltou para a casa de passeio do amigo de infância?

— Porque naquela noite tive um pesadelo com Andrew. Na verdade, meu pai me convenceu de que foi um pesadelo. Estou quase certo de que menti para mim... Mais uma vez – respondeu, com a voz distante.

— O que aconteceu, David? – indagou Pietro, girando o corpo na sua direção.

— Acordei assustado e olhei o relógio. Eram quatro da manhã e Andrew não estava lá. Acho que o ouvi pedindo socorro. Mas não tenho certeza. Peguei a raquete de tênis, saí de casa e fui até o labirinto...

— Que labirinto?

— Um labirinto nos jardins da propriedade. Meu pai nunca me deixou entrar lá. Dizia que era perigoso e, se eu me perdesse, podia ser atacado por lobos. Em nossa última conversa, ele confirmou isso, e disse que, no centro, existe apenas uma velha cabana. Mas não foi isso o que descobri naquela noite.

O homem do SID sentara-se em uma mesa do lado direito do bar de destilados e charutos. Enquanto seu anfitrião servia dois copos de uísque, ele observava uma das tapeçarias que ornamentavam as paredes do cômodo. Um homem velho, empunhando uma espada, protegia a jovem de um monstro grotesco. “Será que os demônios que o *Paddington* disse que eu conheceria se parecem com esse aí?”, pensou.

— Aceita um charuto, sr. Kemp? – indagou *sir* Rowling, mexendo no umidificador.

— Não. Obrigado.

— Você gosta de Shakespeare? – prosseguiu o anfitrião, aproximando-se com dois copos.

— Muito pouco – respondeu o agente, observando-o voltar ao bar e apanhar acessórios para o ritual do charuto.

— Essa tapeçaria é uma cena da peça *A Tempestade*. Dizem que ela foi escrita por encomenda de *sir* Robert Bruce Cotton – explicou *sir* Rowling, sentando-se e aspirando os aromas da capa de um Romeu & Julieta antes de prosseguir. – Esse é um prazer que compartilho com *sir* Winston Churchill. Este era seu charuto preferido. Por isso, sua fábrica, em Havana, batizou-o de Churchill – explicou, pegando uma pequena guilhotina de duas lâminas e cortando a extremidade fechada.

— Conheço Churchill e conheço Shakespeare, embora nunca tenha lido nada. Mas confesso que não sei quem é Robert Bruce Cotton – revelou o agente. – Se tivesse que deduzir algo, diria que foi um antepassado de *sir* Alexander Cotton.

— Você está certo. Esse antepassado de *sir* Cotton iniciou uma história que te trouxe até aqui, hoje – comentou o pai de David, colocando o charuto na boca e acendendo-o com um longo fósforo de cedro rosa.

— Ele criou essa seita satânica, da qual Andrew faz parte?

— Vejo que escolhi bem. Você é muito perspicaz – respondeu *sir* Rowling, dando baforadas no charuto até que a extremidade oposta estivesse inteiramente em brasa. – *Sir* Robert Bruce Cotton seguiu instruções deixadas por John Dee e criou uma sociedade secreta poderosa.

— Que comandou os assassinatos em série – afirmou Kemp, dando um gole no uísque.

— Eles sempre estiveram nos bastidores do poder, derrubaram reis, fizeram guerras, exploraram povos, dominaram a economia mundial – prosseguiu *sir* Rowling, encarando o agente, com o cenho franzido.

— Qual é o objetivo?

— Esperava uma pergunta mais direta, sr. Kemp – respondeu, tragando o charuto.

– Essas pessoas eram, e são, movidas por uma fé bastante particular. Elas adoram Lúcifer...

— O diabo?

— Elas dizem que o diabo é uma caricatura cristã. Elas veem Lúcifer como Deus e acreditam que ele vencerá... a batalha final – explicou *sir* Rowling, apoiando o charuto no cinzeiro e tomando um gole do destilado.

— Isso é tão... tão estúpido – comentou Kemp, encarando-o. – Você é um deles?

— Não da maneira que você está imaginando. Quando meu pai faleceu e o testamento foi aberto, este castelo causou surpresa entre os descendentes. Eu deveria recebê-lo, mas, para que isso acontecesse, precisava respeitar uma das cláusulas: deixar que os membros dessa sociedade secreta tivessem acesso ao jardim, mais especificamente, ao labirinto – revelou *sir* Rowling.

— Por quê? O que eles fazem lá?

— Essa é uma pergunta que não posso responder. Mas se você tivesse lido o dossiê sobre mim, saberia que esse castelo foi comprado por *sir* Robert Bruce Cotton, o antepassado de *sir* Alexander Cotton. Depois de algumas reformas, ele o entregou ao duque Arthur Rowling.

— Seu antepassado?

— Ele se tornou o primeiro guardião deste lugar. Li seu diário. Ele deveria deixar que se reunissem no labirinto. Mas nunca presenciou nada. Essa missão teria que passar de geração em geração pelos primogênitos.

— O próximo seria David?

— Sim. Mas, como você já deve ter percebido, quero romper com essa herança maldita – respondeu-lhe, colocando o charuto na boca e desaparecendo atrás de uma cortina densa de fumaça.

— Por que não fez isso antes?

— Porque estava sendo chantageado por *sir* Cotton. Foi justamente por isso que me tornei informante do SID e é por isso que você está aqui agora. Apenas peço que confie em mim – pediu *sir* Rowling, tomando um gole de uísque. – Mais em mim do que em sua corporação.

A hesitação inicial e o receio em defrontar-se com seus medos mais viscerais cederam a uma torrente de recordações. O relato, inicialmente tímido, transformou-se em uma avalanche de palavras. O jornalista parecia querer arrancar tudo de dentro de si. Mas, em vez de alívio, a angústia se apossava de seu coração a cada quilômetro.

— Eu estava com medo... Muito medo de ser atacado por algum monstro. Mas precisava salvar o meu amigo... Não sei como ele se transformou nesse assassino. Consegui chegar ao centro do labirinto. Velas. Muitas velas pretas no chão, em volta de uma pequena cabana – contava David.

“O círculo representa o céu, o lugar que Deus habita. As velas pretas são sinais de presença demoníaca. Um círculo de velas pretas é a profanação da casa de Deus. Não tem como uma criança de sete anos criar isso. Só prova que ele não sonhou, nem fantasiou”, concluiu Pietro, não querendo interromper a narração espontânea do jornalista.

— Peguei uma das velas e iluminei o portão de ferro. Acho que vi o mesmo símbolo que Andrew cortou na testa de Fernanda Albuquerque e que os convidados usavam no museu... Ouvi vozes. Elas pareciam vir das profundezas da Terra...

“Do inferno”, o padre completou em pensamento.

— Cheguei mais perto da entrada e iluminei dentro da cabana... Uma escada de pedra descia em espiral... As vozes estavam cada vez mais altas... Precisava ajudar Andrew... Desci até lá... Eles usavam máscaras, como aquela que vi nessa mesma estrada no dia em que fui encontrar meu pai... Negra, com chifres retorcidos, olhos repuxados, maçãs do rosto salientes. Também usavam capas... Fiquei com medo... Pareciam demônios, padre... E carregavam no pescoço a mesma marca... No meio deles, percebi que havia uma mesa, com um pequeno caixão... Era Andrew, e estava morto.

“Um ritual de iniciação diabólico. O batismo negro. Em vez de renascer para Deus, ele morreu para Deus e nasceu nas trevas”, pensou Pietro.

— Tentei chegar mais perto... Alguém tapou os meus olhos... E me tirou de lá... Quando acordei, estava na minha cama, sozinho no quarto. Meu pai mentiu para mim, padre. No centro do labirinto não existe uma velha cabana.

— É a entrada para um templo subterrâneo – o italiano deixou escapar.

— Onde a seita se reúne – completou David.

— Para rituais satânicos. Agora entendo por que estamos indo para lá.

— Tive a impressão de que os monstros eram as mesmas pessoas que

encontramos na exposição. Elas olhavam para mim como se me conhecessem. Isso significa que... – o jornalista interrompeu a fala. Os olhos perdidos no horizonte escuro da estrada.

— Significa que seu pai é um deles, David! – disparou Pietro.

— Talvez essa seja a verdade em que eu nunca quis acreditar, padre – desabafou, com a voz embargada.

— As pessoas costumam enganar a si mesmas quando não estão preparadas para encontrar a verdade. Mas precisa encará-la agora. Não sabemos o que vamos encontrar daqui a pouco.

— Há alguns anos, padre, sofri um acidente nessa estrada. Eu voltava de Upper Slaughter com minha namorada. Fazíamos planos para o casamento... – recordava David, com a voz distante e o olhar perdido no passado. – Meu pai não gostava de Susan... Ele reprovava nosso relacionamento... Talvez ele tenha provocado o acidente... – deduzia, com as mãos trêmulas agarrando-se ao volante.

— Como assim?

— Eu capotei o carro tentando desviar de um demônio, padre. Ele usava uma máscara com chifres retorcidos, olhos repuxados para cima, maçãs salientes e uma capa negra esvoaçante. Exatamente como as pessoas que rodeavam Andrew no porão da cabana – respondeu-lhe, estacionando o carro no acostamento.

— Meu Deus! – exclamou Pietro. – Você precisa ser forte, David. Temos que pegar Andrew antes que seja tarde demais.

— Meu pai matou Susan, padre – balbuciou o jornalista, tentando conter as lágrimas que queriam se atirar de seus olhos.

— Tudo vai terminar bem – o italiano tentou consolá-lo, colocando a mão sobre seu ombro. “Talvez isso explique por que Andrew quis o anel”, concluiu Pietro, observando duas luzes se aproximarem. E pararem. Era Michael estacionando atrás deles.

A fumaça encobria o rosto de *sir* Henry Rowling como uma máscara em constante mutação. Kemp tomou o último gole do uísque e tentou encarar seus olhos. Teve a impressão de ver dois chifres etéreos desfazendo-se poucos segundos após a última baforada. Percebeu traços de preocupação em seu rosto. Sentiu um aperto no peito. Estava encurralado. Precisava fazer uma escolha e não estava disposto a arriscar sua carreira.

— Você quer dizer que devo ignorar as ordens do meu chefe? – insinuou Kemp.

— Nesta missão, sim.

— E por que eu deveria fazer isso, *sir* Rowling?

— Pelo mesmo motivo que passou por cima de sua lealdade à Scotland Yard para colaborar com meu filho.

— A história era outra – esquivou-se o agente, desviando o olhar para a tapeçaria de *Romeu e Julieta*.

— A história é a mesma. E sua corporação também é a mesma, um ninho de serpentes venenosas. Não pense que seu ex-chefe estava bem-intencionado quando te enviou para investigar o assassinato da modelo brasileira – rebateu *sir* Rowling, aproximando o rosto de seu interlocutor.

— O que você sabe sobre isso? – surpreendeu-se Kemp, virando-se novamente na sua direção.

— Você esqueceu que transito entre dois mundos? E, se faço isso, consigo enxergar melhor do que você? – retrucou o anfitrião, dando outra baforada no charuto.

— Você acha que meu atual chefe também não estava bem-intencionado quando me mandou para cá?

— Posso afirmar que seu chefe e eu temos um interesse em comum: sua presença aqui. O problema é o seguinte: não sei se ele está limpo ou se foi cooptado por eles, como o agente Wensley.

— Qual é a minha garantia de que você não está me manipulando?

— Quer melhor garantia do que a minha palavra, sr. Kemp? Daqui a pouco tempo, provavelmente, você estará diante de uma encruzilhada. Se eles descobriram meus planos, e não duvido que isso já tenha acontecido, tentarão me atingir por seu intermédio. Só peço que use o bom senso e faça a escolha certa. Neste meio, Mister Jones, não há tempo para arrependimento. Nem perdão.

Um sinal sonoro desviou a atenção de *sir* Rowling para o bolso da calça. Apanhou o celular. *O bastardo está na propriedade*, delatava a mensagem de texto. Em

silêncio, deu a última baforada em seu charuto e o repousou em uma das laterais do largo cinzeiro sobre a mesa. Olhou para o agente, levantou-se da mesa e disse:

— Morrer com honra, sr. Kemp.

— O quê? – indagou assustado, imitando seu gesto.

— O charuto jamais deve ser apagado. O certo é deixá-lo queimar sozinho até o fim. Para ele, isso é “morrer com honra” – explicou, encostando a cadeira na mesa.

— Para onde vamos?

— Andrew acaba de chegar.

— Ele está aqui?

— Está indo até o templo subterrâneo, no centro do labirinto – revelou *sir* Rowling.

— Onde fica? – adiantou-se o agente.

— Há uma única vantagem em ser o guardião deste lugar, sr. Kemp: conheço os seus segredos – respondeu, avançando até o bar.

Abriu uma pequena porta de madeira e fez um gesto com a cabeça para que seu convidado o seguisse. O espaço atrás do balcão era suficiente para que duas pessoas se movimentassem sem dificuldade. O espelho na parede refletia dezenas de garrafas de destilado. Entre elas, o agente da Scotland Yard enxergou seu reflexo. Estava visivelmente apreensivo. *Sir* Rowling abaixou-se e retirou as garrafas de licor da prateleira mais baixa, colocando-as sob a bancada de mármore.

— Me ajude aqui – solicitou a Kemp, que se agachou ao seu lado. – Há duas pequenas travas nas extremidades superiores. Devemos pressioná-las ao mesmo tempo.

— Tudo bem – concordou o agente, passando a mão direita por baixo da prateleira de madeira e sentindo a saliência. – Quando quiser, diga ok.

— Ok.

Kemp ouviu um ruído e sentiu uma pequena vibração. Algo parecia ter se deslocado atrás da parede. Ao seu lado, *sir* Rowling apoiava as duas mãos na placa de metal. Moveu-a para baixo suavemente, revelando quatro pequenas alavancas viradas para a direita. Com facilidade, girou-as no sentido contrário.

“Ele deve usar esse caminho com frequência”, deduziu o agente.

— Precisamos sair do bar agora – orientou o anfitrião, acompanhando-o até o lado de fora. Em seguida, abaixou-se e puxou o tapete que cobria o assoalho da área interna. Duas reentrâncias surgiram próximas à portinhola. *Sir* Rowling encaixou as mãos, apoiou o joelho direito no chão e fez força para cima. A madeira rangeu. Sob o olhar perplexo do homem do SID, o chão do bar se levantou. Era uma passagem secreta.

— Preciso fazer isso sempre que quero beber vinho, sr. Kemp – brincou o guardião do castelo, avançando para os degraus escuros da escada. – Por isso,

prefiro os destilados. David não herdou meu gosto por bebidas.

Três batidas secas no vidro assustaram o motorista. Ele olhou através da janela, esperando encontrar o mesmo demônio que o surpreendera no dia do acidente de Susan e também na manhã em que se reconciliara com o pai. Era Michael.

— O que aconteceu? – disparou o americano, assim que David abriu a janela.

— Você sabe para onde nós estamos indo, não? – insinuou o jornalista. – Está na hora de abrir o jogo, Michael.

— Se eu soubesse para onde aquele psicopata foi, não estaria aqui batendo papo com você.

— Se vocês sabiam onde estava o livro, por que armaram tudo isso?

— Não sei do que você está falando – respondeu Michael, virando-se para Pietro. – Que tal convencê-lo a seguir adiante? Você também quer colocar as mãos nele, não?

O padre balançou a cabeça afirmativamente. David deu a partida no carro e pisou no acelerador. O americano voltou para o carro a passos largos.

— Não estou preocupado com Michael. Acho que ele estava dizendo a verdade – disse David, acelerando. – E acho que você está certo: nesse momento, preciso me ater à razão.

— Fico satisfeito com sua decisão. A propósito: Michael falou a verdade sobre o quê?

— Lembra-se da teoria sobre as duas facções brigando para assumir o comando dessa maldita seita?

— Sim, a americana e a inglesa – confirmou Pietro.

— Há alguns minutos, eu pensava que Andrew tinha traído seus pares. Mas estou enganado.

— Ele assassinou duas pessoas no museu. Suponho que o homem também fosse inglês. Não é um forte indício de traição?

— Michael era o curador da exposição. Isso significa, padre, que ela foi organizada pela facção americana, provavelmente com o objetivo de mostrar supremacia. Se Andrew não tivesse estragado a festa, talvez os ingleses elegessem como novo mestre o dono do *Livro das Folhas Prateadas*.

— Um americano...

— Sim, um americano. O fato de Michael estar nos seguindo, atrás de Andrew, prova que a exposição não saiu conforme os planos do seu chefe.

— O que acha que Andrew vai fazer?

— Ele é um louco psicopata. Talvez queira usar esse livro... Não sei como.

Talvez esteja querendo provar algo a alguém...

— A seu pai? – indagou o padre, fitando o rosto perturbado do jornalista.

— Infelizmente, acho que sim – respondeu David, com voz embargada. Pigarreou para fazê-la voltar ao normal. – Ele roubou o anel tradicional da minha família. Não fez isso por acaso.

— O que acha que seu pai está fazendo?

— O que ele sabe fazer melhor: dando um golpe – desabafou David, raiva na voz e no rosto.

— Bem, se você estiver certo, estamos indo ao encontro de Andrew. Qual é o nosso plano?

— Vamos pegar o livro. E desmascarar meu pai.

— Mesmo seu pai sendo um membro da confraria negra, suponho que não lhe fará nenhum mal. E quanto a Andrew? Ele é perigoso.

— Vamos deixar que Michael cuide dele – respondeu David.

— Michael? Ele também deve estar atrás do livro. Não podemos deixar que o pegue – preocupou-se Pietro.

— Tentei pedir ajuda a Mister Jones, padre. Mas ele não atende minhas ligações. Acho que teremos que contar com a proteção divina – insinuou o jornalista, mirando o retrovisor. O carro de Michael se aproximava.

O símbolo da ordem estava chapado no portão de ferro. Andrew o iluminou com a lanterna. Sorriu. Retirou a mochila das costas. Abriu o zíper e pegou uma caixa de velas negras. Com o isqueiro prateado que carregava no bolso do casaco, acendeu uma a uma, fixando-as em marcas metálicas no chão e formando um círculo luminoso ao redor da cabana. Voltou a mochila às costas e puxou o portão. O metal rangeu. Estava aberto. “Ele deve ter preparado uma armadilha. Mas, agora, Samyaza está do meu lado. Sou mais forte”, disse para si, descendo os degraus de pedra. Mergulhou na escuridão do templo subterrâneo. O coração disparou. Demônios emergiram de suas lembranças. Eles se aproximavam. Eram ameaçadores. Pernas bambas. Apanhou um *spray* do bolso do casaco e embebeu, com fluido de isqueiro, a estopa do archote pendurado à esquerda da entrada. Fez o mesmo com o archote do lado oposto e os incendiou. Respirou fundo. Não se lembrava do chão imitando um tabuleiro de xadrez. A primeira sala estava vazia. Ao fundo, havia duas entradas, sem portas. Empunhando um archote, foi para o lado esquerdo e chegou a uma sala. Exatamente no centro, uma mesa medindo quase um metro de altura sobre um tapete de seda vermelho, de aproximadamente dois metros quadrados. A toalha de linho branco sobre o tampo de quase um metro quadrado tocava o chão. Dois castiçais com círios erguiam-se em duas pontas. Entre eles, uma moldura dourada circular, encimada pela cruz, exibia um cristal. “A pedra sagrada”, observou Andrew, com um sorriso no rosto. Três espelhos de prata polida ornamentavam a parede oposta. À sua direita, uma pequena entrada para a câmara ao lado. Ele se aproximou da mesa. Baixou a mochila e o archote ao chão. Pegou uma das pontas do linho branco e o levantou, revelando um pedaço do tampo. Letras enoquianas ornamentavam a borda. “A Mesa da Prática que desapareceu misteriosamente”, concluiu, soltando o tecido. Respirou fundo. Trazia um sorriso contemplativo no rosto. Estudara a fundo aquele objeto. Era capaz de decifrar os nomes dos Reis e Príncipes do mundo espiritual, codificados na madeira de loureiro. Mas apenas um nome o interessava naquele momento: Samyaza. Acendeu os círios com o isqueiro. Tirou da mochila um objeto envolto em veludo negro. Desenrolou o *Sigillum Dei* e o colocou sobre a mesa. Em seguida, pegou o espelho negro e o apoiou sobre a peça de cera. Um vento gelado soprou em seu rosto. Para completar, faltava apenas um objeto: o *Livro das Folhas Prateadas*. “Não seja um fraco, Andrew”, alguém parecia soprar aquelas palavras em seu ouvido.

— Não sou um fraco, pai – respondeu, apanhando o livro prateado na mochila e repousando-o diante dos outros objetos, próximo ao cristal. Sentiu o vento gelado

envolver seu corpo. Fechou os olhos e inspirou profundamente. “Tinha um diabo do lado da minha cama, papai! Estamos fugindo dele? Precisamos salvar David”, dissera aquilo aos sete anos, enquanto caminhava pelos corredores escuros em direção àquele lugar. Lembrou-se dele e cerrou os punhos.

— Sou melhor do que David! – respondeu em voz alta.

“Não tenha medo dos demônios, Andrew. Estamos descendo ao inferno e você vai ter que enfrentá-los. Se não fizer isso, vai morrer”, seu pai o ameaçara.

— Eu venci todos eles.

“Papai, não me leve até lá, por favor. Quero voltar para o quarto”, suplicara com lágrimas nos olhos, agarrando-se às calças do homem que o conduzia.

“Se você me envergonhar, acabo com você. Está me entendendo? Um filho covarde não vale nada!”, seu pai gritara, apertando seu braço com força e fuzilando-o com os olhos.

— Desgraçado! – berrou Andrew, apertando as pálpebras. Lágrimas escorreram pelo rosto.

Percorrera calado os metros que faltavam até o “inferno”. Prendera o grito de pavor na garganta ao ver dezenas de demônios. Ao fundo, algumas velas vermelhas rodeavam um pequeno caixão elevado sobre a mesa. Uma das criaturas infernais aproximara-se dele, empunhando uma espada. A ponta da lâmina voltada na direção de seu pescoço.

“Quem é você, intruso?”, perguntara-lhe, o metal frio tocando sua pele. Coração aos saltos. Precisava vencê-los. Estendeu a mão para o lado, procurando a segurança de seu pai. Vazio.

— Sou o filho de Samyaza! – bradou. Aquelas palavras ecoaram na sala vazia.

“Você é um maldito bastardo. Seu sangue é sujo”, dissera-lhe aquela voz grave e abafada.

— Eu tenho o sangue sagrado!

“Você é o excremento do seu pai. A vergonha da sua casa”, revelara outro “demônio”, que se aproximara e ficara ao lado do primeiro.

— Sou o verdadeiro herdeiro – balbuciou, com os lábios trêmulos.

“Seu destino é vagar pelas sombras. Você preparará o caminho para o filho de Deus”. Outro “demônio” chegara mais perto.

“Morrerá para o mundo dos homens”, informara uma voz feminina.

“E renascerá como um soldado de Samyaza”, completara outra mulher.

— Vocês estavam errados. Não sou um soldado. Sou o príncipe. Está na hora de cumprir o que meu pai prometeu – anunciou, abrindo os olhos e dissipando as lembranças.

Raios iluminaram a pequena sala, mergulhada na penumbra. Eram disparados do espelho negro em direção aos outros três, pendurados na parede oposta à entrada.

Uma gargalhada ecoou pelo templo subterrâneo.

Os portões da propriedade em Upper Slaughter estavam abertos. David entrou com seu carro e estacionou diante da mansão. Michael parou logo atrás. Os três homens saíram ao mesmo tempo. Pietro e o americano encararam David, à espera de alguma iniciativa. O jornalista segurou com força sua bengala.

— Eu estava certo. Ele está aqui – informou, apontando para o carro estacionado poucos metros adiante.

— Para onde vamos? – adiantou-se Michael.

— Temos que chegar ao centro do labirinto. Fica a poucos metros daqui – revelou o jornalista, colocando-se a caminho. Os dois seguiram-no, margeando a imponente construção.

— Escute aqui, Michael – disse Pietro. – Não sei qual é seu interesse nessa história. Só quero esclarecer que, assim que encontrarmos Andrew, o livro é nosso.

— Não estou interessado nisso – retrucou o americano.

— Mas seu chefe está – disparou o padre.

A luz amarelada de alguns postes iluminava o chão de terra batida ladeado por carvalhos. David seguia a menos de um metro dos dois. Coração disparado. Respiração entrecortada. Formigamento na têmpora direita. Para compensar a fraqueza nas pernas, apoiava-se com firmeza na bengala. Mão escorregadia de suor. “Socorro, David. Me ajude”, a voz infantil de Andrew sobressaiu-se em suas lembranças quando chegou ao jardim. Por um momento, teve a estranha sensação de voltar no tempo. Levantou a bengala, como se fosse uma raquete de tênis prestes a desferir golpes nos monstros que encontrasse pelo caminho. Ou nos lobos que o pai criara para impedi-lo de chegar ao centro do labirinto. Passadas largas. Pisava nos mesmos lugares. Sentiu o suor escorrendo nas costas, a camisa colada ao corpo. “Preciso chegar até lá”, repetiu mentalmente. O barulho da cascata d’água o tirou do transe. Diminuiu a velocidade ao passar diante da estátua-fonte. Fazia pouco tempo que estivera naquele lugar, recebendo o anel de seu pai. Parecia que ele estava ali agora, e sussurrava-lhe as mesmas palavras: “Que a deusa Diana e sua corça sejam testemunhas desse momento. Você pode perder os bens materiais, mas sua história pessoal não pode ser roubada de você, nem corroída pelo tempo. Ela é a sua verdadeira herança, David”.

Voltou a bengala ao chão. Precisava dela para continuar a caminhada. Olhou por cima dos ombros. Michael o seguia. Pietro estava parado a cinco metros, com o rosto levantado em direção ao labirinto.

— O que aconteceu, padre? Precisamos ir! – impacientou-se David.

O italiano continuou parado. O jornalista girou sobre o calcanhar, passou por Michael e foi até ele.

— O que aconteceu?

— O sinal – respondeu Pietro, atônito, apontando para o céu.

— Que sinal, padre? – indagou David, olhando na direção indicada por ele.

A luz avermelhada da lua atravessava falhas da massa densa de nuvens escuras. Reconheceu o desenho de um dragão com sete cabeças e uma longa cauda.

— O dragão do Apocalipse – murmurou, surpreso.

— Acho que Andrew já abriu o livro, David – lamentou Pietro, com os olhos arregalados.

— Só tem um jeito de descobrir isso. Precisamos chegar até lá. Vamos – retrucou o jornalista, retomando a caminhada. Em menos de cinco minutos, já estavam no limite do jardim. A menos de cem metros, avistaram o labirinto, com a entrada iluminada por um pequeno poste. Um calafrio percorreu o corpo do jornalista. Teve a sensação de que vários olhos observavam-no. Parou.

— O que foi, David? – cobrou Pietro.

— Estou com medo, padre. Estou com muito medo – confidenciou em voz baixa, para evitar que Michael o ouvisse.

— O que foi? – o americano quis saber, colocando a mão direita por baixo do paletó e trazendo à tona uma pistola.

— O que é isso? – berrou Pietro.

— Vamos enfrentar um psicopata, não? Precisamos nos defender. Onde ele está, David?

— Meu Deus, nos enviastes para essa missão sagrada. Que Vossos anjos nos protejam das armadilhas do demônio – rezou o padre. – Vamos David, Ele nos protegerá – garantiu, segurando no braço esquerdo do jornalista e avançando.

Com as pernas trêmulas, David o obedeceu. “O medo transforma animais selvagens em bestas sanguinárias. Volte ao bosque e mostre que não é mais um garoto medroso. Você deve merecer o prêmio.” Um homem parecido com John Dee lhe dissera aquelas palavras em um sonho e parecia soprá-las em seu ouvido naquele momento. Um raio desceu das nuvens escuras e caiu no centro do labirinto. Os três homens pararam à sua entrada, estarrecidos.

A adega subterrânea guardava centenas de garrafas de vinho. Para alguém que não fosse um *connoisseur*, seria difícil garimpar um rótulo específico. O nome estava em um papel no bolso de sua calça: Pétrus 1947. “Quero que você tome o melhor vinho de sua vida”, dissera-lhe David na primeira vez em que saíram para jantar. “Prefiro tomá-lo em outra ocasião”, ela retrucara. “Me avise quando esse momento chegar”, pedira o jornalista. Mary sorriu ao lembrar-se daquele momento no Gordon Ramsay Restaurant.

— O momento chegou, David – a voz de Mary deixou um rastro na umidade lúgubre. Jessica lhe fizera companhia por duas horas e deixara a mansão de David há menos de uma. “Esqueça que é a líder do *coven* e me veja como sua amiga. Se você ficar pensando na morte da Fernanda, vai pirar”, aconselhara a inglesa. “O que acha que devo fazer?”, indagara Mary. “Algo que te traga alegria, que te faça feliz”, respondera Jessica.

— O que me traz alegria... Fazer uma festinha surpresa para David. Os vinhos estão separados por país, região, sub-região e safra – concluiu, ao ver bandeiras, nomes e datas dividindo prateleiras. – Tenho: França, Bordeaux, Pomerol, 1947.

Encontrou uma escada encostada ao lado dos vinhos italianos e a levou até a região francesa. Subiu três degraus até alcançar os rótulos Pétrus. Com cuidado, puxou uma garrafa da ampla colmeia. Passou a mão sobre o rótulo para remover a fina camada de pó.

— Excelente escolha. Me sinto honrada por isso. Muito honrada – comentou consigo mesma, descendo.

Repousou a garrafa sobre uma mesa redonda de madeira escura e voltou a escada portátil à posição original. Apanhou a garrafa com a mão direita e subiu os degraus em espiral que conduziam à sala de estar. Alguém tocou a campainha.

— Estou na casa de David, não posso atender. A menos que Jessica tenha esquecido algo e voltado para buscar... É melhor checar – concluiu, apressando-se para atender a porta. Mirou através do olho mágico. Um homem negro, alto e forte, trajando sobretudo cinza-escuro e botas de cano alto, carregava um buquê de rosas vermelhas. “Estou tentando surpreender o David, mas acho que ele levou vantagem”, deduziu, abrindo um largo sorriso enquanto destrancava a porta.

— Flores para Mary – anunciou o homem, estendendo-lhe o buquê.

— Sou eu mesma – respondeu a americana, sorrindo e pegando as flores.

— Guardei o cartão para não correr o risco de perdê-lo no transporte – revelou o entregador, retirando um envelope do bolso do sobretudo. – Meu chefe não me

perdoaria nunca – completou, estendendo-lhe a mensagem.

Não havia nada escrito no envelope, lacrado com cera vermelha. O sorriso no rosto de Mary desapareceu assim que viu o desenho gravado com sinete. Bateu a porta com força. Correu para o quarto e se trancou. Atirou o buquê na cama e sentou-se no chão. Ficou em silêncio por alguns minutos, envelope à mão, fitando a abelha em revelô. Quebrou o lacre.

A mensagem fora escrita em papel creme, caligrafia artística, cor sépia:

Querida Mary, desde o dia em que lhe revelei minha melhor mágica, seu coração está comigo. E eu consigo enxergar por meio dele. Sinto o quanto tem me odiado nos últimos anos. Mas eu precisava me retirar de cena por um tempo. Chegou a hora de você me conhecer como nunca ninguém me conheceu. O nosso encontro já está marcado. Não me deixe esperar mais tempo. Com amor, Sammy.

— Esta noite, tenho um encontro – retrucou Mary, pegando o buquê e a carta e indo à suíte. Queimou a mensagem na pia e ligou a torneira para limpar as cinzas. Retirou uma rosa do buquê e jogou o resto no lixo.

— Obrigada pela rosa, Sammy. Vai deixar minha noite mais romântica – completou, voltando à sala para pegar a garrafa de vinho e as taças. Precisava preparar tudo antes que David chegasse da exposição.

A câmara escura era iluminada por raios disparados na sala ao lado. Um estrondo fez Kemp sacar a pistola. *Sir* Henry Rowling acenou negativamente. Não era hora de agir. O agente guardou a arma e pegou o celular. Nem sinal do urso *Paddington*. Com cautela, o pai de David também tirou o celular do bolso. Silenciosamente, ele acusava uma mensagem: *Filho, padre e anjo da guarda estão na primeira entrada*. Uma luz mais forte entrou pela porta. Palavras em uma língua desconhecida. “O que está acontecendo ali?”, Kemp perguntou ao anfitrião, apenas movendo os lábios.

— Ele está invocando um demônio poderoso. Chegou a hora de acreditar nisso – sussurrou *sir* Rowling em seu ouvido esquerdo.

Na sala ao lado, os raios que partiam do espelho negro e eram refletidos nas três superfícies de metal polido penduradas na parede uniam-se no centro do cristal sobre a Mesa de Prática. Dele, irradiava uma luz avermelhada. Extasiado, Andrew contemplava a pedra sagrada. Sentia a presença de seu verdadeiro pai. Desejava o poder que ele lhe prometera. E estava preparado para recebê-lo. Um novo estrondo percorreu a sala e ecoou nas duas câmaras laterais. O bastardo fechou os olhos. Reconheceu a voz grave de Samyaza proferindo palavras na linguagem enoquiana, que ele traduziu em pensamento: “Vede a face de Deus. Meus olhos são o brilho dos céus e guiam o governo da Terra”. Sobreveio o silêncio.

David respirou fundo. Sacou a espada da bengala e, com a arma em riste, deu o primeiro passo em direção ao corredor escuro. Michael e Pietro seguiram atrás. Coração a mil. Respiração curta. Um calafrio atravessou seu corpo. Deu mais um passo. As pernas tremiam e ameaçavam desobedecê-lo. Ouviu algo se arrastando no chão. Parecia se aproximar à direita. Suas mãos suavam. Em um golpe rápido, transpassou a lâmina pela parede de folhagens. Em um reflexo, Michael apontou a arma na mesma direção e disparou. Nada.

— O que aconteceu? – assustou-se Pietro.

— Alguns animais selvagens vagam por aqui à noite. Eles são traiçoeiros, padre. Precisamos ficar atentos – respondeu o jornalista, sem disfarçar o nervosismo.

— Está escuro, David. Vamos precisar usar a lanterna – sugeriu Michael, sacando o objeto do bolso da calça e entregando-o a ele.

— Preciso das duas mãos. Você não quer seguir ao meu lado, iluminando o caminho? – rebateu, visivelmente inseguro.

— Como quiser, chefe – consentiu o americano, acionando a luz. – Para que lado

vamos agora, esquerda ou direita?

David fechou os olhos. E ficou parado. “Socorro, me ajude”, quando era criança, o pedido desesperado de Andrew o guiara até o centro do labirinto. Nas encruzilhadas, ele parava, fechava os olhos e esperava a voz do amigo indicar o caminho. Era como se os dois estivessem, de alguma maneira, conectados.

— Vai me dizer que não sabe o caminho? – irritou-se Michael.

— Deixe-o se concentrar! – esbravejou o padre.

— Não temos tempo para isso – retrucou o americano.

— Quer fazer um favor? Cala a boca! – exasperou-se Pietro.

“Me salve. Me salve”, alguém parecia ter soprado aquelas palavras em seu ouvido direito. Ele girou o corpo na mesma direção. E avançou.

— *Pai nosso que estais no céu, santificado seja o Vosso nome...* – o padre começou a entoar, em voz baixa, mas audível para os outros dois, a oração mais conhecida do cristianismo.

— Isso não vai nos ajudar em nada – resmungou Michael.

Outra encruzilhada. David repetiu o ritual. Dessa vez, a voz sussurrou em seu ouvido esquerdo.

— *Seja feita a Vossa vontade, assim na Terra como no céu...* – continuava Pietro, seguindo atrás deles.

— Você tem certeza de que é por aqui? – insistiu Michael, olhando para ele. O jornalista parou no meio de um corredor.

— O que está havendo? – quis saber o americano, percebendo a movimentação das folhagens. De repente, algo escuro saltou sobre seu braço direito e cravou os dentes no paletó Brooks Brothers. Michael berrou de dor, abrindo a mão e deixando a arma cair. David tentou golpear o animal com a espada, mas ele conseguiu se esquivar e saltou na frente do grupo. Tentando controlar a dor que subia até o ombro, o americano estendeu o outro braço na direção do animal, jogando um fecho de luz sobre ele. Parecia um cão negro com os pelos das costas ouriçados. Unhas espessas e afiadas projetavam-se das patas como garras, prontas para estraçalhar a vítima. Fumaça saía de suas narinas. Os olhos brilhavam e pareciam soltar faíscas avermelhadas. Em seu rosar rouco, ele exibia presas afiadas manchadas de sangue.

— O que é isso? – berrou Michael.

— *Livrai-nos de todo o mal. Amém* – Pietro encerrou a oração, encarando os olhos da fera. “Esse animal está possuído, como os porcos em Gadara”, concluiu.

David estava paralisado de medo. Desejava que seu pai estivesse ali para protegê-lo. Desejava agarrar-se em suas pernas, esconder o rosto e, ao descobri-lo, estar seguro novamente. Com o canto dos olhos, o padre fitou Michael. O americano estava desarmado. A lanterna tremia em sua mão.

— *Sancte Michael Archangele, defende nos in praelio. Contra nequitiam et*

insidias diaboli esto praesidium... – começou a entoar a oração do papa Leão XIII, mas o animal rosnava cada vez mais alto. Parecia prestes a atacar.

“Prove que não é um menino medroso, David. Enfrente seus demônios. Ou seja destruído”, aquelas palavras ecoaram na mente do jornalista. O coração doía no peito. O ar faltava nos pulmões. Teve a impressão de que um ralo no chão de terra sugava a energia de seu corpo. As pernas formigavam. A visão enturveceu. Tentou fixar os olhos no inimigo. Enxergou algo terrivelmente ameaçador. Ele era bem maior e mais forte. E pretendia destruí-lo.

— Você... Você... – disse com a voz arrastada, desabando de joelhos no chão.

— Não desista, David! – berrou o padre, interrompendo a oração.

Pietro sentiu que era tarde demais. O animal demoníaco pulava sobre seu amigo, com as presas afiadas mirando o pescoço.

Sir Henry Rowling permanecia com os olhos fechados. Cenho franzido. Boca apertada. Concentrava-se em algo que Mister Jones nem tentava adivinhar. O agente da SID estava assustado com a voz rouca que ouvira na sala ao lado. Era a primeira vez que se deparava com o mundo sobrenatural. Arriscou-se a imaginar como seria o demônio que dialogava com o *serial killer*.

— Ele não tem rabo nem chifres, Mister Jones. E não pense que poderá atingi-lo com sua arma – *Sir* Rowling acabava de sair do transe e lhe sussurrava aquilo.

— O que quer que eu faça?

— Espere mais um pouco. Não conseguiremos enfrentá-los sozinho.

— Quais são os reforços?

O chão estremeceu. A luz avermelhada se tornou mais intensa.

— Não desvie a cabeça para a esquerda nem para a direita. Abra os olhos e fixe o centro do cristal – instruiu a voz grave de Samyaza.

Andrew obedeceu. Apesar da intensidade, a luz não causava desconforto.

— Está na hora de trazer à superfície os noventa e um Príncipes que servirão ao meu herdeiro. Aproxime-se e abra o livro sagrado – ordenou o demônio.

O bastardo levantou-se e, sem tirar os olhos do cristal, dirigiu-se à Mesa de Prática. Ao tocar na capa prateada, sentiu uma descarga elétrica repelir sua mão.

— O que aconteceu? – assustou-se.

— Não seja estúpido, Andrew. Me obedeça! – berrou Samyaza.

“Você é capaz de vencê-lo. Honre o sangue que corre em suas veias”, era a voz de seu pai. Uma onda de calor atravessou seu corpo e lhe devolveu a energia roubada. David abriu os olhos e flagrou o animal se lançando em sua direção. Os dentes afiados prontos para retalhar sua carne. Em um reflexo mais rápido do que seus companheiros pudessem acompanhar, girou a espada. Um grunhido agonizante percorreu os corredores escuros do labirinto. David se levantou e puxou a lâmina enterrada no pescoço do animal. Sentia-se forte e aliviado. Derrotara o “monstro” que, durante anos a fio, montava guarda na porta de seu quarto e atormentava-o em intermináveis pesadelos.

— Acabou – murmurou, esboçando um sorriso.

Recuperado do susto, o americano focalizou a vítima e abaixou-se para avaliá-la melhor.

— Era só um cachorro. Um maldito cachorro – observou, recuperando a pistola a

poucos centímetros do animal.

— O medo transforma animais em demônios, Michael – rebateu o jornalista.

— O demônio também entra no corpo dos animais, David – corrigiu o padre.

— Então, acabo de mandar um deles de volta para o inferno. Agora, está na hora de pegar outro – disse o jornalista, voltando a percorrer o corredor.

— *Ave-Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco...* – Pietro retomou suas orações, em italiano.

— Merda! Aquele filho da puta mordeu meu braço – reclamou Michael, sentindo um líquido pastoso correr sob a camisa. – E esse padre já está me irritando.

O jornalista ignorou o comentário e apertou os passos. Já não parava mais nas encruzilhadas. Seus pés conheciam o caminho até o templo subterrâneo em que os monstros enterraram Andrew. O formigamento na têmpora direita aumentava conforme ele se aproximava do centro.

— *Rogai por nós, pecadores, agora e na hora de nossa morte. Amém* – rezava o italiano no momento em que David e Michael dobraram a esquerda. Velas negras formavam um círculo em torno da pequena cabana. O jornalista teve um *déjà-vu* e sabia exatamente sua origem.

— Ele está aí dentro? – indagou o americano, iluminando o portão de ferro.

— Está, sim – afirmou o padre, fitando o símbolo da Colmeia Dourada e sentindo um pouco de tontura.

— Esta é a segunda vez que venho aqui. Na primeira, queria salvá-lo – comentou David, aproximando-se das velas. Abaixou-se e pegou uma delas.

— E se ele souber que estamos aqui? Deve estar de tocaia, esperando que mordamos a isca – alertou Michael.

— Ok. Perseguir criminosos não faz parte das minhas competências. Qual é sua sugestão?

— Como é o terreno? – quis saber o americano.

— Desci apenas uma vez. Eu era criança e estava escuro. Só me lembro de uma grande sala... – respondia o jornalista.

— Há uma luz acesa lá embaixo – observou Michael. – Pode ser uma armadilha. Acho melhor o padre ficar de guarda na entrada. Se acontecer algo, ele nos avisa com um grito. Estou armado e vou na frente. Você me acompanha, como se pisasse em ovos. Ok?

— Ok – consentiu David.

— Discordo. Estou junto neste barco e também vou descer – resmungou Pietro.

— Ele é tão... Irredutível. Lembre-se de ficar com a boca fechada. Se quiser rezar, faça isso em silêncio – repreendeu-o Michael, desligando a lanterna e guardando-a no bolso da calça. Empunhou a arma com as duas mãos. A região da mordida latejava. “Merda. Preciso conseguir fazer a mira”, pensou, descendo o primeiro

degrau.

“Preciso conseguir”, repetiu Andrew mentalmente, aproximando novamente a mão esquerda do *Livro das Folhas Prateadas*. Uma nova descarga elétrica a empurrou para trás.

— O que está acontecendo, Samyaza? – indagou, com medo nos olhos.

— Tente mais uma vez.

Andrew obedeceu. Na terceira vez, o choque foi mais intenso e o atirou contra o chão.

— Por que o senhor está fazendo isso? – perguntou, arrastando a voz.

— Essa é uma versão da lenda de Excalibur. E você não é digno de abrir o livro, idiota – respondeu Samyaza, elevando o tom. A luz no cristal se intensificou.

— Mas o senhor me disse... O senhor disse que eu era seu... Eu sou seu filho – balbuciou Andrew.

— E por que você não se contentou com isso?

— Como assim?

— Você está usando um anel que não te pertence. Não se contentou em ser meu herdeiro. Queria ocupar o lugar dele.

— Me perdoe – suplicou Andrew, com lágrimas nos olhos.

— Você está me confundindo? A misericórdia não faz parte das minhas qualidades.

— O que quer que eu faça? – indagou-lhe, arrastando-se até a Mesa de Prática e tentando, mais uma vez, abrir o livro.

Na sala ao lado, Mister Jones percebeu *sir* Rowling colocar a mão no bolso interno do sobretudo e sacar uma arma.

— Aqui, só eu tenho licença para fazer isso – censurou-o o agente.

— Mas não tem o direito de fazer o que deve ser feito – rebateu o pai de David, empunhando um revólver com cano duplo alongado.

Michael chegou ao fim da escada. Um archote pendurado no lado direito iluminava a sala de chão quadriculado. No lado oposto, duas passagens sem portas. Ele se virou e fez sinal para que os dois ficassem parados. “Se ele não souber que estamos aqui, estará na sala iluminada. Se tiver desconfiado, está de tocaia na sala apagada”, raciocinou.

— Eu sou seu filho. Eu mereço isso – Michael reconheceu a voz de Andrew. Vinha da sala à esquerda. Seguiram-se um estrondo e o barulho de vidro se

estilhaçando. Ao fundo, podia-se ouvir o bastardo gritar. A luz diminuiu e a sala mergulhou na penumbra. Empunhando a arma, o americano aproximou-se da porta e ficou encostado na parede. Respirou fundo e segurou com força o cabo. “Um, dois, três”, contou mentalmente, girando o corpo e encontrando o Feiticeiro caído no chão. Mirou na cabeça. Ouviu duas pessoas aproximarem-se silenciosamente. Deduziu serem David e Pietro. Andrew mexeu as pernas. E se virou. O sangue escorria em seu rosto. Abriu os olhos e flagrou Michael apontando a arma na sua direção. Encarou-o com raiva e berrou:

— Maldito traidor! Você quebrou o cristal! Eu já devia ter acabado com a sua raça!

— Não sei do que está falando. Mas fique parado senão eu acabo com a sua, agora.

— Você acha que está protegido com esse medalhão? – indagou Andrew, observando o símbolo pendurado em seu peito.

— É meu escudo – respondeu o americano, com um sorriso irônico no rosto. – Estou com a vantagem, não?

— Se isso te protegesse, você não teria sido atacado pelo meu cãozinho de estimação.

Uma dor lancinante atravessou o braço de Michael e desceu até a mão que segurava a arma. Temendo perder a mira, ele disparou. O tiro atingiu um dos espelhos de metal pendurados na parede oposta e ricocheteou, atravessando a entrada lateral. Alguém gritou na sala ao lado.

— É uma emboscada? – indagou Andrew, passando a mão esquerda por trás do casaco e sacando a arma presa entre a calça e as costas. Mirou a cabeça de Michael, que soltara a pistola após o tiro e contorcia o rosto de dor, e ameaçou:

— Está na hora de mostrar a cara. E nada de truques, senão arrebento a cabeça desse americano idiota.

— Preciso fazer alguma coisa – o jornalista disse ao padre, surgindo na porta atrás de Michael, que se abaixara no chão e apertava, com força, o braço atingido pela mordida na tentativa de diminuir a dor.

— David? – surpreendeu-se Andrew. – Você veio me sal... – interrompeu a palavra antes de completá-la. – Me pegar! – corrigiu o ato falho, desviando a mira da arma da cabeça de Michael para a do amigo de infância.

— Andrew, é o fim da linha para você – anunciou o jornalista.

— Uma pistola contra uma espada. É... Acho que estou com a vantagem agora.

— Acionei agentes da Scotland Yard. Eles devem chegar em pouco tempo.

— Acha que estou preocupado com isso? Acabo de perder minha vida. E vou levar você comigo – retrucou o bastardo, encarando-o com raiva.

Na sala ao lado, Mister Jones observava *sir* Rowling sangrar na altura do ombro. A bala ricocheteada o atingira.

— Vou entrar em ação – informou o agente.

— Ainda não. Andrew sabe que alguém está aqui. Ele me ouviu gritar. Vou aparecer na sala. Você será o fator surpresa – orientou o pai de David.

— O que devo fazer?

— Escolher entre a ordem do seu superior e o que seu coração disser – respondeu-lhe, levantando a mão com a pistola e entrando na sala. Sem desviar a mira de David, Andrew olhou para ele. Ficou aterrorizado.

— Eu o amava. Você... Você me traiu – gaguejou. A arma tremia em sua mão.

“Eu estava certo. Ele faz parte disso”, concluiu David, fitando seu pai.

— Abaixе essa arma – pediu *sir* Rowling, colocando seu revólver no chão.

— Por que fez isso? – indagou Andrew, com a voz trêmula.

— Do que está falando? – rebateu o pai de David, indo em direção ao filho. Tomou a espada de sua mão e dirigiu a ponta para baixo. Com a esquerda, apontou para o lado. Embora atordoado com o formigamento na têmpora direita, o jornalista foi assaltado pela imagem da tapeçaria na sala de jogos do castelo. “É a preferida de seu pai”, comentara *lady* Charlotte no dia em que fizeram as pazes. Olhou para ele. Naquele instante, seu pai imitava os gestos de Próspero, o personagem de *A Tempestade* inspirado em John Dee. “O Duque Negro”, pensou, levando a mão direita à têmpora. “Miranda, a filha legítima”, disse para si mesmo, fitando Andrew acuado ao lado daquela mesa, como o bastardo Calibã ao pé do rochedo. “Não pode ser. Não me sinto bem. Devo estar fantasiando.”

— Você veio para defendê-lo, não? – disparou Andrew, com lágrimas nos olhos. – Por que não conta a verdade?

— Ele já sabe de tudo – respondeu *sir* Rowling.

— Então, irmão, seja bem-vindo ao inferno – disparou o bastardo, encarando David.

— Nós dois somos... irmãos? – questionou o jornalista, ao mesmo tempo incrédulo e assustado.

— Você sempre teve tudo, David. Ele me jogava as sobras.

— Como assim?

— Naquela noite, David, ele me trouxe para cá. Ele me entregou na mão daquelas pessoas.

— Isso é verdade, Henry? – indagou o jornalista, virando-se para o pai..

— Escondi algumas coisas de você, filho, para te proteger...

— E me atirou no fogo! – berrou Andrew, lágrimas de raiva escorriam em seu rosto. “Você é um maldito bastardo. Seu sangue é sujo. Você é o excremento do seu pai. A vergonha da sua casa”, aquelas agressões, feitas há tantos anos, explodiam em sua cabeça.

— Por que fez isso? – insistiu David.

— Espero que você acredite em Mister Jones. Ele lhe contará tudo – respondeu-lhe. “Espero que não me decepcione”, completou em pensamento.

— Isso não importa mais. Vou morrer, mas levo minha família junto – informou Andrew. – Primeiro, você...

O agente Kemp estava com o celular na mão. “Vamos logo, seu urso maldito, quem é o alvo?”, disse para si, fitando o visor. Poucos segundos depois, uma foto do urso *Paddington* chegou acompanhada por um nome: David Rowling. “Filho da puta, traidor de merda”, retrucou em pensamento. O suor escorria entre a mão e o cabo da pistola.

— Coragem, coragem – murmurou, apoiando-se na parede e erguendo a arma até a altura do peito. “Não posso errar. Preciso girar o corpo e atirar”, concluiu. Coração a mil. Respiração ofegante. “A verdade nem sempre é desejável, Mister Jones. As pessoas preferem, muitas vezes, a mentira. Na minha profissão, também lido com... lobos”, lembrou-se daquelas palavras de David, ditas no primeiro encontro. “Sem sentimentalismo, Eric. Ordens são ordens”, repetiu. Respirou fundo e girou o corpo, surgindo diante da passagem. Arma em punho. Teve menos de um segundo para localizar seu alvo. E atirar. Um grito estremeceu o templo subterrâneo. O corpo tombou no chão. Lágrimas apagadas no rosto de *sir* Rowling.

“*Mas livrai-nos de todo o mal...*”, Pietro rezava no salão de entrada, próximo à porta que Michael e David atravessaram. Os pulsos doíam. O corte no supercílio esquerdo latejava. Uma pontada no centro da testa ameaçava derrubá-lo.

— Amém – concluiu a oração em voz baixa, no mesmo instante em que o segundo tiro era disparado. Após um grito, o baque surdo do corpo caindo. Silêncio. “Alguém foi atingido. David...”, pensou, precipitando-se em direção à outra sala. Michael recuperara sua arma e estava em pé. Na entrada lateral, Pietro reconheceu o agente da Scotland Yard que surgira em sua suíte e entregara o primeiro mensageiro. Entre eles, pai e filho olhavam para o corpo caído ao lado de uma mesa. Em cima dela, o livro prateado reluzia. O padre passou pelos três homens e se aproximou de Andrew. Abaixou-se e apoiou sua cabeça na perna esquerda. Ele ainda respirava. O bastardo tinha uma palavra presa entre os lábios. E a deixou escapar em um suspiro: “pai”.

— Chamem um médico! – berrou Pietro.

— Não dará tempo. Acertei em um ponto vital – revelou Mister Jones, olhando na direção de David.

— Filho, esse é o momento de se arrepender por todo o mal que causou – sussurrou-lhe o padre.

— Ele... Ele... me pe... per... perdo... aria? – indagou Andrew, tossindo. O sangue borbulhava em seu peito.

— Ele perdoa todos os filhos – respondeu Pietro, tocando em seu rosto.

— De... Deus me aceita... taria como filho? – perguntou, com um reflexo de esperança nos olhos.

— Ele sempre quis isso. E vai perdoá-lo se você se arrepender dos seus crimes. Você se arrepende? – inquiriu o padre, encarando os olhos quase sem vida.

Uma expressão de terror tomou conta do rosto de Andrew.

— Não... Não deixe... Não deixe que ele me leve – balbuciou.

— Quem, Andrew?

— Samy... Samyaza.

— Você pode vencê-lo agora. Você se arrepende dos seus crimes e aceita Deus como Pai e Senhor?

— Si... Sim – deixou escapar dos lábios. E expirou. A cabeça tombou para a esquerda, no braço de Pietro.

— Andrew, todos os seus pecados foram perdoados. Hoje, os anjos estão em festa e você será recebido na casa de Deus, como o filho pródigo – anunciou o padre.

Apoiou sua cabeça no chão, fechou seus olhos e fez um sinal da cruz na sua fronte com a mão direita, murmurando palavras que os outros não puderam ouvir. Com a mão esquerda, tirou discretamente de seu dedo o anel que ele roubara de David. Guardou o objeto no bolso.

— O crime de quem te colocou nesse caminho é muito mais grave – prosseguiu Pietro, levantando-se e encarando *sir* Rowling.

— Você perdoou um maldito psicopata? – reprovou Michael.

— Deus o perdoou – retrucou o padre, aproximando-se da mesa e pegando o *Livro das Folhas Prateadas*. Estava quente. – Esta você perdeu, Samyaza.

— O que você vai fazer com ele? – quis saber David, saindo do torpor.

— Eu não vou fazer nada. Quem deve destruí-lo é você – revelou, estendendo-lhe o livro maldito. – Tenho contas para acertar com Michael – completou, olhando para o americano.

— Tudo bem, padre. Eu te dou uma carona até o hotel – consentiu, guardando a pistola.

“Mereça esse prêmio. É o mais perto que você pode chegar de Deus!”, alguém parecia soprar aquelas palavras no ouvido do jornalista no momento em que recebia o livro das mãos de Pietro.

— Filho, a maldição acabou – revelou seu pai, com um sorriso discreto no rosto. – sr. Kemp, por favor, o acompanhe de volta a Londres. Ele precisa de algumas explicações. Peço para o motorista levar seu carro depois.

O Jaguar zarpara da propriedade havia quase quinze minutos. David pediu a Mister Jones para deixá-lo quieto por algum tempo. Talvez precisasse disso para conseguir se refazer dos golpes recebidos no templo subterrâneo. Talvez não estivesse disposto a escutar as mentiras de seu pai pela boca do homem que, como ele, lutava para defender a verdade. E ele acabara de se defrontar com verdades indesejáveis: O Estripador de Londres era seu irmão, e seu pai participava da seita satânica. “Duque Negro?”, aquela dúvida insinuava-se sorrateira entre uma profusão de pensamentos e emoções. Desejava estar em casa, apresentando para Mary uma das maravilhas do mundo de Baco: o Pétrus 1947. “Ele é o Duque Negro?”, questionava-se, embora relutante. Desejava beijar sua assistente. Era tão parecida com sua amada Susan. “Duque Negro?”.

— Merda! Quais mentiras ele te convenceu a me dizer? – o jornalista quebrou o silêncio.

— Antes de mais nada, David, quero que você saiba que ele não me forçou a isso – defendeu-se Mister Jones.

— O que ele fez?

— Pouco depois da perseguição ao... ao *serial killer*, recebi um telefonema. Fui transferido para o SID.

— Por que aceitou o convite?

— Não foi um convite. Foi uma ordem. Quando cheguei para trabalhar, todas as minhas coisas estavam na nova sala. A primeira surpresa que tive ao chegar lá foi a placa na porta: Mister Jones.

— Como sabiam disso?

— Eles sabem de tudo. Na minha mesa, havia alguns dossiês sobre a seita satânica, os assassinatos ritualísticos, *sir* Alexander Cotton. E seu pai.

— Ele faz parte disso tudo, não? – David foi direto ao ponto.

— Sim e não.

— Você está brincando comigo, Mister Jones?

— Um de seus antepassados foi arregimentado pelos satanistas e se tornou uma espécie de guardião daquele lugar em que estivemos hoje. Desde então, o cargo passa para o filho mais velho, e o próximo seria você.

— Então, a resposta é sim, *sir* Henry Rowling é um deles.

— Na versão de seu pai, ele nunca participou dos rituais. E era chantageado por *sir* Alexander Cotton para não pular fora do esquema.

— E você acreditou nessa bobagem?

— Acredito nas evidências, David. Nos dossiês do SID, seu pai é identificado como o informante X-721. Ele vazava informações sobre as atividades da seita. Por que faria isso se não estivesse disposto a desmascará-los? – rebateu o agente, inclinando ligeiramente o rosto na direção do motorista.

— Por que ele não me contou a verdade?

— Para protegê-lo, David.

O jornalista colocou o pé no freio. O carro derrapou na pista e parou no acostamento. Visivelmente irritado, ele encarou Mister Jones e disparou:

— Quanto ele te pagou para dizer isso?

— Você está louco? – berrou o agente, emendando a explicação:

— Tive a prova disso lá embaixo. Meu chefe no SID não mostrou o rosto. Acho que ele está mancomunado com a seita satânica. Por que penso isso, David? Ele me mandou para Upper Slaughter dizendo que eu deveria eliminar um alvo. Mas não disse quem seria. Obviamente, imaginei que fosse o psicopata. Você era o alvo, David! – revelou, encarando-o. – Recebi ordens para matá-lo. Se eles conseguiram se infiltrar até no SID, seu pai tinha uma razão suficientemente forte para querer protegê-lo desses miseráveis. Não acha?

— Por que... Por que você não seguiu as ordens do seu superior?

— Fiz uma escolha, David. E não me arrependo disso.

— Obrigado, Mister Jones – o jornalista agradeceu, com um quase sorriso. – E quanto ao que disse Andrew?

— O que, exatamente?

— Que somos irmãos...

— Só mesmo um padre para achar que aquele psicopata tinha salvação. Essa raça não consegue discernir verdade e mentira – afirmou Mister Jones.

— O que os arquivos do SID falam sobre ele?

— Não há registros. A única informação, não confirmada, é a mesma que você tinha.

— Ele é filho bastardo de *sir* Alexander Cotton?

— Segundo o informante X-721, sim.

— Meu pai?

— Ele mesmo.

— Acha que posso confiar nele? – indagou David.

— Acho que é sua melhor alternativa – sugeriu o agente, encarando-o.

O padre e Michael brigaram no início da viagem.

— Aquele desgraçado estraçalhou várias mulheres e você disse que os anjos estavam em festa? Que religião de merda é essa? – o americano indagou assim que entraram no carro.

— A salvação é um dom divino para todas as pessoas – explicou Pietro.

— Se eu fosse católico e visse você fazer o que fez, preferia ser excomungado.

— Você é egoísta, Michael. Nesse momento, aquele homem está mais próximo de Deus do que nós dois – provocou o padre.

— Se eu acreditasse nessa besteira, acharia bem mais provável que ele estivesse cheirando o rabo do capeta.

— Você é um cabeça dura, Michael. Não vou mais discutir religião com você.

— Vou aceitar isso como um elogio – retrucou o americano, aumentando o som do carro. Os dois ficaram em silêncio até que o locutor anunciou a canção “The Battle of Evermore”, do Led Zeppelin. A letra era uma provocação que Pietro não estava disposto a aceitar. E, com um murro, desligou o rádio.

— Vejo que não curte boa música – Michael quebrou o silêncio. – Você gosta do quê? daquelas músicas que os eunucos cantam nos corais da igreja?

Pietro caiu na gargalhada.

— Você deve estar se referindo aos cantos gregorianos. Sim, gosto disso também.

— Nunca ouvi nada mais sinistro.

— Se você seguisse o conselho de São Bento, certamente mudaria de opinião.

— E o que esse santo diz? – indagou Michael, em tom zombeteiro.

— Você deve apreciar a música com “os ouvidos do coração”. Pensei que você conhecesse a vida de São Bento – insinuou o padre, virando a cabeça na direção do motorista.

— Por que eu deveria?

— Porque está carregando São Bento no seu pescoço – respondeu-lhe, apontando para o medalhão.

— Isso aqui? – questionou o americano, segurando o objeto e o soltando. – Me disseram que me protegeria contra as armadilhas daquele psicopata. Pelo visto, não resolveu porcaria nenhuma.

— *Vade retro Satana, nunquam suade mihi vana; sunt mala quae libas, ipse venena bibas* – Pietro recitou em latim.

— Não falo essa língua.

— *Afasta-te, Satanás; nunca me aconselhes coisas vãs; é mau o que me ofereces,*

beba tu mesmo os teus venenos – traduziu o padre. – É uma oração exorcística inscrita na medalha de São Bento. Mas, sem fé, Michael, ela não vale nada. Sem fé, nem mesmo Jesus seria capaz de curar alguém.

— Pensei que Jesus fosse capaz de tudo.

— De alguma maneira, você foi salvo. Andrew podia ter acabado com você – comentou Pietro, voltando o rosto para a estrada. – Mas Deus tinha outros planos para vocês dois. Devo confessar que a conversão daquele homem foi o maior milagre que já presenciei. Além, é claro... – prosseguia, pensando em seu resgate do inferno – Não vem ao caso. Para quem você trabalha, Michael?

— Também não vem ao caso, padre.

— Não me interessa saber o nome do seu chefe. Sei que ele faz parte dessa confraria negra e isso basta. O que me intriga, Michael, e isso vem ao caso, é por que você está usando um medalhão de São Bento no pescoço.

— O que te parece? – o americano rebateu a pergunta.

— Não vou entrar no seu jogo. Você está tentando me ludibriar, do mesmo jeito que fez depois do assassinato de *sir* Alexander Cotton.

— Você está falando do esquadrão da morte da Igreja Católica?

— Sim.

— Não seja ingênuo. Você mesmo está se ludibriando. A Igreja está infestada de homens tão sujos como o meu chefe. Este medalhão é uma prova disso – retrucou o americano.

“Este medalhão é a prova de que um sacerdote vendeu a alma ao diabo e está traindo a sagrada instituição”, pensou o padre. Preferiu não defender a Igreja para não desviar o foco da conversa e, gentilmente, pediu-lhe:

— Seja mais claro.

— Alguém dos seus entregou isso ao meu chefe. Alguém da Igreja estava interessado naquele livro prateado – revelou Michael.

— São acusações graves... – insinuou o padre, com a intenção de dar corda para que o americano falasse mais sobre aquilo.

— Alguém está fazendo jogo duplo. A mesma pessoa, ou o mesmo grupo, que se aproximou do meu chefe, também tentou me comprar.

— Quem?

— O intermediário foi o embaixador da Igreja em Londres...

— O núncio apostólico – corrigiu Pietro, murmurando para não atrapalhar a revelação.

— O chefão se identificava como... – Michael fez uma pausa e inclinou ligeiramente o rosto na direção do padre, que o encarava, ansioso – ... Servo de Deus. Adequado, não?

— Depende de qual é o deus em seu altar – comentou o padre, resabiado.

David deixara Mister Jones próximo à sede da Scotland Yard e seguiu para casa. “Seu pai tinha uma razão suficientemente forte para querer protegê-lo desses miseráveis. Não acha?”, aquelas palavras do agente o surpreenderam no instante em que estacionava o carro.

— É possível que sim – respondeu em voz alta, apanhando o livro prateado no banco de trás. “Se ele estivesse contra mim, tentaria impedir que eu destruísse isso aqui”, deduziu, procurando a bengala. Não estava ali.

— Não posso ficar sem ela – resmungou. – Posso sim – afirmou, batendo a porta do carro e caminhando em direção à escada que desembocava na porta da sala de estar. Percebeu que mancava mais do que o normal. Firmou os passos e prosseguiu. “Será que Mary está em casa?”, indagou-se, com um sorriso no rosto. Desejava que ela estivesse. Apesar dos percalços, tinha bons motivos para desenvolver a garrafa de um grande vinho e brindar com sua assistente. Mas, primeiro, pretendia destruir o livro. “A lareira é uma forma romântica de acabar com ele”, ponderou, chegando ao último degrau e abrindo a porta.

— Você é um herói, David? – a voz sedutora de Mary o pegou de surpresa. Ela estava sentada em sua poltrona preferida, com o cabelo solto, *trench coat* da Burberry fechado, botas pretas e rosa vermelha na mão direita.

— Depende do ponto de vista – ele respondeu, desconcertado.

— Para mim, você é um herói – insistiu sua assistente, levantando-se da poltrona e aproximando-se dele. Entregou-lhe a rosa com um sorriso malicioso no rosto.

— Obrigado, Mary. Isso é muito... romântico. Quero tomar um vinho com você... Preciso fazer algo antes disso.

— Espero que não se importe, querido. Preparei uma surpresa para você – retrucou a americana, olhando algo prateado reluzir em sua mão. – O que é tão importante que não possa esperar alguns minutinhos... Ou algumas horas? – questionou, encarando-o.

“Destruir isso aqui levaria um tempo razoável, e não seria gentil estragar a surpresa que ela me preparou”, concluiu o jornalista, retribuindo o sorriso.

— Tudo bem. Só preciso de uns segundos para deixar isso em um lugar... – respondia David até ser interrompido por um beijo.

— Deixe isso em qualquer lugar – continuou Mary, segurando-o pela mão e conduzindo-o. Ele parou diante do quarto de visitas, mas a americana o puxou. “Ela quer ir ao meu quarto?”, questionava-se, reprovando o gesto.

— Estamos quase chegando.

— Mary, não acho uma boa ideia...

— Querido, pela primeira vez me sinto pronta para me entregar a alguém. Acho que mereço escolher o lugar, não?

— É que... – argumentaria David. Escolheu o silêncio.

— Assim está melhor – observou Mary, retirando uma faixa de tecido negro do bolso do casaco. – Faz parte da surpresa – explicou, entregando-a a David.

— O que faço com isso?

— É para vendar os olhos, querido. Se quiser, posso segurar essa caixinha para você.

“Acho que não há problema nisso”, concluiu David, estendendo-lhe o *Livro das Folhas Prateadas*.

— Não se esqueceu de me dar nada? – perguntou Mary, segurando o livro.

— O quê?

— Seu celular. Não quero que ninguém interrompa um momento tão especial como esse.

— Você é a chefe agora – David entrou na brincadeira, apanhando o aparelho no bolso do casaco e entregando-o a ela. Sua assistente o desligou e disse:

— Cubra os olhos, querido.

David obedeceu. Ela empurrou a porta do quarto de seu anfitrião e o levou até a cama. Diante dos dois, chamas de velas vermelhas tremeluziam no chão e rodeavam algo encoberto. Mary deixou o livro prateado sobre o criado-mudo, ao lado das taças de vinho.

— E agora, o que faço? – inquiriu o jornalista, impaciente. Era a primeira vez que alguém invadia seu porto seguro, e ele estava absolutamente vulnerável aos caprichos do invasor.

— Em primeiro lugar, seja paciente, David. Mulheres gostam de preliminares. Você lembra quando eu disse que era uma bruxa?

— Como poderia me esquecer disso?

— Antes de me possuir, David, quero que conheça alguém.

— Quem você trouxe para dentro da minha casa? – assustou-se, descobrindo os olhos.

— Cernunnos – respondeu a americana. – Ele... Ele fazia parte da surpresa. Queria que você me aceitasse completamente.

— E o que isso tem a ver com religião, Mary? – rebateu, com o cenho franzido.

— Na minha religião, David, o sexo é sagrado. Me desculpe se pensei que você fosse me entender. Me enganei – justificou-se, com a voz trêmula. – Isso me deixa tão envergonhada... – ela cobriu os olhos e se dirigiu à saída do quarto.

— Me desculpe, Mary... Não estou acostumado a isso. Acho que estraguei tudo, não?

— Eu trouxe até... Peguei emprestado um vinho da sua adega – prosseguiu a americana, apontando para a garrafa de Pétrus 1947, aberta sobre o criado-mudo. As duas taças já servidas.

— Você... Você se lembrou do nome do vinho? – perguntou David, exibindo um sorriso de satisfação.

— Sim.

— Meu dia foi muito difícil, Mary. Mas esse vinho... Esse vinho e sua companhia consertam tudo – contornou o jornalista. – Qual é a próxima ordem, chefe?

— Deixa para lá...

— Não. Diga o que quer que eu faça – insistiu, encarando-a.

— Tem certeza de que está preparado?

— Mais do que nunca.

— Então, fique de joelhos ali – ela apontou na direção do objeto encoberto.

Ele aproximou-se das velas e se agachou no chão. Mary chegou ao seu lado. Em pé, segurou o tecido que encobria Cernunnos. Encarou David por alguns segundos e inquiriu, solenemente:

— Preparado para conhecer a outra face de Deus?

Ele simplesmente acenou com a cabeça. “Ajoelhe-se aos meus pés e te darei o mundo, David”, alguém parecia lhe sussurrar aquelas palavras no instante em que sua assistente puxou o tecido azul-escuro. Ele se viu ajoelhado diante da estátua de um homem nu na posição de lótus, barba comprida, cabelos encaracolados, dois chifres na cabeça e uma serpente erguendo-se da região pubiana. Um calafrio atravessou seu corpo.

“Divirta-se, Pietro. Espero que consiga montar o quebra-cabeças”, provocara Michael ao deixá-lo no Mandarin Oriental com uma pasta fina de couro preto. Ao chegar à suíte, o padre sentou-se no sofá e a abriu. Puxou um saco plástico que transparecia, em seu interior, um pequeno rolo. “O que mais tem aqui?”, murmurou, encontrando um recorte do *The Star*. Deixou-o de lado e apanhou a diminuta página enrolada. Com ela em mãos, foi à escrivaninha improvisada. Cuidadosamente, desenrolou o pergaminho. Arregalou os olhos ao ver a ilustração: uma árvore brotava das costas do anjo sentado sobre um trono. Suas asas se estendiam em direções opostas, com sinais na parte interna. Do lado direito, nos primeiros sete galhos, sete anjos empoleirados, identificados por nomes. Acima deles, outros sete galhos suspendiam sete homens com velas na mão. Do lado esquerdo, na mesma altura, mulheres também carregavam velas. A mulher vestindo túnica escarlate reinava sobre aquele lado da árvore genealógica. O padre sabia que a serpente em seu ventre e a abelha na fronte denunciavam que ela pertencia à tribo de Dã. Era a Grande Prostituta. Na mesma altura, do lado direito, estava seu consorte, identificado por um brasão no peito. Com as mãos trêmulas, Pietro pegou a lupa no bolso do casaco e colocou sobre ele. Uma linha que descia do ângulo esquerdo superior até o direito inferior dividia o escudo em duas partes iguais. À esquerda do padre, um leão coroadado, semelhante ao do brasão de *sir* Alexandre Cotton, avançava sobre uma cruz com dois braços e extremidades fendidas, no lado direito. “A cruz do Espírito Santo”, lembrou Pietro.

— Esse brasão... O demônio deseja usurpar o poder de Deus... Isso significa... Significa que cometi um terrível engano. Ele... Ele não era o Duque Negro – concluiu, levantando-se da cadeira. As mãos suavam. Respirou fundo. Voltou-se ao pergaminho. Na parte superior da ilustração, um homem com chifres erguia um cetro imperial em uma das mãos. Na outra, ostentava um orbe, símbolo do mundo.

— O Anticristo... – murmurou, colocando a árvore genealógica de lado e encontrando uma profecia na folha seguinte:

Um anjo surgiu diante de mim empunhando uma espada. Ele disse: “Sou o rei desse mundo e estabelecerei para sempre o trono do meu reino. Meu rebento surgirá do Tronco de Jessé e o sangue de Dã correrá em suas veias. Sua mãe será uma prostituta e abrirá seus olhos no solstício de inverno. Ele será educado nas artes negras e, aos 33 anos, sairá das sombras para cumprir sua verdadeira missão. Arrastará atrás de si quase todo o rebanho

das igrejas e será adorado por milhões e milhões de pessoas. Todas elas carregarão uma marca em suas fronteiras. Todas estarão ligadas a mim até o último dia. Eu tenho muitos nomes. Mas é Samyaza que seduzirá a belíssima Babalon”.

Fechou os olhos. Lembrou-se da hipótese levantada por David: “Sexo entre anjos e mulheres, assassinatos ritualísticos com violência sexual, árvore genealógica do filho de Deus. Acho que eles pretendem dar um filho ao diabo. Possivelmente por meio de um ritual de magia enoquiana escrito por John Dee”.

— Você tinha razão, David. Esses pergaminhos mostram isso. Ainda bem que conseguimos pegar o livro maldito.

E você já deve tê-lo destruído... – dizia até ser assaltado por um calafrio. “Você já fez isso, não?”, perguntou em pensamento.

“Nós somos apenas duas peças, padre, e não conseguimos enxergar muito além de nosso movimento no tabuleiro”, recordou o que o jornalista lhe dissera.

— Você estava sendo fatalista – tentou justificar, repetindo o mesmo argumento que usara na presença do inglês. Tontura. Respirou fundo. Lutava contra a sensação de desmaio. “O melhor cúmplice é aquele que não desconfia de nada, padre”, afirmara David, insinuando que o cardeal Gabriele estava usando-o. Aquelas palavras o golpearam no estômago. Pietro sentiu falta de ar nos pulmões.

— O diabo é o macaco de Deus. Tronco de Jessé é uma referência ao rei David... Como sou estúpido. Já deveria ter aprendido a desconfiar destas malditas coincidências. Por isso o diabo aparecia para você e lhe deu a chave para decifrar os mensageiros – concluiu, esmurrando a mesa com os dois punhos. Os cortes latejaram. No bolso do casaco, pegou o anel que Andrew roubara de David. Com a mão trêmula, ergueu-o até a altura dos olhos. Havia um brasão gravado: o leão coroado avançava sobre a cruz do Espírito Santo. Girou o anel para conferir a parte interna. O mesmo símbolo que cruzara seu caminho algumas vezes durante a missão: uma abelha.

— David, você tem o sangue maldito. Você é um deles! – deduziu em voz alta. “Não deve ter consciência disso... Mas talvez ela tenha. Eu vi a maldade em seus olhos quando me entregou para a Fernanda”, ponderou.

— E isso não é mais uma coincidência. A namorada de David tem o mesmo nome da Flor do Tronco de Jessé: Nossa Senhora, Mary – disse, folheando o bloco de notas até uma página borrada:

Teorias conspiratórias/satanismo

Décima terceira linhagem: sêmen do diabo (tribo de Dã?)

Algumas chaves: Freeman/Bundy/Rockefeller (bandido abominável?)

Pegou o recorte do *The Star* que estava na mesma pasta dos pergaminhos. Era uma matéria sobre a top model Fernanda Albuquerque, assinada pela assistente de David.

— Mary Freeman... Meu Deus, David, acho que ela te jogou numa cilada!

Pegou o celular. Acessou o número do jornalista. Caixa postal.

— Satisfeita? – indagou David, levantando-se do chão.

— Agora estou preparada para tomar o melhor vinho da minha vida – respondeu Mary, sorrindo.

Foi até o criado-mudo, apanhou as duas taças e estendeu uma delas na direção de David.

— Ou, melhor dizendo, agora você está pronta para reverenciar o deus Baco – brincou o inglês, girando o vinho na taça, levando-o ao nariz e franzindo o cenho.

— O que foi? – indagou Mary.

— Há um aroma bastante peculiar nesse vinho... Nunca o tinha sentido antes.

— Está estragado?

— O vinho é um ser vivo na garrafa, Mary. Ele muda a cada segundo de sua existência. Alguns são previsíveis. Outros, trazem surpresas. Como esse aqui. Vamos ver como ele se sai na boca – ergueu a taça e tomou um gole. – Nada mal.

— Faltou o brinde, David.

— À minha bruxa favorita – adiantou-se o jornalista.

Após o primeiro tilintar e seus goles, foi a vez de Mary:

— Ao sucesso de sua missão... E ao sexo sagrado.

Mais dois goles.

— Fico feliz de ter sido... – dizia o anfitrião.

— O escolhido para esse momento especial – prosseguiu a americana. – Sabe de uma coisa, David? Não acredito em coincidência. Acho que nascemos destinados a nos encontrar.

O jornalista sentiu um aperto no peito. Tontura. Faltava ar em seus pulmões.

“Devo estar cansado”, pensou, sentando-se na cama. Taça à mão. Diante dele, Mary desabotoou lentamente o casaco. Estava usando apenas roupa íntima. Apesar da penumbra, David percebeu que a cor era púrpura.

— Você está deslumbrante, Mary. Mas estou... – tentava dizer.

— Relaxe, David. Tome mais um pouco deste vinho – sugeriu-lhe, tirando a bota preta do pé esquerdo. Em seguida, descalçou o outro pé, sob o olhar vacilante de seu chefe.

— Estou me sentindo fraco, Mary – insistiu seu chefe, arrastando-se até o encosto da cama. Os contornos dos objetos ao seu redor dançavam como a chama bruxuleante das velas.

— Acho que você vai precisar de ajuda para me foder. Ainda bem que Cernunnos está aqui – retrucou sua assistente, tirando a parte de baixo da roupa íntima e

avançando em direção à estátua. Segurou nos chifres e agachou lentamente sobre o falo animalesco.

— O que... O que você está fazendo? – indagou David, perplexo. Voz fraca.

— Estou no *amuse-bouche*. Vou deixar para você apenas o prato principal, querido – respondeu a americana, girando o tronco para vê-lo. Começou a gemer com as sensações provocadas pelos seus movimentos.

“Por que você fez isso?”, desesperou-se David. A voz não saía. Tentou mexer as pernas. Nada. Os braços também permaneciam imóveis. Foi quando percebeu que deixara a taça de vinho cair sobre a cama, tingindo o lençol de Pétrus 1947. Conseguiu virar a cabeça na direção do criado-mudo. O livro prateado continuava lá.

“Merda! É uma maldita armadilha. Ela deve ter colocado algo no vinho. Mary faz parte disso”, desesperou-se, voltando os olhos na direção de sua assistente, que cavalgava sobre o deus chifrudo. “O padre estava certo. É o diabo”, concluiu. Coração apertado. Lágrimas teimosas nos olhos. “Por que eu?”, questionou-se.

— Como eu, você tem o sangue sagrado, David. Deve se sentir honrado por isso – explicou Mary, aproximando-se da cama. Nua. – É uma pena que não aproveitará nada desse momento.

“Vadia. Estou paralisado da cabeça aos pés. Como pretende fazer isso?”, indagou, com raiva nos olhos.

Mary tirou seu cinto e abaixou as calças e a roupa íntima de David até os joelhos. Riu ao encontrar seu pênis desanimado.

— Eu deveria estar ofendida por isso, querido. Você não sente tesão por mim? – cobrou a americana, passando a língua entre os lábios. – Ou brochou porque sou virgem? – terminou a frase com uma gargalhada. – Acho que vou precisar da magia de Sammy... Aquele amigo do meu pai que me fodeu quando eu tinha oito anos. Hoje, ele me mandou flores com um bilhete, dizendo que tinha um encontro marcado comigo. Sabe que não me lembro do lugar... Ah, acho que já sei! Ele está aqui, esperando que eu o chame. Você se importa se eu usar o livrinho que você queria destruir? – ironizou Mary, esticando o braço até o criado-mudo. Abriu-o sobre o peito de David.

“Alguém me ajude! Por favor, alguém me ajude”, ele berrou em pensamento, enquanto sua assistente pronunciava palavras em uma língua desconhecida. Latidos furiosos. O jornalista olhou para a porta do quarto. Estava aberta.

“Droga, tranque isso. Ele vai me pegar”, desesperou-se, olhando um cão negro surgir na entrada. Era o mesmo animal demoníaco que vencera no labirinto. “Tranque essa maldita porta”, repetiu em pensamento, fitando o sexo desnudo de Mary, escancarado diante de seus olhos. Sobre a vagina, a tatuagem de uma abelha.

“O quarto mensageiro”, concluiu. Latidos cada vez mais próximos. Observou o

animal saltar sobre ele e cravar os dentes no braço direito. Uma dor lancinante o arremessou na escuridão. Sentiu-se ser arrastado. Abriu os olhos. Apesar de estar caído no chão, enxergou seu corpo sobre a cama. Mary acima dele, dizendo palavras na mesma língua estranha. Um barulho no lado direito do quarto. Um homem surgiu de trás da estátua e olhou para ele, exibindo um sorriso mordaz no rosto.

“Escolheu a puta muito bem, David”, disse-lhe, em pensamento.

“Sammy...”

“Um apelido carinhoso das mulheres. Para você, Samyaza”, respondeu-lhe, aproximando-se de seu corpo imóvel sobre a cama. Como uma fumaça preenchendo o vazio, o demônio o possuiu. Já não estava mais imóvel. Seu pênis ereto penetrava Mary e a fazia gritar de prazer e dor.

“Ele está usando meu corpo...”, observou. Queria se levantar, mas o cão feroz montava guarda sobre ele.

— Por favor, me ajude! — berrou, no instante em que Mary parecia atingir o orgasmo. Uma forte luz invadiu o quarto. David se viu diante de um antigo conhecido e foi inundado por uma estranha sensação de alívio.

“David, caímos em uma cilada. Rezarei para que você ouça essa mensagem a tempo de evitar uma catástrofe. Evite se encontrar com sua assistente. Desconfio que ela faça parte da confraria negra. Queime o livro assim que chegar em casa. Depois disso, me ligue. Por favor! Não conseguirei dormir essa noite até saber, por você, que aquele livro maldito foi completamente destruído. Que Deus nos ajude, David. Abraços, Pietro”, ao terminar de gravar a mensagem no celular do jornalista, o padre ajoelhou-se ao pé da cama. Uniu as mãos com força. Os cortes nos pulsos doíam. Apertou os olhos e sentiu uma fígada no supercílio esquerdo. O rosto de David ocupava seus pensamentos.

— Você precisa concluir a missão – disse, desejando que aquelas palavras chegassem a ele por telepatia. – Você precisa... – foi interrompido pela lembrança da visão que tivera pouco após Mister Jones entregar a David o primeiro mensageiro: o casal transando sobre o altar de pedra, o homem de túnica negra, o grito de pavor ao descobrir que o demônio era seu reflexo. “Como pode se assustar diante de você mesmo?”, indagara-lhe.

— Aquele desgraçado estava certo. Como pude ser tão estúpido! Fui responsável por empurrar David para esse abismo! Eu devia ter trazido o livro comigo! – berrou, levantando-se. “O maldito traidor da Confraria dos Quatro Anjos me mandou para cá porque conhecia minhas fraquezas”, concluiu, consumido pelo remorso.

— Michael provou que o demônio fez a escolha certa. Eu falhei! Me perdoe, Senhor, me perdoe! – suplicou, cobrindo o rosto com a mão e caindo de joelhos no chão.

“Meu Deus, o Senhor me livrou do Inferno e salvou a alma de um psicopata. Eu vos imploro, livre David das garras do Inimigo. Que ele destrua o livro antes de ser seduzido pela Prostituta”, rezava Pietro, com o coração pesado e a respiração curta e rápida.

— Abaddon! – alguém pareceu gritar às suas costas.

— Quem está aí? – perguntou assustado, abrindo os olhos e virando-se. Não havia mais ninguém na suíte.

“Iluminai-me, Pai, para que eu faça Vossa vontade”, pediu em pensamento.

— Abaddon!

Pietro levantou em um salto. Continuava sozinho ali. Foi ao banheiro e abriu a torneira de água fria. Lavou o rosto três vezes. Pegou a toalha e fitou seu reflexo no espelho. Assustou-se com o sorriso mordaz estampado no próprio rosto. Era o mesmo que o demônio exibira em sua visão.

— Me deixe em paz! – gritou, atirando a saboneteira contra a imagem. Um estrondo. Dezenas de estilhaços espalharam-se no chão e na pia. Dor nos pulsos. Desabotoou os punhos da camisa. O sangue atravessava as faixas e escorria pelas mãos. Sentiu uma estocada na cicatriz triangular em sua fronte. Ficou atordado. O segundo golpe invisível lançou-o contra o mármore. O corpo tremia na escuridão.

— Não tenha medo, meu filho – ele reconheceu aquela voz.

— Jesus – disse, com um misto de excitação e alegria.

— Muitos chamam meu nome. Poucos me reconhecem – respondeu-lhe, aproximando-se com uma vela na mão direita. Era o amigo que prometera nunca abandoná-lo.

— Você veio me buscar? – indagou o padre, sorrindo.

— Você ainda não está preparado para partir comigo, filho.

— Farei tudo o que me pedir, Senhor.

— Não, Pietro, você não fará tudo. Apenas peço que não se esqueça de mim quando se tornar um pescador.

— Como assim?

— Procure as respostas em seu coração, Pietro. Você fez isso hoje ao me entregar o maior presente que eu estava esperando.

No mesmo instante, uma terceira pessoa se aproximou dele, com uma túnica coberta de luz. O sorriso trazia a paz que seu coração desejava.

— Andrew – murmurou o padre.

Ele acenou a cabeça.

— Obrigado, Pietro – agradeceu o homem de barba, cabelos longos, nariz adunco e pele morena.

— Eu estava proibido de ministrar sacramentos. Desobedeci o cardeal. Me perdoe, Senhor.

— O que é mais importante, Pietro: a vontade dele ou a minha? – inquiriu seu amigo, apagando a vela.

O padre abriu os olhos. Estava caído no chão do banheiro.

Aquela voz inundava o quarto e invadia seus ouvidos. Sentia-se fraco. Desejava continuar deitado.

*If morning echo says we've sinned
Well, it was what I wanted now
And if we're the victims of the night...*

Reconhecia os versos da canção “Angel of the Morning”. A voz de Nina Simone se confundia com a de Mary. Ela cantara exatamente aquela música em seu carro, na primeira vez que saíram juntos.

*I promise you I won't be blinded by light
Just call me angel...*

Foi surpreendido pela imagem do homem com cabelos encaracolados, dois chifres e uma serpente no lugar do sexo. “Samyaza”, murmurou. *Flashes* do corpo de Mary movendo-se sobre o seu. Os seios macios tocando suas mãos, e algo reluzindo entre os dois. “O livro. Preciso destruir o livro”, disse, atropelando as palavras e admirando a tatuagem acima do sexo de sua assistente. “A abelha”, observou. Os gemidos da mulher misturaram-se a latidos ferozes. Chamas de velas vermelhas dançavam na escuridão. Ele podia vê-la sobre seu corpo, embora estivesse preso no chão. “Samyaza, seu maldito”, gritou, observando o inimigo avançar sobre os dois. Uma sombra escura envolveu o casal. Um grito atravessou o quarto.

*There'll be no strings to bind your hands
No if my love can't bind your heart
And there's no need to take a stand
For it was I who chose to start...*

Era a voz de Nina Simone. David abriu os olhos. Estava deitado na cama, coberto até a cintura pelo edredom. Nu. A luz entrava pela porta. O som vinha de um iPod conectado a caixas portáteis. A música repetia-se indefinidamente. Virou-se na direção do criado-mudo. O *Livro das Folhas Prateadas* dividia espaço com a garrafa de Pétrus 1947 e duas taças de vinho. Uma delas, vazia. A outra continuava

cheia. Girou a cabeça para o outro lado. Uma rosa vermelha repousava no travesseiro. Coração aos saltos. Tateou o chão em busca da arma. Nada. Levantou-se. Sangue escorria de seu pênis.

— O que você fez comigo, Mary? – berrou, correndo em direção ao banheiro. No caminho, viu pedaços de velas vermelhas formando um círculo no chão. Cernunnos não estava mais lá. Entrou embaixo do chuveiro e girou a torneira com força. Alívio ao perceber que não estava ferido. O líquido vermelho e viscoso que escorria pelo ralo era o rastro de Mary em seu corpo. Esfregou-o com força. Queria apagar aquela noite de sua vida. Desejava limpar seu coração do que sentia por ela. Os olhos ardiam. Respirou fundo. “Ela não merece isso”, pensou, segurando as lágrimas. Pigarreou. “Acredito em deuses. Se eles são anjos ou demônios, depende do lado em que você está”, lembrou-se das palavras que ela lhe dissera.

— Você estava... Está do lado errado. Conseguiu disfarçar muito bem – o desabafo quase não saía. Esmurrou a parede com a mão direita.

“Ela não foi estuprada por Sammy. Ela não fugiu do pai. Ela não foi ameaçada pela seita. Tudo foi premeditado. Ela usou a Fernanda como isca”, deduzia, com a fronte encostada no mármore frio e os olhos fechados.

— Ontem a noite foi o maldito desfecho. Por que eu, Mary? Por que eu? – perguntou-se. Caiu em prantos. As lágrimas eram arrastadas para o ralo.

“O ritual para a concepção do Anticristo”, pensou, batendo suavemente a cabeça contra a parede.

— *A Tempestade*. A filha de Próspero ignorava sua origem. O melhor cúmplice é aquele que não desconfia de nada – balbuciou, saindo do chuveiro e vestindo, às pressas, o roupão azul-marinho. Calçou as pantufas e voltou ao quarto. Desligou o som antes de avançar sobre o *Livro das Folhas Prateadas* e agarrá-lo com força. Correu até a sala e o deixou sobre sua poltrona favorita enquanto preparava a lareira. O isqueiro a gás estava no aparador à sua frente. Com um disparo, acertou o acendedor. Em menos de quatro minutos, as chamas abraçaram as pequenas toras de madeira. Os olhos ardiam. Assim que apanhou o livro maldito, lembrou-se das palavras de John Dee, ditas em sonho: “Quero que mereça esse prêmio. Isso é o mais perto que você pode chegar de Deus!”.

— Foi o mais perto que cheguei do Inferno – rebateu consigo mesmo, arremessando-o na fogueira. As chamas reavivaram. Calafrio. Sentiu algo se mover às suas costas. Virou-se. Não havia ninguém. Fitou o brasão familiar pendurado em uma das paredes, acima de fotos de seus antepassados. Era o mesmo do anel que seu pai lhe dera e Andrew roubara. Nesse momento, alguém parecia sussurrar em seus ouvidos: **“A verdade está sob o selo. O leão coroado reclama seu trono. Ele vem do tronco de Jessé”**.

Conferiu o relógio. Eram exatamente quinze horas. Uma lembrança lhe sobreveio

sem que soubesse o caminho que ela percorreria em sua mente: aquele era o mesmo horário em que Jesus Cristo morreria na cruz.

O padre levantou-se com um sorriso no rosto. Checou o horário. Embora tivesse a impressão de que aquele encontro fora rápido, ele durara algumas horas. “Um vislumbre da eternidade”, ponderou. Precisava ligar para o jornalista. Queria conversar com ele antes de voltar à Itália. Os pulsos latejavam.

— Tenho que cuidar disso – concluiu. Pensou em Mary. Lembrou-se de uma citação: “O demônio e o anjo em um só corpo”.

— Se ela conseguiu realizar o ritual, deve estar com o filho de Samyaza no ventre – concluiu, sentindo um calafrio atravessar a coluna de cima a baixo. “Preciso falar com David antes de fazer qualquer coisa”, resolveu, pegando o celular e acessando seu número. Caixa postal.

— Deixei uma mensagem bem mais cedo. Esse silêncio é... assustador. A Prostituta deve ter seduzido David – disse para si, andando de um lado para o outro. Parou no centro da sala e fechou os olhos. Lembrou-se da reunião da Confraria dos Quatro Anjos, quando o segundo enigma foi revelado. “Na segunda charada, o demônio revela seu escolhido, seu instrumento entre os homens. Assim que ele for descoberto, o responsável pela missão deve imediatamente acionar um número de telefone e passar uma senha. E isso não será mais problema seu”, instruíra o cardeal.

— O nome do escolhido é David Rowling – resmungou em voz baixa. Com as mãos trêmulas, pegou o celular. Vagarosamente, digitou os números do telefone que Gabriele lhe confiara.

O avião particular deixara o Gatwick havia algumas horas, em direção aos Estados Unidos. Após o embarque, Michael ficara aliviado. A última etapa de sua missão era cuidar para que Mary Freeman chegasse sã e salva a Nova York. Em pouco tempo, abraçaria sua mulher e carregaria o filho no colo. A saudade apertava seu peito. As pálpebras pesavam. Estava terrivelmente cansado. Mas não conseguia dormir. Abriu a carteira e pegou uma foto da família. A criança sorria entre o casal. Fechou os olhos. “Você está trabalhando para homens que já nasceram condenados. Perdeu a chance de ser resgatado, Michael. Foi julgado e condenado”, aquelas palavras invadiam seus ouvidos ao mesmo tempo em que a imagem da cabeça falante de São Carlos I surgia em sua mente.

— Quando vai me deixar em paz, filho da puta? – retrucou, abrindo os olhos.

Inclinou o corpo para a frente. Enxergou o cabelo de Mary duas poltronas adiante.

Turbulência.

— Estamos passando por uma zona de instabilidade. Por favor, senhores, apertem os cintos. E mantenham a calma – anunciou o piloto para os dois únicos passageiros do voo: Mary e Michael. A comissária de bordo passou no corredor para verificar se eles tinham obedecido à instrução. “Por que empregaram uma aeromoça tão... Isso é uma ofensa à profissão”, pensou, fitando o rosto da mulher de quase cinquenta anos, maltratado pelas marcas do tempo.

— Onde estamos? – indagou Michael.

— Sobrevoando as Bermudas – respondeu a aeromoça, com um estranho sorriso no rosto.

— Isso tem alguma coisa a ver com o famoso Triângulo das Bermudas?

— Algumas pessoas dão outro nome para a região – respondeu a mulher, fazendo uma pausa dramática antes de prosseguir. – Triângulo do Diabo.

As luzes se apagaram. Michael levantou a pequena janela. Dezenas de relâmpagos cortavam a escuridão.

— Que merda é essa?

— Algumas pessoas chamam de *A Tempestade* – retrucou a mulher, dando uma gargalhada. Ele girou novamente a cabeça para o lado de fora. Teve a impressão de enxergar sombras de homens alados atravessando o espaço. Agarrou a arma, como se ela pudesse salvá-lo daqueles...

— Demônios – balbuciou.

A menos de dois metros, Mary acordara com a turbulência. O rosto de David era a lembrança de seu sonho. Sorriu. “Embora você não entenda, estou levando uma parte de você comigo”, disse em pensamento, acariciando o ventre com as duas mãos. O avião chacoalhava. “Quer dizer que o avião foi inventado por um brasileiro?”, questionou-se, com um sorriso no rosto, recordando a defesa apaixonada de seu chefe. Mal-estar. Abriu a janela. Relâmpagos. Assustou-se quando um homem alado se aproximou, trazendo nas mãos uma espada flamejante. Em seus olhos, duas chamas vermelhas pareciam penetrar-lhe o coração e vasculhar sua alma. “Fostes pesada e estás em falta”, pareceu soprar em seus ouvidos. Pânico.

— Sammy, não vai proteger seu filho? – berrou.

Uma luz avermelhada envolveu o avião e o arremessou para baixo. Todos perderam a consciência antes de serem engolidos pelo oceano e precipitados para as profundezas do Triângulo do Diabo.

Alguém atendeu a ligação e ficou em silêncio.

— Abaddon... – disse Pietro.

— Quem se esqueceu de passar sangue na porta de casa? – perguntou-lhe a

mesma voz grave de outrora.

— Mary Freeman – respondeu o padre, desligando o telefone. – Entrego o destino da Babalon em Vossas mãos, Senhor.

David escolhera o lugar para o último encontro com Pietro Amorth: a Catedral de Saint Paul. O padre achou a escolha inoportuna. Ela tinha a assinatura de *sir* Christopher Wren, um provável membro da confraria negra. Mas preferiu não questionar. Vestindo um terno Armani, entrou no imponente edifício e quase se desequilibrou ao fazer a genuflexão diante do altar principal. Hesitante, fez o sinal da cruz e seguiu até o lugar indicado pelo jornalista. David estava sentado diante de uma imagem de Jesus Cristo com um candeeiro na mão esquerda. Acima, a frase “*The light of the world*”. Pietro aproximou-se e, sem dizer nada, sentou-se ao seu lado.

— Quando era pequeno, padre, minha mãe costumava me trazer aqui. Dizem que toda criança tem amigos imaginários. Eu gostava de conversar com ele – confidenciou o inglês, apontando para a pintura.

— Por isso escolheu esse lugar, David? – indagou o padre, entregando-lhe o anel que tirara da mão de Andrew.

— As evidências estavam o tempo todo debaixo de nossos olhos, padre. Eu tenho o sangue maldito, não?

Naquele momento, Pietro entendeu que a escolha do lugar estava além da compreensão do jornalista.

— Amigo, essa catedral foi construída por um homem que talvez não estivesse bem-intencionado...

— *Sir* Christopher Wren – interrompeu David.

— E não importa as marcas satânicas que ele possa ter deixado nas pedras, as pessoas se reúnem aqui para conversar com Deus. E, posso te garantir, Ele está aqui com elas.

— Por favor, padre, seja mais claro.

— Não importa que você seja um descendente da tribo de Dã, Ele está no seu coração.

— Eu... Eu falhei, padre. Não consegui fazer o que me pediu – confessou David, com o queixo ligeiramente voltado para baixo.

— Ela o seduziu, não foi?

O jornalista simplesmente acenou a cabeça.

— Como foi?

— Ela me drogou. Mas assisti a tudo... Samyaza estava lá. Ele ocupou o meu lugar – explicou o jornalista, com o olhar distante e a voz fraca. – O que vai

acontecer agora?

Pietro fez o sinal da cruz. E colocou a mão sobre o seu ombro.

— O futuro a Deus pertence, David – respondeu-lhe. “O anjo exterminador já deve ter visitado Mary”, pensou, engolindo seco.

— Qual foi o nosso maior erro, padre?

— Posso falar por mim, amigo. Ele – explicou, apontando para a frente – aconselhou os apóstolos a serem simples como as pombas e espertos como as serpentes. Não fui nem uma coisa, nem outra.

— No momento de maior desespero, padre, pedi socorro. Eu o reconheci – comentou David, com um sorriso forçado no rosto.

— Quem?

— O amigo invisível da minha infância – revelou, fazendo um gesto com a cabeça em direção à pintura.

— Essa é a maior lição que aprendi nos últimos dias. Pelo visto, não estou sozinho – comentou Pietro, sorrindo.

— Que lição? – questionou o jornalista, girando o tronco na direção do padre e encarando-o com curiosidade.

— Não importa quantas vezes tropeçamos, nem o mal que causemos aos outros ou a nós mesmos, Ele sempre está pronto a nos receber de volta. Ou melhor: Ele está ansioso para que nos viremos. Não foi você quem escolheu este lugar, David, foi Ele. Preciso ir, meu avião partirá em breve. Vou deixá-los a sós – respondeu Pietro, levantando-se. O inglês levantou-se em seguida. Os dois se abraçaram.

— Você fez a escolha certa, amigo – disse o padre, sem esconder as lágrimas que escorriam em seu rosto. – Vou sentir saudade.

— Eu também.

Pietro girou o corpo e caminhou em direção à saída. O jornalista aproximou-se da imagem. Abaixo dela, palavras saltaram aos seus olhos, como se tivessem sido rabiscadas por luz:

Behold, I stand at the door and knock; if any man

Hear my voice, and open the door, I will come

In to him, and will sup with him, and he with me.

*“Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir minha voz
e abrir a porta, eu entrarei na sua casa e tomaremos a refeição,
eu com ele e ele comigo.” (Apocalipse de São João, 3,20).*

Uma estranha sensação tomou conta de David. Ele se sentou em um degrau próximo à pintura. Não sentia o peso de seu sangue, nem raiva de Mary, ou medo dos monstros do passado. Ele abria uma porta. E aquilo era o mais próximo que havia chegado de Deus.

O sinal sonoro anunciou que o chefe estava pronto para falar com ele. Hesitou alguns segundos antes de apertar o botão. Queria ser demitido da corporação, mas não se sentia preparado. Resolveu encará-lo. O urso *Paddington* surgiu no monitor.

— Por que não me obedeceu, Mister Jones?

— Desde quando David é um alvo? – rebateu o agente, sem disfarçar a raiva.

— Desde quando ele nasceu. E, se você tivesse me obedecido, teria evitado uma catástrofe – explicou seu chefe.

— Ele não é uma ameaça.

— Agora não mais. Eles já conseguiram o que queriam.

— Eles? Quem? A seita satânica? – ironizou Kemp.

— Você foi enganado, Mister Jones. Não faço parte disso. Você fez.

— Como assim?

— Aquele livro prateado tinha um ritual de magia revelado a John Dee pelo demônio.

— Não acredito nisso – retrucou o agente, recostando-se na poltrona.

— Foda-se em que acredita! O demônio existe e queria um filho. Você deu a ele um pai.

— Quer dizer...

— ...Que David tem o sangue maldito nas veias. E foi seduzido pela filha de um dos Soberanos Invisíveis – revelou o chefe de pelúcia.

— Mas ele... – tentava argumentar Kemp.

— Ele foi manipulado. Vocês foram manipulados!

— Quero me desligar do SID – retrucou o agente, ouvindo uma gargalhada.

— Vou explicar o procedimento para isso. Pegue sua arma e dê um tiro na sua cabeça.

— Quer me dizer...

— Que não há saída.

— Então, qual é minha próxima missão? – resignou-se Kemp.

— Primeiro, você irá descobrir o esconderijo do *serial killer*. O filho do curador do British Museum, que foi sequestrado por ele, poderá te ajudar. Depois disso, você vai ser o informante do jornalista e auxiliá-lo em seu livro. Quando tudo acabar, investigará o desaparecimento de um avião na América Central. Até logo.

Mister Jones girou na poltrona e fitou o quadro de Salvador Dalí. O demônio abria gavetas em seu próprio corpo. Não tinha mais escolha. Passaria o resto de sua

vida vasculhando dentro delas.

No dia seguinte ao desembarque em Roma, Pietro recebeu a convocação do cardeal Gabriele Fioravante. Chegou apreensivo ao Vaticano e esperou quase uma hora para ser atendido. O coração disparou assim que a porta da sala se abriu. Um homem de traços árabes, bigodes, tez morena e cicatriz na testa, vestindo terno cinza-escuro, deixou a sala sem olhar para os lados. O cardeal surgiu na porta e fez um gesto com a mão para que ele entrasse. O padre pegou sua mão direita, beijou-lhe o anel e adiantou-se:

— Peço perdão pelos meus erros.

— Não o chamei aqui para uma confissão, Pietro – interrompeu-o, trancando a porta.

— Me desculpe, ficarei em silêncio.

— Antes de mais nada, gostaria de lembrá-lo de que você foi desligado de sua paróquia e está impedido de realizar atividades sacerdotais – recordou-lhe, sentando-se atrás de uma ampla mesa.

— Fiz uma extrema-unção – confidenciou-lhe, sentando-se diante do cardeal com um sorriso nos lábios.

— Isso é problema seu, Pietro. Amanhã, você parte para seu exílio espiritual na Grécia – prosseguiu Gabriele.

— Irei para qual mosteiro?

— O Mosteiro do Apocalipse.

— O lugar onde São João escreveu o livro... – murmurou o padre.

— Isso mesmo. Um lugar santo, sem prostitutas – cutucou o cardeal. – Rezarei para que Deus te ilumine e o traga de volta ao seu caminho.

“Ele me pegou no colo”, Pietro respondeu em pensamento.

— Quem é o traidor da confraria? – indagou Gabriele, inclinando o corpo na sua direção.

— Um deles estava usando isso – respondeu Pietro, tirando do bolso o medalhão que Michael levava no pescoço.

— A medalha de São Bento – comentou o cardeal, tomando-a nas mãos. – Esta aqui é bem antiga, suponho que faça parte do relicário do mosteiro... – observava-a, girando-a diante dos olhos. Interrompeu a frase e encarou seu interlocutor:

— Quem é o monge beneditino da confraria, Pietro?

— Benito.

— Então, você está me dizendo que ele é o traidor... – insinuou Gabriele.

— Não disse isso – corrigiu o padre, percebendo o ardil.

— Foi ele quem revelou seu nome, Pietro. Ele o enviou para o ninho de serpentes.

Você o está protegendo? – disparou o cardeal, franzindo o cenho e encarando-o como um digno representante do Tribunal do Santo Ofício.

— Não ouvi o nome dele em nenhum momento.

— Com isso aqui, você acha que precisa de um nome? – disse Gabriele, levantando a medalha. – Deveria ter desconfiado dessa artimanha do maligno. Ele arrastou para essa missão uma pessoa ingênua e de pouca fé. Era evidente, desde o princípio, que você fracassaria, Pietro. Por isso, divido essa culpa com você

— Os caminhos de Deus são misteriosos, cardeal.

— E os abismos do demônio são traiçoeiros – retrucou Gabriele. – Você está dispensado.

“O que é mais importante, Pietro: a vontade dele ou a minha?”. A lembrança daquelas palavras acompanharam o padre até a saída do Vaticano.

— A sua é mais importante, meu Deus – respondeu, sorrindo. – A sua.

Três meses depois...

No sexagésimo quinto andar do Rockefeller Center, um homem solitário ocupava a única mesa do Rainbow Room. Fumava um Romeu & Julieta Churchill e pincelava com a densa fumaça a paisagem nova-iorquina. Repousou o charuto no cinzeiro e tomou um gole de seu uísque preferido. Conferiu o relógio de pulso. Eram nove horas da noite. “Meia hora de atraso. Não se fazem mais ingleses como antigamente”, pensou Max Freeman, vestindo terno azul-escuro e gravata vermelha. Em menos de cinco minutos, outro homem entrou no salão, trajando sobretudo preto.

— Meus pêsames – adiantou-se Freeman, levantando-se e beijando-o no rosto.

— Aquele desgraçado se entregou no último momento – informou *sir* Henry Rowling.

— Ele é um mártir.

— Sentiria orgulho de Andrew se não tivesse morrido nos braços de um padre, implorando perdão – retrucou o inglês, sentando-se e pegando um charuto no umidificador sobre a mesa. – Uma morte patética.

— Ele tinha o sangue sujo – comentou Freeman, sentando-se e segurando o charuto aceso entre os dedos.

— Não poderia esperar mais de um bastardo, não é? – indagou *sir* Rowling, colocando o Romeu & Julieta próximo ao nariz e aspirando-lhe os aromas.

— Iahweh aceita qualquer porcaria – murmurou Freeman, tragando seu charuto. – Você também não poderia esperar nada de David. Ele é um renegado – alfinetou.

— Não se esqueça de que ainda sou o Duque Negro, e ele é meu único herdeiro.

— Seu herdeiro tentou destruir a sociedade – rebateu Freeman, entregando-lhe o isqueiro a gás com um símbolo gravado: a águia com uma serpente no bico.

— Ele quase conseguiu – comentou *sir* Rowling, caindo na gargalhada.

— Devo admirar sua inteligência. Pena que a esteja desperdiçando.

— Isso não importa mais. Conseguimos cumprir nossa missão – rebateu o Duque Negro, acendendo o charuto. – Admiro sua filha, Freeman. Ela conseguiu enganar David.

— Isso me custou muito – respondeu o americano, com o olhar distante.

— Susan foi um exemplo de mártir – piscou o pai de David.

— Ela foi uma vítima. Eu a entreguei para uma família adotiva quando era pequena. Eu a preparei para o sacrifício.

O inglês pegou o copo com uísque, ergueu-o na direção do outro banqueiro com um sorriso mordaz no rosto, e disse:

— Se não fosse Susan, David não teria se apaixonado por Mary. Um brinde às suas duas filhas.

— Que seja – concordou o banqueiro, elevando o copo e entornando a bebida.

— Vamos ao que interessa: onde eles estão? – questionou *sir* Rowling.

— Esperava que você fosse me responder isso – surpreendeu-se o americano.

— Desde que David rompeu comigo, o mestre me abandonou, sr. Freeman. Ele se comunicava apenas com você.

— Desde o dia em que Mary realizou o ritual, ele nunca mais me respondeu. Pensei que as rédeas da sociedade tivessem voltado para as suas mãos. Pensei que você guardasse em segredo o lugar onde eles estão...

— Talvez nossos inimigos tenham apertado o gatilho antes da hora – comentou o Duque Negro, sem demonstrar nervosismo.

— Padre maldito! – berrou Freeman, dando um murro na mesa.

— É possível que ele tenha estragado tudo e que os assassinos alados tenham dado conta de sua filha mais nova – ponderou *sir* Rowling, sugando o charuto.

— Você está insinuando que Mary e o herdeiro estão mortos? – indagou o americano, fuzilando-o com os olhos.

— Talvez os dois estejam apodrecendo no fundo do mar – respondeu *sir* Rowling friamente, após soltar a fumaça e exibiu um meio sorriso antes de prosseguir: – Mas, talvez, nosso mestre esteja rindo nesse momento. Se ele conseguiu salvá-los, não precisa mais de nós dois. Concorda?

— Faz sentido – respondeu Freeman, servindo mais uísque nos dois copos, levantando o seu e dizendo. – Um brinde ao recomeço.

No dia seguinte ao estranho ritual, David foi informado por Mister Jones de que o avião em que Mary voltava aos Estados Unidos sofrera uma pane elétrica e desaparecera nas águas do Oceano Atlântico, sem deixar vestígios. As lembranças terríveis da manhã em que acordara ao som de “Angel of the Morning” atenuaram o

impacto da notícia. “Era tudo uma farsa. Me apaixonei por alguém que não existia”, repetira para si todos os dias, como um mantra para aliviar seu sofrimento. No *The Star*, Paul Reiner cumprira o prometido e o promovera a editor-chefe. Porém, ele ainda não tivera tempo para se dedicar ao novo cargo. Nos últimos meses, entregara-se de corpo e alma ao seu livro. Era o acordo com o diretor do jornal. Era a melhor maneira de expurgar tudo o que a seita satânica fizera contra ele. Aceitara as explicações de seu pai sobre o passado maldito da família e aproveitara os documentos que ele lhe dera para comprovar suas teorias. Também recebera informações sigilosas de Mister Jones, sob a supervisão do urso *Paddington*. Sob pseudônimo, o agente circulava pelas páginas do livro, assim como o padre, Michael e... Mary. Exatamente nove meses após a fatídica noite, David estava sentado atrás de uma mesa, na Waterstone’s Piccadilly. Trajava um terno *nailhead*, em tom azul-escuro, que o alfaiate Charles, da Gieves & Hawkes, preparara especialmente para aquela ocasião. Ao lado direito, um cartaz com a reprodução da capa do livro: *O Apocalipse Negro: nos bastidores de uma seita satânica*, por sir David Rowling. Ao som de *A Arte da Fuga*, de seu compositor favorito, autografava livros com a Caran D’Ache 1010, enquanto mais de uma centena de convidados ilustres apreciava taças de Don Pérignon Rosé Vintage 1998. Sorriu ao ver a irmã Georgina se aproximar em um longo preto e justo. Levantou-se e abraçou-a.

— Obrigado pela surpresa.

— Não queria passar o Natal sozinha nos Estados Unidos – brincou sua irmã. Faltavam apenas três dias para as festas.

O jornalista sorriu e sentou-se. Pegou o livro das mãos de Georgina e abriu na página reservada às dedicatórias: *Espero que você nunca sinta o peso do sangue. Com amor, David*. Fechou-o e lhe entregou.

— Obrigada, meu querido. Agora, se me permite, vou deixá-lo trabalhar. E aproveitar o champanhe.

A próxima da fila era Carolyn. Ela se aproximou espalhando o aroma do Chanel N° 5. Trajava um vestido longo negro, o decote revelando seios esculpidos. Brincos, colar e pulseira exibiam diamantes. Sorriu com malícia. Dormira com ele na noite passada.

— Chegou a minha vez – gabou-se, entregando-lhe seu exemplar.

— O que você vai fazer depois do lançamento? – ele perguntou, abrindo o livro.

— O que acha de estendermos a noite anterior? – rebateu Carolyn, com um quase sorriso nos lábios.

— Um excelente desfecho para uma noite memorável – retrucou David, devolvendo-lhe o livro com a singela dedicatória: *Para uma mulher adorável*.

O garçom lhe trouxe uma taça de champanhe. Ele tomou um pouco antes de autografar o exemplar de um desconhecido. Abriu um largo sorriso ao ver sua mãe,

trajando um elegante longo azul-escuro, acompanhada por *sir* Henry Rowling. Seu pai usava um terno *nailhead*, em tom cinza-escuro.

— O primeiro livro foi para você. Não precisava ter enfrentado essa fila – disse David, levantando-se e beijando *lady* Charlotte.

— Estou aqui para cobrar o convite que me fez – retrucou sua mãe, enquanto ele abraçava o pai.

— Qual?

— Esqueceu-se do jantar em Paris?

— Por nada. Podemos partir depois do Natal.

— Já estou com as malas prontas – comentou *lady* Charlotte.

— Parabéns pelo livro, filho. Está ótimo. Sinto orgulho de você – elogiou *sir* Rowling, encarando-o.

Os dois se afastaram e Mister Jones se aproximou.

— Você veio? – indagou David, surpreso.

— Você não vai se livrar de mim tão facilmente – respondeu-lhe, com um sorriso nos olhos.

— Você leu a prova. O que achou? – sussurrou o jornalista, pegando o livro de suas mãos e abrindo na página de dedicatórias: *Ao homem que salvou minha vida dos lobos. Minha mais sincera gratidão.*

— Acho que eles não desistiram, David. Devem estar armando um contra-ataque. Precisamos ficar atentos – confidenciou-lhe, pegando o livro e se afastando.

David tomou mais um pouco de champanhe rosé e movimentou os dedos da mão direita, cansados após tantas dedicatórias. Lembrou-se do padre Pietro Amorth, “*o homem que me mostrou o caminho*”, na dedicatória impressa do livro. Depois do encontro na Saint Paul, recebera um e-mail assinado por ele:

Querido amigo, hoje partirei para o Mosteiro do Apocalipse, construído no lugar onde São João escreveu o Apocalipse. Os caminhos do Senhor são misteriosos. Não levarei celular, nem computador. Mas o carregarei em meu coração. Para sempre. E nunca se esqueça, não tema os que podem matar o corpo, e sim, a alma. De seu amigo, Pietro.

Tocava *A Arte da Fuga – Contrapunctus XIV*, a obra inacabada de Bach. Alguém se aproximou da mesa de autógrafos, exalando um agradável aroma de madeira adocicada. Era um homem alto e magro, com barba bem aparada, aparentando pouco mais de cinquenta anos. Vestia sobretudo cinza-escuro sobre o terno preto e se apoiava em uma bengala de ébano com esfera de marfim na ponta. Embora nunca o tivesse encontrado antes, pareceu-lhe alguém íntimo.

— Qual é o seu nome? – indagou o jornalista, encarando-o. Um calafrio

atravessou sua espinha ao fitar seus olhos e revolveu seu coração como uma tempestade. Sem dizer nenhuma palavra, o homem sorriu. Era o mesmo sorriso sonhado tantas vezes no último ano. Era o mesmo sorriso roubado de seu rosto há exatos nove meses, na primeira e última noite com Mary. No mesmo instante em que sentiu um baque na têmpora direita, e ficou levemente atordoadado, as palavras de Pietro fizeram sentido. E David percebeu que estava diante de alguém que poderia desferir um golpe mortal contra o que ele tinha de mais precioso: a alma.

MAGIA ENOQUIANA

Os manuscritos originais de John Dee e Edward Kelley, arquivados na British Library, foram consultados em suas versões digitalizadas. As palavras iniciais da Quarta Chave (*Othil lasdi babage od dorpha Gohol*), em linguagem enoquiana, foram transcritas do *Claves Angelicae* (MS. Sloane 3191). Neste livro, a íntegra da mensagem está em tradução livre para o português.

EXORCISMO

O *Ritual de Exorcismo* foi extraído do *Rituale Romanum*, aprovado em 10 de junho de 1925, sob o pontificado de Paulo VI (1897-1978). A *Oração a São Miguel Arcanjo*, também conhecida como *Pequeno Exorcismo*, foi composta pelo papa Leão XIII (1810-1903), após uma visão da Terra sendo invadida por milhares de espíritos infernais. Publicada em setembro de 1891, deveria ser recitada, obrigatoriamente, ao fim de todas as missas. A versão em latim utilizada aqui é rezada até hoje na abadia do *Mont Saint-Michel*.

PROFECIAS

A profecia do papa João XXIII sobre o livro maldito, traduzida neste livro, foi revelada pelo jornalista e escritor italiano Pier Carpi (1940-2000) em *Le profezie di Papa Giovanni* (Edizioni Mediterranee, 1976). Trechos do pequeno tratado *De Antichristo*, que o monge Adso Dervensis (morto em 992) escreveu para a rainha Gerbera, estão citados em tradução livre para o português, a partir do original consultado em *Documenta Catholica Omnia*.

MÚSICAS

Trechos das músicas abaixo foram aqui transcritos na versão original ou traduzidos:

“Angel of the Morning” foi escrita e composta por Chip Taylor e gravada por Nina Simone, em 1971, no álbum *Here Comes the Sun*. “Angel of Harlem” é uma canção do U2. Foi lançada em 1o de outubro de 1988, no álbum *Rattle and Hum*. “Vertigo” abre o álbum *How to Dismantle an Atomic Bomb*, também da banda irlandesa, lançado em 2004. “Helter Skelter” é assinada por John Lennon e Paul McCartney e foi lançada no álbum *The Beatles*, também conhecido como *The White Album*. A versão presente neste livro foi regravada pelo U2 em 1987. Na introdução,

o vocalista Bono Vox diz: “*This is a song Charles Manson stole from The Beatles. We’re stealing it back*”.

“Gîtâ” foi composta pela dupla Raul Seixas e Paulo Coelho e lançada em 1974, no álbum homônimo.

A autoria de “Celebration Day” é de Jimmy Page, Robert Plant e John Paul Jones, da banda inglesa Led Zeppelin. É a terceira faixa do álbum *Led Zeppelin III*, lançado em 1970.

A canção popular inglesa criada para comemorar a “Guy Fawkes Night” possui várias versões. Foi reproduzido aqui um trecho da que se encontra nos arquivos da Tower of London.

FIGURINO

Para criar o vestuário de *sir* David Rowling e de outros personagens da aristocracia inglesa, o livro consultado foi *Gentleman – Livro da Moda Clássica Masculina*, de Bernhard Roetzel (h.f. ullmann, 2010).

Table of Contents

[Capa](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Agradecimentos](#)

[Alguns fatos](#)

[Prólogo](#)

[Sumário](#)

[Livro I - O Anjo da Noite](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

[Capítulo 58](#)

[Capítulo 59](#)

[Capítulo 60](#)

[Capítulo 61](#)

[Capítulo 62](#)

[Capítulo 63](#)

[Capítulo 64](#)

[Capítulo 65](#)

[Capítulo 66](#)

[Capítulo 67](#)
[Capítulo 68](#)
[Capítulo 69](#)
[Capítulo 70](#)
[Capítulo 71](#)
[Capítulo 72](#)
[Capítulo 73](#)
[Capítulo 74](#)
[Capítulo 75](#)
[Capítulo 76](#)
[Capítulo 77](#)
[Capítulo 78](#)
[Capítulo 79](#)
[Capítulo 80](#)
[Capítulo 81](#)
[Capítulo 82](#)
[Capítulo 83](#)
[Capítulo 84](#)
[Capítulo 85](#)
[Capítulo 86](#)
[Capítulo 87](#)
[Capítulo 88](#)
[Capítulo 89](#)
[Capítulo 90](#)
[Capítulo 91](#)
[Capítulo 92](#)
[Capítulo 93](#)
[Capítulo 94](#)
[Capítulo 95](#)
[Capítulo 96](#)
[Capítulo 97](#)
[Capítulo 98](#)
[Capítulo 99](#)
[Capítulo 100](#)
[Capítulo 101](#)
[Capítulo 102](#)
[Capítulo 103](#)
[Capítulo 104](#)
[Capítulo 105](#)

[Capítulo 106](#)

[Capítulo 107](#)

[Capítulo 108](#)

[Capítulo 109](#)

[Capítulo 110](#)

[Livro II - O Anjo da Manhã](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

[Capítulo 58](#)

[Capítulo 59](#)

[Capítulo 60](#)

[Capítulo 61](#)

[Capítulo 62](#)

[Capítulo 63](#)

[Capítulo 64](#)

[Capítulo 65](#)

[Capítulo 66](#)

[Capítulo 67](#)

[Capítulo 68](#)

[Capítulo 69](#)

[Capítulo 70](#)

[Capítulo 71](#)

[Capítulo 72](#)

[Capítulo 73](#)
[Capítulo 74](#)
[Capítulo 75](#)
[Capítulo 76](#)
[Capítulo 77](#)
[Capítulo 78](#)
[Capítulo 79](#)
[Capítulo 80](#)
[Capítulo 81](#)
[Capítulo 82](#)
[Capítulo 83](#)
[Capítulo 84](#)
[Capítulo 85](#)
[Capítulo 86](#)
[Capítulo 87](#)
[Capítulo 88](#)
[Capítulo 89](#)
[Capítulo 90](#)
[Capítulo 91](#)
[Capítulo 92](#)
[Capítulo 93](#)
[Capítulo 94](#)
[Capítulo 95](#)
[Capítulo 96](#)
[Capítulo 97](#)
[Capítulo 98](#)
[Capítulo 99](#)
[Capítulo 100](#)
[Capítulo 101](#)
[Capítulo 102](#)
[Capítulo 103](#)
[Capítulo 104](#)
[Capítulo 105](#)
[Capítulo 106](#)
[Capítulo 107](#)
[Capítulo 108](#)
[Capítulo 109](#)
[Capítulo 110](#)
[Capítulo 111](#)

[Capítulo 112](#)

[Capítulo 113](#)

[Capítulo 114](#)

[Capítulo 115](#)

[Capítulo 116](#)

[Capítulo 117](#)

[Capítulo 118](#)

[Capítulo 119](#)

[Capítulo 120](#)

[Epílogo](#)

[Algumas referências](#)